UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Elis Regina Fernandes Alves

A memória da escravidão em *The Longest Memory* (1994) e *Feeding The Ghosts* (1997), de Fred D'Aguiar

São José do Rio Preto
2018

Elis Regina Fernandes Alves

A memória da escravidão em *The Longest Memory* (1994) e *Feeding The Ghosts* (1997), de Fred D'Aguiar

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPEAM- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas

Orientador: Profº Dr. Álvaro Luiz Hattnher

São José do Rio Preto
2018

Alves, Elis Regina Fernandes.
A memória da escravidão em *The Longest Memory* (1994) e *Feeding The Ghosts* (1997), de Fred D'Aguiar / Elis Regina Fernandes Alves. -- São José do Rio Preto, 2017
430 f.

Orientador: Álvaro Luiz Hattnher
Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Literatura - História e crítica. 2. D`Aguiar, Fred. 3. Escravidão na literatura. 4. Escravidão – História. 5. Memória. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 8.09

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Elis Regina Fernandes Alves

A memória da escravidão em *The Longest Memory* (1994) e *Feeding The Ghosts* (1997), de Fred D'Aguiar

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPEAM- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Álvaro Luiz Hattnher
UNESP-São José do Rio Preto
Orientador

Profª. Drª. Vera Helena Gomes Wielewicki
UEM

Prof. Dr. Márcio Scheel
UNESP – São José do Rio Preto

Profª. Drª. Cleide Antonia Rapucci
UNESP- Assis

Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro
UFU

São José do Rio Preto
02 de Fevereiro de 2018

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que ainda acreditam na educação como meio para a igualdade social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a UFAM-Universidade Federal do Amazonas pelo apoio em conceder meu afastamento integral para a realização desta pesquisa, em especial aos colegas e alunos do curso de Letras do IEAA- Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente de Humaitá-Amazonas;

A FAPEAM- Fundação de Amparo à pesquisa no Estado do Amazonas pela concessão da bolsa estudos que me permitiu concluir com êxito esta pequisa;

Ao meu professor orientador Álvaro Hattnher por ter aceitado minha orientação "no meio do caminho" e com muitas pedras, pela paciência, apoio, empréstimo de livros, concessão de assinaturas e orientação efetiva;

Aos meus pais, Rafaela e Miguel, meus irmãos Flautenir e Frammarion, meus tios Rosa e Adão, pelo apoio mais que possível a vida toda;

Ao professor e amigo Márcio Scheel, pela generosidade, discussões, incentivos, cafés, piadas infames e ajuda gratuita;

Ao Edison Bariani, pelas dicas valiosas de livros e pelo humor negro;

Aos amigos preciosos, irmãos escolhidos, Maria e André, pelo amor de todo dia, pela atenção, pelo zelo, pela paciência, pelo acolhimento de mim, tal como sou, imperfeita e complicada;

Aos amigos, sempre presentes quando sempre preciso: Tátia, Marilda, Lut, Vanessa, Zé, Gisele, Eulina, Cláudia, César, Karen, Néia, Sandra, Tânia, Yony, Ângela, Zilda, Viviane, Laura, Ana Paula, Ana Cláudia, e tantos outros que me deram apoio nesta jornada;

Ao Rodrigo, pela paciência, companheirismo, amizade a amor sempre presentes.

Não quero lembrar. Lembrar dói. Como chorar. Só que calado e fundo. A lembrança sobe à pele, então e não aguento que me toquem. Dói o corpo todo, doem os ossos, os dentes se afrouxam nas gengivas, o nariz sangra. Não me façam lembrar. Eu esqueço o mais que posso.

(*The Longest Memory*, Fred D'Aguiar)

RESUMO

Analisam-se os romances *The Longest Memory* (1994) e *Feeding the Ghosts* (1997), do anglo-guianense Fred D'Aguiar, sob a perspectiva da memória da escravidão. Os dois romances tematizam a memória da escravidão em momentos distintos, construindo uma espécie de panorama da escravidão negra transatlântica, desde a captura de escravos em África e a passagem intermédia, até a escravidão nas *plantations* norte-americanas nos séculos XVIII e XIX. A história da escravidão negra evidencia o peso da escravidão para a economia política da Europa e do Novo Mundo. Mas, sua memória tem sido relatada com base na visão do senhor de escravos, e não do escravo. Quando ficcionalizada, a memória da escravidão parece querer revisitar os legados deixados por esta barbárie. Diversos são os tipos de memórias que relembram, discutem, denunciam a escravidão e, neste sentido, este trabalho analisou, com base, principalmente, no conceito de memória coletiva de Halbwachs (2006), as memórias coletivas da escravidão, além de verificar como a memória histórica da escravidão é construída e quais memórias são descartadas para a composição desta memória histórica, que se torna oficializada. Evidenciou-se como o mesmo fato poder ser rememorado de formas diferentes, de acordo com as ideologias de quem as lembra, de modo a deixar claro como a História da escravidão é contada de forma enviesada, unilateral, pois que considera as memórias da elite detentora do poder e não dos sujeitos escravos. As memórias coletivas dos sujeitos escravos não são levadas em consideração ao se oficializar a história e, assim, a memória da escravidão parece estar sendo minimizada pela história e é a ficção quem parece não querer deixar-nos esquecer de seu legado, o que se evidencia nos dois romances analisados que buscam dar voz ao escravo, mesmo que essa voz acabe se perdendo na confecção da memória histórica dos eventos relativos à sua escravização.

Palavras-chave: Memória. Escravidão. Fred D'Aguiar. *Feeding the Ghosts*. *The Longest Memory*.

ABSTRACT

*The novels **The Longest Memory** (1994) and **Feeding the Ghosts** (1997), by the Anglo-Guianian Fred D'Aguiar, are analyzed from the perspective of the memory of slavery. The two novels thematize the memory of slavery at different times, building a kind of panorama of transatlantic black slavery, from the capture of slaves in Africa and the middle passage, to slavery on the American plantations in the eighteenth and nineteenth centuries. The history of black slavery shows the weight of slavery for the political economy of Europe and the New World. But its memory has been told from the point of view of the master of slaves, and not of the slave. When fictionalized, the memory of slavery seems to want to revisit the legacies left by this barbarism. There are several types of memories that recall, discuss, denounce slavery and, in this sense, this work analyzed, mainly, the concept of collective memory of Halbwachs (2006), the collective memories of slavery, as well as to verify how the historical memory of slavery is built and what memories are discarded for the composition of this historical memory, which ones become official. It has been shown how the same fact can be recalled in different ways, according to the ideologies of the one who remembers them, so as to make it clear how the History of slavery is counted in a biased, unilateral way, since it considers the memories of the holding elite of power and not of the slave subjects. The collective memories of the slave subjects are not taken into account when the history is made official, and thus the memory of slavery seems to be being minimized by history, and it is fiction who does not seem to want to let us forget its legacy, which is evidenced in these two analyzed novels that seek to give voice to the slave, even if that voice ends up being lost in the making of the historical memory of the events related to his/her enslavement.*

Keywords: Memory. Slavery. Fred D'Aguiar. Feeding the Ghosts. The Longest Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

CAPÍTULO I 16

1. A OBRA DE FRED D'AGUIAR E A TEMÁTICA DA ESCRAVIDÃO 16

1.1 FRED D'AGUIAR: VIDA E OBRA 16

1.2 A OBRA FICCIONAL DE FRED D'AGUIAR MARCADA POR SUA DUPLA NACIONALIDADE 20

1.3 *THE LONGEST MEMORY* E *FEEDING THE GHOSTS* 39

1.4 O TEMA DA ESCRAVIDÃO POR FRED D'AGUIAR 43

CAPÍTULO II 50

2. A MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO NARRATIVA 50

2.1 A MEMÓRIA DESDE TEMPOS REMOTOS 50

2.2 MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS 59

2.3 MEMÓRIAS COLETIVAS E MEMÓRIAS HISTÓRICAS 69

2.4 MEMÓRIA, HISTÓRIA E ESQUECIMENTO 80

2.5 MEMÓRIA E TRAUMA 93

2.6 MEMÓRIA E NARRATIVA 104

CAPÍTULO III 113

3. A MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO *EM FEEDING THE GHOSTS* 113

3.1 A NARRATIVA DE *FEEDING THE GHOSTS* 113

3.2 A MEMÓRIA DE MINTAH SOBRE A ÁFRICA 118

3.3 MINTAH E A PASSAGEM INTERMÉDIA: ESCRAVIDÃO E MEMÓRIAS 146

4.4 AS MEMÓRIAS DOS OUTROS 209

4.4.1 O TRIBUNAL 209

3.4.2 O CAPITÃO 231

4.4.3 KELSAL 240

4.4.4 OS TRIPULANTES 250
4.4.5 SIMON 254
3.5 MINTAH NA JAMAICA: MEMÓRIAS DE FANTASMAS 262
CAPÍTULO IV 276
4. A MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO EM *THE LONGEST MEMORY* 276
4.1 A NARRATIVA DE *THE LONGEST MEMORY* 276
4.2 A MEMÓRIA DE WHITECHAPEL 280
4.3 A MEMÓRIA DO SR. WHITECHAPEL E DOS FAZENDEIROS 304
4.4 A MEMÓRIA DE SANDERS PAI 323
4.5 A MEMÓRIA DA COZINHEIRA 347
4.6 A MEMÓRIA DE CHAPEL 351
4.7 A MEMÓRIA DE LYDIA 359
4.8 A MEMÓRIA DO THE VIRGINIAN 368
4.9 A MEMÓRIA DA BISNETA 392
4.10 A MEMÓRIA DE SANDERS FILHO 399
4.11 O ESQUECIMENTO DE WHITECHAPEL 405
CONCLUSÕES 410
BIBLIOGRAFIA 417
ANEXO 430

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado visa analisar os romances *The Longest Memory* (1994) e *Feeding the Ghosts* (1997), de Fred D'Aguiar, com foco na memória da escravidão. Ambos os romances tematizam a escravidão em momentos diferentes, sendo que o segundo trata da escravidão dentro do navio negreiro, na passagem intermédia, em fins do século XVIII, e o primeiro trata da escravidão numa *plantation* sulista nos Estados Unidos, em fins do século XVIII e início do XIX. Dessa forma, é possível traçar um panorama histórico da escravidão desde a captura de africanos em África, a passagem pelo Atlântico e a vida de escravos numa fazenda, com foco nas diversas memórias sobre a escravidão, a saber, dos escravos e dos senhores de escravos. A literatura produzida acerca da escravidão, por muito tempo, restringiu-se a focar o ponto de vista dos brancos escravagistas, que minimizavam a barbárie da escravidão utilizando a suposta inferioridade negra e a necessidade de preservar sua dominação. Isto leva à percepção de que a história e a memória da escravidão eram retratadas de forma enviesada, já que vista de forma unilateral. Além disso, a história da escravidão não era contada de forma a revelar a importância do sistema escravista na propulsão econômica europeia, não na Europa em si, mas principalmente no Novo Mundo, com seus espaços ainda não explorados, que poderiam transformar em muito lucrativa a escravidão negra. (FRANKLIN e MOSS, 1989).

Nesse sentido é que este trabalho se apresenta como a análise de dois romances ainda pouco discutidos, principalmente no Brasil, de um escritor cujo nome não figura muito conhecido do público leitor brasileiro, nem mesmo nos cursos de Letras. Fred D'Aguiar é um escritor ativo, professor universitário na Virginia Tech, onde leciona escrita criativa. Nascido em Londres, tem origens guianenses, passando parte de sua vida na Guiana, parte na Inglaterra e, mais recentemente, nos Estados Unidos, denotando, em sua escrita, como estas vivências de ser um negro de origem guianense na Inglaterra conturbada dos anos 70 influenciaram sua escrita e o impeliram a falar sobre temas como racismo, escravidão, raça. Escreve romances, poesia e peças de teatro, além de artigos críticos, principalmente sobre a escravidão, e usa a memória da escravidão para levantar a questão sobre o que devemos fazer com o legado histórico da escravidão (WARD, 2011). Seu terceiro romance, *Feeding the Ghosts*, propõe uma

ideia contrastante entre a memória individual da protagonista Mintah e a memória histórica relatada oficialmente acerca do mesmo fato, a viagem do navio negreiro *Zong*, vindo da África para a Inglaterra em 1781 e a morte de 131 escravos, jogados ao mar por estarem, supostamente, doentes. Já o primeiro, *The Longest Memory*, cria memórias imaginadas da escravidão em uma *plantation* na Virgínia, tornando-se um romance polifônico, pois propõe muitas vozes narrativas para lembrar um fato ocorrido na fazenda: a fuga, denúncia, captura, punição e morte do escravo Chapel, delatado pelo próprio pai, Whitechapel.

Em ambos os romances, busca-se analisar as memórias individuais, coletivas e históricas da escravidão. Em *The longest memory* as memórias individuais dos personagens Whitechapel (escravo), Chapel (seu filho morto), Sr. Whitechapel (dono da fazenda), Os fazendeiros (vizinhos do Sr. Whitechapel), Sanders Pai (feitor), Sanders Filho (seu filho, feitor), a cozinheira (mãe de Chapel), Lydia (filha do senhor), a bisneta de Whitechapel, e *The Virginian* (jornal local) podem ser analisadas para a percepção de como o mesmo fato é rememorado por pessoas distintas, com pontos de vista diversos sobre a escravidão, para verificar como a memória coletiva deste fato é construída. Em *Feeding the Ghosts* pode-se analisar a memória coletiva de Mintah, a protagonista, que estava a bordo do navio *Zong* e foi jogada ao mar, mas conseguiu içar-se de novo ao navio, e contrapor sua memória à memória coletiva dos tripulantes do navio e também à memória histórica, que foi oficializada e aceita no tribunal de julgamento sobre as mortes a bordo do *Zong*, já que esse é um romance histórico.

Analisando e contrapondo as lembranças destes dois romances, busca-se mostrar como a escravidão deixou efeitos e como tais efeitos não podem ser ignorados ou esquecidos, sendo essa uma das premissas do próprio Fred D'Aguiar em artigos acerca da memória da escravidão e a impossibilidade de este tema ser esvaziado (1997; 2000a, 2000b). O passado da escravidão, esta diáspora forçada, um legado das empreitadas coloniais, se impõe a nós, na medida em que tantas marcas foram deixadas, como a estereotipação do sujeito negro, o racismo, a inferioridade imposta em tantas esferas sociais, as diásporas atuais. Neste sentido, esta pesquisa se justifica, pois o passado da escravidão retorna a nós todos os dias, mesmo quando a memória histórica tenta suprimi-lo. A ficção busca revisitar este passado, rememorando-o ou imaginando-o, numa tentativa de evidenciar os legados da escravidão entre nós. (WARD, 2011).

A ideia para este trabalho partiu de um desejo de continuidade em relação à temática discutida em minha dissertação de mestrado, a saber, a outremização e o revide na literatura pós-colonial, no sentido de analisar, de alguma maneira, uma literatura que representasse sujeitos marginalizados, no caso, escravizados. O viés da memória se apresentou diante dos próprios romances de D'Aguiar que trazem, de forma contundente, aspectos memorialísticos para fazer pensar como certas memórias são descartadas na oficialização da história, principalmente no romance *Feeding the Ghosts*, e como as memórias coletivas de certos grupos são fortemente influenciadas por seu viés ideológico, algo presente em ambos os romances. Observando estes dois aspectos dos romances de D'Aguiar, também presentes em sua composição poética e dramatúrgica, afigurou-se como melhor estratégia a utilização das ideias sociológicas da memória propostas por Maurice Halbwachs em seu *A memória coletiva* (2006).

Embora a temática da memória tenha sido amplamente discutida em aspectos variáveis, o teor sociológico do olhar de Halbwachs parece, nesta análise, se adaptar melhor ao que se busca evidenciar nos romances, a questão de como as memórias individuais (que são sempre coletivas em alguma medida, para Halbwachs) dos personagens dos dois romances podem alterar e/ou afetar as memórias coletivas dos outros personagens envolvidos nos mesmos fatos. Diante disso há que se ir mais adiante e questionar como as memórias coletivas e/ou individuais afetam e/ou alteram a memória histórica e vice-versa. A memória histórica da escravidão terá tido como base quais memórias? As memórias coletivas de quais grupos? Podemos entender que tanto a memória da escravidão quanto a sua reminiscência, sua lembrança, serão distintas quando contadas por pessoas diferentes, em posições ideológicas distintas, no caso, escravos e senhores de escravos, pois tais sujeitos sentiram o processo de escravidão de forma muito particular.

Em relação à memória histórica, há que se verificar que a história é descrita sob determinado ponto de vista, que não consegue englobar todas as memórias individuais e coletivas dos participantes de determinado fato histórico. Le Goff, ao estudar Pierre Nora, diz que ele "[...] nota que a memória coletiva, definida como "o que fica do passado vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado", pode à primeira vista opor-se quase termo a termo à memória histórica [...]" (1994, p. 472). Ao tratar da relação entre memória e história, Rossi (2010) afirma que a história deveria tender a um

distanciamento crítico do passado, enquanto a memória implica uma participação emotiva em relação ao passado.

Mas não se pode negar que os fatos históricos são descritos de acordo com certas ideologias de quem os vê. Em se tratando da história da escravidão, é forçoso notar que os escravizados não tinham acesso à escrita e à imprensa. Tais domínios eram exclusivos dos donos de escravos, proprietários que apoiavam a escravidão e, portanto, inserindo esta opinião na descrição histórica da escravidão, não podiam emitir o ponto de vista dos que tinham sua liberdade cerceada, seu corpo castigado com o trabalho duro nas lavouras, suas famílias vendidas. Uma indagação que surge dentro deste contexto é acerca destas memórias históricas, que parecem não retratar o ponto de vista do escravizado e, neste sentido, perguntamo-nos se o legado da escravidão (racismo, preconceito, estereótipos, diásporas, etc.) é hoje um fator esquecido a não ser pela denúncia de autores de ficção. Tal investigação parece pertinente dentro das obras aqui propostas para serem analisadas.

Desta feita, as obras ficcionais que ora mostram memórias da escravidão não são escritas com base em lembranças reais, mas imaginadas e Bergson afirma que "Imaginar não é lembrar-se" (2011, p. 158). Tais obras criam lembranças imaginadas para retratar a escravidão. Hoje, ao criar uma obra que nos mostra ficcionalmente uma parte dos fatos ocorridos no processo de escravização, tenta-se dar voz às pessoas que normalmente eram excluídas do arquivo histórico da escravidão, ou seja, os próprios escravos, e abrem-se novas perspectivas para rememorar este passado. (WARD, 2011). Alguns romances tentam soar históricos, baseando-se em fatos registrados pela história, outros criam memórias fabricadas, imaginadas.

Além disso, outros aportes teóricos serão utilizados para complementar a ideia base sobre a memória, de sua coletividade, e da construção histórica das memórias coletivas, ajudando-nos a entender como os estudos acerca da memória evoluíram e passaram a abranger diversos aspectos, sendo o literário um deles. Para isso, contaremos com autores como Paolo Rossi (2010) e como traçou, historicamente, os estudos da memória desde Platão, seguindo até os dias de hoje, num panorama importante; Paul Ricoeur, (2007), em seu *A memória, a história, o esquecimento*, importante, também, para discutir a evolução histórica dos estudos sobre a memória, e, mais profundamente, suas definições de memória, esquecimento, reminiscência, memórias individuais e coletivas e a memória construída historicamente; para reforçar as relações da memória

histórica que serve de base para a oficialização da história, o apoio dado será por Jacques Le Goff, (1994) em seu *História e memória*; Walter Benjamin, nos artigos "A imagem de Proust" (1989) e "O narrador" (2012), será o alicerce sobre o qual este trabalho se baseará para falar da memória na construção narrativa, entender a visão do narrador, o "contador de história" e sua voz narrativa para recontar o passado, bem como as ideias de esquecimento e reminiscência na tessitura narrativa; e outros autores como Dominick Lacapra (2009) e Seligmann-Silva (2003, 2005ª, 2005b e 2008) serão utilizados para a compreensão do trauma e como se dão os relatos pós-traumáticos, a necessidade de ouvir o sobrevivente, que seria um "arquivo vivo", e a literatura de testemunho, importante para fazer ouvir as testemunhas de eventos traumáticos, como a escravidão, por exemplo. Para apoiar a memória da escravidão, autores como Reinhardt (2006) em seu *Claims to Memory Beyond Slavery and Emancipation in the French Caribbean,* e os editores Haehnel e Ulz (2010) com seu *Slavery in Art and Literature* servirão para se discutir como a memória da escravidão tem sido pensada, questionada e resgatada.

A história da escravidão será discutida junto com a análise dos dois romances, já que as obras são ilustradoras de diversas situações e momentos da escravidão negra, então a análise contará com a descrição histórica da escravidão, iluminando os trechos citados, reforçando o modo como D'Aguiar usa do elemento histórico para compor seus romances. Autores como Klein (1987), com seu *A escravidão africana e* Ronald Segal (1995) com *The Black Diaspora* ajudarão a entender como se dava a escravidão em África e o início da escravidão Atlântica; Sobre a captura de escravos na África para o tráfico atlântico e a passagem intermédia, autores como Smalwood (2007) em seu *Saltwater Slavery,* Diecrich, Gates e Pedersen (1999), editores do *Black Imagination and the Middle Passage,* bem como a *Encyclopedia of the Middle Passage* dos editores Falola e Warnock (2007) serão utilizados para explicitar o tratamento destinado aos africanos escravizados, desde o interior africano até os espaços reduzidos do navio negreiro, a alimentação a eles destinada, seu encarceramento, os castigos, seus medos, sua comercialização nas ilhas caribenhas; Sobre a escravidão no novo mundo, autores como Kulikoff (1986) em seu *Tobacco and Slaves* e Franklin e Moss (1989), com seu *Da escravidão à liberdade* serão importantes para descrever o crescimento das colônias norte americanas e o crescente uso da mão de obra escrava nas *plantations*, bem como os códigos escravistas e o status do escravo africano antes e após a independência dos

Estados Unidos; sobre a economia política da escravidão, a eficiência do trabalho escravo, o triângulo comercial marítimo e o enriquecimento da Inglaterra pela exploração da mão de obra escrava, os autores que nos apoiarão serão Eric Williams, com *Capitalismo e escravidão* (2012) e Eugene D. Genovese, com *A economia política da escravidão* (1976) e *O mundo dos senhores de escravos* (1979); Sobre as fugas, os castigos, a insatisfação dos escravos, a revolta e a sabotagem, o apoio maior se dará em Franklin e Schweniger (1999) com *Runaway Slaves*: Rebels on the Plantation.

O trabalho se dividirá da seguinte forma: Introdução; Capítulo 1: "A obra de Fred D'Aguiar e a temática da escravidão", no qual discorro sobre a biografia, a fortuna crítica de Fred D'Aguiar, e suas temáticas em suas obras de ficção e não ficção. O capítulo 2 se intitula "A memória na construção narrativa" e nele discutirei sobre a história dos estudos sobre memória; as memórias individuais, coletivas e históricas; a memória, a história e o esquecimento; a memória e o trauma e a memória e a narrativa; O capítulo 3 será a análise do romance *Feeding the Ghosts*, e o 4 a análise de *The Longest Memory*, sendo que em ambos haverá, junto com a análise crítica das passagens dos romances, a inserção da história da escravidão negra; e por fim as considerações finais do trabalho mostram os resultados encontrados. A ordem de análise destes dois romances foi assim determinada por que o romance *Feeding the Ghosts*, embora publicado após *The Longest Memory*, trata da escravidão na passagem intermédia, momento, historicamente, anterior à vida de escravidão nas *plantations*, tema de *The Longest Memory*, portanto o entendimento ficará melhor. Ressalta-se, ainda que o romance *Feeding the Ghosts* não foi traduzido para o português, portanto a tradução dos trechos citados será de responsabilidade minha, assim como as traduções de textos teóricos não acessíveis em português.

A MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO EM *THE LONGEST MEMORY* (1994) E *FEEDING THE GHOSTS* (1997), DE FRED D'AGUIAR

CAPÍTULO I

1. A OBRA DE FRED D'AGUIAR E A TEMÁTICA DA ESCRAVIDÃO

1.1 FRED D'AGUIAR: VIDA E OBRA

Home is Always elsewhere.

(*Home*, Fred D'Aguiar)

Como muitos caribenhos, Fred D'Aguiar é emergente de duas culturas, a guianense e a inglesa, o que influencia sua visão acerca das experiências dos imigrantes negros na Inglaterra e o legado da escravidão que esses carregam. Essas duas culturas que lhe permearam e permeiam a vida (aliada à norte-americana, mais recentemente), remetem ao conceito de "dupla consciência", explicado por Du Bois em seu *As almas do povo negro*, de 1903, como a sensação que o negro americano sentia (ou sente) em ter sua identidade dividida, nunca unificada, sendo negro e americano ao mesmo tempo: "É sentir sempre a duplicidade- ser americano, ser negro. Duas almas, dois pensamentos, dois embates irreconciliáveis, duas ideias conflitantes, num corpo negro, impedido, apenas, por um obstinado esforço, de bipartir-se." (DU BOIS, 1998, p. 39). No caso de D'Aguiar, a "dupla consciência" viceja em sua escrita.

Nasceu em 1960, na Inglaterra, filho de pais guianenses, que foram ao país para trabalhar e ter melhores condições de vida. Com dois anos de idade volta para a Guiana para morar com os avós paternos em Airy Hall, uma vila próxima a Georgetown, pois os pais, trabalhando muito, não tinham tempo para cuidar dos dois filhos. A família de seu pai, com quem viveu por seis anos, com ascendências africanas, asiáticas e europeias, exerceu forte influência na apreciação artística de D'Aguiar por música, poesia e literatura em geral, pois o avô, mais tarde chamado por ele de "Papa T" em poemas, recitava poesia inglesa para os netos. O sobrenome D'Aguiar vem desse avô, português que se mudou para a Guiana e casou-se com uma guianense de ascendência

africana, chamada por Fred D'Aguiar de "Mama Dot", em seu primeiro livro de poemas. (D'AGUIAR, FRED, 1960-, online, 2006). A influência do avô em seu apreço por poesia e pelo calipso guianense é lembrada por D'Aguiar na entrevista que dá a Frank Birbalsingh em 1993, ao afirmar que o avô gostava da poesia vitoriana, de Tennyson, e que em casa ouviam o rádio e memorizavam as canções, o que acabou por se configurar como inflências grandes em seu apreço por poesia formal, mas, ao mesmo tempo, pelo ritmo rústico do calipso.[1]

Desde cedo, D'Aguiar passa a viver por migrações, comuns entre os caribenhos desde a segunda guerra mundial, quando muitos alistaram-se no exército britânico e que continuou mesmo após a independência destes países, pois muitos viam na "pátria-mãe" a oportunidade de melhores empregos. A primeira mudança ocorrera ao ir morar com os avós paternos no interior da Guiana, a segunda, aos oito anos, quando vai viver com os avós maternos em Georgetown, onde as questões políticas eram mais evidentes e começam a fazer parte das discussões familiares. Aos doze, retorna para a Inglaterra para completar os estudos e passa a viver com sua mãe, que havia se divorciado de seu pai. (FRED D'AGUIAR, 1960-, online, 2014). Ainda na escola secundária, D'Aguiar tem os primeiros contatos mais sérios com poesia, conforme declara em entrevista ao *The Poetry Kit* (online, 1999), quando cita o quanto foi inspirado por um professor de inglês na escola secundária, que levava os alunos a lerem poesia.[2]

Escreve poemas durante o curso secundário, mas publica poucos, esparsos, em revistas não especializadas. Ao concluir os estudos secundários, D'Aguiar trabalhou como enfermeiro psiquiátrico por três anos e só depois começou a graduação em Estudos Caribenhos e Africanos na Universidade de Kent, graduando-se em 1985, mesmo ano em que publica seu primeiro livro de poemas, *Mama Dot*. (WARD, 2011). Dos tempos de Guiana, D'Aguiar é saudoso, pois os tem como momentos de paz, antes da chegada à turbulenta Inglaterra dos anos 1970, com conflitos e tensões raciais:

> Ele chama o período em que foi enviado para a Guiana durante dez anos de anos de "sorte", e o tempo que passou lá provou ser inspirador para sua poesia inicial, proporcionando ao jovem escritor um sentimento de pertença em face do racismo e do preconceito que ele

[1] Para mais detalhes, vide a entrevista completa de D'Aguiar em BIRBALSINGH, Frank. An Interview with Fred D'Aguiar. *Ariel*, 24(1), p. 133-*145*, 1993.

[2] A entrevista completa ao Poetry Kit se encontra disponível no endereço <http://www.poetrykit.org/iv/daguiar.htm ISSN 1468-3075 > Acesso: 20 dez 2014

> encontrou em seu retorno para Inglaterra. (D'AGUIAR, FRED, 1960, online, 2014). [3]

Durante o período em que atuou como enfermeiro psiquiátrico, D'Aguiar lia muitos autores caribenhos, o que o levou ao curso de Estudos Caribenhos e Africanos na Universidade de Kent, quando começa a ter contato com escritores e estudiosos da literatura e passa a conhecer um mundo novo, do qual ainda não ouvira falar, como os escritores africanos. Até então, suas leituras eram focadas em escritores caribenhos. Em Kent, convive com escritores como Valerie Bloom, jamaicana que escreve poesias e romances em inglês e no patoá jamaicano; Sandra Agard, escritora e contadora de história de origem guianense; os filhos de Chinua Achebe, renomado escritor nigeriano. D'Aguiar ainda não conhecia a literatura africana e foi no curso que conheceu a obra de Chinua Achebe, Ama Ato Aidoo e Ayi Kwei Arman (ambas ganenses) e outros escritores africanos, o que lhe despertou a curiosidade acerca da literatura vinculada à cultura e à história, como o fazem esses escritores. (BIRBALSINGH, 1993).

Ao concluir a graduação em Kent, D'Aguiar tentou um doutorado na Universidade de Warwick, onde escreveria sobre Wilson Harris, um dos mais famosos escritores guianenses, que versa sobre a temática da colonização e a luta dos colonizados em poesias, ensaios e romances de estilo e linguagem experimentais. Mas conseguiu uma residência em escrita criativa na Universidade politécnica de Birmigham e desistiu do doutorado, começando a escrever mais ativamente. De lá, passa a outra residência em escrita criativa, dessa vez na Universidade de Cambridge, época sobre a qual afirma "Naquela época, os estudos de Wilson Harris tinham recuado de minha mente, e eu estava escrevendo o tempo todo". (BIRBALSINGH, 1993, p.135).[4] A carreira de escritor seguiu passo a passo com a carreira de professor, profissão por ele exercida até hoje. Segundo Routledge (online, 2005):

> Ao mesmo tempo em que D'Aguiar tem sido muito bem sucedido como escritor, ele também é um educador, tendo mantido a prestigiada posição de professor na vaga Judith E. Wilson Fellowship na Universidade de Cambridge (1989-90) e, no período de 1990-92, a

[3] He calls his being sent to Guyana for these ten years 'lucky', and the time he spent there proved inspirational for his early poetry, providing the young writer with a sense of belonging in the face of the racism and prejudice he encountered on his return to England.
[4] By that time, Wilson Harris studies had receded from my mind, and I was writing all the time.

> posição de professor na Northern Arts Literary Fellow na Universidade de Newcastle upon Tyne.[5]

Essas posições acadêmicas, espécies de cargos concedidos a escritores para praticarem a escrita dentro do corpo acadêmico da universidade, além de atuarem como professores, evidenciam que a escrita de Fred D'Aguiar havia atraído os olhares da crítica e ele consegue escrever ativamente nesse período. Porém, D'Aguiar decide ir para os Estados Unidos, onde sua carreira como escritor conseguiria maior suporte financeiro em Universidades, pois na Inglaterra, são poucas as vagas concedidas dessa forma para escritores, como D'Aguiar descreve em sua entrevista para Joanne Hippolyte, em 1994.[6]

Diante disso, Fred D'Aguiar fez carreira nos Estados Unidos, começando como escritor visitante na Amherst College, em Massachusetts, em 1994. Depois, passou ao Bates College, como professor assistente, no Maine, de lá para professor de inglês e escrita criativa na Universidade de Miami. (D'AGUIAR, FRED, (1960), online, 2006). Desde 2003, atua como professor de inglês, sendo codiretor do Mestrado em Artes e escrita criativa do Instituto Politécnico e Universidade Estadual da Virgínia de 2003 a 2006, e tendo assumido o cargo de "Gloria D. Smith Professor of Africana Studies", de 2006 a 2012. Em 2015, recebeu o cargo de "Clifford A. Cutchins III", espécie de prêmio que reconhece a "[...] excelência em ensino e conhecimento". (FRED D'AGUIAR NAMED CLIFFORD… , online, 2015). [7] Ele é doutor honorário pela Universidade de Kent e pela Universidade de Londres, no Reino Unido.

Após *Mama Dot,* publicou poesia, peças de teatro, romances, contos, além de obras de não ficção, como ensaios e artigos em meios diversos: mídia digital, revistas literárias, revistas especializadas, livros-coletâneas, etc. Continuamente, publica poemas em mídia digital, por vezes declamando-os, em áudios disponíveis no site do Instituto Politécnico e Universidade Estadual da Virgínia.

---

[5] While D'Aguiar has been very successful as a writer, he is also an educator, having held the prestigious Judith E. Wilson Fellowship at Cambridge University (1989-90) and, from 1990-92, the position of Northern Arts Literary Fellow at the University of Newcastle upon Tyne.

[6] Na entrevista: HYPPOLITE, Joanne. *Interview with Fred D'Aguiar*. Anthurium: A Caribbean Studies Journal, Vol. 2, Iss. 1 [2004], Art. 6

[7] [...] excellence in teaching and scholarship.

1.2 A OBRA FICCIONAL DE FRED D'AGUIAR MARCADA POR SUA DUPLA NACIONALIDADE

You are a traveller to them.
A West Indian working in England;
A Friday, Tonto, or Punkawallah;
Sponging off the state.

(*Letter from Mama Dot*, Fred D'Aguiar)

Fred D'Aguiar mostra-se como um artista versátil, que não se fixa apenas numa forma literária, embora as obras de transição entre um gênero e outro não tenham sido calculadas para isso, como ele mesmo afirma em entrevista ao site *Poetry kit* (online, 1999):

> **Além de ser um poeta, você também escreve romances e peças de teatro. Em que ponto do processo você decide que uma narrativa em que você está trabalhando vai ser de um ou outro gênero?**
>
> Ao escrever poesia, ficção ou teatro (menos teatro nos últimos sete anos), normalmente sigo a orientação do assunto sobre o qual estou escrevendo. Os enunciados do falante principal ou algum fragmento duradouro do evento ou da situação me dizem muito rapidamente como ele deve ser moldado. Tento me prender a passagens curtas de poemas em prosa e continuo com a história ou então o organizo em um poema ou algo do tipo.[8]

Em entrevista a Joanne Hyppolite, em 2004, ao tratar do assunto sobre a transição da escrita de poemas para a escrita de romances (gênero no qual se fixou mais do que no drama, por exemplo), com a publicação de *The Longest Memory*, em 1994, D'Aguiar comenta que já há muito escrevia poemas narrativos e que a escrita de seu primeiro romance começou com a forma poética, até se transformar na forma narrativa, como foi publicado:

> Ele acabou se revelando realmente um poema longo, com um coro de vozes. Em vez da coisa usual, na qual você tem uma única voz

[8] **As well as being a poet you also write novels and plays. At what point in the process do you decide that a narrative you're working on is going to be one or other of these?**
In writing poetry, fiction or drama (less drama the last seven years) usually I follow the lead of the subject I am writing about. The utterances of the main speaker or some enduring fragment from the event or situation tells me pretty quickly how it should be shaped. I try to stick to short prose-poem type passages and then I continue with the story of it or else organise it into a poem or some sort.

> percorrendo o trajeto e o poema chegando a uma conclusão e acabou, pelo menos para o escritor, eu apenas fingi que era um coro e as pessoas iriam interromper o narrador e eles iriam continuar assim por um longo tempo. Então *The Longest Memory* tornou-se uma série de capítulos ou longos poemas, basicamente de pessoas falando com diferentes graus de intensidade, mas com menos preposições. Na verdade, eu até cheguei a um estado venal no qual estava tentando obter um sentido que fosse uma coisa predominante no livro. Eu disse, ok, há 12 capítulos diferentes. No capítulo da cozinheira, por exemplo, vou me certificar de que ela prestava atenção ao cheiro, em vez da habitual prosa guiada pela visão. Então eu tentei conseguir um par de coisas lá que seria olfativo. Mas eu não disse a ninguém - eu não disse hey, este é um poema realmente longo com múltiplos atos de fala. Eu não fiz isso. Eu só o apresentei como um romance. (p.3). [9]

Além de sua versatilidade como escritor, D'Aguiar apresenta temas de ordem social e as influências de sua história pessoal de vida são bastante perceptíveis em suas obras, como a ligação bastante sentimental que tem com a Guiana, país onde morou apenas durante a infância, mas que exerceu forte influência em sua visão acerca do mundo, das relações familiares e sociais e de seu lugar no mundo como guianense e inglês. Assim, a visão da Guiana, muitas vezes, é idílica, pois dela vêm as memórias da infância, dos momentos passados em meio à família paterna, onde as tensões políticas do país recém independente pareciam quase não chegar. A ida para a Inglaterra é que vai lhe trazer a consciência de ser negro, vindo de um país colonizado por ingleses. Acerca disso, D'Aguiar afirma, em entrevista ao *The Poetry Kit* (online, 1999), que morar na Inglaterra nos anos 1970, em meio a grandes movimentos antirracistas, criou seu senso de política e sua consciência de que sua pele negra atraía ódio e preconceito.

Assim, da mesma forma que a Guiana exerce grande influência na escrita de D'Aguiar, a vida em Londres também, pois ela o posicionou como negro, algo bem pouco pensado quando era criança e morava em Hairy Hall, uma localidade quase rural. Esse contexto de vida é obviamente grande fonte de inspiração para D'Aguiar, que afirma, em entrevista a Nick Kocz em 2014:

---

[9] It turned out to be really a long poem, with a chorus of voices. Instead of the usual thing where you have a single voice doing the hundred yard dash, the poem coming to a close and it's over, at least for the writer, I just pretended it was a chorus and people would interrupt the speaker and they would go on for a long time. So *The Longest Memory* then became a series of chapters or long poems basically of people talking with varying degrees of intensity, but with fewer prepositions. In fact, I even got to the corrupt state where I was trying to get a sense to be a predominant thing in the book. I said, okay, there are 12 different chapters. In the cook's chapter, for example, I'll make sure that she paid attention to smell, rather than the usual sight-driven prose. So I tried to get a couple of things in there that would be olfactory. But I didn't tell anybody--I didn't say hey, this is really a long poem with multiple speech acts. I didn't do that. I just presented it as a novel. (p.3)

> **Rumpus**: Embora você tenha nascido em Londres, você cresceu na Guiana em um ambiente pós-colonial. Isso afeta sua visão da história, sua visão de mundo?
> **D'Aguiar**: Sim. Eu estava no lado errado da colonização. Minha linhagem estava atolada na experiência colonial como sujeitos colonizados, primeiro como escravos e depois como sujeitos independentes com uma experiência pós-colonial. Dito isto, meu avô é português. Ele traiu o que era esperado dele e se casou com minha avó de ascendência africana do lado de meu pai.
> Então eu tento ser imparcial e justo sobre a minha visão da história. Eu não romantizo um lado e demonizo o outro, embora eu ache que se você está sofrendo muito, especialmente no sentido de Bob Marley, o sofrimento se torna um tipo de universidade na qual você vai aprender algumas lições difíceis. Considerando que, se você está apenas atolado em privilégio, não há nada a aprender; a aprendizagem parece ter acabado. (online) .[10]

As raízes guianenses e a vida em Londres são, notadamente, os temas mais evidentes nas duas primeiras obras de D'Aguiar, os livros de poemas *Mama Dot* (1985) e *Hairy Hall* (1989), em que, além de tematizar a avó, mama Dot, e a vida em Hairy Hall na infância, fala também acerca de suas experiências na capital inglesa, como afirma: "Poemas baseados na minha experiência. Poemas sobre viver em Deptford, Lewisham e Greenwich no sul de Londres. Poemas sobre minha experiência masculina negra nesses lugares. Poemas sobre a polícia. Poemas sobre política governamental. Poemas sobre a morte da minha avó. Poemas sobre minhas memórias da Guiana.[11]" (POETRY KIT..., online, 1999). D'Aguiar sabe como essa dupla nacionalidade (e a dupla consciência, de ser negro e Inglês, de ser europeu com ascendência caribenha) é preponderante para a temática de seus poemas, suas peças de teatro e seus romances.

Essas influências de sua infância na Guiana e sua ida a uma Inglaterra sacudida por movimentos raciais aparece em seu livro de estreia, *Mama Dot*, em que em alguns poemas parece haver uma mescla das duas avós nessa figura central, tanto que o livro é dedicado a elas, Hannah D'Aguiar (paterna) e Edna Messiah (materna). Os poemas

---

[10] **Rumpus:** Though you were born in London, you grew up in Guyana in a post-colonial environment. Does that affect your view of history, your worldview?
D'Aguiar: Yeah. I was on the wrong side of colonization. My ancestry is mostly mired in having the colonial experience as colonized subjects, first as slaves and then as independent subjects with a post-colonial experience. Having said that, my grandfather is Portuguese. He betrayed what was expected of him and married my grandmother of African descent on my father's side.
So I try to be even-handed and fair-minded about my view of history. I don't romanticize one side and demonize the other, though I do think that if you're suffering a lot, especially in the Bob Marley sense, suffering becomes a kind of university out of which you'll learn some hard lessons. Whereas, if you're just mired in privilege, there's nothing to learn; learning appears to be over.

[11] Poems based on my experience. Poems about living in Deptford, Lewisham and Greenwich in South London. Poems about my black male experience in those places. Poems about the police. Poems about government policy. Poems about the death of my grandmother. Poems about my memories of Guyana.

apresentam linguagem bastante variada, ora um inglês padronizado, ora as peculiaridades da linguagem local guianense se evidenciam, de modo que o livro traz um glossário para o entendimento de algumas expressões tipicamente guianenses.

A figura da "Mama Dot" é simbólica, na medida em que representa a Guiana em si, mas é também um elo entre os guianenses e o passado diaspórico dos africanos às terras caribenhas, ao mesmo tempo em que se torna um "porto seguro" para os guianenses diaspóricos na Inglaterra, como vemos:

> A coleção não só presta homenagem à sua avó, mas também identifica a Guiana como uma importante inspiração criativa para o jovem poeta, um lugar através do qual explorar o tema da família, da identidade e da alienação que muitos imigrantes vivenciam na Inglaterra, o tema da parte do meio do volume. (D'AGUIAR, FRED (1960-), online, 2006). [12]

Alguns poemas retratam sua infância na Guiana (o que será recorrente em outros livros de poemas), outros tratam da vida na Inglaterra, da consciência de sua negritude, e também sua experiência como enfermeiro num hospital psiquiátrico. Em quase todos os poemas, a figura de Mama Dot aparece, direta ou indiretamente. Sobre essa figura central, Leusemann afirma: "Na figura de Mama Dot, muitas experiências são sintetizadas, e D'Aguiar emprega sua imagem para ir do passado para o presente e para o futuro, um futuro que, em muitos casos, significa migração para longe da Guiana como uma necessidade para a família sobreviver." (online, 2014). [13]

Mama Dot foi muito bem recebido pela crítica literária, que classificou D'Aguiar como um poeta bastante promissor. O livro lhe rendeu o *Malcolm X Poetry Prize*, a *Poetry Book Society Recommendation* e, junto com *Airy Hall*, o *Guyana Poetry Prize*. O livro é dividido em três partes: Parte 1: *Mama Dot*; Parte 2: *Roots Broadcast*; Parte três: *Guyanese Days;* e Birbalsingh, ao entrevistar D'Aguiar em 1993, assim as analisou:

> A primeira é biográfica, nutrindo-se, por exemplo, de aspectos da vida e do caráter de Mama Dot; a segunda é mais geral, comentando sobre

[12] The collection not only pays homage to his grandmother but also identifies Guyana as an important creative inspiration for the young poet, a place through which to explore family, identity and the alienation many immigrants experience in England, the subject of the volume's middle section.

[13] In the person of Mama Dot, many experiences are synthesized, and D'Aguiar employs her image to move from past to present to future, a future that in many cases means migration away from Guyana as a necessity for a family to survive."

> a sociedade e as pessoas; enquanto a terceira reflete sobre toda a experiência da sociedade e tudo o que está envolvido lá. (p.136).[14]

Todos os poemas da primeira parte contém a expressão "Mama Dot" em seu título e referem-se aos ensinamentos dessa(s) avó(s), seja de maneira direta, ao dar conselhos para a vida, como em "Obeah Mama Dot (her remedies)", em que o poeta fala dos cuidados da avó para com os netos, chamando-a de "nossa conselheira da cadeira de balanço"[15], ou de maneira metafórica, simbolizando a saída dos caribenhos de seus países e sua experiência na Inglaterra, como em "Letter from Mama Dot", em que a avó conclama o neto a dar notícias de sua vida na Inglaterra e o descreve como: "Você é um viajante para eles. Um habitantes das Índias Ocidentais trabalhando na Inglaterra; Um Sexta-feira, um Tonto, ou Punkavallah; explorando o estado. Nossas Línguas permanecem pidgin, como nosso escuro e subdesenvolvido terceiro mundo." (D'AGUIAR, 1985, e-book).[16]

A segunda parte do livro é menos centrada na figura da avó, e refere-se mais diretamente à experiência dos caribenhos na Inglaterra, em sua mudança em busca de melhores condições de vida no país colonizador, já que a Guiana, em "Letter from Mama Dot", parece não ter melhorado, como ele afirma: "desde a independência, esse país não parou de andar para trás".[17] Para retratar os caribenhos diaspóricos, D'Aguiar faz uso do inglês guianense e suas peculiaridades. D'Aguiar cita o poema "Dreadtalk" como "um longo poema crioulo sobre a Grã-Bretanha." (BIRBALSINGH, 1993, p. 136)[18], que trata da condição precária de caribenhos que foram parar em instituições psiquiátricas em Londres (realidade vista por Fred D'Aguiar quando trabalhou como enfermeiro psiquiátrico). Nessa parte, os poemas são de ordem mais política que pessoal. Já a terceira parte é composta de um único e longo poema: "Guyanese Days", que é bastante evocativo, contrastando a vida livre em Airy Hall com as obrigações escolares de menino. Em suas palavras: "Eu tentei em "Guyanese Days" considerar a noção de alguém que está ciente da página impressa enquanto está mergulhado em uma

---

[14] The first is biographical, dwelling, for example, on aspects of Mama Dot's life and character; the second is more general, commenting on the society and people; while the third reflects on the whole experience of the society and all that is involved there. (p. 136)
[15] our rocking-chair counsellor
[16] You are a traveller to them. A West Indian working in England; A Friday, a Tonto, or Punkavallah; Sponging off the state. Our Languages remain pidgin, like our dark, third, undeveloped, world.
[17] since independence this country hasn't stopped stepping back.
[18] a long, creole-type poem about Britain.

cultura oral, no contraste entre os dois." (BIRBALSINGH, 1993, p. 136)[19]. Para Leusemann (online, 2014), *Mama Dot* parece funcionar como "um guia, registrando instâncias e ocorrências que muitas das gerações de crianças imigrantes do Caribe crescendo na Grã-Bretanha em meados da década de 1980, quando *Mama Dot* foi publicado, não foram capazes de experimentar."[20]

Em 1987, D'Aguiar estreia no teatro com a peça *High Life*, produzida em Londres pelo *Albany Empire*, da qual pouca informação se encontra.

Após aventurar-se pelo teatro, é a vez de *Airy Hall* (1989) ser publicado, também um livro de poesia. Enquanto *Mama Dot* parecia centrar-se na figura humana de sua avó, *Airy Hall* traz como centro o local onde passou boa parte de sua infância. *Airy Hall* é o nome da pequena cidade onde morou na infância, na Guiana, ao lado de Georgetown. Os poemas retratam muito de sua infância, sua relação com os familiares e com a Guiana em si. Alguns poemas parecem ter um tom nostálgico, na medida em que em *Airy Hall* a vida era melhor, havendo um sentimento de pertença, o que parece não ocorrer quando contrastado com a vida em Londres.

Assim como *Mama Dot, Airy Hall* divide-se em 3 partes: a parte 1 é intitulada *Airy Hall*, e as partes 2 e 3 não têm título. As temáticas também remetem à mesma ideia de *Mama Dot*, pois a parte 1 cita a vida em *Airy Hall,* com todos os títulos dos poemas usando o nome da vila onde cresceu, com poemas versando sobre memórias da infância, algumas idílicas, a parte 2 refere-se à política e à corrupção na Guiana, de forma metafórica, e a terceira parte também é fechada com um longo poema. Novamente, os poemas mesclam o inglês padrão da Inglaterra com a língua crioula da Guiana. A segunda parte deste livro de poemas é a mais interessante, e o poema "El Dorado Update" é bastante irônico ao posicionar seu país em uma situação política de corrupção e falta de esperança da população: "Qual povo, qual nação, qual destino??" (D'AGUIAR, 1989, e-book).[21] Sobre as temáticas políticas presentes em *Mama Dot* e *Airy Hall* e sua sensação de que a independência não trouxera aos guianenses o que eles esperavam, D'Aguiar afirma: "Eu gosto de poesia que vai tanto soar bem quanto provar ser memorável; e eu tento secretar uma ou duas frases políticas evidentes no curso de

[19] I tried in "Guyanese Days" to look at the notion of someone who is aware of the printed page while being steeped in an oral culture, at the contrast between the two.
[20] a guide, recording instances and occurrences that many of the generation of Caribbean immigrant children growing up in Great Britain in the mid-1980s when *Mama Dot* was published were not able to experience.
[21] What people, what nation, what destiny?

meus poemas, que mostram claramente que não estou em cima do muro." (BIRBALSINGH, 1993, p. 137).[22] A recepção de seu segundo volume de poemas pela crítica foi boa e, juntamente com *Mama Dot*, *Airy Hall* ganhou o *Guyana Poetry Prize*.

D'Aguiar volta ao teatro, dessa vez com mais sucesso, com *A Jamaican Airman Foresees his Death*, apresentada no Royal Court Theatre Upstairs, em Londres em 1991 e publicada em 1995 pela Methuen. A peça trata do protagonista Alvin, jamaicano, que, com três amigos, se alista na força aérea britânica durante a Segunda Guerra Mundial, servindo numa base na Escócia. Alvin e seus amigos não conseguem ser pilotos, mas recebem tarefas inferiores. Alvin é o atirador dentro do caça. Apaixona-se por uma escocesa e, apesar da reprovação dos pais dela, pelo fato de Alvin ser negro, iniciam um relacionamento. Mas em sua missão final, Alvin atira por engano em um avião amigo, e é condenado à prisão, onde dá indícios de loucura. (D'AGUIAR, 1995a).

O título da peça remete ao poema de W. B. Yeats: *An Irish Airman Foresees His Death*, que trata do alistamento de um jovem irlandês nas forças aéreas britânicas. No poema, há um monólogo do jovem aviador, cuja morte parece iminente. A discussão provocada é acerca dos soldados irlandeses lutando a favor do Reino Unido enquanto a própria Irlanda lutava por sua independência do Reino Unido. A analogia de D'Aguiar é clara, ao tratar de um jovem jamaicano lutando em favor do país colonizador durante a Segunda Guerra Mundial, o Reino Unido, enquanto seu país natal travava esforços para adquirir sua própria independência, só ocorrida em 1962.

Em relação ao estilo, a peça usa discursos diversos: prosa, poesia, coro, monólogos, solilóquios, canções e o uso da língua inglesa padrão mescla-se com o inglês crioulo da Jamaica, recurso já usado em seus poemas. Sobre isso, D'Aguiar afirma suas intenções ao unir essa variedade de dialetos na mesma peça:

> Parte da língua usada se aproxima ao crioulo de Jamaica nas grafias. Isto se dá porque as pronúncias são salvaguardadas pela fonética e porque o inglês falado estava sempre em um continuum, com o inglês padrão em um lado e o crioulo e o escocês no outro, e as várias características oscilando de um ao outro. Não há nenhum sentido no qual os dialetos se confrontem: todos são combinados para articular a complexidade dos personagens envolvidos, além de ser um testemunho do relacionamento ornamentado decorrente do colonialismo. A maior parte do discurso possui o sotaque de acordo com a localização geográfica, sem qualquer necessidade de alterar a ortografia da língua padrão. Se a linha é uma linha crioula, isso ficará

[22] I like poetry which will both sound good and prove to be memorable; and I do try to secrete one or two overt political phrases in the course of my poems, which show clearly that I am not sitting on the fence.

> claro na gramática. Se a ortografia é crioulizada, isso se dá porque algum provérbio ou ditado está sendo empregado pelo personagem para deixar algo claro. Eu queria que o discurso fosse tão plural quanto as pessoas e emoções envolvidas. (D'AGUIAR, 1995b, p. 280).[23]

É um recurso estilístico para enfatizar o efeito da colonização no uso da língua inglesa pelos jamaicanos, como sua dupla identidade. Sobre o uso da linguagem crioula pelos escritores pós-coloniais, Britton afirma que:

> O crioulo é uma criação do colonialismo; surgiu do contato entre línguas europeias e africanas, mas como estas últimas se perderam com as primeiras gerações de escravos, o crioulo foi forçado a posicionar-se apenas em relação à linguagem dominante européia, à qual se opõe sendo continuamente influenciado por ela. (1999, p. 2).[24]

O uso do crioulo jamaicano na peça *A Jamaican Airman Foresees his Death* e do crioulo guianês em muitos de seus poemas é uma maneira de D'Aguiar mostrar a voz dos caribenhos não anulada dentro da sociedade colonizadora. Da mesma forma funciona a temática do preconceito racial, que se apresenta de forma bastante evidente na peça, na medida em que os jamaicanos nem sequer conseguiam o cargo de pilotos ao lutar junto ao Reino Unido, mas o de cozinheiros, faxineiros, barbeiros, ou, no máximo, de atiradores, como Alvin, o protagonista da peça. Outro trecho que evidencia isso é o fato de, na Escócia, Alvin passar por uma situação de extremo constrangimento e racismo, quando é abordado por escoceses que procuram nele um rabo, como se vê no trecho:

> **Voz 1** Não o machuque, apenas tire suas calças.
> **Voz 2** Vire-o.
> **Voz 3** Ilumine aqui.
> **Kathleen** (gritos vindos de fora do palco) Oi! Deixe-o em paz!
> **Voz 2** É um casal, vamos!

---

[23] Some of the language used approximates to the Creole of Jamaica in the spellings used. This is because the pronunciations are safeguarded in the phonetics and because the English spoken was always on a continuum, with the Standard at one end and the Creole and Scots at the other, and the various characters swinging from one to the next. There is no sense in which the dialects are at war: all are marshaled to articulate the complexity of the characters involved, as well as being a testimony to the ornate relationship borne out of the colonialism. For the most part the speech is accented according to the geographical location without any need to alter the spelling from the Standard. If the line is a Creole line it will be clear in the grammar. If the spelling is Creolised that's because some adage or saying is being employed by the character to make a point. I wanted the speech to be as plural as the people and emotions involved.

[24] Creole is a creation of colonialism; it arose out of the contact between European and African languages, but since the latter were lost with the first generations of slaves, Creole was forced to position itself solely in relation to the dominant European language, which it opposes while being continuously influenced by it.

> **Voz 1** Você viu!
> (D'AGUIAR, 1995a, p.254).[25]

A comparação de Alvin, jamaicano, negro, com um macaco, traz uma crítica bastante forte ao racismo sofrido pelos caribenhos que buscavam na nação colonizadora sua "pátria mãe" e não encontravam. Sobre isso, afirma Ward que as obras de D'Aguiar "[…] sugerem um quadro sombrio das sociedades britânicas e americanas, como inalteravelmente baseadas em preconceitos raciais." (2011, p. 133).[26]

Após a recepção positiva de sua peça, D'Aguiar volta à poesia. Enquanto o foco maior de *Mama Dot* e *Airy Hall* era a Guiana, seu terceiro livro de poemas, *British Subjects*, (1993), trata da diáspora dos povos caribenhos para a Inglaterra, em específico, para Londres. A temática da diáspora é notável no poema "Home", quando diz: "O lar é sempre em outro lugar" (D'AGUIAR, p.14).[27] De certa forma, é autobiográfico, pois D'Aguiar viveu em Londres. Os poemas tratam da "experiência imigrante, retratando o conflito e a alienação sentidos pelos filhos de imigrantes." (FRED D'AGUIAR, 1960-, online, 2006).[28] Segundo Manolachi "Embora nem todos os poemas do terceiro volume de poesia de D'Aguiar sejam sobre assuntos raciais, muitos deles nesta edição em particular testemunham sua preocupação com o ambiente multicultural conflitante na Inglaterra urbana na década de 1990, em comparação com a atmosfera em seu país de origem." (2014, p. 56).[29]

Por vezes há o tema do preconceito racial, a busca por uma nova identidade, a negação da própria raça, outras vezes há a nostalgia do país de origem. Em entrevista a Maria Frías, D'Aguiar explica seu interesse pela temática racial, que permeia toda sua obra: "Minha experiência como pessoa negra em um sistema de maioria branca me predispôs a um interesse pela raça, já que minha pele carregava esse alto prêmio negativo cuja história eu estava interessado em descobrir." (2002, p 218).[30] O poema "A

---

[25] **Voice 1** Don't hurt him, just get his trousers off./ **Voice 2** Turn him around./ **Voice 3** Shine the torch here./ **Kathleen** (*shouts from off-stage*) Oi! Leave him alone!/ **Voice 2** It's a couple of them, let's go!/ **Voice 1** Did you see it!

[26] suggest a bleak picture of British and Americans societies, as unalterably based on racial prejudices.

[27] home is always elsewhere.

[28] immigrant experience, portraying the conflict and alienation felt by the children of immigrants.

[29] Although not all the poems in D'Aguiar's third poetry volume are about racial matters, many of them in this particular collection testify to his concern about the conflicting multicultural environment in urban England in the 1990s, in comparison with the atmosphere in his home country.

[30] My experience as a black person in a white-majority system predisposed me towards an interest in race since my skin carried this high negative premium whose history I was keen to find out about.

Gift of a Rose", *British Subjects*, (1993), evidencia o forte racismo sofrido pelos caribenhos no reino Unido, pois conta a história de um caribenho que apanha da polícia, o que é ironizado no trecho: "Dois policiais (eu me lembro que havia pelo menos dois) / me pararam e me deram um punhado de rosas vermelhas". (D'AGUIAR, p.11).[31] As "rosas vermelhas", no caso, são manchas das pancadas recebidas. Ao tratar da vida em Londres, D'Aguiar afirma, no artigo *Home Is Always Elsewhere*:

> O tempo todo eu me senti longe de casa (Guiana) e nunca em sintonia com o ritmo de Londres. A sensação de estar em descompasso desvaneceu com o tempo, e Londres se tornou familiar e minha saudade de Airy Hall diminuiu. Mas meu novo sentimento de pertencer a uma minoria negra ressentida, até mesmo odiada e desprezada, aumentou. Na Guiana eu era a maioria, ou pelo menos sentia que era. (2000b, p. 209).[32]

A sensação de ser minoria, ser odiado e desprezado é evidente em *British Subjects*, em que a maioria dos poemas versa sobre esse sentimento de exclusão.

Nos anos 1990, D'Aguiar aventura-se pelo romance e com grande sucesso, com *The Longest Memory*, publicado em 1994, do qual tratarei com mais propriedade adiante.

O sucesso na prosa romanesca o faz continuar com esse gênero e publica *Dear Future*, em 1996. Trata da história do menino Red Head e sua família vivendo numa ilha Caribenha não nomeada. Faz-se menção à diáspora negra vinda às Ilhas Caribenhas simbolizada pela família de origens africanas, indígenas e portuguesas. Novamente, D'Aguiar sinaliza em sua obra alguns traços biográficos, pois sua família também tem ascendências iguais. A mãe e os irmãos de Red Head mudam-se para o Reino Unido e ele fica em Ariel (nome dado à cidade fictícia deste país fictício, numa clara alusão a Airy Hall) para morar com um tio e uma vasta família que é oposicionista ao presidente atual que quer se reeleger e usa meios ilícitos para isso. A família sofre retaliações por parte do presidente e corre riscos de morte. Red Head roga para ter sua família reunida novamente, mas não sabe que tipo de futuro o aguarda. Esse romance evoca personagens presentes no livro de poemas *Airy Hall*. O romance tem fim inconclusivo e

---

[31] Two policemen (I remember there were at least two) / stopped me and gave me a bunch of red roses.

[32] All the time I felt away from home (Guyana) and never quite in step with the rhythm of London. The sense of being out of step faded with time and London grew familiar and my longing for Airy Hall lessened. But my new sense of belonging to a resented, even hated and despised Black minority, heightened. In Guyana I was the majority, or at least felt I was.

não se sabe qual o futuro de Red Head, numa clara alusão ao futuro do país dominado por um ditador.

Embora *Dear Future* não tenha obtido tanto êxito junto à crítica quanto *The Longest Memory*, obteve o *Guyana Prize for Literature*, e foi bem elogiado junto às resenhas literárias em jornais e revistas. O romance se divide em quatro partes. A terceira é a única que se passa em Londres e conta a vida da mãe de Red Head, que, separada do marido, deixa Red Head e o filho mais velho com os parentes e vai tentar a vida na Inglaterra. É notável que nessa parte, a temática se volta para as condições de vida dos caribenhos no Reino Unido, tema explorado antes em seus livros de poemas:

> Uma das seções no romance descreve essa experiência diaspórica dela, ecoando um tema comum na literatura caribenha: a negociação entre um 'lar' nas Índias Ocidentais e a migração para a Inglaterra ou para os Estados Unidos em busca de melhores oportunidades econômicas e educacionais. (D'AGUIAR, (1960), online, 2006.).[33]

A ironia reside no fato de a mãe não conseguir melhores condições de vida e envolver-se com seu patrão para tentar garantir um futuro melhor aos filhos, mas descobrir que ele, muçulmano, a queria como segunda esposa, pois já era casado.

O que mais chama a atenção em *Dear Future* é seu final inconclusivo, pois a quarta parte consiste em cartas escritas por Red Head endereçadas ao "dear future", o qual ele acha que não conhecerá. Sobre isso, D'Aguiar explica que tentou "derrubar as convenções da narrativa linear finita. (HIPPOLYTE, 2004, p. 3).[34] Em artigo sobre o romance para a *London Review of Books*, O'Brien afirma que

> O leitor pode muito bem se sentir manipulado pelas especulações e interrogações de Red Head e por sua razoabilidade geral quando ele vem a perceber que é aí que as coisas acabam, que ele e Bash Man Goady nunca mais verão a família, que seu futuro não pode existir porque ele não existe. Estas dúvidas sobre o fim do romance suscitam outras questões sobre a construção de *Dear Future*. Há uma suspeita de que o conto pode ter sido tomado do contador, o que pode explicar a sensação de que este livro ousado, engraçado e sensual é obscurecido em diversos pontos (notavelmente nas passagens sobre a política da cidade) por uma obra maior, ainda não escrita e provavelmente mais convencionalmente realista. (online, 1996).[35]

---

[33] One of the sections in the novel describes this diasporic experience of hers, echoing a common theme in Caribbean literature: the negotiation between a 'home' in the West Indies and migration to England or the United States in search of better economic and educational opportunities.

[34] upset the conventions of the linear finite narrative.

[35] The reader may well feel manipulated by Red Head's speculations and enquiries and by his general reasonableness as he comes to realise that this is where things end, that he and Bash Man Goady will

O foco narrativo quase todo centrado no garoto faz com que o leitor tenha, por vezes, uma perspectiva infantil, idílica, ingênua da realidade, porém, no decorrer do romance, é notável o amadurecimento forçado de Red Head, diante da falta de esperanças de rever a mãe e o tom se torna mais triste e negativo. A produção romanesca tem sucesso e é a vez de *Feeding the Ghosts*, em 1997, que será analisado mais detalhadamente adiante.

D'Aguiar volta à forma poética, com *Bill of Rights*, em 1998, embora não abandone de todo a forma narrativa, já que se trata de um poema narrativo cujo assunto é o massacre de Jonestown (mesma temática depois retomada no romance *Children of Paradise*). O poema tenta entender as razões de tantos americanos seguirem um pregador para tão longe de sua terra para morrerem lá. O livro foi bem recebido pela crítica e foi pré-selecionado para o *T. S. Eliot Prize*.

O ponto de vista é de um rapaz, imigrante Caribenho na Inglaterra, que faria parte da comunidade em Jonestown, seguindo o pastor Jim Jones de volta às terras caribenhas, em busca de seu "paraíso", mas começa a perceber que fora seduzido pelo discurso eloquente do pastor. Os poemas seriam cartas que escreve para um amigo imigrante na Inglaterra, após ter sobrevivido ao massacre. O poema é realista e menciona Jonestown, o pastor Jim Jones e o suicídio coletivo, diferentemente do romance *Children of Paradise*, que ficcionaliza a história e não menciona os nomes desses personagens reais. Sobre *Bill of Rights*, D'Aguiar afirma:

> É conduzido por um personagem que vive em Jonestown e que tem um amigo em Londres que ele deixou. Ele está escrevendo para esse amigo. É uma chance de escrever sobre o que estava acontecendo com a Guiana durante os anos 1970, e sobre Inglaterra e os Estados Unidos com a CIA e seu interesse na Guiana durante aquele período. (HIPPOLYTE, 2004, p. 5)[36]

O massacre de Jonestown ocorreu em 1978, quando, após quatro anos da instalação da Comunidade na Guiana, sob a liderança do pastor Jim Jones, houve um

---

never see the family again, that his future cannot exist because he doesn't. These doubts about the ending of the novel give rise to other questions about the construction of *Dear Future*. There is a suspicion that the tale may have taken over from the teller, which may account for the feeling that this bold, funny and sensuous book is shadowed at several points (notably in the city-political passages) by a larger, as yet unwritten and probably more conventionally realistic work.

[36] It's driven by a character who lives in Jonestown and who has a friend in London that he left. He's writing to the friend. It's a chance to write about what was happening to Guyana during the seventies, and England and the States with the CIA and their interest in Guyana during that period.

suicídio coletivo, em que mais de novecentas pessoas morreram. A temática é obviamente política, no sentido de retratar um personagem caribenho diaspórico, que, nada encontrando na Inglaterra que melhorasse suas condições de vida, faz uma tentativa desesperada de encontrar seu "paraíso". O personagem protagonista é descrito como alguém confuso sobre sua crença no pastor e mais confuso ainda após presenciar o massacre e sobreviver: "O poeta dá *insights* sobre seus pensamentos e sentimentos, seus relacionamentos com os outros, com a natureza e com a história, durante todo o período de quatro anos do Projeto Agrícola do Templo dos Povos (1974-1978), localizado no norte da Guiana." (MANOLACHI, 2014, p. 61).[37] Ao mesmo tempo, o poema trata também da memória desse trauma tentando retratar, comparativamente, a ideia do trauma da colonização britânica das Ilhas caribenhas, como ele mesmo afirma: "A outra coisa que me surpreendeu foi o quão fragmentada a experiência deve ter sido para um sobrevivente de Jonestown, assim como para aqueles que sobreviveram à transição da Guiana de uma colônia britânica para um estado independente." (THE POETRY KIT..., online, 1999).[38]

A experiência positiva de mesclar verso e prosa fez com que D'Aguiar a repetisse em *Bloodlines*, de 2000, um romance em verso que conta a história de uma jovem escrava chamada Faith (Fé), que se apaixona, engravida e foge com o filho de seu senhor, Christy. Ela é recapturada e morre ao dar à luz a seu filho, o narrador desse poema narrativo. Esse narrador vai ser simbolicamente transportado no tempo, "vivendo" até os dias de hoje, buscando a igualdade entre raças. A história é ambientada antes da Guerra Civil Americana, antes da abolição da escravatura nos Estados Unidos. A escrita poética enfatiza temas delicados como raça, racismo, escravidão, igualdade, e leva o leitor a refletir sobre a temática da escravidão e a união entre as duas raças. Os nomes dos personagens são também simbólicos, pois Faith significa fé e Christy remete à cristão, o que poderia ser interpretado como o fato de que aquele que for realmente cristão encontrará sua fé em qualquer situação, sem barreiras de raça.

O romance em verso traz, além da temática da escravidão e do racismo, a ideia da memória da escravidão ficcionalizada, bastante evidente também nos romances *The*

[37] The poet gives insights into his thinking and feelings, his relationships with the others, with nature and with history, during the whole four-year Peoples Temple Agricultural Project (1974-1978), located in the north of Guyana.

[38] The other thing that struck me was how fragmented the experience must have been for a survivor of Jonestown as it is for those who have lived through Guyana's transition from a British colony to an independent state.

Longest Memory e *Feeding the Ghosts*. Rememorar traumas de maneira ficcional parece ser algo recorrente na escrita de D'Aguiar, pois além dos romances em análise neste trabalho, o autor faz isso também em *Bill of Rights* e *Children of Paradise*. Segundo Manolachi: "D'Aguiar inventa lugares de memória, nos quais a anamnese sobrenatural é possível, para que ele possa re-imaginar as experiências de seus pais." (2014, p. 61).[39] Além de ser positiva quanto à temática de *Bloodlines*, a crítica foi também acerca de sua estilística, como vemos:

> Escrito em rima oitava, "Bloodlines" é um grande feito técnico. A forma, que rima abababcc, tem uma energia ondulante que leva a narrativa adiante enquanto o emprego habilidoso de D'Aguiar de rima interna e meia rima evita a monotonia e permite sutis mudanças no tom. Talvez na ação combinada de rimas alternadas e dísticos finais também se possam ver os padrões temáticos mais profundos do livro, sua exploração apaixonada do que nos divide, equilibrada por uma esperança de unidade: "Nós compartilhamos a noite, compartilhamos o dia. Eu sou negro, você é branco." (FRED D'AGUIAR, b.1960, online, 2014).[40]

No ano seguinte, 2001, D'Aguiar republica parte de seus poemas, com *An English Sampler:* New and Selected Poems, que é um livro-coletânea, que reúne poemas de seus livros anteriores (*Mama Dot*, *Airy Hall* e *Britsh Subjects*) e acrescenta alguns poucos novos.

O sucesso da forma narrativa volta com a publicação de *Bethany Bettany*, em 2003. Trata-se de um romance com uma protagonista feminina de cinco anos de idade, vinda da Inglaterra, deixada pela mãe para ser criada pela família do pai, que morrera há pouco. A cidade chama-se "Boundary", e o país, embora não especificado, lembra a Guiana, e viverá uma guerra alguns anos após a chegada da menina Bethany Bettany. A garota é maltratada e rejeitada pelos familiares por parecer-se com a mãe, a quem culpam pela morte do pai. Boundary, cuja tradução é "fronteira", simboliza de forma óbvia a Guiana, dividida por uma guerra e pelas heranças da colonização, e Bethany Bettany, dividida entre seus dois nomes e suas duas culturas (a inglesa e a guianense), e

---

[39] D'Aguiar invents places of memory, in which supernatural anamnesis is possible, so that he can *re-imagine* his parents' experiences.

[40] Written in ottava rime 'Bloodlines' is a major technical achievement. The form, which rhymes abababcc, has a rolling energy that carries the narrative forward whilst D'Aguiar's skilful employment of internal and half rhyme avoids monotony and allows for subtle shifts in tone. Perhaps in the interplay of alternating rhymes and concluding couplets can also be seen the deeper thematic patterns of the book, its passionate exploration of what divides us, balanced by a hope for unity: "We share the night,/we share the day. I am black, you are white."

sua dupla consciência a faz querer ser aceita na Guiana como uma menina inglesa, filha de pais guianenses, o que demora a ocorrer, pois as tias ignoram sua herança cultural inglesa e a brutalizam, e ela então busca "invisibilidade", para não ser mais maltratada. Mas seu caminho ao longo da narrativa será o de tentar inserir-se nessa família, além de descobrir as razões de seu abandono pela mãe. Ela representa também o próprio país, lutando para encontrar sua identidade em meio a uma família marcada pelas tradições, pela tristeza e pelo ressentimento.

Uma característica marcante do romance, que já ocorrera em *The Longest Memory* e *Feeding the Ghosts*, é a multiplicidade de vozes narrativas. Embora o foco maior seja na menina Bethany Bettany, há as vozes de seus tios e tias, sua mãe e seu pai já morto. Cada perspectiva narrativa nos revela parte do mistério que envolve a morte do pai e a deserção de sua mãe, bem como os traumas familiares. A escravidão não é um tema direto desse romance, embora apareça como pano de fundo da situação do país em guerra, ainda preso à sua colônia. O que mais se evidencia é a diáspora dos caribenhos à Inglaterra (o pai e a mãe de Bethany Bettany vão morar na Inglaterra em busca de trabalho e são hostilizados pela comunidade branca) e o engajamento político antirracista (evidenciado em sua mãe, que a deixa com os familiares paternos para lutar por igualdade numa Inglaterra sacudida por movimentos racistas e antirracistas).

Em 2009, D'Aguiar publica *Continental Shelf*, coletânea de poemas de temáticas variadas, em três partes. Inicialmente, os poemas tratam de memórias da infância e juventude na Guiana. Muitos mostram saudade da terra natal, a maioria a retrata com olhos saudosos e bondosos. Mas D'Aguiar muda totalmente a temática dos poemas, devido ao massacre da Universidade de Virginia, ocorrido em 2007, em que um estudante matou 32 pessoas dentro do *campus*, local onde Fred D'Aguiar trabalha. Ele conhecia uma das estudantes mortas, era sua aluna, e o tom das elegias é o lamento, a estupefação diante das mortes, bem como a tristeza permanente após o massacre. A parte final do livro volta à temática da Guiana. Na visão de Manolachi, a primeira parte e a última:

> [...] evocam principalmente o espírito e a memória do Caribe, em um sentido antropológico e autoetnológico. Em poemas como "Calypso" ou "Demerara Sugar", D'Aguiar tece seu tempo de infância passado na Guiana com o tempo presente, o que abre caminhos entre a América do Sul e a América do Norte e ajuda a delinear um tipo de pertencimento transnacional. No primeiro, o significado de localização é reduzido ao crânio, o lugar onde as memórias se tornam

> conscientes, onde uma canção encontra um ninho para fazer eclodir novos ovos poéticos. (2014, p. 62).[41]

O tema da memória se evidencia nestas duas partes, enquanto o meio da coleção se volta para o luto e a incompreensão do trauma vivido com o assassinato brutal dos alunos de seu *campus* universitário. As elegias da segunda parte formam um conjunto de sonetos dedicados a falar da tragédia no campus da Virginia Tech. Falam extensivamente sobre as mortes no campus e acabam se tornando cansativas e repetitivas, como analisa Frances Leviston, ao resenhar o livro para o *Poetry London*:

> O sonho do assassino como um homem perambulando e distribuindo flores é um golpe brilhante, inquietante de uma maneira que os tratamentos mais diretos de D'Aguiar nunca podem ser; mas esse sentimento de choque genuíno é rapidamente dissipado pelo resto da seção na qual aparece, já que D'Aguiar insiste em como ele está perturbado ("os corpos me circundam, na minha cabeça", "eu mantenho a companhia de crianças mortas"). Isso acontece com muita frequência. O poema fica confuso e prolongado, como se a compulsão de escrever algo tão "grande" quanto os próprios eventos, algo que significasse sua importância incomum, ultrapassasse a maioria das outras preocupações. É uma pena, porque as seções boas nele são realmente muito boas. (Online, 2009) .[42]

Apesar dessa impressão negativa por parte de alguns críticos, o livro foi pré-selecionado para o T. S. Eliot Prize de 2009. E é preciso observar que a inserção das elegias no meio de poemas idílicos e saudosos da Guiana não ocorre por acaso. Os primeiros poemas tratam dos momentos de sua infância na Guiana chamados de "Local Colour", e são interrompidos bruscamente pela tragédia no campus da Virginia Tech, mas estes são sucedidos pelos poemas de "Continental Shelf", em que a esperança de vida retorna ao poeta. Até mesmo a forma dos poemas muda, como observou Andrew McCulloch, na crítica do livro para o *Times Literary Supplement*:

---

[41] […] mainly evoke the spirit and the memory of Caribbean, in an anthropological and autoethnological sense. In poems such as "Calypso" or "Demerara Sugar", D'Aguiar weaves his childhood time spent in Guyana with the present time, which bridges South and North America and helps delineating a transnational type of belonging. In the former, the meaning of location is reduced to the skull, the place where memories become conscious, where a song finds a nest to hatch new poetic eggs.

[42] The dream of the murderer as a man skipping around handing out flowers is a brilliant stroke, unsettling in a way that D'Aguiar's more direct treatments can never be; but that feeling of genuine shock is too quickly dissipated by the rest of the section in which it appears, as D'Aguiar insists on how disturbed he is ('bodies circle me, in my head', 'I keep the company of dead children'). This happens too often. The poem feels confused and protracted, as if the compulsion to write something as 'big' as the events themselves, something that would signify their unusual importance, overrode most other concerns. It's a shame, because the good sections in it are very good indeed.

> À medida que a coletânea passa do sonho para o pesadelo, a fluidez do verso livre, em que os significados se desenrolam num passo calmo, dá lugar a uma sequência de sonetos irregulares, uma colagem de instantâneos por meio dos quais D'Aguiar tenta desesperadamente ordenar seus pensamentos. A forma poética, no entanto, parece inadequada ou desigual para a tarefa de lidar com seus demônios. (Online, 2010).[43]

Embora *Continental Shelf* tenha poemas poderosos e tocantes, as elegias parecem não se "encaixar" bem dentro do conjunto de poemas. Talvez fosse melhor ideia tê-las publicado separadamente já que a primeira e a terceira parte parecem tratar de assuntos bastante diversos e ter mais qualidade poética, como observa Jim Burns em resenha para o *Ambit*, ao comparar essas três partes do livro:

> Eu gostei tanto desses poemas que quando cheguei a "Elegies"', uma sequência de setenta páginas construída em torno das mortes na Virginia Tech University (onde D'Aguiar ensina) em 2006, eu estava talvez despreparado para o que se seguiu. E tenho que admitir que eu ainda não estou convencido de que a sequência é bem sucedida. É bem escrito, e sem dúvida profundamente sentido, mas tendeu a ter seu efeito diminuído por ser tão longo. (Online, 2010).[44]

Após a publicação de *The Continental Shelf*, outro volume de poesias aparece: *The Rose of Toulouse*, em 2013. Desta vez, os poemas são um pouco diversos do que escrevera até então. A coletânea traz poemas acerca dos locais onde morou e suas atividades e sentimentos acerca desses lugares: Guiana, Inglaterra, Estados Unidos. Em alguns, há o tom nostálgico, em outros a percepção de como ele mesmo, poeta, havia mudado, e não somente as mudanças de cidade a cidade. Há também grande variação nas formas poéticas e no uso da Língua Inglesa: "Valendo-se de sonetos, baladas, versificação livre com um verso longo e sinuoso, esta compilação honesta, reflexiva e

[43] As the collection moves from dream to nightmare, the fluidity of free verse, in which meanings unwind at a leisurely pace, gives way to a sequence of irregular sonnets, a collage of snapshots through which D'Aguiar tries desperately to order his thoughts. Poetic form, however, seems either inappropriate or unequal to the task of dealing with his demons.

[44] I liked these poems so much that when I got to 'Elegies', a seventy-page sequence built around the deaths at Virginia Tech University (where D'Aguiar teaches) in 2006, I was perhaps unprepared for what followed. And I have to admit that I'm still not convinced that the sequence fully succeeds. It's well-written, and clearly deeply felt, but tended to lessen its effect by being so long.

empolgante apresenta poesia que abrange as línguas inglesas da Guiana, Caribe, Estados Unidos e Europa." (THE ROSE OF TOULOUSE, online, 2014).[45]

Sua última publicação foi bastante recente, o romance *Children of Paradise*, em 2014, em que D'Aguiar reconta a história do massacre de Jonestown, porém de forma diversa do que fizera em *Bill of Rights*. A ficção de D'Aguiar tem foco em Joyce e sua filha Trina, membros da seita que percebem o ensandecimento do pastor, chamado aqui de Father, e tentam fugir da comunidade. A história é permeada por elementos mágicos, como a ajuda do gorila Adam, que vivia trancado em uma jaula na comunidade e parece conseguir comunicar-se com Trina e Joyce e entender os humanos. Joyce e Trina tentam salvar as crianças da comunidade, com a ajuda do comandante de um barco. Sobre o recurso do realismo mágico, D'Aguiar explica:

> Realismo mágico como uma declaração no texto ocorre geralmente quando alguém não pode falar e, então, eles devem ser magicamente revigorados de alguma forma. Assim, em termos narrativos - eu não estou revelando nada do romance ao dizer isso - quando o realismo mágico aparece no texto, você deve pensar, *como pode esta pessoa falar? Em que estado estão?* Ele tem a intenção de imediatamente fazer você questionar as realidades corpóreas deles no mundo, a corporeidade deles. *Eles cruzaram? Eles já passaram?* Você deve fazer essa pergunta imediatamente por causa do que eu fiz com a narrativa.
> E também, é claro, estou bagunçando com a história. A história aconteceu. Eu não posso mudar os mortos. Eu estou dizendo que eu quero segurar cada uma dessas crianças que morreram silenciosamente, cada uma dessas crianças que tinham um pai que as segurou e esguichou veneno em suas bocas. (KOCZ, online, 2014).[46]

Dessa vez, D'Aguiar usa a narrativa e não a poesia para falar do assunto e não é tão direto quanto o fora, como observa a resenha do *The Guardian*:

---

[45] Through sonnets, ballads, free verse, and a sinuous long line, this honest, thoughtful, and exciting compilation presents poetry that spans the English languages of Guyana, the Caribbean, the United States, and Europe.

[46] Magical realism as a declaration in the text is usually when someone can't speak and then they must be magically reinvigorated in some way. So, in narrative terms— I'm not giving anything away in the novel by saying—when magical realism appears in the text, you're meant to think, *How can this person speak? What state are they in*? It's meant to immediately make you question their corporeal reality in the world, their body-ness. *Have they crossed? Have they passed?* You're meant to ask that question right away because of what I did to the narrative.
And also, of course, I'm messing with history. History has happened. I can't change the dead. I'm saying I want to hold each of those children who died silently, each of those children who had a parent hold them and squirt poison into their mouths.

> As escolhas narrativas básicas que ele fez - usar o tempo presente, e usar uma grande quantidade de discurso indireto - têm o efeito de lançar um véu fino sobre o livro, distanciando o leitor de certa forma. Talvez tais mecanismos sejam necessários aqui, para nos proteger do verdadeiro horror narrado. As vidas curtas e as mortes cruéis dos filhos da comunidade são particularmente pungentes. (HOUSHAM, online, 2015).[47]

A escolha da narrativa em detrimento da poesia parece ter dado à história de Jonestown um caráter diferenciado, à medida que, embora os nomes dos reais protagonistas desse fato não apareçam, esses personagens parecem mais reais e mais próximos de nós. Sobre voltar ao tema do massacre de Jonestown, dessa vez na forma romanesca, afirma D'Aguiar em entrevista a David Henry Sterry em 2014 que não se cansa de falar sobre este assunto, pois busca refletir sobre as razões do suicídio coletivo, assim acaba reinventando histórias em gêneros literários variados.[48]

Tanto a prosa quanto a poesia e o drama de D'Aguiar parecem recorrer a elementos variados em sua composição: há a mescla de elementos líricos, narrativos e dramáticos em todas as suas obras, com preponderância de um sobre outro, variavelmente, além do uso de vozes narrativas diversas em uma mesma obra. Sua produção é extensa, com temas recorrentes, como a escravidão, a memória, a colonização dos países caribenhos, a diáspora dos caribenhos para países colonizadores.

Quanto à fortuna crítica a respeito de Fred D'Aguiar, fora do Brasil, há alguns poucos autores se debruçando sobre sua obra literária, sendo que o livro de Abigail Ward, professora da Universidade de Nottingham, intitulado "Caryl Phillips, David Dabydeen and Fred D'Aguiar: Representations of Slavery" dedica dois capítulos à análise dos dois romances aqui estudados, fruto de sua tese de Doutorado na Universidade de Leeds, Inglaterra. Neste livro, Ward tece considerações sobre como D'Aguiar figura a escravidão em seus dois romances mais conhecidos, sendo que compara o modo como a memória da escravidão é retratado nos dois, de modo que ambos acabem por constituírem-se como um panorama da escravidão negra moderna.

---

[47] The basic narrative choices he has made – to use the present tense, and to use a great deal of reported speech – have the effect of throwing a thin veil over the book, distancing the reader somewhat. Perhaps such mechanisms are necessary here, to protect us from the true horror recounted. The short lives and cruel deaths of the commune's children are particularly poignant.

[48] Mais detalhes na entrevista completa: STERRY, David Henry. *Jonestown, Kids, Gorillas & Tragic Death: Fred D'Aguiar & Children of Paradise*. 2014. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/david-henry-sterry/jonestown-kids-gorillas-t_b_4988607.html> Acesso em 20 maio 2014

Também sobre a memória, o artigo de Susanne Pichler, professora da University of Innsbruck, na Áustria, publicado em 2007 em uma Revista acadêmica brasileira, a *Acta Scientiarum*, da UEM, Universidade Estadual de Maringá, e intitulado "The Sea has no Memory: Memories of the Body, the Sea and the Land in Fred D'Aguiar's *Feeding the Ghosts*" trata das figurações simbólicas do mar, do corpo e da terra para a personagem Mintah, do romance em questão. Outros autores no mundo analisam obras de Fred d'Aguiar, a maioria com foco na memória da escravidão, já que este tema aparece de forma muito flagrante no autor, como: O professor Stef Creps, da Universidade de Ghent, na Bélgica, compara os autores David Dabydeen e Fred D'Aguiar em relação ao evento do *Zong* pelo viés da memória; Leo Coubort, atualmente professor assistente da Universidade de Lille, em 2016, publicou uma tese de doutorado intitulada "Metaphor, Myth and Memory in Caribbean Literature: the Work of Fred D'Aguiar", na qual analisa toda a obra ficcional de D'Aguiar, mas sua yese não se encontra disponível para download; pouco após a publicação de *Feeding The Ghots*, a professora Gail Low, da Universidade de Dundee, na Escócia, publicou uma análise sobre ele, intitulada "The Memory of Slavery in Fred D'Aguiar's *Feeding the Ghosts*", em 1999, um capítulo de livro, no qual discorre sobre a memória da escravidão, bem como sobre a escolha de Fred D'Aguiar em escolher uma mulher para protagonizar seu romance. Importa ressaltar que no Brasil não há trabalhos a seu respeito, nem mesmo dissertações de mestrado, sendo esta tese de doutorado o único trabalho em andamento até o momento.

1.3 *THE LONGEST MEMORY* E *FEEDING THE GHOSTS*

> O mar possui e nunca abandona. Destrói, mas não se lembra. Em terra eu lutei contra o esquecimento com a madeira como meu guia. A terra prometeu mais do que isso. Mas a terra deve prometer mais para me fazer cultivá-la. Assim como a madeira prometeu a salvação e manteve minhas mãos ocupadas ao longo dos anos. Meus pés encontraram um lugar de repouso longe do lar. O mar divide o meu lar. O lar que eu fui forçada a deixar, o novo lar que eu tive que forjar. O mar mantém minhas mãos distantes. A madeira une as minhas mãos. O mar divide a terra. Lar longe do lar. Mão longe da mão. Pai longe da mãe. Mãe longe da filha. Filha longe do pai. Os ossos se tornam como coral. Ossos banhados em uma fosforescência pelo mar.
>
> (*Feeding the Ghosts*, Fred D'Aguiar)

The Longest Memory foi o romance de estreia de D'Aguiar na prosa e, sem dúvida, foi sua obra mais aclamada pela crítica. Publicado em 1994, recebeu dois prêmios: o *Whitbread First Novel Award* e o *David Higham Prize for Fiction*. É o único livro de Fred D'Aguiar publicado no Brasil, traduzido para o português por Marcos Santarrita, com o título *A mais remota lembrança*, pela editora Record em 1997.

A narrativa cria memórias imaginadas da escravidão em uma *plantation* na Virgínia no início do século XIX, tornando-se um romance que parece polifônico, pois propõe muitas vozes narrativas para lembrar um fato ocorrido na fazenda: a fuga, denúncia, captura, punição e morte do escravo Chapel, delatado pelo próprio pai, Whitechapel.

Em *The Longest Memory* as memórias individuais dos personagens Whitechapel (escravo), Chapel (seu filho morto), Mr. Whitechapel (senhor), Sanders Senior (feitor), Sanders Junior (seu filho, feitor), a cozinheira (mãe de Chapel), Lydia (filha do senhor), a bisneta de Whitechapel, e do jornal local são propostas para a percepção de como o mesmo fato é rememorado por pessoas distintas, com pontos de vista diversos sobre a escravidão. Os personagens que presenciaram a morte do rapaz Chapel, vítima de duzentas chibatadas dadas por seu meio-irmão e delatado pelo próprio pai, não conseguem libertar-se da lembrança da morte do rapaz Chapel, e sua história é recontada vezes e vezes. Sobre essa multiplicidade de vozes, pode-se dizer que "Os monólogos do romance, refletindo a sensibilidade poética de D'Aguiar, atuam para criar vozes múltiplas, um coro de tipos que evoca não somente uma variedade de respostas emocionais e intelectuais aos eventos do romance, mas também mudanças subjetivas no tempo." (FRED D'AGUIAR, 1960, online, 2015).[49] Para o leitor, as várias vozes permitem uma visão geral do fato ocorrido, por meio de enunciados diferentes, mas também confundem, na medida em que não há linearidade ou cronologia nas memórias de cada um: "É um texto provocativo que desafia qualquer tentativa direta de um resumo de enredo - a história é revelada gradualmente e não cronologicamente - ou de uma conclusão facilmente elaborada." (WARD, 2011, p. 139).[50]

[49] The novel's monologues, reflecting D'Aguiar's poetic sensibility, work to create multiple voices, a chorus of sorts that evokes not only a variety of emotional and intellectual responses to the novel's events but also subjective time shifts.

[50] It is a challenging text which defies any straightforward attempt at a plot summary- the story is revealed gradually and non-chronologically- or an easily drawn conclusion.

O romance foi muito bem recebido pela crítica, tanto pela narrativa intrigante e envolvente, quanto pela temática. Além disso, a escrita quase poética de D'Aguiar parece envolver o leitor ainda mais nos sofrimentos de alguns personagens, como o protagonista, Whitechapel, como observa Smith: "O próprio monólogo interno de Whitechapel é brilhantemente sustentado, enquanto ele lamenta pelo menino, persistindo em chamá-lo de 'meu filho', cujos 'sonhos eram tais que ele argumentava que seus filhos seriam livres'". (online, 2004).[51]

As características marcadamente poéticas do romance foram muito elogiadas pela crítica, e D'Aguiar chega a retomar esse estilo em romances como *Feeding the Ghosts* e *Bethany Bettany*. Assim ele comenta sobre a mescla de poesia em prosa:

> Eu sempre escrevi narrativas e monólogos dramáticos, por isso não foi um problema não ter uma quebra de linha e apenas continuar para as margens. O que é, de fato, o que eu fiz em *The Longest Memory*. Grande parte dele tem essa intensidade que eu sei e reconheço de alguns dos meus poemas. (HYPOLLITE, 2004, p. 3).[52]

A boa recepção crítica levou D'Aguiar a continuar na prosa e em 1997 ele publica seu terceiro romance: *Feeding the Ghosts*, que foi pré-selecionado para o *James Tait Black Memorial Prize*.

A narrativa baseia-se num fato real: a volta do navio negreiro *Zong*, em 1781, vindo da África para a Inglaterra e a morte de 132 escravos, jogados ao mar por estarem, supostamente, doentes, e o capitão entender que seria mais fácil obter o dinheiro do seguro por estes escravos mortos do que tentar vendê-los doentes. A história ficcionalizada de D'Aguiar é contada com base em várias vozes narrativas: a de Mintah, a protagonista, que estava a bordo do navio *Zong* e foi jogada ao mar, mas conseguiu içar-se de novo ao navio, a do capitão do navio e outros tripulantes e a voz narrativa heterodiegética sobre o tribunal de julgamento do *Zong*. Ficcionalizando a história real do *Zong*, D'Aguiar insere a personagem Mintah, criada numa missão, que fala, lê e escreve em inglês e tenta intervir para tentar salvar os escravos doentes no *Zong*, mas é jogada ao mar para evitar influenciar outros escravos. Içando-se, Mintah se esconde no

---

[51] Whitechapel's own internal monologue is brilliantly sustained, as he mourns the boy, persisting in calling him 'my son', whose 'dreams were such that he argued his children would be free'.

[52] I've always written narratives and dramatic monologues so it wasn't a problem to not have a line break and just carry on to the margins. Which is actually what I did in *The Longest Memory*. A lot of it has this intensity I know I recognize from some of my poems.

navio, planeja um motim, mas fracassa. Escreve um diário que é levado ao tribunal, mas desconsiderado por ser ela uma escrava. É vendida em Maryland, de lá para a Jamaica, e, já velha, não consegue livrar-se da culpa e esculpe 131 esculturas, representando os colegas mortos. A memória de Mintah centra-se na a crueldade do capitão do navio e sua tripulação. Sobre a base para seu romance, D'Aguiar conta que foi a visita feita ao Museu Marítimo, em Liverpool, onde soube da história do *Zong* e dos 132 escravos jogados ao mar, com menção a um escravo que teria se içado de volta, o que lhe inspirou a criar a personagem Mintah. (HYPOLLITE, 2004).

A temática da escravidão já se fizera presente em diversos poemas e em *The Longest Memory*. Ambos os romances são assim descritos por Frías: "Duas obras poderosas e poéticas nas quais o autor revisita e reescreve histórias anteriores sobre um episódio monstruoso e bárbaro: a escravidão afro-americana." (2002, p. 418).[53] A crítica foi bastante positiva sobre o romance e, mais uma vez, D'Aguiar faz uso de linguagem poética dentro da narrativa, como já o fizera em *The Longest Memory*, e agora, também, ao lado da fonte histórica, como observa Smith: "Ao lado da imaginação histórica de D'Aguiar encontra-se sua prosa continuamente poética." (online, 2004).[54]

Em *Feeding the Ghosts* as marcas do passado escravagista perseguem a protagonista Mintah, que não consegue, no tribunal, fazer seu relato ser crível, o que faz com que as 131 mortes dentro do *Zong* não sejam efetivamente julgadas. Neste caso, a voz de Mintah é ignorada, e a memória histórica é escrita de modo a negar o olhar do próprio escravo. Ward observa que são poucas as tentativas de ficcionalizar a *Middle Passage*, a passagem intermédia de milhões de escravos africanos de seu continente até o Novo Mundo, e D'Aguiar consegue trazer uma visão nova acerca de um fato real, o que faz com que seu trabalho seja de grande valia para autores contemporâneos que buscam falar da escravidão: "Parece que há algo moralmente necessário, mas esteticamente perturbador, sobre criar arte a partir do passado da escravidão." (WARD, 2011, p. 155).[55]

[53] Two powerful and poetical works in which the author both revisits, and rewrites previous stories on a monstrous and barbaric episode: African-American slavery.
[54] Alongside D'Aguiar's historical imagination goes his continually poetic prose.
[55] It would seem that there is something morally necessary, but aesthetically troubling, about creating art from the past of slavery.

1.4 O TEMA DA ESCRAVIDÃO POR FRED D'AGUIAR

> So history greeted me. I am condemned
> to live an eternity, unless all the conditions
> that brought me into being somehow med:
> I mean Slavery and all its ramifications
> marching unfazed into the new millennium.
> Everything that I see in countries and nations
> tells me this is truw: Slavery may be buried,
> but it's not dead, its offspring, Racism, still
> breeds.
>
> (*Bloodlines*, Fred D'Aguiar)

A temática da escravidão e sua memória é utilizada por D'Aguiar em seus poemas, suas peças de teatro, seus romances e textos não ficcionais. Ao tratar deste assunto de forma acadêmica, o autor discute a necessidade de se continuar escrevendo sobre o assunto dado o fato de que ele não está esgotado, visto que o legado da escravidão continua muito presente e de forma bastante negativa em setores diversos da sociedade.

Em seu artigo "The Last Essay About Slavery" (1997), D'Aguiar imagina obras finais acerca do tema da escravidão, obras que exauririam o tema, mas sabe que tal pensamento é ilusório, pois:

> O presente, e não a escravidão, se recusa a permitir que a escravidão desapareça. Este presente insiste que, não obstante as muitas histórias e argumentos sobre a escravidão que ele consome de escritores e cantores, ele ainda tem fome de mais. As condições no presente não são melhores pela acumulação de uma biblioteca de romances sobre escravos, poemas, peças, filmes e álbuns (Cds) sobre a escravidão. Pelo contrário, cada geração de negros exige mais do passado. (p. 126).[56]

Por isso, sendo de uma geração de negros que viveu o preconceito nos anos 1970 e 1980 na Inglaterra como um filho de caribenhos, D'Aguiar também tematiza a escravidão. Em primeiro lugar, seu interesse sempre se deu pela história negra, desde seu primeiro livro, "Mama Dot" (1985), como ele afirma em entrevista a Maria Frías (2002): "Meu interesse na linhagem além daqueles que estão vivos é, de fato, minha

[56] But the present, not slavery, refuses to allow slavery to go away. This present insists that however many stories and arguments about slavery it consumes from writers and singers it still hungers for more. Conditions in the present are not ameliorated by the accumulation of a library of slave-novels, poems, plays, films, and albuns (cds) about slavery. On the contrary, each generation of blacks demands more of the past.

tentativa de preencher as lacunas de um passado erradicado e entender a história por meio da personalidade, por meio das pessoas e de suas experiências, em vez de um ensaio de datas e eventos." (FRÍAS, 2002, p. 418).[57] Para D'Aguiar, a sociedade pode ser melhor entendida quando se estuda o modo como os pobres e desprovidos de poder foram tratados e qual foi o resultado desse tratamento, e, nesse sentido, a escravidão é um exemplo de como os escravos eram vistos, como lutaram para mudar sua condição e como, ainda hoje, os legados da escravidão perseguem seus descendentes através do que ele chama, ironicamente, de "high negative premium" (p. 418), ou seja, um "grande prêmio negativo" carregado na pele negra. Sobre sua pele negra, D'Aguiar crê que ela tenha determinado grande parte de sua escrita, na medida em que os turbulentos anos 1970 e 1980 na Inglaterra o fizeram sempre consciente de sua condição de homem negro em uma sociedade branca, como afirma em seu artigo "Further Adventures in the Skin Trade": "O evento do poema nunca poderia ser baseado em uma percepção da minha individualidade santificada. Em vez disso, cada palavra minha se tornou o ato social de um homem negro na casa dos 20 anos de idade em uma cultura de maioria branca." (D'AGUIAR, 2000a, p. 270).[58]

O conhecimento da história determinou grande parte de sua escrita, como ele admite "A história desempenhou um papel tão grande quanto a sociedade na formação de minha imaginação poética." (2000a, p. 271)[59], pois sua primeira consciência histórica foi a de ser descendente de escravos. Porém, ao invés de negar isso, D'Aguiar usou como fonte de inspiração ficcional e admite que "Minha sensibilidade poética pode não estar pressuposta na cor da minha pele, mas a cor da minha pele certamente gera a minha poesia." (p. 272).[60] Por isso é que sua obra ficcional raramente escapa dos temas que envolvem a história de seus ancestrais escravizados: o racismo, a cor de sua pele, sua cultura guianense, a memória da escravidão, a luta por igualdade social, o passado colonial da Guiana, etc.

Ao escrever acerca da escravidão, D'Aguiar dá voz aos escravos, homens ou mulheres, revisitando e reescrevendo a história da escravidão por meio de pontos de

[57] My interest in ancestry beyond those who are alive is really my attempt to fill in the gaps of an eradicated past and to understand history through personality, through people and their experiences rather than by a rehearsal of dates and events.
[58] The event of the poem could never be predicated on a pretence of my hallowed individuality. Instead, my every word became the social act of a black male in his early 20s in a White majority culture.
[59] History played as big a role as society in the shaping of my poet's imagination.
[60] My poetic sensibility may not be predicated on the colour of my skin, but the colour of my skin certainly generates my poetry.

vistas quase desconhecidos na história, dado o fato de que, em geral, poucas vozes negras e escravas foram ouvidas sobre este assunto antes da abolição do tráfico negreiro e, principalmente, da escravatura. Ao tratar deste assunto, afirma em entrevista a Frías (2002) que as obras ficcionais sobre a escravidão escritas antes das suas o ajudaram a modelar seu entendimento sobre o assunto e o guiaram para novas possibilidades de exploração do tema: "Histórias geram histórias. Quanto mais histórias existem, mais histórias devem haver. Lembre-se que estamos falando da escravidão, uma instituição de 400 anos de idade. Quantos livros são suficientes? Estes textos anteriores me deram permissão para escrever o meu próprio." (FRÍAS, 2002, p.419).[61]

Escrever sobre a escravidão na ficção parece ser, para D'Aguiar, uma maneira de revisitar este espaço histórico e, ainda, sentir a dor que ele lhe traz, pois só assim esta dor pode ser suplantada. Apenas através de seu próprio olhar para o passado, de sua maneira de recuperar esta memória, a escravidão pode ser recontada, reinventada e o presente, ainda cheio de seus legados, pode ser melhor entendido, e talvez melhorado, como ele afirma a Hyppolitte:

> Eu acho que o desejo de esquecer está, em si, repleto de algumas dores e de uma necessidade de cura. Você realmente quer seguir em frente, e vai ser mais fácil ir por aí quando você tenta olhar para a ferida, para a dor, para as correntes, e tenta imaginar isso fora de sua existência até que esteja curado. Então, talvez você será capaz de vê-los apenas como artefatos. Ainda não chegamos nisso. Há museus, o que é um passo para torná-los artefatos, mas a dor da escravidão não é esquecida e, portanto, não pode desaparecer. Eu acho que poesia e ficção são uma estrada para a cura. A ficção está trabalhando de forma psicoterapêutica. A escrita disso está em seu drama e você sente tanto a ferida dessa era quanto a memória e a recuperação dessa memória. Você também tem a sensação de estar *agora* totalmente a cargo do seu presente, porque a lacuna que foi embora agora tem sido superada. Eu acho que a ficção está tentando fazer isso. (2004, p.4).[62]

---

[61] Stories beget stories. The more stories there are the more stories there has to be. Remember we are talking about slavery, a 400-year old institution. How many books are enough? These previous texts gave me permission to write my own.

[62] I think the desire to forget is itself replete with some of the pain of a need for cure. You really want to move on, and it'll be easier to go about it when you try to look at the sore, the pain, the chains and imagine it out of existence until you are cured. Then maybe you'll be able to see them as just artifacts. We're not there yet. There are museums, so that's one step towards making them artifacts but the pain of slavery is not forgotten and therefore it cannot be disappeared. I think poetry and fiction is one avenue of cure. Fiction is working in a psychotherapeutic way. The writing of it is in the drama of it you feel both the hurt of the era and the memory and the recuperation of that memory. You also get the sense of *now* being fully in charge of your present because the gap that was willed away has now been bridged. I think fiction is trying to do that.

Embora, em sua opinião, muitos descendentes de escravos vejam a história da escravidão como algo vergonhoso e tentem esquecê-la, a ficção tem, cada vez mais, escrito sobre o tema, para que justamente esse "esquecimento" não ocorra. D'Aguiar crê que ao negar o passado escravagista e ao se envergonhar dele, há uma "facilitação" ao racismo, num ato de auto opressão (1997). O esquecimento acaba por tornar-se uma omissão, pois os racistas brancos não esquecem a escravidão, usando-a como justificativa para uma dada inferioridade dos negros. Ao invés disso, deve-se invocar o passado, vê-lo como forma de entender o presente:

> Então voltamos à memória, imaginada e real, fantasiosa e mítica, psicológica e genética: formas de imaginação que procuram exorcizar as forças destrutivas do racismo branco combinadas com a ansiedade e as neuroses geradas pelas conotações negativas de uma pele negra. (D'AGUIAR, 1997, p. 132).[63]

São várias as formas de invocar esse passado e trazer à tona as consequências advindas da escravidão, ou mesmo recuperar a voz e a cultura do povo escravizado. Uma delas é o uso da língua inglesa crioulizada, de modo a subverter o inglês padronizado da antiga "metrópole", o que D'Aguiar sempre presenciou em Londres. A linguagem caribenha subverte a língua inglesa ao introduzir nela parte de seu dialeto, seu sotaque e mesmo "desvios" gramaticais. Isso nos remete à posição ideológica do nigeriano Chinua Achebe, ao defender que os escritores africanos se apropriem da língua inglesa, subvertam-na, ab-roguem-na, que a usem, enfim, moldando-a à realidade na qual ela se insere, como vemos:

> O escritor africano deveriam procurar usar o inglês de uma maneira que apresente melhor sua mensagem sem alterar a linguagem na medida em que seu valor como um meio de troca internacional será perdido. Ele deveria procurar formar um inglês que seja ao mesmo tempo universal e capaz de transmitir sua experiência peculiar. (ACHEBE, 1975, p.100).[64]

Da mesma forma, D'Aguiar faz uso desse inglês crioulo e o defende:

---

[63] So we return to memory, imagined and real, fanciful and mythical, psychological and genetic: forms of imagination that seek to exorcise the destructive forces of white racism combined with the anxiety and neuroses generated by the negative connotations of a black skin.

[64] The African writer should aim to use English in a way that brings out his message best without altering the language to the extent that its value as a medium of international exchange will be lost. He should aim at fashioning out an English which is at once universal and able to carry his peculiar experience.

> É uma alteridade do inglês que eles estão tentando registrar. Eu não acho que é mau inglês. Mas o centro cultural ou o establishment metropolitanos estão tentando excluir esta alteridade crioula, do Caribe, do que eles consideram ser o inglês correto ou aceitável. Então, esta é uma batalha de reconhecimento cultural e validação linguística na qual estou envolvido. (BIRBALSINGH, 1993, p. 144).[65]

D'Aguiar de fato apoia essa batalha, como se nota em grande parte de seus poemas, com o dialeto guianense presente em quase todos os poemas dos livros *Mama Dot* e *Airy Hall*, no dialeto dos jamaicanos da peça *A Jamaican Airman Foresees his Death*, até mesmo na escolha do nome da protagonista de seu livro homônimo *Bethany Bettany*, em que o pai prefere chamá-la Bethany, por soar mais "inglês", enquanto a mãe prefere chamá-la Bettany, por ser mais guianense. Além disso, a evocação da memória, por parte do próprio escravo, parece ser um meio encontrado por D'Aguiar para invocar o passado da escravidão e retirar o negro da posição marginal na qual foi colocado pela literatura branca acerca da temática da escravidão, como ele afirma:

> Uma contribuição negra, uma experiência negra, uma perspectiva negra e uma estética negras, a articulação de tudo isso tem sido sempre uma parte da literatura feita por brancos. Mas a marginalidade dos negros nessas narrativas só confirmou sua presença para reforçar o estatuto dos brancos. Os negros por sua própria presença ou ausência fazem os brancos parecerem melhores. (D'AGUIAR, 1997, p. 134).[66]

D'Aguiar acredita que ao dar voz ao escravo, ele continua sendo vítima em sentido social, mas é possível reconhecê-lo como um ser social, ativo, que mesmo em situação tão adversa, conseguia expressar-se e opinar, ou seja, é uma forma de desconstruir certos estereótipos comumente dados aos escravos retratados na literatura e na história. Ao retratar personagens escravos, D'Aguiar considera que:

> Os estereótipos do escravo negro são fáceis de desmascarar. O que é difícil é como escrever um personagem totalmente circular e reconciliar essa personalidade com a desprezível instituição da escravidão. Como se sobrevive a uma vida de escravidão quando se tem um pouco de dignidade, discernimento, orgulho, ambição e uma capacidade de amar? Deve ter sido doloroso simplesmente acordar e

[65] It is an otherness of English that they are trying to register. I don't think it's bad English. But the metropolitan cultural centre or establishment is trying to exclude this Caribbean, creole otherness from what they consider to be correct or acceptable English. So this is a battle of cultural recognition and linguistic validation in which I am engaged.

[66] A black contribution, a black experience, a black perspective and a black aesthetic, the articulation of all these has Always been a part of literature by whites. But the marginality of blacks in these narratives only confirmed their presence to bolster the statute of whites. Blacks by their very presence or absence make whites look better.

> enfrentar outro dia como um escravo com tal consciência. No entanto, é a base da humanidade, um requisito mínimo. (FRÍAS, 2002, p. 419).[67]

D'Aguiar crê que seja a arte o meio para fazer com que a dor de ser escravo, ou de ter um passado associado ao escravismo não vire vergonha, mas fonte de força e orgulho, pois a arte pode recriar o passado da escravidão de forma não a mostrá-lo como derrota, mas como sobrevivência, sem alienação, como meios de mostrar o triunfo da memória, recriando uma história para substituir outras tantas vezes contadas por olhares racistas ou depreciativos: "Na ficção como na canção, a história continua tanto para trazer à vida um passado que de outra forma poderia permanecer perdido ou distorcido em vergonha, e para converter esse passado de dor em cura." (D'AGUIAR, 1997, p. 138).[68] E embora muitos questionem suas razões em escrever sobre a escravidão, acreditando que tais escritos são contraproducentes, na medida em que remexem num passado de dor e tristeza, D'Aguiar crê que o objetivo é fazer com que o leitor perceba de maneira mais próxima e intimista a escravidão, que ele rememore, junto com o personagem escravo, o que foi a escravidão e o que o escravo sentia, de modo que sinta empatia, que se engaje, que, afinal de contas, conheça a história. Tais sentimentos são criados também no escritor que se aventura nessa temática. Justifica tais opiniões com a analogia à fala de Faulkner, "o passado nunca é passado", em *Requiem for a Nun,* (1975), e afirma que os dilemas do passado não podem ser deixados de lado, pois os impactos do passado no presente são grandes e examiná-los pode levar à solução de tais dilemas.

A tentativa de matar a memória da escravidão, para D'Aguiar, não pode ser bem sucedida, pois cada nova obra de ficção sobre esse tema traz novas possibilidades de leitura e interpretação. É um tema relevante demais, pela dor trazida e pelos legados tão evidentes em nossa sociedade, como o racismo e as diferenças sociais entre brancos e negros: "Sem ficção, esta história continuaria a ser uma fonte de raiva e tristeza sem qualquer esperança ou capacidade de transcendê-los, exceto por meio da amnésia, que é

[67] The stereotypes of the black slave are easy to de-bunk. What's difficult is how to write a fully rounded character and reconcile that personality with the belittling institution of slavery. How do you survive a life of slavery if you have a shred of dignity, insight, pride, ambition and a capacity of love? It must have hurt to simply wake up and face another day as a slave with such a consciousness. Yet it is the basis for humanity, a minimum requirement.

[68] In fiction as in song, the story continues both to bring to life a past that might otherwise remain lost or distorted into shame, and to convert that past from pain to cure.

o fim da esperança." (D'AGUIAR, 1997, p. 143).[69] Dessa forma é que D'Aguiar continua a escrever obras com a temática da memória da escravidão que são relevantes no cenário mundial, na medida em que buscam dar voz aos escravos, aqueles esquecidos no processo de se oficializar memórias coletivas da escravidão.

[69] Without fiction, this history would remain a source of anger and grief without any hope or ability to transcend them, except through amnesia, which is the end of hope.

CAPÍTULO II

2. A MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO NARRATIVA

2.1 A MEMÓRIA DESDE TEMPOS REMOTOS

Minha memória é mais longa que o tempo.

(*The Longest Memory*, Fred D'Aguiar)

Estudar a memória é tarefa realizada desde tempos remotos. O "boom" dos estudos da memória, como analisa Susanne Pichler (2007), ocorrido a partir dos anos 1980, é resultado de séculos e séculos de análise da memória e sua relação com diversos campos de pesquisa. Isso se evidencia quando entendemos que Platão, (427-347 a.C.), já discutia o conceito de memória em seus diálogos, dando voz a Sócrates (470-399 a.C.), por exemplo, como se nota em seu *Fedro* e no *Teeteto*. Ainda antes de Platão discutir a relação da memória com a imagem, o conhecimento e o esquecimento, os sofistas já debatiam a importância da memória, e o poeta Simônides de Queos (556-468 a.C.) é considerado por muitos como o "criador" da memória como arte, compilando técnicas de memorização, como se verifica em obras de Cícero (106-43 a.C.) e Quintiliano (35-95 d.C.) acerca das faculdades memorativas desse poeta. Mais tarde, seguindo os passos de seu mestre, Aristóteles (384- 322 a.c.) também debateria a questão da memória, em seu *De Memoria et reminiscentia*, em que versa sobre as relações da memória com a reminiscência. (RICOEUR, 2007).

Ao discutir sobre a memória em seu *A memória, a história, o esquecimento*, Ricoeur (2007) entendeu que "[...] a filosofia socrática nos legou dois *topoi* rivais e complementares, um platônico, o outro aristotélico." (p. 27). Enquanto Platão entende a memória como a "representação presente de uma coisa ausente", Aristóteles a entende como a "representação de uma coisa anteriormente percebida". Ambos vão tratar da memória e sua relação com a imaginação, mas, enquanto Platão entende o tema da memória dentro do tema da imagem, e reflete sobre sua relação com a imaginação, Aristóteles inclui a problemática da imagem na lembrança. Ao descrever a diferença entre o modo como os dois debatem a memória, Rossi (2010) vai mais longe e acredita que:

> Em toda a tradição aristotélica, o tratamento da memória e da reminiscência (que é a passagem ao ato de lembrança em potencial) se liga principalmente ao mundo de fenômenos que vamos hoje reagrupar com o termo "psicofisiologia". Na tradição platônica, ao contrário, a memória se apresenta como uma forma de conhecimento ligada à doutrina misteriosa da reencarnação. (p. 16).

Ao analisar o *Fedro* de Platão, Gagnebin (1997) entende que Platão, nesse diálogo, adverte para a "banalização até a perversão da atividade do lembrar" (p.53) por meio da utilização de Sócrates dialogando com Fedro e explicando a ele as diferenças entre memória e recordação, entendendo que a criação da escrita seria o remédio não para a memória, mas para a recordação. No *Teeteto*, Platão cria a metáfora do bloco de cera, da seguinte forma: cada indivíduo teria um bloco maleável de cera em sua alma, o que seria um dom dado pela memória, mãe das Musas, nas palavras de Sócrates, e essa cera apresentaria qualidades distintas, de acordo com o indivíduo. Para Ricoeur (2007): "[...] a metáfora da cera conjuga as duas problemáticas, a da memória e a do esquecimento" (p. 28), pois, para Yates (2007) "Quando vemos, ouvimos ou pensamos em algo, submetemos essa cera às percepções e aos pensamentos e os imprimimos nela, assim como imprimimos com sinetes." (p. 57). Assim, nesse bloco de cera de nossa alma, imprimimos sentimentos e ideias que ouvimos ou vemos, e cada tipo de cera garante uma fixação diferente de tal memória, o que justifica o fato de memórias serem variáveis e certas sensações ou sentimentos serem esquecidos.

Aristóteles entende a memória de maneira um pouco diferenciada de seu mestre Platão. Em sua obra *De memoria et reminiscentia*, investiga a relação da memória com a reminiscência, compreendendo a memória como a representação de algo já sentido, entendido ou aprendido, por isso sua afirmação de que a memória é do passado, como entende Rossi (2010):

> Segundo Aristóteles, a memória precede cronologicamente a reminiscência e pertence à mesma parte da alma que a imaginação: é uma coleção ou seleção de imagens com o acréscimo de uma referência temporal. A reevocação não é algo passivo, mas a recuperação de um conhecimento ou sensação anteriormente experimentada. (p. 15-16).

Aristóteles distingue entre a memória propriamente dita, que nos ocorre espontaneamente, e a reminiscência, ou recordação, que seria um ato deliberativo,

característica única do ser humano, que se lembra voluntariamente, o que o diferencia dos animais, por exemplo, que possuem memória, mas não conseguem evocá-la deliberadamente. (RICOEUR, 2007). Ricoeur entende que para Aristóteles, a lembrança ocorra "sob o império do agente da impressão" (p. 37), enquanto a recordação ocorre com uma distância temporal. Obviamente, as concepções de Platão e Aristóteles acerca da memória foram bastante simplificadas aqui, pois o que se busca, ao evocar essas duas importantes vozes da filosofia, é contextualizar as discussões sobre a memória que deram origem aos conceitos que hoje conhecemos dentro da filosofia, sociologia, psicologia, história, literatura, etc.

Diversos autores, após as importantes considerações sobre a memória no mundo grego pós-socrático, fizeram contribuições ao estudo da memória. Dentre eles, é importante destacar autores retóricos latinos como Cícero e Quintiliano, que cultivaram e desenvolveram as técnicas da *ars memorativa*, chamadas de mnemotécnicas mais tarde, já iniciada com o poeta grego Simônides de Queos, que, após sobreviver a um terremoto, consegue dizer, de memória, o local que cada atleta ocupara no evento do qual participara, ajudando a identificar os mortos. Ele foi o responsável por fixar os princípios da memória artificial, a saber: "lembrança das *imagens*, necessária à memória, e o recurso a uma *organização*, uma *ordem*, essencial para uma boa memória." (LE GOFF, 1994, p. 440). A "arte" de memorizar foi amplamente cultivada ao longo dos séculos, e, na verdade, embora recebesse o nome de "arte", consistia em técnicas de memorização que usavam imagens associadas a lugares para que a memorização ficasse mais fácil, como explica Ricoeur (2007):

> Os preceitos dessa arte são de duas espécies: uns regem a seleção dos lugares, os outros as das imagens mentais das coisas de que queremos nos lembrar e que a arte atribui a lugares escolhidos. As imagens assim armazenadas são consideradas fáceis de evocar no momento oportuno, a ordem dos lugares preservando a ordem das coisas. (p. 76).

Essa seria uma memória artificial, na medida em que exigia técnicas, esforços mentais previamente calculados para que as tais imagens fossem associadas aos tais lugares e formassem uma lembrança. Essa memória "memorizada" foi muito utilizada pela retórica, pois ajudava na arte do bem falar. Um dos primeiros textos a tratar sobre o assunto foi a *Rhetorica ad Herennium*, de algum mestre anônimo em Roma, ainda antes do ano I (erroneamente atribuída a Cícero, por muitos anos). Depois, Cícero compôs sua

obra *De Oratore*, dividida em dois livros, descrevendo, dentre outros assuntos, técnicas de memorização, assim como, mais tarde, Quintiliano compôs os doze livros do *Institutio Oratoria* com técnicas similares, talvez mais aperfeiçoadas. De acordo com Le Goff (1994):

> Estes três textos desenvolvem a mnemotécnica grega, fixando a distinção entre lugares e imagens, precisando o caráter ativo dessas imagens no processo de rememoração (*imagines agentes*) e formalizando a divisão entre memória das coisas (*memoria rerum*) e memória das palavras (*memoria verborum*). (p. 441)

Mais tarde, um dos grandes seguidores da *ars memorativa*, como a entendeu Cícero e Quintiliano, foi Pietro di Ravenna (1448-1508), que publicou no tratado *Phoenix sive artificiosa memoria*, preceitos acerca de como associar lugares a imagens para melhor memorizar (ROSSI, 2010), baseado nos princípios dados por Simônides de Queos.

No início da era cristã, alguns religiosos cristãos dão continuidade à *ars memorativa* como método de memorização de textos bíblicos. Santo Agostinho (354-430), no livro X das *Confissões*, intitulado *De memoria*, foi um dos primeiros religiosos cristãos a tematizar a memória como um "armazém", conceito mais tarde retomado por Francis Bacon, (1561-1626) e, para Rossi, "O armazém, em todos os textos da *ars memorativa*, é apresentado como bastante ampliável. Em lugar das poucas coisas que ali conservamos, é possível, mediante a Arte, nele acumular uma quantidade imensa de noções." (p. 90). A ideia de uma memória ampliável, na visão de Agostinho, é salutar, pois que a memorização ajuda na recitação de textos bíblicos, que, por sua vez, ajudam em sua recordação, como crê Ricoeur (2007), ao analisar o modo como Santo Agostinho entende a memória: "Ademais, o ato de recitar é tido como suporte da análise da recordação. Mas guardaremos principalmente a exclamação: "Grande é o poder da memória!" É mesmo o poder exercido no ato de fazer memória que é o objetivo de toda a tradição da *ars memoriae*." (p. 77). Para Le Goff (1994), Agostinho é o responsável por deixar como legado ao mundo medieval cristão estudos aprofundados sobre a memória em sua relação com o cristianismo. Estudando as relações entre memória, tempo e história nas confissões de Santo Agostino, Gagnebin (1997) entende que, para ele, não seria possível falar em termos espaciais da memória, pois há uma dimensão

infinita da memória, o que teria provocado, inclusive, susto no próprio Marcel Proust quando da escritura de *Em busca tempo perdido* (1913-1927):

> No Livro X das *Confissões,* no qual Agostinho reconhecia que era impossível falar em termos espaciais da memória, pois nenhuma metáfora (grandes "Campos", "Antros e Cavernas sem número", "Vastos Palácios", "Grande Receptáculo" da memória etc.) consegue dar conta das imagens que a memória "encerra" "dentro" de si. Essa "dimensão" infinita da memória provoca em Agostinho, como mais tarde em Proust, uma reação de admiração e de susto, quase de medo. Mesmo que não se pense nas idéias inatas oriundas de Deus e sempre presentes "em" nossa memória, também quando não o percebemos, mesmo que se pense somente na memória profana, oriunda das sensações e do aprendizado humanos, a profusão de imagens que nos invade, às vezes à nossa revelia (cf. a bela análise das imagens que "irrompem aos turbilhões" contra nossa vontade, X, 8, 12), exige o abandono da descrição da atividade espiritual do lembrar em termos espaciais. (p. 72-73)

Ao longo do período medieval, os escolásticos cultivaram a *ars memorativa*, tendo em São Tomás de Aquino (1225-1274) seu maior representante. Os pensamentos platônico e aristotélico são cultuados pela escolástica e São Tomás de Aquino irá discutir ambos, mesclando as ideias do fervor religioso cristão à mnemotécnica, de modo que a memória tenha se tornado uma parte da retórica, sendo a *ars memorativa* o meio de se alcançar o saber, conhecer as escrituras, saber usá-las para melhor viver, de acordo com os preceitos cristãos. (RICOEUR, 2007). Ricoeur elenca a *Secunda Secundae* da *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino como "o documento maior dessa instrução de razão e de fé da qual a *ars memoriae* se tornou a depositária e o *organon*." (p. 78).

A *ars memorativa* continuou sendo cultuada na Idade Média e no início da Era Moderna. Em relação à Idade Média, Le Goff (1994) acredita que o início do uso efetivo da escrita (por clérigos e literatos) cria certo "equilíbrio entre memória oral e memória escrita, intensificando-se o recurso ao escrito como suporte da memória." (p. 450). Acrescente-se a isso o desenvolvimento das cidades e o uso dos arquivos urbanos, e a memória começa a ser de domínio da escrita, tanto quanto da oralidade, o que permite maior registro das memórias coletivas, o que veremos adiante. Porém, ainda é a *ars memorativa* e o "saber de cor" as técnicas mais importantes para as universidades com sistema escolástico de então. Desse período, Petrarca (1304-1374) teria sido um dos nomes mais famosos a fazer constantes referências à mnemotécnica, mencionando

um amigo que tinha uma memória inesgotável, sendo capaz de memorizar todo seu discurso e perceber quando Petrarca mudava uma frase: “Se, à distância de muitos anos, Petrarca menciona frases já pronunciadas, o amigo percebe se ele mudar uma só palavra.” (ROSSI, 2010, p. 44). Parece funcionar assim a prodigiosa memória do personagem Funes, do conto “Funes, o memorioso”, de Jorge Luis Borges (2007). Funes, confinado a uma cama após um acidente no qual bate a cabeça com força, adquire a incrível capacidade de tudo lembrar-se. Porém, sua memória não parece levá-lo à reflexão, como observa o narrador do conto, pois Funes é apenas capaz de memorizar e recitar tudo o que lê. Funes não reflete sobre o que memoriza, apenas repete vezes sem fim, no que parece uma crítica justamente a essa capacidade de memorizar, sem que haja reflexão. Porém, para Funes, a experiência parece ainda mais desagradável, na medida em que, mesmo tentando esquecer, não consegue. Tudo aquilo que presencia ou aprende, é lembrado incessantemente, reduzindo sua vida a situações previsíveis e repetitivas, sem que a surpresa da novidade lhe seja possível. Pior do que rememorar sem reflexão, para Funes, a impossibilidade do inaudito faz com que sua vida seja uma eterna repetição, sem que o novo se lhe apresente.

A partir da Idade Moderna, talvez seja Giordano Bruno (1548-1600), teólogo e frade dominicano, o grande autor a elevar a arte mnemotécnica à uma ideia de mágica e ocultismo. (RICOEUR, 2007). Para Giordano Bruno, a *ars memorativa* deveria ser utilizada como apoio à memória natural e deveria ser acessível a todos, que, por meio dela, poderiam obter mais conhecimento interior e entender os segredos ocultos do mundo, como entende Ricoeur (2007):

> A arte em questão tornou-se arte mágica, arte oculta. Preside a essa metamorfose a concepção, apresentada como uma revelação, como a quebra de um segredo, de um sistema de correspondências entre os astros e o mundo inferior. A arte consiste em colocar, sobre os círculos concêntricos de uma “roda” - a “roda da memória” -, segundo o princípio de uma correspondência termo a termo, a posição dos astros, a tábua das virtudes, a coletânea das imagens expressivas da vida, as listas de conceitos, a série de figuras humanas heroicas ou santas, todas as imagens arquetípicas concebíveis, enfim, tudo o que pode ser enumerado, posto em ordem de sistema. O que é então confiado à memória, é um poder divino, aquele que confere o domínio absoluto de uma arte combinatória entre a ordem dos astros e a terra. Trata-se ainda de “colocar” as imagens em lugares, mas esses lugares são os astros e essas imagens, as “sombras” (o primeiro livro sobre a memória publicado por G. Bruno intitula-se *De umbris idearum*, 1582), em que consistem os objetos e os acontecimentos do mundo inferior. Essa verdadeira “alquimia” da imaginação, como diz Frances

> Yates (*The Art of Memory*, p. 220), preside a uma mnemotécnica mágica que confere a quem possui um poder sem limites. (p. 79).

Obviamente, com tais postulados (e outros considerados de natureza herética pela Igreja Católica), Giordano Bruno tenha sido condenado a morrer na fogueira. Giordano Bruno seguiu na esteira de Raimundo Lúlio (1232-1316), filósofo e escritor espanhol que compôs vários tratados acerca da memória, reforçando as ideias sobre a memória e suas relações com os astros, a metafísica e a cabala. (LE GOF, 1994).

A *ars memorativa*, para Rossi (2010) foi cultivada como técnica "separada" até o início do século XVIII, com o matemático e filósofo alemão Gottfried Wilhelm Von Leibniz (1646-1716), que tentou unir a *ars memorativa* ao estilo de Lúlio à ciência moderna, fazendo o que Le Goff (1994) chama de "matematização da linguagem" (p. 460), chamada de *ars combinatória*. Contudo, conforme Ricoeur (2007), não se pode explicar a decadência da *ars memorativa* apenas com o argumento de que: "[...] a história das ideias não deu continuidade a essa cultura obstinada da memória [...]." (p. 80). Ao teorizar sobre o método, Bacon e Descartes inauguram uma nova fase no debate sobre a memória, pois acretidavam que a *ars memorativa* como "recusa exagerada do esquecimento", (RICOEUR, p. 80), exagerava os feitos da memória artificial, resultando no que Ricoeur chama de "abusos" da memória manipulada por uma ideologia, retomando a obra de Tzvetan Todorov,[1] na qual discute sobre os regimes totalitários e suas tentativas de controlar ou suprimir a memória. Na visão de Ricoeur, porém, deve-se evitar os "rudes golpes" como os dados por Rousseau (1712-1778) contra a cultura da memória, bem como os excessos de louvor de Giordano Bruno:

> Ao abuso por excesso com G. Bruno corresponde um abuso por falta com J. J. Rousseau. É verdade que não é a mesma memória que é celebrada por um e rebaixada por outro. O excesso do primeiro afeta a memória artificiosa, o abuso por falta do outro prejudica a memória natural que, também ela, reclama o que lhe é devido. Voltam-nos, então, à mente, para além do uso escolar da memorização, as proezas respeitáveis da memória profissional, a dos médicos, dos juízes, dos professores, etc, e a dos artistas da dança, do teatro, da música. A bem da verdade, nunca nos livramos da memorização. (p. 82).

[1] TZVETAN, Todorov. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Paidós, 2000.

Em suma, a *ars memorativ*a nunca desaparece por completo, pois suas técnicas são importantes para diversos campos do saber, mas, conforme Rossi (2010): “Depois de Rousseau, vão emergir com força cada vez maior outros temas que contribuirão para fazer que pareça sem sentido a antiga empresa de uma *ars memorandi*. Esta, despojada de qualquer pretensão filosófica, vai se configurar como pura técnica para a memorização, vai se tornar, como tal, irrelevante para a cultura.” (p. 96). Analisando o processo e aparecimento, auge e decadência da *ars memorativa*, Rossi (2010) defende que:

> Uma das razões de seu desaparecimento se encontra também no fato de que a estima ou consideração pela memória declinou pouco a pouco. Em boa parte por razões objetivas: rubricas, horários, fichários, guias, dicionários, enciclopédias em ordem alfabética, manuais de todo gênero, excessos de papel, e, mais tarde, bancos de dados, computadores, conexões entre computadores e bancos de dados tornaram supérflua e inútil a arte da memória. Tendo estado presente na cultura desde Simônides de Ceos até Leibniz, ela sobrevive, como uma espécie de fóssil inútil, nas páginas publicitárias da imprensa e nos cada dia mais raros cartazes de espetáculos que se referem a mnemonistas. Não só a “memória” como “artificial” deixou de fazer parte da cultura, mas, diversamente do que acontecia no tempo de Hume, passou da indiferença ao desprezo: teorizou-se explicitamente, na segunda metade do século XX, a contraposição entre memória e cultura e o caráter deletério, danoso e repressivo de toda e qualquer forma de aprendizagem mnemônica. (p. 66).

Apesar de não ser mais cultuada como “arte”, é coerente dizer que a memorização tenha excelentes funções, sendo utilizada em diversos campos do saber, embora, na defesa de Ricoeur, deva ter um uso comedido, pois essa memória artificial não é suficiente para entender, por exemplo, como se dá o esquecimento e qual a sua relação com a memória, nem mesmo as lembranças involuntárias tratadas por Proust. Ao longo dos séculos XVIII e XIX a temática da memória vai adquirir diferentes contornos. O filósofo iluminista escocês David Hume (1711-1776), por exemplo, vai discorrer e lamentar a decadência do culto à memória, pois que ela seria um meio para que o homem descobrisse sua identidade pessoal. Um pouco crítico ao Iluminismo, o filósofo Giambattista Vico (1668-1744), durante o século XVIII, ao estudar a História de modo científico, vai discutir o modo como a memória se relaciona com a fantasia, chegando mesmo a considerar ambas como uma coisa só, na medida em que os homens, em idades antigas, antes do pensamento racional, pensavam por imagens e metáforas. (ROSSI, 2010). O século XIX verá dois grandes nomes da filosofia a também teorizar

os aspectos da memória: Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês, e Edmundo Husserl (1859-1938), filósofo e matemático alemão. O primeiro, em sua obra *Matéria e memória*, de 1899, faz a distinção entre memória que é hábito e a memória que é lembrança:

> *I. O passado sobrevive sob duas formas distintas: 1) em mecanismos motores; 2) em lembranças independentes.*
> Com isso, a operação prática e consequentemente ordinária da memória, a utilização da experiência passada para a ação presente, o reconhecimento, enfim, deve realizar-se de duas maneiras. Ora se fará na própria ação, e pelo funcionamento completamente automático do mecanismo apropriado às circunstâncias; ora implicará um trabalho do espírito, que irá buscar no passado, para dirigi-las ao presente, as representações mais capazes de se inserirem na situação atual. (BERGSON, 2010, p. 84).

Bergson crê que a primeira forma de lembrar o passado é por meio dessa memória hábito, que repete o passado; a segunda seria a memória lembrança, que imagina o passado. Ele cita o exemplo de uma lição aprendida, para diferenciar estes dois tipos de memória: a memória hábito seria aquela usada quando recitamos a lição de cor; já a memória lembrança seria aquela que usamos para lembrar de certa fase da aprendizagem da lição, sendo uma representação, não uma ação. Para Ricoeur (2007), Bergson escreve um texto brilhante, no qual "expõe o problema mais amplo da relação entre ação e representação, da qual o capítulo da memorização é apenas um aspecto" (p. 44). A partir do século XIX, a ideia de memorização como apenas um pequeno aspecto da complexidade que é a memória vai se firmar entre os filósofos e outros teóricos da memória.

Edmund Husserl, considerado o fundador da escola fenomenológica, ainda no século XIX, faz a distinção entre imagem e lembrança, aproximando-se de Santo Agostinho, na medida em que vincula interioridade, memória e tempo (Ricoeur, 2007). O século XX, em especial, verá nascer intensas discussões acerca da memória em áreas como a psicologia, a neurologia, a linguística, a filosofia, a sociologia, a história, a literatura, dentre outras. Sigmund Freud (1856-1939) talvez seja o maior nome no campo da psicanálise a tratar do tema da memória em suas relações com o inconsciente, os sonhos e os traumas. Em relação aos sonhos, Freud acredita que o modo como a memória aparecia nos sonhos poderia servir de ajuda para a teoria da memória. (LE GOFF, 1994). Ao falar do "bloco mágico", já em 1925, é perceptível que Freud

distingue dois tipos de memória: uma simbólica, que parece consistir em rememorações de fatos, mas pode ser esquecida; e outra que fica no inconsciente e só pode ser ativada mediante processos psíquicos. É notável que o tema da memória, embora não seja basilar em Freud, tenha perpassado toda a teoria freudiana da psicanálise, havendo mesmo, ao longo do tempo, modificações sobre como o autor via a memória e suas manifestações no inconsciente, suas distorções, as fantasias, a amnésia. (RICOEUR, 2007). Porém, dado o fato de a obra de Freud ser voltada para a psicanálise, com pressupostos firmemente calcados nas memórias dos traumas infantis, este trabalho não se deterá mais nisso. Para este trabalho, importa a discussão em termos sociológicos das memórias individuais, coletivas e históricas, nos termos do sociólogo Maurice Halbwachs.

2.2 MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS

Em 1950, a obra *A memória coletiva*, de Maurice Halbwachs (1877-1945), foi publicada. O termo "memória coletiva" foi cunhado nesse livro, que traz discussões acerca das memórias individuais, coletivas e históricas (as que mais nos interessam nesse trabalho), além de estudos sobre as relações da memória coletiva com o tempo, o espaço. O interesse do francês Halbwachs pela memória começou quando ainda era estudante e travou contato com Henri Bergson e se aprofundou quanto mais se aproximou da sociologia e de Émile Durkheim. Em 1925, publica *Os contextos sociais da memória*, no qual esboça grande parte das ideias que seriam mais desenvolvidas em *A memória coletiva*, livro que não foi publicado em vida por ter o autor sido morto no campo de concentração de Buchenwald em 1945, por ser, desde muito tempo, adepto do socialismo (ALEXANDRE, 2006). Por ter sido publicada postumamente, a obra possui alguns trechos em que as notas bibliográficas não estão claras, como esclarece a tradutora Beatriz Sidou. Porém, a ideia base, a da memória coletiva, encontra-se bastante explicada e aprofundada e é dela que nos valemos nesse trabalho para entender como se diferenciam e se relacionam as memórias individuais, coletivas e históricas.

Ao suscitar a discussão acerca das memórias individuais, Halbwachs (2006) entende que as memórias individuais existem sim, mas são sempre alimentadas pelo social, visto sermos seres sociais. Assim, por mais que se acredite que uma memória seja apenas individual, ela recebe alguma influência do contexto no qual o sujeito se

insere. A memória individual poderia ser entendida como uma espécie de ponto de convergência ou de articulação das variadas influências sociais que recebemos ao longo da vida. Para reforçar essa tese, Halbwachs cita o fato de que recorremos a testemunhos para completar as lacunas de certas lembranças, sendo que o primeiro testemunho é o nosso, mas que, quando este é acrescido do testemunho de outros, nossa confiabilidade em tal lembrança se fortalece: "[...] como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas." (p. 29). Para Halbwachs (2006) embora alguns fatos tenham sido vividos apenas por nós, sua lembrança será sempre coletiva, pois nunca estamos sozinhos de fato:

> Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (p. 30)

O exemplo do autor é seu passeio por Londres no qual, em aparência, está sozinho, mas no íntimo carrega conhecimentos, sensações e impressões vindas da exterioridade, do seu contato com o mundo social:

> Suponhamos que eu passeie sozinho. Será que se poderá dizer que deste passeio guardarei apenas lembranças individuais, só minhas? Contudo, apenas em aparência passeei sozinho. Passando diante de Westminster, pensei no que me havia dito meu amigo historiador (ou, o que dá no mesmo, no que li sobre a abadia em alguma história). Ao atravessar uma ponte, pensei no efeito de perspectiva que meu amigo pintor apontara (ou que havia chamado minha atenção em um quadro, em alguma gravura). Eu me guiava referindo-me em pensamento ao mapa. A primeira vez que estive em Londres, diante de Saint-Paul ou da Mansion House - a residência do prefeito, no Strand ou pelos arredores do Tribunal da Justiça, muitas impressões me faziam lembrar os romances de Dickens lidos na infância: eu passeava pela cidade com Dickens. Em todos esses momentos, em todas essas circunstâncias, não posso dizer que estivesse sozinho, que estivesse refletindo sozinho, pois em pensamento eu me situava neste ou naquele grupo, o que eu compunha com o arquiteto e com as pessoas a quem ele servia de intérprete junto a mim, ou com o pintor (e seu grupo), como o geômetra que desenhou o mapa, com um romancista. (p. 31)

Na visão de Halbwachs, essas memórias que parecem ser individuais, que pensamos ser vividas e sentidas apenas por nós, na verdade se apoiam na coletividade e

formam lembranças comuns. Ao nos apoiarmos nos testemunhos de outros que também passearam por Londres, por exemplo, tais testemunhos ajudam a formar nossa memória, sendo, assim, memórias coletivas, de pertencimento de tais e tais grupos, não meramente individuais. O autor afirma ainda que, muitas vezes, precisamos nos apoiar na memória de outros testemunhos para "rearranjar" nossa memória sobre tal fato, que pode ser falha e nem sempre conseguir reconstituir, sozinha, uma imagem do passado. Assim é que ao fazer parte de um grupo, temos lembranças em comum que, embora não sejam as mesmas, se completam. É o que ocorre no romance de Milton Hatoum, *Relato de um certo Oriente*, publicado em 1989. Nele, a narradora, que é anônima, retorna à cidade de Manaus, onde vive sua família de origem libanesa, e conta as memórias da família ao irmão que vive na Espanha, a pedido deste. Cada capítulo tem a voz narrativa de um membro da família, o que tinge o romance com cores polifônicas. Cada membro conta trechos diferentes da memória coletiva da vida familiar. Os detalhes da infância da narradora e de seu irmão vão sendo contados pela mãe adotiva, pelo tio, por um amigo da família, por uma antiga empregada. Através das memórias de todos esses personagens, a narradora consegue reconstruir a memória coletiva de sua família e a rememora para o irmão.

Mas, por vezes, o mero testemunho de um fato pode não bastar para que este se fixe como uma lembrança. O exemplo dado por Halbwachs sobre o professor e suas turmas é salutar: um aluno, muito provavelmente, terá lembranças de um determinado professor, pois que este marca a turma de alguma forma, por ser único. O mesmo, porém, não ocorre com o professor, que, ano após ano, ministra a mesma disciplina em muitas turmas. A memória dos dois grupos nunca será a mesma, mas podem se completar. Talvez como o testemunho dos alunos, o professor possa se lembrar de fatos ocorridos junto àquela turma. Neste caso:

> Essas imagens talvez não reproduzam muito exatamente o passado, o elemento ou a parcela de lembrança que antes havia em nosso espírito talvez seja uma expressão mais exata do fato- a algumas lembranças reais se junta uma compacta massa de lembranças fictícias. Inversamente, pode acontecer que os testemunhos dos outros sejam os únicos exatos, que eles corrijam e rearranjem a nossa lembrança e ao mesmo tempo se incorporem a ela. (p. 32)

Halbwachs (2006) adverte ainda para o fato de que se mesmo com a descrição de testemunhas não conseguimos reconstruir a cena, se ela não deixou traços em nossa memória, ela nunca se constituirá uma lembrança. Para ele, isso ocorre, por que:

> Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. (p. 39).

Assim, no contexto da escravidão, talvez o feitor não se lembre dos açoitamentos cruéis que realizou, mesmo quando tais lhe são relatados, mas teria a lembrança, por exemplo, de uma morte por ele provocada por açoitamento caso perdesse seu posto por essa razão ou fosse punido de alguma forma, com um rebaixamento de cargo na *plantation*, por exemplo. Haveria, nesse caso, um "ponto de contato" entre as lembranças dos escravos que presenciaram a tal morte e a lembrança do feitor, que teria os rumos de sua vida modificados após o assassinato. Se, ao contrário, o feitor não cometesse tal crime, se fosse um feitor que pouco castigasse, se fosse distante e frio com os escravos, e fosse, por espontânea vontade, trabalhar em outra fazenda, as memórias coletivas que compreendiam esse grande grupo, do feitor e dos escravos, desapareciam pela falta de contato entre seus membros. Assim é que o romance aqui analisado, *The Longest Memory*, pode ser exemplificador de como uma tal memória seria representada. O feitor, Sanders pai, havia estuprado a cozinheira, esposa de Whitechapel. Este aceitara casar-se com ela e assumir a criança, fruto do estupro. A pedido do dono da fazenda, todos juraram manter segredo sobre o assunto. Aos poucos, cada um dos envolvidos na história morre: primeiro o feitor, depois a cozinheira, o menino e, por fim, Whitechapel. Como os membros envolvidos no acontecimento e que possuíam a memória coletiva dele nunca repassam aos outros tais memórias, ela se perde, sem que os demais escravos saibam que o filho de Whitechapel morrera pelas mãos de seu próprio meio-irmão, o jovem feitor Sanders Filho. Enquanto Whitechapel ainda estava vivo, esta era uma preocupação para o dono da fazenda: "A longevidade e a memória viva de Whitechapel asseguram isso." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 38).[2] Sem a memória sobre o estupro da cozinheira, os demais escravos não compreendem por que Whitechapel esperava que o feitor Sanders Filho, meio irmão de

[2] Whitechapel's longevity and living memory ensures that. (*T.L.M.*, 1996, p. 34-35).

seu filho, o poupasse do castigo mais duro, que eram as 200 chibatadas. Como tal memória não é partilhada, a ideia que fica aos escravos é de um pai delatando o próprio filho por ser mais fiel ao seu dono do que ao rapaz.

Entendemos que o conceito de memória individual, para Halbwachs, é, na verdade, a ideia de que as memórias individuais são formadas com base na memória coletiva. Portanto, mesmo as lembranças de fatos ocorridos sem testemunhas materiais constituem-se como lembranças coletivas, pois as impressões em nós produzidas são, sempre, influenciadas por certas ideias e opiniões e ideologias a nós trazidas em momentos prévios. Entretanto, o sociólogo levanta a discussão acerca da possibilidade de haver memórias que sejam puramente nossas, realmente individuais e pergunta-se se não há lembranças:

> [...] que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo, porque o acontecimento que elas reproduzem foi percebido por nós num momento em que estávamos sozinhos (não em aparência, mas realmente sós), cuja imagem não esteja no pensamento de nenhum conjunto de indivíduos, algo que recordaremos (espontaneamente, por nós) nos situando em um ponto de vista que somente pode ser o nosso? (2006, p. 42)

Ele não acredita ser isso possível, pois embora algumas lembranças pareçam constituir-se como individuais na medida em que afigurem abranger sensações só nossas, sentimentos experimentados apenas por nós diante de certos fatos, nelas estão misturadas imagens que nos ligam a outras pessoas ou grupos que nos cercavam. O autor exemplifica ao dizer que "Não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social." (HALBWACHS, p. 43). Não possuímos memórias da primeira infância, pois não éramos seres que interagíamos socialmente com consciência, por isso elas nos são dadas por outros. Assim, embora uma pessoa pense se lembrar de memórias de quando tinha dois anos de idade, por exemplo, a verdade é que essas memórias são de outras pessoas, de seus pais, provavelmente, e tantas vezes contadas que tem-se a impressão de que as lembramos de fato. A teoria de Halbwachs foi mais tarde estudada por especialistas da memória, como psicólogos e psiquiatras e chamada de amnésia infantil. Sobre as lembranças que pensamos ter de vivências de nossa primeira infância, o psicólogo Martin Conway, após experimentos, concluiu que:

> O psicólogo diz que há até mesmo quem diga se lembrar de seu nascimento. Mas ele esclarece que isso não é possível.
> "Uma pessoa pode se lembrar de fragmentos da infância porque sua mãe disse algo como: 'Não se lembra que eu te levava para passear em um carrinho grande e verde?'. E a pessoa 'lembra' disso", diz Conway.
> "Mas o que ocorre é que a pessoa cria uma imagem mental do carrinho, e, aos poucos, isso se transforma em algo que você experimenta como uma memória, baseado no que a mãe disse e algum outro fragmento de memória."
> São as chamadas "memórias fictícias". No entanto, Conway esclarece que "não podemos ter certeza de que essas memórias sejam falsas: não podemos descartar casos excepcionais. Mas, no geral, a probabilidade é muito alta de que não sejam verdadeiras".[3]

Em seu *A memória, a história, o esquecimento*, Paul Ricoeur também dedica parte do livro à discussão sobre o que chama de memória pessoal e memória coletiva. Já na introdução desse capítulo, o autor questiona se a memória seria primordialmente pessoal ou coletiva e tenta responder a isso, situando Santo Agostinho, John Locke e Hurssel como autores que discutiram a memória pelo "olhar interior", num viés mais fenomenológico, ao lado de Maurice Halbwachs, o autor que tratou a memória pelo "olhar exterior", mais sociológico. A opinião de Ricoeur é que nem a "radicalização subjetivista" da fenomenologia, nem o seu oposto, a asserção da "realidade indubitável" dos fenômenos sociais resolvem a discussão acerca das memórias pessoais e coletivas:

> É nessa situação altamente polêmica, que opõe a uma tradição antiga de reflexividade uma tradição mais recente de objetividade, que memória individual e memória coletiva são postas em posição de rivalidade. Contudo, elas não se opõem no mesmo plano, mas em universos de discursos que se tornaram alheios um ao outro. (2007, p. 106).

Para resolver esse embate, o autor propõe que sejam examinadas as "pontes" entre esses dois discursos, de modo que ambos possam ser entendidos e complementados. Sobre a tese de Halbwachs, Ricoeur (2007) acredita que ela faça uma "denúncia de uma atribuição ilusória da lembrança a nós mesmos, quando pretendemos ser seus possuidores originários". (p. 132). Aqui é que entra a crítica de Ricoeur, que questiona se Halbwachs não estaria confundindo "A tese do "nunca nos lembramos

[3] POR QUE NÃO CONSEGUIMOS NOS LEMBRAR DE NOSSOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA? Do programa 'Os Curiosos Casos de Rutherford e Fry'. Radio 4 da BBC. Disponível em http://www.bbc.com/portuguese/geral-39477636 Acesso em 05 abr 2017.

sozinhos" da tese do "não somos um sujeito autêntico de atribuição de lembranças"? (p. 132). Ricoeur pondera que o fato de podermos nos recolocar dentro de um grupo, nos deslocarmos de grupo em grupo e de adotarmos o ponto de vista deste ou daquele grupo demonstraria a espontaneidade de nossas lembranças. Ele usará contra Halbwachs seus próprios exemplos, afirmando que o autor, ao partir de lembranças individuais, deixa aberta a possibilidade de seu texto voltar-se contra si, na medida em que a afirmação de Halbwachs de que "cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes." (2006, p. 69) nos levaria a entender que as lembranças se voltam a nós "num presente de iniciativa", o que faria de nós "sujeitos atuantes". (RICOEUR, 2007, p. 134). O fato de Halbwachs ter questionado a possibilidade de haver memórias individuais, no que ele chama de "intuição sensível", levou muitos críticos a entenderem que o autor se contradizia. Porém, lendo a obra completa de Halbwachs, percebe-se que a ideia da "intuição sensível" é apenas uma hipótese levantada pelo autor, visto que diversos outros autores apoiavam essa ideia, mas refutada por ele mesmo nas páginas seguintes, pois afirma que, embora sejam os indivíduos que se lembrem, são indivíduos dentro de um determinado grupo, as lembranças são comuns, apenas aparecem de modo diferenciado em intensidade a cada indivíduo. Não temos uma visão global do passado, mas fragmentada, pois ela varia conforme variam os grupos sociais aos quais se ligam as memórias. Halbwachs, mais adiante em seu livro, explica a ilusão que temos ao pensar na "intuição sensível" como uma memória individual:

> Quando a *intuição sensível* – e todos os elementos de pensamento e sensação que a ela se associam - ocorre pela primeira vez, diríamos que ela se explicava muito bem pelo ambiente e ao mesmo tempo por nosso organismo que estava em contato com ele. Em todo caso, ela se destacaria do ambiente assim que se transformasse em imagem. A partir de então não haveria mais motivo para procurar fora as causas de seu reaparecimento, a unidade interna da consciência estabeleceria a coesão das lembranças. No entanto, essa unidade não depende do mundo exterior e dos ambientes que atravessamos. Não contestamos o fato de que, ao nos referirmos aos dados do que é chamado de *observação interior*, é exatamente assim que tudo parece acontecer; mas aqui somos vítimas de uma ilusão bastante natural. Já dissemos que enquanto sofremos docilmente a influência de um meio social, não a sentimos. Ao contrário, ela se manifesta quando em nós um ambiente é cotejado com o outro. Quando muitas correntes sociais se cruzam e se chocam em nossa consciência, surgem esses estados que chamamos de intuições sensíveis e que tomam a forma de estados

> individuais porque não estão ligados inteiramente a um e a outro ambiente, e então os relacionamos a nós mesmos. (p. 58)

Assim, retomamos os exemplos dos escravos: o marido que teve a esposa morta nas mãos do feitor se lembrará do fato com muito mais intensidade que o próprio feitor; o que os demais escravos lembrarão acerca desse fato será tingido por mais cores do que o que os escravos de outras fazendas vizinhas contarão. Isso se dá, não pelo fato de as memórias serem puramente individuais, mas pelo fato de que cada sujeito reage diferentemente a certos fatos e assim os rememora através de suas impressões, tem sensações particulares a cada lembrança, e que nossa consciência individual seria apenas o "aparelho registrador" (HALBWACHS, 2006, p. 69) dessas lembranças: "A sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos, ou seja, em definitivo, pelas transformações desses ambientes, cada um tomado em separado, e em seu conjunto. (p. 69)". É o indivíduo quem lembra e a "intuição sensível" diz respeito às particularidades de como sente tal memória, mas o sujeito é apenas um dos instrumentos da memória coletiva de um grupo. Neste caso, o romance *The Longest Memory* pode ilustrar muito bem essa ideia, pois o escravo Whitechapel, que vira seu filho ser açoitado brutalmente e morrer em decorrência disso, irá rememorar o fato com imensa tristeza e culpa:

> A chibata o devorava, mas, como todo glutão que se empanturra, mordia e mastigava sem engolir, simplesmente mordia e mastigava mais um pouco, até ter a boca tão cheia que a comida vazava pelos cantos, para dar lugar a mais. A chibata comeu-lhe as carnes até a contagem chegar a duzentos. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 13).[4]

Ao rememorar a morte do filho, Whitechapel se lembra da chibata a comer-lhe as carnes, da incrível crueldade aplicada contra seu filho, mesmo quando o dono da fazenda prometera poupá-lo. Sua memória é recheada de culpa, por tê-lo delatado, e de dor, por perder seu único filho. Porém, os demais escravos se lembrarão da morte do rapaz de outra maneira: com indignação, pois acreditam que o responsável fora seu próprio pai. Sem partilhar das memórias coletivas que envolviam a concepção forçada do rapaz, a memória deles é marcada pela raiva e pelo desprezo por Whitechapel, como

[4] The whip ate into him, but like all gluttons who have gorged themselves to their fill, it bit and chewed some more, until its mouth was so full that food seeped out its corners to make room for more. The whip fed on him until the count reached two hundred. (*T.L.M.*, 1996, p. 5-6).

se evidencia a memória da bisneta: “Tinha visto e sentido o resultado dos seus atos. Um de nós estava ausente por sua culpa.” (*A.M.R.L.*, 1997, p. 130)[5].

Halbwachs argumenta ainda que muitas lembranças se ligam ao espaço em que ocorrem: “[...] o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa”. (p. 159). Cita o caso de famílias vizinhas que compartilharam muita coisa ao longo da vida, que conseguem partilhar das memórias do espaço onde viviam, mas que, quando um membro se muda e fica distante, as memórias daquele tempo e local só são ativadas mais claramente quando este retorna àquele espaço: “É ao espaço [...] que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça.” (p.170). Assim, mesmo que o escravo se lembre, por exemplo, do navio no qual viera de África, a visão em si do navio traria muito mais lembranças, pois ao sair dele e se separar dos companheiros de tortura, os pontos de contato dessas memórias vão se perdendo e a falta do espaço onde tais fatos ocorreram vai aos poucos, também, se perdendo. Analogicamente, podemos entender que no romance *Feeding the Ghosts*, a escrava Mintah se recuse a ver o mar até o fim da vida, pois a visão dele reavivava as memórias traumáticas do que lhe acontecera no *Zong*, de como fora jogada ao mar, para morrer e de como tantos outros escravos nele morreram, sem que ela os pudesse ajudar. Ela evita, pelo resto de sua vida, olhar para o mar, embora sua presença seja sentida e rememorada: “O mar que nunca esteve muito longe, me obscurecendo, me cercava.” (*F.T.G.*, 1999, p. 207-208).[6]

Ainda sobre tais peculiaridades das memórias que são sempre coletivas de alguma maneira, Halbwachs acredita que, mesmo estando junto a um grupo, vivendo com ele certas experiências, podemos ter nosso espírito tomado por outras inquietações, outras ideias, por isso, ao recordar a tais experiências com esse grupo, as minhas lembranças não serão iguais às de seus membros. Dentro do grupo, acabamos por inserir outras pessoas, pois que neles pensamos e recordamos enquanto os membros deste primeiro grupo, obviamente, não se dão conta disso:

> Assim, pessoas a quem eu amava, que tinham os mesmos interesses que eu, toda uma comunidade estreitamente ligada a mim era introduzida sem o saber em determinado ambiente, misturada a acontecimentos, associada a paisagens que lhes eram totalmente estranhas ou indiferentes. (2006, p. 50)

[5] From that day I could do nothing for him. I smiled. I called him names but I could do nothing for him. I had seen and felt the result of his actions. One of us was absent because of him. (*T.L.M.*, 1996, p. 127).
[6] The sea that was never very far, shadowing me, would surround me.

A essas memórias, Halbwachs chama de “memórias de segundo plano”, aquelas que englobam poucos membros do grupo, ou apenas um membro, enquanto as memórias que englobam mais membros são as memórias de primeiro plano. A diferença entre elas se dá no fato de que as primeiras se mantêm por menos tempo, pois que são partilhadas por menos pessoas. Assim, para Halbwachs, as lembranças que se “perdem” com mais facilidade seriam essas de segundo plano, em que poucos membros de um grupo ou apenas nós mesmos nos lembramos, pois, quando não podemos nos apoiar nas lembranças de outros testemunhos, há certa incomunicabilidade, e essas lembranças tendem a desaparecer.

Outro fator apontado por Halbwachs na “ilusão” de que alguma memória seja individual, se dá pelo fato de, muitas vezes, acreditarmos que um sentimento ou emoção parte de nós, quando, de fato, “não percebemos que somos apenas um eco.” (p. 64). As influências que recebemos da sociedade onde vivemos, geralmente, não são notadas conscientemente por nós e, nesse sentido, nossas lembranças também sofrem esse tipo de influência, de tal modo que

> [...] os fatos e ideias que mais facilmente recordamos são do terreno comum, pelo menos para um ou alguns ambientes. Essas lembranças existem para “todo o mundo” nesta medida e é porque podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-las a qualquer momento e quando o desejamos. (p. 66-67)

É grande a influência que sofremos do pensamento coletivo, mas, sem identificá-las, preferimos creditar a nós mesmos tais ideias e, consequentemente, as memórias que advirão de tais ideias. Uma dessas fortes influências, para Halbwachs, é a própria linguagem, pré-existente a nós, que utilizamos para comunicar nossas experiências.

Também sobre a não possibilidade de haver memórias puramente individuais, Lacapra (2009), que as chama de memórias primárias, em contraposição às memórias secundárias (coletivas), embora tratando especificamente do trauma, assunto que veremos adiante, acredita que:

> Além disso, é óbvio, mas importante notar que nenhuma memória é puramente primária. Ela é afetada por elementos que não derivam da própria experiência. Na medida em que um evento é traumático, ele gera uma lacuna ou um vazio na experiência. É processado de outra forma - e afetado por este processo- e é experimentado por meio de

> formas, tipos, arquétipos e estereótipos que foram assimilados ou elaborados no decurso de uma vida. (p. 35-36).[7]

As influências do meio social parecem claras na ideia que Lacapra faz da rememoração do trauma. Da mesma maneira, Halbwachs entende que funciona toda memória, sem descartar, porém, a ideia de que cada consciência individual rememora os fatos à sua maneira, os sente de modo específico, por isso, "cada um de nós tem uma história" (p. 57). Assim, é que se entende que Halbwachs não acredita que a memória seja uma só, mas que seja múltipla, dada a participação dos indivíduos em diversos grupos. Ao traçar as diferenças entre memória e história, Pierre Nora (1993) retomará essa ideia de Halbwachs, dizendo: "A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada." (p. 9)

Assim, a despeito de críticas que se seguiram (Ricoeur não foi o único), a teoria da memória coletiva de Halbwachs contribuiu em muito para o desenvolvimento dos estudos da memória, que convergiu num *boom* no fim do século XX. Ele vai ainda discutir os aspectos da memória coletiva em comparação com a memória histórica, o que veremos a seguir, juntamente com a contribuição de outros autores sobre o mesmo assunto.

2.3 MEMÓRIAS COLETIVAS E MEMÓRIAS HISTÓRICAS

Ao descrever o que entende por memória individual, Halbwachs (2006) nos faz compreender que, a seu ver, as memórias jamais são puramente individuais, mas sim coletivas, na medida em que somos seres sociais, inseridos em diversos contextos sociais, tendo lembranças de intensidade variada, de acordo com os grupos que partilham dessas mesmas memórias. A seguir, o autor vai explicar o que entende por memória coletiva em comparação com memória histórica. Importa ressaltar aqui que o objetivo desse trabalho não é debater sobre o conceito de história, apenas discutir as

[7] Además, resulta obvio pero importante señalar que ningún recuerdo es puramente primario. Está afectado por elementos que no derivan de la experiencia misma. En la medida en que un acontecimiento resulta traumático, genera una brecha o un hueco en la experiencia. Es procesado de otro modo –y afectado por este proceso– y es experimentado a través de formas, tipos, arquetipos y estereotipos que fueron asimilados o elaborados en el curso de una vida.

diferenciações entre memória coletiva e memória histórica.[8] Apesar disso, é importante ressaltar que a história não é desprovida de ideologias e nunca é contada inocentemente.

Para Jacques Le Goff (1994), o historiador está, em primeiro lugar, submetido ao tempo em que vive, o que condiciona sua interpretação dos fatos, pois os fatos históricos são vistos de forma diferente conforme mudam os tempos. Da mesma forma, Hayden White (1985) entende que o historiador, na verdade, interpreta os fatos, os dados e seleciona o que vai ser chamado de história:

> Por um lado, há sempre mais fatos no registro do que o historiador pode possivelmente incluir em sua representação narrativa de um dado segmento do processo histórico. E assim o historiador deve "interpretar" seus dados excluindo certos fatos de seu relato como irrelevantes para seu propósito narrativo. Por outro lado, em seus esforços para reconstruir "o que aconteceu" em qualquer período histórico, o historiador inevitavelmente deve incluir em sua narrativa um relato de algum evento ou conjunto de eventos para o qual os fatos que permitiriam uma explicação plausível de sua ocorrência estão faltando. (p. 51).[9]

Vemos que o historiador acaba tendo que interpretar dados e escolher fatos que serão oficializados como história. A história é descrita sob determinado ponto de vista, que não consegue englobar todas as memórias coletivas dos participantes de um fato. Há mais dados do que o historiador pode incluir, porém, em alguns momentos, há dados falhos, lacunas a serem completadas. Rossi (2010) também corrobora essa ideia ao analisar o que David Lowenthal fala sobre o passado: "A história, afirma corretamente Lowenthal, é ao mesmo tempo *mais* e *menos* que o passado." (p. 28, grifos do autor). Também Paul Ricoeur (2007) se dedicou ao problema da interpretação em história e considera que não se pode negar que "por trás da interpretação, subsiste sempre um fundo impenetrável, opaco, inesgotável de motivações pessoais e culturais, do qual o

---

[8] Para aqueles que se interessarem pelas discussões acerca do conceito de história, há uma vasta bibliografia disponível. Entre ela, pode-se citar *História e memória*, de Jacques Le Goff, que, neste trabalho, será utilizado apenas para as discussões pertinentes à memória. Porém, ressalta-se que o livro tece profundas considerações acerca do conceito de história, seus objetos de estudo, sua evolução como ciência, etc. Outra obra que aqui utilizamos é *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*, de Jeanne Marie Gagnebin, na qual a autora discute, também, o fazer histórico, remontando ao conceito inicial de memória, com os gregos.

[9] On the one hand, there are always more facts in the record than the historian can possibly include in his narrative representation of a given segment of the historical process. And so the historian must "interpret" his data by excluding certain facts from his account as irrelevant to his narrative purpose. On the other hand, in his efforts to reconstruct "what happened" in any given period of history, the historian inevitably must include in his narrative an account of some event or complex of events for which the facts that would permit a plausible explanation of its occurrence are lacking.

sujeito jamais acabou de dar conta." (p. 351). Le Goff (1994) entende que não podemos esquecer o caráter humano da história, que interpreta o passado constantemente. Por seu caráter humano, a história não pode ser dissociada do meio social no qual o historiador se insere. Novamente, a ideia de que o homem é influenciado pelo meio social é evidente, assim como já afirmara Halbwachs (2006) ao explicar por que não via a memória como um fato isolado, por não ser o homem isolado de seu meio social. Isso posto, importa agora verificarmos os limites do que chamamos de memória histórica e memória coletiva.

Le Goff, ao estudar Pierre Nora, diz que ele "[...] nota que a memória coletiva, definida como 'o que fica do passado vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado', pode à primeira vista opor-se quase termo a termo à memória histórica [...]" (1994, p. 472). Nora (1993) crê mesmo que memória e história não sejam sinônimos, mas tenham sentidos opostos:

> Memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, atual, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (p. 9)

Para Nora, a história, como representação do passado, se distingue da memória, que só existe no presente, sendo um fenômeno sempre atual. Sua teoria dos lugares da memória nos conduz a entender que eles não são geográficos, mas certas marcas, certos símbolos que ajudam a história a se oficializar. Ricoeur (2007) entende que esses "lugares" da memória possam ser exemplificados com os calendários, as bibliotecas, os

arquivos, as bandeiras e as próprias comemorações. Partindo dessa concepção, Reinhardt (2006), ao discutir a memória da escravidão para os povos francófonos, assevera que a comemoração de 1848 da emancipação dos escravos negros nas colônias francesas se constitui um local da memória:

> Em seu monumental *Lugares de Memória*, o historiador francês Pierre Nora chama momentos, lugares, pessoas ou objetos que simbolizam o patrimônio memorial de uma comunidade de "lugares de memória." Esses espaços simbólicos tornam-se lugares de memória quando são caracterizados por uma presença esmagadora do passado. Submergindo o presente com diversas atitudes em relação ao passado escravo da nação, a comemoração de 1848 é um lugar de memória por excelência. (p. 3).[10]

A comemoração da abolição nas colônias francesas é um lugar de memória, visto constituir-se como um local no qual o passado escravista não é esquecido. Difere de Nora a ideia de Lacapra (2009), que não acredita que memória e história sejam pares opostos, mas complementares, embora essa interação deva ser questionadora, o que seria benéfico para ambas:

> A história pode não capturar nunca alguns elementos de memória: o sentimento de uma experiência, a intensidade da alegria ou do sofrimento, a qualidade do que acontece. Mas a história contém elementos que não se esgotam com a memória, tais como fatores demográficos, ecológicos e econômicos. O que talvez seja mais importante é que põe à prova a memória e, idealmente, leva ao aparecimento de uma memória mais precisa e uma avaliação mais clara do que é ou não é factual na rememoração. (p.34).[11]

Colocando à prova a memória, a história pode, também, tornar-se mais transparente, na medida em que pode analisar com mais acuidade as memórias coletivas para torná-las oficiais. Ainda sobre a diferenciação entre memória e história, Halbwachs (2006) vai explicar com mais cuidado como memória e história podem se opor em

---

[10] In his monumental *Realms of Memory,* the French historian Pierre Nora (1996: xvii) calls moments, places, people, or objects that symbolize a community's memorial heritage "realms of memory." These symbolic spaces become realms of memory when they are characterized by an overwhelming presence of the past. Submerging the present with diverse attitudes toward the nation's slave past, the commemoration of 1848 is a realm of memory par excellence.

[11] La historia puede no capturar nunca algunos elementos de la memoria: el sentimento de una experiencia, la intensidad de la alegría o del sufrimiento, la cualidad de lo que sucede. Pero la historia comprende elementos que no se agotan con la memoria, como los factores demográficos, ecológicos y económicos. Lo que tal vez es más importante es que pone a prueba la memoria e idealmente lleva al surgimiento de uma memoria más exacta y a una evaluación más clara de lo que es o no fáctico en la rememoración.

alguns aspectos e se complementar em outros, e entende que o termo memória histórica seria equivocado:

> [...] a expressão memória histórica não é muito feliz, pois associa dois termos que se opõem em mais de um ponto. A história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. No entanto, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo. Em geral, a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. (p. 100-101)

Para Halbwachs, memória coletiva é diferente de história. E Rossi (2010) reitera essa ideia ao afirmar que "a história se nutre da memória e esta 'se impregna de toda uma série de noções e de sentimentos que são produzidos e veiculados pela historiografia'" (p. 205). Dessa forma, entende-se que a memória seria um dos meios utilizados para se fazer história: "a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica" (LE GOFF, 1994, p. 49). Ao tratar da relação entre memória e história, Rossi (2010) afirma que a história deveria tender a um distanciamento crítico do passado, enquanto a memória implica uma participação emotiva em relação ao passado.

Porém é difícil distinguir os limites entre memória coletiva e história. Se a história se nutre da memória, qual o ponto em que a memória coletiva se transforma em história? Ou ainda: quais memórias coletivas se tornam história? Para Halbwachs, (2006), quando os grupos que retêm uma determinada memória coletiva começam a morrer, o único meio de preservar tal memória é "fixá-las por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e os pensamentos morrem." (p. 101). Assim, entende-se que a memória coletiva de um fato existe enquanto aquele grupo que vivenciou o fato existe. No romance *Becos da memória* (2006), de Conceição Evaristo, a protagonista e narradora Maria-Nova tenta não deixar que as memórias coletivas dos antigos moradores da favela onde moravam se percam quando a favela é destruída e os moradores se dispersam. Ela tenta manter vivas as memórias desses antigos moradores recontando, por meio da escrita, as narrativas orais que ouvira dessas pessoas pobres, tristes e oprimidas, que foram retiradas à força de suas casas, mas cuja história se perderia não fosse sua voz a tentar manter viva suas memórias. É diferente da história,

que se mantém para sempre, por conta de seu registro. Assim Halbwachs descreve o alcance de memória coletiva e da história:

> A memória coletiva retrocede no passado até certo limite, mais ou menos longínquo conforme pertença a esse ou aquele grupo. Além disso, ela já não atinge diretamente os acontecimentos e as pessoas. Ora, é precisamente o que está além desse limite que prende a atenção da história. Às vezes se diz que a história se interessa pelo passado, e não pelo presente. Entretanto, para ela o que é passado realmente é o que já não está mais compreendido no terreno em que ainda se estende o pensamento dos grupos atuais. (p. 133)

Analisando o avanço da escrita, Le Goff (1994) acredita que, ainda para os gregos, a memória escrita se sobrepôs à oral, bem como o que a história fez com a memória coletiva: "a história vem substituir a memória coletiva, transformando-a, mas sem a destruir." (p. 436). Assim é que os reis criavam "instituições-memória" (p. 434), como museus, arquivos e, por vezes, mandavam gravar seus feitos em pedras, mais tarde em papiros, o que estreita ainda mais a relação entre memória coletiva e história, pois os feitos dos reis tornavam-se história e ficavam registrados, mas não outras memórias coletivas do povo comum, da plebe. Desde muito cedo a memória coletiva alimentava a história.

Para Halbwachs (2006), os fatos históricos ocorrem, mas não temos consciência deles no momento em que ocorrem, teremos apenas anos depois. E então, tais fatos, depois, vão ser lembrados e associados às nossas memórias individuais (que são coletivas, de fato). Ao olharmos nossa infância hoje, não temos memórias dos fatos daquela época, mas o que aprendemos de história depois. O autor, assim, exemplifica que sabe dos acontecimentos históricos do ano em que nasceu e dos oito ou dez anos seguintes, mas não por se lembrar deles, e sim por tê-los aprendido mais tarde e conseguir relacionar sua infância e a vida familiar de seus pais aos fatos históricos marcantes que condicionavam a vida deles em sociedade. Entretanto, é curioso observar que o ponto de partida dessas memórias nunca será a história, mas as memórias coletivas, a vida familiar e seus desdobramentos: "Quando quero imaginar como vivíamos, como pensávamos naquele período, é para eles [meus pais] que volto minha reflexão." (p. 79). Isso ocorre porque "Nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida." (p. 79-80).

Os fatos históricos do passado que se mantêm mais vivos em nossa memória se apoiam nas memórias coletivas nas quais já estávamos envolvidos. Assim, por exemplo, é possível, hoje, lembrarmo-nos do primeiro presidente democraticamente eleito no Brasil após a Ditadura Militar, Tancredo Neves, morto antes de tomar posse, dando lugar a seu vice, José Sarney, e as sucessivas crises econômicas que duraram até os anos 1990, com índices altíssimos de inflação. Porém, para quem nasceu no início dos anos 1980, a verdade é que tais fatos só puderam ser aprendidos anos depois de ter vivenciado, com a família, tais crises econômicas. As lembranças que ficam para quem vivenciou esse período político e econômico conturbado do Brasil são as coletivas, como a lembrança dos pais estocando grandes quantidades de comida em casa, pois os preços eram remarcados quase que diariamente, dada a alta inflação, ou mesmo da corrida ao supermercado no dia do pagamento para comprar o máximo de alimentos possível, antes que o dinheiro se desvalorizasse, ou as sucessivas diferentes moedas que conheceu. Halbwachs explica que assim ocorre por que "É neste passado vivido, bem mais do que no passado apreendido pela história escrita, em que se apoiará mais tarde a sua memória." (p. 90).

Contudo, Halbwachs (2006) questiona até que ponto o conhecimento histórico de certos fatos que vivenciamos enquanto crianças não pode mudar a ideia que temos do passado. Assim, será que hoje, conhecendo a história do governo Sarney, o menino que vivenciou aquele período com 6 ou 7 anos de idade, consiga de fato distinguir o que são suas memórias e o que aprendeu depois? Halbwachs entende que essa linha distintiva é tênue demais, pois "a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada." (p. 91).

Mesmo assim, a tese do autor é a de que não basta realizar a reconstituição do contexto histórico de um acontecimento em nossas vidas para que isso se constitua uma lembrança. A lembrança só permanecerá se, junto ao fato histórico relacionado, alguma impressão, alguma memória coletiva daquele acontecimento de nossa vida, tiver se fixado em nossa mente. Sobre isso, Nora (1993) também discutiu e acreditava que as memórias coletivas estariam mais ligadas à transmissão geracional, sendo vulnerável a abusos, já que nem sempre aquele que se lembra percebe que pode estar manipulando o passado a partir de suas sensações e percepções. Também sobre essa memória coletiva transmitida através das gerações, principalmente pela família, Ricoeur entende que o

fenômeno da memória transgeracional seja o responsável por garantir a "transição entre a história aprendida e a memória viva." (p. 405). Halbwachs cita a memória dos avós como um bom exemplo dessa memória transgeracional. Eles transmitem suas experiências e, através destas, podemos até mesmo reconstituir o contexto de sua vivência. Sobre isso trata o romance *Um defeito de cor* (2010), da escritora brasileira Ana Maria Gonçalves, publicado em 2006. Em formato epistolar, a narradora Luísa (cujo nome africano era Kehinde) conta ao filho (que fora vendido como escravo, o qual nunca mais viu) as memórias de sua vida como escrava, desde a passagem intermédia, a chegada ao Brasil, até um período próximo da abolição, quando ela morre. Além de buscar transmitir suas memórias aos descendentes que não conheceu, Luísa também faz um resgate das memórias da avó, que morrera durante a travessia do Atlântico, mas dentro do navio lhe contava muitas histórias sobre a vida em África, as quais a ajudam a formar sua identidade, embora fragmentada pelos esquecimentos, pois saíra pequena de lá e todos os parentes haviam morrido. No romance *The Longest Memory*, é a voz do bisavô, Whitechapel, que será a responsável por trazer algumas memórias de África para sua bisneta. Ao contar sobre como viera para a América, ainda menino, ele atiça a curiosidade dos mais jovens, que sonham com a África sem nunca tê-la conhecido, de fato:

> Ele disse que deixara a África menino. Um dia, estava brincando num campo de mato alto. O cheiro lhe voltava após todos esses anos, sem se anunciar. No dia seguinte, estava em marcha. Vários dias depois, estava enfrentando o mar numa viagem que achava que jamais acabaria, e que custara muitas vidas, crianças e adultos. Ninguém erguia um dedo para ajudar um menino de dez anos. Homens e mulheres eram como crianças nas mãos daqueles que os tinham cativos. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 125-126)[12].

A bisneta quer informações sobre seus antepassados, sonha com a África, incita o avô a falar dela, a transmitir suas memórias. No romance, porém, a memória transgeracional é muito pequena, pois o avô, escravo obediente que era, se recusa a partilhar suas memórias, considerando que o conhecimento sobre o passado só traria desobediência e inconformismo nos escravos mais jovens.

[12] He said he had left Africa when he was a boy. One day he was playing in a field of tall grass. The smell comes back to him all these years later unannounced. The next he was marching. Several days after he was facing the sea for a journey he thought would never end and one that claimed many lives, young and adult. No one lifted a finger to help a ten-year-old boy. Women and men were like children in the hands of those who held them captive. (*T.L.M.*, 1996, p. 122).

Assim, a história, algo aprendido, se diferencia da memória coletiva, que é transmitida entre grupos e vivida. Para Nora (1993), a memória "historicizada", (história, apenas, para Halbwachs) nos vem do exterior, e interiorizá-la acaba por se tornar uma obrigação, já que ela não é mais uma prática social. A história, como vimos, não consegue abranger todos os fatos existentes e precisa selecionar aquilo que será oficializado, sendo resumida. Na visão de Halbwachs (2006) é o "epitáfio dos fatos de outrora, tão curto, geral e pobre de sentido como a maioria das inscrições que lemos sobre os túmulos. A história parece um cemitério em que o espaço é medido e onde a cada instante é preciso encontrar lugar para novas sepulturas." (p. 74). Quando não se relaciona com a memória vivida do indivíduo, a história se torna lembrança abstrata, não adquire densidade como memória. No entendimento de Halbwachs (2006), isso ocorre por que memória e história se diferenciam da seguinte forma:

> A memória coletiva se distingue da história sob pelo menos dois aspectos das memórias históricas. Ela é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, não ultrapassa os limites desse grupo. Quando um período deixa de interessar o período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte de seu passado: na realidade, há dois grupos que se sucedem. A história divide a sequência dos séculos em períodos, como distribuímos a matéria de uma tragédia em muitos atos. Mas, ao passo que em uma peça, de um ato a outro, acontece a mesma ação e com os mesmos personagens, que permanecem até o desenlace segundo suas individualidades, cujos sentimentos e paixões progridem num movimento ininterrupto, na história se tem a impressão de que tudo se renova de um período a outro- interesses em jogo, direção dos espíritos, modos de apreciação dos homens e dos acontecimentos, as tradições também, as perspectivas do futuro- e que se os mesmos grupos reaparecem, é porque subsistem as divisões exteriores, que resultam dos lugares, dos nomes e também da natureza geral das sociedades. (p. 102).

A história, assim, se assemelha a um grande painel no qual se destacam apenas os grandes acontecimentos, os grandes personagens e feitos, pois não há espaço para nele figurarem os coadjuvantes, os pequenos atos cotidianos. Aqui entra o papel da memória coletiva, que mantém vivas as memórias do grupo no qual tais atos ocorreram. Entretanto, cabe lembrar que, como a memória coletiva vive em um presente eterno, as memórias do grupo vão se perdendo conforme o grupo se desfaz: "A memória de uma sociedade se estende até onde pode - quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos

de que ela se compõem." (HALBWACHS, 2006, p. 105). Havendo indivíduos que ainda possam relatar tais memórias coletivas, elas não se perdem. Ao mesmo tempo, os grupos mudam e se renovam, e a "memória de uma sociedade não pára de se transformar, e o próprio grupo está sempre mudando." (p. 105).

Enquanto a história pode ser encarada como a "memória universal da espécie humana" (p. 106), não se pode falar em memória universal, pois, como já entendemos, as memórias coletivas se restringem a seu grupo temporal e espacial. Halbwachs considera que as memórias coletivas se multipliquem, pois, como seres sociais que somos, transitamos por diversos grupos ao longo da vida, como a família, a escola, o trabalho, a igreja. Ainda, estes grupos maiores se subdividem em grupos ainda menores:

> Esses grupos menores se transformam, se segmentam, e embora permaneçamos no mesmo lugar sem sair de um grupo, este vai se transformando em outro grupo, por uma renovação lenta ou rápida de seus membros, que só terá poucas tradições em comum com os que os constituíam no início. (p. 107)

Dessa forma, entende o autor que, ao vivermos por muito tempo num determinado local, teremos relacionamentos mais antigos ou mais novos, nascimentos e mortes de familiares ou amigos, numa sociedade que se amplia, se subdivide e com esses grupos nossas memórias também se ampliam e se subdividem, de modo que, ao transitarmos em cada grupo, são memórias coletivas diferentes que nos chegam.

Ainda ao diferenciar memória coletiva de história, Halbwachs (2006) discorre que enquanto a história se detém nas mudanças e nas diferenças, a memória coletiva o faz nas semelhanças. Considerando a história mais tradicional, sem envolver as novas metodologias da história, como a micro história e a nova história, Halbwachs entende que para essa metodologia mais tradicional de se analisar a história, não importam muito os períodos em que não há grandes mudanças ou acontecimentos, pois como ela abrange grandes períodos, não consegue deter-se em pequenos detalhes, e acaba por ter um olhar panorâmico e não íntimo, detalhado dos fatos que descreve, visto ser "um painel de mudanças" (p. 109). Assim é que a história de uma nação, por exemplo, não contará da vivência cotidiana das pequenas famílias camponesas, por exemplo, mas contará do movimento camponês em geral, das lutas, embates, movimentos de crescimento ou não desse grupo: "Esse é ponto de vista da história, porque ela examina os grupos de fora e abrange um período bastante longo." (p. 109). Assim é que

Halbwachs entende que ao lado dessa história escrita, haja uma história viva. Diferente é a memória coletiva, para a qual importam mais as semelhanças do que as diferenças, na medida em que "visa perpetuar os sentimentos e as imagens que formam a substância de seu pensamento." (p. 108). As memórias coletivas contidas num determinado grupo formam imagens desse modo de tal forma que seus membros nele se reconheçam, pois ela é "um painel de semelhanças", é o próprio grupo "visto de dentro e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana, que de modo geral, lhe é bem inferior." (p. 109). O romance *Cem anos de solidão*, (2009), de Gabriel Gárcia Márquez, publicado em 1967, ao narrar as memórias da família Buendía, na cidade fictícia de Macondo, está, na verdade, contando as memórias da própria Colômbia e da América Latina, porém, ao invés de centrar-se nos grandes personagens históricos para falar das guerras e da história de repressão na América Latina, o autor usa a metáfora da vida de várias gerações de uma mesma família, simbolizando os colombianos e os sul americanos, utilizando o realismo mágico para desnudar as memórias dessa família. São memórias coletivas fictícias que representam a história de um continente marcado por ditaturas militares e guerras inúteis.

Ao analisar a obra de Halbwachs, Reinhardt (2006) acredita que os grupos reconstruam seu passado com base em memórias sociais, as memórias coletivas, mas, como a sociedade só sobrevive se houver unidade entre os grupos, as memórias e lembranças que podem segregar os grupos são apagadas, e há uma reorganização das memórias que, de fato, reflitam a unidade do grupo:

> As lembranças escolhidas são rearranjadas de modo a refletir a consciência que a sociedade tem de si mesma no presente. A memória coletiva serve, assim, de ponte entre o acervo de lembranças que fornece uma estrutura para o passado e para as condições em que a sociedade se encontra no presente. Uma vez que as pessoas ou os fatos históricos permearam a memória do grupo, eles ganham significado como um ensinamento, uma noção ou um símbolo e se tornam parte do sistema de idéias da sociedade. (p. 9).[13]

Sobre a memória coletiva, Le Goff (1994) é mais crítico ao vê-la como "essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação

[13] The chosen recollections are rearranged in such a way as to reflect the consciousness that society has of itself in the present. Collective memory thus serves as a bridge between the store of recollections that provide a framework for the past and for the conditions in which society finds itself in the present. Once people or historical facts have permeated the memory of the group, they gain meaning as a teaching, a notion, or a symbol and become part of society's system of ideas.

nunca acabada entre o presente e o passado." (p. 29), e seria tarefa dos historiadores corrigirem essa "história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar seus erros." (p. 29), mas se questiona se o historiador conseguiria atingir tal ponto de imparcialidade e objetividade para alcançar este intento, já que, como vimos, a história não é desprovida de ideologias. Ricoeur (2007), ao tratar dos abusos da memória, também acredita que quando a memória coletiva se torna história, cabe à história (dada sua pretensa função crítica) corrigir tais abusos da memória. Lacapra (2009), por outro lado, crê que a memória questione a história, apontando suas falhas e o fato de ela se compor cheia de ideologias, mas, ao mesmo tempo, a história também poria a memória à prova, ao trazer à baila um passado não acabado. Nesse sentido, importa-nos agora discutir como memória e história se relacionam com os esquecimentos e silenciamentos, usos e abusos.

2.4 MEMÓRIA, HISTÓRIA E ESQUECIMENTO

Não me façam lembrar. Eu esqueço o mais que posso.

(*The Longest Memory*, Fre D'Aguiar)

Já vimos que a história seleciona fatos que se tornarão oficializados, pois não consegue abranger todos os acontecimentos, o que faz com que a imensa maioria das memórias coletivas não se torne história, mas se perca conforme o grupo que retém tais memórias se desfaça. Vimos, também, que a história não é, nunca, contada de forma inocente, pois o historiador é fruto de seu meio social, sendo por ele influenciado, o que lhe tira qualquer possibilidade de imparcialidade. Além disso, a história precisa estudar a totalidade dos eventos, dividindo os séculos e seus fatos mais significativos, "pulando" de uma geração a outra. Halbwachs (2006) não condena a história por agir assim, pois, em seu entendimento, ela apenas "obedece a uma necessidade didática de esquematização." (p. 103). A memória coletiva também é seletiva, porém de forma diversa, pois estende-se ao máximo que puder, mas se perde conforme os membros do grupo que tem a memória coletiva morrem ou se dispersam. O autor crê que não seja "por má vontade, antipatia, repulsa ou indiferença que ela esquece uma quantidade tão grande de fatos e personalidades antigas, é porque os grupos que guardavam sua lembrança desapareceram." (p. 105). Importa compreender como a seletividade da

história e os esquecimentos da memória coletiva podem se constituir como meios propositais de silenciamento de fatos.

Para Paul Ricoeur (2007), o esquecimento deve ser estudado na mesma medida em que a memória e a história, visto ser ele ainda mais vasto, por conduzir ao perdão, que seria o "apaziguamento da memória" (p. 423), sendo, ao mesmo tempo, "a inquietante ameaça que se delineia no plano de fundo da fenomenologia da memória e da epistemologia da história." (p. 423). Inicialmente visto como dano à memória, esta luta contra ele. Mas de que forma? E qual seria o papel da história diante do esquecimento? Ao estudar a memória e a história após os horrores em Auschwitz, Lacapra (2009) faz diversos questionamentos sobre o papel da memória e da história após tamanho trauma: "Que aspectos do passado devem ser lembrados e como?" (p. 13).[14] Na mesma medida, entendemos a escravidão como um trauma e tais questionamentos também se fazem pertinentes aqui.

Como observado por Le Goff (1994), a história é uma prática social e, como tal, negligencia certas "realidades históricas" (p. 11), dado o fato de os historiadores não conseguirem desvencilhar-se de suas afeições, predileções, convicções políticas, etc, e não somente por isso, mas também, e principalmente, por ser a história contada a partir de um presente:

> Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável, como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente. Compete ao historiador fazer um estudo "objetivo" do passado sob a sua dupla forma. Comprometido na história, não atingirá certamente a verdadeira "objetividade", mas nenhuma outra história é possível. (p. 51).

Ao analisar os fatos do passado, o historiador está, obviamente, marcado por seu presente e dele não escapa, sendo a objetividade algo impossível de se atingir. Sobre isso, Pichler (2007) acredita que a história e também a memória sejam "Representações ou construções da realidade" (p. 2)[15], o que as tornaria fenômenos subjetivos. Daí vem a ideia de manipulação da história e abusos da memória, na medida em que o historiador é aquele quem escolhe o que vai ser oficializado como história, como entendeu Hugo Achugar (2006) ao tematizar os testemunhos na América Latina:

---

[14] ¿Qué aspectos del pasado deben recordarse y cómo hacerlo?
[15] representations or constructions of reality

> Historiador vem de *híston*, e *híston* quer dizer "aquele que sabe", assinalou Michel de Certau, em *Heterologías*. O historiador, aquele que conta a história, é aquele que sabe. Contudo, é possível afirmar que o historiador "é aquele que escolhe", aquele que tem o poder para contar a história; um poder outorgado, não necessária ou unicamente, pela disciplina, pela academia, pelo partido político ou pela instituição legitimadora. Um poder que decide onde, quem e quando possui o saber. [...] É um poder que decide a tensão entre o esquecimento e a memória. (p.159).

Se assim o entendemos, notamos que o fato de o historiador ter o poder de escolher pode levar ao que Ricoeur (2007) chamou de memória manipulada através de processos ideológicos, que podem modificar a compreensão de mundo pelo homem, visto que a ideologia tenta tornar legítima "a autoridade da ordem ou do poder - ordem, no sentido da relação orgânica entre todo e parte, poder, no sentido da relação hierárquica entre governantes e governados." (p. 96).[16] Ricoeur entende que dessa forma a memória acabe sendo imposta por meio de uma história oficial, a "história aprendida e celebrada publicamente". (p. 98). Também sobre os silêncios, apagamentos, esquecimentos e manipulação das memórias coletivas, Le Goff (1994) se pronuncia, acreditando que exista uma disputa pela dominação das memórias coletivas e sua institucionalização como memória, pois que, dominar a história é exercer poder

> [...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desse mecanismo de manipulação da memória coletiva. (p. 426)

É sobre esse tipo de manipulação que incide a discussão de Rossi (2010) quando estuda o historiador Yosef Hayim Yerushalmi e fala acerca dos "assassinos da memória", ou seja, os historiadores que manipulam a memória ao escolher estrategicamente silenciar sobre a existência de algozes e seus perseguidos, por exemplo, e cita o holocausto judeu, a *shoah* e o incrível "apagamento" das vítimas pela história. Sobre isso, Primo Levi (1990), ao testemunhar sobre a *shoah*, relata como os

[16] Para melhor compreensão do conceito de ideologia, o leitor interessado pode buscar referências na obra de Louis Althusser, *Aparelhos ideológicos do estado,* e Max Weber, *Economia e Sociedade* (embora esta última não trate especificamente de ideologia, suas noções sobre ordem e poder implicam no entendimento do uso ideológico para exercer poder e dominar).

alemães, ainda no campo de concentração, sabiam que tinham o poder de ditar a história, pelo menos naquele momento:

> Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas juntas com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos Lager. (1990, p. 9)

Walter Benjamin (2012), ao discutir o conceito de história, acredita que o historiador não vê o passado tal como ele foi, mas o capta de acordo como ele se afigura em um "momento de perigo" (p. 243). Esse perigo, para o autor, seria entregarmo-nos às classes dominantes e servirmos como seu instrumento. O historiador teria o "dom despertar no passado as centelhas da esperança" (p. 244). Entretanto, o que ocorre é que o historiador, ao contar o fato histórico, não consegue livrar-se de suas influências, do que sabe ou leu ou ouviu sobre tais fatos. Pior ainda é o fato de o historiador desenvolver empatia, quase sempre, pelos vencedores, não pelos vencidos: "Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores." (p. 244). São os dominadores que deixam legados certos bens culturais, produzidos pela "servidão anônima" (p. 245) dos dominados, ou seja, por meio da dominação, da exploração, da barbárie em si. A esse respeito, Pichler (2007) acredita que o passado seja maleável, na medida em que pode ser instrumentalizado, moldado de acordo com certos interesses: "Grupos sociais dominantes, nações e estados, por exemplo, muitas vezes controlam o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido." (p. 3)[17], o que não nos torna, sempre, senhores de nossas histórias, memórias e discursos. O romance *A revolução dos bichos*, (2007) de George Orwell, publicado em 1945, mostra como a memória pode ser manipulada para beneficiar certos grupos. No caso, os porcos (símbolo dos detentores do poder), conseguem tomar o poder da granja das mãos dos humanos e impõem uma espécie de ditadura. Conforme os animais presentes na revolução vão morrendo, a memória coletiva de como era a granja quando os humanos dominavam também se perdem e pouco a pouco a ditadura dos porcos se torna pior do que o gerenciamento dos

[17] Dominant social groups, nations, and states, for instance, often control what is to be remembered, and what is to be forgotten.

humanos, mas ninguém mais se lembrava como era. A narrativa, na verdade, é uma crítica satírica à ditadura de Stálin imposta na então União Soviética.

Da mesma forma, podemos fazer uma analogia com a memória da escravidão, apagada e silenciada ao longo dos séculos, o que se evidencia nas discussões suscitadas pelo aniversário de 150 anos da abolição da escravatura nas colônias francesas caribenhas, como observa Reinhardt (2006), em seu livro *Claims to Memory Beyond Slavery and Emancipation in the French Caribbean*, no qual debate acerca da incongruência de se comemorar tal data, haja visto que não há motivos para comemorar:

> Comemorar o ano de 1848 cento e cinquenta anos mais tarde estava longe de ser problemático para o povo do Caribe francês que temiam que sua história seria esquecida mais uma vez. Eles denunciaram, por exemplo, o silenciamento da primeira abolição da escravatura em 1794. Sua revogação por Napoleão em 1802 teve um profundo impacto na história do Caribe, uma vez que contribuiu para a radicalização da Revolução Haitiana, levando, consequentemente, à independência do Haiti em 1804.
> O debate provocado pelo 150º aniversário do decreto abolicionista transformou a comemoração num momento sem precedentes de reflexão cultural e histórica para a França e para os seus domínios ultramarinos restantes. Esta polêmica colocou em foco os aspectos mais controversos do passado que continuam a assombrar a memória da escravidão no presente. (p. 3).[18]

Para Reinhardt (2006), a primeira abolição, conseguida por meio de revoltas dos escravos, ocorrida em 1794, revogada em 1802 e não lembrada pela história oficial, que quer "celebrar" apenas a abolição de 1848, é um silenciamento da história acerca da escravidão e do fato de, na verdade, nem todos os escravos terem aceitado passivamente o cerceamento de sua liberdade. A autora crê que, com a abolição, os franceses tentaram fazer com que os ex-escravos, agora cidadãos franceses também (ao menos em teoria, embora nem sempre em direito), se esquecessem do passado escravista, obliterassem suas tentativas de revolta, em suma, que a memória coletiva da escravidão se perdesse junto com a abolição: "Esse 'silenciamento' sistemático da história, relata

[18] Celebrating 1848 one hundred and fifty years later was far from problematic for the people of the French Caribbean who feared that their history would be forgotten yet one more time. They denounced, for instance, the silencing of the first abolition of slavery in 1794. Its revocation by Napoleon in 1802 had a profound impact on Caribbean history, since it contributed to the radicalization of the Haitian Revolution, eventually leading to Haitian independence in 1804.
The debate provoked by the 150th anniversary of the abolitionary decree turned the commemoration into an unprecedented moment of cultural and historical reflection for France and for her remaining overseas domains. This polemic brought into focus the most controversial aspects of the past that continue to haunt the memory of slavery in the present.

repetidamente Glissant em seu *Discours antillais* (1981: 100, 130, 278), apagou a memória coletiva do povo. E um povo sem memória é como uma árvore sem raízes." (p. 8).[19] A França criou até mesmo mecanismos legais para forçar esse esquecimento, como dar novos nomes aos ex-escravos, anistiar os fugitivos e considerá-los legalmente como "iguais", perdoar os rebeldes:

> Não é só a instituição da escravidão que devia ser esquecida, mas também a luta violenta dos escravos contra a nação francesa. O perdão que devia cimentar a unidade da nação francesa não era, no entanto, recíproco. Não houve acordo mútuo entre os novos cidadãos e o Estado de que o passado fosse enterrado. A República simplesmente ditou o apagamento de três séculos de escravidão do registro histórico oficial da nação. (p. 10).[20]

Como detentores do poder, os franceses simplesmente impuseram à história o esquecimento do que foi a escravidão nas colônias francesas, como se isso pudesse fazer com que a realidade fosse mudada. Porém, sobre isso, adverte Ricoeur (2007): "As coisas passadas são abolidas, mas ninguém pode fazer com que não tenham sido." (p. 294). Até mesmo do currículo escolar das ex-colônias francesas caribenhas a história da escravidão foi retirada. Em realidade, porém, como observa Reinhardt (2006), a igualdade entre os franceses e os ex-escravos nunca existiu de fato: "Os novos cidadãos assimilados nunca estiveram em pé de igualdade com os franceses." (p. 10)[21], como provam as diferenças sociais entre descendentes de escravos e franceses. Da mesma forma entende Kopf (2010), que acredita que apenas fisicamente a escravidão ficou no passado, pois o presente evidencia seu legado todos os dias:

> O tráfico transatlântico de escravos e a exploração legal do trabalho escravo nas Américas podem pertencer ao passado, no sentido de que não há mais pessoas vivas envolvidas diretamente e pessoalmente como vítimas, perpetradores, espectadores ou testemunhas contemporâneas. Mas sua memória ainda é vívida e faz parte dos

[19] This systematic 'silencing' of history, Glissant repeatedly points out in his *Discours antillais* (1981: 100, 130, 278), has erased the people's collective memory. And a people without memory are like a tree without roots.

[20] It is not only the institution of slavery that was to be forgotten but also the slaves' violent struggle against the French nation. The pardon that was to cement the unity of the French nation was, however, not reciprocal. There was no mutual agreement between the new citizens and the State that the past be buried; the Republic simply dictated the erasure of three centuries of slavery from the official historical record of the nation.

[21] the assimilated new citizens were never on equal footing with the French.

> discursos atuais sobre racismo, colonialismo, restituição e globalização. (p.41).[22]

Sobre o trauma, Lacapra (2009) afirma que uma das coisas comuns que ocorrem quando se tematiza a memória é criar a ideia de um passado tranquilizador num relato conciliador, ou seja, ficcionalizar o passado para recriá-lo de modo mais tranquilizador. Sobre isso, Reinhardt (2006) observa que nas ex-colônias francesas caribenhas, a memória da escravidão, guardada em museus e casas tradicionais (antigas casas de fazendas, de engenhos, por exemplo), seleciona aquilo que quer mostrar: o intuito parece ser o de mostrar um passado nostálgico e idílico e, assim, tais locais da memória não mostram o escravo:

> Os folhetos sobre o *Musée du Rhum* e as *Habitations La Grivelière* e *Clément* focalizam aspectos muito seletivos dos últimos trezentos anos. A encantadora descoberta de vestígios coloniais e a assombrosa demonstração de herança técnica são apresentadas aos visitantes fora do contexto da escravidão na plantação. De fato, a razão de ser desses lugares de memória é cuidadosamente removida das narrativas que os descrevem. Os escravos não são compatíveis com a nostalgia comunicada nos folhetos e nos painéis descritivos sobre esses lugares. Eles são novamente marginalizados da narrativa principal como eram em 1789. (p. 134).[23]

Vale lembrar o que Le Goff (1994) disse acerca do conceito de história, em si, que pode significar, também, narração: "Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na "realidade histórica" ou puramente imaginária- pode ser uma narração histórica ou uma fábula." (p. 18). Assim, podemos repensar a própria história da escravidão que, durante muito tempo, foi contada apenas com base na visão de historiadores ligados à escravidão, os quais faziam parte de uma elite detentora do poder econômico que usava a mão-de-obra como meio de enriquecimento, propiciando a defesa da escravidão, por vezes como um bem aos próprios escravos, seres pagãos,

---

[22] The transatlantic slave trade and the legal exploitation of slave labour in the Americas may belong to the past in the sense that there are no living persons any more who were directly and personally involved as victims, perpetrators, bystanders or contemporary witnesses. But its memory is still vivid and part of present discourses on racism, colonialism, restitution and globalisation.

[23] The brochures about the *Musée du Rhum* and the *Habitations La Grivelière* and *Clément* focus on very selective aspects of the last three hundred years. The enchanting discovery of colonial remains and the awe-inspiring demonstration of technical inheritance are presented to visitors outside of the context of plantation slavery. In fact, the raison d'être of these sites of memory is carefully removed from the narratives describing them. Slaves are not compatible with the nostalgia communicated in the brochures and on the descriptive panels about these places. They are again marginalized from the principle narrative as they were in 1789.

incultos, bárbaros, ou seja, necessitavam desse "bem" para serem tirados de seu meio selvagem, outras vezes como um "mal necessário". Porém, o autor acredita que a história, hoje, seja mais autorreflexiva e consiga repensar os seus silenciamentos do passado, de forma a reescrever-se com base, agora também, nas vozes dos que foram marginalizados anteriormente:

> Faço também notar que a reflexão histórica se aplica hoje à ausência de documentos, aos silêncios da história. Michel de Certeau analisou com sutileza os "desvios" do historiador para as "zonas silenciosas" das quais dá como exemplo "a feitiçaria, a loucura, a festa, a literatura popular, o mundo esquecido do camponês, a Occitânia, etc." [1974, p.27]. Falar dos silêncios da historiografia tradicional não basta; penso que é preciso ir mais longe: questionar a documentação histórica sobre as lacunas; interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer história a partir dos documentos e das ausências de documentos. (LE GOFF, 1994, p. 109).

Essa ideia é corroborada por Rossi (2010), que entende que atualmente haja um interesse maior acerca dos estudos da memória dos marginalizados, e podemos pensar na memória da escravidão como um desses temas, o que se evidencia em obras recentes que têm tratado deste tema, como os romances em análise neste trabalho, por exemplo. Para Rossi, a história que mata as "memórias particulares" parece estar sendo substituída por uma história que busca mostrar também os fatos sobre os localismos, os regionalismos, as memórias individuais, embora o século XX, a par da Idade média, tenha sido o momento que mais "apagou" heróis que lutaram contra alguma ordem imposta e precisaram, a bem de um grupo detentor de certo poder, serem silenciados da história:

> Creio que todos temos diante dos olhos célebres fotografias de grupos de políticos em que um personagem caído em desgraça foi, com maior ou menos habilidade, apagado do grupo, na tentativa de eliminá-lo da história depois de ter sido eliminado moralmente e, na maioria dos casos, também fisicamente. A história do século XX, conforme bem sabemos também quando tentamos esquecê-lo, está cheia de censuras, apagamentos, ocultações, sumiços, condenações, retratações públicas e confissões de inúmeras traições, além de declarações de culpa e de vergonha. Obras inteiras foram reescritas, apagando os nomes dos heróis de um período; catálogos editoriais foram mutilados, assim como foram subtraídas fichas nos catálogos das bibliotecas; foram publicados livros com conclusões diferentes das originais, passagens foram retiradas, textos foram montados em antologias numa ordem

> favorável a documentar filiações ideais inexistentes e ortodoxias políticas imaginárias. (ROSSI, 2010, p. 33).

Rossi pensa na *shoah* quando escreve, porém a analogia com a escravidão é totalmente possível, ainda mais quando compreendemos como a memória da escravidão tem sido pouco discutida em alguns contextos, como bem observa Reinhardt (2006) ao evidenciar que a memória da escravidão nas ex-colônias francesas caribenhas é bastante seletiva, focando, por exemplo, não na força impulsionadora dos escravos rebeldes para a abolição, mas creditando tal fato às forças iluministas, acabando por silenciar sobre a resistência escrava. Da mesma forma, há poucas menções à escravidão nas ruínas de fazendas escravistas dos séculos XVIII e XIX abertas para visitação, e mesmo os escravos, nos folders de museus e casas históricas, são chamados de "trabalhadores", numa tentativa de apagamento da mão-de-obra-escrava e dos lucros com ela obtidos: "Já esquecidos no século XVIII, quando as realidades do regime de escravos entraram em conflito com as ideologias humanitárias do Iluminismo, os escravos continuam ausentes no próprio centro da herança das ilhas: a própria plantação." (REINHARDT, 2006, p. 130).[24] A história dessas ilhas caribenhas vem sendo contada a partir da produção do açúcar e do café, mas sem menção a quem era forçado a trabalhar nestas plantações. Dessa forma, conclui a autora, os locais da memória da escravidão acabam por se tornar locais de esquecimento. Essas descrições do trabalho escravo como algo benéfico e idílico, seguem os modelos dos séculos XVIII e XIX, quando se justificava a escravidão através do argumento de que salvava os escravos da barbárie, sendo trabalho mais leve que na África e que ainda lhes redimia do paganismo. Porém, a autora cita que nem todos os lugares da memória da escravidão nas antigas colônias francesas caribenhas sejam "lugares de esquecimento", pois o passado não é silenciado em todos eles:

> Alguns museus, como o *Ecomusée* em Rivière Pilote, e o *Museu de História* em Fort-de-France, na Martinica, incluem exposições mais elaboradas sobre os assuntos do comércio de escravos e da escravidão na plantação. O exemplo mais notável a este respeito é a *Maison de la Canne* (museu da cana-de-açúcar) do *Conseil Régional* em Trois-Ilets, na Martinica. O folheto já é um exemplo de linguagem historicamente consciente já que o museu é imediatamente colocado em seu contexto histórico. A *Maison de la Canne* "relaciona-se com mais de dois

[24] Already forgotten during the eighteenth century, when the realities of the slave regime clashed with humanitarian ideologies of the Enlightenment, slaves continue to be absent at the very heart of the islands' heritage: the plantation itself.

> séculos de economia açucareira, retratando as plantações de escravos e, a partir de meados do século XIX, as fábricas. A cana-de-açúcar deixou assim seu selo hegemônico na maioria dos aspectos da vida na ilha." (*Maison de la Canne*, n.d.). As exposições do museu são um exemplo de memória histórica da melhor forma. Os atores principais deste passado, os escravos, e depois de 1848 os trabalhadores da fábrica, são colocados no centro da narrativa do museu. Reminiscências nostálgicas não são possíveis porque os visitantes testemunham o entrelaçamento do passado com o tráfico de escravos e a escravidão das plantações. Os aspectos técnicos da produção de açúcar e rum são explicados e demonstrados no contexto das vidas daqueles cujo trabalho produziu essas substâncias. A *Maison de la Canne* simboliza o potencial histórico dos locais de escravidão transformados em repositórios de memória. (REINHARDT, 2006, p. p. 134-135).[25]

Sobre tais locais de memória e de esquecimento, a autora acredita que nem todos possam ser locais de esquecimento, pois alguns, como o mar, as florestas, a montanha, a terra, os rios, foram, também, palco de acontecimentos ligados ao escravismo, servindo, muitas vezes, de refúgio ao escravo, seja daquele que fugia ou daquele que via apenas na natureza um não-inimigo: "O ambiente natural que rodeia estes locais permite ao espectador entrar em comunhão com três séculos de sofrimento e resistência coletiva." (p. 141).[26] Da mesma forma, a autora entende que os cemitérios de escravos se constituam como locais da memória da escravidão, na medida que simbolizam respeito e honra à memória dos escravos. Reinhardt (2006) acredita ainda que a memória da escravidão pode ser recontada de forma menos enviesada pelos historiadores, visto, atualmente, haver um número significativo de grupos caribenhos reivindicando locais da memória que, de fato, sejam representativos desse capítulo da história das colônias francesas dado o fato de que, sem os escravos, nenhuma história de colônias francesas produzindo açúcar com tamanho lucro poderia ser contada.

---

[25] Certain museums, such as the *Ecomusée* in Rivière Pilote, Martinique and the *Musée d'histoire* in Fort-de-France, Martinique include more elaborate exhibits on the subjects of the slave trade and plantation slavery. The most striking example in this regard is the *Maison de la Canne* (Sugarcane House) of the *Conseil Régional* in Trois-Ilets, Martinique. The brochure is already an example of historically conscious language as the museum is immediately placed in its historical context. The *Maison de la Canne* "relates over two centuries of sugar economy, depicting the slave plantations, and from the middle of the 19th century, the factories. Sugarcane has thus left its hegemonic stamp on most aspects of life on the island." (Maison de la Canne n.d.). The museum's exhibits are an example of historical memory at its best. The main actors of this past, the slaves, and after 1848 the factory workers, are placed at the center of the museum's narrative. No nostalgic reminiscences are possible since visitors witness the intertwining of the past with the slave trade and plantation slavery. The technical aspects of sugar and rum production are explained and demonstrated within the context of the lives of those whose labor produced these substances. The *Maison de la Canne* symbolizes the historical potential of sites of slavery turned into repositories of memory.

[26] The natural environment surrounding these sites enables the spectator to enter into communion with three centuries of collective suffering and resistance.

Sobre as vozes das memórias coletivas das minorias serem excluídas da memória oficializada, Achugar (2006) entende que elas sejam sufocadas pelo estado nação, e a escrita narrativa possa ser um meio de recuperar essas vozes silenciadas. O autor acredita que o "boom" da memória ocorrido nas últimas décadas tenha levado a tentativas de se corrigir os esquecimentos que foram privilegiados nas histórias oficializadas, produzindo novos relatos (literários ou não) que denunciem

> [...] a hegemonia dos intelectuais homens, heterossexuais, brancos, letrados, classe média, ocidentais, na construção de uma espécie de macrorrelato da história e da cultura que privilegiou a produção elitista das belas letras e das belas-artes, em detrimento das manifestações populares ou massivas. (ACHUGAR, 2006, p. 143)

Porém, o próprio Achugar entende que a memória, se tentar ser totalmente democrática, acabaria por eliminar a história, visto ser impossível incluir numa historiografia as vozes de todos os sujeitos que participaram dos atos que a compõem. Ricoeur (2007) corrobora esse pensamento ao afirmar que "Assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo". (p. 455). Isso ocorre porque a história "se constrói em função de uma estranha combinação de memória e esquecimento" (ACHUGAR, 2006, p. 140). Porém, embora não seja possível contar a história com base na memória coletiva de todos os indivíduos, Achugar crê que seja possível que os relatos não tenham base apenas nas memórias dos "generais, presidentes e latifundiários", pois isso seria "elitizar" os relatos históricos de modo a excluir as vozes dos menos privilegiados social e economicamente, sendo imperioso criar "não uma história do "Príncipe", mas uma história verdadeiramente "Republicana". (p. 160).

Ao tratar da memória manipulada e de como ela age diretamente em favor do esquecimento, Ricoeur (2007) entende que, de fato, memória e esquecimento sejam dois polos de "passividade e atividade" (p. 455), da seguinte maneira: a história oficial, narrada por vozes comumente detentoras de certo poder econômico, pode usar de seu poder de contar para silenciar e esquecer, impondo "uma narrativa canônica por meio de intimidação ou de sedução, de medo ou de lisonja.", o que culmina no "desapossamento dos atores sociais de seu poder originário de narrarem a si mesmos." (op. Cit.). Entretanto, para Ricoeur, esse "desapossamento", na maioria das vezes, ocorre com certo consentimento, certa cumplicidade daquele que é desapossado, no sentido de que esse, muitas vezes, não quer se lembrar, não quer saber, não quer investigar e prefere

esquecer. Esse esquecimento, porém, não pode ser olhado com o mesmo peso do esquecimento deliberado, pois o primeiro se mescla a traumas que a vítima carrega, enquanto o segundo se baseia em atos que visam a desapossar as vítimas de memória, para apagar o passado e torná-lo, por vezes, mais idílico e menos culposo. Isso é verdade em relação à *shoah*, como já mencionamos, mas também em relação à escravidão, quando as vozes dos negros escravos (e mesmo dos negros livres!) não eram ouvidas em nenhuma circunstância, seja por sua falta de direitos legais, sua falta de conhecimento da escrita e da leitura, pelo medo e pela intimidação:

> Enquanto ativo, esse esquecimento acarreta o mesmo tipo de responsabilidade que a imputada aos atos de negligência, de omissão, de imprudência, de imprevidência, em todas as situações de não-agir, nas quais, posteriormente, uma consciência esclarecida e honesta reconhece que se devia e se podia saber ou pelo menos buscar saber, que se devia e podia intervir. Reencontra-se assim, no caminho da reconquista pelos agentes sociais do domínio de sua capacidade de fazer narrativa, todos os obstáculos ligados ao desabamento das formas de socorro que a memória de cada um pode encontrar na dos outros enquanto capazes de autorizar, de ajudar a fazer narrativa de modo ao mesmo tempo inteligível, aceitável e responsável. (RICOEUR, 2007, p. 456).

Por isso é que os escravos, por exemplo, eram proibidos de serem alfabetizados e acabavam por ser alijados de qualquer direito legal. Suas vozes eram silenciadas legalmente, para que suas memórias coletivas se perdessem conforme morressem, e a história oficializasse apenas a visão daqueles que viam na escravidão algo benéfico e produtivo. Para Rossi (2010), o apagamento de certas memórias coletivas implica na tentativa não de rever a própria história para torná-la mais clara, como gostaríamos de crer. Para o autor,

> Apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade. Com frequência se pretendeu impedir que as ideias circulem e se afirmem, desejou-se (e se deseja) limitar, fazer calar, direcionar para o silêncio e o olvido. (p. 32)

Obviamente, nem toda memória coletiva sobre a escravidão se perdeu, pois que havia escravos que conseguiram ser alfabetizados e contaram suas memórias e ainda havia historiadores abolicionistas que não concordavam com a ideia de oficializar a memória apenas dos senhores de escravos. Por isso é que temos, hoje, certo

conhecimento do que foi a escravidão, nas vozes de historiadores mais comprometidos com a objetividade, na própria voz de escravos em autobiografias e ainda na voz ficcionalizada de escritores. Isso ocorre no romance *Úrsula* (2004), de Maria Firmina dos Reis, publicado em 1859, quando a escravidão ainda era vigente no Brasil. A própria autora era mulata e na primeira publicação omitiu seu nome como autora, o que é compreensível dado o fato de o país, então, limitar os direitos das mulheres e, mais ainda, de mulheres negras. O romance segue os moldes românticos em voga na ocasião e embora a protagonista seja Úrsula, uma moça branca filha de um fazendeiro, o contexto da escravidão é utilizado para enfatizar e até denunciar suas injustiças. Em alguns momentos, o romance se torna polifônico e a voz de escravos é ouvida, como a da personagem Susana, que fora trazida como escrava e conta suas memórias de África, onde era livre e feliz ao lado do esposo e da filha. Para Susana, o único meio de ser livre novamente não seria a alforria, mas retornar à África, onde nunca seria vista como ex-escrava.

A respeito, escreve Rancière (2010) sobre o proletariado e a falta de voz dos oprimidos, observando como tantos sujeitos são relegados à condição de anonimato pela escravidão do trabalho e têm suas vozes esquecidas ao longo da história:

> Ouvir e aprender de cor, ler e copiar, compor e decompor os poucos textos que puderam ser desviados da herança dos letrados é o método natural pelo qual aqueles que não foram educados em escolas podem, ao mesmo tempo, expressar as dores de sua condição e dar os seus primeiros passos no território de sua emancipação. (p. 213).[27]

Rancière não trata do trabalho do escravo negro, fala dos trabalhadores oprimidos por um mercado de trabalho cruel, mas a analogia com a escravidão é possível, na medida em que, também para o escravo, uma das poucas chances que eles possuíam para expressar seus sentimentos, contar suas memórias, denunciar as péssimas condições de vida que tinham e tentar, ainda que com mínimas chances, dar passos em direção à sua emancipação, era por meio da alfabetização. Obviamente, se para o proletário do século XIX a possibilidade disso era pequena, para o escravo era quase nula. A história, ao longo dos séculos, não oficializou as memórias coletivas dos escravos por não haver grandes pressões para que isso ocorresse, haja vista o fato de os

[27] Escuchar y aprender con el corazón, leer y copiar, componer y descomponer los pocos textos que se han podido desviar del patrimonio de los letrados, es el método natural por el cual los que no fuero educados en los colegios pueden al mismo tiempo expresar los dolores de su condición y hacer sus primeros pasos en el territorio de su emancipación.

grupos marginalizados terem nenhum poder econômico para fazerem suas vozes serem ouvidas. Diversos autores denunciam esse fato, como atesta Adelheid Pichler (2010) ao falar da amnésia em torno da memória da escravidão:

> À primeira vista, a declaração de Richard Price (1998: 166) de que para as pessoas do Caribe, a história com a escravidão no centro muitas vezes pareceu um pesadelo melhor esquecido não é surpreendente. Com a significativa exceção dos *Maroons* da Jamaica, e talvez do Haiti rural, ele continua, o silenciamento do passado tem sido endêmico. Os intelectuais locais há muito reconhecem essa amnésia coletiva entre os povos: Césaire escreve sobre sua terra sem estrela, caminhos sem memória, Glissant da perda da memória coletiva, o cuidadoso apagamento do passado, Walcott que, com o tempo, o escravo se rendeu à amnésia e que a amnésia é a verdadeira história do Novo Mundo, e Patterson que o legado mais importante da escravidão é a ruptura total, não tanto com o passado quanto com a consciência do passado. (p. 183-184).[28]

Para Rossi, a única maneira de se superar o trauma do passado é encará-lo e aceitá-lo, mas o fato de que as memórias coletivas dos escravos foram se perdendo por falta de registros oficiais faz com que seu passado seja fragmentado.

2.5 MEMÓRIA E TRAUMA

As memórias coletivas de um povo podem ser tornadas oficiais por meio da história, que analisa fatos, recolhe documentos e arquivos e busca (embora sem grande sucesso, como já vimos) ser imparcial ao escolher aquilo que será digno de ser transformado em história, já que, dada a amplitude das memórias coletivas, a história não conseguiria, jamais, contar tudo. Porém, é importante atentarmos para o fato de que muitos dos acontecimentos que ficam na memória coletiva de determinados povos são eventos traumáticos que podem ser mais difíceis de serem lembrados, contados e repassados através das gerações que tentam guardar as memórias coletivas de seu grupo, ou mesmo podem ser mais facilmente silenciados pela história oficial que, muitas vezes,

[28] At first sight Richard Price' (1998: 166) statement that, for Caribbean people, history with slavery at the centre has often seemed a nightmare best forgotten is not astonishing. With the significant exception of the Maroons of Jamaica, and perhaps of rural Haiti, he goes on to say, the silencing of the past has been endemic. Local intellectuals have long recognized this collective amnesia among the folk: Césaire writes of his land without stela, paths without memory, Glissant of the loss of collective memory, the careful erasure of the past, Walcott that, in time, the slave surrendered to amnesia and that amnesia is the true history of the New World, and Patterson that the most important legacy of slavery is the total break, not so much with the past as with a consciousness of the past.

como vimos, cercada de ideologias, prefere esquecer certos fatos e eventos. Nesse sentido, importa-nos agora entender como a experiência de situações traumáticas pode ser rememorada ou esquecida.

Em primeiro lugar, é importante entender que a definição do que seja um trauma é dada por diversas áreas do saber, sendo a psicologia e a psiquiatria as áreas que mais atuam para tentar realizar tal definição. Sobre a amplitude de áreas que estudam a memória, Pichler (2007) acredita que isso se dê pelo fato de o estudo da memória ser importante para resolver diversas questões acerca das relações entre memória e história, pela própria ideia de "pós-história" ou fim da história, bem como o crescimento de narrativas, história, memórias e testemunhos sobre sociedades antes (ainda?) marginalizadas, tendo se tornado um novo paradigma dentro dos estudos culturais. Porém, como já explicado anteriormente, este trabalho não objetiva estudar todas as concepções acerca da memória, nem as freudianas, tampouco deseja fazer isso com o trauma. Apesar disso, alguns conceitos da psicanálise podem ser aqui utilizados, apenas com o intuito de esclarecer as diferentes concepções acerca do trauma. A seguir, temos uma definição ampla do que seja o trauma, que passaremos a utilizar neste trabalho, com mais ênfase no trauma da escravidão:

> Originalmente designando ferimento físico violento, abordagens psicanalíticas, em particular, empregaram o termo para casos de lesão psicológica intensa, suas causas, processos e efeitos. A conexão do trauma físico ao trauma psicológico como uma relação causal ainda é um aspecto dominante, como casos de violência intensa, abuso sexual, experiência de lesões corporais graves ou seu testemunho são fontes-chave de trauma psicológico (Eggers, 2001). No entanto, o conceito de trauma tem sido ampliado para incluir experiências de violência psicológica ou estrutural (particularmente na infância ou início da idade adulta) bem como a ameaça ou perigo iminente de violência. (KRAMPE, 2010, p. 308-309).[29]

Leyesdorff, Dawson, Burcherdt e Ashplant (1999) falam acerca do conceito original do trauma: "No seu sentido original (derivado do grego 'traumatizo', significando ferimento), o trauma significava um golpe ou choque nos tecidos corporais

[29] Originally designating violent physical injury, psychoanalytical approaches in particular have employed the term for instances of intense psychological injury, its causes, processes and effects. The connection of physical trauma to psychological trauma as a causal relationship is still a dominant aspect, as cases of intense violence, sexual abuse, the experience of major bodily harm or the witnessing thereof are key sources of psychological trauma (cf. Eggers 2001). Yet the concept of trauma has been widened to include experiences of psychological or structural violence (particularly in child- or early adulthood) as well as the threat or imminent danger of violence.

que levavam a lesões ou distúrbios." (p.1).[30] Porém, tal conceito se expandiu e hoje é possível afirmar que refere-se ao choque ocasionado por algum evento, ao estado da mente que resulta desse choque e à desconexão causada à pessoa afetada em suas relações com a sociedade. Neste trabalho, mais do que os traumas físicos, importam as disfunções sociais ocasionadas pelo trauma da escravidão, como a incapacidade de narrar o trauma vivido e o esquecimento, a dificuldade em rememorar tal trauma e de servir como testemunha do mesmo, bem como as narrativas ficionais como meio de contar a experiência traumática.

Ao analisar doenças que caracterizou como "neuroses traumáticas", em *A etiologia da histeria*, de 1896, Freud, inicialmente, tratou da histeria (principalmente feminina) ocasionada por eventos traumáticos relacionados à infância da paciente, na qual algum tipo de abuso sexual teria ocasionado a neurose traumática. A seguir, nas *Conferências introdutórias sobre a psicanálise*, de 1915-1917, o psicanalista estendeu seu campo de estudo até os eventos traumáticos sofridos por soldados em situações de guerras. O estudo dos traumas sofridos e rememorados por sobreviventes de guerra levou ao entendimento de que os soldados não conseguiam se desvencilhar dos traumas vividos, chegando a sonhar com eles repetidamente. Outros autores, estudando situações traumáticas diversas, perceberam que as mais extremas, como a *shoah* e a guerra do Vietnã, podem levar ao que se cunhou como "transtorno de estresse pós-traumático", cujas características podem variar, como explica Seligmann-Silva:

> [...] situação crônica de angústia e depressão, marcada por distúrbios do sono, pesadelos recorrentes, apatia, problemas somáticos, anestesia afetiva, "automatização do ego", incapacidade de verbalizar a experiência traumática, culpa por ter sobrevivido e um trabalho de trauma que não é concluído. (2005a, p. 68)

Assim, o sujeito que experimenta uma situação de trauma pode apresentar caraterísticas diversas e, ainda, apresentar um longo período de latência, de modo que a neurose traumática apareça até mesmo décadas após o fato vivido. As memórias acerca do trauma vivenciado podem ser fragmentadas, pois que há, mesmo que de forma inconsciente, na vítima, um desejo de esquecer. Na visão de Krampe (2010), isso ocasiona na memória coletiva do trauma, uma integração problemática "Em versões de

[30] In its original sense (derived from the Greek 'traumatizo', meaning to wound) trauma signified a blow or shock to the bodily tissues which led to injury or disturbance.

memória coerentes e positivas e, portanto, auto-identificações." (p. 309).[31] O autor cita a obra de Lawrence Hill, *The Book of Negroes,* de 2007*,* como exemplo de como a memória coletiva da escravidão no Canadá tem sido negada e deturpada, de modo que o que se oficializou como escravidão no país tenha sido um período meio idílico, numa situação moralmente superior à escravidão dos Estados Unidos, o que é desconstruído na narrativa da protagonista Aminata. A obra, uma espécie de narrativa memorialística, mostra a rememoração de traumas ocorridos desde a passagem intermédia, aos que sobreviveram e aos que não sobreviveram a ela, até às atrocidades vividas durante a escravidão, bem como as experiências da protagonista como pessoa livre e sua tentativa de integração à sociedade canadense.

Lacapra (2009) entende que o local da memória, no sentido dado por Nora, é, quase sempre, um local de trauma e que o trauma produz uma ruptura na memória que interrompe a continuidade com o passado, colocando em questão a própria identidade. O sujeito que vive uma memória traumática acaba por querer esquecer e isso faz com que sua própria identidade seja colocada em xeque. Porém, mesmo se esforçando para esquecer, é comum que o sujeito não o consiga e acabe revivendo o ocorrido mentalmente com certa frequência:

> Mas os lapsos de lembrança do trauma se combinam com a tendência de repetir, reviver, ser possuído ou repassar as cenas traumáticas do passado compulsivamente, seja através de procedimentos artísticos mais ou menos controlados ou experiências existenciais descontroladas de alucinação, retorno ao passado, sonhos e recaídas no trauma fomentadas por incidentes que recordam o passado mais ou menos obliquamente. Neste sentido, o que é negado ou reprimido no lapso da memória não desaparece; regressa de um modo transformado, às vezes desfigurado ou disfarçado. (p.23)[32]

Embora o sujeito muitas vezes queira esquecer, não o consegue enquanto tal memória não deixar de ser traumática. Porém, como evidenciam estudos sobre a *shoah*, na maioria dos casos, o trauma não é superado a não ser quando a vítima fala dele. Para Lacapra (2009), testemunhar sobre o trauma é, em muitos casos, tudo o que se pode

[31] into coherent and positive memory versions and thus self-identifications.

[32] Pero los *lapsus* del recuerdo del trauma se combinan con la tendencia a repetir, revivir, ser poseído o pasar al acto compulsivamente las escenas traumáticas del pasado, ya sea a través de procedimientos artísticos más o menos controlados o en descontroladas experiencias existenciales de alucinación, retorno al pasado, sueños y recaídas en el trauma fomentadas por incidentes que recuerdan más o menos oblicuamente el pasado. En este sentido, lo que se niega o se reprime en el *lapsus* de la memoria no desaparece; regresa de un modo transformado, a veces desfigurado o disfrazado.

esperar da vítima do trauma, podendo ser também o modo de a vítima adquirir voz. É justamente isso o que a história nem sempre quer: dar voz às vítimas. Assim, como já vimos, muitas vezes a história silencia sobre evento traumáticos, por vezes pelo fato de as vítimas terem sido mortas, outras vezes pelo fato de as vítimas preferirem esquecer. Em relação à escravidão, por exemplo, a maioria dos escravos não sabia sequer ler e escrever. Como testemunhar? Como contar? A escravidão foi também uma experiência traumática para os escravos e todos os seus descendentes, visto ter cerceado a liberdade de milhões de negros e retirado a vida de tantos outros milhões de formas cruéis e desumanas. Os que sobreviviam à passagem intermédia carregavam o trauma de seus horrores e seriam, novamente, sujeitados à outras situações traumáticas ao longo de suas vidas, como a morte, açoitamento e separação de familiares, estupro, trabalhos forçados, parca alimentação, violências gratuitas e brutais e a própria humilhação de não ser nem sequer visto como um ser humano. Assim, quando da abolição da escravatura, muitos ex-escravos não queriam lembrar dos horrores vividos, outros estavam preocupados demais em conseguir trabalho para sustentarem-se, e quase todos tinham pouquíssimo acesso à informação, mal sabiam de seus direitos como cidadãos. Na visão de Hansen (1999), o trauma pode ser também gerado pelo acúmulo de acontecimentos ao longo da vida: "Além disso, o trauma não pode ser meramente a conseqüência de um evento discreto ou agudo, mas pode derivar de uma condição persistente baseada em experiências de vida acumuladas." (p. 221).[33] Esse é o caso da escravidão, pois além de eventos traumáticos pontuais, toda a vida dos escravos era traumática.

Assim, além dos traumas individuais dos sujeitos que vivenciaram situações de violência e horror, pode-se ainda falar de traumas coletivos, na medida em que certos eventos tenham tido um alcance maior que o individual, afetando comunidades e povos inteiros, mudando-lhes o destino, como é o caso da *shoah*, da escravidão e das colonizações. O romance *Comissão das lágrimas* (2011), do português António Lobo Antunes, é um exemplo de romance que mostra a rememoração de traumas coletivos pelos quais a sociedade angolana passou, quando da guerra civil que culminou em sua independência. O país passou por situações de guerra, fome, violência, perseguições, etc. Na voz da narradora Cristina, são contadas memórias diversas, num romance testemunhal polifônico, pois ela apenas será a mediadora de diversos sujeitos que rememoram seus traumas. Embora haja diversos personagens que contem suas

[33] Moreover, trauma can not merely be the consequence of a discrete happening or acute event but can derive from a persisting condition based upon accumulated life experiences.

memórias, há uma memória coletiva comum, a do trauma pelo qual uma comunidade inteira passou. Ricoeur (2007) também acredita haver tais traumas coletivos e afirma:

> Pode-se falar em traumatismos coletivos e em feridas da memória coletiva, não apenas num sentido analógico, mas nos termos de uma análise direta. A noção de objeto perdido encontra uma aplicação direta nas "perdas" que afetam igualmente o poder, o território, as populações, que constituem a substância de um Estado. (p. 92)

Para Ricoeur, existe uma relação profunda entre história e violência, na medida em que os acontecimentos fundadores das comunidades nascem de situações de guerra e violência, sendo que enquanto para os "vencedores", a história oficializada será de glória, para os "vencidos", será de humilhação, criando memórias coletivas traumáticas para estes últimos. Le Goff (1994) acredita que um exemplo bastante claro disso seja a colonização do novo mundo, e cita em específico o povo Inca do Peru, cuja "colonização" teria provocado um "traumatismo coletivo" nos povos indígenas:

> O resultado da conquista parece ser, para os Índios, a perda da sua identidade. A morte dos deuses e do Inca, a destruição dos ídolos, constituem para os Índios um "traumatismo coletivo" - noção muito importante em história, pelo que lembro aqui ela deve alinhar-se entre as formas principais de descontinuidade histórica: os grandes acontecimentos- revoluções, conquistas, derrotas- são sentidos como "traumatismos coletivos". (p. 69).

Tendo sofrido um trauma coletivo, os povos Incas viram a história ser contada pelo olhar ideológico dos vencedores, no caso, os conquistadores espanhóis, e ainda hoje os povos indígenas peruanos sofrem por terem suas memórias coletivas apagadas pela historiografia oficial. É o que conta o escritor peruano Manuel Scorza em seu conjunto de cinco romances intitulado de *Ciclo de baladas* ou *Guerra silenciosa*, publicados na década de 1970, a saber: *Bom dia para os defuntos* (1970), *Garabombo, o invisível* (1972), *O cavaleiro insone* (1977), *Cantar de Agapito Robles* (1977) e *A tumba do relâmpago* (1979). Os romances são históricos, pois baseiam-se nos massacres reais sofridos pelos campesinos peruanos, que enfrentavam isolados os grandes proprietários de terras, que buscavam destruí-los a todos, para tomar-lhes as terras. Assim, o tom dos romances é de denúncia, na medida em que representam o silenciamento da história sobre as injustiças sofridas pelos descendentes de indígenas peruanos.

Da mesma forma, os africanos transformados em escravos no Novo Mundo não tiveram suas histórias contadas. Porém, Le Goff (1994) acredita que a memória coletiva desses povos que sofreram traumas coletivos possa se manter viva, embora de forma lenta. É possível que os traumatizados consigam resistir à imposição de uma história enviesada e manipulada por meio da manutenção de sua cultura, de seus hábitos e da narração de sua interpretação dos fatos históricos. Essa narração, no passado, ocorria de forma oral, por isso muitas memórias coletivas se perderam e não puderam ser registradas como história. Todavia, nem tudo foi destruído e a própria sobrevivência da cultura popular, para Le Goff, se constitui como uma "anti-história", que "se opõe à história ostentatória e animada dos dominadores." (p. 70). É por meio da manutenção das memórias coletivas de certos povos, que as histórias oficializadas podem, hoje, ser questionadas e até desconstruídas. Assim, no passado acreditava-se na história da escravidão como algo benéfico aos africanos, algo moralmente correto e necessário. Hoje, com base no que sobreviveu das memórias coletivas dos escravizados e de outras pessoas que lutavam pela abolição, entende-se a barbárie desnecessária que a escravidão tenha sido.

Para Seligmann-Silva (2005a), os eventos traumáticos, principalmente aqueles que envolvem grandes coletividades, adentram o inconsciente coletivo, formam memórias coletivas que alimentam nossa visão de passado, sendo representadas por meio da própria história, da arte, da música, da literatura, etc. Nesse sentido, o testemunho pode ser um dos meios para se manter viva a memória coletiva do trauma. Porém, como as memórias de um trauma podem ser desconexas e fragmentadas, importa ressaltar, assim como o fez Lacapra (2009), que a história não pode ser confundida com o testemunho:

> O testemunho é uma condição necessária da ação e, em alguns casos, é tudo que se pode esperar de alguém que passou por uma experiência limite. É também essencial como uma forma na qual a vítima ameaçada ou abandonada ao trauma pode superar a passividade e a dormência, voltar a participar da prática social e adquirir uma voz que pode alcançar em certas condições um efeito concreto (por exemplo, em um processo judicial). Mas, assim como a história não pode ser confundida com o testemunho, tampouco pode a ação ser confundida ou limitada ao testemunho. Para poder mudar um estado de coisas de um modo desejável, a ação efetiva deve ir além do testemunho para

> adquirir formas mais abrangentes da prática social e política. (p. 25-26).[34]

O testemunho, para quem viveu o acontecimento traumático, pode ser a única forma de o sobrevivente retomar a vida, falando dele, por exemplo, sendo, ainda, um passo para ações efetivas serem tomadas para que o trauma seja superado de fato, como num testemunho judicial, por exemplo. Como afirmado acima, o trauma tem impacto no modo de pensar do sobrevivente, e pode fazer com que as memórias possam ser muito vívidas ou muito fragmentadas:

> Psicólogos e médicos há muito reconhecem que o trauma pode afetar fundamentalmente os processos da memória e, de fato, eles sustentam que experiências traumáticas podem afetar funções neurológicas, mudando a maneira como os sobreviventes *pensam*. Esses processos de pensamento alterados tendem a produzir memórias de trauma que são ao mesmo tempo excepcionalmente vívidas e inusitadamente fragmentadas. (ROGERS, LEYESDORFF e DAWSON,1999, p. 4).[35]

Isso significa que nem sempre o sujeito que vivenciou o trauma irá conseguir contá-lo de forma imparcial, e daí é que se evoca, então, a literatura produzida pelos sobreviventes dos eventos traumáticos, do uso da imaginação literária para contar. Mas não é assim, também, que age a história? Já vimos que a imparcialidade é impossível para o historiador. Seligmann-Silva (2008) acredita que como o trauma é uma espécie de memória "de um passado que não passa" (p. 69), o ato de contá-lo acaba por receber auxílio da imaginação que "deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração" (p. 70) e essa narração raramente consegue se dissociar do impacto causado pelo trauma, o que faz com que a narrativa sobre o trauma tenha

---

[34] El testimonio es una condición necesaria de la acción y en ciertos casos es todo lo que cabe esperar de alguien que ha pasado por una experiencia límite. Es también fundamental como manera en la cual una víctima amenazada o abandonada al trauma puede sobreponerse a la pasividad y el entumecimiento, volver a participar de la práctica social y adquirir una voz que pueda alcanzar en ciertas condiciones un efecto concreto (por ejemplo, en un proceso judicial). Pero así como la historia no puede confundirse con el testimonio, tampoco puede la acción confundirse o limitarse al testimonio. Para poder cambiar um estado de cosas de un modo deseable, la acción efectiva debe ir más allá del testimonio para adquirir formas más comprensivas de la práctica social y política.

[35] Psychologists and physicians have long recognized that trauma may fundamentally affect the processes of memory and indeed they have maintained that traumatic experiences may affect neurological functions, changing the way that survivors *think*. These changed thinking processes tend to produce memories of trauma which are at the same time unusually vivid and unusually fragmented.

> [...] a *literalização* e a *fragmentação* como as suas características centrais (e apenas à primeira vista incompatíveis). Ele é ainda marcado por uma tensão entre oralidade e escrita. A literalização consiste na incapacidade de *traduzir* o vivido em imagens ou metáforas. A fragmentação de certo modo também literaliza a psique cindida do traumatizado e a apresenta ao leitor. A incapacidade de incorporar em uma cadeia contínua as imagens "vivas", "exatas", também marca a memória dos traumatizados. (SELIGMANN-SILVA, 2005b, p. 87)

Para Seligmann-Silva (2008): "A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço." (p. 70-71). Isso ocorre porque, muitas vezes, encarar o trauma de frente é bastante doloroso para o indivíduo que o sofreu e ele se sente incapaz de descreveu o que houve. Essa é uma conclusão a que chega Primo Levi (1990), ao tentar relatar suas experiências nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Levi entende que ele mesmo não seja uma testemunha autêntica, pois estas estão impossibilitadas de narrar, já que foram mortas pelos nazistas, tendo sido as únicas testemunhas a vivenciar, de fato, todos os horrores da guerra:

> Nós, trocados pela sorte, tentamos narrar com maior ou menor sabedoria não só nosso destino, mas também aquele dos outros, dos que submergiram: mas tem sido um discurso 'em nome de terceiros', a narração de coisas vistas de perto, não experimentadas pessoalmente. A demolição levada a cabo, a obra consumada, ninguém a narrou, assim como ninguém jamais voltou para contar sua morte. (LEVI, 1990, p. 48).

Assim é que a literatura do trauma, na maioria das vezes, acaba por ser ficcionalizada pela testemunha que a narra. Kopf (2010) entende que o trauma, em si, resista à narratividade, dada a complexidade de suas relações tensivas com a memória. Da mesma forma, a autora entende que isso ocorre pelo fato de trauma e memória serem diferentes, visto o trauma ser dissociado da consciência, não ser possível de ser controlado voluntariamente: "[trauma] não pode ser integrado na memória narrativa, pois coloca o eu e suas funções normais fora de ordem." (p. 48).[36] Retomando a ideia de Primo Levi acerca da impossibilidade de narrar o trauma ocorrido nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, a autora crê, também, que, diante de uma situação traumática, tanto o indivíduo quanto toda uma coletividade, possam sentir, ao tentar contar o que houve, a falta de uma linguagem apropriada para narrar:

[36] [trauma] cannot be integrated into narrative memory, as it puts the self and its usual functions out of order.

> Para entender narrativas de experiências traumáticas, devemos reconhecer e compreender a ausência de linguagem e significado que tal experiência provoca originalmente. Uma ausência que significa uma interrupção violenta do fluxo da comunicação, uma destruição de sua confiança básica nos fundamentos comuns de uma ordem simbólica que está na vanguarda de qualquer tipo de comunicação. (KOPF, 2010, p. 49).[37]

Paradoxalmente, porém, existe certa urgência em contar. Grande parte das testemunhas sofre do sentimento contraditório de querer contar, mas esquecer, ao mesmo tempo. E Seligmann-Silva (2005b) descreve necessidades diferentes, de acordo com o tipo de evento traumático:

> Pode-se falar também de uma *necessidade* de se testemunhar, tanto nos autores de testemunho da Shoah como nos de *testimonios*. Mas, no primeiro caso, tende-se a compreender essa necessidade não só em termos jurídicos, mas também a partir da chave do trauma, enquanto na literatura de *testimonio* a necessidade é entendida quase que exclusivamente em um sentido de necessidade de se fazer justiça, de se dar conta da exemplaridade do "herói" e de se conquistar uma voz para o "subalterno". (p.90)

Para Kopf, somente ao contar é que o sujeito traumatizado pode conseguir superar o trauma. É o que se retrata no romance *Um dimanche au cachot* (2007), do escritor Patrik Chaimoseau, da Martinica. O narrador personagem contará a história da menina Caroline, que vive em umas ruínas, se escondendo dos homens, tendo sofrido traumas grandes no passado, como o estupro. A menina só confia no narrador após ele contar-lhe histórias de um passado escravista sobre três mulheres escravas e seus traumas. Então, a menina Caroline adquire confiança, consegue lhe contar seu trauma e assim o supera. Mas, para tanto, é preciso um ouvinte, pois quem sofre o trauma, não consegue sofrê-lo sozinho, precisa de alguém para ouvi-lo: "Como Laub diz, é somente no processo de narração ou de testemunho que a história do trauma surge. Este processo não pode ser feito sozinho, e Judith Herman enfatiza o fato de que 'ninguém pode

[37] In order to understand narratives of traumatic experiences we must recognize and understand the absence of language and meaning such an experience originally provokes. An absence that signifies a violent interruption of the flow of communication, a destruction of one's basic confidence in the common grounds of a symbolic order that is at the forefront of any kind of communication.

enfrentar o trauma sozinho'." (KOPF, 2010, p. 51).[38] É o que ocorre com a protagonista Aminata, do romance de Lawrence Hill, *The Book of Negroes,* de 2007, já citado. Ela precisa contar suas experiências traumáticas como escrava para poder, se não esquecer o trauma da escravidão, ao menos superá-lo. E, assim como Primo Levi, que narra o trauma de todos os condenados nos campos de concentração, Aminata tem consciência de que conta não apenas o seu trauma, mas o de todos os escravos, em particular aqueles que, como ela, vivenciaram a passagem intermédia, sobreviveram a ela e acreditaram que, no Canadá, seriam tratados como seres humanos, o que não ocorre. Porém, para uma grande parcela das testemunhas, o mais difícil é ser ouvido. Isso se dá pelo fato de, frequentemente, o testemunho não ser considerado válido ou confiável, e aqui retomamos a problemática da memória manipulada, como já vimos em Ricoeur (2007). Isso pode culminar no que Ricoeur chamou de "solidão das 'testemunhas históricas' cuja experiência extraordinária mostra as limitações da capacidade de compreensão mediana, comum. Há testemunhas que jamais encontram a audiência capaz de escutá-las e entendê-las." (p. 175). Assim, muitos testemunhos acabam por não serem contados, o que diminui ainda mais a chance de memórias de indivíduos marginalizados serem conhecidas e reconhecidas pela historiografia. Em parte, isso ocorre, na visão de Seligmann-Silva (2008), pelo fato de a imaginação ajudar tais memórias traumáticas a virem à tona e isso, mais uma vez, colocar a credibilidade do testemunho em dúvida:

> Antes é por conta da imaginação que muitas acusações são feitas contra o testemunho. Ou seja, antes de se criticar a literatura (com seu evidente compromisso com a imaginação), a própria narrativa testemunhal, que se quer "primeira", atestação, fonte original da realidade, mesmo esta narrativa é descartada por muitos historiadores – como o próprio Raul Hilberg (1996) – como sendo fonte não fidedigna para o historiador. (p. 71)

Muitos autores atentam para o fato de que as memórias de quem apenas testemunhou situações traumáticas será, certamente, diferente das memórias de quem viveu o trauma. Isso, na opinião de Leyesdorff, Dawson, Burcherdt e Ashplant (1999), se evidencia no fato de as memórias de fatos estressantes ou traumatizantes, como um assassinato ou estupro, por exemplo, se manterem "Especialmente vívidas e detalhadas,

[38] As Laub says, it is only in the process of narration or bearing witness that the story of the trauma comes into being. This process cannot be done alone, and Judith Herman alike stresses the fact that 'no one can face trauma alone'.

com quase nenhuma mudança ao longo do tempo" (p. 4)[39], enquanto as memórias de quem sofreu algum trauma "Podem levar a 'extremos de retenção e esquecimento', incluindo a amnésia que pode durar 'horas, semanas ou anos'" (p. 4).[40] As primeiras são, inclusive, aceitas em cortes e tribunais, consideradas confiáveis, enquanto as segundas não. Isso contribui para a desconfiança sobre os testemunhos. Ricoeur (2007) chama atenção para o fato de ser tarefa do historiador perceber que "diferentes são os testemunhos de sobreviventes, diferentes os de executantes, diferentes os de espectadores envolvidos, a títulos e graus diversos, nas atrocidades de massa" (p. 271).

Diante dessa situação de haver desconfiança pela veracidade do testemunho, da negação das memórias coletivas traumáticas pela história, que silencia sobre os grandes horrores perpetrados sobre seres humanos marginalizados, e pela necessidade de serem ouvidos, de narrar o trauma e ter suas memórias consideradas válidas e aceitas como história, é que muitas testemunhas têm usado a literatura como forma de fazer suas memórias serem ouvidas, como observa Winter (2006): "ficção e memória em forma de ficção também têm sido vetores importantes na disseminação da noção da memória traumática." (p. 86). Vejamos agora como a narrativa pode disseminar memórias coletivas que tenham sido obliteradas pela história.

2.6 MEMÓRIA E NARRATIVA

A memória tem sido utilizada como componente de narrativas literárias há muito tempo, visto a literatura, desde sempre, falar sobre o passado, sua rememoração, seja por meio de narrativas históricas, além de outras peças literárias e das autobiografias que apenas tematizem a memória ou dela se utilizem para a tessitura narrativa. As narrativas sobre memórias traumáticas, ficcionalizadas ou não, parecem, quase sempre, trazer algum grau de imaginação e fantasia, na medida em que quem vivenciou o trauma tem certas dificuldades em rememorá-lo e parece precisar recorrer à imaginação para trazer à tona as memórias traumáticas, como vimos. Uma das maneiras de se narrar as memórias e os traumas é por meio dos testemunhos, que, ficcionalizados, adquiriram um estatuto literário muito recentemente. Bosi (1995), ao analisar as *Memórias do*

[39] especially vivid and detailed, with almost no change over time
[40] can lead to 'extremes of retention and forgetting', including amnesia which may last for 'hours, weeks or years'

cárcere (1953), de Graciliano Ramos, entende a obra como uma literatura de testemunho, e diz de onde vem o termo:

> Recentemente os jurados de um concurso latino-americano, patrocinado pela Casa de las Américas de Havana, adotaram a expressão *literatura de testemunho* para qualificar um tipo de escrita que desde os anos Setenta não cessa de crescer. A escolha do termo obedeceu à necessidade de acolher um alto número de originais que se situavam na intersecção de memórias e engajamento. Nem pura ficção, nem pura historiografia; testemunho. (p. 309)

O ano foi 1979, mas desde 1960 já havia referência ao *testimonio*, embora este fosse pensado mais como testemunho histórico e não como literário. (SELIGMANN-SILVA, 2005a.). Para Bosi, a questão central ao analisarmos uma obra que se constitua como literatura de testemunho seria "como a memória de fatos históricos se fez construção literária pessoal sem descartar o seu compromisso com o que vulgarmente se entende por *realidade objetiva?*" (p. 309). Essa é uma preocupação da literatura, na medida em que grandes críticas têm sido feitas à ficcionalização de memórias, como entende Seligmann-Silva (2008), ao afirmar que a historiografia acredita que a ficcionalização dos testemunhos lhes tiraria a noção de imparcialidade. Mas já discutimos aqui que nem mesmo a historiografia dá conta de ser objetiva e imparcial. Embora não seja o foco principal deste trabalho, importa discutir brevemente como se constituem os testemunhos literários, visto serem uma das formas encontradas por escritores e testemunhas de fazer emergir memórias que se querem esquecidas por uma história que, permeada por ideologias, acaba por silenciar certas memórias coletivas, principalmente as de grandes genocídios, injustiças, e quase sempre perpetradas contra povos e comunidades marginalizados por algum motivo. Para Seligmann-Silva (2005a), a modernidade deu voz a diversos testemunhos por meio de recursos como o vídeo, e o fato de os testemunhos serem hoje televisionados faz com que haja maior difusão e até aceitação de seu teor de veracidade, o que ocasiona maior repercussão e discussão sobre o que se testemunha. Mas isso não elimina o fato de a literatura poder também testemunhar, como os *testimonios* latinos têm provado:

> [...] também ela [a literatura] pode testemunhar - se não mais o passado longínquo da tradição - ao menos o presente. E a literatura no século XX foi em grande parte uma literatura marcada pelo seu presente traumático. Cabe a nós aprendermos a ler esse teor testemunhal: assim como aprendemos que os sobreviventes

> necessitam de um interlocutor para seus testemunhos. A literatura de uma era de catástrofes desenvolveu também a nossa sensibilidade para reler e reescrever sua história, do ponto de vista do testemunho. (p. 77)

Embora o autor tenha em mente os traumas ocasionados pela *shoah* e os *testimonios* da América Latina que denunciam as barbáries das ditaduras militares, podemos pensar na escravidão também neste sentido, na medida em que ela também se constituiu como um genocídio, um evento traumático que não deve ser esquecido, sendo necessário que a história da escravidão seja revista e talvez reescrita. Seligmann-Silva adverte, porém, para o fato de que testemunho é diferente de história e do gênero autobiográfico: "ele apresenta uma outra voz, um "canto (ou lamento) paralelo", que se junta à disciplina histórica no seu trabalho de colher os traços do passado." (2005a, p. 79). Ele ainda chama a atenção para o fato de que os testemunhos como pensados na *shoah* também divergem dos *testimonios* na América Latina, pois ao pensarmos nas duas formas literárias, é preciso analisar seus contextos, pois "só assim podemos fazer justiça aos eventos históricos que estão na origem de cada uma delas." (p. 81). Seligmann-Silva descreve brevemente tais diferenças:

> A questão dos diferentes conceitos de 'testemunho': Na teoria literária, podemos perceber, nos últimos anos, grosso modo, dois grandes campos de discurso sobre o testemunho que têm se aproximado cada vez mais ultimamente. De um lado, a noção é pensada, no âmbito europeu e norte-americano, a partir da experiência histórica dessas regiões e países, de outro, o conceito de "testimonio" tem sido pensado a partir da experiência histórica e literária da América Latina. Antes de mais nada, os próprios eventos que estão na base dos discursos sobre o testemunho definem as características que cada um deles assume. Se, no primeiro âmbito, o trabalho de memória em torno da Segunda Guerra Mundial e da Shoah determina em boa parte as discussões, na América Latina, o ponto de partida é constituído pelas experiências históricas da ditadura, da exploração econômica, da repressão às minorias étnicas e às mulheres, sendo que nos últimos anos também a perseguição aos homossexuais tem sido pesquisada. O testemunho latino-americano introduz objetos que foram também se tornando cada vez mais importantes, sobretudo nos EUA a partir das lutas pelos direitos civis e com a paralela expansão dos Estudos Culturais. Daí se perceber hoje em dia uma ampla utilização do conceito de testemunho, não apenas para se tratar de sobreviventes da Shoah, mas também para sobreviventes de outras guerras, de genocídios e para qualificar o discurso, ou contradiscurso, das mulheres, das minorias, dos soropositivos, etc. (2005b, p. 86)

A literatura de testemunho na América Latina "recupera histórias atropeladas pelas ditaduras militares" (WINTER, 2006, p. 72). Seu caráter é mais específico, pois se volta para uma realidade recente: "o resgate da memória em sociedades pós ditatoriais vem carregado de outro tipo de questões que apontam para problemas de violação de direitos humanos, justiça e responsabilidade coletiva que colocam no palco de discussão estratégias de memória, esquecimento e trauma." (REIS, 2007, p. 78). É o que ocorre com a narrativa de testemunho *Tejas Verdes, diario de un campo de concentración en Chile* do escritor chileno Hernán Váldez, publicado em 1974, na Espanha, enquanto o autor lá vivia, exilado pela ditadura militar comandada por Pinochet no Chile. Nele, em forma de diário, Váldez narra o que viveu no campo de concentração Tejas Verdes, no Chile: sua prisão sem motivação, interrogatórios, violência, torturas, além de rememorar o que diziam os militares que guardavam a prisão, e seus companheiros no local, como analisa Reis (2007).

Da mesma forma, a literatura que tematiza a escravidão pretende recuperar as memórias coletivas silenciadas pela história, mesmo precisando, muitas vezes, abusar da imaginação, no sentido de dar voz a quem nunca a teve. Isso, porém, não se constitui diminuição de sua força literária, visto ser inerente à literatura, nem de seu impacto como fonte de recuperação de memórias perdidas, como entende Winter:

> As histórias de crueldade e opressão, uma vez recontadas, constituem atos de desafio; através do narrador, as vozes dos mortos e dos mutilados, podem ainda ser ouvidas. A Comissão de Verdade e Reconciliação na África do Sul tem sido um foco de libertação da memória emprisionada. Às vezes os limites entre a verdade e a ficção se ofuscam no contar destas histórias. Como colocou Doris Sommer (1999, p. 115), as fronteiras entre informar e performar (realizar uma performance) são porosas. Mas mesmo quando o contador da história vai além do que pode ser verificado através de outras fontes, a voz do testemunho ainda representa um sentido generalizado da opressão. (2006, p. 72)

Da mesma forma que a história não consegue ser objetiva e imparcial, as memórias ficcionalizadas também não. Ainda mais levando em conta o fato de muitas memórias coletivas terem sido silenciadas e negadas no passado, o que dificulta, agora, a busca por uma "verdade histórica", já que registros, dados, arquivos foram alterados ou mesmo destruídos. De qualquer forma, a literatura que ficcionaliza e cria memórias não se quer história. Ela sabe de seu estatuto literário e usa desse artifício (o da ficção) para preencher um certo vazio causado pela história oficializada. Narrar memórias de

traumas implica trazer à tona memórias "esquecidas" pela historiografia tradicional, o que torna seus narradores marginais, pois se tratam de memórias negadas, resgate da história e até denúncia e busca por justiça. Na visão de Pichler (2007), o texto literário que fala de memória se torna uma ferramenta cultural, um "local da memória", como o disse Nora, e, na medida em que "Preserva, avança, controla e subverte o significado cultural" (p. 4)[41], ela consegue moldar e formar memórias perdidas, negadas, silenciadas.

Entende-se que não somente a literatura de testemunho possa ser um instrumento de resgate e representação de memórias coletivas perdidas ou negadas, de alguma forma, mas diversas outras formas literárias também e, ainda, não apenas narrativas. Atualmente, a memória tem ocupado papel importante na literatura pós-colonial e nos estudos culturais, como assevera Pichler (2007) e têm surgido muitos romances que tematizam a memória da escravidão, de forma que a ficção tem servido como meio de representar, relembrar, discutir e criticar a história da escravidão, tantas vezes negada pela história ou pelos escritores de ficções durante o período da escravidão. Neste sentido, Bonnici (2012) afirma que:

> [...] vários autores de ascendência caribenha e africana, recorrendo à reescrita da história da escravidão, percebem que a história, especialmente do século 19, é uma importante fonte de recursos ficcionais. Os romances sobre a escravidão do início do século 21 têm uma força temática que vem ao encontro das ambiguidades, informações incorretas e da supressão da memória sobre a escravidão e o racismo na Europa, especialmente no Reino Unido, e nos Estados Unidos. (p. 56)

Ao estudarmos a representação da memória da escravidão na literatura, relembramos que a memória, para Le Goff, "como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas" (1994, p. 423). Tratando da escravidão, é preciso entender que escravizados vão "atualizar" impressões/informações bastante diferentes das dos escravizadores, pois o olhar de ambos para esse mesmo fato histórico será, necessariamente, diferente. Nesse sentido, as narrativas produzidas por escravos (pelos poucos que eram alfabetizados ou por outros ajudados por brancos abolicionistas que

[41] preserving, advancing, controlling and subverting cultural meaning

eram alfabetizados) obviamente vão "atualizar" memórias coletivas que remetem aos sofrimentos e injustiças da instituição da escravidão, o que também ocorre com obras de ficção pós-abolição. As obras que buscam resgatar a memória da escravidão representarão tais memórias ou criarão memórias fictícias, de certa forma conseguindo representar o esquecimento imposto por tantos anos a tais memórias. O romance de Toni Morrison, *Amada*, (1987), é baseado na história real de Margaret Garner, escrava fugitiva que matou uma das filhas e tentou matar os demais filhos, para que não fossem escravizados. Na ficção, a personagem é Sethe, que faz o mesmo ao perceber que será recapturada por seu antigo senhor. O romance narra as memórias de Sethe e a culpa pela morte da filha, o que se reaviva quando da chegada de uma jovem estranha chamada Amada, que Sethe acredita ser a reencarnação da filha que assassinara. Sendo um romance histórico, ele busca revisitar as memórias coletivas de uma família de escravos que preferiu a morte à escravidão.

A ficção não esquece a memória da escravidão, pois o passado da escravidão retorna a nós todos os dias, mesmo quando a história tenta suprimi-lo. Um exemplo de como a literatura pode "atualizar" a memória da escravidão é o romance *Leite derramado* (2009), de Chico Buarque. Nele, o narrador Eulálio, um velho centenário acamado, rememora a história de sua família, que fora escravista e fizera fortuna com a exploração de escravos em fazendas espalhadas pelo Brasil. Ao mesmo tempo em que o narrador mostra a escravidão como algo idílico, visto entender que os escravos de seu pai e avô eram felizes e se mantiveram fiéis mesmo após serem alforriados, o tom da narrativa é irônico, pois o narrador é saudoso desse passado, descrevendo as surras dadas aos escravos, a saudade de uma época em que a família vivia na suntuosidade por meio da exploração dos escravos.

Lembramos, porém, que existe certa dificuldade em narrar o trauma, mesmo quando ele foi apenas testemunhado, e não vivido. Isso nos remete à ideia de Benjamin (2012) acerca da extinção da arte de narrar. Para Benjamin, a arte de narrar estaria em vias de extinção por que o mundo moderno trouxe a perda da "faculdade de intercambiar experiências" (p. 213) e um dos motivos seria o fato de as ações de experiência estarem em baixa e cita como exemplo disso os soldados que voltam da guerra mudos: "mais pobres em experiência comunicável" (p. 214). Dessa forma, o ser humano, isolado e mudo, não troca experiências, não se comunica e esgota-se, assim, a fonte das narrativas. A analogia com as memórias de traumas é possível, visto

entendermos a guerra como uma situação traumática, bem como a própria escravidão. O autor considera que as melhores narrativas sejam aquelas que se nutrem da experiência que "passa de boca em boca" (p. 214), o que nós compreendemos como as memórias coletivas, transmitidas dentro dos grupos, principalmente de forma oral, inicialmente, de vida mais efêmera que o romance, por exemplo, podendo desaparecer conforme os grupos que as contam se dispersam. Nesse sentido, Benjamin crê que "Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas." (p. 221), o que nos remete à ideia de Halbwachs (2006) acerca do desaparecimento das memórias coletivas, que morrem conforme morrem os membros do grupo que as possuíam.

Desse modo, podemos entender que a literatura que trata de memórias traumáticas e esquecidas pela história possa ser uma espécie de representação para o grupo que sofreu o trauma coletivo, como entende Seligmann-Silva (2005b):

> O testemunho possui um papel de aglutinador de um grupo de pessoas — antes de mais nada, em se tratando da Shoah, dos próprios judeus — que constroem a sua identidade a partir dessa identificação com essa *"memória coletiva"* de perseguições, de mortes e dos sobreviventes. (p. 87).

Apesar de o trauma ser algo difícil de ser contado, como o entendeu Primo Levi (1990), e muitas vezes o grupo que o sofreu querer esquecê-lo dada a dor que as lembranças trazem, esse mesmo grupo, ao narrá-lo oralmente ou por escrito, acaba por conseguir transmitir uma memória que não deve ser esquecida ou minimizada pela história oficial. Lembramos que o testemunho, como entende o autor, é "marcado por uma tensão entre oralidade e escrita" (p. 87), o que remete à ideia de narrativa, de Benjamin. (2012).

Embora o entendimento do que seja memória para Henri Bergson, em seus livros *Matéria e memória* (2010) e *Memória e vida* (2011) não seja o foco deste trabalho, as considerações que Benjamin (1989) faz acerca da memória voluntária e involuntária, extraídas dos livros de Bergson e que ele aplica na obra de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*, (1993 a, b e c) importam-nos parcialmente, na medida em que os volumes que compõem a obra de Proust são considerados, de forma largamente difundida pela crítica, como uma das narrativas mais importantes do século XX, tendo como temática principal a memória. E dela tratou Benjamin para demonstrar seu

entendimento do que seja a memória. Para Benjamim, (2012), Proust "Não descreveu em sua obra uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu." (p. 38). Da mesma forma, Gagnebin (2012) entende que o que seja mais genial em Proust tenha sido o fato de ele não ter escrito memórias, mas

> [...] uma "busca", uma busca das analogias e das semelhanças entre o passado e o presente. Proust não reencontra o passado em si que talvez fosse bastante insosso -, mas a presença do passado no presente e o presente que já está lá, prefigurado no passado, ou seja, uma semelhança profunda, mais forte do que o tempo que passa e que se esvai sem que possamos segurá-lo. (p. 15)

Analisando *Em busca do tempo perdido*, Benjamin entendeu-a como obra de gênero que não podia ser classificado, ou seja, não a viu como autobiografia, embora ela descreva lembranças da vida de seu autor, contadas por ele mesmo. Porém, não é nossa intenção aqui analisar a obra de Proust, e sim o entendimento que Benjamin faz de memória a partir dela. Para Benjamin (1989), o que Bergson chama de memória pura, em Proust é memória involuntária, que ele confronta com a ideia de memória voluntária, definida como uma memória "sujeita à tutela do intelecto." (p. 106), memórias que podem ser acessadas arbitrariamente, por derivarem de experiências, vivências. Sobre ela, Benjamin comenta: "[...] as informações sobre o passado, por ela [a memória voluntária] transmitidas, não guardam nenhum traço dele." (p. 106) ao analisar o seguinte trecho de Proust: "É assim com nosso passado. Trabalho perdido procurar evocá-lo, todos os esforços da nossa inteligência permanecem inúteis." (PROUST, 1993a, p. 48). Podemos evocar a memória voluntária quando quisermos, ao contrário da memória involuntária, que não é evocada conscientemente. A memória involuntária, então, seria aquela que nos vem espontaneamente num fluxo de pensamento, várias sensações que não se interrompem, podendo trazer ao sujeito um tipo de experiência que mais se assemelha à experiência vivida no passado. Podemos relembrar o que Bergson (2010) definiu como memória-hábito como a memória voluntária e a memória-lembrança seria a memória involuntária. A memória involuntária seria a mais pura, no sentido de ser espontânea e não buscada, podendo ser ativada através de emoções ou sensações. A analogia com Aristóteles também é possível, pois, como vimos, o filósofo também fazia distinção entre duas memórias: a memória que nos ocorre de forma espontânea, e o que ele chamou de reminiscência, que ocorre de forma deliberada. Aqui, podemos citar o famoso exemplo extraído da obra de

Proust, quando o narrador, ao provar uma *madeleine* (um tipo de bolinho), é "transportado de volta aos velhos tempos" (Benjamin, 1989, p. 106), relembrando, sem que o buscasse relembrar, certos aspectos que pareciam esquecidos, sua vida em Combray:

> E de súbito a lembrança apareceu. Aquele gosto era o do pedaço de madalena que nos domingos de manhã em Combray (pois nos domingos eu não saía antes da hora da missa) minha tia Léonie me oferecia, depois de o ter mergulhado em seu chá da Índia ou tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto. (PROUST, 1993a, p.50)

Mais uma vez, podemos fazer uma analogia entre a memória involuntária de Benjamin (1989) e a memória coletiva de Halbwachs (2006): assim como a memória involuntária, a coletiva é rememorada e repassada sem que haja intenção, sem que se calcule o que é que vai ser rememorado e contado. Lembramos que ao tentar definir a história, Benjamin (2012) entende que ela seja constituída por uma integração entre individual e coletivo e, ao falar da experiência e sua relação com memória, em Bergson e analisá-la em Proust, Benjamin (1989) entende que "Onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo." (p. 107). Para o autor, a experiência é condicionada por representações coletivas, ou seja, a experiência do indivíduo nunca pode ser dissociada da história e da tradição, pois mesmo quando pensamos que certas práticas sejam individuais, elas são, em verdade, partes de uma prática coletiva: "As inquietações de nossa vida interior não têm, por natureza, esse caráter irremediavelmente privado. Elas só o adquirem depois que se reduziram as chances dos fatos exteriores se integrarem à nossa experiência." (BENJAMIN, 1989, p. 106), o que nos remete à ideia de Halbwachs (2006) que toda memória é coletiva, visto sermos seres sociais e nunca estarmos sós, de fato. Entendida a memória, importa-nos agora compreender como opera a memória da escravidão nos romances *The longest memory* (1994) e *Feeding the Ghosts* (1997) de Fred D'Aguiar.

CAPÍTULO III

3. A MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO EM *FEEDING THE GHOSTS*

3.1 A NARRATIVA DE *FEEDING THE GHOSTS*

O romance *Feeding the Ghosts* foi publicado em 1997, e é o terceiro romance de Fred D'Aguiar, seguindo *The Longest Memory* (1994) e *Dear Future* (1996). No terceiro, assim como no primeiro, o romancista tematiza a escravidão, porém com viés diferente, conforme passaremos agora a analisar. Assim, embora *The Longest Memory* tenha sido escrito antes de *Feeding the Ghosts*, essa análise iniciará com este segundo romance por ele tematizar a escravidão na passagem intermédia, enquanto o outro tematiza a escravidão na *plantation*, nos Estados Unidos. Por isso, cronologicamente, *Feeding the Ghosts* fica melhor entendido quando analisado antes de *The Longest Memory*, para que o leitor tenha, de certa forma, um panorama da escravidão no Novo Mundo, começando com a escravidão em África, onde a protagonista Mintah, de *Feeding the Ghosts*, é capturada como escrava e levada até o navio negreiro, sendo vendida em Maryland, até a vida como escravo na *plantation*, como ocorre com os vários personagens de *The Longest Memory*, os castigos sofridos, a fuga, os dissabores de ser escravo. Ao citar os romances de Fred D'Aguiar aqui analisados usaremos as iniciais *A.M.R.L.* para indicar o romance *A mais remota Lembrança* em português, nas notas de rodapé, e *T.L.M.* para *The Longest Memory,* e *F.T.G.* para indicar o romance *Feeding the Ghosts.*

Feeding the Ghosts se divide em: Prólogo; Parte 1: capítulos 1 a 8; Parte 2: capítulos 9 e 10; parte 3: capítulos 11 a 13, e Epílogo. O romance conta a história de Mintah, que em África vivera numa missão dinamarquesa, sabia falar inglês, ler e escrever e fora capturada como escrava pelos tripulantes do navio *Zong*. O prólogo dá indícios do conteúdo da narrativa, com uma voz heterodiegética de um narrador desconhecido que descreve corpos no mar; e, por fim, uma única sobrevivente que nunca mais pôde ver o mar.

Na Parte 1, do capítulo 1 até o 8, estende-se a narrativa em si, com todos os acontecimentos ocorrendo dentro do navio *Zong*. O capitão Cunningham decide jogar

escravos doentes ao mar, em nome do lucro, pois o seguro pagaria por escravos afogados, mas não por escravos doentes. A escrava Mintah desafia tais ordens, chama o primeiro-imediato Kelsal pelo nome, pois sabia falar inglês, mas é jogada ao mar por isso. Porém consegue içar-se de volta, esconde-se na despensa da cozinha, e Simon, o assistente do cozinheiro, a ajuda. Ela tenta um motim, mas falha e é presa no convés com outros escravos, ficando doente, sendo alimentada à força. O capítulo 8 termina com a descrição dos delírios de Mintah em febre e ela finalmente conseguindo recobrar a consciência.

Na Parte 2, o capítulo 9 se passa no tribunal de julgamento do navio *Zong*, em que o capitão é julgado por ter atirado 131 escravos doentes ao mar, enquanto o capítulo 10 trata da fuga de Simon. A seguradora é representada pelo advogado Sr. Wilkes, que argumenta que o capitão Cunningham jogara escravos ao mar para obter o dinheiro do seguro; e os investidores, pelo advogado Sr. Drummond, que argumenta que o capitão fora um herói, salvando os tripulantes do navio *Zong* de morrerem contaminados por doenças, sendo a corte presidida pelo Lorde Mansfield. Ao fim dos depoimentos, aparece Simon, o assistente de cozinha, com o que chama de "livro de Mintah", uma espécie de diário que ela escrevera enquanto estivera na despensa da cozinha do navio, no qual narra os acontecimentos do *Zong*. Mas o diário é descartado, pois o advogado dos seguradores coloca em dúvida sua autoria, visto que uma escrava jamais poderia ter escrito aquilo. Simon, percebendo-se ameaçado por ter entregue o diário de Mintah, foge, desgostoso com a falta de justiça no caso.

Na Parte 3, capítulos 11 a 13, tem-se o diário de Mintah no capítulo 11 e a descrição, a partir de seu ponto de vista, pois o diário é narrado de forma autodiegética, do que acontecera no *Zong*. Nesse diário, vários detalhes sobre Mintah e o que ocorrera no navio são esclarecidos. A linguagem é poética e metafórica. Já no capítulo 12, tem-se também o uso da narrativa autodiegética, e Mintah já está idosa, o ano é 1833 e o local é Kingston, Jamaica. Mintah é uma negra livre que ensina crianças a ler e escrever e esculpe em madeira. Nesse capítulo, há mais detalhes sobre fatos no *Zong* através da memória e dos sonhos de Mintah. Por fim, já no capítulo 13, a narrativa volta a ser heterodiegética e Mintah acidentalmente põe fogo em sua cabana e morre confundindo fogo com água do mar.

O epílogo conta de forma heterodiegética que cada um jogado ao mar no *Zong* representa um de nós e que o passado precisa ser recontado.

Em relação à estrutura narrativa do romance, pode-se afirmar que seja complexa, em primeiro lugar por tratar-se de um romance histórico, já que a trama narrativa tem como base a história real do navio *Zong*, que zarpou da costa oeste africana em direção à Jamaica no ano de 1781, carregado de escravos e, no decorrer da jornada, o capitão decidiu jogar escravos doentes ao mar:

> Em um caso, o *Zong*, saindo de Liverpool, carregou 440 escravos para a Jamaica da costa africana. Com um surto de disenteria a bordo e uma escassez de comida e água, o capitão Luke Collingwood ordenou que 132 africanos fracos e doentes fossem jogados ao mar durante vários dias. Quando os proprietários do navio tentaram reivindicar o dinheiro do seguro, a companhia de seguros se recusou a pagar e o caso foi para o tribunal na Inglaterra. Ninguém no caso *Zong* foi processado por assassinato. E no final, o tribunal foi favorável aos proprietários, declarando que os escravos afogados eram uma perda de mercadoria. (HEPBURN, 2007b, p 145).[1]

Já vimos que D'Aguiar afirma ter se baseado na história do *Zong*, que vira no Museu Marítimo em Liverpool, na *Galeria do escravo*, onde se menciona que 132 escravos foram jogados ao mar, mas um conseguiu voltar, o que deu origem à narrativa de Mintah. Assim, pode-se afirmar que *Feeding the Ghost*s seja um romance do tipo histórico e vamos brevemente defini-lo.

Quando fala em romance histórico, o tratamento dado por György Lukács em seu *O romance histórico* (2011) é de não o considerar um gênero à parte, mas de percebê-lo como uma variante do gênero romanesco que não se orienta apenas pelo passado, mas busca a relação desse passado com o presente, como encadeamento, ressaltando o elemento dramático presente nesses romances. Ao distinguir os primeiros romances históricos (Swift, Fielding) daqueles surgidos após a Revolução Francesa e suas repercussões ideológicas, Lukács (2011) aponta esse segundo tipo como o que conseguiu ver historicamente o que é próprio de seu tempo, elencando Walter Scott como seu grande representante:

> É raro que Walter Scott fale do presente. Em seus romances, não aborda as questões sociais do presente inglês, como o acirramento

[1] In one case, the *Zong*, out of Liverpool, carried 440 slaves to Jamaica from the African coast. With an outbreak of dysentery on board and a shortage of food and water, Captain Luke Collingwood ordered 132 weak and sick Africans thrown overboard during the course of several days. When the ship's owners tried to claim the insurance money, the insurance company refused to pay and the case went to court in England. No one in the Zong case was prosecuted for murder. And in the end, the court ruled for the owners, declaring the slaves' drowning a loss of merchandise.[1]

> incipiente e incisivo da luta de classes entre a burguesia e o proletariado. Na medida em que ele pode responder por si mesmo a essas questões, ele o faz pelo viés da figuração ficcional das etapas mais importantes da história inteira da Inglaterra. (p. 49)

Ao tratar do romance histórico, Fehér afirma que "A importância do romance histórico não consiste certamente na conquista de uma nova 'esfera temática', nem também numa pintura mais penetrante do caráter do homem tomado como 'indivíduo'". (1972, p. 27). Lukács (2011) vai caracterizar o romance histórico como figurado dramaticamente, mas:

> O romance não exige necessariamente a figuração de homens importantes em situações importantes. Em certos casos, ele pode abdicar disso, apresentando as personagens significativas sob uma forma que dê a seus traços uma expressão puramente interna e moral, de modo que a oposição figurada entre o cotidiano mesquinho da vida e esse significado puramente intensivo do homem, essa inadequação entre homem e ação, entre interior e exterior, torne-se o atrativo próprio do romance. (p. 159)

Assim, não necessariamente representará figuras "importantes" (e, muitas vezes, as figuras "importantes" da história são retratadas como coadjuvantes). E, não sendo um gênero à parte, mas uma variação do gênero romanesco com grande carga dramática, irá representar heróis com os mesmos conflitos e inadequações que outros romances. Seguindo sua orientação marxista, Lukács afirma que

> O caráter típico da personagem do romance, o modo como ela representa tendências sociais é, por esse motivo, muito mais complexo. No romance, trata-se precisamente de figurar os diferentes aspectos nos quais uma tendência social se manifesta, as diversas formas nas quais ela se afirma etc. Assim, o que no drama seria uma tautologia é aqui, ao contrário, uma forma indispensável para a lapidação do que é realmente típico. (2011, p. 175)

Assim, no romance, para Lukács, o conflito é apresentado de forma complexa no herói e, no caso do romance histórico moderno, ele aponta para o problema comum de os romances históricos acabarem por "modernizar" as personagens, tornando o contexto histórico do romance apenas algo "privatizado", e defende que no verdadeiro romance histórico

> As crises históricas figuradas são componentes imediatos dos destinos individuais das personagens principais e constituem, assim, parte

> orgânica da própria ação. Desse modo, os elementos individual e sócio-histórico estão inseparavelmente ligados um ao outro tanto na caracterização quanto na condução do enredo. (LUKÁCS, 2011, p. 246)

Nesse sentido, o destino individual de Mintah é determinado pelas características da escravidão, contexto sócio-histórico onde se insere, e as relações entre esse contexto e como ele determina seu destino serão aqui analisadas. Além disso, veremos como em alguns momentos o romancista Fred D'Aguiar acaba por não conseguir figurar muito bem o elemento histórico nesse romance, na medida em que simboliza mal o que é histórico, transformando, por vezes, a narrativa em um documentário ao invés de conseguir que o elemento histórico se incorpore à narrativa de forma natural e não forçada.

Na narrativa, importa notar também que há pontos de vista variados. A maior parte da narração é feita por narradores heterodiegéticos, ou seja, narradores que se encontram fora da narrativa, quando pensamos no narrador e sua relação com a história como o quer Genette (1979), com exceção apenas para os capítulos 11, 12, e o epílogo. O capítulo 11 é o diário de Mintah, portanto narrado de forma autodiegética, visto ser ela a protagonista daquilo que narra. O mesmo ocorre no capítulo 12, em que Mintah, já idosa, narra os acontecimentos do dia da abolição da escravidão na Jamaica, no ano de 1833, e as comemorações na cidade de Kingston. Mas, mais do que celebrar a abolição, o que Mintah faz é rememorar sua história em vários *flashbacks* que a levam de volta ao navio *Zong*, a Maryland, a África, a trechos de sua vida como escrava e depois como mulher livre. Por fim, o epílogo é algo confuso de se definir, pois a voz narrativa se confunde com a do autor, visto mencionar não ter encontrado o *Zong*, mas ter sido encontrado por ele. Essa voz narrativa poderia ser classificada como homodiegética, pois se coloca na história do *Zong* como um membro da comunidade, alguém responsável também pelas mortes do *Zong*, ao mesmo tempo em que se põe como vítima dele.

Em relação ao foco narrativo, nota-se que toda a primeira e a segunda parte possuem capítulos narrados de forma heterodiegética, mas com focalização variada. Em alguns momentos, o narrador focaliza em um personagem com mais ênfase, em outros momentos em outros personagens: no capitão, no primeiro-imediato, no segundo-imediato, no contramestre, no cozinheiro, em Mintah, em Simon e nos escravos. Pode-se dizer que, aos moldes de Friedman (2002), a focalização se define como onisciência

seletiva múltipla, pois em cada capítulo o narrador registra os sentimentos, pensamentos, emoções de diversos personagens. Já nos capítulos de narração autodiegética (narrados por Mintah), a focalização é de narrador protagonista, pois Mintah narra a partir de um centro fixo que se liga à sua própria experiência. Mais adiante, essas diferenciações entre os narradores e os focos narrativos serão utilizadas na análise do romance, por ora a descrição dos tipos existentes na obra serve para nortear o entendimento da estrutura do romance.

Outra característica desse romance a ser ressaltada é o tempo de sua narração, que, seguindo a definição de Genette (1979), pode ser entendido de duas formas: o tempo cronológico ou objetivo, que, embora não seja citado diretamente na obra, fica subentendido como o ano de 1781, pois foi nessa data que os acontecimentos trágicos do *Zong* ocorreram, e, mais marcadamente, o ano de 1833, quando, no fim do romance, tem-se a descrição da vida de Mintah como mulher livre, já idosa, vivendo em Kingston na Jamaica e celebrando a abolição da escravidão: "O ano de nosso Senhor, 1833." (*F.G.*, 1999, p. 204)[2]; e o tempo psicológico, ou seja, o tempo de vivência dos personagens em relação aos acontecimentos, que se torna muito subjetivo. Esse tempo será analisado ao longo desse trabalho, para se evidenciar como cada personagem sentia o que lhes ocorria e, mais ainda, como rememorava cada acontecimento. Importa aqui perceber que a idade de Mintah é avaliada pelo primeiro-imediato, dentro do *Zong*, em 1781, como algo entre 18 e 20 anos, o que nos leva a entender que Mintah, vivendo até 1833, teria cerca de 70 a 75 anos. No que concerne à ordem dos acontecimentos da narrativa, nota-se o uso de analepses, ou *flashbacks*, pois a personagem Mintah recorda-se de sua vida em África, antes de ser capturada como escrava, e também, já idosa, recorda-se de certos fatos dentro do *Zong*. Tais *flashbacks* serão analisados no decorrer do trabalho.

3.2 A MEMÓRIA DE MINTAH SOBRE A ÁFRICA

Mama Dot
I
Born on a Sunday
In the kingdom of Ashante

Sold on Monday

[2] The year of our Lord 1833

Into slavery

Ran away on Tuesday
Cause she born free

Lost a foot on Wednesday
When they catch she

Worked all Thursday
Till her head grey

Dropped on Friday
Where they burned she

Freed on Saturday
In a new century

(*Mama Dot*, Fred D'Aguiar)

Mintah é a personagem protagonista do romance *Feeding the Ghosts*, pois sobre ela incidem a maior parte das ações ocorridas na trama. Por causa dela há uma tentativa de resistência por parte dos escravos a bordo do *Zong*, até mesmo o surgimento de um sopro de esperança de conseguirem libertar-se, talvez voltarem para a África, talvez não serem jogados ao mar. Já no primeiro capítulo, vê-se o protagonismo de Mintah, quando, ao chamar o nome do primeiro-imediato Kelsal na tentativa de impedir que mais escravos sejam jogados vivos ao mar, a moça é levada ao convés diante do capitão Cunningham. Nesse momento, tem-se algumas informações sobre a ousada escrava: "Eu sou Fetu. Sou chamada de Mintah. Eu fui capturada por escravizadores depois que os holandeses destruíram a missão dinamarquesa." (*F.T.G.*, 1999, p. 30).[3] É a primeira informação acerca de sua vida em África, antes de ser escravizada. Importa entender que o povo Fetu era um dos povos do reino de Gana, onde já havia a escravidão antes da chegada dos portugueses, porém de forma diferenciada em relação ao que se instituiu como escravidão negra transatlântica. Ao contrário do que se pensa, o continente africano desenvolveu-se bastante antes do contato com os portugueses e o início do tráfico atlântico. As áreas que mais geraram escravos para o Novo Mundo foram o que hoje conhecemos como a região sudanesa, a parte sul do Saara e o norte da região de floresta tropical, desde a costa da Guiné até a base do rio Congo. Nessa vasta região, os reinos que mais se desenvolveram foram os de Gana, Mali e Songai, no oeste africano e

[3] I am Fetu. I am called Mintah. I was captured by slavers after the Dutch destroyed the Danish mission.

sua prosperidade se baseou no comércio de ouro, escravos, sal e tecido (FRANKLIN e MOSS, 1989).

Diversos outros estados floresceram no continente africano antes da chegada dos europeus, e os reinos de Gana, Mali e Songai são alguns exemplos de como a sociedade africana já era muito bem desenvolvida antes do comércio atlântico. Variadas eram suas atividades econômicas, e a exploração de escravos, de diferentes formas, já figurava dentre elas. Porém é vital entender que havia muitas diferenças entre o conceito de escravidão na África e o que foi adotado após o tráfico atlântico.

> A escravidão nativa africana, incluindo a clientela, o penhor, a servidão, a servidão por dívidas, a aprendizagem e a escravidão doméstica, existia como parte da economia de subsistência da África e pode ser vista como vital para o sistema agrícola africano. Em África, vários caminhos podem levar uma pessoa livre à dependência para a qual a palavra "escravidão" é comumente usada; entretanto, a escravidão era decididamente diferente dentro da África do que a escravidão comercial introduzida fora de África. (BONISLAWSKI, 2007, p. 352-353).[4]

O status dos escravos não era rígido e variava muito dentro dos reinos africanos, mas, de modo geral, era menos opressor do que o que foi adotado após o tráfico atlântico. Um escravo podia até casar-se com um membro da família que o incorporara, e então deixava de ser escravo e virava mais um membro da família, aumentando o número de pessoas de seu grupo social, fortalecendo-o. O uso de escravos no continente africano era algo comum, mas não como mão-de-obra em grande escala, o que conferia ao sujeito escravizado certa liberdade em sua sociedade. Sobre a escravidão na África, a narrativa autobiográfica de Olaudah Equiano, capturado em África e transformado em escravo nas Índias Ocidentais, tornando-se mais tarde um negro livre, pode ser esclarecedora quanto à diferença em relação à forma de escravidão que dominaria o mundo ocidental:

> Aqueles prisioneiros que não eram vendidos ou resgatados, nós os mantínhamos como escravos: mas quão diferente era a sua condição da dos escravos das Índias Ocidentais! Conosco, não trabalham mais do que outros membros da comunidade, até mesmo do que seu mestre;

[4] Indigenous African slavery, including clientage, pawnship, serfdom, debt bondage, apprenticeship, and household slavery, existed as part of Africa's subsistence economy and can be seen as vital to the African agricultural system. In Africa, a number of paths could lead a freeborn person into dependency for which the word ''slavery'' is commonly used; however, slavery was decidedly different within Africa than the commercial slavery introduced from outside of Africa.

> sua comida, suas roupas e seus alojamentos eram quase iguais aos deles, exceto que não lhes era permitido comer com os que nasceram livres; e quase não havia outra diferença entre eles do que um grau superior de importância, que, como tal, ele exerce sobre cada parte de sua casa. Alguns destes escravos têm até mesmo escravos subordinados a eles, como sua propriedade, e para seu próprio uso. (EQUIANO, 1999, p.17).[5]

A chegada dos portugueses ao continente africano no século XV é um marco na configuração das sociedades africanas e o início do tráfico escravista moderno. Mas, inicialmente, o interesse dos portugueses foi no ouro, que parecia abundante na região denominada Costa do Ouro (atual Gana), e o interesse por escravos veio secundariamente. Como a Europa carecia de ouro, o comércio com a Costa do Ouro era essencial, e, por isso, os portugueses precisavam negociar com os africanos, oferecendo-lhes bens que necessitassem e valessem a máxima quantia em ouro. Desta forma, nasceu um comércio de escravos entre portugueses e africanos, porém, inversamente ao que se pensa, o comércio inicial vendia escravos africanos para os próprios africanos. Ao se lembrar do início de sua vida como escravo, Equiano conta que primeiramente serviu como escravo a um africano, que falava sua própria língua: "Embora eu estivesse há muitos dias de distância da casa de meu pai, ainda assim, essas pessoas falavam exatamente a mesma língua conosco." (1999, p. 25).[6] Os portugueses e depois espanhóis levavam tecidos e metais e trocavam por escravos na Windward Coast (hoje Libéria e Costa do Marfim) e de lá trocavam os escravos por ouro na Costa do Ouro.

> Desde o início, a escravidão e o tráfico de escravos desempenharam papéis cruciais no comércio afro-europeu que se desenvolveu na Costa do Ouro. De fato, de 1475 a 1540, mais de 12 mil pessoas passaram por seus portos costeiros como mercadorias humanas. Entretanto, essas não eram exportações de escravos da região. Pelo contrário, as pessoas estavam entre os bens que os comerciantes africanos queriam comprar de seus novos parceiros comerciais portugueses. (SMALLWOOD, 2008, p.15).[7]

---

[5] Those prisoners which were not sold or redeemed we kept as slaves: but how different was their condition from that of the slaves in the West Indies! With us they do no more work than other members of the community, than even their master; their food, clothing, and lodging, were nearly the same as theirs, except that they were not permitted to eat with those who were free-born; and there was scarcely any other difference between them than a superior degree of importance, which, as such, he exercises over every part of his household. Some of these slaves have even slaves under them, as their own property, and for their own use.

[6] Although I was a great many days journey from my father's house, yet these people spoke exactly the same language with us.

[7] From the beginning, slavery and slave trading played crucial roles in the Afro-European commerce that developed in the Gold Coast. Indeed, from 1475 to 1540, more than 12,000 people passed through its coastal ports as human commodities. These, however, were not slave exports from the region. Rather,

Assim, percebe-se como os africanos iniciaram o comércio escravista com a Europa. Mintah faz parte de um povo cuja história de escravidão já se fazia presente há alguns séculos, mas para ela era novidade o modo como os europeus chegaram e escravizaram seus compatriotas, como veremos melhor adiante. Ao longo do romance, Mintah começa a rememorar sua vida em África, antes de ser escravizada. As memórias não vêm todas num fluxo contínuo, elas aparecem aos poucos, conforme certos acontecimentos no navio negreiro ou na Jamaica a fazem recordar-se de seu pai, sua mãe, a missão dinamarquesa onde vivera. Além disso, há também a memória de outros escravos acerca, principalmente, do que ficara em África, como se nota:

> O mar estava em nenhum lugar e em toda parte. A África era triste para eles. Numerosas aldeias lançadas para o interior de sua costa. As praças das aldeias foram esvaziadas, as cabanas vazias. Acres de terra tinham sido negligenciados, pois eram responsabilidade das mãos e dos pés acorrentados ali embaixo. O gado perambulava sem ser pastoreado por seus chamamentos e assobios. Pessoas amadas tinham sido perdidas para aqueles corações. Aqueles peitos doíam tanto, cada um estava pronto para estourar sob o peso e a pressão. Os corpos haviam passado de golpes apenas de amor e do trabalho do amor, para chicotadas, cortes e contusões, correntes e coleiras. E das danças nos braços dos amantes, das danças na colheita, nos nascimentos, nas mortes, nos tambores, nas cordas, nas flautas e nas buzinas, eles tinham chegado àquilo: um buraco confinado onde se virar um pouco atravancava o outro, onde os cotovelos em cada lado esbarravam em costelas e o sono era leve, irregular, olhos arregalados, espasmódico, fragmentado, perturbado, lamuriento. (*F.T.G.*, 1999, p. 26-27).[8]

A voz narrativa é genérica, pois quer representar as perdas de todos aqueles que foram escravizados, provavelmente não apenas ali no *Zong*. Fala-se do que fora deixado, forçadamente, em África: aldeias, terras, gado, pessoas amadas. A descrição enfatiza a comparação entre o que lá ficara e o que agora viviam: antes amor, agora golpes e pancadas; antes trabalho na terra e com o gado, agora correntes; antes danças

---

people were among the goods that African merchants wanted to buy from their new Portuguese trading partners.

[8] The sea was nowhere and everywhere. Africa was grief to them. Numberless villages flung inland from its coast. Village squares were empty, huts vacant. Acres of land had gone neglected, accountable to the hands and feet chained below. Livestock wandered without being herded by their calls and whistles. Loved ones had been lost to those hearts. Those chests hurt so much, each was fit to burst under the weight and pressure. Bodies had gone from strokes of love only and the labour of love, to lashes and cuts and bruises, chains and collars. And from dances in the arms of lovers, from dances at harvest, at births, at deaths, from drums, strings, flutes and horns, they had come to this: a confined hole where to twist a little encumbered another, where elbows on each side speared into ribs and sleep was light, patchy, eyes wide, fitful, snatched, troubled, whimpering.

de celebração, agora espaços minúsculos, enfim, antes liberdade, agora escravidão. Tudo isso transformava a África numa memória triste, pois distante e perdida. Aqui, o próprio ponto de vista heterodiegético com foco narrativo nos escravos reforça a coletividade dessa memória, que é descrita de modo esparso, mesclada a sensações e sentimentos dos escravos, fazendo com que tais memórias sejam coletivas, como o quer Halbwachs (2006), como vimos. Além disso, importa verificar que a escravidão, além de mudar diretamente a vida desses sujeitos escravizados, acabou por transformar também as próprias sociedades africanas. Desde o início do comércio com os portugueses, as sociedades africanas começaram a ter mais riquezas e isso passou a aumentar as cidades, intensificar o comércio, o que gerava necessidade de conseguir mais e mais escravos. Em algumas regiões da África, porém, a busca insaciável por escravos gerou conflitos, alguns apoiados por europeus, que sabiam poder lucrar mais quanto mais capturados de guerra houvessem. (KLEIN, 1987). Sobre isso, afirma Segal (1995, p. 9):

> Este comércio se tornaria o fator dominante na política em grande parte da África negra. Ele iria colocar exércitos marchando e ter um impacto centenas de quilômetros para o interior da costa. Alguns estados se expandiriam, outros encolheriam ou desapareceriam, no compromisso para suprir o comércio.[9]

A maioria dos escravos, de acordo com a demanda do Novo Mundo, devia ser do sexo masculino, jovem e de boa saúde. O impacto disso nas sociedades africanas é difícil de calcular, pois muitas regiões começaram a ter baixa densidade demográfica, graças à falta de homens jovens e saudáveis para gerar filhos. Em outros locais, as mulheres se fortaleceram, dada a falta de homens, e passaram a ter controle político de suas comunidades: "À medida que a escravidão se expandia, os africanos começaram a depender mais profundamente no trabalho dos escravos e, em particular, nas mulheres, porque a maioria dos cativos exportados eram homens." (FALOLA e WARNOCK, 2007, p. xvii).[10]

O início da narrativa de *Feeding the Ghosts* mostra as primeiras impressões dos escravos dentro do navio negreiro, já na passagem intermédia: desesperança, tristeza.

[9] This trade would become the dominant factor in politics across much of black Africa. It would set armies marching and have an impact hundreds of miles inland from the coast. Some states would expand, others shrink or vanish, in the engagement to supply the trade.

[10] As slavery expanded, Africans began to rely more heavily on the labor of slaves and, in particular, on women because the majority of captives exported were men.

Mintah é a escrava que começa a questionar essa situação, e em muitos momentos, o foco narrativo se voltará a ela e às suas memórias, como ocorre no trecho abaixo:

> A voz no convés conhecia a África e como aquele mar não era em lugar nenhum e como seu destino não era um começo, mas um fim sem fim. Que se o mar chegasse ao fim e outra terra se lhes sugerisse, estariam perdidos para sempre, mas não mortos, perdidos, mas nunca encontrados. E o amor não estaria em lugar algum: atrás deles e impossível de se recuperar; uma linha lisa no rasto do navio onde o céu se curvava em direção ao mar ou ao mar ascendeu ao céu. O amor estava perdido em algum lugar no mar, com sua capacidade ilimitada de engolir amor, escravos, navios, memórias. E assim eles tiveram que enviar suas vozes para o ar. Não para o mar. Cada respiração viciada afogou-se para este fim. Suas vozes deslocaram a sujeira acumulada entre as tábuas do convés e encontraram o campo descoberto e se reuniram nos céus. (*F.T.G.*, 1999, p. 27).[11]

Para Mintah, a África deixada para trás, com seu amor, estava perdida para sempre, e lhe parecia que o mar os engoliria a todos e a tudo: engoliria todas as suas memórias, seus amores, sua vida passada, enfim. O destino de todos esses escravos parecia ser um "fim", não um começo: um fim por ser a perda de tudo que seria impossível de recuperar, sua vida em África. O tom da narrativa nessa descrição de D'Aguiar evidencia a desesperança trazida pelo mar, que parece ser um elemento simbólico ao longo do romance. O mar lhes engole, lhes tira a voz, lhes coloca num limbo, e há a certeza de que nada mais seria recuperado, a certeza de que mesmo em terra, estariam "perdidos para sempre", sem nunca mais encontrar amor. Em vários momentos teremos metáforas sobre o mar, lembrando-nos do fato de que os africanos, em sua maioria, não conheciam o mar, por isso ele lhes era misterioso, causando-lhes insegurança, medo, principalmente somando-se o fato de que o mar fora o elemento que lhes parecia ter tirado a liberdade. O mar se afigura como um não-lugar, pois, como dirá Mintah adiante, "o mar é pior do que nada" (*F.T.G.*, 1999, p. 199)[12], representa tudo aquilo que lhes for atirado: suas vidas em África, sua cultura, sua família, sua pertença a uma comunidade, até mesmo sua língua e sua voz, representa, enfim, o desterro dos

[11] The voice above deck knew Africa and how this sea was nowhere and how their destination was not a beginning but an end without ending. That if the sea came to an end and another land suggested itself to them they would be lost forever but not dead, lost but never to be found. And love would be nowhere: behind them and impossible to recover; a flat line in the wake of the ship where the sky bowed down to the sea or to the sea ascended to the sky. Love was lost somewhere in the very sea with its limitless capacity to swallow love, slaves, ships, memories. And so they had to send their voices into the air. Not the sea. Every stale breath was drown to this end. Their voices dislodged the dirt packed between the planks of the deck and found the open and gathered in the heavens.

[12] the sea is worse than nothing.

escravos, seu exílio. A memória dessas perdas e dessa desesperança, embora focada em Mintah, é a memória coletiva de todos os africanos capturados como escravos.

É importante observar que ao embarcar, os escravos africanos não imaginavam qual seria seu destino. Em primeiro lugar, a maioria sequer conhecia o mar e, quando conhecia, não o tinha como local de viagem, mas como fonte de alimentos e lhe atribuíam forças sobrenaturais. Dentro do navio negreiro, perdiam a noção de localização e da própria identidade, pois não podiam mais retornar para a sua comunidade e não sabiam aonde iriam chegar:

> Quando se voltaram para olhar para a paisagem africana, esses homens e mulheres vendidos à escravidão atlântica viam um mercado costeiro cada vez mais comprometido com a troca de pessoas por bens. Quando olhavam na direção oposta, eles só viam o terror do mar aberto, e a sociedade antinatural do navio negreiro. Quer voltassem o olhar para o litoral ou para o mar aberto, o horizonte era ameaçador, pois além dos mercados à beira da água, a estrutura social das comunidades africanas fora dilacerada pelo desaparecimento dos parentes. E, no horizonte do oceano, os cativos só encontraram o mundo social do navio negreiro, uma assembléia similarmente mutilada que não era um todo funcional, mas um conjunto arbitrário de pessoas isoladas e alienadas. Esse coletivo heterogêneo de pessoas desaparecidas vistas em conjunto constituía uma nova formação social que não tinha qualquer correlação com as comunidades que haviam deixado para trás e, portanto, nenhum significado ou ordem reconhecível. A compreensão dos cativos sobre o que seu próprio isolamento e deslocamento pressagiava era espelhada na perturbadora composição social da carga escrava. Nos olhos um do outro eles viam o reflexo de sua própria alienação traumática. (SMALLWOOD, 2007, p. 121).[13]

Assim, embora cercados de tantos outros escravos, confinados em cubículos, o sentimento de isolamento era grande, pois não pertenciam mais a nenhuma comunidade, a nenhuma família. Por não conhecerem o mar, não compreendiam, também, a lógica do navio, que se constituía um quebra cabeça a eles.

---

[13] When they turned to look back toward the African landscape, these men and women sold into Atlantic slavery faced a coastal marketplace increasingly committed to the exchange of people for goods. When they looked in the opposite direction, they saw only the terror of the open sea, and the unnatural society of the slave ship. Whether they turned their gaze toward the coastline or out toward the open sea, the horizon was forbidding, for beyond the waterside markets, the social fabric of African communities was rent by the disappearance of kinfolk. And on the ocean's horizon the captives encountered only the social world of the slave ship, a similarly mutilated assemblage that was not a functioning whole but rather an arbitrary collective of isolated and alienated persons. This motley collective of missing people taken together constituted a novel social formation that bore no correlation to the communities they left behind, and therefore no recognizable meaning or order. The captives' understanding of what their own isolation and displacement portended was mirrored in the disturbing social composition of the slave cargo. In one another's eyes they saw the reflection of their own traumatic alienation.

> Além disso, os cativos africanos enfrentaram o problema do próprio navio mercante europeu, que lhes apresentava desafios tanto físicos quanto metafísicos. Com relação aos desafios físicos, sua forma cavernosa sinalizava um vazio misterioso que exigia ser preenchido, uma poderosa e perigosa capacidade de consumir. Quanto ao aspecto metafísico, o próprio habitat do navio - o mar aberto – desafiava as cosmografias africanas, pois o reino sem terra do oceano profundo não figurava nas sociedades pré-coloniais da África Ocidental como um domínio da atividade humana (em oposição à divina) - assim como não tinha figurado como tal nos sistemas europeus medievais de conhecimento. Em seu princípio orientador - a proposição de que a vida pode ser vivida no mar - o navio representava um oxímoro. (SMALLWOOD, 2007, p. 124).[14]

Alguns imaginavam que viveriam nele, como Equiano, que o chama de "lugar oco" e pergunta se os brancos não viviam em terra, mas apenas ali. O jovem, sem nunca ter visto o mar nem um homem branco, acredita que o navio era comandado por espíritos: "[...] Eu estava agora convencido de que havia entrado em um mundo de maus espíritos, e eles iam me matar." (1999, p. 31).[15] No *Zong*, o medo do mar, o seu desconhecimento, levam os escravos a um estado de intensa aflição.

Aos poucos, vamos sendo apresentados às memórias de Mintah sobre a África. Sua infância fora passada junto ao pai e mãe, tendo sido "A assistente de seu pai, uma carpinteira, uma entalhadora." (*F.T.G.*, 1999, p. 52)[16], e essa memória lhe vem quando é jogada ao mar e se vê completamente sozinha, precisando lidar com a água, sendo seu "primeiro projeto independente" (*F.T.G.*, 1999, p. 52)[17], já que antes tivera o pai para lhe guiar. As memórias desses momentos parecem idílicas a Mintah, pois aparecem em momentos de desesperança, como quando após ser açoitada por Kelsal, ela se vê ferida, deitada no chão duro de madeira, e o toque da madeira a faz ter lembranças do pai esculpindo madeira:

---

[14] Additionally, African captives confronted the problem of the European merchant ship itself, which presented them with challenges both physical and metaphysical. With regard to physical challenges, its cavernous form signaled an eerie emptiness demanding to be filled, a powerful and dangerous capacity to consume. As for the metaphysical aspect, the very habitat of the ship—the open sea— challenged African cosmographies, for the landless realm of the deep ocean did not figure in precolonial West African societies as a domain of human (as opposed to divine) activity—just as it had not figured as such in medieval European systems of knowledge. In its guiding principle—the proposition that life can be lived at sea—the ship presented an oxymoron

[15] I was now persuaded that I got into a world of bad spirits, and they were going to kill me.

[16] her father's assistant, a carpenter, wood-carver.

[17] first independent project

> Mesmo a madeira com toda a sua indiferença tinha suas queixas. Não se lamentava e gemia como carne e sangue? Chicoteada, chutada e amaldiçoada pelo mar? Não a madeira. Ela se corrigiu. A fibra. Seu pai surgiu da fibra, fundiu-se em sua testa e ficou de pé, fitando-a de braços cruzados. Ela viu-se sentada em um chão de lama com uma bétula macia firmemente presa entre seus pés. Como parecia pequena para si mesma. Ela estava cinzelando lascas da bétula em direções obedientes ao fluxo da fibra. Com cada golpe ela olharia para seu rosto e ele acenaria com a cabeça e sorriria com encorajamento. Ela iria golpear o cepo de madeira mais algumas vezes. Então ele se abaixaria ao seu lado e passaria o dedo indicador pelas ranhuras feitas pelo seu cinzel e acenaria com mais rapidez e alegria. Quando ele se levantasse novamente, ela retomaria. Ele estava lá em cima, lá em cima, como ele podia ver o que ela viu de perto? De toda a distância lá em cima? No entanto, ele o fez, com aqueles olhos sorridentes. Da próxima vez que ela olhasse para cima, ele teria voltado ao seu próprio trabalho, a alguns metros dela, um cepo maior de madeira, um cinzel robusto que não lhe era permitido tocar, procurando as mesmas correntes de fibras com pequenas rajadas de movimento que enrolavam lascas ao longe e adoçavam o ar. (*F.T.G.*, 1999, p. 41-42).[18]

Mintah pensa no pai e no seu ofício de escultor, e essa memória feliz a consola e a faz, a seguir, imaginar sua vida esculpindo madeira também, sob a aprovação do pai, da mãe, dos familiares, amigos e conhecidos, de toda sua vila, até mesmo dos rios e vales da África. O golpe do açoite, naquele momento, a faz se lembrar dos golpes na madeira, em sua vida antiga. A estratégia discursiva de D'Aguiar, nesta passagem, é utilizar certos termos para falar da madeira que remetem, semanticamente, ao próprio açoite. O jogo de palavras como *lascas, golpe, golpear, ranhuras*, todas referentes ao trabalho com a madeira, sugerem, analogicamente, o açoite em suas costas, e a descrição do trabalho com a madeira é similar ao modo como o açoite a castiga, na medida em que tanto ela quanto a madeira resistem aos golpes, enfrentam-no, com a diferença, porém, de que a madeira não sofre e sangra como ela.

---

[18] Even wood with all its indifference had its complaints. Didn't it moan and groan just like flesh and blood? Whipped, kicked and cursed by the sea? Not wood. She corrected herself. Grain. Her father loomed up from the grain, melted into her forehead and stood regarding her with his arms folded. She saw herself seated on the ground on a mud floor with a block of soft birch gripped between her feet. How small she seemed to herself. She was gouging chips from the birch in directions obedient to the flown of the grain. With each stroke she would look up at his face and he would nod and smile his encouragement. She would strike at the block a few more times. Then he would stoop down beside her and run his index finger along the grooves made by her chisel and nod more rapidly and happily. When he straightened again she'd resume. He was up there, way up there, how could he see what she saw up close? From all the way up there? Yet see he did, with those smiling eyes of his. Next time she looked up he'd be back at his own work, a few feet from her, a bigger block of wood, a hefty chisel she wasn't allowed to touch, seeking out the same runnellings of grain with little bursts of activity that curled shavings off and sweetened the air.

Essa memória, embora pareça individual, é, de fato, coletiva, pois envolve as vivências em comunidade que tivera em África, seu envolvimento com o ofício do pai e seus ensinamentos. Notamos como é errôneo pensar que os europeus encontraram o continente africano todo primitivo e disso se aproveitaram para sequestrar seres humanos, pois a África passara por um grande desenvolvimento econômico antes ainda do que ocorrera na Europa durante o Renascimento e a Revolução comercial. Aqui, percebemos que as memórias de Mintah nos mostram uma sociedade organizada.

A memória a leva ao devaneio, mas outras memórias menos felizes nos levam a entender como a vida de Mintah, ainda antes da chegada dos navios negreiros, começara a ser afetada pelo homem branco e suas relações comerciais. Isso ocorre quando, através da memória de Mintah, ficamos sabendo que uma missão dinamarquesa se instalara em sua vila para uma visita e missionários fizeram propostas tentadoras a seus parentes, amigos e vizinhos:

> Os missionários dinamarqueses vieram à nossa aldeia com duas mensagens. Que havia um Deus e que os africanos não precisam ser escravos. Muitas aldeias haviam sido esvaziadas pelos escravizadores e pelos chefes que viam seu próprio povo como mercadoria para ser vendida com lucro. O líder dos missionários argumentou com um grupo de líderes de aldeias que os africanos deveriam cultivar suas terras e produzir os mesmos produtos para venda aos comerciantes que produziriam como escravos em uma terra estrangeira. A terra ao redor das aldeias poderia ser aplicada para esse bom uso. Os comerciantes poderiam alugar esta terra ou pagar aos africanos para cultivá-las para eles. Isso poderia acontecer ao longo da costa e no interior, uma vez que os escravizadores viajavam muitos dias para o interior para comprar e capturar escravos. Em vez de escravos, transportariam o que crescia nas grandes plantações. Mas ninguém seria um escravo. (*F.T.G.*, 1999, p. 192).[19]

Essa memória nos é mostrada no diário de Mintah, que ela escrevera enquanto estivera escondida na despensa do navio. É curioso notar que a memória de Mintah sobre a chegada da missão dinamarquesa parece refletir um período da escravidão em que os europeus já haviam deixado de negociar produtos com os africanos, como

[19] The Danish missionaries came to our village with two messages. That there was one God and that Africans need not to be slaves. Many villages had been emptied by the slavers and by chiefs who saw their own people as goods to be sold for profit. The leader of the missionaries argued with a group of village leaders that Africans should work their land and produce the same products for sale to the traders that they would produce as slaves in a foreign land. The land around the villages could be put to this good use. The traders could rent this land or pay the Africans to work it for them. This could happen all along the coast and far inland since slavers travelled many days into the interior to buy and capture slaves. Instead of slaves they would transport what the large plantations grew. But no one would be a slave.

ocorrera no início, antes da escravidão adquirir o status de "transatlântica", quando havia interesse na exploração do ouro e do marfim africanos, na costa do ouro e do marfim, respectivamente, por exemplo, dentre outras matérias-primas. O objetivo da missão dinamarquesa parecia ser o de levar africanos a negociarem sua produção agrícola com os europeus, mas, este nunca foi um interesse dos escravizadores, pois viam muito mais lucro na captura de escravos e sua venda no novo mundo, onde grandes fazendeiros tinham enorme interesse em comprar escravos principalmente jovens e saudáveis para ter sua mão de obra por muitos anos (SMALLWOOD, 2007). Também vemos que a ajuda dos missionários estava condicionada à ideia de um deus único, cristão, que deveria ser abraçado por aqueles que quisessem cultivar a terra na missão dinamarquesa. Assim que consegue içar-se de volta ao navio, Mintah entra pela escotilha da despensa e lá, após comer, cai num sono cheio de sonhos inquietantes, nos quais rememora como a vida dos pais começara a ter revezes quando da chegada dos missionários e a introdução da crença cristã entre eles criara conflitos:

> Depois que os missionários foram recebidos entre seu povo, seu trabalho tinha chegado a isso: escolher entre um deus. Seu pai não estava convencido pela insistência dos missionários de que uma deidade fosse responsável por tudo o que via no mundo. Qualquer coisa em todas as suas permutações e manifestações era entendida por seu povo como de bastante complexidade para apenas um deus se preocupar.
> [...]
> Sua mãe retrucou que esse único deus vigiava o mundo inteiro e havia feito tudo e que louvá-lo deve impedir sacrifícios, tambores e danças e, em vez disso, oferecer quietude e reflexão tranquila e um novo conjunto de regras e regulamentos destinados a melhorar a todos. A discussão correu por dias e a paciência se esgotou de ambos os lados. Então eles pararam de falar um com o outro, e seu pai começou a amaldiçoar o dia em que os missionários puseram o pé em sua cidade, e sua mãe gritou com ele por dizer coisas desagradáveis sobre os homens santos. (*F.T.G.*, 1999, p. 57).[20]

[20] After the missionaries were welcomed among her people, their work had come to this: choose between god. Her father was not convinced by the missionaries' insistence that one deity was responsible for everything he saw in the world. Any single thing in all its permutations and manifestations was thought by his people enough of a complexity for one god to worry about.
[…]
Her mother retorted that this single god watched over the entire world and made it all and that praising him must preclude sacrifices, drums and dancing and offer instead quiet and still reflection and a new set of rules and regulations aimed at improving everyone. The argument ran for days and patience ran out on both sides. Then they stopped talking to each other and her father began to curse the day the missionaries set foot in their town and her mother shouted at him for saying nasty things about the holy men.

É curioso observar que no sonho, ocorrido logo após Mintah quase morrer no mar, os aspectos desagradáveis da chegada dos missionários são mais lembrados. Mintah sonha com a dissolução do casamento dos pais, com a impossibilidade de conciliarem suas crenças com a vida familiar. Para participar da missão, o pai deveria renunciar às suas crenças, abraçar uma crença cristã, numa imposição religiosa que fere seus princípios. A missão, pregando o bem dos africanos, só acredita que sejam merecedores desse "bem" aqueles que cedessem às suas pressões e se deixassem seduzir pela ideia do deus único. Notamos que o sonho mostra isso e, mais tarde, em seu diário, Mintah complementa as informações, contando mais sobre a proposta dos missionários, o que nos faz inferir que o sonho na despensa instigou Mintah a escrever sobre isso em seu diário. O sonho de Mintah continua e mostra a separação definitiva dos pais:

> Quando chegou a hora de os missionários partirem para a costa, a mãe de Mintah e um pequeno grupo decidiram segui-los. Seu pai se recusou a desarraigar. Ele disse que havia muitas coisas das quais não podia se separar. Disse que se ela permanecesse, ele reconsideraria sua posição sobre esse único deus, enquanto pudesse continuar seu trabalho com madeira e louvar o deus da madeira. Sua mãe disse que não. Um deus ou nada; um deus fez o mundo, não um comitê de deuses. Mintah correu para acompanhar a mãe e olhou para trás para seu pai, de pé, junto ao portão que levava ao complexo com seu cinzel, que ele ergueu em um gesto que era tanto um aceno de despedida quanto um chamamento para ela voltar. (*F.T.G.*, 1999, p. 57-58).[21]

Tentada pela possibilidade de plantar e negociar com os escravizadores para não se tornar escrava, além de a ideia de um único deus se tornar atraente demais, a mãe de Mintah abandona o pai, levando a filha consigo, acompanhando os missionários. O pai quer manter a família unida e se dispõe mesmo a apensar nesse deus único, mas a mãe, já seduzida pelos ideiais cristãos, se mostra intransigente e exige a renúncia total das crenças mantidas por tantos anos, numa simbologia do que foi a imposição religiosa aos africanos e aos escravos africanos levados ao novo mundo mais tarde. Tal memória será recorrente nas lembranças de Mintah, pois a separação do pai parece ter-lhe sido

[21] When it was time for the missionaries to leave for the coast Mintah's mother and a small group decided to follow. Her father refused to uproot. He said he had too much he could not bear to part with. He said if she stayed he would reconsider his position about this one god as long as he could carry on his work with wood and praise the wood-god. Her mother said no. One god or nothing; one god made the world, not a committee of gods.
Mintah ran to keep up with her mother and looked back at her father standing by the gate leading into their compound whit his chisel which he raised in a gesture that was either a goodbye wave or a beckoning to her to come back.

dolorosa. Vai se lembrar disso enquanto se esconde na despensa do navio; quando é espancada por Kelsal; vai escrever sobre os pais no diário; irá recordar-se deles já velha, na Jamaica e nunca deixará o ofício aprendido com o pai: a arte de esculpir madeiras. Porém, como veremos, tal arte ser-lhe-á um pouco dolorosa, haja vista trazer-lhe as memórias dos pais nunca mais vistos e se mesclar com os sofrimentos dentro do navio negreiro. Mintah, ao escrever seu diário, recorda-se ainda dessas razões tão fortes que levaram a mãe a abandonar o pai:

> Minha mãe e meu pai ouviram sobre o forte onde este trabalho seria experimentado e esse Deus adorado. Meu pai queria que o experimento fosse tentado ali mesmo em sua aldeia e sem o único Deus como guia. Ele acreditava que os deuses tradicionais lidariam bem com essa nova ideia. Mas a Mãe foi persuadida pelos missionários a abraçar este único Deus. Ela queria ver os africanos permanecerem livres, e o único Deus prometeu essa liberdade nesta vida e em outro paraíso a ser conquistado após a morte. Os missionários prometeram dois paraísos. Um nesta vida e outro na próxima. Talvez a minha mãe pudesse ter dito não a um paraíso, mas a dois ela não poderia resistir. Nem a maioria dos aldeões. (*F.T.G.*, 1999, p. 193).[22]

É perceptível que as memórias de Mintah acerca de tal fato não são as memórias de uma criança. Ainda pequena, Mintah dificilmente teria tido a percepção de que a mãe fora seduzida pela ideia de dois paraísos, essa é uma percepção de adulta que, como vimos em Halbwachs (2006), vai se modificando conforme a criança que presenciou tais fatos cresce, amadurece e modifica sua visão de mundo. A percepção de Mintah acerca da sedução da religião cristã sobre sua mãe é, certamente, posterior ao momento em que ela presenciou as brigas dos pais sobre a adoração a um deus ou a vários deuses. Mintah aprendeu sobre o mundo, sobre a religião cristã e, ao escrever seu diário, mescla essa vivência com suas lembranças e rememora os fatos sob uma nova ótica. Como vimos, Mintah rememora o fato de sua mãe ter sido seduzida pela ideia de dois paraísos, deixando o próprio marido para trás para abraçar essa causa. Sendo uma memória de criança, Mintah a mesclou à sua vivência e consegue perceber, com mais clareza, como essa sedução se deu. Novamente, a ideia da sedução pelo cristianismo se evidencia

[22] My mother and father heard about the fort where this work would be tried and this one God worshipped. My father wanted the experiment to be tried right there in his village and without the single God as a guide. He believed that the traditional gods would work fine with this new idea. But Mother was persuaded by the missionaries to embrace this one God. She wanted to see Africans remain free, and the one God promised this freedom in this life and in another paradise to be gained after death. The missionaries promised two paradises. One in this life and one in the next. Perhaps my mother could have said no to one paradise, but two she could not resist. Nor could most of the villagers.

como uma estratégia utilizada pelos missionários, pois enquanto os deuses cultuados pelos africanos não pareciam conseguir prometer a liberdade, como as escravizações o atestam, o deus cristão consegue oferecer liberdade em duas vidas. Assim, muitos africanos converteram-se ao cristianismo em África ou nas *plantations* onde eram escravizados, numa tentativa de conseguir conforto.

Em relação à memória de Mintah que se transforma conforme ela cresce, o mesmo ocorre acerca de como Mintah rememora o esvaziamento da vila: "O Pai foi deixado para trás com alguns incrédulos em uma aldeia deserta, e era como se os escravagistas tivessem realmente vindo e capturado todos e os levado para a costa para vendê-los em escravidão em uma terra estranha." (*F.T.G.*, 1999, p. 193).[23] Mais uma vez, a memória infantil de Mintah não é a mesma, e se mostra bastante coletiva, na medida em que ela, ainda criança, não havia presenciado a invasão de escravizadores, portanto, essa memória, recontada em seu diário, mescla, de fato, outras memórias posteriores à sua infância, como a invasão do forte na missão dinamarquesa por escravizadores, e a sua própria escravização. Em outros momentos, também na escrita de seu diário, a memória de Mintah sobre sua vida em África aparece em uma linguagem mais fragmentada, de um ponto de vista mais distanciado, mais poético também, figurando, talvez, sua dor em rememorar a separação do pai:

> Não vejo eu, mas esta menina que é como eu. Eu não penso que Mintah seja eu. Acho que aquela garota é Mintah. E eu vejo seu pai segurando um cinzel na frente dele. Ele esculpe um adeus no ar. Adeus, Mintah. Pequenos golpes da esquerda para a direita. Adeus. De novo e de novo. Ondas. A fibra no ar, fácil e dócil. Suas ações pequenas e exatas e repetitivas. Mintah, adeus. E a menina seguindo sua mãe desde o complexo. Sempre seguindo sua mãe. Do poço ou contornando um campo. Para o rio para bater a roupa em pedras com pás de madeira, em seguida, colocá-las para fora na grama e em pedras por um tempo para secá-las, usando parte desse tempo para banhar e balançar os pés na água rápida que está com pressa para chegar a algum lugar. Sempre seguindo sua mãe. Sua mãe está atrás pulando sob seu xale apertado. Observando vislumbres do peito do pé pálido da mãe quando cada calcanhar se levanta antes que ela pise, e a garota que sou eu e não eu, tentando igualar o comprimento dos passos de sua mãe, mas ficando aquém na maioria das vezes, exceto quando ela realmente faz um grande esforço e pula. (*F.T.G.*, 1999, p. 183-184).[24]

[23] Father was left behind with a few unbelievers in a deserted village, and it was as if the slavers had indeed come and captured everyone and taken them to the coast to sell them into slavery in a strange land.
[24] I see not me, but this girl who is just like me. I don't think Mintah, that's me. I think that girl is Mintah. And I see her father holding a chisel in front of him. He carves goodbye out of air. Goodbye, Mintah. Small strokes from left to right. Goodbye. Again and again. Waves. The grain in the air, easy and

Ao escrever o diário, Mintah distancia-se de si mesma em suas memórias e quando fala de si na infância, é como se visse uma outra pessoa. O jogo da enunciação evidencia o distanciamento destes "eus": a Mintah que escreve; a que viveu o adeus; a que rememora. Cada uma dessas Mintahs completa lacunas em sua memória, cada nova rememoração elucida aspectos de sua infância. A Mintah que escreve é aquela que já vira muitos horrores na passagem intermédia, por isso se distancia tanto da menina que vivera aquele adeus, julgando que aquela fosse Mintah e ela, agora, no momento da escritura, seja outra, não mais Mintah. Talvez essa fase da vida de Mintah esteja tão distanciada de sua mente, num passado que não retornará mais, numa África perdida, numa vida familiar despedaçada, que ela não se reconhece mais. Mintah é uma menina pequena, pois seus passos não conseguem alcançar os da mãe, e ela enfatiza que se vê sempre seguindo sua mãe. Sempre lhe copiando os passos, porém, ao mesmo tempo, sentindo saudade do pai. A imagem do pai esculpindo "adeus" no ar com o cinzel, e as lascas de madeira que saem desse adeus são simbólicos e evidenciam a dor da separação, na medida em que ela rememora o pai lhe dando adeus repetidas vezes e esse pai nunca está separado de seu cinzel ou da madeira. A repetição da palavra *adeus* também se evidencia como uma estratégia discursiva, como se reforçasse a dor da despedida, uma despedida que o pai não desejava, nem ela. A memória do pai está sempre mesclada à madeira. Porém, a seguir, são seus (ou os dessa menina que ela não reconhece como a si mesma) os adeuses repetidos ao pai:

> Seguindo sua mãe no dia em que ela partiu para a missão, deixando seu pai para trás. Sua mãe olhando para trás para dizer "Mantenha o passo, Mintah." Com um sorriso e uma pequena preocupação estreitando os olhos. A garota que é Mintah, que sou eu e não sou eu, não tem nada além de suas mãos vazias para devolver os presentes esculpidos por seu pai para ela conforme ela se afasta dele. Sua mão no ar desenha adeuses. Traços pequenos, imprecisos. Alguns mal são traçados. Até logo, Pai. Mais um jeito de segurar o adeus, se ao menos

---

yielding. His actions small and exact and repetitive. Mintah, goodbye. And the girl following her mother from the compound. Always following her mother. From the well or skirting a field. To the river to beat clothes on stones with wooden paddles, then lay them out on the grass and stones for time to dry them, using some of that time to bathe and swing the feet in the swift water that's in a hurry to get somewhere. Always following her mother. Her mother's behind bouncing under her tight wrap. Catching glimpses of the mother's pale instep as each heel rises before she steps, and the girl that is me and not me, trying to match the length of her mother's steps but falling short most times, except when she really makes a big effort and hops.

> o adeus não fosse feito de carinho, mas de algo mais substancial, como a madeira. Pai, adeus. (*F.T.G.*, 1999, p. 183-184).[25]

Mintah se lembra de como deu adeus ao pai, mas novamente a voz aqui não é a dessa criança pequena, que seguia a mãe, sem contestar o que decidiam para si. Mintah está distanciada dessa garota e sua memória é a de uma adulta relembrando um passado distante e perdido. Seus adeuses imprecisos sugerem sua hesitação, seu desejo de estar com o pai ou de que o pai as seguisse, pois não cogita deixar a mãe. A memória da despedida evidencia também certa inquietação por parte da mãe, mas mais provavelmente não por estar escolhendo o caminho errado e sim por achar que o marido o fizera. Como já vimos, os dois paraísos prometidos eram tentadores demais para que a mãe de Mintah cogitasse estar enganada. Em comparação com os adeuses do pai, os de Mintah são imprecisos, pois suas mãos de menina não sabem ainda desenhar o adeus no ar ou não querem dar esse adeus, e suas mãos vazias simbolizam a perda desse pai, o vazio deixado pela separação.

Escondida dentro do navio, Mintah lamenta por não estar em terra firme, pois assim saberia melhor como se proteger e fugir. No mar, não sabia como se portar, pois não o conhecia. O mar, como vimos, não fazia parte do conhecimento da maioria das tribos africanas, o que não é diferente para Mintah, que vê nele uma incógnita, mas com peso negativo: "A água não prometia nada. Uma vida na água não era vida para viver, apenas uma vida intermediária, uma vida suspensa, uma vida pendente, até que a terra se apresentasse e permitisse que a vida prosseguisse." (*F.T.G.*, 1999, p. 61).[26] Assim, para ela, a vida no mar estava em suspenso, pois ali, nada podia fazer, nada esperar, uma vida num limbo, uma entre vida. Além disso, Mintah percebe que, embora estivesse pela primeira vez num espaço todo seu, pois tinha a despensa do navio inteira para si, algo que nunca tivera antes em terra, isso não a conforta: "E onde ela estava? Não num lugar onde pudesse saboreá-lo. Não em qualquer lugar. Na água. Numa geografia que se rearranjava constantemente como se para enganar o viajante, ou para guardar seus segredos dos exploradores, constantemente redigindo seus mapas."

---

[25] Following her mother the day she left for the mission, leaving her father behind. Her mother glancing back to say 'Keep up, Mintah.' With a smile and a little concern narrowing her eyes. The girl that is Mintah, who is me and not me, has nothing but her bare hands to return the gifts carved by her father for her as she walks away from him. Her hand in the air shapes goodbyes. Little, imprecise strokes. Some hardly strokes at all. So long, Father. More a way of holding on to goodbye, if only goodbye were not made of fair but of something more substantial, like wood. Father, goodbye.

[26] Water promised nothing. A life on water was no life to live, just an in-between life, a suspended life, a life in abeyance, until land presented itself and enabled that life to resume.

(*F.T.G.*, 1999, p. 63).[27] O mar aqui simboliza a inconstância, com seus movimentos contínuos, o seu nunca parar e acalmar-se, refletindo a própria existência nova dos africanos tornados escravos no navio negreiro, cujo destino era incerto, já que nada sabiam sobre a escravidão e a vida futura. Por isso, abundam-lhe as memórias do que ficara em terra:

> O que ela havia deixado para trás, em sua vida em terra? Uma missão, uma mãe. Antes disso, um pai, um cinzel. Antes disso, pequenas coisas. Prazos curtos de coisas sem conexão, armazenados ao acaso dentro de si. Diferentes suprimentos agrupados em uma sala para apoiar uma dieta equilibrada. Uma dieta de recordação. E uma dieta de promessas. Ela invadiu a despensa deles periodicamente para se sustentar, e longe de ela ser esvaziada por suas incursões, ela descobriu que estava simplesmente recuperando as mesmas coisas uma e outra vez daquela sala e elas não renderam nada de novo e agora deixaram de oferecer conforto. Tinha se tornado agora uma fonte de agitação para ela. Pois ela queria viver, ir além de uma dependência do que havia acontecido num passado cada vez mais distante, e acumular novos momentos, coisas melhores, para seu futuro conforto. (*F.T.G.*, 1999, p. 61).[28]

Mintah tem consciência de que sua memória não alcança a tudo o que ficara em terra. E ali, trancada naquela despensa de navio, sua mente divaga, rememorando o que agora era passado e entendendo que ele cada vez mais se distancia de si, sendo impossível de ser retomado. A linguagem é muito poética, ao comparar os "armazéns" de sua memória com aquele armazém de comida. Enquanto sua memória guardava *flashes* de coisas agora inalcançáveis, aquele armazém de comida podia suprir-lhe para conseguir o que queria: ter um futuro. Já vimos como a memória pode ser comparada a um armazém, na medida em que pode ser expandida, mas aqui a relação é outra, pois o "armazém" do qual Mintah tira suas memórias não parece se expandir, mas ir se fechando pouco a pouco. Sua memória trazia promessas e recordações, mas não mais lhe supria, não lhe oferecia conforto, trazendo-lhe, ao invés disso, mais e mais dores.

---

[27] And where was she? Not in a place where she could savour it. Not in any place. On water. On a geography that constantly rearranged itself as if to dupe the traveller, or keep its secrets from the explores by constantly redrawing its maps.

[28] What had she left behind, in her life on land? A mission, a mother. Before that a father, a chisel. Before that little things. Short time-frames of things with no connection, stored haphazardly inside. Disparate supplies lumped together in a room to support a balanced diet. A diet of recall. And a diet of promises. She raided their store-room periodically to sustain her, and far from being emptied by her raids she found she was simply retrieving the same things time and again from that room and they yielded nothing new and had now ceased to offer comfort. Had now become a source of agitation to her. For she wanted to live, to get beyond a dependence on what had happened in an increasingly distant past, and to accrue newer moments, better things, for her future comfort.

Porém, as memórias da vida em África não a deixam totalmente, por mais que Mintah tente suprimi-las. Após tentar o motim e falhar, Mintah se vê amarrada no convés com outros escravos dissidentes e ali, para esquecer o frio e o desconforto do convés, sua memória a leva de volta às esperanças que os africanos tinham de ter uma convivência pacífica com os europeus por meio da venda de suas colheitas e Mintah rememora o que pensava dessa situação:

> A partir disto, e de ver os descendentes de uniões entre brancos e negros e as muitas tribos que traficavam almas cativas por riquezas, cresceu sua convicção de que se os brancos tivessem vindo e se estabelecido em África e contratado africanos para cultivar o solo africano e cultivassem os mesmos produtos agrícolas que consideravam tão valiosos a ponto de deixar sua humanidade de lado, a fim de adquiri-las em abundância e ganhar riquezas rapidamente, todo o encontro entre negro e branco teria sido agradável e benéfico para todos os interessados. (*F.T.G.*, 1999, p. 113).[29]

Aqui a memória de Mintah mescla-se claramente à voz do autor, que se evidencia ao sentenciar como o encontro entre brancos e negros poderia ter sido muito mais humano, racional e proveitosos para ambos os lados. D'Aguiar claramente se posiciona usando uma voz narrativa voltada para a personagem Mintah, afigurando-se implicitamente. Já vimos como o autor discute a temática da escravidão de forma a condenar enfaticamente o modo violento e desumano como os europeus se impuseram diante dos africanos. Pode-se pensar, ainda, no modo como Lukácks (2011) pensou o romance histórico, ao entender que o romancista usa do elemento histórico para refletir sobre sua época.

Além disso, nessa memória de Mintah, que se une ao seu presente, no qual vive a violência do branco europeu na carne, entendemos parte do encontro entre brancos e negros na África: a participação dos próprios africanos em traficar outros africanos, o desejo de riqueza que levava brancos e negros a vender outros seres humanos irracionalmente.

Em seu diário, Mintah se lembrará também da invasão à missão onde vivia. Inicialmente, houve ameaças aos missionários e ao modo como cultivavam a terra,

[29] From this, and from seeing the offspring of unions between White men and black women, and the many tribes who trafficked in captive souls for riches, grew her conviction that if the whites had come and settled in Africa and hired Africans to work African soil and grow the very crops they deemed so valuable that they were willing to cast their humanity aside in order to procure them in abundance and gain riches fast, the whole encounter between black and white would have been pleasant and beneficial for all concerned.

ensinando os africanos a plantarem, tentando evitar sua escravização, embora cobrassem o preço do abraço ao cristianismo para prover tal ajuda. Porém, finalmente os holandeses vieram e atacaram o forte, matando missionários e capturando nativos. Em relação aos grandes lucros da Holanda com o tráfico, é preciso entender, antes, que o tratado de Tordesilhas, de 1494, após uma série de bulas papais, dividiu as terras recém-descobertas nas Américas entre Portugal e Espanha, mas outros reinos, como Inglaterra, França, Holanda e Dinamarca, não aceitaram essa divisão e iniciaram, também, a busca por terras e, consequentemente, precisariam de escravos para trabalhar nelas. Poucos anos depois, a visão acerca da lucratividade do uso de escravos africanos nas colônias não se restringia apenas a Portugal e Espanha, mas essas mesmas outras nações europeias notaram o quão lucrativa a escravidão africana poderia ser e começaram, também, a participar ativamente do tráfico transatlântico de forma ainda mais intensa, como ocorre com mais força com França e Inglaterra, por exemplo. A ironia de Williams sobre o assunto evidencia como a disputa de terras levou, depois, naturalmente, à escravização: "A Inglaterra, a França e mesmo a Holanda começaram a contestar o Eixo Ibérico e a reivindicar seu lugar ao sol. O negro também teria seu lugar, mesmo sem pedir: era o sol escaldante das fazendas de cana-de-açúcar, tabaco e algodão do Novo Mundo." (2012, p. 30).

No século XVII a Holanda fortaleceu-se muito através do tráfico de escravos e a posse de pequenos territórios no Novo Mundo. O *Zong* era um navio inglês, o que nos leva a entender que os holandeses, nesse caso, trabalhavam como captores de escravos dentro dos territórios africanos, ou dentro do próprio navio inglês, pois a Inglaterra foi o país que mais lucrou com o tráfico transatlântico de escravos. O tráfico de escravos realizado pela Inglaterra se agigantou diante de outras nações, dada a imensa necessidade de mão-de-obra em suas colônias açucareiras, o que levou ao desenvolvimento da Inglaterra como um todo, principalmente em cidades como Liverpool e Bristol, os maiores portos escravistas ingleses depois de Londres. (WILLIAMS, 2012).

Porém, é possível que Mintah tenha sido capturada por holandeses e tenha sido vendida ou trocada mais tarde, como se insinua mais adiante, quando ela se lembra da despedida de sua mãe:

> A mãe foi separada de mim quando os escravagistas nos dividiram entre eles. Suas últimas palavras foram que eu deveria manter o meu

> aprendizado em segredo, uma vez que ele iria me colocar em apuros. E eu não deveria esquecer Deus, já que ele não me esqueceria. Eu a deixei e pensei em meu Pai. Pai primeiro, depois a Mãe. Ambos se foram. (*F.T.G.*, 1999, p. 194).[30]

Esta memória de Mintah remete ao modo como os africanos eram capturados no interior e levados para a costa, para serem colocados nos navios negreiros. A captura era feita no interior da África, e muitas vezes vinham já separados de toda a família e dos amigos. Outras vezes, a separação ocorria ao longo do caminho, quando um ou outro escravo era vendido, ou nos fortes, onde as vendas podiam ser rápidas, de acordo com a condição física do escravo. É o que ocorre com Equiano, que se vê separado de sua irmã durante a jornada até o local onde seria vendido: "[...] ela foi tirada de mim, e imediatamente levada embora, enquanto eu estava em um estado de perturbação mental que não pode ser descrito." (1999, p. 25).[31] O trajeto até os postos de venda podia ser longo e penoso, além do fato de os cativos poderem ser revendidos várias vezes até chegar ao comprador europeu, como relata Segal (1995):

> A viagem ao litoral com frequência era não somente dolorosa, mas fatal. As rotas escravas africanas atingiram centenas de milhas para o interior. Amarrados juntos, os escravos eram obrigados a marchar longas distâncias, no decurso das quais sofriam muito de fome, sede e exaustão. Alguns podiam ser vendidos ao longo do caminho várias vezes antes que chegassem a ver o mar. Um homem da África Ocidental recordou em 1831 que fora "vendido seis vezes, às vezes por dinheiro, às vezes por uma arma, às vezes por tecido ... [e] levou cerca de meio ano a partir do momento em que fui capturado até que eu visse pessoas brancas." (p. 29).[32]

Ofereciam grande resistência à sua captura, mas muitas vezes lutavam contra uma tribo inteira que os derrotaram em uma guerra, e a resistência acabava sendo em vão. Além do sofrimento trazido pela jornada até os portos de negociação, os escravos sofriam terrivelmente com as condições onde eram acomodados em tais portos. Além de

---

[30] Mother was separated from me when the slavers divided us between them. Her last words were that I should keep my learning a secret since it would get me into trouble. And I should not forget God since he would not forget me. I left her and thought of Father. Father first, then Mother. Both gone.

[31] […] she was torn from me, and immediately carried away, while I was left in a state of distraction not to be described."

[32] The journey to the coast was frequently not only painful but fatal. African slaving routes reached hundreds of miles inland. Roped together, slaves were made to march long distances, in the course of which they suffered much from hunger, thirst, and exhaustion. Some might be sold along the way a number of times before they got within sight of the sea. One West African recalled in 1831 that he had been "sold six times over, sometimes for money, sometimes for a gun, sometimes for cloth…It was about half a year from the time I was taken before I saw white people".

serem locais insalubres, com espaços reduzidos, pouca ventilação e pouca exposição à luz solar, os escravos já tinham sua mão-de-obra utilizada, servindo na manutenção das prisões enquanto não eram vendidos.

Parece que Mintah e a mãe foram alvo de um ataque que precisou dividir os "lucros", ocasionando sua separação. E essa separação, para Mintah, foi sua segunda perda, pois imediatamente pensa na perda do pai. Assim, Mintah passa a ser uma escrava, sem mais nenhum contato com a família ou amigos, todos separados por mercadores, com destinos diferentes. Curioso é que sua mãe lhe pede para não esquecer deus, aquele deus único no qual ela passara a acreditar quando os missionários chegaram e que levara à separação da família.

Em seu diário, Mintah relembra seus primeiros momentos no forte, junto à missão dinamarquesa, à mãe e ao novo deus que começara a adorar: "No forte, logo aprendemos como adorar a Deus, ler e escrever e trabalhar nos campos." (*F.T.G.*, 1999, p. 63).[33] É curioso que, mesmo tendo sido separada do pai pela nova crença da mãe nesse único deus, Mintah não demonstra ressentimento em relação à religião cristã, mas, ao mesmo tempo, evidencia que não deixara de acreditar em outros deuses. Parece que a relação de Mintah com a religião cristã seguida por sua mãe e ensinada a ela no forte é contraditória, pois Mintah ora para esse deus único, com medo de que a escravidão seja sua punição por ainda acreditar em outros deuses:

> Mintah pediu perdão. Pelo que ela fez para merecer este destino. Por sua lealdade contínua aos deuses tradicionais. Nem mesmo deuses, apenas um deus, o de madeira, e às vezes o deus da fertilidade. Ela se ajoelhou na curvatura do navio induzida pelo mar, com as palmas das mãos unidas e os dedos entrecruzados e implorou a Deus. Seu pedido final era para a vida em terra. Implorou a Deus para poupar a ela e ao resto de seu povo de uma morte por afogamento. Se chegasse à terra, qualquer que fosse a vida que ela tivesse que levar lá, ela prometeu que o serviria até o fim de seus dias. (*F.G*, 1999, p. 64).[34]

A introdução da religião cristã foi usada como meio de dominação pelas naçõess escravizadores. Já em 1441, os primeiros escravos africanos foram levados para

[33] At the fort we soon learned how to worship God, to read and write and work in the fields.

[34] Mintah asked for forgiveness. For what she did to deserve this fate. For her continued loyalty to traditional gods. Not even gods, just one god, that of wood, and sometimes the god of fertility. She kneeled into the ship's sea-induced camber with her palms clasped and fingers knitted and begged to God. Her final request was for life on land. She begged God to spare her and the rest of her people from a death by drowning. If she got to land, whatever life she had to lead there, she promised she would serve Him to the end of her days.

Portugal e apresentados ao Infante Dom Henrique que os converteu ao cristianismo, e os fez missionários para que convertessem outros africanos. Para Franklin e Moss (1989), os portugueses se sentiam "justificados por agirem assim porque os africanos, desta maneira, teriam a oportunidade de desfazer-se de seu paganismo e abraçar a religião cristã." (p. 40). Mintah foi exposta ao cristianismo ainda antes de se tornar escrava e internalizara suas crenças, de modo que se sente culpada por estar ali, presa, escravizada, como se evidencia: "'Deus,' ela implorou, 'deixe-me dormir em paz. Eu não mereço a tua misericórdia, mas deixa-me dormir.'" (*F.T.G.*, 1999, p. 64).[35] Ainda assim, a adoração ao deus de madeira continuará por toda a sua vida, como veremos adiante, evidenciando que o que os europeus chamavam de "paganismo", ou seja, as religiões que os africanos possuíam não eram sempre esquecidas mesmo se se convertessem ao cristianismo. Quando pensamos sobre isso no contexto das *plantations* norte-americanas, vemos que mesmo que as religiões cristãs no sul dos Estados Unidos tivessem, em muitos casos, sido usadas para a manipulação dos escravos, é certo que nem todos se deixavam manipular. Ao aprender a ler a Bíblia e interpretá-la, muitos escravos conseguiam perceber que havia certa distorção na interpretação dada pelo pastor ou por seu senhor e compreendiam a "diferença entre o evangelho dos pregadores favoráveis à escravidão e a mensagem das escrituras cristãs sobre a punição divina dos opressores e a libertação dos fiéis." (FRANKLIN e MOSS, 1989, p.143). Williams (2012) corrobora esta ideia ao afirmar que "Ele [o escravo] pegava as mesmas Escrituras e adaptava-as a suas próprias finalidades." (p. 275). Assim a ideia de subversão dos preceitos bíblicos já ocorria em canções entoadas nas lavouras e em igrejas, como "Didn't My Lord Deliver Daniel", em que a letra da música questiona o fato de Deus ter livrado Daniel da cova dos leões, ter tirado Jonas do estômago de uma baleia, por que não livraria todos os homens? A canção prega a igualdade entre os homens, e, por consequência, a libertação dos escravos: "O meu Senhor não libertou Daniel? / Libertou Daniel, libertou Daniel? / O meu Senhor não libertou Daniel? / Por que não todo homem?" (GATES e MCKAY, 1997, p. 10).[36]

Antes da Guerra Civil, a religião se tornou grande aliada dos escravagistas, mas os escravos mais atentos e combativos e percebiam que "haviam sido apanhados por um inimigo que, em outro tempo, os havia amparado." (FRANKLIN e MOSS,1989, p.

[35] 'God,', she begged, 'let me sleep in Peace. I do not deserve Your mercy but let me sleep.'
[36] Didn't My Lord Deliver Daniel?/ Deliver Daniel, Deliver Daniel?/ Didn't My Lord Deliver Daniel?/An' why not everyman?

144). Assim, embora houvesse o uso da religião por parte dos senhores para controlar seus escravos, havia, também, a subversão desta religião por parte dos escravos, como a recontagem de histórias bíblicas sob sua própria ótica interpretativa, como observa Segal (1995):

> Havia contadores de tais histórias que deram seu próprio toque ao texto do Gênesis. Charles Gentry, um escravo que pregava, ensinou que todos os primeiros seres humanos eram negros: "Caim matou seu irmão Abel com um grande grande porrete ... e Deus veio a Caim, e disse: 'Caim! Onde está seu irmão Abel?' Caim, ele ficou amuado, e disse: "Eu não sei; por que está me perguntando isso?? Eu não sou o guardião do meu irmão Abel. "O Senhor fica impaciente, e bate o pé no chão e diz, "Caim! Você, Caim! Onde está seu irmão Abel? Eu digo, Caim! Onde está seu irmão?' Cain fica branco como cambraia alvejada, e a raça inteira de Caim fica branca desde então." Gentry só estava contando à sua maneira um conto que existe, pelo menos, desde o começo do século XIX. Aqui havia um meio pelo qual a presunção da supremacia branca era confrontada, revertendo claramente a recorrente reivindicação branca de uma maldição sancionada pelas escrituras sobre a raça negra. (p. 64-65). [37]

Essa mesma temática bíblica da maldição de Caim e a sua suposta transformação em homem negro é também tratada pela poetisa Phillis Wheatley, no poema "On Being Brought To America", no qual os versos "Alguns vêem nossa raça negra com olhar desdenhoso, / Sua cor é uma tintura diabólica." (GATES e MCCKAY, 1997, p. 171)[38] remetem ao preconceito quanto à raça, enfrentado por ela quando capturada em África e obrigada a ouvir sobre a maldição lançada sobre sua pele negra. A isso, Wheatley contrapõe os versos: "Lembrem-se, cristãos, negros, negros como Caim,/ melhorem e unam-se ao trem angelical." (GATES e MCCKAY, 1997, p. 171).[39] Apesar de aceitar a religião cristã como sua salvação e ser grata por isso, a poetisa enfatiza que negros e brancos podem alcançar status iguais na sociedade e no céu. É perceptível que a religião, bem como a escrita, servia, também, como meio de os escravos tentarem

[37] There were tellers of such tales who gave their own twist to the text of Genesis. Charles Gentry, a slave who took to preaching, taught that all the first humans were blacks: "Cain he kill his brudder Abel wid a great big club…and God he cum to Cain, and say, 'Cain! Whar is dy brudder Abel?' Cain he pout de lip, and say, 'I don't know; what ye axin' me fur? I ain't my brudder Abel's keeper.' De Lord he gits in airnest, and stomps on de ground and say, 'Cain! you Cain! whar is dy brudder Abel? I say, Cain! Whar is dy brudder?' Cain he turn white as bleech cambric in de face, and de whole race ob Cain dey bin white ebber since." Gentry was only retelling in his own way a tale which went back at least as early as the beginning of the nineteenth century. Here was one means by which the presumption of white supremacy was confronted, neatly reversing the repeated white claim of a scripturally sanctioned curse on the black race.

[38] Some view our sable race with scornful eye,/ "Their colour is a diabolic dye."

[39] Remember, Christians, Negros, black as Cain,/ May be refin'd, and join th' angelic train.

subverter a ordem imposta a eles pela escravidão. Era comum, ainda, que fossem feitas paródias de músicas religiosas ou de orações, e o humor aparecia de forma irônica, provocativa, mas, ao mesmo tempo, sagaz e sarcástica, com a inserção de elementos da vida de escravo, como se nota no trecho abaixo, uma paródia da oração "Pai Nosso":

> "Pai nosso, que estais no Céu!" -
> Homens brancos me devem onze e me pagam sete
> "Venha a nós o vosso Reino! Seja feita a sua vontade!"-
> E se eu não tivesse escondido aquilo, eu não teria nada.
> (GATES e MCKAY, 1997, p. 37). [40]

O trecho acima evidencia que a relação deus-homem é ironizada na relação branco-escravo, de modo que os desejos de deus sobre os homens negros são suplantados pelos desejos do homem branco sobre o negro. A subversão religiosa é uma forma sutil de resistência, que nem sempre era percebida por seus senhores, portanto, algo eficaz.

Outras memórias que Mintah tem da África esclarecem também sua relação com o primeiro-imediato, Kelsal. Logo no início do romance, Mintah, ainda trancada nas celas abaixo do convés, chama pelo nome de Kelsal e, inicialmente, apenas supõe-se que ela o chamara por ter ouvido antes seu nome. Porém, mais adiante, entendemos que Mintah conhecia Kelsal, pois ele estivera na missão onde ela vivera. Quando Kelsal resiste ao ato de jogar mais escravos vivos ao mar, o segundo-imediato lembra que ele vivera um ano com os nativos, talvez por isso tivesse certo sentimento por eles. Porém, é somente no diário de Mintah que sabemos exatamente qual fora a extensão do relacionamento de Mintah com Kelsal:

> Digo-lhe que o conheço de seus dias como um ladrão na missão quando ele teve que trabalhar por sua liberdade e ele não sabia o seu nome e tinha que lhe ser dito quem ele era repetidamente. Como ele o disse como uma palavra que fosse nova na língua. Não como um nome que lhe pertencesse. Como ele tinha que crescer para gostar desse nome novamente. Não ter que olhar ao redor esperando outra pessoa para responder quando ele foi chamado. Não ter que olhar em volta na expectativa de que outra pessoa respondesse quando ele fosse chamado. Não ter que esperar ele ser chamado duas vezes antes de perceber que era seu nome e responder a ele com surpresa. Ouvi-lo

[40] "Our Fadder, Which are in Heaven!"-
White men owe me leben and pay me seben
"D'y Kingdom come! D'Y Will be done!"-
An' if I hadn't tuck dat, I wouldn't git none.

> pela primeira vez e, sem um intervalo entre o nome e seus pensamentos porque ele o habitava, pôr-se a caminho. (*F.T.G.*, 1999, p. 187).[41]

Mintah se lembra de Kelsal em seus momentos de maior fragilidade junto de sua missão e como ele fora um ladrão ali e precisara trabalhar para comprar sua liberdade. Parece ser irônico que Kelsal, agora um escravizador, tivesse passado pela situação oposta alguns anos antes, com a diferença de que, na missão, bastava que ele trabalhasse e sua liberdade viria, não era um escravo. Essas lembranças de Kelsal são ditas a ele por Mintah, no convés, e ele abre os olhos e parece surpreso, mas logo após pede licença ao capitão para jogá-la ao mar, devido a sua petulância. Kelsal parece não gostar de ser lembrado de como adoecera e perdera a razão, ficando desmemoriado, à mercê dos nativos africanos na missão dinamarquesa. Ainda em seu diário, Mintah traz à tona mais lembranças sobre Kelsal, esclarecendo que ele fora obrigado a trabalhar na missão por ter roubado do forte após ter sido tratado durante uma doença: "Ele foi sempre livre para partir, mas não antes que tivesse trabalhado para o forte e pagado um pouco do tempo que todos lhe tinham dedicado quando estava doente e teve de ser cuidado." (*F.T.G.*, 1999, p. 195).[42] Nota-se que Kelsal não era um escravo. Por algum motivo um tanto quanto obscuro, talvez o naufrágio de algum navio, mas nada exato, pois o segundo imediato apenas diz que Kelsal ficara "ilhado na costa" (*F.T.G.*, 1999, p. 68)[43], ele acabara no forte, ficara doente, fora cuidado, mas rapidamente fugira tendo roubado alguma coisa, também não especificada, tendo que retornar por estar doente. Novamente fora cuidado, trabalhara, embora de má vontade, como Mintah se recorda: "Homem lento e preguiçoso"; "Que trabalhador lento!" (*F.T.G.*, 1999, p. 195-196).[44] Assim que se recuperara da febre, fugira novamente e novamente fora encontrado em febre, tendo que ser medicado, cuidado:

> Eu era uma das crianças que se revezaram para cuidar dele e umedecer sua fronte e descartar seus excrementos e alimentá-lo. Ele abriu os

[41] I tell him I know him from his days as a thief at the mission when he had to work for his freedom and he did not know his name and had to be told who he was time and again. How he said it like a word that was new in the language. Not a name that belonged to him. How he had to grow to like that name again. Not having to look around expecting another person to reply when it was called. Not waiting for it to be called twice before realising it was his name and responding to it with surprise in his voice. To hear it the first time and, without a gap between the name and his thoughts because he inhabited it, be on his way.

[42] He was always free to leave but not before he had worked for the fort and repaid a little of the time everyone had devoted to him when he was ill and had to be nursed.

[43] marooned on the coast.

[44] slow and lazy man"; "What a slow worker!

> olhos e não sabia seu nome ou onde ele estava na terra. Eu tive que ensiná-lo. "Kelsal!" eu disse, "você é Kelsal".
> "Você é Kelsal?"
> "Não! Você! Você é Kelsal! Eu sou Mintah!"
> "Eu sou Mintah?"
> "Não! Eu sou Mintah! Você é Kelsal!"
> "Kelsal?"
> "Sim! Kelsal!"
> Por que eu estava gritando? Porque ele parecia estar perdido. A febre tinha eliminado seu bom senso, de modo que eu era ele, ele era eu. (*F.T.G.*, 1999, p. 195).[45]

Mintah recorda que fora uma das crianças a tomar conta de Kelsal e que, por algum tempo, ele fora tal qual uma criança, precisando ser guiado no forte. A caracterização do personagem Kelsal se inicia nos evidenciando características opostas: enquanto no navio era a voz de comando, forte, decidida e imperiosa, no forte era frágil como uma criança, sendo conduzido e ensinado. Outras contradições nos serão reveladas sobre ele, de modo que sua caracterização seja bem feita por D'Aguiar, já que no começo da narrativa a ideia que temos de Kelsal é a de um homem bastante decidido e cumpridor de seus deveres sem hesitações. Com essas memórias sobre Kelsal, Mintah apela a ele dentro do navio, esperando ser reconhecida, esperando, talvez, algum tipo de gratidão por ter tido sua vida salva por ela e por outros da missão. Nesse sentido, as memórias coletivas sobre quem era Kelsal se confundem na cabeça de Mintah, pois ela se recorda dele como as crianças do forte o faziam, e estas não gostaram quando ele partira, já que "Ele era bom para provocar." (*F.T.G.*, 1999, p. 195)[46], então elas gostavam de brincar com ele e rir dele, pois ele ficava irritado, e que isso divertia as crianças, e talvez essa memória tenha ficado guardada na mente dela, o que é reforçado quando ela se lembra que ambos pareciam ter alguma conexão no forte:

> Ele me observava passar por ele a uma distância segura e dizia o meu nome e eu dizia o dele como se nossos nomes não pertencessem a nós mesmos, não desde que os tínhamos trocado quando ele estava febril e entorpecido. Eu tentava não rir dele ou agir com medo. Ele nunca

[45] I was one of the children who took turn to watch over him and mop his brow and empty his waste and feed him. He opened his eyes and did not know his name or where he was on earth. I had to teach him. 'Kelsal!' I said, 'you are Kelsal.' / 'You are Kelsal?'/ 'No! You! You are Kelsal! I am Mintah!'/ 'I am Mintah?'/ 'No! I am Mintah! You are Kelsal!'/ 'Kelsal?'/ 'Yes! Kelsal!' / Why was I shouting? Because he seemed to be lost. The fever had knocked the common sense out of him so that I was him, he me.

[46] he was good to tease.

> sorria ou falava com ninguém, exceto para dizer meu nome. (*F.T.G.*, 1999, p. 196).[47]

Kelsal, ao se recobrar, foge novamente do forte. Mas, quando se reencontram, Mintah esperava ser reconhecida: "Eu estava acorrentada quando voltei a vê-lo. Ele tinha encontrado um navio e estava de volta à água. Parecia feliz. Eu tinha certeza de que me reconheceria do forte, mas ele mal pareceu me notar." (*F.T.G.*, 1999, p. 195).[48] Talvez por isso ela chamara seu nome no navio, esperando que ele chamasse o seu, como antes, ou ao menos se recordasse dela. Talvez o que ficara gravado na memória de Mintah foram as suas impressões infantis, a sua própria boa vontade em ajudar um estranho, um ladrão e um fugitivo. Kelsal era esse mesmo homem, e Mintah acaba por ter de se livrar de suas memórias felizes ajudando um doente, e precisa reconhecer que Kelsal não vai ajudá-la em nada ali no navio.

Outras lembranças de África ficarão para sempre gravadas na memória de Mintah, e a maior delas será a dos pais. Ao fim da vida, na Jamaica, já quase cega e presenciando a abolição da escravidão em Kingston, Mintah ainda se lembrará da mãe e do pai e perceberá como se distanciara:

> A mão de seu pai, a cabeça e o corpo de sua mãe. A mão dele a guiando, os passos de sua mãe à frente dos dela. Dois amores em outra terra. Um grande mar no meio. Uma estrada que ela não conseguia encontrar agora, mesmo que quisesse. Ela não era mais a Mintah que havia deixado aquela terra, aquelas duas pessoas. O *Zong* providenciou isso. O mar tinha apagado trechos inteiros da terra e das pessoas que ela tinha guardado dentro de si. A madeira e os seus sonhos haviam recuperado muitas coisas para ela, mas não o suficiente para alimentar seu desejo de voltar. O sal ajudara com a obliteração de seu passado. Mintah estava enterrada nas árvores, na areia. Como um espírito ou fantasma, ela fugira para o bosque e para o solo. Com as mãos de seu pai, procurara redimir-se para si mesma. As mãos dele e a cabeça e o corpo de sua mãe. Fora isso, não havia Mintah. O *Zong* e o mar haviam providenciado isso. (*F.T.G.*, 1999, p. 224).[49]

---

[47] He watched me walk past him at a safe distance and he said my name and I said his as If our names did not belong to ourselves, not since we had exchanged them when he was hot and stupid. I tried not to laugh at him or act afraid. He never smiled or spoke to anyone, except to say my name.

[48] I was in chains the next time I saw him. He had found a ship and he was back on water. He looked happy. I was sure he'd recognize me from the fort, but he hardly seemed to notice me.

[49] Her father's hand, her mother's head and body. His hand guiding her, her mother's footsteps ahead of hers. Two loves in another land. A big sea in between. A road she could not find now even if she desired. She was no longer the Mintah who had left that land, those two people. The *Zong* saw to that. The sea had erased whole tracts of the land and the people she had held inside. Wood and her dreams had recovered much to her but not enough to feed her desire to return. Salt had helped with the obliteration of her past. Mintah was buried in trees, in sand. Like a spirit or ghost she had fled into wood and soil. With her

Apesar de Mintah se lembrar dos pais e perceber como se parecia com a mãe e esculpia como o pai, ela sabe que há muito perdera os dois, e o mar e o *Zong* foram responsáveis por isso. Mas, além de perdê-los, Mintah parece sentir que perdera a si mesma, numa descrição despersonalizada de si, como se o trauma da passagem intermédia e dos horrores do *Zong* tivesse feito com que ela não fosse mais a mesma pessoa, como se a Mintah, a quem ela já olhara com distanciamento antes, não mais existisse. Atribui ao mar o esquecimento de tantas vivências em África, e à madeira, aos sonhos e à terra as chance de recuperar certas memórias do que lá vivera, mas, ainda assim, não foram elementos fortes o suficiente para fazer com que quisesse retornar, ou que conseguisse superar o trauma e atravessar o mar novamente. Veremos agora como a passagem intermédia marca Mintah de forma profunda e dolorosa, levando-a a perder sua própria identidade e a forjar uma nova para continuar sua existência.

3.3 MINTAH E A PASSAGEM INTERMÉDIA: ESCRAVIDÃO E MEMÓRIAS

We are the throwaway people
The problem that won't go away people
The blow you away with our stories people
The things have got to epidemic proportions people
The we have no use for you people
The blood we had to have was tainted people
The loving we did wasn't safe people
The needles make our arms look like sieves people
The they look terrible at the end people
The tell them s/he died of cancer people
The priests are reluctant to bury people
The buried at the edge of cemeteries people
The keep your grief private people
The world has no love for us people

(*Ballad of the Throwaway People*, Fred D'Aguiar)

Antes da partida do *Zong*, Mintah fica dentro do navio por algumas semanas, esperando que ele fosse lotado de escravos. Importa entender como funcionava a manutenção dos cativos que eram capturados no interior. Em África, as relações

---

father's hands she had sought to redeem herself to herself. His hands and her mother's head and body. Besides which there was no Mintah. The *Zong* and the sea had seen to that.

comerciais com os europeus ocorriam mais na costa, pois os mercadores não se aventuravam a adentrar a mata, dados os perigos que ela podia esconder, mas, mais especificamente, por que os africanos não permitiam que os próprios europeus buscassem seus escravos, pois isso lhes diminuiria o lucro do comércio:

> Era natural que os chefes locais protegessem seu monopólio impedindo os europeus de se aventurarem no sertão e comprarem os escravos diretamente dos proprietários de escravos. As ameaças à saúde que o ambiente costeiro africano impôs aos europeus era uma outra razão para que evitassem aventurar-se no interior em busca de escravos. (ADERINTO, 2007, p. 348).[50]

Os europeus obtinham a autorização para instalar fortes ou postos de comércio em alguns pontos da costa. Nesses postos os navios negreiros atracavam e solicitavam ao chefe da tribo local a permissão para buscar escravos naquele local. Essa "negociação", segundo Meier e Rudwick (1970), envolvia persuadir o chefe da tribo local com presentes e a partir disso um agenciador local ficava responsável por trazer os cativos e vender para os negreiros europeus pelo preço previamente combinado com o chefe. Os navios negreiros vinham carregados com bens europeus manufaturados, pois seriam usados na troca por escravos. Cabia ao negreiro carregar seu navio com itens apreciados pelos africanos, pois o que não conseguisse trocar por escravos teria que levar de volta à Europa, ou ao Novo Mundo, o que tiraria espaço precioso de seu navio destinado a escravos, gerando prejuízo. (FRANKLIN e MOSS, 1989). Um produto que começou a ter grande valor de comércio entre as tribos africanas foi a arma de fogo, pois com ela mais guerras poderiam ser ganhas e mais escravos obtidos para a comercialização com os europeus.

A operação de conseguir escravos não era muito simples, pois os comerciantes africanos precisavam obter os escravos demandados pelos europeus, o que não se obtinha apenas em um lugar, portanto o navio acabava passando, muitas vezes, por diversos postos até conseguir a quantidade máxima de escravos. Era, portanto, quase sempre, uma operação que demandava meses. Os escravos trazidos para a negociação eram inspecionados pelo médico do navio negreiro, mas, muitas vezes, eram lavados, barbeados e untados com óleo antes da venda, o que impedia, em partes, de verificar de

[50] It was natural for the local chiefs to protect their monopoly by preventing the Europeans from venturing into the hinterland and buying the slaves directly from slave owners. The medical threat that the African coastal environment posed to the Europeans was another reason they avoided venturing into the hinterland in search of slaves.

fato as condições de saúde do escravo. Tal expediente foi imitado pelos mercadores europeus no Novo Mundo, que queriam dar a impressão aos possíveis compradores de que suas "peças" eram saudáveis e jovens. (FRANKLIN e MOSS, 1989).

Os escravos que conseguiam sobreviver à captura e ao aprisionamento nos fortes africanos eram vendidos e mantidos em um navio negreiro até que se iniciasse a passagem intermédia, a travessia do Atlântico. No caso do *Zong*, não há descrições sobre Mintah ter ficado em algum forte, parece que ela fora diretamente enviada ao navio e desde que Mintah subira a bordo duas semanas se passaram até que zarpassem, pois, como era comum, os mercadores queriam escolher africanos que estivessem saudáveis, que fossem jovens, pois estes obteriam melhores preços nos mercados de escravos. Mintah se lembra, em seu diário, como Kelsal escolhia a dedo os escravos: "Apenas os velhos, doentes e feridos o interessavam. Ele não queria que fossem trazidos a bordo. Como resultado, o *Zong* esperou por duas semanas para se encher com mais de quatrocentos de nós." (*F.T.G.*, 1999, p. 196).[51] No caso do *Zong*, não sabemos quanto tempo demorou para zarpar, pois temos a perspectiva de Mintah, apenas, sobre tais datas. Adiante na narrativa, teremos outra informação acerca do tempo de duração da viagem, pois após Mintah confrontar Kelsal e ser açoitada por ele, ela se recorda que estavam no mar há 8 semanas. Já idosa, na Jamaica, Mintah se lembrará que, após o motim, após ser capturada e amarrada no convés com outros escravos insurgentes, estivera doente por duas semanas: "Agradeci às mulheres por me trazerem de volta de onde quer que eu estivesse nas últimas duas semanas." (*F.G*, 1999, p. 216).[52] Assim, entendemos que Mintah passara ao menos 12 semanas dentro do *Zong*.

Antes da partida para o Novo Mundo, era comum haver escravos que tentassem se suicidar ou causar motins, pois a maioria não sabia qual seria seu destino, embora seus donos buscassem, de toda forma, impedir que se matassem e até imputassem severos castigos a quem se atrevesse a intentar contra a própria vida. (SMALLWOOD, 2007). Antes da partida do navio, há casos de motins bem sucedidos, como citam Meier e Rudwick (1970) sobre o navio *Nancy*, de 1769, na costa de Nova Calabar, cujos 132 escravos a bordo se rebelaram, feriram grande parte da tripulação e tomaram o controle do navio, sendo ajudados por outros africanos que se aproximaram do navio em canoas.

[51] Only the old, sick and injured interested him. He didn't want them to be brought aboard. As a result, the *Zong* waited for two weeks to fill with over four hundred of us.
[52] I thanked the women for bringing me back from wherever I had been these last two weeks.

A maioria dos africanos vendidos como escravos adquiria o status de "morte social", como afirma Smallwood, (2007), no que ela chama de "morte social do escravo de água salgada"[53], pois não conseguiriam mais ser aceitos como membros integrantes de nenhuma comunidade. Era um estigma que jamais os abandonariam. Assim, a perda de um membro para a escravidão deixava um "buraco" na família, e acreditar que o membro havia morrido era melhor do que acreditar que ele se tornara escravo, pois a morte, na concepção de algumas tribos africanas, era uma espécie de continuação da vida, enquanto a escravidão era a perda do pertencimento a uma tal sociedade. Essa morte social ocorria por que o escravo deixava de ser um agente e passava ser visto como um objeto, uma mercadoria:

> Transformar pessoas em escravos implicava mais do que a realização de uma transação de mercado. Além disso, o intercâmbio econômico teve que transformar seres independentes em mercadorias humanas cujo "traço mais relevante socialmente" era sua "permutabilidade". O processo começava no litoral, a fronteira onde a paisagem africana desaparecia no mar. Foi lá que os cativos ficaram cara a cara com o mercado de seres humanos. Os cativos que podem ter sido vendidos uma ou mais vezes anteriormente estavam agora no centro das transações que os colocavam, finalmente, de maneira irreversível, na rota para a escravidão da água salgada. A costa era o palco para uma série de atividades e práticas destinadas a promover a encenação de que os seres humanos pudessem desempenhar de forma convincente o papel de suas antíteses - corpos animados apenas pelo investimento calculado por outros em suas capacidades físicas. (SMALLWOOD, 2007, p. 35).[54]

Aqueles que não conseguiam ou não tentavam fugir ou se suicidar passariam pelos horrores da passagem intermédia, chamada de "Middle Passage", em inglês, que variava de três semanas a três meses, dependendo das condições do clima, do navio, etc. Apesar de a jornada até a costa e a acomodação nos fortes africanos ser penosa, há consenso entre os autores em considerar que a passagem intermédia era, sem dúvida, a

[53] social death of the saltwater slave.

[54] Turning people into slaves entailed more than the completion of a market transaction. In addition, the economic exchange had to transform independent beings into human commodities whose most "socially relevant feature" was their "exchangeability." The process began at the littoral, the border where the African landscape disappeared into the sea. It was here that captives came face to face with the market in human beings. Captives who may have been sold one or more times previously now stood at the center of transactions that put them finally, irreversibly, en route to saltwater slavery. The shore was the stage for a range of activities and practices designed to promote the pretense that human beings could convincingly play the part of their antithesis—bodies animated only by others' calculated investment in their physical capacities.

pior parte do trajeto do escravo até a terra onde seria vendido. Sem saber o que lhes ocorreria, o medo dos africanos era constante.

> Eles iam, em alguns casos, marchando para a costa de um grande oceano que nunca tinham visto, separados de seus entes queridos por estranhos homens brancos cuja motivação eles não conseguiam sequer começar a imaginar e, então, tendo sofrido a indignidade de serem vendidos, e a dor de serem marcados a ferro quente, amontoados nas celas escuras de navios assassinos. Começava a Passagem Intermédia, caracterizada tipicamente como uma passagem de indignidade, desumanização, miséria, doença e morte. (THE BLACK HISTORY RESOURCE WORKING GROUP, 1997, p. 31).[55]

A demora na escolha dos cativos, e a travessia longa poderia diminuir sensivelmente a imunidade dos escravos a bordo, pois com parca alimentação, confinados em espaços minúsculos, sem a luz do sol ou espaço para movimentarem-se, nem mesmo condições básicas de higiene, era comum que os navios chegassem a seu destino com boa parte de sua carga doente, e muitos mortos ao longo da passagem intermédia. No *Zong*, as doenças florescem logo de início, e o médico a bordo é um dos primeiros a morrer, como Mintah se recorda:

> Ele era velho e adoeceu como os outros e morreu encolhendo os ombros e balançando a cabeça até o fim, mas sem fôlego para impulsionar as queixas sinceras que, sem dúvida, haviam se passado por sua cabeça, mas não conseguiram se conectar com sua língua desobediente.
> "Esta doença vai durar um período curto. Não há necessidade de pânico."
> Nenhum dos tripulantes acreditou numa palavra que ele disse. E quando sucumbiu à infecção eles se desesperaram acreditando que nenhum deles viveria para ver terra novamente. (*F.T.G.*, 1999, p. 36).[56]

O trecho evidencia como logo de início o *Zong* foi tomado por doenças, e a presença de um médico a bordo não impediu a morte de muitos, dele, inclusive. Em

---

[55] They were, in some instances, marched to the coast of a great ocean which they had never seen, separated from their loved ones by strange White men whose motivation they could not begin to imagine and then, having suffered the indignity of being sold, and the pain of being branded, packed into the dark holds of murderous ships. There began the Middle Passage which is typically characterized as a passage of indignity, dehumanization, misery, disease and death.

[56] He was old and had grown sick like the others and died shrugging his shoulders and shaking his head to the end but without breath to power the vocal complaints that, doubtless, had been running through his head but had failed to connect with his disobedient tongue.
'This disease will run a short course. No need to panic.'
None of the crew had believed a word he'd said. And when he sucumbed to the infection they despaired that any of them would live to see land again.

1788 uma lei criada pelo parlamento britânico obrigava todos os navios a carregar um médico, que receberia um bônus se morressem apenas 3 escravos a cada 100, o que era impossível dada a superlotação e falta de higiene. Na verdade, as leis do Parlamento britânico para melhorar as condições da passagem intermédia eram flagrantemente desrespeitadas pela maioria dos mercadores que faziam a rota, como a superlotação dos navios que impossibilitava que os escravos viajassem sem que estivessem praticamente colados a outro escravo, o que disseminava doenças. O que os investidores queriam era lucro, e achavam que era mais lucrativo sobrecarregar o navio de carga humana, mesmo que parte morresse no navio, do que respeitar a carga máxima permitida pelo Parlamento e ter menos lucro ao fim. (SEGAL, 1995). O *Zong* zarpa em 1781, antes da lei, e mesmo assim carregava um médico, o que parece de nada adiantar. Em primeiro lugar, por que ele morre da mesma doença que tratava, o que indica que seu tratamento não era muito certeiro. Em segundo, por que após ser espancada por Kelsal, Mintah se lembra de como era o tratamento indicado por ele, e qual seria a estratégia para curar suas dores, caso ele ainda vivesse:

> Reclinou-se sobre o lado direito, como o cirurgião tinha ensinado a tripulação para organizar os escravos, "para auxiliar a batida irrestrita do coração". Ela podia ouvir as instruções vociferadas mal humoradamente enquanto ele encolhia os ombros e balançava a cabeça como se já tivesse sido desobedecido. Ele veio à sua mente porque ela sabia o que ele teria dito se ela tivesse sido trazida diante dele. "A melhor cura, jovem, é a prevenção. Para não trazer calamidade à sua cabeça, transmitindo convites à insolência." E ele não teria feito nada, mas tê-la feito retornar para a sua fatia de espaço debaixo do convés como se sua reprimenda fosse, por si só, receita e remédio para a sua enfermidade. (*F.T.G.*, 1999, p. 35-36).[57]

A situação de degradação do escravo se evidencia ainda mais quando ele adoece no navio negreiro, pois depende única e exclusivamente da intervenção de seus captores, sem poder contar com as ervas medicinais que teria em sua terra natal caso adoecesse. É mais uma evidência da perda de agência por parte do escravo, que se via transformado em mercadoria ao ser escravizado e não tinha mais controle algum sobre

[57] She found herself on her right side as the surgeon had taught the crew to arrange slaves, 'to aid the unrestricted beating of the heart'. She could hear his curmudgeonly barking of instructions as he shrugged his shoulders and shook his head as though he had already been disobeyed. He came to mind because she knew what he would have said if she had been brought before him. 'The best cure, young woman, is prevention. Not to bring calamity on your head by sending out invitations of insolence.' And he would have done nothing but have her returned to her slice of space below decks as if his reprimand were, in its own right, a prescription and remedy for her ailment.

sua vida. Equiano (1999) foi testemunha da situação dos doentes na passagem intermédia: “Os gritos das mulheres e os gemidos dos moribundos, tornavam-na [a passagem intermédia] uma cena de horror quase inconcebível.” (p. 33).[58] A ironia na rememoração de Mintah é bastante evidente, visto ela enfatizar que os escravos, quando eram espancados, não tinham direito a receber nenhum tratamento médico, pois que seriam culpados pela surra, dada sua insolência. Era isso o que pensavam os escravizadores: que os escravos deviam ser mudos, passivos, suportar a tudo calados, do contrário, as surras recebidas seriam merecidas.

Em relação às acomodações no navio, os escravos eram separados por gênero, sendo que as crianças de colo ficavam com as mães. O espaço de seu confinamento era mínimo, menor do que o de um caixão, segundo Williams (2012). Ficavam acorrentados aos pares, sem poderem mover-se, muitas vezes precisando ficar apoiados uns aos outros. O espaço destinado aos escravos era chamado de “Hold”, ou seja, cela, e ficava abaixo do convés. Era grande e aberto quando trazia bens manufaturados da Europa, mas era reorganizado em celas para guardar os escravos. (HORLINGS, 2007). Inicialmente, os navios não eram fabricados para carregar escravos, o que fazia com que estes ficassem quase que empilhados embaixo do convés. Na memória de Mintah, vimos que ela se refere às celas abaixo do convés como “fatia de espaço”, numa clara alusão ao espaço mínimo e desconfortável em que ficava acomodada.

Sobre a mortandade nos navios negreiros, embora os partidários da escravidão tentem minimizar os números na passagem intermédia, tal era a situação, que os navios negreiros receberam o nome de “tumbeiros” no século XVIII:

> Os navios negreiros eram chamados de tumbeiros no comércio angolano do século XVIII, por exemplo, um termo que os historiadores traduziram como “túmulos flutuantes” ou “agentes funerários”. O simbolismo do túmulo também foi usado para designar o pessoal envolvido nas atividades de escravização, outros historiadores traduziram tumbeiros como “transportadores ao túmulo", sendo usado também para se referir àqueles “que traziam escravos para a costa”. (SMALLWOOD, 2007, p. 136-137).[59]

[58] The shrieks of the women, and the groans of the dying, rendered it a scene of horror almost inconceivable.

[59] Slave ships were called *tumbeiros* in the eighteenth-century Angolan trade, for example, a term historians have translated as “floating tombs” or “undertakers.” The symbolism of the tomb also was used to designate the personnel involved in the activities of slaving, other historians having translated *tumbeiros* to mean “bear[ers] to the tomb,” finding it used also to refer to those “who brought slaves down to the coast.”

A designação dos navios como tumbeiros é irônica, na medida em que o objetivo da viagem era trazer escravos vivos ao Novo Mundo, mas dadas as condições insalubres, grande parte da carga chegava morta. De acordo com Hepburn (2007a, p. 138), "As viagens escravistas do século XVII provavelmente mataram cerca de 20% dos escravos. Até o final do século XVIII, as modestas melhorias nos alimentos, água e limpeza reduziram gradualmente a taxa de mortalidade para 10 a 15 por cento."[60]

Mintah rememora o espaço reduzido no qual passara semanas: "Acorrentada debaixo do convés, deitada sobre seu lado direito sem espaço suficiente para se sentar, mal capaz de se virar sem deitar sobre alguém." (*F.T.G.*, 1999, p. 31).[61] Trancada na despensa do navio após ter conseguido se içar de volta ao *Zong*, Mintah percebe como o espaço que tem ali é grande em comparação com as celas: "Ela podia se esticar, chutar, virar, girar, respirar e dançar, desobstruída, sem ferir alguém pressionado contra ela por todos os lados." (*F.T.G.*, 1999, p. 62).[62] É notável que o espaço da despensa, certamente pequeno, pois abarrotada de alimentos, parecia incrivelmente grande a Mintah, dado o fato de a sua "fatia de espaço" nas celas não permitir que sequer se virasse sobre o próprio corpo.

Sobre as doenças no *Zong*, importa ressaltar que diversas doenças afligiam os cativos e por vários motivos, sendo o mais comum deles a falta de espaço no navio, que impedia sua correta higienização, ventilação de ar e disseminava doenças rapidamente:

> Em poucas situações, os seres humanos estiveram expostos a um maior número de patógenos no início do mundo moderno do que a bordo de navios de escravos em rota para as Américas. Qualquer navio à vela era um espaço fechado, onde era impossível criar distância física entre os infectados e os não-infectados, africanos ou europeus, quando a doença irrompia. Mas as condições de superlotação nos navios escravistas contribuíram para um nível da densidade humana incomparável com outros tipos de embarcações oceânicas. Com a superlotação vinha a falta de saneamento, e os africanos escravizados descobriram que nenhum dos hábitos familiares de higiene pessoal poderia ser cumprido. Assim, a doença era quase impossível de se evitar nesse ambiente. (SMALLWOOD, 2007, p. 135-136).[63]

[60] Seventeenth century slave voyages probably killed about 20 percent of the slaves. By the late eighteenth century, modest improvements in food, water, and cleanliness gradually cut the mortality rate to 10 to 15 percent.

[61] chained below decks lying on her right side without enough room to sit up, barely able to turn over without lying on someone else

[62] She could stretch, kick, turn over, spin, breathe and dance, unobstructed, without injuring someone pushed up against her on all sides.

[63] In few settings were human beings exposed to a greater number of pathogens in the early modern world than aboard slave ships en route to the Americas. Any sailing vessel was an enclosed space, where it was

Acredita-se que grande parte das mortes na passagem intermédia ocorria nas primeiras semanas, em decorrência das doenças e má alimentação. Além disso, os africanos eram pouco imunes às doenças trazidas por europeus e adoeciam facilmente. Epidemias eram o maior medo dos capitães, pois podiam dizimar a "carga". Dentre as doenças, as mais comuns eram: varíola, sarampo, disenteria, ancilostomíase (vermes), febre, infecções oculares, e feridas do corpo. As infecções nos olhos eram altamente contagiosas, logo levavam à cegueira e à morte. Os termos usados pelos capitães ou médicos a bordo eram "febre" e "fluxo" para indicar quase todas as doenças. As marcas de ferros que a maioria recebia na costa, para indicar a quem pertenciam, às vezes causavam gangrena e escravos perdiam membros ou morriam de infecção. Como se tal não bastasse, era comum que os europeus transmitissem sífilis e gonorréia para as escravas estupradas (HEPBURN, 2007a). A situação dos escravos se agravava quanto mais tempo durasse o trajeto e quanto mais doentes houvessem, pois doentes se misturavam aos sadios e muitas vezes o navio não era limpo e os escravos eram obrigados a viver em uma situação deplorável, de total indignidade, deitando-se em dejetos humanos, vômito, etc.

> As condições de abarrotamento, insalubres e deploráveis a bordo dos navios escravos permitiam que as doenças se desenvolvessem. Os pisos do porão ficavam cheios de sangue, de dejetos humanos, de parasitas e de vômito. As instalações sanitárias e de banho para os africanos a bordo dos navios de escravos eram, na melhor das hipóteses, inadequadas, mais espalhando a doença do que prevenindo. Os escravos tinham de compartilhar banheiros que não eram nada mais do que baldes colocados em vários lugares nas comportas que eram difíceis, na melhor das hipóteses, de alcançar. Para chegar às instalações, os prisioneiros, que raramente tinham espaço para sentar-se e, muito menos, levantar-se e caminhar para os baldes, tinham que rastejar um sobre o outro. Aqueles que estavam muito doentes para se mover eram forçados a jazer em sua própria urina e excremento. (HEPBURN, 2007a, p. 139).[64]

---

impossible to create physical distance between the infected and the noninfected, African or European, when disease broke out. But the crowded conditions on slaving vessels made for a level of human density unmatched on other types of oceangoing vessels. With crowding came lack of sanitation, and the enslaved Africans found that none of the familiar habits of personal hygiene could be observed. Thus, illness was nearly impossible to avoid in that setting.

[64] The cramped, unsanitary, and deplorable conditions on board slave vessels allowed sickness and disease to flourish. The floors of the cargo hold were filled with blood, human waste, parasites, and vomit. Toilet and washing facilities for the Africans on board slave ships were inadequate at best, doing more to spread disease than to prevent it. Slaves had to share toilets that were nothing more than tubs placed at various places in the holds that were difficult, at best, to reach. To reach the facilities, the

O confinamento em espaços tão pequenos, a falta de ar puro, de banhos, de medidas sanitárias mínimas é evidenciada abaixo na narração heterodiegética feita quando Kelsal desce para escolher escravos doentes para serem jogados ao mar:

> Kelsal virou o rosto para longe do fedor quente que o saudou quando a escotilha foi levantada. O ar tinha se tornado espesso com o suor de corpos que não haviam sido autorizados a se lavar durante dias, mas que tinham suado um suor rançoso, num confinamento sem ar onde as temperaturas por si só fariam com que um corpo irrompesse num gotejamento de suor sem a mínima atividade de sua parte. Acrescente-se a isso o acaso de vômito dos doentes, a urina daqueles acorrentados por tempos desmedidamente longos que até as bexigas mais resistentes se rebelariam, acrescente-se também o fato de que se, em uma das duas refeições do dia, adultos e crianças não tivessem usado os baldes alocados a eles para os dejetos humanos, por qualquer motivo, constipação ou falta de disposição, ou apenas pura falta de oportunidade (diante das ordens e do tratamento rude retomado conforme seus carcereiros procuravam prendê-los às suas correntes e ferrolhos em tempo recorde de modo que eles próprios pudessem escapar de uma atmosfera malcheirosa demais para a constituição mais resistente dentre eles), eles eram deixados para cozinhar em meio às suas próprias fezes. (*F.T.G.*, 1999, p. 19).[65]

O foco narrativo se centra no primeiro-imediato, e é curioso observar que até ele admite, para si, que o cheiro nas celas é quase insuportável, obrigando os marinheiros a passarem pouco tempo ali. Porém, o modo como D'Aguiar descreve minuciosamente o ambiente das celas dos escravos é forçado e desnecessário, contribuindo para que o efeito poético e metafórico se perca, já que há uma sobrecarga de informações. Isto será recorrente na escrita de D'Aguiar, se constituindo, talvez, como seu maior pecado na escrita deste romance histórico. D'Aguiar acaba por simbolizar mal o elemento histórico de seu romance, criando uma espécie de documentário do que foi a passagem intermédia em vários momentos, exagerando nas descrições. No trecho em questão,

---

captives, who rarely had room to sit upright let alone stand and walk to the tubs, would have to crawl over each other. Those who were too ill to move were forced to lie in their own urine and excrement.

[65] Kelsal turned his face away from the hot stench that greeted him as the hatch was lifted. The air had thickened with sweat from bodies that had not been allowed to wash for days but which had sweated in stale, airless confinement where the temperatures alone would cause a body to break into a dripping sweat without the slightest activity on its part. Add to this the accident of vomit from the sick, urine from those chained for such inordinately long spells that even the most accommodating bladders would rebel, add, too, the fact that if at one of the day's two meals adults and children had not used the buckets allocated to them for human waste, for whatever reason, constipation or a lack of inclination, or just sheer lack of opportunity (before the orders and rough treatment resumed as their jailers sought to fasten them to their chains and bolts in record time so that they themselves could escape an atmosphere too rank for the toughest constitution among them), then they were left to stew in their faeces.

apenas a descrição de como Kelsal vira o resto ao sentir o cheiro vindo da escotilha aberta levaria o leitor a inferir sobre as condições em que viviam os escravos durante a travessia do Atlântico. Mas, D'Aguiar adiciona detalhes demais e mostra que o que Kelsal vê nas celas abaixo do convés é a falta de salubridade: o ar fétido, carregado de cheiros de suor, vômito e fezes era algo com que os escravos eram obrigados a conviver diariamente, durante semanas, meses, até chegarem a seu destino. Obviamente que mais escravos adoeceriam diante desse quadro de total falta de sanitarismo. Ainda assim, Kelsal parece não entender o quão difícil isso seria para os escravos:

> Berros, gemidos, choros, apelos e súplicas em línguas indecifráveis assaltaram os ouvidos de Kelsal. Ele segurou sua lanterna para a frente no espaço lúgubre para escolher debilitados entre os saudáveis, mas não podia distinguir entre um e outro. Todos pareciam uma massa miserável e emaranhada de humanidade. Um mar de olhos, a carne soldada em um corpo de doenças, em algumas vezes se separando em entidades distintas de humanidade, mas na maioria das vezes indistinguíveis umas das outras como qualquer coisa, exceto um som, um movimento, um apelo inscrito momentaneamente em alguma face por uma lâmpada antes de fundir-se de volta à escuridão espessa. Kelsal via a sobrevivência contínua do africano sob tais circunstâncias adversas como evidência de sua adequação para uma vida de trabalho incessante. (*F.T.G.*, 1999, p. 19).[66]

Kelsal é exemplo de como funcionava a mentalidade dos escravizadores: qualquer sinal de resistência era visto como prova de que os africanos haviam sido talhados para a escravidão. Lembramos ainda o relato de Equiano (1999) sobre a passagem intermédia, enfatizando que os gemidos e gritos dos doentes eram constantes, dadas as condições miseráveis das celas dos navios negreiros, impedindo-o mesmo de dormir, tamanha aflição. Da mesma forma, se evidencia aqui como os africanos já escravizados eram tratados como carga, meros objetos, cujos murmúrios, choros, gemidos e gritos eram sistematicamente ignorados pela tripulação, a não ser quando eram insolentes, como foi o caso de Mintah. A perda da identidade desses seres humanos escravizados é aqui evidenciada quando notamos que Kelsal cria uma

[66] Howls, moans, cries, calls and implorings in indecipherable tongues assailed Kelsal's ears. He held his lantern forward into the dreary space to pick out lame from ablebodied but could not distinguish between man and man. All seemed one miserable, tangled mass of humanity. A sea of eyes, flesh welded into one body of complaints, on occasion separating into distinct entities of mankind, but mostly indistinguishable one from another as anything but a sound, a movement, a plea inscribed on some face momentarily by a lamp, before melting back into the thick dark. Kelsal saw the African's continued survival under such adverse circumstances as evidence of their suitability for a life of unremitting toil.

metonímia para se referir a eles, pois não os vê como indivíduos, mas como olhos, como carne, como uma massa indistinta.

Era comum ainda que os marinheiros assustassem os escravos, de modo a deixá-los ainda mais fragilizados no navio. A maioria dos africanos não conhecia o mar, como vimos, o que já lhes causava inquietude, além de fazê-los sentir que não tinham mais um lar e que não seria mais possível ter um, pois alguns imaginavam que viveriam ali para sempre. Em seu diário, Mintah evidenciará como o mar se apresentava como uma incógnita, mas, mais comumente, algo negativo, pois parecia não ter fim, de onde não podiam se esconder ou fugir, uma espécie de limbo onde suas vidas pareciam não poder se desenvolver:

> Eu estou em um navio que está indo para parte nenhuma. Para fora deste convés há apenas o mar. E o mar é pior do que nada. O mar está entre meu passado e meu futuro. Eu flutuo nele, na esperança de que minha vida possa ser retomada em algum momento no tempo. Eu flutuo no presente. [...] Eu permaneço entre minha vida que é finda e minha vida por vir. O mar me mantém *entre* minha vida. (*F.T.G.*, 1999, p. 199, grifo do autor).[67]

A incerteza do que o mar traria faz com que Mintah viva sua vida sem esperanças, pois não sabe como, quando ou mesmo se encontrará terra outra vez. Essa inquietude dos escravos era comum durante a passagem intermédia, pois a maioria não tinha noção alguma do tamanho do mar, das distâncias percorridas, além de perderem toda a noção do tempo. O mar, chamado de um "entre" lugar, figura-se como mais do que uma simples travessia, mas um lugar de não pertença, um limbo, onde as vidas dos escravos se suspendem.

Neste não-lugar, os escravos se questionavam sobre seu destino, e os marinheiros abusavam de sua ingenuidade, fazendo-os acreditar em canibalismo, por exemplo. Isso ocorre no *Zong*: "Houve o incidente quando um homem velho olhou para o sapato do segundo-imediato e perguntou se ele foi feito a partir da pele dos africanos e o segundo-imediato respondeu, 'Sim', e riu junto com o capitão e todos os outros

[67] I am on a ship that is going nowhere. From these decks there is only the sea. And the sea is worse than nothing. The sea is between my past and my future. I float on it in the hope that my life can resume at some point in time. I float in the present. […] I remain between my life that is over and my life to come. The sea keeps me *between* my life.

[...].”(*F.T.G.*, 1999, p. 36).[68] Muitos escravos acreditavam que seriam devorados, como é o caso de Equiano: “Quando eu também olhei ao redor pelo navio, e vi uma grande fornalha ou um barril fervendo e uma multidão de negros, de todos os tipos, acorrentados juntos, cada um de seus semblantes expressando desânimo e tristeza, eu não duvidei mais de meu destino.” (1999, p. 31).[69] Sem entender a razão de estarem dentro de um navio, com tantos outros africanos, acreditavam que “O canibalismo do homem branco explicava o anseio por escravos e, portanto, o comércio.” (ELTIS, RICHARDSON e BEHRENDT, 1999, p. 38).[70] A ideia do canibalismo não era desencorajada pelos negreiros, pois aproveitavam-se desse medo para subjugar o escravo dentro do navio:

> As narrativas de viagem e os diários de bordo das embarcações sugerem que os traficantes de escravos estavam bem conscientes do terror que suas supostas tendências canibais produziam na imaginação de sua carga e, consequentemente, pouco fizeram para desencorajar os rumores. Por exemplo, a narrativa do liberto Olaudah Equiano, do século XVIII, sugere que, em alguns casos, os brancos brincavam com os medos dos africanos, para seu próprio divertimento e como parte de um discurso maior de controle. (ROBB, 2007, p. 20).[71]

A maioria dos africanos tornados escravos não fazia ideia do destino que os aguardava, pois não conheciam quase nada além da vida em suas aldeias, o que fazia com que cogitassem, cada vez mais, destinos terríveis nas mãos dos homens brancos:

> Rumores persistiram entre um grande número de escravos de que estas pessoas iriam comerciar todos eles em seus mercados como carne, uma iguaria muito procurada, com ossos africanos moídos em pó e usados, como presas de elefante, por sua potência sexual ou capacidade de purgar o sangue, e a pele preta, macia e durável para roupas e sapatos, cintos e luvas. (*F.T.G.*, 1999, p. 37).[72]

---

[68] there was the incident when an old man looked at the second mate’s shoe and asked if it was made from the skin of African people and the second mate replied, ‘Yes’, and laughed along with the captain and everyone else […].

[69] When I looked round the ship too, and saw a large furnace or cooper boiling and a multitude of black people, of every description, chained together, every one of their countenances expressing dejection and sorrow, I no longer doubted of my fate

[70] The white man's cannibalism explained his hunger for slaves and hence the trade.

[71] Travel narratives and ship logs suggest that slave traders were well aware of the terror that their alleged cannibal tendencies produced in the imaginations of their cargo, and consequently they did little to discourage the rumors. For example, the eighteenth-century narrative of freedman Olaudah Equiano suggests that, in some cases, whites played on African fears for their own amusement and as part of a larger discourse of control.

[72] Rumours persisted among a large number of slaves that these people would trade all of them in their markets as meat, a much sought after delicacy, with African bones ground to powder and used, like

Instigar a crença no canibalismo do homem branco tinha duas funções no navio negreiro: divertir os marinheiros e subjugar ainda mais o escravo. Assim ocorre no *Zong*, de modo que os escravos acreditem que, de fato, os brancos sejam canibais e seu destino seja virar comida. É curioso observar que o canibalismo, em outros momentos das colonizações e escravizações, foi utilizado como um meio de estereotipar os nativos americanos, imputando-lhes tais práticas para caracterizá-los como selvagens. (TODOROV, 2003). Aqui, porém, os europeus não se importam em se rotular como canibais, pois a ideia da selvageria lhes parece interessante, já que amedrontaria os africanos. De toda forma, mostram-se como senhores de seus discursos, podendo distorcer e modificar os significados que querem atribuir ao termo canibal, de acordo com o que melhor lhes convinha.

Em relação às condições dos navios negreiros, é fato que grande parte das mortes a bordo era culpa dos próprios capitães e donos de navio, pois proviam alimentação em pouca quantidade e com baixo nível de nutrientes aos escravos. A quantidade de comida ofertada era o suficiente para que os escravos não morressem de fome, pois os investidores sabiam que mantê-los com muita fome poderia matá-los ou deixá-los fracos e doentes, o que diminuiria seu preço na hora da venda.

A dieta dos africanos no navio negreiro, no início do tráfico, consistia em alimentos comprados de africanos pelos europeus, por isso variava bastante de acordo com a região de onde partia o navio. Mas, com o tempo, os europeus acabavam trazendo nos navios alimentos importados de seus países e também o comércio com os europeus, a médio prazo, influenciou na agricultura africana e o continente começou a plantar milho, mandioca e arroz, por exemplo. Era uma dieta pobre, servida duas vezes ao dia, com pouca variação de alimento, dada a necessidade de os europeus economizarem, mas também pela dificuldade em conservar os alimentos no navio durante a passagem intermédia, que podia se estender mais do que o esperado.

> Quer a dieta básica consistisse em cereais, inhame ou mandioca, estes alimentos básicos eram administrados na forma de um mingau ou pasta, em vez de na forma de pão. Esse alimento era preparado em uma panela grande de cobre, temperado com óleo de palma, sal, ou pimenta malagueta. A pimenta era usada em parte para temperar o alimento, mas também porque se pensava que ele estimulava o apetite

---

elephant tusks, for its sexual potency or ability to purge the blood, and black, soft, durable skin for clothes and shoes, belts and gloves.

> e prevenia a disenteria. Pequenas quantidades de carne seca ou peixe podiam ocasionalmente ser adicionadas, mas frutas e vegetais frescos eram adições raras, embora fossem levados a bordo sempre que os navios aportavam. Os escravos eram alimentados duas vezes por dia, uma pela manhã e outra pela tarde, com a comida entregue em grandes tigelas compartilhadas por seis a oito escravos, cada um com uma colher presa ao cinto. (NEWSON, 2007, p. 178).[73]

Porém, os marinheiros e capitães não entravam num negócio como o tráfico de seres humanos graças às características de bondade e comiseração, e diversos episódios relatados por ex-escravos evidenciam que muitos se compraziam em negar comida aos escravos a bordo. É o que relata Equiano (1999) ao contar que certa vez, na passagem intermédia, os marinheiros pescaram muitos peixes e comeram quantos conseguiram. Porém, os que sobraram, apesar de os escravos implorarem para lhes darem, os jogaram de volta ao mar, e ainda açoitaram um dos escravos que tentou pegar um dos peixes. Não é diferente no *Zong*, em que se nota que a comida dedicada aos escravos era uma pasta indistinta, sem sabor, de textura nada atraente e em pouca quantidade:

> O cozinheiro amaldiçoou a todos e encheu um pouco menos de uma porção nas tigelas das crianças, uma concha cheia na das mulheres e uma concha completa, além de um pouco mais para os homens. Por seu temperamento era possível acreditar que ele estivesse dando uma fortuna pessoal economizada ao longo de uma vida, e não o mingau inodoro passado por ele como alimento. Ele enfrentou os maltratos eternos da tripulação por suas misturas. Muitas das doenças do navio eram atribuídas ao conteúdo muitas vezes não identificável de sua panela. (*F.T.G.*, 1999, p. 43).[74]

O personagem do cozinheiro, no *Zong*, parece encerrar em si a mesquinhez comum aos que usavam a escravidão como meio de vida: é irascível com os escravos, prepara refeições ruins propositadamente, além de tratar de forma diferenciada seus superiores, servindo-lhes refeições melhores, com o intuito claro de agradar: “As duas

---

[73] Whether the basic diet consisted of cereals, yams, or manioc, these staple foods were administered in the form of a gruel or paste rather than in the form of bread. This was prepared in a large copper pan, seasoned with palm oil, salt, or malaguetta pepper. Pepper was used partly to flavor food, but also because it was thought to stimulate the appetite and prevent dysentery. Small amounts of dried meat or fish might occasionally be added, but fresh fruit and vegetables were rare additions, although they were taken on board whenever ships touched land. Slaves were fed twice a day, once in the morning and once in the afternoon, with the food handed out in large bowls shared by six to eight slaves each possessing a spoon attached to their belts.

[74] The cook cursed everyone and ladled a little less than one serving into the children’s bowls, a full ladle into the women’s and a full ladle plus a little extra into the men’s. From his temper it was possible to believe he was giving away a personal fortune saved over a lifetime and not the odourless gruel passed off by him as food. He faced eternal abuse from the crew for his concoctions. Many of the ship’s ailments were blamed on the often unidentifiable contents of his pot.

exceções eram o capitão e o primeiro-imediato. A ambos ele esperava com um sorriso sarcástico escondido no canto da boca e mal audíveis, respeitosas abreviaturas de seus nomes, 'Cap' e 'Kel'." (*F.T.G.*, 1999, p. 43).[75] Obviamente, não precisando agradar aos escravos, tratava-os de forma intolerável, servindo-lhes pouca comida. No café da manhã, o cozinheiro destinava "Uma tigela para cada grupo de dez ou mais para disputarem." (*F.T.G.*, 1999, p. 79)[76], e tal modo de ofertar a comida era um meio de os próprios escravos disputarem entre si para comerem, já que a fome os obrigada a comer o que quer que lhes fosse servido. Assim, não era incomum que brigassem pela comida na tigela, numa estratégia clara de causar a divisão do grupo, a desunião entre os cativos. O sabor da comida era tão ruim, que Mintah, ao entrar na despensa de comida, percebe que qualquer alimento ali parecia melhor do que o que o cozinheiro lhes servia: "Tudo no quarto estava cru ou seco, mas tudo tinha um aroma e um tato mais agradáveis do que a comida que ela tinha comido durante as últimas dez semanas." (*F.T.G.*, 1999, p. 56).[77]

Além da dieta pobre, havia também pouca oferta de água aos escravos, em parte, também, pela dificuldade em estocar água e mantê-la potável. Como a maioria dos navios negreiros ficava superlotada, o espaço para comida e água não era grande e caso a viagem se alongasse mais que o previsto, começavam a racionar água e comida, o que aumentava as chances de doenças e mortes. Normalmente, a rotina do navio negreiro incluía pouca água:

> À maioria dos escravos não era permitido mais de meio litro de água por dia, embora as rações diárias de meio litro de ensopado cada contivessem alguma água. Um macho de 65 quilos com um estilo de vida inativo exige 2,5 litros de água diariamente para se sustentar adequadamente; o mínimo de 1 litro é necessário apenas para substituir a água perdida em condições normais. (LOMBARDO, 2007, p. 397).[78]

---

[75] The two exceptions were the captain and the first mate. Both were waited on by him with a sneer tucked away in the corner of his mouth and barely audible, respectful abbreviations of their names, 'Cap' and 'Kel'.

[76] A bucket for each group of ten or so to squabble over.

[77] Everything in the room was raw or dried, yet all had a more pleasant aroma and feel than the food she had eaten over the last ten weeks.

[78] Most slaves were allowed no more than a pint of water per day although daily two-pint rations of stew did contain some water. A 145 pound male with an inactive lifestyle requires five pints of water daily to sustain himself properly; a minimum of two pints is needed just to replace water lost under normal conditions.

Essa quantidade de água, meio litro diariamente, já era, por si, suficiente para desidratar os escravos. Se somarmos a isso o fato de muitos sofrerem de doenças como a diarreia e a disenteria, além do calor que sofriam em grande parte da viagem devido à falta de ventilação do navio, as altas temperaturas da costa africana e a superlotação do navio, o quadro dos cativos se agravava ainda mais. Lombardo (2007) descreve os terríveis efeitos da desidratação nos escravos:

> Os efeitos da desidratação são brutais. Cãibras musculares, apatia mental e anorexia são sintomas comuns. A pressão arterial da vítima cai drasticamente, deixando-os em um estado de semi-consciência no qual eles não estão plenamente cientes de sua própria necessidade extrema de água. Para aqueles que suportavam os rigores da passagem intermédia, uma morte repentina era inevitável uma vez que tivessem chegado a esse ponto. A desidratação pode infligir tanta dor na psique quanto sobre o corpo. Muitos escravos, sofrendo de extrema falta de água, aparentemente queriam morrer. Isso resultou na crença equivocada de que os africanos tinham a capacidade única de se matar prendendo a respiração. Desde então, descobriu-se que a desidratação extrema causava um estado de choque, que então levava a uma morte involuntária. (p. 398).[79]

No *Zong*, nota-se que os escravos passavam sede, pois quando são levados ao convés, tentam beber a água da chuva, como ocorre com Mintah: "Ela jogou a cabeça para trás o máximo possível e abriu a boca. Água e ar eram um condimento delicioso para seu paladar." (*F.T.G.*, 1999, p. 29).[80] Trancados nas celas, ficavam ser ar fresco, a não ser quando eram alimentados no convés. A falta de água, que causava desidratação, era, certamente, um dos grandes motivos para deixar os escravos doentes. Um dos escravos trazidos ao convés para ser atirado ao mar evidencia isso:

> Sua boca se abriu para a chuva. A chuva encobriu os lábios do homem e foi coletada em sua língua e palato, e embora sua boca permanecesse entreaberta, Mintah e os outros viram como sua garganta se movia para cima e para baixo para beber mais daquela chuva. Sua primeira bebida do dia pareceu reanimá-lo. O engolir de sua garganta queria

[79] The effects of dehydration are brutal. Muscle cramps, mental apathy, and anorexia are all common symptoms. The victim's blood pressure drops dramatically, leaving them in a semi-conscious state in which they are not fully aware of their own dire need for water. For those enduring the rigors of Middle Passage, a sudden death was inevitable once they had progressed to that point. Dehydration can inflict just as much pain on the psyche as it can on the body. Many slaves, suffering from an extreme lack of water, seemingly willed themselves to die. This resulted in the misguided belief that Africans had the unique ability to kill themselves by holding their breath. It has since been discovered that extreme dehydration caused a state of shock, which then led to an involuntary death.

[80] She threw her head back as far as it would go and opened her mouth wide. Water and air were one delicious condiment to her palate.

> mais chuva, mais rápido do que as nuvens poderiam soltá-la. Se pudéssemos acreditar nos sinais dados por sua garganta, a chuva, em quantidade suficiente, seria capaz de animar o resto do seu corpo. A chuva nele permitiria que se livrasse daqueles homens e se erguesse. (*F.T.G.*, 1999, p. 124).[81]

A descrição do homem em direção à morte tentando reanimar-se com gotas de chuva parece triste e desoladora, pois suas esperanças são mínimas. O foco narrativo desta lembrança é de Mintah, e ela percebe que o homem teria chances de sobreviver se recebesse água em quantidade suficiente. Sem forças para lutar, o narrador descreve como sua garganta é que se movia freneticamente, como se fosse a única parte do corpo a poder se mover assim com força, de modo que a imagem deste movimento seja a própria metáfora da resistência diante da morte. A visão de seu corpo sendo jogado ao mar é a resposta para Mintah de que estando muito ou pouco doentes, muitos escravos ainda perderiam a vida daquela forma. O último gole de água, coletado da chuva por esse homem prestes a ser morto, evidencia o desespero de tantos que, durante a passagem intermédia, agarravam-se a qualquer esperança, a qualquer pingo de água que pudessem beber, dada sua situação de sede, fome, doenças e miséria.

Diante das grandes perdas por doenças nos navios negreiros, os capitães adotavam algumas medidas sanitárias, para tentar melhorar a situação, e por vezes os escravos tinham suas bocas lavadas com vinagre ou limão e bebiam o suco para evitar escorbuto. Durante tempo bom ficavam no convés para tomar ar e se exercitar, enquanto suas celas eram lavadas. Mas, com tempo ruim, ficavam confinados o tempo todo e isso espalhava doenças, pois as tempestades podiam durar dias. (HEPBURN, 2007a). Com o tempo, alguns capitães foram percebendo que tratar mal os escravos, deixá-los passar fome e adoecer e viver em ambientes insalubres eram medidas que atingiriam seus lucros e isso os levava a ter mais cuidados com alimentação e medidas sanitárias, como aponta Segal (1995).

Uma das maneiras encontradas pelos capitães para melhorar a condição física dos escravos a bordo era fazer com que se exercitassem no convés, e criou-se o hábito de fazer com que eles dançassem, o que se transformou numa obrigação para o escravo

[81] His mouth fell open to the rain. Rain glossed the man's lips and collected on his tongue and palate, and although his mouth remained ajar Mintah and the others saw how his throat moved up and down for more of that rain. His first drink of the day seemed to revive him. The gulping of his throat wanted more rain, faster than the clouds could release it. If his throat was to be believed, the rain, in sufficient quantity, was capable of animating the rest of his body. Rain in him would allow him to shake off the grip of those men and stand upright.

e uma diversão para os tripulantes. Caso os escravos não dançassem com agilidade, ou se recusassem, eram açoitados. A própria chibata era usada enquanto dançavam, de modo que ela lhes atingia os pés e os faziam pular. (FABRE, 1999). Este modo de obrigar os escravos a "dançar" consistia, na verdade, em mais tortura do que dança, como observa Segal (1995):

> Dançar, no entanto, tinha pouco a ver com isso. Isso era nada mais que pular para cima e para baixo, tão livre quanto o confinamento dos grilhões permitia, com um açoite que recebia o nome de 'gato de nove caudas'ou outro instrumento para incentivar a participação. (p. 34).[82]

Esse tipo de chibata, o "cat-o'-nine-tails", é descrita como "Um poderoso chicote com nove cordas de couro ou de algodão alcatroado presas ao cabo." (MACCOTTA, 2007, p. 132)[83], cujo objetivo era imputar tamanha violência ao escravo, que ele não hesitaria em dançar mais "entusiasticamente".

Os capitães também alegavam que a dança era um meio de estimular o bom humor junto aos escravos: "Alguns relatos sugerem que acreditava-se que essa prática muito difundida 'animava os espíritos' dos escravos, aliviava a ansiedade causada por sua condição e, portanto, diminuía o nível de violência a bordo." (MACCOTTA, 2007, p. 132).[84] Porém, como a maioria dos escravos estava doente, cansada, mal alimentada e acorrentada, o objetivo dos capitães era fazê-los se sentir bem ou divertir os expectadores? Além de dançar com entusiasmo, os escravos precisavam simular alegria, como vemos: "Os escravos algemados (principalmente homens) eram forçados a saltar para cima e para baixo, girar e simular alegria sob o olhar da tripulação, por uma ou duas horas." (MACCOTTA, 2007, p. 132).[85] Há relatos de que os capitães obrigavam alguns escravos a dançar à noite ao som de música, para divertir a tripulação. (FABRE, 1999).

Para incentivar a dança entre os escravos, alguns capitães ofereciam "prêmios", como comidas ou bebidas, o que se constituía, na visão de Fabre (1999), uma estratégia para criar competição entre os escravos, pois dadas suas condições de exaustão, doença

---

[82] Dancing, however, had little to do with it. This was no more than a jumping up and down, as free as the confinement of shakles allowed, with a cat-o'-nine-tails or other instrument to encourage participation.
[83] a powerful whip with nine leather or tarred cotton strings attached to the handle.
[84] Some accounts suggest that this widespread practice was believed to 'lift the spirits'' of the slaves, alleviate anxiety caused by their condition, and therefore lower the level of violence on board.
[85] Shackled slaves (mostly men) were forced to jump up and down, twist, and simulate joy under the gaze of the crew for an hour or two.

e fome, fariam quase qualquer coisa para poderem se alimentar melhor. Da mesma maneira, este ardil funcionava como um modo de desencorajar os motins, pois muitos "dançarinos" passavam a se ver como inimigos.

Enquanto para a tripulação a dança dos escravos era uma diversão e uma estratégia de controle, para os africanos era uma humilhação. É preciso lembrar que a dança e a música ocupavam um importante papel na cultura africana, como uma atividade da comunidade, também usada em festas e em cultos celebrando os deuses, invocando-os. Os dançarinos se comunicavam com os espíritos e os personificavam. (FABRE, 1999). A partir do momento em que um aspecto cultural tão importante era subvertido e transformado em meio de deboche, riso e controle, ele deixava de oferecer prazer aos participantes. É irônico que ainda fossem obrigados a dançar ao fim da passagem intermédia, em agradecimento: "Nos últimos dias de viagem, quando a terra era avistada, as mulheres eram enfeitadas com os rebotalhos das roupas dos marinheiros, e esperava-se que todos dançassem em agradecimento por sobreviverem à Passagem Intermédia." (OYELAKIN, 2007, p. 131).[86] Afinal, deviam agradecer por estarem vivos e serem escravos, sem nenhum direito sobre suas próprias vidas?

No *Zong*, quando Mintah se mostra insolente, chamando o nome do primeiro-imediato, o capitão a chama ao convés e a obriga a dançar: "'Você precisa de exercícios, precisa de um pouco de disciplina. Vocês não acham que ela precisa de exercícios, cavalheiros?' A maioria da tripulação aplaudiu afirmativamente. O capitão Cunningham continuou: 'Dance para nós, Mintah. Dance.'" (*F.T.G.*, 1999, p. 30).[87] A alegria dos tripulantes em ouvir o que o capitão propõe se dá pelo fato de que as "danças" dos escravos eram meios de divertimento para eles. Mintah, então, é obrigada a "dançar":

> O capitão mostrou o chicote e chicoteou os pés de Mintah. Ela pulou para evitar o golpe, mas ele feriu suas panturrilhas. Kelsal e o segundo-imediato de pernas arqueadas começaram a bater palmas como estímulo, Kelsal batendo a extremidade de seu porrete na palma aberta da mão, e o capitão tomou isso como uma sugestão para bater com o chicote novamente nos pés de Mintah. Ela gritou e saltou e continuou se movendo para evitar outra chicotada. Mais tripulantes

[86] On the last days of voyage, when land was sighted, the women were bedecked with the castoffs of the sailors' clothing, and everyone was expected to dance in thankfulness for surviving the Middle Passage.
[87] 'You need some exercise, some discipline. Don't you think she needs some exercise, gentlemen?' The majority of the crew cheered in the affirmative. Captain Cunningham continued, 'Dance for us, Mintah. Dance.'

> juntaram-se a bater palmas, que se sincronizaram em um ritmo imperfeito para Mintah dançar. (*F.T.G.*, 1999, p. 30-31).[88]

Mintah se vê obrigada a pular para não ser atingida pela chibata. A descrição de D'Aguiar evidencia como a tripulação se divertia com isso, batendo palmas e o uso do porrete por parte de Kelsal, para fazer barulho, acaba por lembrar o som da chibata batendo no chão. Além desse momento, quando servem comida, os marinheiros também obrigavam os escravos a dançar: "Os porretes conduziam-nos a uma direção e de volta para o exercício. Um chicote batia nos calcanhares e os fazia pular e saltar." (*F.T.G.*, 1999, p. 121).[89] Mintah também é obrigada a pular para evitar a chibata, mas, como era uma jovem inteligente e audaciosa, usa da dança para subverter a ordem do capitão. Assim, transforma a dança em um momento de prazer para si, invocando o deus da fertilidade:

> Mintah decidiu dançar a morte do deus da fertilidade. Morte temporária da fertilidade e seu previsível renascimento. Sem dúvida eles iriam ver aquilo como sua vontade de obedecer a todos os seus caprichos, mas ela precisava dançar aquela dança em especial. Tinha repassado os detalhes em sua cabeça durante as últimas trinta e seis horas, a maioria das quais ela estivera acorrentada debaixo do convés deitada sobre seu lado direito sem espaço suficiente para sentar-se, mal sendo capaz de virar sem deitar sobre outra pessoa, e vendo em sua mente seu corpo dançando aquela mesma dança em uma praça da vila com a poeira levantada por seus pés e os pés cobertos de poeira de outras moças, e grãos de areia agarrados ao suor em seus corpos e suas longas e cintilantes sombras lançadas pelo fogo se estendendo na escuridão, e os tambores ressoando nas espessas muralhas da noite. Agora ali estava sua chance. De transferir a dor do chicote em torno de suas pernas para a de seu ventre. Para aplacar o deus da fertilidade. Para tocar o solo imaginário com a planta do pé, inclinar a cabeça, contrair os ombros e lançar as palmas abertas para os céus em passos curtos que completariam um círculo em volta de si mesma seguindo a direção da lua, um círculo dentro do círculo feito por esses homens desconhecidos. E ser purificada pela chuva, pela água em sua forma mais pura, direto do poço dos deuses, não seguindo em curso de rio, ou armazenada na terra, nem manisfestada ao amanhecer como gotículas na grama ou acumulada nos côncavos das folhas, mas sim línguas de chuva que caíam sobre ela como uma borrasca, chicoteando-lhe o corpo, lambendo-o. Ela olhou para o céu ou para

[88] The captain produced a whip and lashed at Mintah's feet. She skipped to avoid the blow but it stung her calves. Kelsal and the bow-legged second mate began to clap their encouragement, Kelsal bringing one end of his club crashing into his open palm, and the captain took this as a cue to crack his whip again at Mintah's feet. She screamed and jumped and kept moving to avoid drawing another whiplash. More of the crew joined in the clapping, which synchronised into a rough beat for Mintah to dance to.

[89] Clubs steered them in one direction and back again for exercise. A whip flicked at their heels and made them hop and skip.

> seus pés, não mais vendo esses homens. Suas orelhas se encheram de vento, chuva, seu coração e as plantas de seus pés no convés. (*F.T.G.*, 1999, p. 31-32).[90]

Mintah, sem nenhuma escapatória que não fosse dançar sob as chibatadas, usou desse momento para dançar a dança da morte do deus da fertilidade, para lembrar-se de sua aldeia, da poeira sob seus pés, das outras moças, da tentativa de dançarem para aplacar um deus. Mintah consegue transformar seu castigo em algo significativo para si, algo prazeroso. Porém, o mais significativo na descrição da dança é o modo como há uma mescla entre a imaginação e a memória da personagem. Enquanto se recorda da dança efetuada na aldeia, ela se imagina lá, transferindo a memória para sua imaginação, desejando estar lá e na realidade que fazia parte desse lá, não ali, no convés de um navio negreiro. A chuva que cobre seu corpo enquanto dança a faz rememorar a chuva torrencial na aldeia, e ela se imagina sendo purificada por aquela chuva, esquecendo-se de que o chão que tocava não era de terra, mas de madeira, esquecendo-se dos homens à sua volta e do chicote lambendo seus pés. A força imagética desse trecho evidencia o poder descritivo de D'Aguiar, que aqui não se perde em explicações desnecessárias, mas cria a ideia de uma Mintah que consegue, com a força de sua memória e de sua imaginação, esquecer-se de onde estava, ficar totalmente absorta, alheia à sua volta e imersa em si. Sobre a dança dos escravos, Fabre (1999) se questiona:

> Pergunto se a dança do navio negreiro constituiu um assalto definitivo às culturas dos cativos e uma ruptura dramática com as antigas crenças e práticas, ou se foi um passo em direção à criação de uma nova cultura em que lembranças ainda vívidas da dança africana

[90] Mintah decided to dance the death of fertility god. Fertility's temporary death and eventual rebirth. No doubt they would see it as her willingness to obey their every whim, but she *needed* to dance this particular dance. Had gone through its details in her head over the last thirty-six hours, most of which she'd spent chained below decks lying on her right side without enough room to sit up, barely able to turn over without lying on someone else, and seeing in her mind's eye her body dancing this very dance in a village square with dust raised by her feet and the dust-stockinged feet of other young women, and sand grains clinging to the sweat on their bodies and their long, flickering shadows cast by the fires stretching into the dark and the drums resounding on the thick walls of the night. Now here was her chance. To transfer the pain of the whip around her legs to that of her womb. To placate the fertility god. To touch imaginary soil with the balls of her foot, bow her head, contract her shoulders and throw her open palms to the heavens in half-steps that would complete a circle of her own following the direction of the moon, a circle within the circle made by these alien men. And be cleansed by the rain, by water in its purest form, direct from the well of the gods, not following in a river, or stored in the ground, nor made manifest at dawn as droplets on grass or pooled in the cups of leaves, but pelting, lashing, licking tongues of rain. She looked up at the sky or at her feet, no longer seeing these men. Her ears filled with the wind, rain, her heart and the balls of her feet on the deck.

> poderiam ajudar a trazer forma e significado para a experiência da escravização. (p. 34).[91]

Como é difícil ter acesso ao que os escravos sentiam em relação à dança, salvo poucos relatos de ex-escravos, a maioria das descrições sobre esse hábito eram feitas em diários de capitães ou de médicos, e, como não se costumava pensar no que o escravo sentia, pois isso pouco importava, os relatos apenas descrevem a dança como meio de diversão para os tripulantes e exercício para os escravos. Porém, não é difícil imaginar que a dança poderia também ser usada como meio de subversão, haja vista que as comunidades africanas costumavam ter danças específicas para situações variadas, como danças para a fertilidade, para a guerra, para agradecimentos, etc. (FABRE, 1999). Assim, talvez a dança não fosse apenas um momento de humilhação:

> Se a dança do escravo envolvia muitas estratégias e muito planejamento por parte dos escravizadores, pode-se supor que os cativos responderam com dispositivos igualmente elaborados para desenvolver - secreta mas propositadamente - uma forma de dança que poderia escapar ao controle e à manipulação. (FABRE, 1999, p. 37).[92]

Vimos que é isso o que Mintah faz, subvertendo a dança que tinha como objetivo humilhá-la. Ao fim da dança, notando que as atenções todas se voltaram para si, Mintah é ainda mais petulante, usa dessa atenção para dizer ao capitão: "Eu sou batizada como você." (*F.T.G.*, 1999, p. 32)[93], o que faz com que as palmas imediatamente cessem e o capitão se enfureça, ordenando que ela fosse castigada. Obviamente, a dança dos escravos era para ser algo divertido para a tripulação, e não para os escravos e a subversão de Mintah faz com que o castigo seja usado, único meio de impedir os escravos de expressarem sua cultura, seus desejos e mostrarem que não eram *tabula rasa*, mas sabiam pensar e ironizar seus escravizadores. A atitude de Mintah nos refere ao que Bhabha (2005) chamou de *cortesia dissimulada*, ou seja, ela finge obedecer a seus escravizadores dançando como eles ordenaram, mas transforma essa dança em algo significativo para si. Com a petulância de Mintah em falar a todos

---

[91] I question whether the slave ship dance constituted a definite assault on the captives' cultures and a dramatic break with former beliefs and practices, or whether it was a step toward the creation of a new culture in which still vivid memories of African dance could help bring shape and meaning to the experience of enslavement.

[92] If dancing the slave involved many strategies and much scheming on the part of the slavers, one may surmise that the captives responded with equally elaborate devices to develop—secretly but purposefully—a form of dancing that could escape control and manipulation.

[93] I am baptised like you.

que era batizada, o resultado é um severo castigo recebido das mãos de Kelsal. Porém, antes disso, Mintah escapa por pouco de ser estuprada pelos membros da tripulação:

> Kelsal esperou que a porta se fechasse atrás do capitão. Ele empurrou Mintah para o chão e pediu à tripulação para contê-la. O contramestre ajoelhou-se diante dela e começou a desabotoar as calças. Kelsal afastou-o tão fortemente que o homem caiu de lado e olhou para Kelsal atônito. A chuva no convés minava vermelha entre as coxas de Mintah. Kelsal viu seu sangue menstrual. O contramestre praguejou e se levantou. A decepção marcava-lhe o rosto. Haveria outra hora, consolou-se. (*F.T.G.*, 1999, p. 33).[94]

Não somente a dança podia ser um meio para humilhar o escravo, mas também outras violências físicas eram usadas para tirar-lhes a agência. Um meio bastante utilizado era o abuso sexual e o estupro das escravas, embora, obviamente, tais práticas não fossem descritas em relatos de viagem, diários ou outros meios oficiais, apenas havia menções nos relatos de viagens e nas histórias dos escravos. Dado o fato de, muitas vezes, mulheres e crianças poderem ficar soltos no convés quando o navio estava em alto mar, o estupro ocorria mais facilmente, pois os homens ficavam presos abaixo do convés, raramente podendo transitar livres acima. O estupro, além de ser um meio de satisfação sexual para a tripulação, funcionava, também, com o objetivo de dominar e humilhar suas vítimas. (ADEYEMI, 2007). Parece que Mintah só não é estuprada por estar menstruada. Mais adiante, em seu diário, irá se lembrar disso e pensará "Kelsal muda de ideia sobre meu corpo. Ele empurra o contramestre para longe. O que trouxe a mudança? Minha dança. Meu corpo na chuva." (*F.T.G.*, 1999, p. 186).[95] Não sabemos, porém, como analisar esta atitude de Kelsal, pois a menstruação de uma escrava não parecia ser razão para que o estupro não ocorresse. Será que Kelsal sente algum tipo de piedade por Mintah? Teria ele se lembrado dela e de seus cuidados em África e isso o ajudou a impedir o estupro? Kelsal tem ações contraditórias ao longo do romance, como veremos mais detidamente adiante, evidenciando um caráter dúbio, indecifrável para o leitor. O trecho citado perde, porém, parte de sua força imagética quando D'Aguiar explica a cena "Kelsal viu seu sangue menstrual". Este tipo de explicação parece

[94] Kelsal waited for the door to close behind the captain. He pushed Mintah to the ground and asked the crew to restrain her. The boatswain knelt before her and began to unbuckle his trousers. Kelsal pushed him away from her so hard that the man feel on his side and looked up at Kelsal astonished. Rain on the deck pooled red between Mintah's thighs. Kelsal saw her menstrual blood. The boatsawin cursed and stood up. Disappointment marked his face. There would be another time, he consoled himself.

[95] Kelsal changes his mind about my body. He pushes the boatswain away. What has brought about the change? My dance. My body in the rain.

totalmente desnecessária à cena descrita, que já levava o leitor a entender que Mintah estava menstruada, sem que se precisasse dizer com tanta obviedade. D'Aguiar peca ao explicar imagens desta forma, pois a imagem descrita já diz, por si, o que o leitor precisa saber.

Mintah, porém, acredita ter sido salva por seu sangue, sua menstruação, que ocorrera assim que dançara para o deus da fertilidade: "Sangue, meu sangue, é meu salvador. Pelo menos dessa vez." (*F.T.G.*, 1999, p. 186)[96]. A ideia do sangue salvador, porém, imediatamente se contrapõe ao fato de que em outros momentos o sangue vai significar castigo e dor. Mintah sabe que outros ataques poderiam ocorrer.

Estuprar as escravas era algo que se tornou quase que institucionalizado em meio à escravidão, durante a passagem intermédia e depois, nas *plantation*s, como a miscigenação nas fazendas evidencia. Com a justificativa de que os escravos não sentiam como os brancos, eram pagãos, bárbaros, qualquer abuso poderia ser praticado:

> Em circunstâncias normais, estupros e abusos sexuais perpetrados contra escravos africanos teriam constituído crimes graves. A prática foi aceita como a norma, pois os escravos eram obtidos principalmente para propósitos não sexuais e violações e abusos sexuais eram usados como armas de dominação e repressão, cujo objetivo secreto era extinguir a vontade da mulher escrava de resistir e, no processo, desmoralizar os homens. (ADEYEMI, 2007, p. 317).[97]

O estupro ocorria por que as escravas estavam em uma situação de extrema vulnerabilidade, presas, com fome e enfraquecidas, sem chance alguma de oferecer resistência. No *Zong*, Mintah não é estuprada, mas outras escravas o são, e, após certo tempo no mar, o sexo começou a virar uma barganha, uma moeda de troca, em que as escravas acabavam sendo coagidas a aceitar o sexo em troca de comida:

> No momento em que o capitão desapareceu em sua cabine, o segundo-imediato e o contramestre desceram na divisória das escravas, armados com pães e pedaços de queijo, e anunciaram a qualquer parte interessada o que tinham a ganhar acompanhando-os e comunicaram sua intenção balançando suas provisões no ar e acenando para as mulheres os seguirem. A maioria das mulheres estava com fome e exausta, mas as que tinham filhos para alimentar ou que sentiam muita

[96] Blood, my blood, is my saviour. At least this time.

[97] Under normal circumstances, rape and sexual abuse, as perpetrated against Africa slaves, would have constituted serious crimes. The practice was accepted as the norm, however, because the slaves were obtained for primarily nonsexual purposes and rape and sexual abuses were used as weapons of domination and repression, whose covert goal was to extinguish the slave woman's will to resist, and in the process, to demoralize the men.

> fome para dormir eram tentadas. O que era exigido delas? Alguns minutos com esses homens em troca de pão e queijo. Não o feijão amassado do cozinheiro, ou a pequena porção de arroz misturado com inhame ou, se tivessem sorte, uma fina tira de carne seca, mas pão reservado para o capitão e os oficiais. E se elas se recusassem seriam tomadas a força de qualquer maneira. As mulheres sabiam tudo isso quando davam o seu consentimento em troca de pão e queijo. (*F.T.G.*, 1999, p. 74).[98]

Muitas mulheres, após algum tempo no navio, não mais ofereciam resistência ao estupro, pois sabiam que se o fizessem, seriam estupradas da mesma forma, açoitadas e corriam o risco de ter seus filhos ou maridos (quando o casal era escravizado junto) também castigados. Os homens, presos abaixo do convés, só podiam ouvir os gritos do sexo não consentido e nada fazer, o que lhes humilhava ainda mais. Era essa a lógica do navio negreiro, transformar os cativos em mercadorias que a nada podiam reagir. O trecho acima evidencia isso, e o uso do termo "armado" indica que de fato os alimentos oferecidos funcionavam como armas, já que pela fome a maioria se via obrigada a aquiescer ao estupro. Para algumas, o consentimento era um meio de não serem agredidas durante o ato sexual. Mas a garantia de integridade física, no *Zong*, não existia, principalmente quando havia bebidas envolvidas. A maioria das mulheres sabia que corria o risco de ser estuprada por vários homens, mesmo quando consentia em ter sexo com apenas um deles, por isso algumas acabavam se recusando a consentir o sexo com os marinheiros:

> Só uma mulher de soberbo orgulho recusaria pão e queijo quando estava com fome, e havia algumas. Mas era uma recusa carregada de risco de dano pessoal sério se a tripulação se juntasse para tomar o que eles não poderiam obter pedindo e que, de toda forma, eles viam como legitimamente deles. (*F.T.G.*, 1999, p. 75).[99]

---

[98] The moment the captain vanished into his cabin the second mate and the boatswain descended into the female slaves' partition armed with loaves of bread and chunks of cheese, and announced to any takers what they stood to gain by accompanying them and communicated their intent by waving their provisions around and beckoning to the women to follow. Most of the women were hungry and exhausted, but the ones with children to feed or who felt too hungry to sleep were tempted. What was required of them? A few minutes with these men for bread and cheese. Not the cook's pulped beans, or the small helping of rice mixed with yam or, if they were lucky, a thin strip of dried beef, but bread reserved for the captain and officers. And if they refused they would be taken by force anyway. The women knew all this when they gave their consent for bread and cheese.

[99] Only a woman of superb pride would refuse bread and cheese when hungry, and there were some. But a refusal carried with the risk of serious personal harm if the crew then ganged together to take what they could not get by asking and what in any case they saw as rightfully theirs.

O narrador enfatiza que, na visão dos escravizadores, o corpo das escravas lhes pertencia, portanto, a violência sexual era um direito. Da mesma forma que se sentiam humilhadas ao aceitar a oferta, as escravas sabiam que se não o fizessem corriam riscos de sofrer ainda mais. Obviamente a maioria das escravas que aceitava o acordo do sexo em troca de comida se sentia humilhada. Muitas herdariam filhos ou doenças desses encontros:

> O sêmen da tripulação escorria delas para o convés; crianças estavam em vários estágios de gestação em seus úteros. Ou úteros incapazes de funcionar nestas condições seriam os receptores de uma doença ou outra. Úteros em suspenso; esvaziados de sua fecundidade. Os úteros amnésicos, esquecendo-se de sangrar, esquecendo-se de sua função. Úteros que declaravam que tudo o que tinha acontecido a aquele corpo tinha que parar lá. Não haveria herança desses ventres. (*F.T.G.*, 1999, p. 75-76).[100]

O trecho evidencia uma das melhores características de D'Aguiar ao descrever o que se passava no navio: consegue não ser explícito e óbvio, descrevendo não as mulheres grávidas ou que adquiriam doenças devido aos estupros dos navios, mas seus úteros e a simbologia neles contida. Os úteros simbolizam as consequências dos estupros: era comum que as escravas fossem infectadas com doenças sexualmente transmissíveis durante a passagem intermédia, já chegando doentes à costa. Outras carregariam filhos, crianças miscigenadas que seriam também escravas, jamais conhecendo sua paternidade. Os úteros de algumas dessas mulheres no navio são descritos como suspensos, esvaziados, numa metáfora da vida delas ali no navio, também em suspenso, também esvaziada, também sem sentido e incerta em seu destino.

A lógica da instituição da escravidão não previa os estupros como crimes, já que não via os escravos como iguais, portanto, os escravos estavam à mercê dos caprichos de seus escravizadores. A maioria das mulheres logo percebe isso, além de terem visto o que acontece com uma escrava insolente, como foi o caso de Mintah, atirada ao mar, mesmo estando saudável, portanto, compreendiam que não deviam reagir:

> Mintah tinha demonstrado para eles o que não fazer. Não levante a voz para essas pessoas. Não os olhe nos olhos. Não levante o queixo

[100] Semen from the crew would seep from them on to the deck; children were at various stages of gestation in their wombs. Or wombs unable to function in these conditions would be the recipients of some disease or other. Wombs in abeyance; emptied of their fecundity. Amnesiacal wombs, forgetting to bleed, forgetting their function. Wombs that declared everything that had happened to this body had to end there. There would be no inheritance from these wombs.

> do peito, uma vez que mostrar o espaço macio do pescoço e da traqueia é se arriscar a um ataque. Não diga os nomes deles em vão ou por qualquer razão, a menos que eles explicitamente solicitem. Não se oponha a eles com desobediência, eles atacarão. Não diga não a eles, eles nunca aceitam não como resposta, eles acreditam que não significa sim, eles vão conseguir o que querem no final. Não lhes diga nada sobre si mesmo, eles vão usá-lo contra você e todos os seus. Não confie em nenhum deles, eles são todos os mesmos, vendo você como lucro, como apto apenas para ser comprado e vendido, e com nada mais para recomendá-lo. Não confie neles para nada, eles não são dignos de confiança, exceto com dinheiro. Não pense que um dia eles irão te amar; você foi comprado por eles, nisso reside a extensão do seu louvor e os limites do seu amor. Não os deixem jogá-lo ao mar, a menos que você prefira a morte do que a vida. Não deixe que eles se lembrem de você como Mintah. (*F.T.G.*, 1999, p. 77).[101]

Aqui a narrativa se torna dura, a ponto de entendermos que o narrador objetiva mostrar como funcionava a opressão dos negreiros sobre os escravos. Era tamanho o medo e o receio de serem castigados, estuprados e mortos, que acabavam por silenciar, aceitando um lugar no mundo que era de pura negação, o que se evidencia pelos muitos *nãos* presentes no trecho acima. Aos escravos, nada era permitido. Apenas o silêncio e a submissão. Quem ousasse contrariar essa ordem, podia sofrer graves consequências, e o exemplo de Mintah lhes era vívido a ponto de não quererem ser os próximos a serem atirados ao mar.

Diante das adversidades passíveis aos navios negreiros, grande parte dos donos de navios e investidores fazia um seguro para garantir que não perderiam todo o investimento da viagem:

> Os seguros reforçaram o tráfico de escravos, tornando financeiramente viáveis as viagens de alto risco. Com a compra de seguros, os armadores transferiram suas perdas financeiras para as seguradoras quando uma viagem dava errado. Os proprietários habitualmente

[101] Mintah had demonstrated to them what *not* to do. Do not raise your voice to these people. Do not look them in the eye. Do not lift the chin off the chest since to show the soft space of the neck and windpipe is to risk attack. Do not call their name in vain or for any reason unless they explicitly request it. Do not cross them with disobedience, they will attack. Do not tell them no, they never take no for an answer, they believe no means yes, they will get what they want in the end. Do not tell them anything about yourself, they will use it against you and all your kind. Do not trust any of them, they are all the same, seeing you as profit, as fit only to buy and sell, and with nothing else to recommend you. Do not rely on them for anything, they are untrustworthy with everything but money. Do not think they will ever grow to love you; you were purchased by them, therein lies the extent of their praise and the limits of their love. Do not let them throw you into the sea, unless you prefer death to life. Do not let them remember you like Mintah.

> seguravam o navio e sua carga escrava, bem como a carga original do navio que ia rumo ao exterior. (SHARAFI, 2007, p. 230).[102]

Os seguradores lucravam muito com o tráfico negreiro, pois a maioria dos navios não sofria grandes perdas (que fossem cobertas pelo seguro):

> As apólices normalmente cobriam todas as perdas com importantes exceções. As seguradoras não cobririam as perdas causadas por "morte natural" ou "mortalidade comum". Mortes por negligência, acidente, suicídio, desnutrição e doença entravam nessas rubricas. No final do século XVIII, a lei inglesa só permitia aos proprietários de navios assegurar a carga escrava contra perdas por "perigos do mar", pirataria, insurreição, captura pelos inimigos do rei, negligência do capitão ou da tripulação e destruição pelo fogo. A compensação não poderia ser reivindicada se os escravos morressem como resultado de maus tratos ou se fossem jogados ao mar. (SHARAFI, 2007, p. 230).[103]

A maioria dos seguradores oferecia reembolso que variava de 2 a 50 % da carga do navio, mas o normal era 10%. Devido ao alto preço dos seguros, grande parte dos donos de navio os contratavam apenas em alguma parte da viagem (a que fosse mais perigosa, comumente a passagem intermédia, dado o alto número de mortandade, suicídio e motins entre os escravos confinados) ou apenas para parte do que chamavam de "carga", seus seres humanos tornados escravos. Era comum que muitos capitães e investidores, quando ocorria de terem muitas perdas de vidas de escravos por doenças, atirassem escravos doentes ao mar, pois a morte por afogamento era coberta pelo seguro, e a morte por doenças e má nutrição não. É o caso do *Zong*: "O lançamento ao mar de 132 escravos doentes em 1781 pelo capitão do *Zong* britânico foi uma tentativa proposital de maximizar a compensação das seguradoras: o afogamento era coberto pela apólice de seguro do *Zong*, enquanto a morte por doença não era." (SHARAFI, 2007, p. 231).[104] O incidente no *Zong* não foi isolado, pois quando os escravos doentes ou

---

[102] Insurance reinforced the slave trade by making high-risk voyages financially viable. By purchasing insurance, ship owners transferred their financial losses to the insurers when a voyage went wrong. Owners typically insured the vessel and its slave cargo, as well as the ship's original outward-bound cargo

[103] Policies normally covered all losses with key exceptions. Insurers would not cover losses caused by ''natural death'' or ''common mortality.'' Death by negligence, accident, suicide, malnutrition, and disease fell under these headings. In the late eighteenth century, English law only permitted ship owners to insure slave cargo against loss by ''perils of the sea,'' piracy, insurrection, capture by the king's enemies, barratry by the master or crew, and destruction by fire. Compensation could not be claimed if slaves died as a result of ill treatment or if they were thrown overboard.

[104] The throwing overboard of 132 sick slaves in 1781 by the captain of the British Zong was a deliberate attempt to maximize compensation from insurers: drowning was covered by the Zong's insurance policy, while death by illness was not.

rebeldes podiam pôr em risco a vida dos demais, os capitães não hesitavam em afogá-los para garantir a ordem, a saúde dos demais escravos e ainda receber o dinheiro do seguro: "Em 1819, o capitão do *Le Rodeur* ordenou que trinta e nove escravos que ficaram cegos por um surto de oftalmia fossem jogados no mar, em vez de trazer escravos invendáveis para o mercado." (HEPBURN, 2007b, p. 145).[105] Literariamente, outros romances e contos tematizam histórias que lembram os fatos ocorridos no *Zong*, como é o caso do romance *Sacred Hunger*, de Barry Unsworth, publicado em 1992. Este romance tem dois enredos principais, sendo um deles sobre o personagem Matthew Paris, médico que embarca num navio negreiro pertencente a seu tio que busca escravos na Costa de Guiné. Com muitos escravos doentes, a disenteria se alastra e há muitas mortes. O capitão, temendo nada lucrar, começa a jogar escravos doentes ao mar, para ganhar o seguro do navio. Mas, nessa história, diferentemente do que ocorrera no *Zong*, escravos e marinheiros se rebelam. O mais interessante nesse romance é como o médico Matthew se questiona como são capazes de tratar outros seres humanos de forma tão degradante, tudo em nome do lucro, que ele chama de "sacred hunger", o que dá origem ao título do livro. (UNSWORTH, 1992).

No caso do *Zong*, no início da narrativa, temos a informação, através do capitão, de que de 36 escravos haviam morrido, dentro os mais de 400 a bordo, bem como 7 tripulantes. O número era bastante alto, pois a viagem ainda demoraria mais de duas semanas para chegar ao fim. Diante isso, o capitão Cunningham resolve que não pode perder tanto investimento com escravos doentes e resolve matá-los afogados. Assim é que 131 escravos doentes são jogados ao mar. Ao iniciar sua abordagem sobre a necessidade de não voltarem dessa viagem de mãos vazias, o capitão explica a lógica de seu pensamento:

> Os interesses dos segurados estão em desacordo com os nossos. Isso vocês sabem. O que vocês não sabem é que cada vez que um espécime da carga é perdido nós, não as seguradoras, devemos suportar essa perda, *a menos que* a perda seja uma medida tomada por nós para garantir contra a diminuição de nossos gados. O que vou propor, senhores, é uma tal medida para preservar este navio e o restante de suas propriedades para que possamos recuperar nossas perdas com o seguro. (*F.T.G.*, 1999, p. 12).[106]

[105] In 1819, the captain of the Le Rodeur ordered thirty-nine slaves who had been blinded by an outbreak of ophthalmia thrown into the sea rather than bring unsaleable slaves to the marketplace.

[106] 'The insures' interests are at odds with ours. That you know. What you don't know is that every time a piece of cargo is lost we, not the insurers, must bear that loss, *unless* the loss is a measure taken by us to ensure against further depletion of our stocks. What I am about to propose, gentlemen, is one such

O objetivo do capitão é conseguir convencer seus marinheiros de que tal medida é necessária, caso não queiram voltar para casa sem prejuízos. Dessa forma, a tripulação poderia apoiá-lo na empreitada bastante cruel (até mesmo para marinheiros acostumados a lidar com escravos diariamente e retirar da exploração deles o sustento de si) de jogar os escravos ainda vivos amurada abaixo. É assim que o capitão Cunningham planeja enganar os seguradores do navio, de modo que a medida por ele tomada seja vista como algo imprescindível para que o navio todo não perecesse com a disseminação das doenças. Porém, aqui notamos que o capitão, por já ter perdido vários escravos e alguns tripulantes, sabia que seu lucro seria pequeno, portanto a decisão de enganar os seguradores e matar escravos afogados se dá apenas por que deseja mais lucros. Mais do que isso, porém, o que este trecho evidencia é uma descrição irônica deste objetivo comercial atrelado a um discurso que reduz os escravos, seres humanos, à condição de mercadoria. Termos como *interesses, segurados, desacordo, espécime, carga, seguradoras, perda, medida para garantir, diminuição de nossos gados, propriedades, recuperar perdas* materializam o interesse pelo lucro deste personagem, evidenciando como este jargão mercantil acaba por naturalizar a visão que se tinha dos escravos como gado, mercadoria, e não como seres humanos. D'Aguiar consegue criar no capitão um personagem bastante crível, que, de fato, incorpora em si os interesses puramente comerciais dos escravistas, usando um discurso que o posiciona como um empresário que se preocupa unicamente com suas perdas e ganhos na empreitada comercial da escravidão.

Na memória de Mintah, ficamos sabendo que antes de morrer, o médico do navio afirmara que a doença não iria mais contaminar novos escravos: "Mas mesmo na morte ele estava certo. De fato, tinha diminuído [a contaminação] e os muitos doentes estavam ganhando força lentamente. Haveria mais mortes, mas nenhum caso novo. Por que, então, esses dois homens doentes foram removidos?" (*F.T.G.*, 1999, p. 36).[107] Mintah não compreende por que o capitão continua ordenando que mais e mais escravos sejam jogados ao mar, mas fica claro que a resposta para tudo é: lucro. Pelo lucro, africanos eram vendidos e revendidos como mercadorias. Pelo lucro, eram desumanizados e tratados como gado. Pelo lucro, eram confinados em cubículos, mal

---

measure to preserve this ship and the remainder of its holdings so that we may recover our losses from the insurance.'

[107] But even in death he was right. It had indeed abated and the many sick were slowly gaining strength. There would be more deaths but no new cases. Why then had those two sick men been removed?

alimentados, malcuidados, estuprados, espancados, atirados vivos ao mar. A mudança no foco narrativo nos mostra como ambos os personagens, Mintah e o capitão, pensam de forma totalmente contrária, sendo que ela não entende a lógica escravista, pois não se vê como mercadoria. D'Aguiar é convincente na caracterização dos personagens e de sua posição dentro da instituição da escravidão, da mesma forma que também convence o leitor ao mudar os focos narrativos e imputar a cada personagem um ponto de vista orgânico. Diante da ordem do capitão de "se livrar da carga doente" (*F.T.G.*, 1999, p. 13)[108], a tripulação oferece certa resistência, mas não ousam falar nada diante dele:

> "O primeiro-imediato Kelsal irá supervisionar a identificação dos doentes e enfermos entre as nossas propriedades. Eles serão trazidos ao convés em pequenos números e depois jogados sobre o lado..."
> O capitão Cunningham foi obrigado a parar por causa dos arquejos dos homens por sua revelação. Ele começou de novo em uma voz alta e sem fôlego e se apressou a terminar.
> "Para garantir, senhores, a saúde e a sobrevivência do restante. Nossa saúde e sobrevivência também, eu poderia acrescentar." (*F.T.G.*, 1999, p. 14).[109]

O capitão apela para argumentos, mas como os marinheiros continuam murmurando, ele acrescenta que os suprimentos de água estavam baixos e de como seriam todos arruinados se voltassem sem lucros. Alguns dos homens não se sentem capazes de realizar tal tarefa: "Alguns achavam que isso era pedir demais a eles, já que eram marinheiros em primeiro lugar, e não mercenários. 'São pessoas primitivas, mas ainda assim, pessoas.'" (*F.T.G.*, 1999, p. 16)[110], mas a maioria acaba cumprindo as ordens, pois além de necessitarem do trabalho, também sentiam que mereciam o lucro daquela viagem. Porém, alguns desconfiam que os seguradores poderiam não querer pagar pelos mortos, e a tarefa seria inútil:

> A maioria não se importava em cumprir a ordem — "São gado", "Carga", "Tão delicados como cavalos e vitelos, mas ainda assim, gado!"— mas achavam que a premissa em si era demasiado rebuscada para convencer as seguradoras dessa necessidade. E se as seguradoras

[108] to get rid of the sick and infirm cargo.
[109] 'First Mate Kelsal will supervise the identification of the sick and infirm among our holdings. They will be brought on deck in small numbers and then thrown over the side…'
Captain Cunningham was forced to stop here on account of the men's gasps at his revelation. He began again in a raised and breathless voice and hurried to the finish.
'To ensure, gentlemen, the health and survival of the remainder. Our health and survival too, I might add.
[110] A few felt that this was asking too much of them since they were sailors first and foremost, not soldiers of fortune./ 'They are primitive people, but still people.

> se recusassem a pagar? Então não haveria nada para compensar todos os seus esforços, nada por todos os seus sacrifícios, nada para apaziguar as suas consciências. (*F.T.G.*, 1999, p. 16).[111]

A hesitação da maioria dos homens se dá não pela comiseração em torno do afogamento dos escravos, mas sim pelo receio de não serem pagos por isso, embora, adiante na narrativa, veremos que muitos marujos começam a se sentir mal com a tarefa de jogar os escravos vivos ao mar. A ironia reside no fato de que a maioria das mortes dos navios se dava pelo péssimo tratamento dado aos escravos, ou seja, a culpa era dos capitães, investidores, marinheiros. Se houvesse melhores medidas sanitárias, melhor alimentação, menos castigos, mais humanidade, enfim, o número de mortes jamais seria tão alto como era. O personagem do capitão Cunningham parece bastante representativo dessa ganância desenfreada que se tornou o comércio negreiro. Tomada a decisão de se livrar dos doentes, o capitão não hesita em fazer sua ordem ser cumprida, pois livrando-se imediatamente de alguns deles, conseguiria economizar em comida e água:

> "Vocês me entenderam mal, cavalheiros. Quero dizer para nós começarmos a execução dessas ordens agora. Neste momento. Antes de nos voltarmos para qualquer outra tarefa, por mais urgente que seja. Nenhuma pode ser tão urgente quanto esta." O capitão se perguntou o que Kelsal e o resto da tripulação poderiam estar pensando. Que com a decisão viria algum período de adaptação à ideia antes de realmente levá-la a cabo? A provisão da última refeição do dia do gado era às 4 da tarde, menos de duas horas de distância. As rações seriam economizadas se as duas horas seguintes fossem passadas eliminando o número de quantos mortalmente doentes a tripulação pudesse colocar as mãos. (*F.T.G.*, 1999, p. 18).[112]

A ordem do navio negreiro era poupar alimentos, água, mesmo que isso significasse não poupar vidas. Mas, mais uma vez, a descrição de D'Aguiar parece forçar demais a tentativa de evidenciar a busca desenfreada por lucro característica da escravidão negreira. Nesta passagem, o susto dos marinheiros com a ordem do capitão seria suficiente para evidenciar que a medida por ele tomada era extrema.

---

[111] The majority did not mind carrying out the order- 'They are stock,' 'Cargo,' 'As delicate as horses and calves but chattel all the same!'- but felt that the premise itself was too far-fetched to convince the insurers of this necessity. What if the insurers refused to pay? Then there would be nothing to show for all their efforts, nothing for all their sacrifice, nothing to assuage their consciences.

[112] 'You misunderstood me, gentlemen. I mean for us to begin the execution of these orders now. This moment. Before we turn to any other task, however pressing. None can be as pressing as this.' The captain wondered what Kelsal and the rest of the crew could have been thinking. That with the decision would come some period of adjustment to the idea before the actual following through with it? Feeding the stock their final meal of the day was ate 4 p.m., less than two hours away. Rations would be saved if the next two hours were passed disposing of as many mortally sick as the crew could lay hands on.

Entre vender escravos doentes e conseguir pouco lucro e matá-los afogados e obter as 39 libras que o seguro pagaria, o capitão não hesita em escolher a segunda opção: "Há 408 restantes. Se nos livrarmos de um terço, a 39 libras por cabeça recebidos do seguro e da venda do restante nós estaremos prontos para ter um lucro certo neste empreendimento, como é o nosso direito depois de meses de investimento de nossas energias." (*F.T.G.*, 1999, p. 16).[113] Novamente, o jargão comercial do capitão com os termos *libras por cabeça, seguro, venda, lucro, empreendimento, investimento* enfatizam a relação comercial entre os negreiros e o que chamavam de carga, aqui transformados em cabeças, como gado, de modo que o próprio discurso seja a representação exata dessa relação. Um terço seria mais de cem escravos. Com isso em mente, os marinheiros começam a selecionar, sob a supervisão de Kelsal, os escravos mais doentes a serem lançados primeiro ao mar. Inicialmente, Kelsal escolhe, de fato, os escravos mais doentes, alguns dos quais mal podiam se levantar, como se nota na descrição do primeiro escravo escolhido para morrer no mar: "Ele tinha dificuldade em andar, uma combinação de membros rígidos, cólicas e fraqueza evidente." (*F.T.G.*, 1999, p. 20).[114] Ao ver os homens escolhidos, o capitão parece se regozijar com sua decisão, pois a seu ver, a fraqueza dos escravos evidencia como sua decisão fora sensata. Assim, insiste para que Kelsal avalie quantos dias de vida cada escravo teria, e ao ouvir a resposta de seu primeiro-imediato "Um dia ou dois." (*F.T.G.*, 1999, p. 23)[115], ele sorri de satisfação, vendo sua lógica perversa ser confirmada: "Sabendo disso, primeiro-imediato Kelsal, que em um dia ou dois nossas propriedades serão reduzidas pela metade às nossas custas, e dois dias de comida e água desperdiçadas, você não vê minha solução como manifesto de razão econômica?" (*F.T.G.*, 1999, p. 23).[116] A instituição da escravidão sempre teve uma lógica econômica, portanto, o pensamento do capitão do *Zong* não surpreende, pois era impensável desperdiçar dinheiro com seres que mal chegavam a ser humanos. A "razão econômica" do capitão é coerente com a caracterização dele como personagem que reflete, de forma flagrante, a instituição da escravidão. Os marinheiros demoram a cumprir a tarefa, alguns hesitam. O único que

[113] There are 408 remaining. If we dispose of one third, at £39 a head from the insurance and from the sale of the remainder we stand to make a clear profit in this venture, as is our right after months of investment of our energies.
[114] He had difficulty walking, a combination of stiff limbs, cramps and plain weakness.
[115] A day or two.
[116] 'Knowing this, First Mate Kelsal, that in a day or two our holdings will be depleted by two at our expense, and two days of food and water squandered, do you not see my solution as manifest economic sense?'

parece jamais hesitar é o próprio capitão: "Droga! O que esses homens estão esperando, Kelsal, o Natal?" (*F.T.G.*, 1999, p. 23).[117] A narração a respeito das atitudes do capitão parece nos evidenciar sua frieza e crueldade, numa metáfora de como funcionava o sistema escravista.

Os primeiros dois escravos atirados ao mar fazem com que o humor dos marinheiros mude, mas o capitão se preocupa apenas com seu livro razão. Kelsal se vira para não olhar quando eles caem na água. É como se não olhando, se esquivasse da ação. Novamente, o personagem evidencia suas atitudes incongruentes. Kelsal trabalha para um navio negreiro, tira seu sustento disso, mas não quer ver as mortes dos escravos. Sentiria alguma piedade deles? Se culparia por matá-los, sabendo que provavelmente não morreriam da doença que os acometera? Que motivações levariam Kelsal a ter atitudes incompatíveis com sua posição de primeiro-imediato de um navio negreiro? Podemos supor que Kelsal, tendo convivido com os africanos e sido cuidado por eles, pudesse sentir que não mereciam tal tratamento, mas, tirando seu lucro da escravidão, não podia evitar fazer o que era ordenado. A rigor, Kelsal é um personagem bastante complexo, que não se revela muito bem ao leitor, levando-o a inferir sobre suas incoerências, numa boa construção narrativa de D'Aguiar ao caracterizá-lo assim e, principalmente, mantendo essa coesão na caracterização do personagem até o fim da narrativa.

Embora um pouco desestimulados da tarefa, a maioria dos marinheiros não parece se importar com as mortes em si. O escravo morre e é como se nunca tivesse existido. Quando os escravos começam a ser levados para o convés e não retornam, os remanescentes nas celas se inquietam. É a partir desse momento que Mintah chama pelo nome de Kelsal e o incomoda, não somente pela petulância da jovem, mas por fazê-lo se lembrar de um momento em África que lhe causava vergonha, embaraço, que ele queria esquecer, como analisaremos adiante. O desconforto de Kelsal diante de Mintah o fará atirá-la ao mar, mesmo sendo ela uma escrava jovem e saudável, que obteria bons preços no mercado. Sobre isso, o capitão reflete:

> O capitão assentiu com a cabeça e fez um rápido e relutante traço em seu livro-razão. Ela não está doente, ele pensou, mas ela é incômoda o suficiente para causar problemas nesse navio. Sua contabilidade honesta sofreu um golpe por causa de Mintah. Ele a colocou entre os doentes e débeis cuja presença no *Zong* colocava em risco a saúde e a

[117] 'Damn it! What are these men waiting for, Kelsal, Christmas?'

> segurança de todos os outros. Sua disposição criteriosa como mercadoria danificada preservaria o resto e incorreria em um pedido de suas perdas contra os subscritores. Insolência era uma doença. A teimosia também. Um comportamento responsável por alimentar o descontentamento e promover uma insurreição entre os escravos era a pior doença de todas. Mesmo sua mente, inexperiente em questões legais, podia compreender isso facilmente, ele poderia argumentar com facilidade em um tribunal sob a lei inglesa, se houvesse necessidade. Ele podia prever que não haveria tal necessidade. (*F.T.G.*, 1999, p. 48).[118]

O trecho nos mostra, ainda uma vez, a escolha cuidadosa pelos termos de cunho comercial que D'Aguiar coloca na voz do personagem que mais exemplifica a lógica contábil da escravidão. A "contabilidade honesta" aqui refere-se aos cálculos cuidadosos do capitão em garantir lucros, e a perda de Mintah não lhe daria lucros, já que ela era jovem e saudável. O termo "honesto" parece, ainda, ter sido utilizado de modo a ironizar a honestidade de tal contabilidade, já que ela ludibriava os seguradores e injustiçava os escravos. Após Mintah ser atirada ao mar e outros mais depois dela, o capitão avalia que se continuarem nesse ritmo, poderão ter um bom lucro, ao que Kelsal replica: "Mas não há tantos doentes assim." (*F.T.G.*, 1999, p. 67).[119] Nesse momento, o capitão o relembra que ele não pensou nisso antes de atirar Mintah ao mar, e Kelsal se cala, entendendo que a lógica capitalista do capitão vai muito além do que ele imaginara, pois não matarão apenas os escravos muito doentes, mas quantos forem necessários para atingir um bom lucro com as seguradoras.

Nesse sentido, a respeito da caracterização dos escravos como objetos, importa relembrar que nem mesmo direito ao suicídio os escravos tinham, pois que isso significaria prejuízo para seus donos. Diante das situações degradantes a bordo dos navios negreiros, abundavam tentativas de suicídio. Embora na maioria das crenças religiosas africanas o suicídio fosse considerado algo que faria a alma do suicida vagar eternamente e nunca encontrar descanso, muitos preferiam tal destino às torturas da passagem intermédia e a certeza de que a vida como escravo seria indigna e degradante. Para desencorajar esta ideia de conforto após a morte os capitães "muitas vezes

---

[118] The captain nodded his assent and made a rapid, reluctant stroke in his ledger. She is not sick, he thought, though she is enough of a nuisance to cause trouble on this ship. His honest ledger had a stroke for Mintah. He recorded her among the sick and infirm whose presence on the Zong jeopardized the health and safety of everyone else. Their judicious disposal as damaged stock would preserve the rest and merit a claim for their loss against the underwriters. Insolence was a sickness. Stubbornness too. Behaviour liable to fuel discontent and promote an insurrection among the slaves was the worst sickness of all. Even his mind, untrained in legal matters, could comprehend this easily, could argue in with facility in a court under English law, if he need arose. He could foresee no such need.

[119] But there aren't that many sick.

cortavam as cabeças dos que morriam, sugerindo assim que eles deviam ir sem cabeça para sua próxima vida. Isto era realizado na presença dos escravos." (OLANIYI, 2007, p. 262).[120] Havia também o medo do canibalismo do homem branco, como já visto aqui, o que também levava ao suicídio. Muitas eram as formas encontradas para o suicídio, como atesta Segal (1995):

> Quaisquer fossem as condições e o caráter do capitão de um determinado navio, os escravos não desistiam de tentar o suicídio ou de cometê-lo. Eles saltavam ao mar, cortavam suas gargantas ou enforcavam-se se conseguissem encontrar meios para fazê-lo, recusavam-se a comer e freneticamente resistiam à alimentação forçada. Eles caíam em uma "melancolia fixa", que em alguns casos podia ter sido resultado de deficiências nutricionais, mas em outros parece ter sido um morrer por força de vontade. A própria visão de seu destino produzia aparentemente um aumento de suicídios. Conforme as circunstâncias permitiam, eles também se rebelavam. (p. 35).[121]

Apesar dessa crença generalizada, outras religiões africanas acreditavam que após a morte, poderiam retornar a seu lar e, por isso, alguns cometiam o suicídio, por meio da greve de fome ou do afogamento, para retornar, à sua pátria, como afirma Bly (1998, p. 181):

> Além da fome, muitos escravos resistiam à sua escravidão durante a travessia saltando ao mar. Apesar dos esforços da tripulação para observar de perto os escravos e erguer redes para impedi-los de saltar, muitos escravos ainda conseguiam se jogar ao mar - às vezes em pedaços. Curiosamente, a maioria dos escravos via seu suicídio como um meio para voltar para casa. Portanto, não é surpreendente descobrir, em alguns relatos da Passagem Intermédia, casos em que escravos saltaram ao mar e se despediram de seus amigos que se alegraram com sua fuga.[122]

---

[120] often cut off the heads of those who died, thus intimating that they must go without heads in their next life. This was carried out in the presence of the slaves.

[121] Whatever the conditions and the character of the captain on a particular ship, slaves did not desist from attempting or committing suicide. They jumped overboard, cut their throats, or hanged themselves if they could find means to do so, refused to eat and frantically resisted forced feeding. They fell into a "fixed melancholy" which might in some cases have been the result of nutritional deficiencies but in others seems to have been a dying by effort of will. The very sight of their destination apparently produced a rise in suicides. As circumstances allowed, they also rose in revolt.

[122] Apart from starvation, many slaves resisted their enslavement during their crossing by jumping overboard. Despite the crew's efforts to closely watch the slaves and erect nets to prevent them from jumping, many slaves still managed to make it overboard- sometimes in pieces. Interestingly, most slaves saw their suicide as a means by which to return home. Therefore, it is not surprising to discover, in some Middle Passage accounts, instances where slaves jumped overboard and bade farewell to their friends who rejoiced in their escape.

O suicídio representa um meio de resistência dos escravos ao que lhes era imputado pela violência. Como muitas vezes os escravos sabiam-se impotentes diante do poderio maior dos brancos europeus, que dominavam a navegação e tinham armas de fogo, esta parecia ser a única alternativa para não aceitar a escravização. Equiano (1999) relata como presenciou muitos suicídios, ou tentativas de suicídio, pois muitos preferiam "a morte a tal vida de miséria" (p. 34).[123] Barcia cita casos em que muitos escravos cometeram suicídio coletivo, neste caso por medo do canibalismo do homem branco:

> Vários relatos atestam o medo geral entre os escravos de que seus captores brancos devorariam sua carne ou sugariam seu sangue. Esses medos levaram muitos deles a cometer suicídio. Um caso notável de 1737 ilustra a força desses pressupostos. Logo após a atracação na ilha de São Cristóvão, mais de 100 escravos africanos a bordo do *Príncipe de Orange* saltaram para o mar em uma tentativa de suicídio coletivo. Uma piada feita por um escravo local tinha inspirado a determinação súbita para dar cabo de suas vidas: o escravo local declarou que os olhos dos escravos recém-chegados seriam postos para fora e comidos por seus senhores brancos. Essa brincadeira levou à perda de trinta e três vidas humanas. Crenças no "canibalismo branco" e "vampirismo branco" permaneceram vivas ao longo de toda a história do tráfico de escravos no Atlântico. (2007, p.363).[124]

Era comum que a taxa de suicídio fosse mais alta entre as mulheres, devido ao fato de, além dos castigos sofridos pelos homens, também serem estupradas e ainda mais solicitadas para dançar no convés, para "distrair" os marinheiros. (DEETZ, 2007). No *Zong*, um grupo de dez escravos, vendo as mortes por afogamento abundarem, decide se jogar ao mar voluntariamente. A memória é de Mintah, na Jamaica, que se recorda do sofrimento sentido quando, após tentar um motim e ser capturada, é colocada amarrada no convés para presenciar mais mortes, como castigo por sua insolência: "Olhando para o meu rosto, o capitão procurou meu nome para ver quanto mais ele poderia aguentar." (*F.G*, 1999, p. 213).[125] Ela implora ao capitão que pare, mas muitas

---

[123] death to such a life of misery.

[124] Several reports attest to the general fear among the enslaved that their white captors would devour their flesh or suck their blood. These fears led many of them to commit suicide. A remarkable case from 1737 illustrates the strength of these assumptions. Just after docking on the island of St. Christopher, more than 100 of the African slaves on board the Prince of Orange jumped into the sea in a collective suicide attempt. A joke made by a local slave had inspired their sudden determination to end their lives: the local slave stated that the newly arrived slaves' eyes would be put out and eaten by their white masters. This idle jest led to the loss of thirty-three human lives. Beliefs in ''white cannibalism'' and ''white vampirism'' remained alive throughout the entire history of the Atlantic slave trade.

[125] Looking into my face, the captain searched my name to see how much more it could take.

mortes se sucedem, e os escravos atirados ao mar chamam o nome de Mintah, como se ela lhes significasse alguma coisa, talvez a possibilidade de se içarem de volta, como ela o fez: "Alguns dos doentes chamaram meu nome, 'Mintah'. Como se meu nome em seu último suspiro os ajudasse a sair do mar como eu tinha feito." (*F.T.G.*, 1999, p. 213).[126] Ouvindo seu nome ser tantas vezes repetido por tantos moribundos, Mintah se sente impotente e culpada e o amaldiçoa: "Eu ouvi e amaldiçoei o dia em que recebi esse nome. Tornara-se uma acusação. Um mau presságio. Uma sentença. A morte desfilou à sua volta. A morte foi invocada por ele. Uma morte no mar. Mintah. Por água. Mintah. Para apaziguar a manhã faminta. Mintah. No corpo do mar." (*F.T.G.*, 1999, p. 213).[127] Mintah associa seu nome às mortes daqueles africanos, pois se sente responsável por não as ter impedido. Ao associar seu nome às mortes, a memória de Mintah é descrita numa linguagem que reforça essas mortes, com o uso de períodos curtos que parecem um refrão, cada um deles intercalado com o seu próprio nome, remetendo a uma ladainha fúnebre. Tamanha é a culpa e o pesar que carrega, que mesmo após tantos anos, consegue se lembrar de cada uma das 131 mortes, inclusive dos dez que se suicidam, ali na sua frente, também chamando seu nome:

> E meu nome se espalhou entre o resto dos homens, mulheres e crianças. Eles se jogavam na tripulação para chegar ao mar. Eles não iriam esperar que se esgotassem os escravos doentes apenas para serem também despejados ao mar ligados e amarrados. Eles lutaram com a tripulação e um após o outro eles pularam na água. Embora alguns estivessem acorrentados em pares, eles lutaram e escalaram a amurada. O capitão amaldiçoou-os e ordenou a sua tripulação para desobstruir o convés, e a tripulação os espancou. Mas não antes que dez tivessem ido. Não obrigados. Mintah. Não jogados. Mintah. Saltaram. Mintah. Venha e nos pegue. Mintah. Aqui estamos. Prontos ou não. Mintah. Abram espaço para passarmos. Mintah. No fundo do mar. Mintah. Nossos ossos juntando-se a uma estrada de ossos. Mintah. Nossos gritos no vento. Nossos corpos no mar com um som do mar caindo silenciosamente. Mintah. Lanças de chuva quebrando em nossos corpos e as lanças enterradas conosco no mar. Mintah. Aqueles acorrentados em pares ajudando uns aos outros sobre a amurada. Mintah. (*F.T.G*, 1999, p. 213).[128]

[126] Some of the sick called my name, 'Mintah.' As if my name on their last breath would help them to climb out of the sea as I had done.

[127] I heard and cursed the day I got that name. It had become an accusation. A bad omen. A sentence. Death paraded around it. Death was invoked by it. A death at sea. Mintah. By water. Mintah. To appease de hungry morning. Mintah. Into the body of the sea.

[128] And my name spread among the rest of the men, women and children. They threw themselves at the crew to get at the sea. They would not wait for the sick to run out only to find themselves bound and fettered and dumped overboard. They fought the crew and one after another they jumped into the water. Though some were chained in pairs, they fought and climbed over the side. The captain cursed them and ordered his crew to clear the deck, and the crew beat them back. But not before ten had gone. Not bound.

A repetição dos períodos curtos, a repetição de seu nome aliadas à ideia do suicídio coletivo trazem como resultado a construção de imagens que levam o leitor a visualizar cada um destes escravos se jogando ao mar, cada um deles chamando por Mintah, gritando seu nome, olhando-a antes de cair ao mar. A leitura do trecho cria um ritmo de música fúnebre, sendo que o que se repete, aos ouvidos de Mintah, é seu nome, aquele culpado pelas mortes a bordo. A memória de Mintah é recheada de culpa, cada lembrança vem com o chamamento de seu nome. Os escravos não a culpavam, pareciam admirá-la, mas ela carregará para sempre o fardo de não ter podido evitar suas mortes, tanto as dos escravos assassinados, quanto a daqueles dez que se suicidaram para não serem atirados ao mar se ficassem doentes, ou para evitar uma vida de escravidão e humilhações como as que sofriam no navio. Mintah será assombrada pelos fantasmas desses mortos, de tal modo que os rememorará até o fim da vida, esculpindo 131 carrancas de madeira para simbolizá-los, planejando ainda esculpir outras dez, as destes suicidas: "São 131 deles. Um verdadeiro exército. E eu tenho trabalhado em outro por meses agora, entre pedidos de cálices e tigelas de fruta e bandejas. Tenho planos para mais dez depois disso." (*F.T.G.*, 1999, p. 209).[129] O termo "exército" parece simbolizar a resistência desses mortos, a tentativa de não morrerem nos braços do mar. Os dez que pensava em esculpir parecem não ter sido concluídos, pois Mintah morre logo após essas rememorações. Talvez aquela carranca de madeira na qual trabalhava há meses também não tenha sido finalizada, e ela parece ser a representação de si mesma, também jogada ao mar, também transformada em fantasma, embora viva.

O *Zong* teve dez suicídios, pois a tripulação conseguiu evitar outros. Mas, antes disso, alguns escravos tentaram um motim, liderados por Mintah. Muitos escravos na passagem intermédia não queriam morrer, mas retornar à sua pátria, escapar do navio negreiro com vida. Por isso, abundam os relatos sobre motins ou tentativas de insurreição a bordo dos navios negreiros, como afirma Bly (1998):

Mintah. Not thrown. Mintah. Jumped. Mintah. Come and get us. Mintah. Here we come. Ready or not. Mintah. Make room for us. Mintah. At the bottom of the sea. Mintah. Our bones adding to a road of bones. Mintah. Our cries in the wind. Our bodies in the sea with a sea-sound falling soundlessly. Mintah. Spears of rain breaking on our bodies and the spears buried with us in the sea. Mintah. Those chained in pairs helping each other over the side. Mintah.

[129] There are 131 of them. A veritable army. And I have been working on another for months now, between orders for goblets and fruit bowls and trays. I have plan for ten more after that.

> [...] os motins em navios negreiros eram uma parte comum e bem documentada da Passagem Intermédia. Na verdade, os escravos ao longo das viagens para as Américas, repetidamente resistiam à sua condição de várias maneiras. Os motins de escravos eram apenas uma faceta de resistência que muitos africanos usavam para lutar contra sua escravização. (p. 180).[130]

Essa forma de resistência envolvia a conspiração de escravos no navio que, muitas vezes, sequer falavam a mesma língua, pois era comum que diversas etnias estivessem presas no mesmo navio. O mais comum era os capitães temerem carregar pessoas de etnias muito distintas, pois isso podia resultar em divergências abaixo do convés e brigas entre os próprios escravos. Mas também temiam carregar muitos falantes da mesma língua, o que podia resultar em levantes, pois se entendiam mais facilmente (SMALLWOOD, 2007). Em relação às línguas faladas pelos escravos, muitas vezes elas eram usadas para esconder planos de revoltas, e o uso da música parecia iludir os marinheiros de que as intenções fossem de motim: "Por exemplo, enquanto a execução de algumas canções seria interpretada como uma 'lamentação melancólica do exílio de seu país natal' (FALCONBRIDGE, 1788), esta interpretação poderia mascarar a intenção do cantor de simular o motim a bordo." (BEST, 2007, p. 283).[131] Fato é que, em qualquer circunstância, era comum que os escravos em alto mar tentassem algum tipo de revolta, pois o fato de conseguirem como um grupo oferecer algum tipo de resistência poderia colocá-los em vantagem sobre a tripulação. Bly (1998, p. 183) cita casos de motins, alguns bem-sucedidos:

> Ao contrário da resistência sutil, quando o escravo esporadicamente travava uma luta individual contra seu opressor, a resistência em bando tendia a ser mais organizada e planejada. Muitas vezes maltratados e confrontados com uma variedade de doenças repugnantes – erupções cutâneas, a febre, a diarréia e o enjoo - muitos escravos se uniram e organizaram insurreições a bordo de navios negreiros ao longo da Costa Africana ou em rota para as Américas. Em 1721, oito escravos do negreiro *Henry* de Londres conseguiram libertar-se de seus ferros e tentaram subjugar o navio e sua tripulação de cinquenta homens. Depois de serem rechaçados por espadas e armas de fogo, os amotinados saltaram ao mar. Dez anos depois, o capitão Jump da escuna de Massachusetts, *William*, e a maioria de sua

[130] […] mutinies on slave ships were a common and well documented part of the Middle Passage. In fact, slaves throughout the voyages to the Americas repeatedly resisted their condition in a host of ways. Slaves mutinies were just one facet of resistance that many Africans used to fight against their enslavement.

[131] For instance, while a measured rendition of some songs would be interpreted as a ''melancholy lamentation of their exile from their native country'' (FALCONBRIDGE, 1788), this rendition could mask the singer's intention to affect mutiny on board.

> tripulação, de acordo com um relato de um jornal inglês, foram mortos em uma insurreição de escravos ao largo da costa da África. Em abril de 1789, uma insurreição de escravos ocorreu a bordo do *Felicity*. Vários dias após saírem da África, os escravos se revoltaram, mataram o capitão William Fairfield e feriram vários membros da tripulação.[132]

Grande parte dos motins, porém, não era bem-sucedida, dado o fato de que os rebeldes, na maioria das vezes, estavam doentes, feridos, mal alimentados e desconheciam o uso da arma de fogo. Embora, por vezes, conseguissem tomar de assalto o navio, acabavam subjugados por alguns poucos marinheiros que manejavam armas de fogo, matavam alguns escravos e isso assustava os demais, que não sabia que o poder de fogo das armas era limitado. Assim, os motins, quase sempre, não levavam os escravos à liberdade embora causassem sérios prejuízos para os investidores e capitães.

Talvez um dos casos mais famosos de insurreição em um navio negreiro durante a passagem intermédia seja o do navio *Amistad*, em parte por causa da transformação de sua história em um famoso filme hollywoodiano em 1997. O navio *Amistad* partia de Havana para Porto Príncipe quando o motim começou, liderado pelo africano Joseph Cinque, e somente dois espanhóis foram mantidos vivos para navegar de volta à África, mas eles navegaram em direção ao Norte e chegaram a Nova York, onde o navio foi capturado e os escravos levados a julgamento pelo motim e morte da tripulação. A razão do motim é incerta, mas "Os historiadores dizem-nos que a rebelião do Amistad ao largo da costa cubana em 1839 ocorreu porque o escravo do capitão informou os cativos que eles estavam prestes a serem comidos." (FABRE, 1999, p. 38).[133] O caso chamou a atenção de abolicionistas e durante o julgamento os espanhóis alegavam que os escravos eram nascidos em Cuba, mas nenhum falava espanhol e sim a língua mende, de Serra Leoa. Descobriu-se que os documentos eram forjados e que os escravos haviam sido

---

[132] Unlike subtle resistance, when the slave sporadically waged a one-on-one struggle against his oppressor, band resistance tended to be more organized and planned. Often mistreated and confronted by a variety of loathsome diseases- yaws, fever, flux and seasickness- many slaves united and staged uprisings aboard slave ships along the African Coast or in route to the Americas. In 1721, eight slaves on the slaver *Henry* of London managed to free themselves of their irons and attempted to subdue the ship and its fifty men crew. After being driven back by cutlaces and firearms, the mutineers jumped overboard. Ten years later, Captain Jump of the Massachusetts schooner, *William*, and the majority of his crew, according to an English newspaper report, were killed in a slave uprising off the coast of Africa. In April 1789, a slave uprising occurred aboard the *Felicity*. Several days out from Africa, the slaves revolted, killed Captain William Fairfield and wounded several members of the crew.

[133] Historians tell us that the *Amistad* rebellion off the Cuban coast in 1839 occurred because the captain's slave informed the captives that they were about to be eaten.

trazidos da África, sendo que o tráfico já era proibido nos Estados Unidos desde 1808. (DORON, 2007).

O líder abolicionista norte americano Lewis Tappan viu que o caso poderia ajudar na campanha abolicionista e começou um julgamento que serviria para libertar os africanos e chamar atenção para a desumanidade da escravidão. Houve dificuldades em julgar o caso, pois ele ocorrera em território espanhol, com navios espanhóis. A libertação destes africanos seria má propaganda para o presidente Van Buren, que queria sua reeleição, e dependia do Sul escravagista para isso. Mas, "Surpreendentemente, a Suprema Corte dos Estados Unidos determinou que os escravos eram homens livres e, portanto, estavam justificados em se rebelarem contra seus escravizadores." (BLY, 1998, p. 184).[134] O Presidente apelou, mas com a ajuda do ex-presidente John Quincy Adams, os africanos finalmente foram liberados para voltar para a África no fim de 1841. O motim a bordo do *Amistad* ficou conhecido por causa das repercussões que teve ao ir para julgamento, porém, caso a interceptação do navio não se desse nos Estados Unidos e sim em outro local, teriam os africanos o mesmo destino ou seriam condenados como escravos a voltar para as mãos da Espanha? O filme homônimo, de 1997, inclui trechos ficcionais, como o encontro do ex-presidente John Quincy Adams com Cinque, de forma que ambos se entenderam e se admiraram, mas é fato que os africanos do *Amistad* foram mantidos em custódia enquanto os julgamentos ocorriam. (AMISTAD, 1999). Há também, acerca deste assunto, o poema "Middle Passage", de Robert Hayden, publicado inicialmente no *Journal Philon* (GATES e MCKAY, 1997, p. 1500). O poema é narrativo e há diversas vozes, embora a dos escravos a bordo não seja ouvida diretamente, apenas traduzida, já que apenas falavam a língua mende. Um dos trechos mais significativos é justamente o início, quando a voz narrativa fala da passagem intermédia como "Viagem pela morte"[135], e a seguir fala como os escravos a bordo buscavam a morte, por meio de motim ou pelo suicídio:

> 10 de abril de 1800 -
> Negros rebeldes. Tripulação inquieta. Nosso linguista diz
> Seu gemido é uma oração pela morte,
> Nossa e deles mesmos. Alguns tentam morrer de fome.
> Perdemos três esta manhã que saltaram com riso louco
> Para os tubarões que aguardavam, e cantavam conforme afundavam.

[134] Surprisingly, The United States Supreme Court ruled the slaves were free men and therefore were justified in rising up against their enslavers.
[135] Voyage through death

(GATES e MCKAY, 1997, p. 1501).[136]

O poema evidencia que os escravos preferiam fazer greve de fome, se jogar ao mar ou se revoltarem do que aguardarem seu destino como escravos. No *Zong*, há também um motim, que é planejado por Mintah. Quando Mintah consegue se içar de volta ao navio, fica escondida na despensa, mas consegue se deslocar até as celas dos escravos para falar com eles, na tentativa de incitar um motim. Sobre esse fato, inicialmente temos um narrador heterodiegético que conta como Mintah decide, num impulso, sem planejar, falar com os escravos presos. Mintah não planejara sair, mas Simon, o assistente do cozinheiro que a estava ajudando a se manter escondida na despensa, corre para tirá-la de lá, pois o primeiro e o segundo-imediatos estavam descendo ali para beber rum e conversar. Saindo às pressas, Mintah chega às celas masculinas com os dedos sobre os lábios para que os escravos não fizessem barulho e a delatassem. A maioria se alegra ao vê-la e ela resolve incitá-los a agir: "Ela explicou que o mar não era lugar para seu povo, e antes que outra alma viva pudesse ser jogada nele, eles fariam algo para evitar isso." (*F.T.G.*, 1999, p. 87).[137] Porém, muitos escravos se sentem amedrontados, principalmente por terem visto Mintah, uma escrava saudável, ser atirada ao mar, e temem que o mesmo possa lhes acontecer: "Os homens concordaram, mas alguns disseram que ela os levaria à morte e a uma segunda morte dela. Que ela era abençoada pelos deuses, mas não invencível. Que ela deveria levar sua loucura para outro lugar." (*F.T.G.*, 1999, p. 87).[138] Era comum aos capitães castigarem os escravos insolentes com o intuito de que servissem como exemplo e, parcialmente, vemos que no *Zong* isso funcionou. Alguns escravos sugerem que tentem negociar com os negreiros, ao que Mintah replica que "'Essas pessoas só negociam com os africanos se tivermos escravos para vender.'" (*F.T.G.*, 1999, p. 104).[139] Ela estava consciente de que ali, no navio, já comprados, eram propriedade do capitão e, portanto, ele podia fazer o que quisesse deles, então jamais iria aceitar qualquer tipo de acordo. Ainda assim,

---

[136] 10 April 1800-
Blacks rebellious. Crew uneasy. Our linguist says
Their moaning is a prayer for death,
Our and their own. Some try to starve themselves.
Lost three this morning leaped with crazy laughter
To the waitinh sharks, sang as they went under.

[137] She explained that the sea was no place for her people, and before another living soul could be thrown into it they would do something to prevent it.

[138] The men agreed but some said she would lead them to their deaths and a second death for her. That she was blessed by the gods but not invincible. That she should take her madness elsewhere.

[139] 'These people only negotiate with Africans if we have slaves to sell them.'

muitos africanos temem o pior e resistem à ideia de tentarem uma insurreição, pois acreditam que podem pagar com a morte, mesmo estando saudáveis: "Vários homens gritaram que ela deveria sair, em vez de trazer mais problemas em suas cabeças. Outros esconderam a cabeça em desespero." (*F.T.G.*, 1999, p. 105).[140]

Também junto às mulheres, Mintah encontra certa resistência em apoiá-la: "Algumas delas avançaram e ordenaram que Mintah se entregasse e pusesse fim ao sofrimento delas. Mintah manteve-se firme e disse-lhes que o seu sofrimento era causado pela crueldade da tripulação, não pela sua presença no navio." (*F.T.G.*, 1999, p. 105).[141] É notável que, em alguns casos, fosse comum os escravos culparem uns aos outros por suas misérias, internalizando a lógica escravista de que haviam nascidos para serem escravizados, e dissidências poderiam piorar sua situação.

Apesar do medo, a maioria se convence de que devem tentar tomar o controle do navio, para evitar que outros sejam mortos no mar e apoiam a coragem de Mintah e, enquanto alguns levantam objeções, outros começam a agir: "Mas o homem com a lima já tinha começado a cortar sua corrente que o ligava ao seu parceiro. E os outros com pregos estavam tentando abrir as fechaduras nos tornozelos." (*F.T.G.*, 1999, p. 87).[142] Também a maior parte das mulheres começa a apoiar Mintah, admirando sua coragem: "Um grupo de mulheres disparou em defesa de Mintah e disse que ela era abençoada pelos deuses e lhes traria sorte em qualquer coisa que fizesse. Elas lhe perguntaram o que queria que fizessem, pois de bom grado morreriam por um deus." (*F.T.G.*, 1999, p. 105).[143] Para muitos deles, Mintah representava a força dos deuses, que estava nela presente para ajudá-los, pois nada mais podia explicar como ela conseguira voltar ao navio. Mesmo em tal situação adversa, os africanos conseguiam manter suas crenças religiosas, e acreditavam que seus deuses não os abandonariam. Assim, quando Mintah se mostra para os escravos presos, muitos começam a venerá-la e depositar nela suas esperanças de sair daquela situação, voltar para a África, ou, ao menos, não serem mortos no mar:

---

[140] Several men shouted that she should get out, instead of bringing dowm more trouble on their head. Others buried their heads in despair.

[141] A couple of them advanced and ordered Mintah to give herself up and bring their misery to an end. Mintah stood her ground and told them their misery was caused by the cruelty of the crew, not by her presence in the ship.

[142] But the man with the file had already started to cut through his chain linking him to his partner. And the others with the nails were trying to break open the locks on their ankles.

[143] A bunch of women jumped to Mintah's defence and said she was blessed by the gods and would bring them luck whatever she did. They asked her what she wanted them to do, for they would willingly die for a god.

> Para as mulheres, conversando entre si, o reaparecimento de Mintah era nada menos que um milagre. Os deuses estavam presentes nela para cuidar deles. De que outra forma uma mulher poderia ser jogada no grande mar e voltar a subir a um navio em alta velocidade? Não teria ela assumido a invisibilidade de um deus para permanecer a bordo todo esse tempo sem ser detectada? Que deusa era ela? Como tudo isso acabaria? Quando os deuses interferiam nos assuntos das pessoas, não se sabia como as coisas iriam acontecer. Para sorte deles, este deus estava ao seu lado. Nem tanta sorte para a tripulação ou aqueles que a traíram. (F.G, 1999, p. 93). [144]

Mintah se torna a esperança dos escravos. Nela eles pareciam confiar, por estar representando deuses. Porém, ainda uma vez mais, D'Aguiar exagera na descrição das conjecturas dos africanos a bordo, explicando todas as suposições que eles faziam sobre Mintah, quando apenas o fato de entenderem que os deuses encarnaram nela seria suficiente para o entendimento de que só isso explicaria o retorno dela ao navio. A descrição minuciosa demais deixa pouco à imaginação do leitor, ou mesmo ao seu poder de completar lacunas criadas por descrições mais enxutas, mas talvez mais metafóricas e interessantes. As crianças também demonstram esperança, especialmente o menino que fora salvo por Mintah, quando ela interpelara Kelsal no ato de atirar duas crianças ao mar. A menina morrera depois, mas o menino atribuía sua vida à Mintah e acreditava que ela os salvaria a todos. Contava histórias fantásticas sobre como ela lutara no mar com grandes peixes e os vencera, então salvar a todos seria tarefa mais fácil ainda: "Mintah estava no navio e eles estariam seguros." (*F.T.G.*, 1999, p. 93).[145] Demonstrando alegria, as mulheres cantavam em sua homenagem:

> "Mintah é um deus que caminha entre nós como uma mulher."
> "Aieee!" Assobios, gritos e aplausos rápidos que então diminuíam para o próximo elogio.
> "Um deus veio como Mintah para nos salvar deste mar."
> "Aieee!" Mais assobios e gritos e palmas rápidas.
> "A deusa Mintah libertará este navio e o guiará de volta para a África." Aieees! Assovios intermináveis, gritos incessantes, aplausos e

[144] To the women, talking among themselves, Mintah's reappearance was nothing short of a miracle. The gods were present in her to watch over them. How else could a woman be thrown into the big sea and climb back on to a speeding ship? Hadn't she assumed the invisibility of a god to remain on board all this time undetected? Which goddess was she? How would it all end? When the gods interfered in the affairs of people there was no telling how things would turn out. Lucky for them this god was on their side. Not so lucky for the crew or those who had betrayed her.

[145] Mintah was on the ship and they would be safe.

> aplausos como se tudo não fossem conjecturas, mas se tornaram realidade. (*F.G*, 1999, p. 93).[146]

As canções, nos navios ou nas *plantations*, depois, eram um modo de celebrarem alguma situação positiva, esperança, ou mesmo como meio de lamentação. Aqui, D'Aguiar quer criar este efeito ao mostrar como os escravos readquiriram esperanças com o retorno de Mintah, porém, acaba por pecar ao fazer com que os escravos mencionem a África, quando, de fato, a nomenclatura *África* para seu continente ainda lhes fosse desconhecida, sendo usada pelos europeus, mas não por eles, que não conheciam as divisões geográficas de seu continente e nomeavam apenas certos povos e tribos. Ao criar este romance histórico, D'Aguiar pareceu tentar trazer diversos fatos históricos para que, talvez, a narrativa fosse crível, mas, neste caso, o engano torna menos crível o enredo e mais forçado. Em relação ao trecho, é necessário mostrar a importância das canções para os africanos no navio negreiro ou nas *plantations*. As canções, normalmente, tematizavam assuntos religiosos ou a vida de escravo, muitas vezes de modo subversivo, com duplo sentido, denunciando os maus tratos ou o desejo de fuga e vingança. Sobre isso, afirmam Gates e McKay (1997): "Essas músicas, muitas vezes eloquentes, funcionavam para passar o tempo, sincronizar o ritmo de trabalho e refletir sobre a cena que os trabalhadores testemunhavam." (p. 37).[147] Grande parte das canções ironizava a liberdade prometida pelos donos, as punições com a chibata, a alimentação ruim, a vida de subserviência, e o fato de que quanto mais trabalham, menos recebem, pois é isso o que um negro merece, como a canção abaixo evidencia:

> [Eu cultivo o trigo]
>
> Nós cultivamos o trigo,
> Eles nos dão o milho:
> Nós assamos o pão,
> Eles nos dão a casca;
> Nós preparamos a refeição,
> Eles nos dão o resto;
> Nós cortamos a carne,
> Eles nos dão a pele;

---

[146] 'Mintah is a god who walks among us as a woman.'
'Aieee!' Whistles, ululations and rapid clapping which then slowed for the next encomium.
'A god has come as Mintah to save us from this sea.'
'Aieee!' More whistles and ululating and fast handclaps.
'The goddess Mintah will free this ship and guide it back to Africa.' Aieees! Endless whistles, ceaseless ululations, clapping and clapping as if it were not conjecture but had come true.

[147] These often ruggedly eloquent songs functioned to pass the time, to synchronize the work pace, and to reflect on the scene the workers witnessed.

> E esse é o caminho
> Por onde nos levam;
> Nós fazemos o pote,
> Eles nos dão o licor,
> E dizem que isso é bom o suficiente para um negro.
> (p.38).[148]

A canção evidencia que, por mais que trabalhem, aos escravos são destinados os restos. Ao longo de toda a viagem do *Zong*, o momento em que cantam é o único em que os escravos se sentem felizes e até ativos. A esperança trazida por Mintah os faz cantarem, recuperando parte de sua cultura, na qual as canções em homenagem aos deuses eram comuns. Parecem recuperar sua identidade, à medida que se imaginam livres de novo, não mais abandonados por seus deuses. É o único momento em que as lembranças de África não doem, mas lhes trazem alento: "Seus dias e noites na terra tinham sido simplesmente suspensos. Eles não estavam mortos. Essa água tinha um começo e um fim." (*F.T.G.*, 1999, p. 94).[149] Aqui, ao invés da ideia já mostrada anteriormente de que o mar era um limbo e o fim de suas vidas, tem-se o pensamento de que ele pode ter um fim, de que verão terra novamente, de que os dias no mar são passageiros e esta esperança só ocorre pelo reaparecimento de Mintah. É simbólica, também, a descrição de uma escrava que, doente demais sequer para se levantar, consegue dar um sorriso ao saber que Mintah estava viva e lhe faz uma canção, na qual a esperança dos escravos parece toda demonstrada:

> Estamos sobre o mar
> Não dentro do mar
>
> Sobre o mar
> Não debaixo do mar
>
> Separados do mar
> Não fazemos parte do mar
>
> Mostre-nos misericórdia
> A misericórdia de Mintah
>
> E nos mostre a terra
> Terra de Mintah

---

[148] [We raise de wheat]/ We raise de wheat,/ Dey gib us de corn:/ We bake de bread,/ Dey gib us de crust;/ We sif de meal,/ De gib us de huss;/ We peel de meat,/ Dey gib us de skin;/ And dat's de way/ Dey take us in;/ We skim de pot,/ Dey gib us de liquor,/ And say dat's good enough for a nigger.

[149] Their days and nights on land had been merely suspended. They were not as good as dead. This water had a beginning and an end.

(*F.T.G.*, 1999, p. 94).[150]

A canção, além de exemplificar a esperança dos escravos em serem salvos por Mintah, evidencia o medo que sentiam do mar, sua necessidade de estarem em terra firme para se sentirem seguros. Não se sentem parte do mar, mas aguardam a terra que lhes será mostrada por Mintah.

Diante das esperanças de tantos e da sua própria, Mintah planeja um motim com um dia de antecedência, pedindo que as mulheres que tinham livre acesso ao convés roubassem o que pudessem usar como armas. Sobre isso, era comum que quando o navio já estavivesse em alto mar, alguns capitães permitissem que alguns escravos ficassem, por certo período, livres das correntes, especialmente as mulheres, para tomar ar, se exercitarem, mas, também, para ficarem mais disponíveis aos desejos sexuais dos marinheiros. Os homens eram libertos dos grilhões apenas em turnos, para evitar motins. (SMALLWOOD, 2007). Assim ocorria no *Zong*, e Mintah soube usar desse expediente a seu favor. Quando o motim começa, Mintah e quatro outros jovens escravos sobem armados de cavilhas e pregos, o que haviam conseguido roubar, e conseguem matar dois marinheiros antes de serem capturados:

> Eles encontraram o vento e a chuva. O fim do crepúsculo brilhava sobre eles. Eles pegaram um tripulante que estava passando e ficou muito surpreso mesmo para gritar. A cavilha foi batida em sua cabeça várias vezes enquanto os outros rasgavam sua pele com as unhas. Seu sangue se espalhou pelo convés e correu pelos sulcos entre as tábuas sob a chuva. Seu cutelo e seu bastão foram puxados de seu corpo e os homens correram em direção a outro marinheiro, que girou em seus calcanhares e fugiu. Um golpe do cutelo o pegou na parte de trás da cabeça e ele se esparramou no convés e rolou até encostar na amurada. Ele segurou o cabo do cutelo, mas foi muito lento para sacá-lo. Os homens bateram nele e cortaram-lhe a cabeça e os ombros. Suas mãos subiram e seu braço esquerdo foi cortado inteiramente pelo cutelo brandido por um dos homens. Ele olhou para seu braço. Mintah fez sinal para que parassem. O marinheiro oscilou de joelhos. Mintah agarrou-o e os homens a ajudaram a levantá-lo. Eles o levantaram alto no ar, gritaram em triunfo e jogaram-no sobre a amurada. (*F.T.G.*, 1999, p. 107).[151]

---

[150] We are on the sea/ Not in the sea// Over the sea/ Not under the sea// Apart from the sea/ Not a part of the sea // Show us mercy/ Mintah's mercy// And show us land/ Mintah's land.

[151] They met the wind and the rain. The last of the twilight shone on them. They grabbed a crewman who was walking past and was too surprised even to scream. The pike was brought down on his head several times while the others tore his skin with their nails. His blood spread across the deck and ran along the grooves between the planks in the rain. His cutlass and club were pulled from his body and the men ran towards another sailor, who turned on his heel and bolted. A blow from the cutlass caught him on the back of the head and he sprawled on the deck and rolled until he came to rest against the side. He held his

A alegria em atirar o marinheiro ao mar exemplifica que, ao fazê-lo, os escravos sentiam que deixavam de ser escravos, invertendo seus papéis no navio. Voltam a ser agentes, a ter domínio sobre suas vidas, a andar sem correntes no convés, a não serem mortos, e sim matar, e mesmo com poucas armas, usam as próprias unhas para ferir o inimigo. Novamente, a água espalha sangue pelas tábuas do convés, mas não mais o sangue dos escravos ou o sangue menstrual de Mintah e sim, pela primeira vez, o sangue daqueles que lhes batiam e aprisionavam. Embora a descrição da morte dos dois marinheiros pareça cruel, sanguinária, é preciso lembrar que as condições às quais os escravos estavam sujeitados eram mais cruéis ainda, visto que morriam de forma ainda mais desumana: de fome, de sede, jogados vivos ao mar, e os que sobrevivessem nunca mais seriam livres. Porém, essa sensação de liberdade logo lhes é tirada, pois são capturados no convés logo a seguir:

> Uma pistola disparou e um dos jovens tropeçou ao ser atingido com um tiro de chumbo. Mintah virou-se. Ela viu cinco dos tripulantes avançando armados com pistolas. O capitão abriu caminho e falou. "Larguem suas armas ou vocês vão morrer onde estão!" (*F.T.G*, 1999, p. 107).[152]

Sem chances contra as armas de fogo que os tripulantes possuíam, os insurgentes são obrigados a se entregarem e o motim acaba, sem grande sucesso. Como castigo, os cinco são amarrados no convés e cobertos com uma lona. Nesse momento, debaixo da lona, com a chuva caindo sobre ela e assistindo às outras mortes, os cinco dissidentes cantam, como forma de lamentar seu infortúnio. A canção é triste e reflete a falta de esperança após o fracasso do motim:

> Estamos na água longe de casa
> Estivemos na água desde sempre
> Parece que estamos todos sozinhos.
> Não estamos e a água não é o lar,
> Nunca poderia ser um lar; nem agora ou nunca.

---

cutlass but was too slow to draw it. The men clubbed him and chopped him around his head and shoulders. His hands came up and his left arm was chopped clean through by the cutlass swung by one of the men. He looked at his arm. Mintah signalled them to stop. The sailor swayed on his knees. Mintah grabbed him and the men helped her lift him. They hoisted hum high into the air, screamed in triumph and threw him over the side.

[152] A pistol fired and one of the young men staggered as he was hit with partridge shot. Mintah turned. She saw five of the crew advancing armed with pistols. The captain pushed to the front and spoke./ 'Drop your weapons or you will all die right where you stand!'

(*F.T.G*, 1999, p. 114).[153]

Em contraste com a esperança anterior nas canções antes do motim, aqui a canção ressalta a desesperança, o fracasso, a solidão, já que sabem que não haverá outra chance de se libertarem. Além do castigo aos dissidentes, os escravos nas celas pegos fora das correntes também apanham, além de terem sua comida suspensa. Enquanto os marinheiros esperam que o capitão ordene vingança, ele pondera o quanto perderia matando cinco escravos jovens e saudáveis e afirma: "Eles são saudáveis. Eles irão atingir um preço mais alto na Jamaica do que qualquer seguro pode pagar." (*F.T.G.*, 1999, p. 107).[154] Apesar do desejo de se vingar, o desejo de lucrar fala mais alto para o capitão Cunningham. Os marinheiros se incomodam com isso, mas devem obedecer, e apenas um deles ousa bater nos escravos, embora furtivamente: "Quando ocorreu a ele e quando ele tinha certeza de que não estava sendo observado, o homem designado para vigiá-los daria um golpe furtivo com seu porrete nos corpos cobertos." (*F.T.G.*, 1999, p. 110).[155] Porém Kelsal ordena que nada façam contra os escravos e a punição maior a eles será ficarem amarrados no convés assistindo às mortes de outros escravos. Em casos de rebelião, muitos eram severamente castigados, enquanto outros acabavam sendo mortos, também com o objetivo de incutir medo nos sobreviventes. Porém, como se o castigo e a falha no motim não bastassem, muitos escravos eram obrigados a assistir a morte de seus companheiros e a se livrar de seus corpos:

> Além disso, para manter a obediência contínua das regras do navio, alguns prisioneiros eram obrigados a jogar fora do navio o corpo de um companheiro morto, segurar a cabeça ou beijar os lábios de um cúmplice decapitado, ou mesmo comer o coração de um marinheiro por cuja morte ele pudesse ter sido responsável durante a rebelião. (MUSTAKEEM, 2007, p. 370).[156]

A degradação e a desumanização dos escravos eram importantes para os capitães e marinheiros, pois só assim conseguiam impor ordem no navio e evitar novos motins, e tais castigos degradantes asseguravam isso, como ocorre com Mintah que, ali, amarrada

---

[153] We are on water far from home// We have been on water forever// It seems we are all alone.// We are not and water isn't home,// Can never be home; not now or ever.
[154] They are healthy. They will fetch more in Jamaica than any insurance can pay.
[155] When it occurred to him and when he was sure he was unobserved, the man assigned to watch them would take a surreptitious swing with his club at the covered bodies.
[156] Additionally, to maintain continued obedience of ship rules, some captives were required to either throw over the body of a dead shipmate, hold the head or kiss the lips of a decapitated cohort, or even eat the heart of a seaman they may have been responsible for killing during rebellion.

aos colegas insurgentes, sentirá culpa: "Mintah olhou para uma mulher cujos olhos encontraram os dela e culparam-na por nada. No entanto, para Mintah, eles pareciam querer que ela fizesse alguma coisa, sem saber o que, por pouco que fosse." (*F.T.G.*, 1999, p. 126).[157] Por isso ela ainda tentará ajudar, de alguma forma, os escravos prestes a serem mortos, chamando-os, perguntando-lhes o nome: " 'Seu nome! Qual é o seu nome?' [...] / "Por quê? Como isso me salvará?" / "Vou me lembrar de você! Outros se lembrarão de você!" [...] "Eu sou Ama!'" (*F.T.G.*, 1999, p. 126-127).[158] A memória é o único alento que Mintah pode oferecer para os outros. A sua memória irá conservá-los, e através dela, conseguirá esculpir todos os que morreram ali, dando-lhes em memória a vida que perderam.

Os castigos eram comuns nos navios negreiros, por qualquer coisa que os marinheiros considerassem "insolência", porém, nesse caso, o capitão sabia que como já havia matado muitos escravos e mataria outros, não era sensato perder mais cinco que eram saudáveis e seriam bem vendidos na Jamaica. Porém, em outras circunstâncias, não hesitava em permitir punições. Mas, os castigos agravavam a baixa imunidade dos escravos em alto mar e com a saúde já debilitada, a violência recebida podia ser a gota d'água para a morte. O primeiro castigo, ainda antes da entrada no navio negreiro, que se constituía uma tortura, era a marcação do escravo com ferro quente, indicando a quem ele pertencia, embora, para os europeus, tal não se constituísse tortura:

> Aos portugueses é creditada a prática inicial da marcação (o carimbo) na década de 1440, que tipicamente envolvia o uso de um instrumento de prata quente que deixava uma marca vermelha no ombro, peito ou parte superior dos braços das populações escravizadas. Essas marcas queimadas geralmente simbolizavam a prova dos impostos pagos, a propriedade - por meio do uso do brasão real ou dos nomes das companhias que compraram cativos - e até mesmo o batismo em que uma pequena cruz era queimada no peito de uma pessoa escravizada. (MUSTAKEEM, 2007, p. 369).[159]

---

[157] Mintah looked at a woman whose eyes met hers and blamed her for nothing. Yet to Mintah they seemed to want her to do something, without knowing what, however little.

[158] 'Your name! What's your name?'[…] / 'Why? How will it save me?'/ 'I will remember you! Others will remember you!'[…] 'I am Ama!'

[159] The Portuguese are credited with the early practice of branding (the carimbo) in the 1440s, which typically involved the use of a hot silver instrument that left a red mark on the shoulder, breast, or upper arms of enslaved populations. These burned marks generally symbolized proof of paid duties, ownership—through use of the royal coat of arms or the names of companies that purchased captives—and even baptism in which a small cross was burned into an enslaved person's chest.

A cicatriz da marcação em brasa era uma humilhação ao escravo, pois virava símbolo de sua transformação em mercadoria, e ele a carregaria para sempre e mesmo que fugisse de sua vida de escravidão, ainda poderia ser identificado como escravo, objeto, como alguém que não tinha autoridade sobre si mesmo. Apesar de toda esta carga negativa, a marcação com ferro quente não era a pior das violências imputadas aos escravos. A bordo do navio negreiro, ainda seriam acorrentados, normalmente pelos tornozelos, cintura, pulsos e pescoço, aos pares, impedidos de andar livremente, com pouquíssimo espaço, sem ventilação, em um ambiente quente e sem medidas sanitárias. Eram obrigados a suportar essa situação de degradação sem reclamar, pois quando tal acontecia, podiam ser chicoteados no convés, aos olhos de outros escravos, servindo como exemplo para aqueles que tentassem algum tipo de insubordinação: "A resistência permaneceu uma constante ameaça que os cativos usavam contra sua escravização. Em retaliação, muitos comerciantes de escravos confiavam na tortura pública como um meio de frustrar futuras tentativas de liberdade." (MUSTAKEEM, 2007, p. 370). [160]

Assim o foi quando Mintah, após ousar chamar o nome de Kelsal, dançar no convés e dizer que era batizada, foi espancada por Kelsal, que se sentia enraivecido por uma escrava ter coragem de desafiá-lo. O capitão ordena que Kelsal "Lembre esta fêmea de seu lugar." (*F.T.G.*, 1999, p. 32) [161], e, claro, o lugar de uma escrava era nas celas, calada e submissa. Para ensinar isso a Mintah, Kelsal usa nela não sua chibata, mas um porrete, até que desmaie:

> Ele começou a bater nos ombros de Mintah. Ela gritou. Ele deslocou sua atenção para as costas dela, então abaixo até suas nádegas, então para as pernas, percorrendo todo um lado e depois o outro. Ela berrou e gritou seu nome, implorando que ele a poupasse. E quando Kelsal atingiu seu rim esquerdo pela segunda vez, conforme ele metodicamente batia em seu corpo, ela viu a água girando no convés, com a fibra na madeira reorganizada de linhas retas até um vórtice com um ponto escuro no centro que expandiu-se em círculos concêntricos até que cresceu em todo o convés, enchendo sua cabeça com som e escuridão.
> "Ela está desmaiada, Sr. Kelsal." (*F.T.G.*, 1999, p. 33).[162]

[160] Resistance remained a constant threat captives used against their enslavement. In retaliation, many slave traders relied on public torture as a means to thwart future attempts of freedom.
[161] Remind this female of her station.
[162] He began to beat Mintah on her shoulders. She screamed. He shifted his attention to her back then down to her bottom, then her legs, working his way up one side of her body and down the other. She screamed and shouted his name, begging him to spare her. And when Kelsal hit her left kidney for the second time as he methodically beat his way up her body, she saw water spinning on the deck, with the grain in the wood rearranged from straight lines into a vortex with a dark point at its centre that expanded into concentric circles until it grew into the entire deck, filling her head with soundlessness and blackness.

A surra é tão intensa, que Mintah desmaia, mas Kelsal não percebe. A descrição de seu desmaio é feita de forma metafórica, pois antes de desmaiar, o olhar de Mintah se centra sobre a água e a madeira, sendo ambos os elementos que tomavam conta de sua mente desde que subira a bordo: a água lhe tirava as esperanças e a madeira era a memória feliz de sua infância com os pais. Enquanto apanha, olha a madeira molhada do convés, e esta madeira vai perdendo o foco e escurecendo, numa simbologia sobre sua própria esperança de vida dentro do *Zong*. Kelsal pensa em reanimá-la, para continuar a surra, pois não via sentido em continuar espancando-a se ela estava desacordada e não sentiria. Sua ânsia em ensinar a ela "seu lugar" o cega e ao ver o olhar reprovador dos outros marinheiros, que perceberam que ele iria matá-la, resolve parar, não sem antes pensar que "Se ela tivesse chamado os nomes deles como tinha chamado o dele, eles sentiriam diferente." (*F.T.G.*, 1999, p. 33).[163] O espancamento de Mintah parece lhe dar autoridade, mostrando a seus homens que escravo algum poderia ser insolente a ponto de chamar seu nome. Normalmente, o objeto usado para bater nos escravos era a chibata, mas Kelsal chuta longe sua chibata, escolhendo um porrete, propositadamente. Kelsal queria causar mais dor do que o chicote podia ofertar. Os defensores da escravidão justificavam tais violências ao descrever os africanos como "Crianças que necessitam da benevolência e orientação imperial. Assim, os escravos poderiam ser elevados de seu estado primitivo apenas com o auxílio da civilização europeia; sem ela, inevitavelmente recuariam na escuridão." (DIEDRICH, GATES e PEDERSEN, 1999, p. 7)[164], o que, então, justificava qualquer tipo de tortura, haja vista que por serem crianças, os adultos (no caso, os europeus) precisavam castigá-los até que se comportassem como lhes era ordenado, nem que tais castigos constituíssem-se como movimentos sádicos de marinheiros bestiais: "Embora a decapitação e a castração fossem métodos comuns de punição para os cativos resistentes, não era incomum que os africanos escravizados tivessem água fervente ou gordura derramada neles." (MUSTAKEEM, 2007, p. 370).[165]

'She's out, Mr. Kelsal.'

[163] If she had called their name like she had called his, they would feel differently.

[164] children in need of imperial benevolence and guidance. Thus, slaves could be raised from their primitive state only with the aid of European civilization; without it, they would inevitably recede into darkness.

[165] While decapitation and castration were common methods of punishment for resistive captives, it was not uncommon for enslaved Africans to have boiling water or fat poured on them.

Após a tentativa do motim e captura de Mintah e dos demais, o capitão ordena que não sejam mortos, pois preferia vendê-los, mas isso não impede que Mintah seja torturada, mesmo estando febril, doente, pelo tempo que permaneceu no convés, amarrada, sob a chuva, e também por ver outros sendo atirados ao mar. Mintah chega a suplicar a Kelsal que a jogue ao mar, pois a dor de presenciar tantas mortes parece insuportável: "'Kelsal! Jogue-me no mar! Por favor, Kelsal. Jogue-me no mar! Kelsal!'" (*F.T.G.*, 1999, p. 131)[166], mas Kelsal não o faria, pois, o capitão lhe ordenara que mantivesse Mintah viva, e também por que ele não queria lhe aplacar os sofrimentos. Assim, ela é amarrada nas celas das mulheres: "Mintah foi acorrentada com as mulheres, e Kelsal se assegurou que seu lenço fosse amarrado ao redor de sua boca e seus braços acorrentados atrás de suas costas, bem como suas pernas acorrentadas fossem presas ao assoalho." (*F.T.G.*, 1999, p. 132).[167] Vemos que para não ouvir seu nome ser pronunciado novamente por ela, Kelsal lhe enfia um lenço na boca. De todas as formas, o escravo era silenciado, seja através da ameaça, da chibata, ou de um lenço impedindo sua fala. A narração heterodiegética mostra Mintah, com febre, se sentindo fora de seu corpo, como se olhasse para outra pessoa:

> As pessoas próximas a ela pareciam estar fora de seu alcance. Suas vozes e comandos soavam como se estivessem vindo de um vale onde eles não podiam ser vistos como mais do que pontos ou manchas em uma encosta, e todas as suas palavras individuais foram soldadas em um som que podia passar como um chamado de quaisquer criaturas comuns aos vales. Mãos a empurraram. Ela sentiu uma sacudida, mas não registrou nenhuma dor, não mãos sobre ela, mas mãos que ela viu que fizeram contato com seu corpo, e ela supôs pelas mãos e pela sacudida que tinha sido tocada, batida, socada ou simplesmente empurrada em alguma direção exigida por aquela mão. As dimensões de seu corpo se afastaram dela. Derretidas da cabeça dela. Com os olhos fechados ela não tinha ideia de onde seus pés terminavam e o navio começava ou o ar ou o corpo de outra pessoa. O convés em que ela se deitava não era duro para ela, nem úmido nem quente. Ela não sentia nada, nem mesmo entorpecimento. Onde ela terminava e o assoalho começava era algo que seus olhos abertos não podiam julgar. Seus olhos olharam para fora de um lugar onde ela se sentia uma estranha e eles viram um mundo que não significava nada para ela. Ela não tinha lugar nele. (*F.T.G.*, 1999, p. 132).[168]

---

[166] 'Kelsal! Throw me into the sea! Please, Kelsal. Throw me into the sea! Kelsal!'

[167] Mintah was chained with the women, and Kelsal made sure his kerchief was secured around her mouth and her arms chained behind her back as well as bolting her chained legs to the deck.

[168] People next to her seemed beyond her reach. Their voices and commands sounded from across a valley where they could not be seen as more than dots or specks on a hillside, and all their individual words were welded into one sound that might pass as a call from any number of the creatures common to valleys. A hand pushed her. She felt a jolt, but registered no pain, not a hand on her but a hand she saw that made

Nesse momento, Mintah passa por um processo no qual não se reconhece, não sente nada, como uma forma de não sofrer e não sentir a tristeza por tudo o que vivenciara, numa espécie de apagamento de sua memória, esquecimento do que lhe ocorrera no *Zong*, já que lembrar dos eventos traumáticos a fazia sofrer e se sentir culpada. Este mundo para o qual ela olha é o *Zong*, e sente não pertencer a ele, com sua dureza e desumanidade, parecendo esperar a morte como alívio. Percebemos que em algum momento ela parece receber algum castigo, talvez socos ou tapas, mas ela não sabe identificar nada. Mais adiante na narrativa, através da memória de Mintah na Jamaica, ela perceberá que não queria mais ser identificada como Mintah. Já vimos que Mintah amaldiçoa seu próprio nome quando os escravos prestes a serem mortos o chamavam. Ela passara a ser a esperança do navio e falhara, o que faz com que não queira mais ser quem é. Assim, ela se lembrará que se sentira despossuída, sem identidade, querendo não mais ter um passado:

> Eu fiquei muda, entorpecida, imóvel, rígida, fria, recuei do meu nome para o meu corpo ou fugi desse corpo como aqueles dez fugiram do convés para o mar. Mais morte naquele convés do que no mar. O convés inconstante do mar era melhor do que o do *Zong*. Então eu não reconhecia meu nome. [...] Não se lembrar desse nome, nem estar associada a ele, nem ver um corpo que se encaixa nele, nem um passado que pertence a ele. Esvaziar-me de meu nome e deixar o mar tomar o seu lugar. (*F.T.G.*, 1999, p. 214).[169]

Mintah, em seus delírios de febre, esconde-se por trás do esquecimento, tentando não mais ser aquela que tentara um motim e falhara, aquela que não conseguira salvar a vida de 131 colegas doentes. Mintah parece desejar a morte, algo talvez melhor do que a vida no *Zong*. Era comum no navio negreiro que os africanos sofressem crises com suas identidades, pois no mar não eram mais quem costumavam ser em suas vilas. Ali eram

---

contact with her body, and she surmised from the hand and the jolt that she had been touched, hit, punched, slapped or simply pushed in some direction required of her by that hand. The dimensions of her body fell away from her. Melted out of her head. With her eyes shut she had no idea where her feet ended and the ship began or air or another's body. The deck she lay on did not feel hard to her or damp or hot. She felt nothing, not even numb. Where she ended and the deck began was something her open eyes could not judge. Her eyes looked out of a place she felt a stranger to and they saw a world that meant nothing to her. She had no place in it.

[169] I became dumb, numb, still, stiff, cold, retreated from my name into my body or fled that body as those ten fled the deck into the sea. More death on that deck than in the sea. The shifting sea's deck preferred to the *Zong*. So that I did not recognize my name. […] Not to remember that name, nor be associated with it, nor see a body that fits it, nor a past that belongs to it. To empty myself on my name and have sea take its place.

escravos, objetos, seres que tinham um dono. Não podiam mais pertencer à sua comunidade, mas também não sabiam para onde iriam, e o navio representava uma incógnita, bem como o mar. A alta taxa de mortalidade nos navios negreiros era algo incompreensível para os africanos, pois não entendiam por que alguns morriam e outros não, por que eram acometidos de doenças e outros não. Como não tinham contato prévio com a maioria das doenças que os acometiam na passagem intermédia, atribuíam as mortes a forças sobrenaturais:

> Longe de equações simples baseadas em circunstâncias, os padrões de vida e morte a bordo do navio eram complexos e misteriosos. As circunstâncias da morte não eram explicações em si mesmas, mas sim sinais - indicadores de atividade entre as forças sobrenaturais que possuíam o poder real. (SMALLWOOD, 2007, p. 139).[170]

Além disso, o fato de não poderem fazer os rituais mortuários que suas religiões previam, para que a alma do morto pudesse voltar à sua terra e protegê-la junto aos mortos, fazia com que ficassem mais e mais apreensivos e temessem a morte. Os cadáveres eram lançados ao mar e muitos deles criam que a alma do falecido vagaria para sempre no mar infinito.

As mortes nos navios eram registradas no diário de bordo pelo capitão e sinalizavam as perdas econômicas que a viagem traria. Porém, essa contabilidade não reflete o significado de cada morte para os vivos que ficavam. Cada número no diário de bordo era uma história perdida, como entende Smallwood (2007), ao analisar o diário de bordo do navio *James*, comandado pelo capitão Peter Blake em 1675:

> A mortalidade no Atlântico provocou uma crise de enormes proporções, uma vez que os africanos trabalhavam sob o peso cumulativo dessas mortes que permaneciam sem solução. Para os cativos akanos, o *James* era o local de uma implacável acumulação de mortes incompletas, cada uma com seus próprios significados trágicos. Apanhados em uma armadilha, os africanos confrontavam uma crise dupla: o trauma da morte, e a incapacidade de responder adequadamente à morte. Essa violência indireta, sem dúvida, foi a experiência mais abjeta da travessia atlântica dos cativos. O custo para os africanos dessa travessia não pode ser adequadamente representado por nenhuma estatística. Mais fundamentalmente, na viagem marítima, até mesmo os africanos mortos foram escravizados e

[170] Far from simple equations based on circumstances, the patterns of life and death aboard ship were complex and mysterious. The circumstances of death were not explanations in themselves but rather signs—indicators of activity among the supernatural forces that possessed the real power.

> mercantilizados, presos num regime de espaço temporal no qual não conseguiram morrer completamente. (p. 152).[171]

Mas, no caso de Mintah, que deseja a morte mas não morre, que deseja não ser ela mesma, não se pode falar numa perda de identidade, e sim numa busca propositada de esquecer quem é, pois se sente culpada pelas mortes no *Zong*. Ela renega seu nome e se esconde no esquecimento que a febre lhe proporciona. Porém, por mais que busque esquecer o que se passara no *Zong*, isso não será possível, pois a memória dos 131 escravos a perseguirá, como fantasmas. E, na Jamaica, relembrará que as mãos a explorar seu corpo fizeram muito mais do que bater:

> Quem ordenou que pimenta fosse pingada em meus olhos? O Capitão Cunningham. Pimenta que Simon se recusou a buscar e foi colocado em ferros após uma surra do cozinheiro. E quem executou a ordem e por uma boa medida esfregou mais pimenta entre as minhas pernas e empurrou algumas para dentro do meu corpo? O segundo imediato e o contramestre. Quem assistiu e não fez nada para detê-los? Kelsal. Fogo foi despejado em mim. Lágrimas escaldaram meu rosto. As chamas rastejaram atrás de meus olhos e em meu crânio. O fogo entrou no meu corpo. Não havia água para apagar aquele fogo. Eu me tornaria brasas e cinzas. Eu rolei como o vento e caí como o mar até que fui amarrada. (*F.T.G.*, 1999, p. 215).[172]

No caso de Mintah, o castigo doloroso não a faria correr risco de vida, coisa que o capitão não queria arriscar, mas lhe causaria extrema dor, fazendo-a aprender a lição de nunca mais ousar falar nada para seus donos, nem tentar nada. O contraste entre o medo da água e o fogo que toma conta de seu corpo com a pimenta faz com que Mintah não veja saída para apalcar seus sofrimentos. A seguir, Mintah é alimentada à força, outra situação comum na passagem intermédia. No caso dos escravos que faziam greve de fome, com o objetivo de morrer e assim escapar da escravidão, os castigos eram

[171] Mortality on the Atlantic produced a crisis of enormous proportions, as Africans labored under the cumulative weight of these deaths that remained unresolved. For the Akan captives, the *James* was the site of a relentless accumulation of incomplete deaths, each one holding its own tragic meanings. Entrapped, Africans confronted a dual crisis: the trauma of death, and the inability to respond appropriately to death. This indirect violence, arguably, was the most abject experience of the captives' Atlantic crossing. The cost for Africans of that crossing cannot be adequately represented by any statistics. More fundamentally, on the sea voyage, even the African dead were enslaved and commodified, trapped in a timespace regime in which they were unable fully to die.

[172] Who ordered pepper to be daubed on my eyes? Captain Cunningham. Pepper Simon refused to fetch and was put in irons after a whipping from the cook. And who carried out the order and for good measure rubbed more pepper between my legs and pushed some up into my body? The second mate and the boatswain. Who watched and did nothing to stop them? Kelsal. Fire was thrown into me. Tears scalded my face. The flames crawled behind my eyes and into my skull. Fire entered my body. There was no water to put out that fire. I would become ash and cinders. I bowled like the wind and tumbled like the sea until I was tied down.

duríssimos, mas não a ponto de matá-los, pois, certamente, vivos eles valeriam mais a seus captores. Eram alimentados à força:

> Na maioria dos relatos da Passagem Intermédia, há casos em que os escravos se recusavam a comer. Confrontados com a determinação do escravo de morrer em vez de ser um escravo e as numerosas doenças que se espalhavam a bordo dos navios negreiros, muitos capitães e seus tripulantes forçavam os escravos a comer para proteger seu investimento. Enquanto alguns escravos eram torturados com anjinhos, um dispositivo doloroso que aplicava pressão aos dedos do escravo, outros tinham a boca aberta à força com instrumentos medievais e desumanos, como o *speculum orum* ou uma faca. (Consequentemente, quando a boca de um escravo era forçada a abrir, os lábios do escravo eram rasgados e os dentes eram quebrados. Não era incomum que a cabeça do escravo fosse mantida levantada enquanto a boca estava sendo aberta). Além disso, também era comum para um escravo que se recusava a comer que seus lábios fossem queimados com carvão quente ou sua boca forçada a abrir-se para receber comida. (BLY, 1998, p. 181).[173]

Equiano (1999) relata ter sido alimentado à força e chicoteado, por se recusar a comer. Os escravos eram forçados a engolir comida para não morrer de fome, mas, ainda assim, alguns persistiam na tentativa de morrer e voltavam a praticar a greve de fome. Diante disso, os capitães eram ainda mais duros, imputando castigos como a introdução de brasa de fogo na boca dos escravos, ou mesmo derrubando chumbo derretido em seus lábios. (MUSTAKEEM, 2007).

Como Mintah delira em febre e não come, talvez propositadamente, já que dá indícios de querer a morte, é alimentada à força através de um funil: "Eles me alimentaram e deram de beber me forçando um funil pela garganta. [...] Eu fui alimentada. Eu defequei onde estava. Me limparam. Eu fui virada de um lado para o outro." (*F.T.G.*, 1999, p. 216).[174] Mintah vive numa espécie de limbo, durante duas semanas, enquanto mal tem consciência de onde está e se nega a saber quem é: "Como

---

[173] In most Middle Passages accounts, there are instances where slaves refused to eat. Confronted with both the slave's resolve to die rather than be a slave and the numerous diseases that were spreading on board the slave ships, many captains and their crewmen forced the slaves to eat in order to protect their investment. While some slaves were tortured with thumb-screws, an agonizing device that applied pressure to the slave's digits, others had their mouth forcibly pried open with medieval and inhumane instruments, such as the speculum orum (a mouth opener) or a bolus knife. (Consequently, when a slave's mouth was forced open, the slave's lips were ripped and his teeth were broken. It was not unusual for the slave's head to be held in position while his mouth was being opened). In addition, it was also commonplace for a slave who had refused to eat to have his lips burned with hot coals or his mouth forced open to in order to get food down.

[174] They fed and watered me by forcing a funnel down my throat. […] I was fed. I made waste where I lay. It was cleaned from me. I was turned from one side to the other."

me encontrar nesse mar. Como sair dele. Ter algo mais do que água em minhas mãos. Encontrar um nome. Encontrar um nome ao qual eu possa responder sem ter que pensar nisso." (*F.T.G.*, 1999, p. 214).[175] Por fim, começa a recobrar a consciência e percebe mãos mais macias a tocando: são as escravas a lhe limpar, pentear seu cabelo e tratá-la como um ser humano, não parte de um rebanho que deve ser alimentado para não morrer de fome e dar prejuízo para seus donos. Essas mãos e as palavras que as acompanham, fazem com que Mintah, aos poucos, volte a saber quem é e aceite seu nome de volta:

> "Mintah", disse ela. "Sou Mintah."
> Esta era a voz dela. Não o vento nem o mar. Seus olhos se estreitaram e notaram um lugar quente, pungente, apertado, barulhento. Ela reconheceu isso e ela mesma nele. Tudo borrado. Isso era comovente. Ela não podia evitar isso agora. O vento inclinou o navio. O mar tornou isso fácil.
> "Sou Mintah. Fui jogada no mar e o deus da madeira me estendeu a mão e eu a peguei e saí do mar ." (*F.T.G.*, 1999, p. 134).[176]

Embora se esconder no limbo de sua inconsciência, onde não havia memórias, nem dor, nem sofrimento, nem culpa, parecesse mais fácil a Mintah, ela sabe que não poderia viver assim para sempre e se emociona quando retoma a consciência de quem era e onde estava, sentindo seu próprio corpo e ouvindo sua própria voz, entendendo-se novamente como Mintah, percebendo-se dona daquele corpo "quente, pungente, apertado, barulhento", seu próprio eu. Sente que nunca poderá se livrar daquelas memórias, mas percebe que os demais escravos não a culpavam por nada, mas a celebravam, por sua coragem em tentar ajudá-los: "A notícia foi transmitida aos homens de que Mintah estava de volta, e eles comemoraram batendo as correntes, e os punhos, e os pés no convés e com aplausos. As crianças cantaram algo com o meu nome." (*F.T.G.*, 1999, p. 216).[177] Sua recuperação é celebrada pelos demais, o que faz com que

---

[175] How to find myself in that sea. How to rise from it. Have something more than water in my hands. Find a name. Find a name I can answer to without having to think about it.

[176] 'Mintah', she said. 'I am Mintah.'
This was her voice. Not the wind nor the sea. Her eyes narrowed and took in a hot, pungent, cramped, noisy place. She recognised it and herself in it. Everything blurred. This was crying. She couldn't help it right now. Wind leaned the ship. Sea made it easy.
'I am Mintah. I was thrown into the sea and the god of wood held out his hand to me and I took it and climbed out of the sea.'

[177] The news was passed to the men that Mintah was back again, and they celebrated by clanking their chains and banging their fists and feet on the deck and with cheers./ The children sang something with my name in it.

Mintah aceite ser quem é, aceite seu passado e suas memórias e tente fazer com elas algo para homenagear os mortos no mar pelo *Zong*.

A recuperação de Mintah coincide com a chegada à Jamaica, onde os escravos serão vendidos. Porém, o mercado na Jamaica não estava muito favorável, e o *Zong* zarpou para Maryland, para lá completar suas vendas. Aqui, vemos que o *Zong* vai completar o trajeto do Comércio Marítimo Triangular, nome dado ao comércio realizado na rota em formato de triângulo entre Europa-África-Novo Mundo-Europa, no período em que a escravidão negra vigorou na Europa.

Quando a América foi "descoberta", a importância de tal feito não se resumiu às riquezas naturais que o Novo Mundo podia oferecer, mas sim no grande mercado que tal região seria aos produtos europeus, além do potencial de produtor de matérias primas, por isso, desde o início da exploração das colônias, até o uso de escravos africanos para trabalhar nelas (dada a grande produtividade das colônias, que demandavam muitos trabalhadores) e a predominância da Inglaterra como maior país comerciante de escravos, o comércio triangular marítimo se mostrou extremamente lucrativo para as nações que nele se engajavam. Em especial, pode-se afirmar que a Inglaterra tenha sido o estado europeu que mais obteve lucro com tais transações comerciais, pois possuía mais colônias nas Índias Ocidentais que seus vizinhos europeus. (WILLIAMS, 2012). Sucintamente, Eric Williams assim descreve o Comércio Marítimo Triangular:

> No comércio marítimo triangular, a Inglaterra- bem como a França e a América colonial- fornecia os navios e os produtos de exportação; a África, a mercadoria humana; as fazendas, as matérias-primas coloniais. O navio negreiro saía da metrópole com uma carga de artigos manufaturados. Estes eram trocados com lucro por negros na costa da África, os quais eram vendidos nas fazendas com mais lucro, em troca de uma carga de produtos coloniais que seriam levados de volta ao país de partida. (p. 90).

O navio que partia da Inglaterra ia carregado de produtos manufaturados que pudessem interessar aos comerciantes africanos, como armas, ferro, tecidos, bebidas alcoólicas, entre outros, que eram trocados por escravos. Dali, o navio negreiro enfrentava a passagem intermédia até o Novo Mundo (no caso da Inglaterra, as Índias Ocidentais eram seu destino certo), onde os escravos podiam ser trocados por dinheiro ou mercadorias como açúcar, tabaco, rum, melaço, coco, etc., que seriam levadas à

Inglaterra, onde seriam processados. (AVITABLE, 2007). A lógica do comércio triangular marítimo era infalível, pois preenchia as necessidades de todos os envolvidos — exceto, é claro, dos escravos, que eram transformados, também, em mercadoria nestas transações.

A venda dos escravos no Novo Mundo ocorria primeiro nas ilhas produtoras de açúcar, pois eram os locais que mais demandavam escravos e que mais dariam lucro à Europa. Para os negreiros, vender os escravos era mais complicado do que obtê-los na África, pois o mercado exigia escravos com um determinado perfil para o trabalho no campo. Trazê-los para a América dobrava seu valor, mas também diminuía sua qualidade, pois a viagem era penosa e eles chegavam cansados, doentes, desnutridos. Os fazendeiros queriam duas vezes mais homens do que mulheres, e escravos não muito jovens nem muito velhos, o que era impossível para os mercadores concretizar, e aqui entende-se a razão de o Capitão Cunningham não ter querido matar os jovens escravos que se amotinaram no *Zong*. Assim, a venda destes escravos envolvia, também, um certo trabalho de *marketing* por parte dos negreiros, para convencer algum fazendeiro de que sua compra seria lucrativa. A economia perversa do tráfico negreiro fazia com que os escravos recebessem uma boa alimentação, água fresca e banhos, após meses de sua captura em África, apenas quando iam ser expostos para a venda. É o que acontece no *Zong*, pois ao chegarem à costa, o capitão anuncia que os escravos comeriam o dobro.

Os escravos eram escolhidos pelos compradores como cavalos: era vistos nus e os mais fortes, jovens e bonitos eram comprados mais facilmente e atingiam bons preços. Os mercadores tentavam melhorar a aparência dos escravos, dando-lhes banho, raspando-lhes os cabelos para que os piolhos não fossem vistos, untando seus corpos com algum tipo de óleo para que a pele macilenta não fosse notada. (SMALLWOOD, 2007).

Apenas alguns grandes plantadores na Jamaica compravam escravos em maior quantidade, mas a demanda da ilha ainda era insuficiente para sustentar um mercado viável de escravos. Assim, como os compradores jamaicanos não davam conta de comprar o navio todo, mas queriam os escravos melhores, os mercadores criavam "lotes", nos quais mesclavam homens e mulheres. Os mais velhos e crianças eram quase sempre vendidos separadamente. Isso garantia a venda das mulheres e também garantia de que os escravos teriam esposas. Aqueles que não eram colocados em lotes podiam

ser colocados em novos navios e vendidos para territórios espanhóis na América do Sul (SMALLWOOD, 2007).

Estudando a relação entre o avanço do capitalismo e o uso da escravidão, Eric Williams (2012) acredita que foi o comércio triangular marítimo que forneceu à indústria britânica um estímulo gigantesco, impulsionando diversos de seus setores com base na exploração da mão-de-obra negra que parecia infindável.

> Williams argumentou que os comerciantes ingleses ganhavam enormes lucros com a troca de bens manufaturados por escravos na África, vendendo os escravos no Caribe e vendendo os produtos da plantação ao retornar à Grã-Bretanha. Este argumento assaltou o próprio fundamento do desenvolvimento econômico ocidental, atribuindo a notória primazia do comércio de escravos em provocar a Revolução Industrial Britânica. (AVITABLE, 2007, p. 381).[178]

Muitos críticos argumentaram contra a ideia de Williams de que "Os lucros obtidos [com o comércio marítimo triangular] forneceram um dos principais fluxos de acumulação do capital que, na Inglaterra, financiou a Revolução Industrial." (WILLIAMS, 2012, p. 90), porém, é inegável que a escravidão tenha sido uma grande mola propulsora do capitalismo na Inglaterra, haja vista que as Índias Ocidentais faziam o império Britânico lucrar mais do que o que conseguia com sua produção interna: "Os lucros de uma fazenda canavieira em qualquer uma de nossas colônias das Índias Ocidentais são geralmente muito maiores do que os de qualquer outra cultura agrícola que se conheça na Europa ou na América." (SMITH, 2003, p. 366).

Na Jamaica, o *Zong* não consegue vender muitas mulheres: "Alguns homens foram vendidos e um punhado de crianças, mas o restante de nós teve de ir para Maryland." (*F.T.G.*, 1999, p. 217).[179] É o que ocorre com Mintah, que acaba sendo vendida em Maryland, nos Estados Unidos. Para ela, a vista do solo jamaicano trouxera alívio, pois imaginava nunca mais precisar ver o mar: "O solo que eu beijei quando desembarquei pela primeira vez era jamaicano. Partir de lá para o mar novamente no *Zong* me fez arrancar meus cabelos." (*F.T.G.*, 1999, p. 207).[180]

---

[178] Williams argued that English merchants earned enormous profits from exchanging manufactured goods for slaves in Africa, selling the slaves in the Caribbean, and selling the plantation commodities upon returning to Britain. This argument assaulted the very foundation of Western economic development, assigning the notorious slave trade primacy in causing the British Industrial Revolution.

[179] Some men were sold and a handful of children, but the rest of us had to move on to Maryland.

[180] The soil I kissed when I first landed was Jamaican. To leave there for the sea again on the *Zong* made me pull my hair.

Era nesse momento que as poucas "amizades" feitas a bordo se desfaziam, pois eram separados, e os escravos se viam mais sozinhos do que nunca, como relata Equiano (1999): "Desta forma, sem escrúpulos, são parentes e amigos separados, a maioria deles para nunca mais se ver." (p. 36).[181] Todos os escravos eram vendidos, mais cedo ou mais tarde. Nenhum retornava à África, pois os que não eram vendidos de início, os "refugos", eram comprados depois por baixo preço por compradores que pretendiam fazê-los se recuperar de doenças para revendê-los, embora muitos morressem nesse meio tempo.

Mintah se depara com a separação dos poucos amigos que fizera no navio: "Aqueles que saíram disseram que nunca me esqueceriam. Prometi uma lembrança semelhante." (*F.T.G.*, 1999, p. 217).[182] A promessa de lembrar-se não parece necessária a Mintah, pois sua mente se enche das memórias de todos aqueles que, como ela, sofreram no navio. Mintah se vê separada dos companheiros do *Zong* e percebe que não mais verá a África, que não possui mais um lar. A bordo do *Zong*, novamente, percebe que: "Havia mais terras para ver, e não era a terra que eu tinha deixado que eu tinha chamado de lar." (*F.T.G.*, 1999, p. 217).[183] Todas as memórias de África parecem continuar presentes em Mintah, que, na velhice, se lembra dos pais, da madeira, da missão, de Kelsal, dos missionários: o que morre é a esperança de voltar ao solo natal algum dia. Era assim para praticamente todos os que cruzavam o Atlântico como escravos: não possuir mais um lar, uma família, um local amigável, tranquilo, não pertencer mais a uma comunidade. A única chance de minimizar essas lembranças era pelo esquecimento, parecendo impossível a Mintah, o que se evidencia no modo como trabalha a madeira, esculpindo os mortos do *Zong*. Para muitos, havia a tentativa de construir nova família, mas Mintah não se permite isso, como veremos adiante.

4.4 AS MEMÓRIAS DOS OUTROS

4.4.1 O TRIBUNAL

[181] In this manner, without scruple, are relations and friends separated, most of them never to see each other again.
[182] Those who left said they would never forget me. I promised then a similar remembrance.
[183] There was more land to see, and it wasn't the land I had left that I had called home.

O capítulo 9 do romance *Feeding the Ghosts* trata do julgamento do capitão do navio *Zong* e dos 131 mortos a bordo. Ele se inicia com o chefe de justiça do caso, Lorde Mansfield, dando início ao que ele chama não de julgamento criminal, mas de audição, que, de toda forma, funcionava como um julgamento, o qual ele presidiria e daria um veredito final. Antes de iniciarmos a análise desse capítulo, porém, importa aqui explicar que, como o romance é histórico, sua base é o caso real do navio *Zong*, por isso, é importante explanar como se deu, de acordo com os registros históricos, o caso *Zong* e seu julgamento. Não são encontradas muitas informações, visto o caso ter ocorrido no fim do século XVIII e na época, poucas informações foram arquivadas sobre ele. Ademais, as que existem se baseiam, a maioria, nas vozes ouvidas no tribunal, sendo que nenhum escravo foi ouvido, pois nesse período da história nem escravos nem negros livres podiam servir como testemunhas em tribunais.

O *Zong* saiu de Liverpool para a Costa do Ouro em busca de escravos em março de 1781, mas naquele momento era uma embarcação holandesa, tendo sido adquirida por um grupo de negreiros, sob o comando de William Gregson, quando já estava na costa africana e carregado com 244 escravos. Então quem assumiu o comando foi o capitão Luke Colingwood, que também era o "médico" a bordo (as aspas aqui se dão por não haver informações sobre a formação do capitão, na época a maioria dos médicos que acompanhavam os navios negreiros não tinha formação específica na área). Numa viagem longa, passou pela Costa do Cabo e conseguiu encher o navio com 459 escravos, saindo em direção à Jamaica em setembro de 1781 e lá chegando em dezembro de 1781, vendendo seus escravos e retornando a Liverpool em maio de 1782. (WALVIN, 2011). Durante a viagem, o capitão decidiu jogar 132 escravos doentes no mar, sob a alegação de que estavam doentes demais e poderiam contaminar o restante dos escravos, sendo que 7 tripulantes e 50 escravos já haviam morrido. O navio teria ficado com pouca água e comida, pois a viagem se estendera mais do que o esperado, devido a um erro de cálculo dos tripulantes, que vendo a costa da Jamaica, a confundiram com a ilha francesa de Santo Domingo e, com medo de ataques, teriam desviado, demorando a perceber o erro. Isso teria impelido o capitão a ordenar as mortes. De acordo com as informações que foram dadas no tribunal mais tarde, o capitão do navio teria ficado doente desde o início, e Walvin (2011) acredita que o comando não foi dado ao primeiro imediato, mas a um passageiro (não era incomum um

navio negreiro trazer passageiros da África, normalmente negreiros, negociadores de escravos), o senhor Robert Stubbs, que também já havia sido capitão e negociava escravos. Porém, essas informações nunca foram oficializadas, sendo que o capitão Collingwood morreu pouco tempo antes de o navio retornar a Liverpool, não tendo participado do julgamento.

De volta a Liverpool, o grupo que era dono do *Zong*, liderado pelo negreiro William Gregson, decidiu reclamar o dinheiro dos seguradores, que se recusaram a pagar, o que levou o caso a julgamento. (THE ZONG CASE STUDY, online, 2015). Assim, o julgamento do *Zong* não tinha como foco o assassinato de 132 escravos, mas o pagamento do seguro:

> Quando os proprietários do navio tentaram reivindicar o dinheiro do seguro, a companhia de seguros se recusou a pagar e o caso foi para o tribunal na Inglaterra. Ninguém no caso *Zong* foi processado por assassinato. E no final, o tribunal foi favorável aos proprietários, declarando o afogamento dos escravos como perda de mercadoria. (HEPBURN, 2007b, p.145).[184]

Houve uma apelação e o caso foi parar na corte do juiz Lorde Mansfield, em 1783, e mais uma vez os investidores ganharam o caso contra os seguradores. Houve a participação do famoso abolicionista Granville Sharp (1735-1813) e do escritor Olaudah Equiano, ambos apelando para que o tribunal fosse tratado como um caso de assassinato, o que não ocorreu. Os advogados de defesa alegaram que escravos eram gado, foram comparados a cavalos, e como tais, quando doentes e podendo infectar os demais, deviam ser afastados.

> O advogado dos proprietários sustentou que, por uma questão legal, os escravos eram bens móveis, uma espécie de propriedade, e não seres humanos. Como tal, o capitão Collingswood tinha agido dentro de seu discernimento como mestre do navio em jogar os escravos ao mar. A necessidade tinha exigido que ele fizesse isso para salvar a tripulação e os escravos restantes e para garantir o sucesso do empreendimento para aqueles que o haviam contratado. O chefe de justiça Mansfield aceitou este raciocínio, e confirmou a decisão do tribunal inferior. Mansfield compreendeu a importância do caso e ordenou um novo

[184] When the ship's owners tried to claim the insurance money, the insurance company refused to pay and the case went to court in England. No one in the Zong case was prosecuted for murder. And in the end, the court ruled for the owners, declaring the slaves' drowning a loss of merchandise.

> julgamento, um julgamento que nunca foi realizado. (REFFORD, 2007, p. 406-407).[185]

Ao analisar o caso *Zong*, Walvin (2011) acrescenta ainda que o navio estava superlotado, o que era quase regra para os navios negreiros de então:

> Com 110 toneladas, ela [a embarcação] era relativamente pequena, e quando finalmente embarcou na sua travessia do Atlântico, em 6 de setembro de 1781, estava carregando 459 pessoas. Embora a economia do comércio de escravos houvesse determinado há muito tempo que os comerciantes enchessem seus navios tanto quanto a eficiência e a administração segura permitiam, o *Zong* estava mais lotado do que a maioria dos navios negreiros da época. Um navio de escravo britânico típico desse tamanho e naquele tempo só teria transportado cerca de 193 africanos. (p. 27).[186]

Nada disso parece ter sido mencionado no tribunal. Porém, houve certa repercussão a favor dos abolicionistas, principalmente pelo envolvimento de Sharp e Equiano, figuras importantes na luta pela abolição na época: "O caso *Zong* criou uma sensação pública, e foi oferecido como um exemplo da barbárie do tráfico africano de escravos." (REFFORD, 2007, p. 407).[187] Entretanto, na Inglaterra, a abolição do tráfico negreiro só veio em 1807, com as pressões constantes das sociedades abolicionistas sob liderança do parlamentar William Wilberforce (1759-1833).

A história real do *Zong* nos importa aqui na medida em que Fred D'Aguiar se inspirou nela para escrever seu romance, usando mesmo de elementos reais para dar mais veracidade a seu romance histórico. Assim, o nome do juiz que presidiu a corte se manteve o mesmo, Lorde Mansfield. O capitão do navio aparece com um nome similar: de Collingwood passou a Cunningham. E o primeiro imediato aparece com praticamente o mesmo nome: de Kelsall a Kelsal. Ora, já vimos que a história nunca é contada de forma inocente, sendo sempre um produto afetado pelas ideologias de quem

---

[185] Counsel for the owners maintained that as a matter of law slaves were chattels, a species of property, rather than human beings. As such, Captain Collingswood had acted within his discretion as master of the ship in throwing the slaves overboard. Necessity had required him to do so to save the crew and the remaining slaves and to ensure the success of the venture for those who had hired him. Justice Mansfield accepted this reasoning, and upheld the lower court ruling. Mansfield understood the importance of the case and ordered a new trial, a trial that was never held.

[186] At 110 tons, she was relatively small, and when she finally set out on her Atlantic crossing, on 6 September 1781, she was carrying 459 people. Though the economics of the slave trade had long determined that traders fill their ships as tightly as efficiency and safe management allowed, the *Zong* was more crowded than most slave ships of the period. A typical British slave ship of that size and at that time would only have carried around 193 Africans.

[187] The Zong affair created a public sensation, and was offered as an example of the barbarity of the African slave trade.

a conta. Assim, importa perceber que o que ficou registrado a respeito da história do *Zong* não foram as mortes e como e por que, de fato, ocorreram, mas um tribunal no qual os investidores, donos do navio, foram ressarcidos pelos seguradores, mesmo tendo jogado ao mar 132 escravos doentes, mas ainda vivos. E que nenhum escravo teve a chance de contar essa história. Por isso é que a narrativa ficcional de Fred D'Aguiar ajuda a dar voz justamente a quem não a teve, pois que silenciados por uma história seletiva. A história oficializada do *Zong* deu voz às memórias coletivas apenas de um grupo: os negreiros, dentre eles, os investidores, os tripulantes, o juiz, até mesmo os seguradores que, embora estivessem contra os investidores, não estavam preocupados com as mortes de 132 pessoas, mas apenas com o dinheiro que gastariam se tivessem que pagar o seguro por essas mortes. As memórias coletivas dos escravos a bordo do *Zong* que testemunharam as mortes de seus colegas jamais foram ouvidas e isso se dá por que a história é sempre condicionada a seu tempo e espaço, e, na época de ocorrência do *Zong*, escravos mal eram considerados humanos, não tinham direitos civis, portanto, não escreviam, não liam, não testemunhavam, com exceção de alguns poucos negros livres que conseguiam ser, ainda que minimamente, ouvidos, como é o caso de Olaudah Equiano. Assim, a história recontada do *Zong* por D'Aguiar funciona no sentido de tentar mostrar como seriam as memórias coletivas dos escravos a bordo do *Zong*, se pudessem falar. Aborda a escravidão e os escravos de modo a mostrar que eram grandes vítimas de uma lógica de mercado capitalista que os mercantilizava, mas podiam, também, ser agentes, tentar, ainda que quase nunca de forma bem-sucedida, falar, agir e não serem totalmente invisíveis. Serve ainda para reavivar o tema da escravidão pelo viés da memória, o que é muito significativo em D'Aguiar, na medida em que ele acredita que o tema da escravidão nunca será exaurido, por estar sempre presente em nosso meio através dos legados, a maioria negativos, que a escravidão deixou entre nós.

O evento do *Zong*, embora minimizado em sua época, levantou algumas discussões sobre o tráfico negreiro e deu origem mais tarde ao quadro *Slavers Throwing Overboard the Dead and Dying-Typhon Coming On* (1840), do pintor J. M. W. Turner (1775–1851)[188], (ANEXO). Para Ulz (2010): "O *Slave Ship* de Turner refere-se ao desumano comércio de escravos, que serviu como um argumento central do debate (público) anti-escravidão britânico desde quando o tráfico de escravos britânico havia

[188] A imagem segue anexa ao trabalho.

sido abolido (1807).” p.130).[189] Após a abolição da escravatura nas colônias açucareiras, o tema da escravidão esteve em evidência na Inglaterra, suscitando artigos e debates, e o quadro de Turner foi exposto em 1840 e, de acordo com Hamilton (2007), na pintura:

> Notou-se ainda que as mãos levantadas da água pelos escravos moribundos derivam da figura do escravo libertado que aparece na medalha que comemora a abolição de 1836 da escravidão nas colônias britânicas. As correntes flutuantes podem sugerir que, na morte, os escravos encontraram uma nova liberdade e que a evidência do mal não desaparecerá. (p.352).[190]

O quadro mostra ao fundo um navio negreiro, uma tempestade se aproximando e escravos no mar, próximos ao navio, além de peixes grandes se aproximando desses escravos, mas não há foco direto em apenas um objeto, e sim a impressão de uma cena caótica, representando, talvez, o desespero daqueles que se afogavam.

Na história ficcional de D’Aguiar, a voz da escrava Mintah é ouvida por Simon, pelos outros escravos e incomoda ao capitão, sobretudo ao primeiro-imediato, Kelsal, dentro do navio. Mas, não será ouvida no tribunal.

O julgamento é narrado por um narrador heterodiegético, que vai mudando o foco narrativo de acordo com a entrada dos diferentes membros no tribunal, o que faz com que o leitor compreenda como pensa cada um dos depoentes, em suas convicções, desejos e contradições. O tribunal mostra o juiz do caso, lorde Mansfield, como um homem pouco parcial, tendendo para o lado dos investidores durante todo o julgamento. Inicialmente, porém, ele parece que irá refletir sobre o caso, que lhe parece “desagradável” (*F.T.G.*, 1999, p. 138).[191] Mansfield demonstra ser um homem totalmente favorável à escravidão, na medida em que sabemos que tem um “estoque considerável” (*F.T.G.*, 1999, p. 138)[192] de escravos e acredita que os mesmos devam ser bem tratados, pois: “Eles te rendem lucro, ele pensou, então proteja-os do mal e aumente esse lucro.” (*F.T.G.*, 1999, p. 138).[193] Lorde Mansfield é racional a ponto de

---

[189] Turner’s *Slave Ship* refers to the inhumane trade of slavers, which served as a core argument of the (public) British anti-slavery debate ever since the British slave trade had been abolished (1807).

[190] It has further been noted that the hands raised from the water by the dying slaves derive from the figure of the freed slave appearing on the medal commemorating the 1836 abolition of slavery in the British colonies. The floating chains may suggest that in death the slaves have found a new freedom and that the evidence of evil will not go away.

[191] distateful

[192] considerable stock

[193] They make you a profit, he thought, so protect them from harm and enhance that profit.

entender que tratar mal o próprio gado é deixar de lucrar. Racionalidade, não humanidade.

O primeiro advogado a se apresentar é o dos seguradores, senhor Wilkes, que inicia sua fala calculando o quanto os investidores ganhariam com o seguro dos 131 escravos jogados ao mar: 5.109 libras, e que os atos do capitão foram desnecessários. A isso, notamos que as inclinações do juiz se manifestam, pois, o narrador mostra como ele acredita que os investidores nada sabem sobre as necessidades de um navio enquanto ficam "Presos nos cafés de Londres com os narizes enterrados em colunas de fofocas ou em copos." (*F.T.G.*, 1999, p. 140).[194]

O senhor Wilkes argumenta que a descrição do capitão em seu diário de bordo de que os escravos estavam doentes demais, tendo sua morte certa, é bastante questionável, pois "De que outra maneira o capitão explicaria ter que prendê-los e amarrá-los para se livrar deles?" (*F.T.G.*, 1999, p. 140).[195] Assim, o advogado acredita que o capitão deveria pagar, não os seguradores. A seguir, explana que "Ele deveria ser julgado aqui pelo assassinato de bons escravos." (*F.T.G.*, 1999, p. 140).[196] Essa será uma das poucas menções ao que ocorrera no *Zong* como assassinato. Seu argumento principal se baseia no fato de o capitão ter visado apenas aos lucros, não tentando salvar os doentes. Cita que a lei é feita para casos de necessidade, mas o que o capitão Cunningham fez foi extremismo:

> Como poderia ter sido necessário dispor de tantos escravos? É necessário se, como o capitão, alguém puser o lucro acima de tudo. [...] A ação em si é tão drástica que indica claramente uma preocupação não com a preservação do gado, mas de se aproveitar da lei. (*F.T.G.*, 1999, p. 141).[197]

É preciso lembrar que o dinheiro das seguradoras podia cobrir medidas necessárias tomadas pelo capitão para salvar o navio, sendo essa a alegação do capitão Cunningham diante dos 131 afogamentos. Mas o advogado, senhor Wilkes, tenta evidenciar que, diante deste tipo de lei, diversos capitães, caso o *Zong* ganhe a causa, poderiam começar a usar desse artifício para não correr o risco de conseguir vendas

[194] Stuck in the coffee houses of London with their noses buried in gosip columns or else in cups.
[195] How else would the captain explain having to bind and fetter them in order to dispose of them?
[196] He should be on trial here for the want on killing of good slaves.
[197] How could it have been necessary to dispose of so many slaves? It is necessary if, like the captain, one puts profit above everything else. [...] The action itself is so drastic it clearly indicates a concern not for the preservation of stock but of profiteering from the law.

fracas com escravos doentes, e isto: "transformaria o comércio em um uso do gado da maneira mais bárbara possível, onde suas mortes em grande número não importariam e tudo que governaria seu transporte da África às plantações nas Índias ou na América seria o lucro." (*F.T.G.*, 1999, p. 141-142).[198] Obviamente aqui a ironia é clara, pois o tráfico negreiro já se baseava apenas no lucro, o que se evidencia no próprio ato de vender outros seres humanos, somado ao fato de os navios estarem sempre superlotados, levando os africanos em condições subumanas. Vendidos para as *plantations*, trabalhariam incessantemente, sendo malnutridos, morando em cubículos sem condições de higiene, onde passariam frio e viveriam apertados. Além disso, receberiam castigos quase diários, tendo seus filhos vendidos, suas mulheres estupradas, suas famílias separadas, morrendo jovens pelo trabalho excessivo. O advogado, porém, faz parecer que a instituição da escravidão não é assim, mas o seria se começasse a atirar escravos vivos ao mar. Mas, mais adiante em sua argumentação, o advogado dos investidores tentará tratar os escravos como seres humanos, não como gado:

> É claro que o capitão e sua tripulação são culpados de um crime maior que o de abuso da lei. Eles fizeram uma coisa muito desumana. Africanos são classificados como gado, mas há muito tem sido reconhecido por pessoas civilizadas que eles são apenas rotulados assim para o seu transporte de África para as plantações e não porque sejam realmente iguais aos animais. A sociedade inglesa está repleta de exemplos de africanos que se comportam de maneira civilizada. (*F.T.G.*, 1999, p.142).[199]

O argumento do advogado tenta soar igualitário, na expectativa de demonstrar ao público que além de tentarem usar a lei a seu favor para obter dinheiro fácil com os escravos mortos, o capitão e seus investidores seriam responsáveis também pelo assassinato de 131 pessoas, não de 131 animais. E diz uma verdade inconveniente naquele momento: a de que a escravidão usou como argumento o fato de os africanos serem inferiores, semelhantes a animais, mas apenas por conveniência, pois precisavam de mão-de-obra barata e escravizar seres humanos seria indigno, mas escravizar animais

---

[198] This would turn the trade into a use of stock in the most barbaric way where their deaths in great numbers would not matter and all that would govern their conveyance from Africa to the plantations in the Indies or America would be profit.

[199] 'Of course, the captain and his crew are guilty of a greater crime than profiteering. They have done a most inhuman thing. Africans are categorised as stock, but it has long been recognised by civilised people that they are only labelled so for their conveyance from Africa to the plantations and not because they are actually equal to animals. English society is replete with examples of Africans who conduct themselves on a civilised manner.'

não. Porém, a reação do público presente no tribunal demonstra que essa "verdade" não é crível naquele momento, pois a grande maioria das pessoas da época atendia aos interesses econômicos do mundo escravagista, pois este era vantajoso para quase todos, exceto aos africanos, claro, por isso, crer que os africanos eram inferiores era um meio de justificar a escravização de outros seres: "O Sr. Wilkes foi interrompido pelo riso alto de todos na corte. Lorde Mansfield disfarçou o sorriso de seu próprio rosto e, com dois golpes rápidos de seu malhete, restaurou um silêncio inquieto." (*F.T.G.*, 1999, p.142).[200] Até mesmo o juiz responsável pelo caso ri da sugestão de os africanos serem seres iguais a eles, ali no tribunal, demonstrando claramente que o veredito do caso já estava pronto em sua mente, mesmo antes de ouvir os argumentos dos investidores. Percebendo que seu argumento não fora bem aceito, o advogado dos seguradores muda de estratégia e apela para o espírito cristão dos presentes:

> "O que significa ter domínio sobre o gado? Significa fazer o que julgarmos necessário para o seu bem-estar? Sim. E o que guia nossas ações? Princípios cristãos. Onde está o cristianismo nesta decisão do capitão Cunningham ao tratar seu gado desta maneira? Pelo que ele foi guiado, se não por uma crença em Deus e Cristo? Só pode haver uma resposta para isso - o lucro. Lucrar à custa de sua humanidade. Lucrar à custa dos preceitos cristãos. Lucrar, independentemente do sofrimento e da destruição dos confiados aos seus cuidados." (*F.T.G.*, 1999, p. 142-143).[201]

A estratégia funciona melhor. O público, afinal, se vê como cristão, embora trate outros seres humanos como animais e os escravize e ache normal um capitão atirar 131 escravos vivos ao mar em nome do dinheiro do seguro. Ao fim de sua fala, o senhor Wilkes vê assentimentos e sorrisos de concordância. Porém, quando o advogado dos investidores se apresenta, o juiz demonstra novamente que seu veredito já está formado: "Ele estava confiando no homem de Yorkshire para restabelecer a autoridade da evidência do livro-caixa do capitão para o tribunal." (*F.T.G.*, 1999, p. 143).[202] E o

---

[200] Mr Wilkes was interrupted by loud laughter from everyone in the court. Lord Mansfield wiped the smile off his own face and with two swift strokes of his gravel restored an uneasy quiet.

[201] 'What does it mean to have dominion over stock? Does it mean doing whatever we deem necessary for their well-being? Yes, it does. And what guides our actions? Christian principles. Where is the Christianity in this decision by Captain Cunningham to treat his stock in this way? Was he guided by if not a belief in God and Christ? There can only be one answer to this - profit. Profit at the expense of his humanity. Profit at the expense of Christian precepts. Profit regardless of the suffering and destruction of those entrusted to his care.'

[202] He was relying on the Yorkshireman to re-establish the authority of the evidence of the captain's ledger to the courtroom.

advogado dos investidores, senhor Drummond, demonstra, desde o início, que acredita ter a causa ganha:

> O advogado dos investidores comportou-se como se tivesse um caso seguro e a decisão do lorde Mansfield fosse meramente uma formalidade. Havia o livro-caixa do capitão, evidências incontestáveis e uma cláusula que correspondia à ação tomada. Como poderiam as seguradoras não conceder a derrota? No entanto, aqui os investidores estavam diante da mais alta lei do país tendo que argumentar o seu pedido de indenização com uma série de testemunhas do seu lado, um capitão, um primeiro imediato, segundo imediato e contramestre, até mesmo um cozinheiro nas mangas, se necessário. (*F.T.G.*, 1999, p. 138-139).[203]

Para o senhor Drummond, o diário de bordo do capitão basta como prova, pois os únicos que poderiam questionar as verdades ali escritas eram os escravos que presenciaram o que realmente ocorrera no *Zong*, mas esses não tinham o direito a testemunhar em tribunais. Assim, com toda confiança, o advogado inicia a defesa do capitão Cunningham, exigindo o pagamento do seguro dos 131 escravos mortos. Sua primeira fala é bastante emblemática, pois compara os escravos a cavalos:

> Os escravos são estoque. Digamos que um homem tem um estábulo de cavalos. Eles são valiosos para ele. Ele não os alimenta, os prepara, não os exercita até atingirem o melhor de sua capacidade? O que ele faz se uma doença ameaça destruir seu gado? Será que ele não adota o mesmo cuidado, removendo de entre suas propriedades o gado contaminado para preservar o resto? Isto é o que o capitão e o grupo fizeram quando removeram aqueles escravos doentes do *Zong*. (*F.T.G.*, 1999, p. 143).[204]

Em contraposição ao argumento de que os escravos não eram animais, antes dada pelo advogado Wilkes, Drummond afirma categoricamente que o são, que não passam de gado. O discurso do personagem evidencia como a linguagem usada por D'Aguiar adquire uma dimensão irônica, na medida em que as palavras e expressões

---

[203] The counsel for the investors carried himself as if he had a watertight case and lord Mansfield's ruling were merely a formality. There was the captain's ledger, evidence in black and white and a clause to match concerning the action. How could the insurers not concede defeat? Yet here the investors were before the highest law in the land having to argue their case for compensation with an array of witness on their side, a captain, a first mate, second mate and boatswain, even a cook in the wings if necessary.

[204] Slaves are stock. Let us say that a man has a stable of horses They are valuable to him. Does he not feed them, groom them, exercise them to the best of his ability? What does he do if a disease threatens to destroy his stock? Does he not perform the same care by removing from among his holdings contaminated stock in order to preserve the rest? This is what the captain and crew did when they removed those sick slaves from the *Zong*.

utilizadas, como *estoque, valiosos, prepara, atingirem, destruir seu gado, preservar o resto*, remetem a um jargão comercial, reforçando a ideia do advogado de que os escravos são animais, simples mercadorias. O uso destas palavras e expressões não se dá por acaso, mas por uma escolha cuidadosa do autor, para que a comparação dos escravos com animais e objetos se evidencie na visão das pessoas envolvidas em julgar o caso do *Zong*. Além disso, a comparação com cavalos remete ao real julgamento do *Zong*, em que isso ocorrera de fato, convencendo o juiz, também chamado Lorde Mansfield, o que também ocorre nesse julgamento ficcional, em que o juiz, após ouvir os argumentos do advogado dos investidores, se pega assentindo junto com ele, em concordância. A utilização de fatos reais nessa ficção forma um romance histórico que, embora reflita o real, também busca desmascará-lo e ironizá-lo.

Drummond acrescenta que o capitão separou os doentes dos sadios, para não contaminar a todos, não mencionando a afirmação do médico a bordo a respeito da provável regressão da doença, algo percebido pela escrava Mintah e que realmente ocorrera. O advogado ainda usa como argumento o fato de que comida e água precisavam ser racionadas, então "Por que alimentar os escravos que estavam destinados a morrer?" (*F.T.G.*, 1999, p. 144)[205], também omitindo o fato de que chovia muito no navio, o que contradiz o argumento da falta de água. Para o advogado, o fato de tudo estar registrado no diário de bordo do capitão se constitui como prova, portanto, ao invés de ser ali julgado, o capitão "Deve ser elogiado por suas ações" (*F.T.G.*, 1999, p. 144).[206] Novamente o juiz concorda, e a narração se volta para seus pensamentos, evidenciando que ele se coloca no lugar dos investidores, já que ele mesmo possui escravos e investe neles: "No entanto, concordância foi o que ele sentiu, e sentiu imensamente: se tivesse investido na carga do navio, ele também teria querido que alguma medida razoável fosse tomada para salvaguardar seu investimento." (*F.T.G.*, 1999, p. 144).[207] O juiz se identifica com os investidores, pois pensa como eles, o que jamais o faria ter qualquer tipo de compaixão pelas vidas tiradas dentro do *Zong*.

Após finalizar seus argumentos, as testemunhas são chamadas. Claro que são todas testemunhas a favor do capitão, seus homens de confiança. O primeiro é Kelsal, o primeiro imediato, e seu depoimento corrobora o livro razão do capitão, como se espera. Kelsal não demonstra, em seu testemunho, nenhuma das dúvidas que o assaltaram

[205] Why feed slaves who were destined to die anyway?
[206] should be commended for his actions.
[207] Yet assent was what he felt, and felt hugely: if he had invested in the cargo of that ship he too would have wanted some reasonable measure to be taken to safeguard his investment.

quando foi obrigado a cumprir as ordens do capitão Cunningham em atirar escravos vivos ao mar. Nesse sentido, Kelsal não é fiel às suas memórias, pois cria mentiras, aquelas que o tribunal precisava ouvir para que o seguro fosse pago. Assim, o depoimento de Kelsal não se baseará em suas memórias, mas naquilo que ele precisa dizer, como se nota no trecho abaixo, quando ele descreve que viveu com os africanos e os conhece: "Trabalho de construção foi atribuído a mim, ou trabalho supervisionando africanos." (*F.T.G.*, 1999, p. 145).[208] Kelsal conta que seu navio naufragara, ele fora parar na missão dinamarquesa, adoecera, mas não conta como fora cuidado pelos africanos, dizendo que fizera trabalhos de supervisão, o que contradiz o relato de Mintah, no qual soubemos que ele era lento e preguiçoso. Afirma ainda que "Ganhei minha liberdade e deixei a missão em boas relações com todos." (*F.T.G.*, 1999, p. 146)[209], o que também é refutado pelo relato de Mintah, no qual ela afirma que "Um dia ele saiu do forte, sem nem um adeus, e foi para meu futuro." (*F.T.G.*, 1999, p. 196).[210] O que Kelsal faz é tentar demonstrar simpatia pelos africanos, além de justificar a ação decidida pelo capitão, para assim minimizar o peso do ato que cometera, como ele descreve a seguir:

> "Os três dias de descartes foram totalmente necessários. Cada um desses africanos parecia estar à beira da morte. Eles teriam morrido em poucos dias de qualquer maneira, depois de terem esgotado suprimentos valiosos. O navio tinha perdido sete dos tripulantes e o médico do navio. Todo mundo estava preocupado em ser o próximo. Algo drástico tinha que ser feito para deter a doença e a morte. E sem a perícia do médico do navio o que o capitão poderia fazer, a não ser agir para preservar o resto de nós?" (*F.T.G.*, 1999, p. 146).[211]

Embora Kelsal argumente a favor do capitão, durante os momentos em que teve que atirar os escravos vivos ao mar, ele o questionou várias vezes, assim como alguns dos marinheiros, chegando mesmo a dizer que deviam parar. Mas isso ele não conta no tribunal, pois mesmo discordando em alguns momentos do capitão, decidira acatar suas ordens e também receber os lucros por elas. Assim, durante o julgamento, Kelsal

---

[208] Building work was assignedto me, or work supervising Africans.
[209] I earned my freedom and left the mission on good terms with everyone.
[210] One day he walked out of the fort, without so much as goodbye, and into my future.
[211] 'The three days of disposals were entirely necessary. Each of those Africans looked to be on the verge of death. They would have died in a few days anyway, after they have depleted valuable supplies. The ship had lost seven of the crew and the ship's doctor. Everyone worried that he would be next. Something drastic had to be done to arrest the whole drift into disease and death. And without the expertise of the ship's doctor what could the captain do but act to preserve the rest of us?'

minimiza o desconforto que sentiu por ter agido conforme lhe exigiram os lucros, não sua consciência, que em alguns momentos lhe pesava: "No início, hesitamos. Nós não tínhamos nos deparado com esta situação antes. Durante os três dias houve dúvidas entre a tripulação. Achamos a tarefa, embora necessária, desagradável ao extremo." (*F.T.G.*, 1999, p. 146).[212] Porém, o narrador demonstra que Kelsal, mesmo testemunhando favoravelmente ao capitão, o que ajudaria o *Zong* a receber o dinheiro do seguro e, consequentemente, parte lhe seria destinada, não demonstra satisfação com o que faz: "Mas Kelsal parecia insatisfeito, e a carga invisível que ele carregava sobre seus ombros parecia desgastá-lo. Sua inclinação para a frente parecia pior como resultado de seu testemunho." (*F.T.G.*, 1999, p. 147).[213] Parece que Kelsal, infiel às suas memórias, sabe que o capitão poderia ter evitado diversas mortes a bordo, mas não falará sobre isso. Novamente, nota-se como o personagem de Kelsal é complexo e contraditório e suas ações são intrigantes, talvez numa própria metáfora da contradição inerente ao sistema escravista, que tratava como gado os seres humanos que escravizava, mas julgava-os humanos quando convinha aos interesses dos escravizadores. Kelsal mente, pois não poderia agir de forma diferente, mas talvez sinta culpa pelas mortes causadas, pelo que fizera a Mintah, pois vira, em África, o quanto ela fora humana em seu tratamento a ele.

Como testemunha, o contramestre será o que mais demonstrará apoio ao capitão, assim como o fizera no navio. Apoiador da medida tomada por Cunningham, o contramestre não comenta sobre os estupros das escravas, nem sobre o fato de escravos não tão doentes serem atirados ao mar, mas defende quaisquer medidas tomadas pelo capitão e o considera um herói: "De qualquer forma, quanto mais penso nisso, mais convencido estou de que o capitão é um herói." (*F.T.G*, 1999, p. 149).[214] Também falsificando suas memórias, o contramestre relega a sua crueldade e a dos demais tripulantes ao esquecimento, já que, como testemunha, sua voz seria considerada verdadeira e a história do *Zong* se basearia nela para ser escrita. Aqui percebemos como o juiz Mansfield, mais uma vez, pensa da mesma forma que os investidores, o contramestre, o advogado Drummond: "Lorde Mansfield assentiu pensativo, mas inclinou a cabeça para o segundo imediato. Ele tinha que manter alguma aparência de

[212] At first we hesited. We had not come across this situation before. During the three days there were doubts among the crew. We found the task, however necessary, distasteful in the extreme.
[213] But Kelsal looked dissatisfied, and the invisible burden that he carried on his shoulders seemed to wear him down. His stoop seemed worse as a result of his testimony.
[214] If anything, the more I think on it, the more convinced I am that the captain is a hero.

imparcialidade." (*F.T.G.*, 1999, p. 149).[215] O fato de ele precisar fingir indica que qualquer argumento a favor dos seguradores seria inútil.

Da mesma forma o segundo imediato age, embora sendo menos laudatório que o contramestre. O segundo imediato, que no tribunal descobrimos se chamar Dawson, também oferecera dúvidas e hesitações sobre as mortes dos escravos. Também se sentira mal com as ações, assim como Kelsal, mas nada questionara ao capitão. Conforme depõe no tribunal, percebemos que era subserviente à hierarquia do navio, jamais teria a ousadia de questionar ordens dadas: "Eu faço o que me disserem. Eu sigo ordens ao pé da letra. Um capitão é um capitão, e um segundo imediato é um segundo imediato. Um dá as ordens, o outro as executa, e é isso." (*F.T.G.*, 1999, p. 150).[216] Essa fala do segundo imediato parece dar a entender que não necessariamente concordou com as ações do capitão. Mesmo dentro do navio, deu indícios de um pouco mais de humanidade do que o capitão, o contramestre e o cozinheiro, e aqui se percebe isso:

> Quanto mais descarregávamos, mais havia para descarregar. Os braços dos homens doíam. Meus braços doíam. Odiávamos a nós mesmos por doer e ficar com essa dor fazendo o que fizemos; não trabalho honesto, não trabalho de marinheiro, mas jogando homens doentes, mulheres e crianças ao mar. Chame-os de gado, chame-os de carga, chame-os do que quiser, eles eram homens, mulheres e crianças. E nós estávamos jogando-os no mesmo mar onde nós depositamos os corpos de nossos companheiros que morreram da doença [...]. Nós reclamamos, certo. Não queríamos ter nada com isso. Eu pensei: 'De todas as coisas que você tem feito na vida, Dawson, de todas as coisas clandestinas, esta é a mais baixa e a mais desprezível.' Verdade, não me sentia bem. Mas, por Deus, era necessário. (*F.G*, 1999, p. 150).[217]

Embora Dawson demonstre que não se sentiu confortável com as ordens recebidas, ele as cumpriu sem questionamentos. Admite que os escravos, embora taxados de gado, sejam seres humanos e demonstra certo pesar pelo que realizou. Porém, quando pensamos que o segundo imediato vai ser fiel às suas memórias e contar

---

[215] Lord Mansfield nodded thoughtfully but inclined his head towards the second mate. He had to maintain some semblance of impartiality.

[216] I do what I'm told. I follow orders to the letter. A captain is a captain, and a second mate is a second mate. One gives the orders, the other carries them out, and that's that.

[217] The more we dumped the more there was to dump. The men's arms ached. My arms ached. We hated ourselves for aching and getting that ache by doing what we did; not honest work, not sailor's work, but throwing sick men, women and children overboard. Call them stock, call the pieces of cargo, call them what you will, they was men, women and children. And we was throwing them into the same sea where we committed the bodies of our mates who died from disease […]. We complained all right. We didn't want anything to do with it. I thought, "Of all the things you have done in life, Dawson, of all the underhand things, this is the lowest and meanest." True, it didn't feel right. But by God it was necessary.

mais sobre o descontentamento de parte dos marinheiros e de si próprio em cumprir a tarefa de matar escravos, ele defende o capitão, justifica suas ações, acredita ser ele um homem razoável, que sabia o que fazia e que ao fim do terceiro dia de afogamentos, quando todos se exasperavam com a tarefa e pediram para parar, o capitão os ouviu e parou: "Ele simplesmente nos ouviu e pôs um fim ao descarregamento. Mesmo que fosse necessário, ele parou. Esse é o Capitão Cunningham. Você tem que ser cego para questionar a necessidade de suas ações [...]." (*F.T.G.*, 1999, p. 151).[218] O que o segundo imediato não menciona é que antes já haviam pedido muitas vezes para pararem com os afogamentos e que àquela altura, 131 escravos já haviam morrido, um motim ocorrera e os escravos mortos não estavam tão doentes como o capitão reportara em seu diário de bordo. Mas a plateia presente no tribunal já está convencida da necessidade do capitão do *Zong* de matar 131 escravos, muito ou pouco doentes: "Todo mundo em torno de Simon na galeria pública murmurou que eles concordavam com o segundo imediato." (*F.T.G.*, 1999, p. 151).[219]

Mas não Simon, o assistente do cozinheiro que havia ajudado Mintah a se esconder. Na plateia, ele chora e acha que tudo o que dizem diz respeito a outro navio, não ao *Zong*. Simon mantém a memória coletiva do que realmente ocorrera no navio, compartilhada por Mintah e pelos escravos, não compreende tamanhas mentiras e decide entregar o livro que Mintah escrevera enquanto estivera escondida na despensa e lhe confiara para "Certificar-se que as pessoas ouviriam sobre o que tinha acontecido no *Zong*" (*F.T.G.*, 1999, p. 152).[220] Em sua ingenuidade, Simon acreditara que não precisaria entregar o livro, que o tribunal traria a verdade à tona. Mas ali percebe que precisa entregar o livro de Mintah ao advogado dos seguradores e quando o faz, causa celeuma dentro do tribunal, pois o livro é considerado uma nova evidência, o que desaponta o juiz, que não esperava que o capitão e a tripulação esconderiam fatos assim. Ao mesmo tempo, o livro de Mintah dá esperanças ao advogado Wilkes de ganhar a causa para os seguradores e causa apreensão no advogado Drummond, que não sabia da presença de Mintah no navio, já que ela fora totalmente omitida do diário de bordo.

Diante da situação da nova evidência, os advogados são chamados para falar novamente, bem como as testemunhas. Simon não deseja testemunhar, mas permanece na plateia, sendo ameaçado com olhares e punhos por parte do cozinheiro e do

[218] He just listened to us and put a stop to the dumpings. Even though it was necessary he stopped it. That's Captain Cunningham. You have to be blind to question the necessity of his actions [...].
[219] Everyone around Simon in the public gallery murmured that they agreed with the second mate.
[220] make sure people heard about what had happened on the *Zong*.

contramestre. O advogado Wilkes acredita que o livro de Mintah pode ajudar a esclarecer melhor o caso, pois os fatos relatados contradizem o diário de bordo do capitão, e cita o fato de que no relato, a escrava conta que "Pelo menos metade dos doentes não deveria ter sido jogada pela amurada, e ao resto deveria ter sido permitida a dignidade de morrer em paz antes de serem enviados para o mar." (*F.T.G.*, 1999, p. 155)[221], acrescentando que ao invés de a doença se espalhar, como alegava o diário do capitão, ela regrediu, com muitos escravos se recuperando, informação que inquieta o juiz e silencia a plateia. Como prova, o advogado menciona a própria Mintah, que foi jogada ao mar e conseguir se içar:

> Se ela estivesse realmente doente, ela não teria sido capaz de se içar do mar e voltar para a amurada para se esconder a bordo. Quantos outros como ela em boas condições foram simplesmente incapazes de agarrar uma corda a tempo e por isso foram deixados nadando no mar até se afogarem por exaustão? (*F.T.G.*, 1999, p. 156).[222]

O advogado relembra como os escravos foram comparados a cavalos pelo advogado Drummond e afirma que nenhum cavalo seria jogado ao mar enquanto pudesse se recuperar de sua doença. Confrontados com essas incômodas verdades, os tripulantes do *Zong* são chamados para explicar por que mentiram a respeito de Mintah. Kelsal é o primeiro a ser inquirido sobre por que não revelara que a conhecia da missão dinamarquesa, e ele fica incerto sobre o que dizer:

> Ele não sabia o que dizer. Deveria dizer ao tribunal que Mintah o fez beber quando estava no forte e delirando com febre? Que ela estava entre as jovens vigiando-o e enxugando o suor dele durante suas intermináveis noites quando acordou sem saber seu nome e teve de ser dito por ela, "Kelsal. Kelsal"? Que ele teve que repetir para si mesmo até que ele soasse verdadeiro? (*F.T.G.*, 1999, p. 158).[223]

Já vimos que Kelsal não revela suas memórias, mas cria mentiras, embora isso o deixe desconfortável. Porém, ele sabe que não pode agora mudar o seu depoimento.

---

[221] At least half of the sick should not have been thrown over the side, and the remainder should have been allowed the dignity of dying in peace before being consigned to the sea.

[222] Were she indeed sick she would not have been able to climb out of the sea and back up the side to conceal herself on board. How many others like her in good condition were simply unable to seize hold of a rope in time and so were left swimming in the sea until drowned from exhaustion?

[223] He wasn't sure what to say. Should he tell the court that Mintah made him drink when he was at the fort and delirious with fever? That she was among the young women keeping vigil over him and mopping the sweat from him during his interminable nights when he woke up not knowing his name and had to be told by her, 'Kelsal. Kelsal'? That he had to repeat it to himself until it rang true?

Precisa do dinheiro do seguro e precisa do emprego. Então sufoca novamente suas memórias, silencia sobre Mintah e conta apenas aquilo que não prejudicaria o capitão. Diz que não se lembra dela na missão. Que ela não estava doente, mas que sua sanidade era questionável e "O temperamento do louco infecta os outros com semelhante desprezo pela autoridade. Esta era a sua condição quando eu a joguei do navio." (*F.T.G.*, 1999, p. 158).[224] Kelsal silencia sobre como Mintah o deixara enraivecido quando chamara seu nome. Silencia sobre a surra que ele aplicara nela para provar ao restante da tripulação sua autoridade, fazendo-a desmaiar. Silencia sobre como ela quase fora estuprada por seus homens. Silencia sobre o motim, mencionando apenas que "Ela despertou nos outros atos próximos de rebelião." (*F.T.G.*, 1999, p. 159)[225], sem mencionar os dois tripulantes mortos no motim e o modo como os rebeldes ficaram amarrados no convés, nem como Mintah adoecera depois, como fora torturada, quase morrendo. Kelsal ainda tenta desqualificar o que Mintah escrevera:

> Qualquer coisa que ela escreveu foi ditada por sua angústia em ser uma escrava quando ela havia sido livre e podia ler e escrever. Ela não era médica. Ela não podia conduzir um navio. Ela teria visto o navio inteiro morrer um pouco de cada vez apenas para escapar de sua vida futura como uma escrava. (*F.T.G.*, 1999, p. 159).[226]

Porém, novamente, Kelsal não parece feliz ao mentir, e Simon percebe isso ao notar que não distingue nada em seu olhar "Nem tristeza, nem raiva, nada, apenas um olhar vazio." (*F.T.G.*, 1999, p. 159).[227] Os silenciamentos de Kelsal, acrescidos de suas mentiras, parecem lhe custar caro, ainda que financeiramente fosse recompensado por isso. Incoerente em seus sentimentos por Mintah, Kelsal demonstra em seu olhar as dúvidas que o assaltaram quando teve de cumprir as ordens do capitão.

Quem discorda de tudo é o contramestre, novamente demonstrando seu ódio aos escravos e sua devoção ao capitão Cunningham. Ele sente raiva do depoimento deplorável de Kelsal, mas mais ainda de Simon, a quem acusa de trazer o livro para distrair o julgamento dos fatos que realmente interessavam: a necessidade de cumprir as ordens do capitão. A seu ver, Simon se mostrou extremamente ingrato: "Simon foi

---

[224] The temperament of the mad infects the others into similar disregard of authority. This was her condition when I had her ejected from the ship.
[225] She roused the others into acts of near rebellion.
[226] Whatever she wrote was dictated by her distress at being a slave when she had been free and could read and write. She was not a doctor. She could not run a ship. She would have watched the entire ship die a piece at a time just to escape her future life as a slave.
[227] not sadness, not anger, nothing, just na empty look.

protegido no *Zong* de todos os tipos de abuso dos escravos, que conheciam sua mente simplória imediatamente. Ele foi cuidado no *Zong*. Ele ganhou uma família quando não tinha uma. Vejam como ele paga a todos." (*F.T.G.*, 1999, p. 160).[228] É curioso que o contramestre parece mesmo acreditar nisso, mas não se lembra de como o cozinheiro batia em Simon e o desprezava, tratando-o como tratava os escravos, ou seja, como a um animal. Simon, por outro lado, encontrara bom tratamento apenas de Mintah, uma escrava. O contramestre, em seu depoimento, desqualifica Mintah, dizendo que ela era insolente e que suas intenções não eram boas, do contrário não teria escondido seu conhecimento de inglês. Lança olhares ameaçadores a Simon.

O próximo a depor é o primeiro imediato que consegue desfazer toda a impressão de humanidade que dera em parte do seu primeiro depoimento. Diz que Mintah desrespeitara Kelsal e que ele precisava fazer algo para não perder o respeito da tripulação. Fica evidente que, para ele, Kelsal agira corretamente ao surrá-la e atirá-la ao mar, pois precisava mostrar sua autoridade. É o primeiro a questionar a veracidade do livro de Mintah, sugerindo que seja falso:

> Uma fêmea africana que pode falar o inglês, que é jogada ao mar e escala a amurada de um navio em movimento e para coroar tudo encontra tempo para escrever em seu esconderijo a bordo! Não é possível. Acho que ela deve ser capaz de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Eu olho e não vejo uma mulher, mas muitas pessoas desempenhando o papel de uma mulher. Vejo os seguradores forjando toda a trama e tentando passá-la para escapar do fato de que algo que era necessário foi feito e eles têm que pagar por isso. (*F.T.G.*, 1999, p. 162).[229]

Ao colocar em dúvida a autoria do diário, o segundo imediato faz com que o público duvide também, imaginando o quão remota seria a chance de uma escrava saber ler, escrever e falar inglês, quando a maioria ali não tinha tais habilidades, sendo que o próprio segundo imediato admitira ser analfabeto. E demonstra como, na época, os escravos não possuíam credibilidade alguma quando escreviam algo. A maioria precisava que um branco atestasse que sua escrita era autêntica. Vale lembrar aqui que a

---

[228] Simon was protected on the Zong from all types of abuse from the slaves, who knew his simple mind straight away. He was cared for on the Zong. He gained a family where he had none. Look how he repays everyone.

[229] An African female who can speak English, who is thrown overboard and climbs up the side of a sailing ship and to crown it all finds the time to write in her hideaway on board! Not possible. I think she must be able to be in two places at the same time. I look and I see not one woman but a lot of people playing the part of one woman. I see the insurers cooking up the whole plot and trying to pass it off to get away from the fact that something was done that was necessary and they have to pay for it.

poetisa Phillis Wheatley, escravizada e levada para os Estados Unidos, precisou enviar um atestado de autenticidade sobre seu livro de poemas, no qual seu dono afirmava ter sido ela, de fato, a autora da obra, além de uma carta do editor com uma espécie de abaixo-assinado, cujos assinantes atestavam a autoria do livro, dado o fato de pessoas suspeitarem de que ela não seria a autora, por ser negra e escrava. (GATES; MCCKAY, 1997, p. 168-169). O fato é que não se acreditava que fossem capazes de atividades intelectuais. O tribunal do *Zong* reforça essa ideia, quando coloca em dúvida a autoria do livro de Mintah, e rindo quando o advogado dos seguradores quis igualar brancos e negros.

O capitão Cunningham, quando chamado para depor, não o consegue fazer. O narrador nos mostra seus pensamentos, tudo o que gostaria de falar. Ele se sente injustiçado por ter sido levado a um tribunal, pois acredita ter seguido a lei:

> O capitão Cunningham entrou no camarote da testemunha para falar, mas sua voz naufragou no banco de areia de sua emoção e se perdeu. As palavras não lhe faltaram, elas estavam disponíveis a ele em abundância; mas o que o deixou sem palavras foi uma súbita constrição em sua garganta e uma sensação de um tremendo peso no peito. Ele se considerava um homem mais ofendido do que ofensor. Talvez ele tivesse feito o mal, mas o que estava sendo feito a ele ali naquele tribunal era ainda mais errado. Como capitão do *Zong*, recebera um comando. Certas leis lhe estavam sendo negadas. Ele sentia que estava agora sem o apoio que guiava suas ações em primeiro lugar. (*F.T.G.*, 1999, p. 160).[230]

Enquanto estava no *Zong*, nenhuma palavra lhe faltara, ao contrário, tivera argumentos para convencer sua tripulação de que era necessário que atirassem 131 escravos ao mar. Convencera mesmo os mais relutantes, como Kelsal e o segundo imediato. Era senhor de si, maior autoridade no navio, sabia que suas ordens não seriam questionadas. Ali, porém, sente que lhe falta essa autoridade, pois duvidam dele. Por isso, embora tenha tencionado dizer muitas coisas, sua voz não sai e ele acaba por não testemunhar. Em sua mente, Cunningham iria dizer ao tribunal que "O *Zong* estivera perto do desastre e que o que ele tinha feito qualquer outro capitão que se preze teria

[230] Captain Cunningham entered the witness box to speak, but his voice foundered on the sandbar of his emotion and was lost. Words did not fail him, those were available to him in bountiful supply; but what left him speechless was a suden constriction in his throat and a feeling of a tremendous weight on his chest. He thought himself a man more sinned than sinning. Perhaps he had done wrong, but what was being done to him there and then in that courtroom was more wrong still. As captain of the Zong he had been given a command. Certain laws were being denied him. He felt he was now left without the very support that guided his ations in the first place.

feito para evitar certa catástrofe." (*F.T.G.*, 1999, p. 163).[231] O narrador evidencia que o capitão, de fato, acreditava que tinha tomado medidas corretas, pois ele parece obliterar de sua mente o fato de ter jogado ao mar escravos que estavam em recuperação da doença. Apesar de sua indignação, sabia que a lei estava do seu lado, mas imagina se aquele tribunal não seria um teste mandado por deus: "No entanto, ele sentia que o Todo-Poderoso intentava alguma lição para ele por esta humilhação." (*F.T.G.*, 1999, p. 164).[232] Cunningham mantém sua fé cristã, ela não parece conflitar com os assassinatos que ordenou. Talvez assim o fosse para a maioria dos negreiros, pois não consideravam os escravos como seres humanos, o que lhes permitia cometer quaisquer atrocidades sem que seu cristianismo fosse abalado.

De pé, diante do tribunal, o capitão se mantém mudo, mas cheio de pensamentos e memórias que não condizem com a realidade descrita por Mintah, e imagina que o fato de ali estar seja prova de que um capitão não tenha toda a liberdade descrita em lei para operar seu navio: "Ele entendeu dos procedimentos do tribunal que um capitão só era livre para executar seu navio como achasse conveniente, desde que suas ações não ferissem os bolsos de certos homens em Londres. Por que mais ele estaria aqui diante deles agora?" (*F.T.G.*, 1999, p. 164).[233] Não compreende como o juiz Mansfield pôde permitir aquele julgamento chegar tão longe, já que ele, como capitão, fizera homens como Mansfield ficarem extremamente ricos. O capitão sente ódio e indignação, sua garganta se fecha, ele chora, treme, tomado por visões do tribunal se transformando num navio, os africanos mortos o rodeando:

> Ele foi forçado a compartilhar o mar com os africanos. Todos os africanos que ele já despejara no mar, vivos ou mortos. Todos estavam vivos de novo e se aglomeravam para chegar a ele. O ruído que fizeram chamando seu nome era tão alto em sua cabeça que se tornou um outro tipo de silêncio. (*F.G*, 1999, p. 165).[234]

As visões dos africanos que afogara no mar fazem com que o capitão caia de joelhos e seja retirado dali, colocado para sentar, sem ter testemunhado. Esse momento

---

[231] the *Zong* had been near to disaster and that what he had done any other captain worth his salt would have done to avert certain catastrophe.
[232] Yet he felt the Almighty intended some lesson for him by this humiliation.
[233] He understood from the court's proceedings that a captain was only free to run his ship as he saw fit so long as his actions did not hurt the pockets of certain men in London. Why else was he here before them now?
[234] He was forced to share the sea with Africans. All the Africans he had ever dumped into the sea, living or dead. All were alive again and crowded round to get at him. The noise they made calling his name was so loud in his head that it became another type of silence.

parece trazer a impressão de que o capitão não sinta exatamente culpa pelo que aconteceu, mas talvez esteja a um passo de perder a razão, pois sente os africanos que matou o perseguindo, aparecendo ali para ele em pleno tribunal, um tribunal que se transforma um navio. Algum tipo de alucinação parece tomar conta do capitão, o que faz com que seus tripulantes olhem acusadoramente para Simon, o advogado Wilkes e o juiz: "Eles olharam para Lorde Mansfield, Wilkes e Simon como se os três tivessem juntado sua malícia contra o capitão e induzido esse trauma." (*F.T.G.*, 1999, p. 165).[235] Os tripulantes se solidarizam com o trauma causado no capitão, mas nenhum sequer cogitou que o que fizeram aos escravos no *Zong* seria, realmente, traumático para os escravos que sobreviveram. A reação do juiz é ainda pior, pois ele se emociona com o modo como o capitão parece desestruturado e traumatizado: "Lorde Mansfield acariciou o queixo e piscou para longe a água que se encontrava no canto dos olhos." (*F.T.G.*, 1999, p. 165)[236], mas em nenhum momento se solidarizou com os escravos do *Zong* e com o modo cruel como foram jogados vivos ao mar.

Para finalizar os argumentos, o advogado Drummond conclui mencionando que o que estava em jogo naquele tribunal era se o capitão havia cumprido a lei ou não, ao que ele conclui que sim, pois a lei dizia que "Qualquer ação necessária pode ser tomada pelo capitão sobre seu gado se a referida ação visar a preservação desse gado." (*F.T.G.*, 1999, p. 166)[237], portanto as 131 mortes não são vistas como assassinato. Para o advogado, o capitão foi ainda misericordioso ao matar tantos escravos doentes, pois isso lhes poupou muito sofrimento. Coloca em dúvida a autenticidade do livro de Mintah: "É meu argumento que o relato desta escrava é uma invenção dos seguradores e, como tal, não deveria ter sido admitida como prova porque um escravo não o poderia ter escrito." (*F.T.G.*, 1999, p. 165).[238] Como a grande maioria das pessoas na época também acreditava na inferioridade intelectual dos africanos, o argumento do advogado é bem aceito, convencendo a todos de que uma escrava não poderia escrever algo assim. Acrescenta que o relato falso conta tudo aquilo que os seguradores queriam acreditar, e diz que o livro é "Escrito por um fantasma, parece, já que a mão não foi apresentada

[235] They looked at Lord Mansfield and Mr Wilkes and Simon as if the three had pooled their malice against the captain and induced this trauma.
[236] Lord Mansfield stroked his chin and blinked away the water gathering in the rim of his eyes.
[237] Any necessary action can be taken by the captain concerning livestock if the said action aims at the preservation of said stock.
[238] It is my contention that this slave's account is a fabrication by the insurers and as such it should not have been admitted as evidence because a slave could not have written it.

aqui hoje neste tribunal para provar sua autoria." (*F.T.G*, 1999, p. 169).[239] Mintah seria esse fantasma, pois nos argumentos do advogado, ela nem fora mencionada no diário do capitão, e seria impossível que ficasse escondida sem que o capitão soubesse:

> Você está seriamente sugerindo que uma africana alfabetizada em inglês seria comprada pelo capitão sem que ele soubesse e se esconderia em seu navio e ele não teria nenhuma ideia de sua presença em uma viagem de mais de dez semanas? Ele provocou o Sr. Wilkes. (*F.T.G.*, 1999, p. 169).[240]

O advogado dá a entender que uma africana jamais teria tamanha engenhosidade: de escrever tal relato, de se esconder por tanto tempo, pois obviamente sua inteligência era infinitamente menor que a do capitão, o que leva a plateia a assentir em concordância. O advogado acrescenta que o diário de bordo do capitão fala da necessidade de economizar água, enquanto o livro de Mintah fala de chuva incessante, causando contradições. Mas, questiona: "Em que devemos acreditar? O relato do capitão ou as reflexões fantasmagóricas de uma mente propensa à invenção, ao que parece, das histórias sobre a terra e o mar?" (*F.T.G.*, 1999, p. 170).[241] O diário de bordo somado aos testemunhos servia como prova da inocência do capitão: "A necessidade é uma parte da questão, e o capitão tem provado suas ações por seu diário de bordo e pelo testemunho de sua tripulação." (*F.T.G.*, 1999, p. 171)[242], o que nos faz entender que o relato de uma escrava jamais teria validade num tribunal, enquanto apenas a palavra escrita de um capitão bastava para lhe tornar inocente. Por fim, o veredito é dado pelo juiz Mansfield, que se mostra totalmente convencido de que o capitão agiu por necessidade, não infringindo nenhuma lei:

> Os espectadores aplaudiram e deram vivas. Lorde Mansfield esperou que o ruído diminuísse, saboreando-o como se as palavras fossem suas e não as do homem de Yorkshire. Ele esperou para bater seu martelo três vezes sobre a mesa e pedir calma no tribunal. Todo mundo estava bem e verdadeiramente expurgado em sua mente. O almoço era iminente. Ele recapitulou a favor dos investidores e ordenou que as

[239] penned by a ghost, it seems, since the hand has not been produced here today in this court to prove its authorship.
[240] Are you seriously suggesting that na African female literate in English would be bought by the captain unknowingly and concealed on his ship and he would have no inkling of her presence in a Voyage of over ten weeks? He challenged Mr Wilkes.
[241] Which are we to believe? The captain's account or the ghost-written musings of a mind prone to invention, it seems, from the stories about the land and the sea?
[242] Necessity is a part of the issue, and the captain has proven his actions by his ledger and by the testimony of his crew.

> seguradoras pagassem imediatamente. Os meios usados para preservar as propriedades do navio lhe eram desagradáveis, mas a ação fora necessária. (*F.T.G.*, 1999, p. 171).[243]

A conclusão do tribunal de julgamento do capitão e suas ações no *Zong* evidenciam que o juiz sabe que as mortes dos escravos foram atos execráveis, mas "necessários" para salvar a propriedade do navio. O jargão comercial que trata os escravos como "propriedade" mostra que a decisão do juiz se baseia no pressuposto de que, como objetos, os escravos deveriam ser tratados como tal e que suas mortes não se constituem perdas de seres humanos, mas de investimento financeiro, portanto é aceitável que sejam mortos.

3.4.2 O CAPITÃO

Ao longo da narrativa de *Feeding the Ghosts*, o narrador elucida as características mais evidentes do capitão Cunningham: é ganancioso, impiedoso, utiliza-se de sua boa oratória para convencer seus tripulantes a executarem suas ordens e quando isso não é suficiente, apela para a chantagem. Além disso, esconde-se por trás da máscara do cristianismo para justificar suas ações. Parece ser um personagem que representa bem os valores do escravismo. Vejamos como ele age.

Ao iniciar a abordagem sobre o assunto de atirar os escravos ao mar para garantir os lucros do navio, o capitão apela para a necessidade de voltarem para suas casas e famílias com lucros, esperando assim que seus tripulantes o seguissem cegamente, sem questionar, mas não é o que ocorre. De início, os marinheiros parecem não entender bem aonde o capitão quer chegar e isso faz com que fique exasperado, embora não o demonstre, pois sabe que precisa ser paciente para convencê-los, já que necessita deles para cumprir a tarefa:

> Ele apertou os nós dos dedos mais profundamente nos quadris para evitar esmurrar o rosto do marinheiro mais próximo e, assim, enfiar algum bom senso na cara deles ou pelo menos retirar a máscara de

[243] The spectators applauded and cheered. Lord Mansfield waited for the noise to abate, savouring it as if the words were his and not the Yorkshireman's. He took his time to tap his gavel three times on his desk and call for quiet in the court. Everyone was well and truly smoked in his mind. Lunch was imminent. He'd sum up in favour of the investors and order the insurers to pay up right away. The means used to preserve ths ship's holdings were distasteful to him, but the action was necessary.

> atenção e revelar a estupidez que definhava embaixo. (*F.T.G.*, 1999, p. 10).[244]

O capitão Cunningham, na verdade, despreza boa parte de seus tripulantes, como o trecho evidencia, e em alguns momentos isso fica evidente, pois usa de ironias e escárnio para com aqueles que considera inferiores. Assim, quando ele fala que os seguradores têm interesses diferentes dos seus e que por isso precisam tomar medidas necessárias para diminuir suas perdas, o primeiro imediato Kelsal o questiona sobre quais seriam essas perdas, e Cunningham é extremamente irônico com ele, de modo a inibir outras perguntas: "Meu primeiro imediato parece estar tendo alguns problemas de compreensão. Parece que sua proximidade com a mercadoria deste negócio corrompeu seu bom senso." (*F.T.G.*, 1999, p. 12).[245], numa referência à pouca inteligência comumente atribuída aos africanos pelos escravizadores. Ao afirmar que precisavam "Despojarmo-nos de todos os doentes e enfermos entre nossas propriedades a bordo deste navio." (*F.T.G.*, 1999, p. 13)[246], seus subordinados ainda não entendem aonde ele quer chegar, e o narrador nos evidencia que o capitão se julga superior a eles:

> Ele examinou sua tripulação esvaziada, não abaixo de dezessete, desejando que um ou dois dos vagabundos estivessem entre os sete mortos, ao invés da forma aleatória como a morte havia reivindicado alguns dos seus marinheiros mais ciosos, como se um navio mais importante tivesse de ser dotado de almas confiáveis à custa da eficiência do *Zong*. (*F.T.G.*, 1999, p. 13-14).[247]

Embora lidar com os marujos fosse algo desagradável, era necessário. E há muitos anos trabalhando no mar, o Capitão Cunningham sonha com sua aposentadoria. Assim, sua decisão em atirar ao mar quantos escravos fossem necessários para que ele obtivesse um bom lucro baseia-se em seu desejo de aquela ser sua última viagem. Assim, além de não querer chegar ao novo mundo com uma carga doente que lhe faria

---

[244] He pressed his knuckles deeper into his hips to avoid punching the face of the nearest sailor and thereby knocking some common sense into the visage or at least dislodging the mask of attentiveness and revealing the stupidity that languished underneath.

[245] My first mate appears to be having some problems of comprehension. It appears thst his proximity to the stock of this business has corrupted his common sense.

[246] divest ourselves of all the sick and infirm among our holdings on board this ship

[247] He surveyed his depleted crew, not down to seventeen, wishing one or two of the stragglers were among the seven dead, instead of the random way death had claimed some of his most conscientious sailors as if a more importante ship had to be staffed with reliable souls at the expense of the *Zong's* efficiency.

lucrar pouco, o capitão não quer realizar outra viagem, o que o leva a tentar obter altos lucros com esta última, no *Zong*:

> Sua vida dependia disso? Não. Com um pouco de diligência ele poderia voltar sua mente para outros meios de ganhar a vida. Mas o comércio era tudo o que ele sabia, não poderia mudar naquele estágio avançado de sua vida. Se os lucros fossem grandes, ele consideraria fazer daquela viagem a sua última. Sua mente já havia forjado sua aposentadoria: um cercado de terra em sua Lancashire natal, com seu cachimbo, sua cabeça calva, seus pés em chinelos sobre um banquinho, de frente para uma lareira que nunca se apagava, com um conhaque fumegante em um copo à mão. (*F.T.G.*, 1999, p. 71).[248]

Para o capitão, o que está em jogo no *Zong* não é apenas lucro, mas um bom lucro, o suficiente para garantir sua aposentadoria. Por isso é que ao decidir atirar os escravos ao mar, não serão apenas os muito doentes a morrer, mas mesmo escravos fortes o suficiente para lutar por sua vida, chutar, morder, tentar fugir da morte. Para assegurar o montante que precisava, o capitão ordena que 131 escravos morram, mesmo que a maioria desses pudesse se recuperar da doença. Para ele, importava conseguir adquirir boa quantidade de açúcar com a venda dos escravos para finalizar a última jornada do comércio triangular marítimo: "Se os doentes, na atual quantidade, sobrevivessem até que o navio coxeasse em águas de Jamaica, atingiriam uma ninharia em um leilão em sua condição. Ele lucraria muito pouco para encher a cela convertida com açúcar para a viagem para Liverpool." (*F.T.G.*, 1999, p. 71).[249] Aqui, o capitão evidencia como o navio tinha suas celas desmontadas quando precisava carregar açúcar e quando eram escravos, os espaços eram subdivididos para separar crianças, mulheres e homens. Já vimos como funcionava o comércio triangular marítimo, e aqui o capitão evidencia que para ter os lucros que ele almejava para poder comprar açúcar e levá-la para a Inglaterra, os negros doentes não serviriam, portanto, matá-los e obter o dinheiro do seguro seria mais rentável. Assim, as Índias Ocidentais não teriam que comprar escravos doentes, pouco aptos ao trabalho, e a Inglaterra receberia o açúcar de que tanto precisava. Nessa transação, os seguradores sairiam perdendo, mas Cunningham entende

[248] Did his life depend on it? No. With a little application he could turn his mind to other means of procuring a living. But the trade was all he knew, he couldn't change at this advanced stage in his life. If the profits were big he would consider making this voyage his last. His mind had already manufactured his retirement: landlocked in his native Lancashire, with his pipe, his head bare, his slippered feet upon on a stool, facing a grate that never smouldered, with a brandy fuming in a glass near at hand.

[249] If the sick, in their presente numbers, survived until the ship limped into Jamaica waters, they would fetch a pittance at auction in their condition. He would make too little to fill the converted hold with sugar for the trip to Liverpool.

que eles lucravam muito com as viagens transatlânticas, pois na maioria das vezes as perdas dos navios não eram cobertas pelo seguro pago. Obviamente que, ao conjecturar sobre isso, o capitão não considera que os escravos eram os que perdiam tudo nessas viagens: quando não a vida, a liberdade, para sempre. Após atirar boa parte dos escravos ao mar, esse tipo de pensamento não chega à memória do capitão, pois para ele tudo o que faz é justificado diante de deus:

> Todas as suas ações até agora, antes de sua execução, tinham sido justificadas a Deus. Uma restrição para fazer alguma coisa sempre foi: "Como isso pareceria aos olhos de Deus?" Ele fez a si mesmo essa pergunta sobre a questão do que fazer com a doença crescente entre suas propriedades no *Zong* antes de tomar a sua decisão. Segundo a lei inglesa, declarava-se que cada escravo comprado e vendido no comércio era classificado como mercadoria. Como tal, um proprietário poderia fazer com ela o que quisesse. Certas práticas evoluíram para se manter dentro dessa lei, e dentro dos limites de fronteiras que governam a conduta dos cristãos envolvidos no comércio. (*F.T.G.*, 1999, p. 72).[250]

Assim, aos olhos do capitão, ele não age contra os princípios cristãos nem contra a lei inglesa, embora não responda o que deus pensaria de suas ações no *Zong*. E isso foi também o que o tribunal considerou, pois, o capitão Cunningham foi considerado inocente, até mesmo visto como um herói por ter salvado o restante de sua carga. A lei lhe permitia agir como achasse necessário para salvar o navio e essa lei humana estava de acordo com as leis divinas, ao menos assim ele interpretava. Assim pensando, o capitão justifica tantos mortos como um meio de economizar água, comida e até aliviar o sofrimento dos escravos em questão, pois, a seu ver, as leis divinas não se aplicavam aos escravos, na medida em que estes eram considerados gado, não seres humanos:

> A generosidade de Deus não se destinava a ser outorgada a toda forma de vida que rastejava sobre o globo, embora toda forma de vida ganharia um lugar no Paraíso em virtude dos fatos de sua existência inocente na terra. O lugar da humanidade era especial, privilegiado. Esses privilégios foram conquistados pela faculdade da linguagem e pelo aproveitamento dos recursos do mundo para a melhoria da humanidade. Como eles poderiam ser razoavelmente estendidos ao

[250] All his actions thus far, prior to their execution, had been justified to God. A qualification for doing anything had always been 'How would this look in the eyes of God?' He asked himself this searching question over the issue of what to do with the mounting sick among his holdings on the *Zong* before he had reached his decision. Under English law it was stated that every slave bought and sold in the trade was categorized as stock. As such, an owner could do with his stock whatever he pleased. Certain practices had evolved to keep within that law, and within the confines of boundaries governing the conduct of Christians engaged in the trade.

> africano que estava tão obviamente abaixo do resto da humanidade? Fazer isso seria desperdiçar e humilhar a própria noção de divindade conferida a um recém-nascido como seu direito de primogenitura e validado por ele através da virtuosa vida cristã. Essas sutis gradações eram desperdiçadas no africano. E embora fosse desejável ser bom para eles como seria justo e equitativo com qualquer gado, eles não eram *Homo sapiens* completamente formados. O céu não era deles por meio da salvação, da oração ou do batismo, e se eles estivessem incapacitados por causa da doença, o dono que decidisse encurtar seu sofrimento por meio de seu rápido descarte seria realmente misericordioso. (*F.T.G.*, 1999, p. 72-73).[251]

Se são iguais a animais, como gado, é natural que sejam tratados como tal, e não sendo seres humanos como os brancos, seus donos podiam lhes tratar como quisessem. Assim pensa o capitão e todo o júri que o inocentou, pois quando o advogado dos seguradores disse que os africanos eram seres humanos iguais aos brancos, toda a plateia do tribunal riu de sua consideração. Diante de tais justificativas, ele se sente até mesmo misericordioso, salvando não apenas seu navio, mas abreviando o sofrimento de africanos que estavam doentes. Aqui, ele talvez minta para si mesmo, pois sabe que a maioria dos escravos jogados ao mar tinha chance de se recuperar e que a desculpa da falta de água era pouco convincente, pois durante os três dias de matança, chovia incessantemente, talvez selecionando apenas o que quisesse lembrar e esquecendo o que pudesse levá-lo a ser culpado por ações bárbaras. O capitão parece até mesmo não se lembrar do quanto fora cruel ao exigir que seus homens atirassem escravos ao mar na hora da refeição, quando os escravos comiam no convés e alguns, doentes demais, deviam ser mortos para economizar a comida: “Olhe para aquele grupo. Muito doentes até para comer. Devemos fazer algo a respeito, primeiro imediato.” (*F.T.G.*, 1999, p. 44)[252], o que choca até mesmo o contramestre, fazendo com que seus tripulantes cumpram as ordens de forma atrapalhada, desorganizada, pois não esperavam ter de pausar a refeição para matar escravos:

---

[251] God’s largesse was not intended to be conferred on every life form that crawled over the globe, though every life form would earn a place in Paradise by virtue of the facts of its innocent existence on earth. Humanity’s place was special, privileged. These privileges were earned by the faculty of language and by harnessing the world’s resources to the betterment of mankind. How could they be reasonably extended to the African who was so obviously below the rest of humanity? To do so would be to squander and cheapen the very notion of godhead conferred on a newborn as his birthright and validated by him through virtuous Christian living. These subtle gradations were lost on the African. And whilst it was desirable to be good to them as one would be just and equitable with any stock, they were not fully formed *Homo sapiens*. Heaven was not theirs through salvation or prayer or baptism, and if they were incapacitade through illness it would be a merciful owner indeed who decided to curtail their suffering through their speedly disposal.

[252] Look at that bunch. Too sick even to eat. We should do something about them, First Mate.

> "O capitão disse que deveríamos fazer algo a respeito dos escravos que estão doentes demais para comer."
> Tanto o segundo imediato quanto o contramestre, por suas expressões, pareciam inseguros sobre o que deveriam fazer, mas apenas o segundo imediato falou.
> "Poderíamos fazer alguns dos escravos saudáveis cuidarem deles."
> "Não. O capitão quer que nós nos livremos deles."
> O contramestre ergueu as sobrancelhas. Um segundo imediato menos moderado cuspiu no convés mais ou menos na direção do capitão.
> "O quê? Agora, Sr. Kelsal?"
> "Sim, segundo imediato. Agora." (*F.T.G.*, 1999, p. 44).[253]

A frieza com que o capitão age evidencia que ele também via a escravidão como um meio para atingir riqueza, sua sonhada aposentadoria tranquila, independentemente dos meios usados para isso. Era assim que a imensa maioria das pessoas pensava à época, com exceção de uns poucos abolicionistas que tiveram que lutar por anos para proibir o tráfico negreiro, e mais outras décadas para abolir a escravidão definitivamente. O capitão age conforme a sua época, sendo talvez um pouco mais duro que seus subordinados, pois como capitão do navio e, com uma aposentadoria iminente, sabia que, se lucrasse um pouco menos do que o que calculara, teria que trabalhar mais e ainda poderia levar a culpa pelas baixas vendas de escravos doentes, podendo ser punido pelos investidores que talvez não mais o quisessem contratar:

> Tudo dependia dele. Os investidores iriam culpá-lo por qualquer perda de escravos se essas perdas reduzissem seus lucros. Sua próxima capitania dependia não da experiência de sua vida neste comércio abominável, mas necessário, como ele muitas vezes se referiu a ele, mas em sua última atuação. (*F.T.G.*, 1999, p. 70).[254]

Para se defender de qualquer olhar acusador no navio, o capitão enfatiza a necessidade de não serem arruinados pelo *Zong*, exagerando as potenciais

---

[253] 'The captain said we should do something about those slaves who are too sick to eat.'
Both the second mate and the boatswain, from their expressions, seemed unsure what they were required to do, but only the second mate spoke up.
'We could get some of the healthy slaves to attend to them.'
'No. The captain means for us to dispose of them.'
The boatswain raised his eyebrows. A less restrained second mate spat on the deck in the vague direction of the captain.
'What? Now, Mr Kelsal?'
'Yes, Second Mate. Now.'

[254] Everything hinged on him. The investors would blame him for any loss of stock if those losses dented their profits. His next captaincy hinged, not on his life's experience in this abominable but necessary trade, as he often referred to it, but on his last performance.

consequências de não matarem tantos escravos. Por isso, quando Kelsal pede sua permissão para atirar Mintah ao mar, mesmo ela não estando doente, o capitão aceita, pois ela estava sendo insubordinada, podendo incitar isso em outros escravos, e se aproveita disso para mostrar a Kelsal que ele também tinha as mãos sujas: "Ela não parecia doente para mim, Kelsal." (*F.T.G.*, 1999, p. 50)[255], o que fará com que Kelsal questione menos as suas ordens de jogar doentes ao mar.

Cunningham comemora a cada dia que conseguem atirar ao mar um número considerável de escravos. No primeiro dia são 54, ao que ele chama o primeiro imediato, o segundo e o contramestre para celebrar bebendo em sua cabine. Quando o capitão anuncia que com os 54 mortos chegaram "Quase na metade do caminho, eu diria, não é, Kelsal? / [...] Apenas na metade do caminho?" (*F.G*, 1999, p. 67)[256], o que nos leva a entender que o capitão atiraria ao mar quantos escravos fossem necessários para obter o lucro que almejava, quer estivessem doentes ou não.

Quando Mintah consegue se içar e é delatada por outra escrava, em troca de comida, os tripulantes a procuram por todo o navio, sem sucesso. O capitão Cunningham castiga os demais escravos, deixando-os sem subir ao convés para tomar ar fresco e sol, mas continua em dúvida sobre ela ter conseguido se içar, pois era uma mulher: "Ele praguejou em voz alta, ainda duvidando da evidência de seus ouvidos, 'Ela era uma mulher, maldição!'" (*F.T.G.*, 1999, p. 92)[257], e apaga de seu diário de bordo a menção feita a ela, por isso durante o julgamento não haverá nenhum registro sobre Mintah. Sem encontrá-la, o capitão resolve castigar mais os escravos, afirmando que se Mintah não aparecesse, todos seriam jogados ao mar. Como os afogamentos continuam, seus subordinados se exasperam, cansados da tarefa. O segundo imediato é o que mais se incomoda, a ponto de exigir do primeiro imediato uma atitude: "'Basta, Sr. Kelsal!" A voz surpreendeu Kelsal. Era o seu segundo imediato bloqueando sua saída até a escotilha. "Você tem que parar com essa loucura agora!'" (*F.T.G.*, 1999, p. 99)[258], o que surpreende Kelsal, mas o faz levar a reinvindicação ao capitão de que os homens não mais queriam continuar com aquela tarefa. Porém o capitão não está disposto a parar. Naquele dia, 42 escravos haviam sido atirados ao mar, e o capitão aceita que a tarefa continue apenas no dia seguinte, mas Kelsal afirma que os tripulantes queriam parar de

[255] She didn't look sick to me, Kelsal.
[256] Nearly halfway there I would say, wouldn't you, Kelsal?/ [...] Only halfway?
[257] He cursed aloud, still doubting the evidence of his ears, 'She was a woman, damn it!'
[258] 'Enough, Mr Kelsal! Enough!' /The voice surprised Kelsal. It was his second mate blocking his exit up the hatch./ 'You stop this madness now!'

vez com aquilo, o que enraivece o capitão e o faz ameaçá-los de processo por tentativa de motim:

> "E se chegarmos na Jamaica e partes do gado ainda estiverem doentes e atingirem preços ruins? Teremos descartado peças suficientes para compensar as perdas com uma reclamação dos subscritores? Pensem nisso durante a noite, cavalheiros. Tenho motivos para acusá-los de motim. Estou preparado para reduzir o número de peças que precisamos descartar para adaptar ao seu desagrado para este trabalho, mas ainda não terminamos. Dê-me um pouco de seu tempo amanhã e este trabalho será feito e teremos dinheiro para mostrar por esses meses longe de nossas famílias e amigos. Recuse-se e eu sou forçado a apresentar uma ação contra o primeiro e o segundo imediato por insubordinação e o resto de vocês por comportamento susceptível de incitar um motim. Eu conheço as empresas de Liverpool: vocês não vão navegar em outro navio se eu expuser seus nomes dessa maneira desfavorável. Dispensados." (*F.T.G.*, 1999, p. 102).[259]

Novamente, o jargão comercial evidencia a desumanização dos africanos: *gado, peças, perdas, descartar*, e em nenhum momento lhes são atribuídas características humanas, nem substantivos humanizadores são utilizados, de modo que o discurso do capitão seja evidenciador do modo como eram vistos os escravos durante tal período da história. Diante da ameaça de serem processados e ainda não conseguirem novo trabalho, o primeiro e o segundo imediatos, no outro dia, cumprem com o restante da tarefa. Porém, essa fala do capitão evidencia que o segundo imediato mentira no tribunal, pois naquela ocasião diz que o capitão lhes permitiu que parassem com o trabalho quando reclamaram. Obviamente, após ter participado da matança, de lucrar com ela, aliado ao medo de não conseguir mais trabalho, não restava muita alternativa ao segundo imediato a não ser lutar contra suas memórias e mentir no tribunal, ajudando a oficializar uma história inverídica do *Zong*.

Neste mesmo dia, Mintah e outros quatro escravos vão tentar o motim, sendo capturados, o que será usado como argumento pelo capitão para convencer seus homens a atiraram mais escravos ao mar às vistas dos escravos dissidentes amarrados no convés,

---

[259] 'And what if we arrive in Jamaica and parcels of the stock are still sick and they fetch poor prices? Will we have disposed of enough pieces to make up the losses with a claim from the underwriters? Think about this overnight, gentlemen. I have grounds for charging you with mutiny. I am prepared to reduce the number os pieces we need to dispose of in order to accommodate your distate for this work, but we are not finished. Give me a little of your time tomorrow and this work will be done and we will have money to show for these months away from our families and friends. Refuse me and I am forced to file a suit against the first and second mate for insubordination and the rest of you for behaviour liable to incite a mutiny. I know the companies at Liverpool: you will not sail on another ship if I put your names about in this unfavourable light. Dismissed.

como forma de punição. O narrador nos evidencia como os tripulantes estavam exauridos com o fato de matarem tantos escravos, atirando-os ao mar quando sabiam que poderiam se recuperar:

> Havia um certo grau de loucura pelo que estavam fazendo. Aqui eles estavam no mar rodeados com os meios para sua subsistência, escravos, e eles estavam jogando uma porção deles ao mar, vivos. [...] O capitão era o mais louco de todos. Seu diário de bordo era seu grande tesouro. Ele o segurava como se estivesse cheio de ouro ou pedras preciosas que pudessem se derramar com a menor sacudida ou inclinação. Ele o consultou como se lhe ditasse os meios precisos pelos quais o navio deveria ser conduzido. Tudo em nome do lucro. A tripulação o considerava o progenitor de todo o seu descontentamento. Uma palavra dele e a loucura terminaria, e o navio poderia voltar ao normal, na medida em que a subjugação desses escravos pudesse ser descrita como normal. (*F.T.G.*, 1999, p. 128).[260]

Aqui, nota-se claramente a posição implícita do autor, e isso faz com que o trecho se mostre um pouco forçado, principalmente na sentença "Tudo em nome do lucro", totalmente desnecessária, já que as atitudes do capitão e seu discurso já deixam bastante claro ao leitor que o que o move é o lucro. A menção ao diário de bordo como um tesouro já bastaria para evidenciar a ganância do capitão. Além disso, a última sentença desta citação "na medida em que a subjugação desses escravos pudesse ser descrita como normal" evidencia que D'Aguiar age como um juiz, deixando claro seu desprezo pelas atitudes daqueles que se guiavam pelo lucro para explorar outras pessoas, opinando mesmo dentro da narração heterodiegética, mas a narrativa já revela isso.

No dia seguinte, outros 3

6 escravos são mortos, mas a tripulação não aguenta mais, e quando o capitão sente que realmente podiam se amotinar, decide parar, após a morte de 131 escravos. No tribunal, o capitão sequer conseguirá falar, não por culpa ou peso na consciência, mas por se sentir irado ao ser desafiado, ao ter de dar explicações para o que considerava correto. Outros dentro do navio questionam suas ordens, mas mentirão no tribunal, mesmo sentindo algum tipo de culpa pelas mortes desnecessárias.

---

[260] There was a degree of madness to what they were doing. Here they were at sea surrounded with the means to their livelihood, slaves, and they were dumping a portion of them overboard, alive. […]
The captain was the maddest of all. His ledger was his great treasure. He held it as if it was filled with gold or precious stones that might spill with the slightest jolt or tilt. He consulted it as though dictated to him the precise means by which the ship should be run. All in the name of profit. The crew regarded him as the progenitor of all their discontent. A word from him and the madness would end and the ship could return to normal, as far as the subjugation of these slaves could be described as normal.

4.4.3 KELSAL

Kelsal é o primeiro imediato do *Zong*, e na hierarquia do navio era subordinado apenas ao capitão, agindo como um intermediário entre os marinheiros e Cunningham. Já vimos que ele estivera na missão dinamarquesa e fora cuidado por Mintah, mas sua reação diante dela dentro do navio vai ser contraditória do início ao fim da narrativa. Kelsal irá se lembrar dela, mas fingirá que não; se sentirá culpado pelo modo como a tratou dentro do *Zong*, mas mesmo assim cumprirá as ordens do capitão. Ele vai depor contra Mintah no tribunal, embora não se sinta bem com isso. É um personagem que vai carregar a culpa de saber de sua ingratidão após Mintah ter salvado sua vida e ter lhe ajudado a restaurar a razão, quando quase a perdera em meio aos delírios de febre no forte dinamarquês. Um personagem complexo, cujas memórias da África o perseguirão dentro do *Zong* e no tribunal.

De início, nota-se que Kelsal não tem a mesma frieza que o capitão para tratar da morte dos escravos doentes, porém, notamos também que Kelsal não será um grande questionador das ordens de Cunningham, pois na primeira fala do capitão, o narrador mostra como os pensamentos de Kelsal já se voltavam para a obediência, mesmo antes de saber exatamente o que o capitão tinha em mente para melhorar a situação das doenças no *Zong*: "Contudo, ele sabia que teria de obedecer, como sempre o tinha obedecido, uma vez que qualquer caminho razoável era preferível àquela estagnação de morte e doença que se abateu sobre o *Zong* e o trouxe à beira do fracasso e ancorou-o por semanas [...]." (*F.T.G.*, 1999, p. 11).[261] Assim, sua primeira caracterização é de ser passivo e obediente. Porém, diante da ordem do capitão de atirar os doentes ao mar, Kelsal se choca, pois embora usasse o tráfico negreiro como meio de vida, matar escravos a sangue frio não era algo tão comum a ele: "[...] dos traços grosseiramente contorcidos de Kelsal e dos lábios entreabertos soletraram descrença." (*F.T.G.*, 1999, p. 14).[262] Mesmo para Kelsal, cuja tarefa era cuidar de um navio negreiro, açoitando escravos e convivendo com os maus tratos no navio a eles destinados, negar a chance de sobrevivência a escravos doentes durante a passagem intermédia era algo cruel demais,

[261] Whetever it led he knew he would have to follow, as he had always followed, since every reasonable path was preferred to this stagnation of death and disease which had gripped the Zong and brought it to the brink of failure and anchored it there for weeks […]".
[262] [...] from Kelsal's grossly contorted features and parted lips they spelled disbelief.

mais do que o corriqueiro. Porém, Kelsal sabe que sua vida como primeiro imediato depende da obediência a seu capitão e mesmo discordando da decisão de Cunningham, ele irá acatar suas ordens e ainda convencer os marinheiros a fazê-lo, pois os homens confiavam nele:

> Eles pediram ao primeiro imediato Kelsal sua opinião. Ele era duro, mas sempre parecia atento e pensativo para o mundo ao seu redor. O que Kelsal recomendasse, eles iriam aceitar, qualquer que fosse o resultado. Esperaram. Kelsal olhou para o capitão para pedir permissão para falar com eles. O consentimento foi concedido pelo capitão com um aceno afirmativo enfático. Kelsal suspirou. Outro momento em que tinha que seguir o comando do capitão se apresentou. Como todas as ordens, esta tinha o gosto do mar: desagradável e inevitável sob as circunstâncias. Ele evitou os olhares perscrutadores dos homens, mantendo os olhos fixos no horizonte. Amaldiçoou sua linha ininterrupta: não havia outro rumo senão prosseguir. Na distância que manteve, o horizonte parecia desafiá-lo a se comportar de maneira diferente. Mas o único recurso de Kelsal era a obediência, por mais questionável que fosse. Ele dirigiu o olhar para quem quer que entre os homens estivesse disposto a fechar os olhos com ele e, não encontrando ninguém para a tarefa que durou mais de um segundo antes de olhar para longe - nem mesmo seu segundo imediato - ele percebeu que teria que falar a verdade sem qualquer apoio. (*F.G*, 1999, p. 17).[263]

É bastante evidente que Kelsal não se convencera da necessidade de jogarem escravos vivos ao mar, tanto que ele hesita ao falar, busca ajuda nos olhares dos demais, mas não a encontra, pois por mais que os marujos necessitassem do dinheiro do tráfico negreiro, assassinar escravos a sangue frio era algo além do que consideravam como "trabalho de marujo". Kelsal sabe disso, pois sente o mesmo, o que o faz hesitar. Porém, como vimos, ele não é do tipo que desobedece à hierarquia do navio, portanto acaba falando o que não sente, mentindo para que a tarefa fosse concretizada e não perdessem, eles todos, suas comissões pela viagem:

---

[263] They asked First Mate Kelsal for his opinion. He was tough but always seemed attentive and thoughtful to the world around him. What Kelsal recommended, they would accept, whatever the outcome. They waited. Kelsal looked at the captain for permission to address them. Consent was granted by the captain with an emphatic nod. Kelsal sighed. Another moment when he had to follow the captain's command presented itself. Like all orders, this one tasted like the sea: unpalatable and unavoidable under the circumstances. He avoided the men's searching looks by keeping his eyes fixed on the horizon. He cursed its unbroken line: there was no other course but to proceed. In the distance that it kept, the horizon appeared to challenge him to behave differently. But Kelsal's only resource was obedience, however questioning. He directed his stare at whoever among the men was willing to lock eyes with him and, finding no one up to the task who lasted more than a second before looking away- not even his second mate- he realised he would have to speak his mind without any support.

> "Vocês ouviram as ordens do nosso venerável capitão, senhores. Ordens são ordens e, quando vêm de um capitão bom tal como o capitão Cunningham, elas são consideradas e consequentemente prováveis de resultarem em nossa boa sorte. Eu digo que livramos este navio de seus doentes e enfermos para nos proteger e garantir nosso lucro. O que dizem vocês?" (*F.T.G.*, 1999, p. 17).[264]

Kelsal claramente ignora seus sentimentos, contradiz suas próprias convicções e obedece ao seu capitão. Os homens não reagem com empolgação, ao contrário, sentem-se desanimados "Havia traços de consternação nos rostos dos homens, um ou dois sacudiram a cabeça negativamente, mas o consenso verbal foi unânime [...]."(*F.T.G.*, 1999, p. 17)[265], mas vão obedecer, pois tinham em Kelsal a pessoa de confiança no navio. Importa notar que, se Kelsal tivesse seguido a ideia da maioria, de não aceitar tal tarefa, o capitão nada poderia fazer, pois pouquíssimos tripulantes aceitaram na hora a sua ideia. Mas, com medo, todos vão aceitar e cumprir as ordens. Anda assim, Kelsal parece esperar alguma intervenção divina para não ter que as cumprir: "Kelsal fez uma pausa, procurou no céu enegrecido alguma intervenção divina na qual ele parecia acreditar que deveria estar próxima [...]." (*F.T.G*, 1999, p. 18).[266] É notável que no tribunal, Kelsal não testemunhe sobre essa indecisão, essa dificuldade de grande parte dos marinheiros em cumprir as ordens, embora ele as rememore, pois, o fato de ficar consternado e de não parecer feliz ao depor a favor do capitão são evidências disso, e estas são memórias coletivas, como as definiu Halbwachs (2006), na medida em que grande parte dos marinheiros sentiu o mesmo que Kelsal, uma repulsa em cumprir as ordens de afogar os escravos doentes, levando-nos a entender que as memórias coletivas do *Zong*, por parte dos marinheiros, vai ser negada no julgamento do capitão e, consequentemente, apagadas da história e relegadas ao esquecimento.

Kelsal, obviamente, não é contra a escravidão. Vive dela. Não se importa em manter os escravos vivendo em condições sub-humanas durante a passagem intermédia. Já vimos como ele se sente mal com o cheiro das celas abaixo do convés, e se sente aliviado em sair dali: "Kelsal estava feliz por estar de volta ao ar livre. Ele achou que suas narinas e sua mente estavam tão atentas ao ar de sal, como a um caro perfume."

---

[264] 'You heard the orders from our venerable captain, gents. Orders are orders, and when they come from a good captain such as Captain Cunningham they are considered and therefore likely to result in our good fortune. I say we rid this vessel of its sick and infirm to protect ourselves and guarantee our profit. What say you?'

[265] There were traces of dismay on the faces of the men, one or two shook their heads negatively, but the verbal assent was unanimous [...].

[266] Kelsal paused, looked up at the blackened sky for some divine intervention that he seemed to believe ought to be forthcoming [...].

(*F.T.G.*, 1999, p. 21)[267], mas atribui a resistência dos escravos em viver assim ao fato de serem, de fato, talhados para o trabalho escravo. Pensa como um negreiro, e continuará pensando até o fim da narrativa. Porém, são flagrantes certas contradições em Kelsal. E estas contradições todas estão ligadas à Mintah. Quando ela chama seu nome nas celas, ele se irrita, pois sente que nenhum escravo tem o direito de lhe chamar pelo nome, principalmente no tom irritado com que Mintah o fez. Ele leva Mintah ao capitão, alegando que o tom de voz dela indicava rebeldia: "Kelsal explicou ao capitão que a mulher sabia inglês e estava gritando seu nome de tal modo a provocá-lo, mas, mais importante, num modo que era susceptível de incitar a rebelião nos outros escravos." (*F.T.G.*, 1999, p. 30).[268] Na verdade, Mintah apenas chamara seu nome e perguntara onde estavam os homens que haviam sido levados ao convés, mas para os negreiros, qualquer palavra poderia significar rebeldia, insolência, o que exigiria medidas corretivas. Mas, quando Mintah revela sua identidade, dizendo que viera de uma missão dinamarquesa, Kelsal começa a se lembrar:

> O queixo de Kelsal caiu em descrença. As palavras dela reverberaram em sua cabeça. [...] Ele simplesmente imitou as palhaçadas e os sons de todos ao redor dele conforme eles respondiam ao capitão enquanto olhava para Mintah, colocando toda sua energia em saquear seu passado para ver se poderia produzir uma imagem dele que se aproximasse da jovem mulher de frente para ele. (*F.T.G.*, 1999, p. 30).[269]

É notável que Kelsal busque as memórias de Mintah, vasculhando seu passado, tentando se recordar daquela que chamava seu nome nas celas dos escravos, e fica implícito que ele se lembra, mas não dará demonstrações a Mintah de reconhecê-la, e manterá o segredo consigo, não contando para nenhum membro da tripulação. Na verdade, ele tentará fingir para si mesmo que ela nada significa para si, e se sentirá irado por ela ter lhe chamado o nome, mas, mais propriamente, a raiva que Kelsal sente é das memórias que Mintah faz com que ele tenha. Irá surrá-la, como vimos, impiedosamente, tentando mostrar autoridade para seus homens e castigá-la por fazer se lembrar do

---

[267] Kelsal was glad to be back in the open. He found his nostrils and mind were as attentive to the salt spray air as though to some expensive perfum.

[268] Kelsal explained to the captain that the woman knew English and had been shouting his name in a manner to provoque him but, more importantly, one that was likely to incite rebellion in the other slaves.

[269] Kelsal's jaw dropped in disbelief. Her words reverberated in his head. […] He simply mimicked the antics and sounds of everyone around him as they responded to the captain while he stared at Mintah, putting all of his energy into ransacking his past to see if he could produce an image from it that approximated to the young woman facing him.

período de maior fragilidade em sua vida, quando estivera quase inconsciente, precisando dos cuidados de africanos e dela, especialmente. Há memórias coletivas partilhadas por Mintah e Kelsal e, enquanto ela faz questão de lembrá-las, Kelsal quer apagá-las. Seu incômodo é tamanho, que ele, mais adiante, quando Mintah chamar novamente seu nome, irá amordaçá-la e ameaçá-la: "Da próxima vez vou cortar sua língua!" (*F.T.G.*, 1999, p. 40)[270], mas, ao mesmo tempo, não permite que o contramestre a estupre, com a desculpa de ela estar menstruada, o que se constitui como mais um flagra de sua contradição em relação à Mintah. As memórias de Kelsal sobre sua estadia na missão em que Mintah estava também são contraditórias, pois ele parece lhe ser grato de alguma forma, mas, ao mesmo tempo, não quer se lembrar de como ficara frágil. Para si mesmo, Kelsal inventa desculpas para bater nela, castigá-la, fazê-la se calar, enfim:

> Ela olhou para Kelsal. Não com qualquer desafio ou provocação. Era apenas um olhar plácido, como se eles tivessem algo em comum ou algum entendimento privado que um olhar tão acessível como o seu comunicaria. Kelsal devolveu seu olhar. Seus olhos se estreitaram e tremeram, talvez contra o vento e a chuva. O olhar de Mintah mudara? Ela era a mulher em quem ele tinha batido antes. Ele tinha feito isso. E por uma boa razão. Seu nome não era para ser usado dessa maneira por um escravo. Ela fora avisada, apanhara, fora acorrentada, amordaçada e aqui estava ela novamente, tão impudente com seu nome quanto antes. Ela era um bom espécime, iria atingir um bom preço na Jamaica, mas ele não podia suportá-la por mais um momento naquele navio. (*F.T.G.*, 1999, p. 47).[271]

Nesse momento, Kelsal e Mintah se olham e ambos sabem que se conhecem, ambos rememoram seu passado, os momentos na missão dinamarquesa. A mudança de foco narrativo dentro do mesmo parágrao se constitui como uma das marcas mais interessantes na escrita de D'Aguiar, que consegue fazer isso sem que haja prejuízo no entendimento de como cada personagem se sente, nem que haja confusão a respeito de quem o foco narrativo trata. Neste caso, vemos as memórias de Mintah e de Kelsal em flagrante embate, pois ela demonstra no olhar o reconhecimento das memórias coletivas

[270] Next time I will cut out your tongue!

[271] She stared at Kelsal. Not with any challenge or defiance. It was just a placid look as though they held something in common or had some private understanding wich a look as easy as hers would communicate. Kelsal returned her stare. His eyes narrowed and trembled, perhaps against the wind and rain. Did Mintah look changed? She was the woman he had beaten earlier. He had done that. And for good reason. His name was not to be used in this way by a slave. She had been warned, beaten, chained, gagged and here she was again, as impudent with his name as before. She was a fine specimen, would fetch a good price in Jamaica, but he couldn't countenance her another moment on this ship.

que ambos partilhavam, enquanto ele prefere pensar nela apenas no presente, fingindo que não partilha de tais memórias, talvez querendo relegá-las ao esquecimento. Parece que Mintah esperara ser reconhecida, e que talvez esse reconhecimento lhe fosse favorável. Mas Kelsal finge não a reconhecer, embora esse olhar o denuncie. E ele sente que não poderá mais tolerar esse olhar, nem a ouvir mais chamar seu nome. Mintah ousara chamar seu nome mais uma vez, na tentativa de salvar duas crianças que iam ser jogadas ao mar, mas Kelsal a ameaça: "Essa é a última vez que você chama meu nome." (*F.T.G.*, 1999, p. 48).[272] Mas Mintah insiste, ele parecia ser sua única esperança de salvar os africanos do mar:

> Mintah falou com ele rapidamente. O que quer que estivesse dizendo na sua cara, teve o efeito de reorganizar sua expressão habitual. Primeiro, os sulcos entre as sobrancelhas desapareceram e os lábios se abriram sobre os dentes. Em seguida, a pele reunida novamente como um elástico que tinha sido esticado e retrocedido à sua forma original. Seus lábios se apertaram mais uma vez. Mas tanto a pele sulcada e os lábios pareciam pior do que antes - mais grosseiramente sulcado, mais firmemente franzido - pela alteração temporária. Por um momento, Kelsal parecia estar sofrendo. Ele respirou fundo. Olhou para o capitão. (*F.T.G.*, 1999, p. 48).[273]

Mintah iniste em partilhar suas memórias com Kelsal, forçando-o a encarar as memórias coletivas de ambos. A descrição de sua expressão facial evidencia como isso o incomoda, embora, inicialmente, haja a impressão de que Kelsal sorrira. Isso rapidamente se desfaz e seu rosto evidencia raiva, algum transtorno por ser obrigado a ouvir o que queria esquecer. Nesse momento, Kelsal decide atirar Mintah ao mar e o faz imediatamente. O narrador aqui deixa o leitor na expectativa de saber o que Mintah dissera a Kelsal, o que o fizera reagir assim, embora fique implícito que tenham sido informações sobre sua estadia no forte. O que fizera Kelsal demonstrar dor em seu olhar? Mas, essa informação só será dada pela própria Mintah, em seu diário, no qual ela nos contará o que dissera a Kelsal e como ele reagira, e como ela entendera sua reação, como já vimos. Ela lhe relembra de como ele roubara a missão, como adoecera e fora cuidado pelos africanos, por ela em especial. Mintah se dá conta de que reavivara

[272] That is the last time you call my name.

[273] Mintah spoke to him rapidly. Whatever she was saying to his face had the effect of rearranging his usual expression. First the furrows between his eyebrows disappeared and his lips parted over his teeth. Then the skin assembled again like an elastic that had been stretched and snapped back to its original shape. His lips pursed once more. But both furrowed skin and lips were made to look worse than before- more grossly furrowed, more tightly pursed- by the temporary alteration. For a while Kelsal seemed to be in pain. He drew a deep breath. He looked at the captain.

em Kelsal a memória de um momento de fragilidade em sua vida, momento em que ela fora responsável por ajudá-lo a se recobrar. Porém, há memórias que queremos esquecer. Kelsal parece rememorar não só a sua doença e os cuidados de Mintah, mas alguns poucos momentos em que fora feliz, e sorria surpreso de estar sorrindo. Ali, no navio, apenas a surpresa aparece e Kelsal parece querer apagar qualquer memória que pudesse ter da missão, e a morte de Mintah no mar lhe parece ser a saída.

Mais adiante na narrativa, após a captura de Mintah no motim e de ela ser presa no convés, Mintah implora a Kelsal que a jogue no mar, pois ela quase enlouquece presenciando tantas mortes no convés do navio. Kelsal a olha e nesse momento, o narrador focaliza no personagem de Kelsal e podemos entender melhor seus sentimentos contraditórios em relação a Mintah:

> Kelsal fez uma careta, como se golpeado inesperadamente na nuca. Por um momento ele viu, não Mintah, mas a menina que cuidara dele no forte. O forte não estava em um mapa. Não mais. Tinha sido saqueado. No entanto, ele o mantinha intacto em sua mente e ela com ele. Em vez de carregá-lo dentro de si, parecia que ele era transportado por ele, pendurado no esqueleto dele, de modo que a menina que havia cuidado dele de algum modo convivia com ele em seus ossos. O fardo afetou sua postura. Fez que se curvasse e caminhasse com dificuldade. Não, pensou consigo mesmo, era a sua experiência como marinheiro, não o seu passado. Mintah era seu passado. Não o seu jeito de entrar em seu futuro. O peso era o arrasto do mar. Sentiu-se vadear em terra após o naufrágio e quando seu corpo tinha ficado preso em uma febre no forte. O forte tinha tomado o lugar do mar em seu corpo, e ele nem sequer sabia quando isso tinha acontecido ou como, exceto que Mintah tinha tido algo a ver com isso. Ela tinha retornado à sua vida como uma febre recorrente, e a transação entre o mar e o forte sobre seu corpo tinha ocorrido então. Antes do retorno de Mintah, o forte estava atrás dele. Não à frente dele, antecipando seu próximo passo, seu próximo pensamento, mas firmemente atrás de si. Agora ela tinha vindo e invertido as coisas. Com Mintah a bordo, o *Zong* tinha se tornado o forte. Ele tinha feito o que tinha feito com ela porque queria ser Kelsal novamente, não o Kelsal que ela intimou quando chamou seu nome, mas o primeiro imediato Kelsal do *Zong*. Kelsal que se inclina por causa dos tetos baixos e estreitos corredores do *Zong*. Kelsal com a experiência do mar e a postura de um navio. (*F.T.G.*, 1999, p. 131-132).[274]

[274] Kelsal grimaced as if struck unexpectedly on the back of the neck. For a moment he saw, not Mintah, but the girl who had nursed him at the fort. The fort was not on a map. Not any more. It had been plundered. Yet he had kept it intact in his mind and her with it. Rather than carrying it around inside him, it seemed as if he were conveyed by it, hung on the skeleton of it, so that the girl who had nursed him there somehow cohabited with him in his bones. The burden affected his posture. Made him stoop and made walking difficult. No, he told himself, that was his sea legs, not his past. Mintah was his past. Not his way of walking into his future. The weight was the drag of the sea. He had felt it wading ashore after the shipwreck and when his body had been pinned down in a fever at the fort. The fort had taken the place of the sea in his body, and he wasn't even aware when it had happened or how, except that Mintah had

É notável que as memórias que Mintah trouxe consigo fazem com que Kelsal se sinta confuso, deslocado dentro do navio, como se não reconhecesse mais a sua própria identidade, como ocorrera no forte. Mintah faz com que Kelsal relembre seu passado no forte, e ele se sente como se lá estivesse, com toda a sensação de vazio na mente, confusão mental e amnésia que sentira durante sua febre prolongada. Mintah representa tudo isso, ela faz com que as memórias de Kelsal o deixem perturbado e inseguro, por isso, o maior conflito de Kelsal durante a viagem do *Zong* e mesmo durante o tribunal não é ter que atirar escravos ao mar, mas ter que lidar com Mintah e com todas as lembranças que ela traz consigo. Ali, vendo-a e ouvindo-a, Kelsal se perde e se irrita com isso e quer puni-la por fazê-lo não saber mais ao certo quem ele era, e ele queria voltar a ser o Kelsal que aprendera a aceitar, não aquele homem frágil ajudado por escravos, não um homem que se curvava pela culpa. As memórias que Kelsal carrega de sua estadia no forte não são individuais, pois Mintah as partilha também, sendo, portanto, coletivas. A maioria dos que vivenciaram a mesma situação haviam sido mortos no ataque à missão dinamarquesa, ou capturados e vendidos como escravos, e essas memórias se perdem, pois, os membros que as viveram juntos não mais se verão. Mas Kelsal e Mintah, juntos no navio, possuem as mesmas memórias e embora Kelsal tente negá-las, Mintah o relembra, faz com que ele as encare e ele se abala com elas. Porém, Kelsal irá tentar apagá-las totalmente quando, no tribunal, irá testemunhar e ajudar a oficializar uma história falsa, com base não nestas memórias, mas naquilo que o capitão havia descrito em seu diário de bordo.

Mintah nunca mais falará dos ocorridos no *Zong*, seu diário será ignorado no tribunal, e estas memórias coletivas morrerão com ela. Kelsal demonstra no tribunal não estar feliz, mas mente mesmo assim. Ele não irá compartilhar suas memórias, nem resolverá seus conflitos com Mintah e com tudo o que ela lhe faz sentir e rememorar. Isso se nota desde o início da matança dos escravos, quando o capitão, após a morte de 54 escravos, informa que esse número não era nem a metade do que deveriam matar. Kelsal se sente mal. Achara que matar Mintah o aliviaria, mas isso não acontece:

---

had something to do with it. She had returnet into his life like a recurring fever, and the transaction between the sea and the fort over his body had taken place then. Before Mintah's return the fort was behind him. Not ahead of him, anticipating his next step, his next thought but firmly at his back. Now she had come and reversed things. With Mintah on board the Zong had become the fort. He had done what he had done to her because he wanted to be Kelsal again, not the Kelsal she summoned when she called his name, but First Mate Kelsal of the *Zong*. Kelsal stooping as dictated by the low ceilings and narrows gangways of the *Zong*. Kelsal with sea legs and a ship's posture.

> Ele entendeu que a paciência do capitão estava se esgotando com o que parecia ser indecisão da parte dele, de Kelsal. Mas o sentimento que tinha dentro de si não o deixaria. A fêmea o tinha despertado por um simples chamado de seu nome. E com cada escravo descartado, a sensação de agitação em seu estômago se intensificou. Ele pensou que ela era a causa e, portanto, seu descarte iria acabar com isso. O oposto foi o caso. Ele comeu e vomitou. (*F.T.G.*, 1999, p. 67).[275]

Ao atirar Mintah ao mar, Kelsal achou que poderia se livrar daquele sentimento, uma agitação, um incômodo, mas isso não melhorou, ao contrário. A expressão "comer e vomitar" indica que ao atirar mais um escravo no mar, no caso Mintah, Kelsal não se sente melhor, mas pior, se constituindo mais uma morte em suas costas, desta vez de uma escrava que havia sido bondosa com ele no passado, e seu mal estar se intensifica. Ao longo do restante da jornada do *Zong*, Kelsal irá sentir bastante desconforto em cumprir as ordens de seu capitão, será pressionado por outros marinheiros a parar, falará com o capitão, mas continuará sendo servil e obedecendo. Em um momento, ao descer às celas para capturar mais alguns doentes, um escravo lhe cospe na cara: "Um homem cuspiu em seu rosto. Kelsal bateu na cabeça do homem e, quando o homem cobriu a cabeça, bateu nos braços e ombros, e amaldiçoou e ordenou a sua tripulação que removesse o ofensor." (*F.T.G.*, 1999, p. 82)[276], mas logo depois ordena que os escravos sejam lavados e quer lhes dar rum como consolo. Kelsal é um personagem bastante contraditório, pois age violentamente como se esperava de alguém que vivia do tráfico negreiro, mas se arrepende de algumas ações e tenta compensá-las. Mas, na maior parte da viagem, demonstrará falta de coragem diante de seu capitão. Talvez por medo de ter sua imagem deturpada no meio do tráfico negreiro e ficar sem trabalho, talvez pela culpa de ter atirado uma escrava saudável ao mar. Fato é que somente após muita pressão de seus subordinados, ele irá pedir ao capitão, mais uma vez, que parem com aquela tarefa:

> Capitão, a tripulação não pode entender o propósito de lançar os escravos doentes por cima da amurada se eles podem se recuperar ou se eles vão morrer de qualquer maneira; eles não veem o sentido de

[275] He understood that the captain's patience was wearing thin with what seemed like indecision on his, Kelsal's, part. But the feeling he had inside would not leave him. The female had brought it by a mere calling of his name. And with each slave disposed of, the churning sensationin his stomach had intensified. He thought she was the cause and therefore her disposal would end it. The opposite was the case. He ate and vomited.

[276] One man spat in his face. Kelsal beat the man on the head and, when the man covered his head, about the arms and shoulders, and cursed and ordered his crew to remove the ofender.

> jogá-los vivos, quando em poucos dias eles estariam mortos e mais fáceis de se desfazer. (*F.T.G.*, 1999, p. 101).[277]

O capitão fará apenas uma pausa nas mortes, sendo que elas serão retomadas no dia seguinte, após o motim fracassar. Kelsal, mais uma vez tentará argumentar, usando o fato de que os homens não aguentam mais tal tarefa como desculpa, não seu próprio desejo, pois parece não ter coragem de afirmar-se diante do capitão "Capitão, se retomarmos o descarregamento, podemos ou não punir os escravos, mas certamente puniremos a tripulação." (*F.T.G.*, 1999, p. 110).[278] Porém, diante da negativa do capitão, Kelsal reassume seu trabalho no dia seguinte. Nada disso será contado no tribunal.

No dia seguinte, outros 36 escravos serão mortos, o que será presenciado pelos dissidentes que estavam amarrados juntos no convés. Mintah tentará falar com os escravos antes que fossem jogados ao mar, quer saber-lhes os nomes, para que possa se lembrar deles depois. Nesse momento, parece que Kelsal demonstra certa empatia, pois quando os escravos falam algo e Mintah não escuta, ele diz a ela as palavras pronunciadas: "Kelsal caminhou até Mintah e se agachou ao lado dela e disse: 'Ele murmurou Tunde; algo como Tunde.'" (*F.T.G.*, 1999, p. 125)[279], em mais uma tentativa, talvez, de redimir-se. A seguir, Mintah lhe cuspirá na cara e ele não reagirá, mas se voltará para o capitão exigindo o fim daquelas tarefas e dessa vez o capitão irá aquiescer, sabendo que os homens não aguentariam mais e um motim poderia ocorrer. A chegada à Jamaica logo se dá e Kelsal continuará mentindo para si mesmo, tentando ignorar suas memórias, fugindo delas no tribunal e contribuindo para que as memórias de Mintah fossem completamente apagadas da memória histórica do *Zong*. Talvez Kelsal seja o personagem mais contraditório deste romance, pois demonstra características que não seriam condizentes com as de um primeiro imediato de um navio negreiro, como hesitação e piedade dos escravos, talvez sentimentos motivados pelo tempo passado junto aos africanos. Sua caracterização é feita de forma bastante coerente, de modo que o personagem aparece como inseguro, hesitante, incoerente,

---

[277] Captain, the crew cannot see the point of dumping sick slaves over the side if they might recover or if they are going to die anyway; they do not see the sense in dumping them alive, when in a few days they would be dead and easier to dispose of.

[278] Captain, if we resume the dumpings we may or may not be punishing the slaves but we will certainly punich the crew.

[279] Kelsal walked over to Mintah and crouched down beside her and said, 'He muttered Tunde; something Tunde.'

fazendo o leitor refletir sobre o fato de que nem todos os envolvidos com os lucros da escravidão fossem taõ desumanos quanto o capitão Cunningham, por exemplo.

4.4.4 OS TRIPULANTES

Já vimos como a tripulação do *Zong* se comporta no tribunal, reforçando o que o capitão Cunningham relatara em seu diário de bordo, ajudando-o a omitir sobre Mintah, sobre as mortes que poderiam ter sido evitadas, sobre o motim, sobre Kelsal conhecer Mintah, sobre a ânsia do capitão por lucro a qualquer custo, sobre como os homens começaram a se cansar da tarefa de jogar escravos vivos ao mar e não queriam mais cumpri-la, mas o capitão os obrigou, sob ameaças. Nem todos os tripulantes queriam cumprir as ordens do capitão, alguns discutem, comentam, se queixam, pedem a Kelsal e ao segundo imediato para parar. Outros tripulantes como o cozinheiro e o contramestre apoiam a tarefa, parecem até sentir prazer nela, assim como o capitão, que age de forma cruel e impiedosa. Vejamos agora como pensam alguns desses membros da tripulação, e como suas atitudes no navio se contradizem com os depoimentos dados ao Lorde Mansfield, numa mascaração da realidade e esquecimento das memórias coletivas do *Zong*.

Desde o momento em que o capitão ordena que escravos vivos sejam jogados ao mar como forma de terem lucro ao fim da viagem, os tripulantes não se sentem à vontade com as ordens. A maioria não se importa com a vida dos escravos em si, mas sentem que talvez ao fim da viagem os seguradores possam se recusar a pagar pelos escravos afogados, o que resultaria numa ação inútil matá-los. Assim, buscam o conselho do primeiro imediato, Kelsal, em quem confiam, e quando este dá o aval às ordens do capitão, acabam aceitando a tarefa, embora continuem se questionando acerca de sua necessidade: “Alguns acharam que isso era pedir demais a eles, já que eram marinheiros em primeiro lugar, e não mercenários.” (*F.T.G.*, 1999, p. 16).[280]

Alguns tripulantes se sentem incomodados com o fato de Mintah ser alfabetizada, sendo que a maioria deles sequer sabia assinar o próprio nome. Sabiam que o fato de ela ter contato com os brancos, saber acerca de seu mundo, fazia com que ela não fosse uma escrava como as outras, mas “uma escrava que era difícil de

[280] A few felt that this was asking too much of them since they were sailors first and foremost, not soldiers of fortune.

subjugar." (*F.T.G.*, 1999, p. 31)[281], e quando Mintah afirma ser batizada, a tripulação que batia palmas para sua dança se cala, preocupada com o que aquilo podia significar. Embora o batismo e a alfabetização não significassem mudança de status para os escravos, o fato de terem conhecimento das leis cristãs e do alfabeto fazia com que seus donos se preocupassem, pois, um escravo que possuía conhecimento podia causar problemas, como incitação a motins, rebeldias, questionamentos. É o que sentem os marinheiros do *Zong* diante de Mintah, o que, provavelmente, faz com que se sintam meio aliviados quando ela é jogada ao mar e não estranhem o fato de uma escrava saudável e jovem ser assim desperdiçada como venda valiosa que era.

É notável que o contramestre, que na hierarquia do navio estava abaixo do segundo imediato, mas acima dos demais marinheiros, é o homem que mais apoia o capitão Cunningham. Ao longo da narrativa, ele tenta estuprar Mintah, como já vimos, se frustrando quando Kelsal, ao ver o sangue menstrual dela, o impede. Diante do impedimento, o contramestre pensa "Haveria outra hora, ele se consolou." (*F.T.G.*, 1999, p. 33)[282], além de estuprar outras escravas ou aliciá-las com comida, como também já vimos. Ele é o único que demonstra total satisfação com as mortes, como se nota, ao celebrar o primeiro dia em que começaram a jogar os escravos vivos ao mar e atingiram a marca de 54 pessoas mortas: "O contramestre ficou maravilhado com essa estatística produzida por seu trabalho coletivo." (*F.T.G.*, 1999, p. 125)[283], além de, ao ser informado que de 54 escravos mortos não chegava nem à metade da meta do capitão, não se espantar, como Kelsal e o segundo imediato e ainda acusar Kelsal de ser fraco, quando este se incomoda com tal atividade: "O que há com esse homem? Ele está perdendo o estômago para o trabalho? O contramestre estava procurando a aprovação do capitão e conseguiu." (*F.T.G.*, 1999, p. 68)[284], demonstrando que seu pensamento se alinha com o do capitão acerca do tratamento destinado aos escravos: eram gado, que lhes devia dar lucros, quaisquer que fossem os meios. Isso se evidencia ainda mais durante o tribunal, quando o contramestre se indigna com o livro de Mintah, mostrando-se irado também com Kelsal que não reverencia o capitão, como ele o faz. Quando a maioria dos tripulantes já está cansada da tarefa, exigindo o fim dela, o que é apoiado por Kelsal e pelo segundo imediato, o contramestre será o único a ficar

[281] a slave who was difficult to subjugate.
[282] There would be another time, he consoled himself.
[283] The boatswain marvelled at this statistic produced by their collective labour.
[284] What's the matter with that man? Is he losing his stomach for the job? The boatswain was seeking the captain's approval and got it.

incondicionalmente ao lado do capitão: "Capitão Cunningham, eu não estou de acordo com o primeiro e o segundo imediato. Esta é uma decisão necessária e rentável da sua parte. Eu a apoio completamente." (*F.T.G.*, 1999, p. 101).[285] Como o narrador não escrutina os sentimentos e pensamentos do contramestre, subentendemos que ele é totalmente favorável ao uso dos escravos como objetos e, como tais, podiam ser espancados, estuprados ou mortos, já que eram de sua propriedade. Age da mesma forma no tribunal: mente a favor do capitão, omitindo todos os fatos acerca de Mintah e das mortes terem um papel fundamentalmente econômico, e não misericordioso ou de prevenção, como alegava o advogado dos investidores.

O segundo imediato é menos cruel no tratamento dado aos escravos, embora durante o tribunal ele também minta a favor do capitão e omita até mesmo o fato de que há muito tempo os tripulantes pediam ao capitão para pararem com a matança dos escravos. Durante a narrativa, o segundo imediato, mais parecido com Kelsal do que com o contramestre, não se entusiasmará em atirar os escravos ao mar: "Mas Kelsal e o segundo imediato pareciam menos entusiasmados." (*F.T.G.*, 1999, p. 66)[286], e será um encorajador de Kelsal, quando este irá questionar o capitão acerca da tarefa, solicitando que parem de fazê-la. Ele chegará inclusive a defender Kelsal, quando o contramestre começa a denegrir sua imagem diante do capitão, afirmando que por Kelsal ter vivido entre os africanos, é normal que tenha certos sentimentos por eles e por isso não aprecie ter de jogá-los vivos ao mar. Em vários momentos, o segundo imediato irá solicitar pausas na tarefa, insistindo com Kelsal sobre esse assunto, já que Kelsal, ao ter sua capacidade de concluir a tarefa posta em dúvida pelo capitão, acabará por não querer mais solicitar isso a ele, temendo ser visto como fraco e acovardado:

> "Alguém terá de dizer ao capitão que isto tem que parar." [...]
> "Você é o primeiro imediato, cabe a você contar a ele. Os homens esperam que você faça isso."
> "Eu sei."
> Kelsal olhou para o chão. Seus ombros se inclinaram tão baixo que o segundo imediato teve piedade dele.
> "Não se preocupe comigo. Só estou dizendo o que os homens estão me dizendo." (*F.T.G.*, 1999, p. 86).[287]

[285] Captain Cunningham, I am not in agreement with the first and second mate. This is a necessary and profitable decision on your part. I back it completely.
[286] But Kelsal and the second mate seemed less enthusiastic.
[287] 'Someone will have to tell the captain that this has got to stop.'[…]/ 'You are first mate, it's up to you to tell him. The men expect you to.'/ 'I know.'/ Kelsal looked at the floor. His shoulders stooped so low that the second mate took pity on him./ 'Don't mind me. I'm just saying what the men are telling me.

Vemos que o segundo imediato não questiona o capitão diretamente, mas somente a Kelsal, talvez temendo ser punido. Embora tente amenizar as cobranças a Kelsal, chegará a gritar com ele, como vimos, exigindo que ele fale com o capitão e que parem com aquela "loucura". Assim como ele, a maior parte dos homens começa a se questionar acerca da necessidade dessa ação. Quando o capitão ordena que peguem crianças para jogar ao mar, os tripulantes chegam a comentar entre si sobre o absurdo disso:

> Um tripulante sussurrou a seu amigo que não era suficiente matar os doentes, depois as mulheres — agora eles deveriam assassinar crianças. Seu amigo concordou, mas exortou-o a manter suas opiniões para si mesmo, a menos que quisesse atrair o gato-de-nove-caudas em suas costas. (*F.T.G.*, 1999, p. 39).[288]

Fica evidente que era o medo o que levava alguns tripulantes a obedecer: medo de represálias, como a chibata, medo de não mais conseguirem trabalho. O termo usado pelo marinheiro é "assassinar", evidenciando que sabiam que o que faziam não era salvar o navio, mas matar escravos sem justificativas. A tarefa se torna cada vez mais desagradável, e como os tripulantes notam que os escravos atirados no primeiro dia e no início do segundo pareciam que iriam morrer, de qualquer forma, não viam sentido em continuar com aquilo:

> A tripulação suspirou. No passado, lhes tinham sido atribuídas a tarefas para as quais tinham pouca inclinação, mas este despejo do gado ao mar era difícil de engolir. Eles disseram uns aos outros, em voz baixa, que se as pobres criaturas miseráveis morreriam de qualquer maneira, por que não as deixar em um canto para morrer? Por que passar por todas essas confusões e lutas com eles quando o mesmo resultado - sua morte - enviaria seus corpos para o mar, e seu precioso diário de bordo, com o qual ele se importava mais do que ninguém, poderia registrar o fato da morte e disfarçar as circunstâncias. A vida de todos seria mais fácil se o gado morto fosse jogado sobre a amurada em vez de gado vivo. (*F.T.G.*, 1999, p. 97).[289]

---

[288] One crewman whispered to his friend thta it was not enough to kill the sick, then women- now they were to murder children. His friend agreed, but urged him to keep his opinions to himself unless he wanted to invite the cat-o'-nine-tail on both their backs.

[289] The crew sighed. In the past they had been assigned to duties for which they had little apetite, but this dumping of livestock overboard was hard to stomach. They told each other in hushed tones that if the poor wretched creatures were to die anyway, why not leave them in a corner to die? Why go through all this fussing and fighting with them when the same outcome- their death- would consign their bodies to the sea, and his precious ledger, which he cared about more than anyone, could record the fact of the death and disguise the circumstances. Everyone's life would be easier if dead stock were thrown over the side instead of live stock.

Se são gado, por que os marinheiros se incomodam em afogá-los? Fica evidente que, assim como o advogado de defesa, muitos os consideravam humanos, não animais, daí a dificuldade em continuar com a tarefa. Conforme os marinheiros vão jogando os escravos no mar, notam sua resistência: alguns chutam, se debatem, mordem, enfrentando, de toda forma, a morte. As crianças gritam por suas mães, as mães lamentam pelos filhos, os homens tentam se livrar das mãos de seus algozes e a tarefa se torna mais e mais penosa. O que eles não percebem é que, na verdade, o capitão sabia que muitos daqueles escravos acabariam sobrevivendo, e que seu preço no mercado, estando doentes, enfraquecidos ou abatidos, seria menor do que o que ele poderia obter com o dinheiro do seguro. Por isso é que ao fim dos três dias em que os escravos são atirados do *Zong*, eles se debatem mais e mais diante da morte, pois não estavam tão doentes. No tribunal, nenhum dos oficiais do navio irá desmentir o diário de bordo do capitão, o que fará com que a memória histórica do *Zong* seja firmada com base em memórias coletivas inventadas, oficializando a versão do capitão. A memória de Mintah será ignorada e os tripulantes mais rasos, como Simon, sequer terão a chance de falar.

4.4.5 SIMON

Simon é o ajudante do cozinheiro, um jovem rapaz cuja idade não é precisada, mas que é, a todo momento, caracterizado pelos outros membros do navio, como "simple", o que se pode entender como simplório. Simon é apresentado apenas quando Mintah se esconde na despensa da cozinha e ele a encontra lá. Apesar de toda improbabilidade, ele a ajuda a se esconder e um sentimento amoroso nasce entre os dois.

Assim que ele a encontra na despensa, imagina que ela seja uma bruxa, por ter sobrevivido à queda no mar e ter retornado ao navio, mas ela tenta acalmá-lo e começa a questionar quem ele era. Ele não gosta desses questionamentos, pois fazem com que ele seja, mais uma vez, diminuído, como ocorre constantemente: "E não comece a me dar ordens, como o Cozinheiro." (*F.T.G.*, 1999, p. 59).[290] Mintah, então, se recorda daquele jovem, o assistente do cozinheiro, e o curioso é que sua lembrança faz com que

[290] And don't start giving me orders, like Cook.

ela se identifique com ele: “Mintah conhecia esse rapaz. Sua mente era simples. Ele era espancado diante de cada erro que cometia. O cozinheiro o tratava com um desdém apenas um pouco menos acentuado do que aquele reservado aos escravos.” (*F.T.G.*, 1999, p. 59).[291] Assim, o jovem se distrai e se esquece do que viera buscar na despensa, e teme que o cozinheiro vá lhe bater por isso. Quando Mintah o ajuda a se lembrar do que precisava, Simon ri com ela e ambos parecem começar a criar um laço de cumplicidade: “Eles chegaram ao feijão. Ele mergulhou a palma, segurou-a e sacudiu a cabeça e riu. Mintah ignorou o pensamento de que, até agora, em seu intercâmbio, era ela, e não ele quem era o tolo.” (*F.T.G.*, 1999, p. 59-60).[292] Simon deixará Mintah na despensa, decidindo não a delatar, e Mintah parece apreciar o modo como o jovem rapaz a trata, sem lhe bater, ou xingar ou diminui-la, mais parecido com os brancos da missão do que com os outros membros da tripulação.

Simon e Mintah começam a conversar e a se conhecer conforme ele entra na despensa para buscar alimentos ou mesmo apenas para lhe levar comida, e ele percebe que ela o trata bem. Compara, então, com o tratamento bruto recém recebido do cozinheiro que o chamara “simplório”[293], e percebe que Mintah é uma pessoa muito melhor que o cozinheiro: “Mintah o fazia rir, o Cozinheiro o fazia chorar. Mintah era uma mulher, o Cozinheiro um homem. Ele decidiu alimentar as mulheres primeiro.” (*F.T.G.*, 1999, p. 81).[294] Isso o leva à cela das mulheres primeiro, contente por ser bem tratado, numa analogia de como era visto pelos demais membros do navio até então, em comparação com o tratamento recebido por Mintah. Ele ainda vai ajudar Mintah a se esconder, quando a despensa é visitada por Kelsal e pelo segundo imediato. Rapidamente, Simon se apaixona por Mintah e quer ajudá-la a deixar de ser escrava, prometendo comprar-lhe a liberdade:

> Sentou-se ao lado dela e disse-lhe que tinha conseguido dinheiro suficiente para comprá-la na Jamaica e libertá-la. Disse-lhe que Liverpool era um lugar agradável e poderia ir lá com ele. Pessoas da África moravam lá. E com sua cabeça boa, podia voltar-se para qualquer coisa. Mintah abraçou Simon. Agradeceu-lhe por escondê-la e trazer-lhe as refeições e até mesmo um balde para ela usar que ele

[291] Mintah knew this woung man. His mind was simple. He was beaten before every mistake he made. The cook treated him with a disdain only a little less marked than that reserved for slaves.
[292] They got to the beans. He dipped his palm in, held it up and shook his head and laughed. Mintah shrugged off the thought that so far in their exchange it was she not he who was the foolish one.
[293] simpleton
[294] Mintah made him laugh, Cook made him cry. Mintah was a woman, Cook a man. He decided to feed the women first.

> tinha levado embora para ela sem queixa. Ele lhe trouxe sabonete e um pano para ela se lavar e um pedaço de pano limpo para ela embrulhar em torno de seu corpo. Sua bondade lembrou-a dos missionários com quem ela vivia na costa, e provou que nem todos os seus eram maus. Simon interrompeu-a. Ele disse que não queria ouvir mais nenhuma palavra. Se ela quisesse, ele a protegeria porque a amava. Mas ele pensou que ela precisava de mais tempo para chegar a amá-lo, e o tempo a convenceria. Mintah respondeu que seu coração sentia amor por ele também, mas ela não podia cogitar esse tipo de amor enquanto havia tanta crueldade e sofrimento ao seu redor. (*F.T.G.*, 1999, p. 103).[295]

Simon é o único branco no navio a tratar Mintah como um ser humano, com igualdade e dignidade. É o único a não a considerar como "gado", a não lhe bater, xingar, estuprar, diminuir, ou a se divertir às suas custas. Talvez por ser também maltratado no navio, o jovem comece a amar Mintah por ela ser gentil e não rir dele, como todos os demais. Mas Mintah não se sente pronta para amar enquanto seus colegas morrem no *Zong*. E por ela ser sincera e delicada, Simon irá ajudá-la como puder, entregando seu diário no tribunal para que a justiça fosse feita para os mortos no navio. Porém, já vimos como a voz de Mintah será ignorada no tribunal, considerada uma voz "fantasma", e como Simon irá se enfurecer e chorar diante das mentiras contadas e aceitas como verdadeiras pelo juiz e por praticamente todos os presentes. O trecho acima, porém, poderia ter sido descrito de forma mais metafórica e menos detalhista, pois já fica subentendido ao leitor que Mintah vira em Simon um dos poucos homens brancos bons com ela, mas que precisava, antes de se entregar a um relacionamento amoroso, tentar livrar os seus daquele navio. Obviamente que a ideia do amor romântico entre uma escrava num navio negreiro e um tripulante branco pareça extremamente utópica e improvável, mas talvez, com isso, o autor tenha querido construir a ideia de que no tráfico negreiro havia pessoas que sequer se questionavam sobre o que faziam, cumprindo ordens e nunca refletindo sobre a atividade de escravizar pessoas.

---

[295] He sat beside her and told her he had earned enough money to buy her in Jamaica and set her free. He told her Liverpool was a nice place and she could come there with him. People from Africa lived there. And with her good head she could turn her mind to anything. Mintah hugged Simon. She thanked him for hiding her and bringing her meals and even a bucket for her to use which he had taken away for her without complaint. He had brought her soap and a rag to wash herself with and a clean piece of cloth to wrap around her body. His kindness reminded her of the missionaires she had lived with on the coast, and it proved that not all of his people were bad. Simon interrupted her. He said he did not want to hear another word. If she wished it, he would protect her because he loved her. But he thought she needed more time to grow to love him, and time would convince her. Mintah replied that her heart felt love for him too but she could not entertain that aspect of love while there was so much cruelty and suffering around her.

No tribunal, o cozinheiro, quando vê Simon se aproximar do advogado dos seguradores, o ridiculariza, pois era assim que sempre o tratava no navio: "O Cozinheiro disse aos outros para ver o simplório fazer papel de tolo. [...] O cozinheiro riu e disse que tinha certeza de que havia algum erro, já que Simon não tinha nada a oferecer ao mundo além de sua estupidez." (*F.T.G.*, 1999, p. 152-153).[296] O tratamento dado a Simon, dentro do navio e ali no tribunal indicam por que ele se apaixonara por Mintah e a ajudara, pois parecia que ninguém o tratava bem, e o cozinheiro, seu mestre dentro do navio, era o que mais o acusava de ser "estúpido", já que não agia como ele, que tratava os escravos com brutalidade. Tanto o contramestre quanto o segundo imediato o chamam de ingrato, e o primeiro chega a ameaçar apertar seu pescoço com gestos:

> O contramestre tinha sinalizado o quanto [queria apertar seu pescoço] quando passou o dedo indicador pela garganta e olhou para Simon, sentando-se orgulhosamente no banco com o advogado e os seguradores. Ao longo das deliberações, ele estava certo de que a história de Mintah e a dos outros escravos seriam contadas e haveria alguma justiça. Afinal, eles estavam em um tribunal inglês. (*F.T.G.*, 1999, p. 173).[297]

Simon talvez seja jovem, inexperiente e inocente demais por acreditar que um tribunal consideraria as palavras de uma escrava como provas. Enquanto pode, Simon tem esperanças e confia na justiça. Mas a realidade o frustra e o exaspera e o faz chorar, sentindo que havia traído Mintah e a confiança que ela lhe depositara: "Por que a decisão foi a favor do investidor sem mencionar as mortes? Ele não sabia. Ele tinha certeza de que havia traído Mintah." (*F.T.G.*, 1999, p. 173).[298] Ele pensava que o simples fato de ser um tribunal inglês garantiria a justiça e a verdade, o que é uma grande ironia no romance, já que é por ser um tribunal e inglês que a palavra de Mintah jamais seria ouvida. Assim, quando o veredito favorável ao capitão e aos investidores é dado, e o livro de Mintah é ridicularizado no tribunal, Simon percebe que está em perigo e decide também fugir.

---

[296] Cook told the others to watch the simpleton make a fool oh himself. [...] The cook laughed and said he was sure there was some mistake since Simon had nothing to offer the world but his stupidity.

[297] The boatswain had signalled as much when he ran his index finger across his throat and glared across the court at Simon, sitting in pride of place on the bench with the lawyer and the insurers. Throughout the deliberations he was certain that Mintah's story and that of the other slaves would be told and some justice would come about. After all, they were in an English court of law.

[298] Why had the ruling gone in the investor's favour with no mention made of the deaths? He didn't know. He felt sure he had betrayed Mintah.

Há um capítulo inteiro dedicado à fuga de Simon, com narração heterodiegética e focalização em Simon, mostrando sua indignação diante do veredito do tribunal, das mentiras contadas pelos tripulantes e pela forma como o diário de Mintah é desconsiderado como prova da culpa do capitão na morte dos 131 escravos: "Não houve menção à Mintah nem da tentativa por ela e outros quatro escravos de tomar o navio. As duas mortes entre a tripulação que resultaram foram descritas como acidentais." (*F.T.G.*, 1999, p. 172).[299] Para os membros no tribunal, é como se Mintah não existisse, e sua memória é, assim, apagada da história. E para que a história de Mintah não fosse crível, o capitão, em seu diário de bordo, apaga o motim e o assassinato dos dois membros da tripulação pelas mãos dos escravos insurgentes. Neste capítulo, vemos Simon perdido, sem rumo, pois sabia que a vida no mar não mais seria possível, por duas razões: sabia que o capitão Cunningham e os demais tripulantes o procurariam para se vingarem e não deixariam que nenhum navio o contratasse; além disso, sentia-se mal diante de qualquer lembrança acerca do mar. Após os ocorridos no *Zong* e a injustiça com Mintah, Simon olha para o mar e o que sente é desagrado, suas memórias são dolorosas. Lembra-se de como o capitão ordenava as mortes dos escravos:

> Simon lembrou-se do momento em que a ordem foi dada e discutida e, em seguida, realizada. Ele podia sentir a chuva, sempre associaria vento e chuva com a memória. E ver o trabalho de lidar com os escravos, ouvir seus gritos em seu sono, havia envenenado o mar com o qual ele sonhara antes mesmo de ver. Seu mar se tornara um depósito para os vivos. A água do mar ficou vermelha em seus sonhos. Ele sonhou que estava agarrado à parte mais alta de um mastro com medo de ter qualquer contato com o mar. Ele teria que voltar e recuperá-lo de alguma forma. Separar o mar do sangue. E ser embalado para dormir junto ao mar. (*F.T.G.*, 1999, p. 172-173).[300]

As lembranças do mar serão sempre negativas para Simon, pois vai associá-las à morte, ao medo dos escravos, seus gritos de pavor, e também à perda de Mintah e a inutilidade de seu diário perante a justiça. Assim, há uma aproximação entre os sentimentos de Mintah e Simon, ainda que estejam separados, pois os dois sentirão

---

[299] There was no mention of Mintah nor of the attempt by her and four other slaves to take over the ship. The two deaths among the crew that resulted were put down as acidental.

[300] Simon remembered the very moment the order was given and discussed and then carried out. He could feel the rain, would always associate wind and rain with the memory. And seeing the work of handling the slaves, hearing their cries in his sleep, had poisoned the sea he had dreamed about before ever seeing. His sea had become a dumping ground for the living. Sea water turned red in his dreams. He dreamed he was clinging to the highest part of a mast afraid of having any contact with the sea. He would have to go back and reclaim it somehow. Separate sea from blood. And be rocked to sleep by the sea.

desagrado com a memória que o mar traz, ambos não irão mais querer se aproximar do mar e sofrerão com a visão dos corpos mortos nele. Algumas reflexões de Simon acerca do resultado do julgamento vão ter um cunho filosófico, nos remetendo ao que o autor da obra, Fred D'Aguiar, escreveu acerca da memória da escravidão em artigos, evidenciando o fenômeno do autor implícito. Parece mesmo proposital que certos argumentos sejam colocados na mente desse personagem simples, mas de caráter muito mais nobre que os advogados, juízes e investidores do tribunal ou os membros do navio, fazendo com que entendamos que o apoio à escravidão tinha um viés mais econômico do que ideológico. Assim, Simon percebe que o julgamento reduz os escravos a meros animais: "Todo mundo tinha sido reduzido a gado e isso foi o fim. O diário de Mintah havia sido recusado porque ela não era livre, mas possuída como gado." (*F.T.G.*, 1999, p. 173).[301] Simon percebe que a despeito de o público até acreditar que uma escrava fora a autora do diário e que muito no que nele havia escrito podia ser verdade, o que fala mais alto é a lei inglesa que dizia que o que era necessário num navio, de acordo com a ótica do capitão, podia ser realizado, mesmo que isso implicasse em assassinato de mais de uma centena de escravos, como ocorreu no *Zong*. Assim, Simon não consegue entender como o que é necessário para uns se sobrepõem ao que era necessário a outros: "Confundiu-o o fato de que a palavra 'necessário' não poderia ser aplicada a um homem, mas se esse homem fosse gado, então qualquer coisa poderia ser feita a ele que fosse julgado 'necessário' pelos responsáveis por ele." (*F.T.G.*, 1999, p. 174).[302] A necessidade dos homens brancos, escravocratas, era absoluta em relação às suas posses, e, por isso, a lei escravocrata atribuíra status de "gado" aos escravos, desumanizando-os, para que as necessidades de seus donos fossem superiores às suas, já que eram vistos como animais, bens, propriedade. Por isso, para o capitão, a necessidade de matar os escravos era uma boa justificativa para o tribunal, e mesmo que o diário de Mintah tentasse desmentir sua versão, ela, como escrava e gado, não podia ser ouvida num tribunal. Suas necessidades, mesmo que fossem as de sobrevivência básica, não contavam.

Enquanto foge, Simon reflete sobre como sempre fora tratado de forma cruel, desdenhosa pelos membros da tripulação, em especial pelo cozinheiro, a quem devia obediência na hierarquia do navio. Simon se sentia o "simplório" que o cozinheiro dizia

[301] Everyone had been reduced to stock and that was the end of it. Mintah's diary had been dismissed because she was not free but owned as stock.
[302] It confused him that the word 'necessary' could not be applied to a man, yet if that man was stock then anything could be done to him that was judged 'necessary' by those in charge of him.

ser, e aceitava seus tapas e gritos, até que Mintah lhe mostrara que ele podia ser tratado de forma diferente:

> Mintah tinha lhe ensinado a ver seu corpo de forma diferente. Ela tinha acariciado sua pele. Seu toque tinha provocado em seu corpo reações que ele não sabia que estavam alojadas nele. Agora Mintah tinha sumido, e o que ela lhe confiara, o que tinha ficado de sua existência com ele, seu diário, não tinha dado em nada. E a única palavra que obtivera de tudo o que ele testemunhara durante a discussão sobre o livro era "necessidade". O cozinheiro queria matá-lo por isso. E o contramestre. O capitão também. (*F.T.G.*, 1999, p. 175).[303]

As memórias de Simon são tristes e felizes, ao mesmo tempo, na medida em que se lembra de Mintah e de como ela o fizera feliz, mesmo que por pouquíssimo tempo, algo que nunca sentira antes, mas também se recorda do tribunal e de como seu diário fora menosprezado e como agora jamais poderia voltar ao mar e encontrá-la seria impossível. Simon experimentara o amor e, ao mesmo tempo, o ódio, que parecia ser maior e dominar a todos, sendo mais forte e mais difundido. A descrição de como Mintah o fizera redescobrir seu próprio corpo exemplifica como para Simon não havia diferença entre ela, uma escrava negra, e ele um jovem livre e branco. Sem ter consciência disso, Simon é um abolicionista, que julga como injustas as leis escravocratas que diferenciam os homens cujas necessidades são mais importantes que as de outros. Agora, sua única solução era fugir, e percebe que nesse sentido, ele e Mintah se parecem: "Como Mintah, ele teria de se esconder." (*F.T.G.*, 1999, p. 174)[304], numa aproximação de seus destinos tristes, e ele ele se sente um tolo, como o cozinheiro sempre o classificara e "Se isso era verdade, como ele poderia esperar ser como Mintah? Ele estava condenado." (*F.T.G.*, 1999, p. 174).[305] Sem o apoio de Mintah para fazer com que se sentisse bem, Simon volta a acreditar nas palavras do cozinheiro, que o tratava como um bobo, alguém estúpido e sem chance de ter um pensamento próprio: "Incapaz de qualquer coisa exceto as funções mais básicas." (*F.T.G.*, 1999, p. 174).[306]

---

[303] Mintah had taught him to see his body differently. She had strocked his skin. Her touch had invited from his body reactions he did not know were housed in it. Now Mintah was gone, and what she entrusted him with, what had stood for her existence with him, her journal, had come to nothing. And the one word he'd got from all that he'd witnessed during the discussion about the book was 'necessity'. Cook wanted to kill him for it. And the boatswain. The captain too.

[304] Like Mintah he would have to hide.

[305] If that was true how could he hope to be like Mintah? He was doomed.

[306] incapable of anything but the most basic functions.

Sua caminhada por Londres leva o dia todo, e Simon passa por diversos cafés, nos quais observa os preços do açúcar, do café, do tabaco e pensa em como cada xícara teria custado a vida de algum escravo:

> Ele calculou, a julgar por aquela última viagem do *Zong*, que se as perdas de cada viagem de um navio de escravos fossem contadas, para cada copo, cada colher, cada grama de tabaco, uma vida africana tinha sido perdida. Ele não podia contar, mas viu um mar cheio de africanos. (*F.T.G.*, 1999, p. 176).[307]

A simbologia deste pensamento nos remete à fala anônima citada por Williams (2012) de como cada tijolo de Bristol, cidade que vivia dos lucros da atividade escravista, havia sido cimentado com o sangue de um escravo. A reflexão de Simon remete à quantas vidas foram perdidas em favor do comércio alimentado pelo tráfico negreiro, e qual seria o valor dessas vidas, pois ali, para os londrinos, para o tribunal, para toda a sociedade escravocrata, a vida de 131 escravos jogados ao mar valia muito menos do que a necessidade de açúcar, tabaco e café das metrópoles escravocratas. A simbologia do valor de cada escravo faz com que vejamos como valiam muito pouco, eram bem menos do que as mercadorias que ajudavam a fazer existir, e os produtos que cultivavam. Diante disso, Simon se recorda dos suicídios dos 10 escravos no *Zong*, que preferiram se jogar aos pares no mar do que esperar que a tripulação o fizesse e percebe que para eles, o mar, naquele momento, era a salvação, pois sabiam que morreriam de qualquer forma, então preferiram escolher quando:

> [...] Simon viu como cada par de homens se jogou ao mar como se no mar se estendesse alguma forma de salvação para eles, em vez de suas mortes. Ou a morte tornou-se salvação para eles; a mesma morte na qual eles temiam ser jogados, eles haviam decidido abraçar. (*F.G*, 1999, p. 177).[308]

A memória de Simon faz com que reveja o suicídio dos escravos no *Zong*, entendendo como preferiram a morte a uma vida de escravidão, e como, ironicamente, avançam para a morte ao invés de continuar fugindo dela, como a maior parte dos

---

[307] He reckoned, going by this last voyage of the Zong, that if the losses of every voyage of a slave ship were counted, for each cup, each spoonful, every ounce of tobacco, na African life had been lost. He could not count, but he saw a sea full of Africans.

[308] [...] Simon saw how each pair of men clambered overboard as if in the sea lay some form of salvation for them, rather than their deaths. Or death became salvation to them; the same death they feared they would be thrown to, they had decided to embrace.

escravos. A lembrança do mar não mais será agradável a Simon, pois ele agora pensa nele tomado pela cor vermelha, simbolizando o sangue dos africanos mortos:

> Ele virou as costas para o mar. [...] Agora estava vermelho. Agora fervia com os corpos de africanos. [...] O estrondo que ele viu e ouviu não era de árvores que imitavam o som das ondas contra o navio, mas dos mortos e africanos vivos despejados no mar, silencioso quando visto, mas, em sua cabeça, vigas, canhão e pistola. (*F.T.G.*, 1999, p. 177-178).[309]

A imagem do mar na cor vermelha reforça a ideia de morte, e como todos os sons, agora, pareciam remeter também a este mar que matava a todos e se enchia de cadáveres. Sabendo que o mar perdera qualquer encanto que antes tivera após testemunhar as mortes no *Zong* e a injustiça no tribunal, Simon foge dessa memória. Tentará esquecê-la, pois nada mais podia fazer para ajudar Mintah: "Pensamentos do mar, seu mar estragado, trouxeram-lhe mais sofrimento. Em vez de um gigantesco corpo de água salgada, ele via pele e carne negras." (*F.T.G.*, 1999, p. 179).[310] Este mar estragado também será sentido assim por Mintah, numa sintonia de sensações tristes e memórias dolorosas, de modo que pareça que Simon e Mintah, embora nunca mais se reencontrem, ainda estejam juntos de alguma forma, mesmo que seja nas memórias tristes do *Zong*. Assim, Simon encontra um navio no Rio Tâmisa que o emprega. Ele não sabe o nome do navio, nem qual o seu destino, não quer pensar nisso, apenas sente que precisa sair dali, fugir do mar, nunca mais navegar nele e encontra no rio a única forma de fazer a única coisa que sabia sem ser atormentado pelas lembranças do mar e das mortes que acompanhavam essas lembranças. Simon busca o esquecimento, que só pode vir pela água doce, pois a salgada jamais seria vista com olhos inocentes novamente.

3.5 MINTAH NA JAMAICA: MEMÓRIAS DE FANTASMAS

[309] He turned his back to the sea. [...] Now it was red. Now it boiled with the bodies of Africans. [...] The crashing he saw and heard was not of trees that mimicked the sound of the waves against the ship but that of the dead and living Africans dumped overboard, soundless when seen, but, in his head, timber, cannon and pistol.

[310] Thoughts of the sea, his spoiled sea, brought him more misery. Instead of a gigantic body of breathing salt water, he saw black skin and flesh.

O capítulo 12 se inicia com Mintah, em sua cabana, observando as festividades pela abolição da escravatura na Jamaica: "Uma festa nas ruas de Kingston. A primeira festa do gênero." (*F.T.G.*, 1999, p. 204).[311] Mintah se refere ao fato de que em 1807 o tráfico havia sido banido nas colônias britânicas, mas a abolição da escravatura só ocorreu em 1833, por conta de diversas pressões e revoluções nas colônias, em especial Barbados e Jamaica. (WILLIAMS, 2012). O ano é 1833 e Mintah nos conta como ela usa a sua cabana para ensinar crianças:

> Contando por meio de canções, o alfabeto relacionado a animais, tabelas de multiplicação em rima, concursos de soletração, lugares no mundo, datas, receitas para certas doenças, higiene (eu sempre os pego atrás das orelhas, as crianças sempre esquecem de limpar atrás das orelhas) e a Bíblia. (*F.G*, 1999, p. 204).[312]

Mintah usara os conhecimentos adquiridos na missão dinamarquesa para sua vida como escrava e como liberta, inclusive ensinando sua fé cristã, aprendida ainda pequena com os missionários, numa sinalização de que não a perdera. Nas ruas, as pessoas celebram. A alegria exterior contagia Mintah por alguns momentos, mas então as memórias obscuras de seu passado vêm à tona e vamos tendo acesso a elas, descobrindo como Mintah vivera como escrava no novo mundo. Há memórias felizes, contudo, a maioria dizendo respeito à sua atuação em Maryland. Enquanto olha a festa nas ruas, Mintah vai rememorando sua vida desde que entrara o *Zong*. A primeira delas remete à surra que Kelsal lhe dera no convés, quando ela ousara chamar seu nome, dançara para o capitão e a tripulação e desafiara Cunningham ao dizer que também era batizada. Kelsal lhe bate com uma espécie de porrete, fazendo com que ela desmaiasse de dor:

> Eu tenho uma dor em meu lado de uma surra que eu tomei em um navio em uma outra vida. Isso me incomoda na chuva e nos dias frios. Às vezes eu me sento com esse lado em direção ao sol e meu vestido aberto para que o sol se aproxime do ponto problemático. E eu tento não pensar nisso. (*F.T.G.*, 1999, p. 205).[313]

---

[311] A party in the streets of Kingston. The first party of its kind.

[312] Counting in song, the alphabet tied to animals, multiplication tables in rhyme, spelling contests, places in the world, dates, recipes for certain ilnesses, hygiene (I always catch them out behind the ears, the children always forget to do behind their ears) and the Bible.

[313] I have an ache in my side from a beating I took on a ship in another life. It troubles me in the rain and on cold days. Sometimes I sit with that side towards the sun and my dress open so that the sun falls near the troublesome spot. And I try not to think about it.

A memória da surra acompanhará Mintah pela vida, mesmo quando ela não quer se lembrar. É a memória de um trauma, que além das dores físicas, deixou as memórias daquele momento dentro do *Zong*, uma dentre tantas outras memórias traumáticas que Mintah carregará. Porém, vemos que ela chama esses momentos passados de "uma outra vida", pois tentou deixar para trás o que ocorrera no *Zong*, embora sem sucesso, como notamos. Em Maryland, fora trabalhar numa *plantation*, na qual lhe disseram que "Eu morreria e seria enterrada." (*F.T.G.*, 1999, p. 205)[314], mas tal não acontecera. Na *plantation*, mostrara que sabia ler e escrever, o que lhe rendera dinheiro, pois trabalhara ensinando pobres brancos a ler e a escrever: "Eles ficavam ansiosos depois de superarem a surpresa de que uma escrava seria sua professora." (*F.T.G.*, 1999, p. 206).[315] Já vimos que nessa época, fim do século XVIII nos Estados Unidos, os escravos eram proibidos de serem alfabetizados, sendo que apenas alguns donos permitiam que aprendessem alguma coisa. Por isso, os pobres brancos se surpreendem que uma escrava saiba mais do que eles. Mintah sabe aproveitar bem seus talentos, pois que eram raros entre os escravos, e trabalha nas horas livres, o que era algo que alguns donos permitiam que o escravo fizesse. Com o dinheiro ganho como professora "Eu economizei e me comprei de volta para mim mesma." (*F.T.G.*, 1999, p. 206).[316] A frase de Mintah simboliza como os escravos deixavam de ser agentes, sujeitos, tornando-se objetos que podiam ser comerciados. Para novamente se ver como um sujeito, Mintah precisa comprar a si mesma, o que parece até incoerente, já que passa por mais uma transação comercial.

Comprando sua liberdade, Mintah continua ensinando crianças a ler e a escrever e também costura, ainda em Maryland. Ali, Mintah vai começar a ficar conhecida por ajudar escravos a fugirem para o Norte: "Mintah ajuda fugitivos a chegar ao Norte. Em seus dias de folga, assim a conversa corria, ela os leva para Washington, onde outro contato cuida deles, e ela retorna na sexta à noite." (*F.T.G.*, 1999, p. 206).[317] O método de fuga remete à *Underground Railroad*, sistema de ajuda a negros fugitivos que rumavam para o Norte ou Canadá através de uma rede de pessoas conectadas para ajudar nisso, figurando brancos, negros livres e escravos nessa rede. Como meio de tentar se redimir da culpa que carrega por não ter salvado os 131 escravos mortos no

[314] I would die and be buried.
[315] They were eager after they got over their surprise that a slave would be their teacher.
[316] I saved and bought myself back for myself.
[317] Mintah helps runaways get to the North. On her days away, so the talk went, she takes them to Washington, where another contact looks after them, and she returns by Friday night.

Zong, Mintah tentará ajudar mais e mais escravos a fugir, numa espécie de compensação:

> Para cada um jogado ao mar eu multipliquei por dois em Maryland quando atuei como guia. Enquanto caminhavam comigo, sentavam-se no banco de trás de uma carroça ou cruzavam um rio deitados no fundo de um barco coberto por uma lona e se afastavam cada vez mais da escravidão comigo e mais perto da liberdade, eu imaginava cada um daqueles homens, mulheres e crianças se levantando do mar ao ar, seus pulmões sendo esvaziados de água e substituídos por ar. (*F.T.G.*, 1999, p. 209).[318]

Mintah imagina que cada escravo que ajuda a fugir seja um dos que deixou morrer, numa tentativa, talvez de esquecimento, fazendo com que as mortes no *Zong* sejam substituídas pela libertação nos Estados Unidos. Mas, as pessoas começam a comentar e Mintah é obrigada a deixar Maryland: "Meu nome havia sido descoberto. Mintah estava de novo nos lábios das pessoas. E desta vez eu pagaria se fosse pega." (*F.T.G.*, 1999, p. 206).[319] É curioso que a memória de Mintah se refere a como teve de deixar Maryland por seu nome estar sendo repetido, por ajudar escravos fugitivos. Porém, ao mesmo tempo, sua memória remete, também, a outra ocasião em que seu nome virara comentário, dentro do *Zong*, quando os escravos falavam de Mintah como sua salvadora. Nas duas ocasiões, o preço a pagar seria caro, mas no *Zong*, Mintah não tinha alternativa a não ser tentar libertá-los a todos, pois a outra alternativa seria morrerem no mar, então planeja o motim. Ali, porém, em Maryland, sabia que se continuasse perderia sua liberdade para sempre, podendo ainda ser condenada à morte. A memória do *Zong* interfere na memória de Maryland e Mintah se recorda de todas as situações em que seu nome virara alvo de comentários e como isso podia afetá-la.

A decisão de ir para a Jamaica parece, para Mintah, um meio de deixar a escravidão para trás definitivamente, pois seria um local onde recomeçaria como pessoa livre desde o início. Porém, assim como em Maryland, havia o mar na Jamaica. E ele passara a significar morte para Mintah, desde o *Zong*. Em Maryland, ela conseguia estar mais longe do mar, e nunca mais se aproximou dele a ponto de tocá-lo com os pés. O

---

[318] For every one thrown to the sea I multiplied by two in Maryland when I acted as guide. As they walked with me or sat in the back of a cart or crossed a river lying in the bottom of a boat covered by canvas and moved farther and farther from slavery with me, and nearer to freedom, I imagined one of those men, women and children rising from the sea into air, their lungs being emptied of water and replaced by air.

[319] My name had got out. 'Mintah' was on men's lips again. And this time I would pay if caught.

mais perto que chegava era até o rio que desembocava no mar para assistir o fenômeno do fósforo na água e seu brilho:

> O mar estava sempre perto. Tentei ignorá-lo. Nas noites secas de verão eu ia ao rio que alimenta o mar para observar o fósforo. Eu tomava cada fulgor como o espírito de um escravo jogado no mar, acima do rio finalmente, perto da terra finalmente. Depois de uma vida no mar e uma morte lá. Suas almas cintilavam na água doce cercada por terra, não mar. Eles brilharam com o que tinham para dar, mas foram roubados de dar, com todos os anos que eles poderiam ter vivido, rido e amado. (*F.T.G.*, 1999, p. 206).[320]

Para algumas crenças religiosas africanas, era importante morrer e ser enterrado em terra, enquanto o mar significava um limbo, pois sem poder realizar os ritos mortuários, acreditavam que aqueles que morriam no mar nele vagariam para sempre. (SMALLWOOD, 2007). Assim, para Mintah, parece que criar a ideia de que as almas dos escravos mortos no *Zong* ali estavam, brilhando no rio, mais próximos da terra, e não perdidos na imensidão do mar, era um conforto, na medida em que, mesmo tendo perdido suas vidas e não terem vivido tudo o que deviam viver, ao menos suas almas estariam salvas. O mar, para ela, será sempre um símbolo da morte e uma lembrança de como não conseguira ajudar seus colegas no navio negreiro e ela o sentirá sempre a envolvê-la, mesmo quando o evita: "O mar que nunca esteve muito longe, me obscurecendo, me cercava." (*F.T.G.*, 1999, p. 207-208).[321] O esquecimento do trauma no *Zong* não parece possível a Mintah, mesmo quando ela evita o mar. As lembranças estão sempre dentro de si, ainda que não fale delas.

Na Jamaica, construíra para si uma cabana e comprara terra. Era livre, mas a cada vez que decidia comprar algo, tinha seus documentos esquadrinhados, pois não acreditavam que houvesse uma negra livre, alfabetizada e com dinheiro para comprar terra: "Sempre meus papéis seriam examinados por algum funcionário incrédulo incapaz de acreditar que uma mulher de minha posição era livre e que tinha percorrido todo este caminho de adquirir bens e viver sem a proteção de um homem." (*F.T.G.*,

[320] The sea was alwyas near. I tried to ignore it. On dry summer nights I would go to the river that feeds into the sea to watch the phosphorus. I took each glow to be the spirit of a slave thrown into the sea, up river at last, near land at last. After a life at sea and a death there. Their souls sparkled in the fresh water surrounded by land, not sea. They shone with what they had to give but were robbed from giving, with all the years they might have lived and laughed and loved.

[321] The sea that was never very far, shadowing me, would surround me.

1999, p. 219).[322] Mintah será sempre uma mulher peculiar. Desde o *Zong*, não parecia se conformar com as ordens impostas, ordens sem razão, que a faziam perceber que se não lutasse, acabariam todos mortos afogados no mar. Em terra, além de virar professora e espantar por ser alfabetizada, irá também se tornar livre, viver sozinha, ter uma propriedade e ainda esculpir em madeira, o que causará estranheza durante toda sua vida, pois na época os homens negros livres eram exceção e quase não tinham direitos, uma mulher negra livre era algo raro e comumente a ex-escrava precisava da ajuda de algum homem, branco ou negro, para atingir tal status, visto as oportunidades de conhecimento serem mínimas para elas.

Além de tentar compensar a morte dos 131 escravos do *Zong* ajudando outros 262 a fugir, Mintah também os homenageará plantando árvores: "Uma árvore para cada alma perdida no *Zong*." (*F.T.G.*, 1999, p. 219)[323], sendo que as árvores simbolizam a vida impossível a eles, além de representarem, para Mintah, a madeira e a possibilidade de lhes dar vida pela madeira. Tentando não ouvir o barulho do mar, ela constrói a casa em meio às árvores, plantando mais e mais árvores cujas copas, balançadas pelo vento, disfarçam o barulho do mar, pois o mar "Está arruinado para mim. A terra e a madeira me protegem dele." (*F.T.G.*, 1999, p. 219).[324] Mintah adjetivará negativamente o mar em todas as suas memórias, nunca conseguindo encará-lo de perto, nem sentir-lhe nos pés. Ele será, para sempre, em suas rememorações "Estragado, arruinado, venenoso." (*F.T.G.*, 1999, p. 219)[325], como era para Simon. Na tentativa de esquecer o que ocorrera no mar, Mintah não se aproxima dele, mas as lembranças a perseguem ainda assim, e o pouco som da maresia que consegue chegar até sua cabana através do vento é chamado por ela de fantasma, pois a assombra, fazendo-a a tremer, esperando que o vento mude de direção.

Cada árvore plantada dará origem a uma escultura, 131 delas, representando cada escravo morto no *Zong*. Mintah também será escultora de outras figuras, mais comerciais, que ela vende. Essa atividade começara ainda em Maryland, lhe ajudando a conseguir mais dinheiro para comprar sua liberdade. Sonhava e ao acordar, dava a forma na madeira daquilo que sonhara, pois nos sonhos o pai aparecia e a ajudava a

[322] Always my papers would be scrutinised by some incredulous clerk unable to believe that a woman of my standing was free and that she had come all this way to acquire property and live without the protection of a man."
[323] One tree for each soul lost on the *Zong*.
[324] It is ruined [o mar] for me. Land and wood protect me from it.
[325] 'spoiled', 'ruined', 'poisonous'.

esculpir: “Vi meu pai me instruir em meus sonhos.” (*F.T.G.*, 1999, p. 206).[326] Os visitantes escolhem um pedaço e madeira e ela o esculpe conforme querem. Mas, sua cabana também está cheia das pequenas figuras humanas que representam os mortos do *Zong*. Essas figuras são admiradas pelos visitantes, mas nenhum as quer para si: “Eles amam o que eu faço com a madeira, mas não podem manter tal forma em suas casas. Essas formas não matam a sede. Elas perturbam o estômago. Enchem os olhos de desconforto.” (*F.T.G.*, 1999, p. 209).[327] As esculturas são inquietantes para quem desconhece sua história, pois parecem transmitir a dor que sentiram dentro do *Zong*, o desespero de lutar para não serem atirados ao mar, a inutilidade dessa luta e a consequente morte por afogamento, indicando que talvez cada escultura tivesse formas contorcidas e rostos em sofrimento. Cada escultura é observada por Mintah quase diariamente, indicando que sua memória não os deixa no passado, pois não os esquece. Mintah os descreve ao leitor:

> As pessoas terão prazer em pegar um cálice de mim, mas não essas figuras, muitas delas não muito maior do que um cálice. São minhas taças. Eu bebo sua fibra. Eu bebo luz deles, a forma como ela brilha não em suas cabeças e ombros e costas, mas em determinados locais, tais como o interior de um braço que se junta ao corpo, ou o sulco entre a canela e a panturrilha, tão escura como o mar, ou como um escravo no porão de um navio. Existem 131 deles. Um verdadeiro exército. (*F.T.G.*, 1999, p. 209).[328]

Mintah esculpe os mortos no *Zong*, dando-lhes formas que a fazem lembrar do mar ou do navio. Para cada escultura, há um nome e uma idade, que Mintah lhes forja, com o intuito de dar-lhes a identidade perdida no mar e na escravidão. As pessoas olham suas esculturas e dizem que seus contornos pareciam “Água em suas curvas e voltas.” (*F.T.G.*, 1999, p. 207).[329] Ela admite que a água é o elemento que a faz trabalhar a madeira: “A forma de cada peça é tirada do mar da minha mente e foi

---

[326] Saw my father instructing me in my dreams.
[327] They love what I do with wood, but cannot keep such a shape in their homes. Such shapes do not quench a thirst. They unsettle a stomach. Fill the eyes with unease.
[328] People will gladly take a goblet from me but not these figures, many of them not much bigger than a goblet. They are my goblets. I drink their grain. I drink light from them, the way it shines off head and shoulders and back but in certain places, such as the inside of an arm where it joins the body, or the groove between the shin and calf, is as dark as the sea, or the slave hold of a ship. There are 131 of them. A veritable army.
[329] water in its curves and twists

moldada pela água, com contornos da água." (*F.T.G.*, 1999, p. 208)[330], nos remetendo, novamente, aos dois elementos que tomarão conta de suas ideias e memórias desde o *Zong*, o mar e a madeira. Mintah não precisa olhar o mar para dele se lembrar. Cada morto jogado ao mar ficou em sua memória, o modo como o mar os recebia, o barulho que fazia com o impacto de seus corpos, um mar que para Mintah era sempre faminto. Mintah esculpe e dá o contorno de água às suas esculturas, e a madeira que ela toca parece querer levá-la de volta à África:

> Mar que eu fiz ascender de novo em madeira. Madeira mergulhando como o mar. Fibra apontando para algum lugar. Para a África? Eu me pergunto de vez em quando. Ao Pai e à Mãe. Mas o mar entre mim e a África parece sempre largo demais para atravessar. (*F.T.G.*, 1999, p. 208).[331]

Mas o mar é um impeditivo para Mintah, que, cercada de tristes memórias trazidas por ele, nunca conseguiria cruzá-lo. O mar lhe causava uma memória amarga e cheia de culpas, mas conseguira manter a sanidade através da terra e da madeira. Eram seus alicerces, o que lhe mantinha a sanidade. Mintah compara o mar com a terra e a madeira:

> O mar possui e nunca abandona. Destrói, mas não se lembra. Em terra eu lutei contra o esquecimento com a madeira como meu guia. A terra prometeu mais do que isso. Mas a terra deve prometer mais para me fazer cultivá-la. Assim como a madeira prometeu a salvação e manteve minhas mãos ocupadas ao longo dos anos. Meus pés encontraram um lugar de repouso longe do lar. O mar divide o meu lar. O lar que eu fui forçada a deixar, o novo lar que eu tive que forjar. O mar mantém minhas mãos distantes. A madeira une as minhas mãos. O mar divide a terra. Lar longe do lar. Mão longe da mão. Pai longe da mãe. Mãe longe da filha. Filha longe do pai. Os ossos se tornam como coral. Ossos banhados em uma fosforescência pelo mar. (*F.T.G.*, 1999, p. 210).[332]

---

[330] The shape of each piece is pulled from the sea of my mind and has been shaped by water, with water's contours.

[331] Sea that I made rise again in wood. Wood plunging like the sea. Grain heading somewhere. To Africa? I ask myself from time to time. To Father and Mother. But the sea between me and Africa would Always seem too wide to cross.

[332] The sea possesses and never relinquishes. It destroys but does not remember. On land I have fought against forgetting with wood as my guide. Land promised more than this. But land must promise more to get me to work it. Just as wood has promised salvation and kept my hands full through the years. My feet have found a resting place far from home. The sea divides my home. The home I was forced to leave, the new home I had to forge. The sea keeps my hands apart. Wood unites my hands. The sea splits the land. Home from home. Hand from hand. Father from mother. Mother from daughter. Daughter from father. The bones become like coral. Bones washed to a Phosporescence by the sea.

O mar representa a separação, a destruição, o apartamento de sua vida passada, em África, com os pais. O mar representa todas as suas perdas, enquanto a terra e a madeira parecem representar sua salvação, suas únicas alegrias, seus momentos de tranquilidade e paz com suas memórias. Os contrastes entre o mar que separa e a madeira que une, o mar que faz os mortos serem esquecidos e a madeira esculpida que faz com que sejam lembrados serão recorrentes na memória de Mintah. Através da madeira, faz com que cada escravo morto no *Zong* seja relembrado e saudado, por meio de suas memórias. Mas, Mintah acredita que a abolição possa fazer com que o mar se torne um elemento de união, não mais de separação. Para ela, o mar da Jamaica não mais representava a escravidão, mas estava unido com a terra na libertação dos escravos. O mar não mais traria navios negreiros, ao menos não ali. E ela ansiava pelo dia em que o mar deixasse de dividir África e América: "Acredito que logo o mar unirá a África à América, embora agora os divida, assim como ele uniu África e Jamaica. O mar que é escravidão se tornará liberdade." (*F.T.G.*, 1999, p. 211).[333] Assim, talvez para Mintah, com a libertação de todos os escravos, o mar passasse a ser uma memória menos dolorosa, e sua representação como escravidão, morte e esquecimento seja tomada por outras memórias mais felizes, de um mar que une povos e continentes livres.

Mintah escolhera não ter filhos, embora relate que amantes lhe cobraram isso. Mas, se lembrava envergonhada da dança da fertilidade no convés do *Zong* e decidira nunca mais dançá-la: "Lembrei-me das danças, mas recusei-me a executá-las. [...] O mar tirou meu sangue de mim e minha capacidade de sangrar." (*F.T.G.*, 1999, p. 210).[334] Porém, considerava que suas esculturas fossem seus filhos, pois eram suas mãos que as criavam, que lhes davam forma e elas a cercavam todos os dias, dormiam com ela em sua cabana. Incapacitada psicologicamente de ser mãe após o trauma do *Zong*, Mintah recria nas esculturas as vidas perdidas nele, e lhes dá vida.

Outra memória que Mintah carrega consigo para sempre, advinda do *Zong*, é a de Simon. Por ele, Mintah chegava mais próximo do mar, indo aos portos, esperando que ele aparecesse:

---

[333] I believe that soon the sea will join Africa and America, though now it divides them, just as it has united Africa and Jamaica. The sea that is slavery will become freedom.

[334] I remembered the dances but refused to perform them. [...] The sea had taken my blood from me and my ability to bleed.

> Eu verifiquei o porto durante anos esperando que um navio pudesse atracar com um assistente do cozinheiro. [...]e perguntava a cada navio e às vezes um marinheiro levantava minhas esperanças com o mesmo nome e descrição, mas nunca era o meu Simon. (*F.T.G.*, 1999, p. 206-207).[335]

Mintah passa a vida esperando por Simon, que só lhe vem em sonho. No dia da festa de abolição, Mintah sonha com aquilo que queria que fosse verdade. Ela é celebrada pelas ruas de Kingston e crianças e adultos chegam lhe contando como sua história ajudando pessoas ficou conhecida e lhe agradecem por ajudá-los a serem livres. Eles dançam e Mintah os reconhece como os mortos do *Zong*, mas não estavam mais mortos, eram as suas esculturas: "Cada figura feita por mim estava nesta praça." (*F.T.G.*, 1999, p. 218).[336] Mas no sonho, os movimentos feitos pelas pessoas que são aquelas representadas em suas esculturas, não são como se estivessem no mar, mas como se dançassem em uma celebração: "Eram danças de liberdade." (*F.T.G.*, 1999, p. 218).[337] Mintah criara as esculturas e as interpretava como sofrendo dentro da água, como se representassem sua queda no mar e sua luta dentro dele por vida, mas, ali, no sonho, ela percebe que interpretara erroneamente suas próprias esculturas, pois "Elas estavam dançando, não lutando. Eufóricas, não aterrorizadas." (*F.T.G.*, 1999, p. 218).[338] No sonho, Mintah lhes dá a vida e a liberdade que perderam no mar. Ela vê uma jovem dançando e se reconhece nela, dançando a dança da fertilidade, porém no sonho a dança lhe traz felicidade, não vergonha, como ocorrera no *Zong*. Seu sonho é coroado com a chegada de Simon, já idoso como ela, que traz consigo o diário que ela escrevera: "'Mintah, toda a minha vida eu procurei por você.'/ 'Toda a minha vida eu estive esperando por você.'/ Simon e meu livro estão em meus braços." (*F.T.G.*, 1999, p. 221).[339] No sonho, Mintah vive a realidade que tanto desejara. O reencontro com Simon lhe traz a paz que passara a vida buscando. Mas acorda e sabe que sonhara. E a realidade de sua vida lhe volta à mente:

> Ela acordou do cochilar na porta da frente. A penumbra tinha sucedido o sol. Simon não tinha vindo. A festa na brisa varreu a praça e

[335] I checked the port for years hoping that a ship might dock with a cook's assistant. [...]and asked after each ship and sometimes a sailor would raise my hopes with the same name and description, but it was never my Simon.
[336] Each figure made by me was in this square.
[337] These were dances of freedom.
[338] They were dancing, not struggling. Ecstatic not terrified.
[339] Mintah, all my life I search for you.'/'All of mine I been waiting for you.'/Simon and my book are in my arms.

> terminou nas árvores que cercavam sua casa. Não havia guirlandas ou flores em seus pés. Seu sonho a tornara o centro de um desfile na qual ela era velha demais para fazer alguma coisa além de assistir. Sua vida talhando a madeira era só dela. Algumas lascas foram enterradas tão profundamente em sua mão, a pele tinha endurecido sobre elas e agora elas foram esquecidas. Ninguém sabia a história dela, porque ela não tinha se incomodado em contar. Todas as suas anotações eram para si mesma, sua memória debilitada, seus sonhos recorrentes. Estes costumavam machucá-la outrora, como uma nova lasca, mas agora ela não sabia que eles estavam lá. O tempo havia se endurecido sobre eles. (*F.T.G.*, 1999, p.22).[340]

Até mesmo a narrativa muda, pois agora o narrador não é mais Mintah, mas um heterodiegético, indicando que a subjetividade presente nas rememorações de Mintah agora dão lugar a uma tentativa de imparcialidade por parte do narrador, que deixa claro que Mintah projetava nos sonhos a realidade que almejava. Porém, Mintah jamais contara a história do *Zong*. O único registro dos horrores do navio estava em seu diário, que ela depositara nas mãos de Simon para que ele fizesse a verdade ser contada. Depois disso, Mintah revivia em sonhos e em sua memória os ocorridos do *Zong*, mas a história dele morreria com ela. As memórias coletivas de Mintah sobre o *Zong* se perdem quando ela morre, pois houvera a dispersão do grupo que vivenciara o fato muito antes, o diário de Mintah desaparecera com Simon após ter sido rejeitado no tribunal e ela não compartilhara essas memórias. Parece que cada lasca antiga em sua mão era esquecida pouco a pouco, como as lembranças do *Zong*, que ela vai perdendo conforme sua idade avança e sua memória começa a se deteriorar. Essas lascas doíam um pouco às vezes, o que nos remete às memórias tristes do *Zong*, mas se escondiam cada vez mais em sua memória, conforme o tempo as sufocava, numa analogia da pele cobrindo as lascas e endurecendo. Nem todas se vão, porém, como vimos. Mintah ainda guarda a tristeza de não ter ajudado 131 deles, cujas almas se perderam no mar. Ela também não esquece de si mesma dançando no convés a dança da fertilidade pela última vez, nem da surra recebida por Kelsal. Para Mintah, esse sonho era recorrente, embora dessa vez a liberdade houvesse sido acrescentada a ele. Mintah não contara sobre o *Zong*, mas revivia tudo em sonhos e em sua memória:

---

[340] She awoke from dozing by her front door. Shade had succeeded sun. Simon had not come. The celebration in the breeze swept the square and finished in the trees surrounding her house. There were no garlands or flowers at her feet. Her dream had made her the centre of a parade she was too old to do anything about other than watch. Her life of working wood was hers alone. Some splinters had been buried so deep in her hand, the skin had hardened over them and now they were forgotten. No one knew her story, because she had not bothered to tell it. All her notes were for herself, her failing memory, her recurrent dreams. These used to hurt her once, like a new splinter, but now she did not know they were there. Time had hardened over them.

> O que ela teve que guardar para si mesma, exceto para contar isso na madeira, poderia pelo menos ser vivido em sua vida de sonho. Mais real do que estar acordado. Seus sonhos eram um porto para seu passado. Usou seu corpo como tal. Para o sustento. Para a vida que não poderia viver de outra maneira já que não poderia ser contada. (*F.T.G.*, 1999, p. 223).[341]

É sonhando que Mintah vive o que queria viver, mas não podia, por causa dos traumas do Zong. No sonho, todos acreditam em Mintah, todos entendem que os horrores no *Zong* foram reais e se surpreendem de ela ter sobrevivido a tudo aquilo. No sonho ela não se sente culpada por não ter ajudado os 131 mortos, mas feliz por ter feito o que podia, dadas as circunstâncias. Aos 131 mortos no *Zong* cuja memória Mintah homenageia com as esculturas em madeira, o narrador chama de "fantasmas": "Os fantasmas precisavam ser alimentados. Ela esculpiu e escreveu para amenizar-lhes a fome." (*F.T.G.*, 1999, p. 222).[342] Esses fantasmas parecem fazer com que Mintah não se esqueça de como falhara. Mintah sente o quanto o *Zong* mudara sua vida. Pensando nos pais e na vida deixada em África, percebe que por mais que tivesse sentido falta deles a vida toda e desejado voltar, isso não era mais possível: "Ela não era mais a Mintah que deixara aquela terra, aquelas duas pessoas." (*F.T.G.*, 1999, p. 224).[343] Mudara completamente após o que vivera no *Zong* e nunca mais poderia retomar a vida anterior, ser quem havia sido, não se reconhecia mais como aquela Mintah. A experiência traumática do *Zong* fizera com que nunca mais quisesse se aproximar do mar, o que a impedia de pensar num retorno. Em memória, tinha os ensinamentos do pai ajudando-a a esculpir em madeira e obliterar parte da tristeza causada pelas mortes no navio, mas o mar ainda a incomodava: "O mar ainda era seu inimigo." (*F.T.G.*, 1999, p. 224).[344]

Já perdendo parte da visão e da audição e esquecendo algumas coisas, Mintah se sente velha demais para segurar o cinzel, para escrever ou ler para seus alunos. Sente-se cansada demais para trabalhar, esculpir ou alimentar seus fantasmas: "Suas mãos queriam o vazio pela primeira vez." (*F.T.G.*, 1999, p. 223).[345] Sozinha em sua cabana, rememora algumas coisas no *Zong* e em África, mas sente que precisa parar. Acende

---

[341] What she had to keep to herself, except to tell it in wood, could at least be lived in her dream-life. More real than being awake. Her dreams were a harbour for her past. It used her body as such. For sustenance. For the life it could not otherwise live since it could not be told.
[342] Ghosts needed to be fed. She carved and wrote to assuage their hunger.
[343] She was no longer the Mintah who had left that land, those two people.
[344] The sea was still her enemy.
[345] Her hands wanted emptiness for the first time.

sua lamparina e nota como a luz do fogo ilumina suas esculturas que parecem dançar: "Por um momento, todas as figuras se espalharam pela sala, nas prateleiras, nos cantos, na mesa, ao lado da cama, debaixo das cadeiras e nas paredes, iluminadas pela chama e pareciam dançar e saltar no ar." (*F.T.G.*, 1999, p. 225-226).[346] Não só no sonho suas esculturas pareciam felizes, mas aqui também, iluminadas pelo fogo, não mais parecem se contorcer, mas dançar. Quando o fogo a atinge, Mintah imagina que "Isso deve ser como alguém cinzelar em você para as formas escondidas em você. Perder partes de si mesmo por um eu mais profundo, mais verdadeiro." (*F.T.G.*, 1999, p. 226).[347] Parece que Mintah se entrega à morte, ao invés de lutar contra ela, como se o fogo pudesse trazer seu verdadeiro eu, aquele perdido no mar. Envolvida pelo fogo, suas memórias são da água do mar: "Ela abriu a boca para respirar e engoliu fogo. Ele doía como a vez em que ela tinha bebido o mar." (*F.T.G.*, 1999, p. 226).[348] Na morte, Mintah confunde o fogo com o mar. A morte parece libertá-la de suas memórias. Ao morrer, é como se as almas dos 131 mortos no *Zong*, representadas por suas esculturas, se libertassem também: "Todos os seus segredos sonhados e desenterrados voaram de volta para o chão. Os espíritos esculpidos naquelas figuras fugiram para as colinas arborizadas." (*F.T.G.*, 1999, p. 226).[349]

Concluindo o romance, Fred D'Aguiar cria um epílogo, no qual conta de forma autodiegética que cada um jogado ao mar no *Zong* representa um de nós e que o passado precisa ser recontado. Inicialmente, a narração desse epílogo usa uma primeira pessoa do plural para afirmar que todos nós somos responsáveis pelo ocorrido no *Zong*, reafirmando a culpa histórica das nações e o silenciamento histórico acerca da crueldade dessa instituição: "O navio estava cheio de fantasmas. Todas as crueldades que suportamos foram mantidas por nós. Constituído durante centenas de anos, o nosso comportamento nunca poderia deixar de existir." (*F.T.G.*, 1999, p. 229).[350] Depois, usa uma primeira pessoa do singular, reafirmando como cada negro, ainda hoje, sofre as consequências da escravidão: "Estou em sua comunidade, em uma casa de campo ou apartamento ou caixa de papelão, escondido em um canto tranquilo, ruminando sobre

[346] For a moment all the figures ranged about the room, on shelves, in corners, on the table, beside her bed, under chairs and on the walls, were illumined by the flame and seemed to dance and leap into the air.
[347] This must be what it was like to have someone chisel into you for shapes hidden in you. To lose parts of yourself for some deeper, truer self.
[348] She opened her mouth for air and ate fire. It stung like the time she had drunk the sea.
[349] All her dreamed, unearthed secrets flew back into the ground. The spirits carved in those figures fled into the wooded hills.
[350] The ship was full of ghosts. All the cruelties we sustained were maintained by us. Made over hundreds of years, our behaviour could never cease to exist.

essas coisas." (*F.G*, 1999, p. 229).[351] Parece que ao contar as histórias da escravidão, seja do *Zong* ou outras tão terríveis como ela, pudéssemos iluminar o passado e compreendê-lo melhor, não deixando que suas memórias sejam esquecidas: "O passado é posto para descansar quando é contado." (*F.T.G.*, 1999, p. 229)[352], retormando suas ideias acerca da necessidade de se recontar o passado, seja em narrativas, poemas, ou qualquer outro gênero textual, para que ele não seja esquecido ou relegado às memórias históricas de apenas um grupo.

O que se pode concluir da análise de *Feeding the Ghosts* é que as memórias do capitão e dos tripulantes não são contadas de forma fiel, eles fabricam suas verdades e parecem acreditar nelas, de modo que uma memória falsa complementa a outra, no processo que Halbwachs (2006) entendeu como o uso de testemunhos para complementar certas lacunas da memória. A diferença, aqui, é que não são memórias reais, mas inventadas e tomadas como real. As memórias de Mintah são ignoradas no tribunal, sua voz é silenciada e as memórias coletivas que são usadas para se escrever a história do *Zong* são fabricadas, inventadas, evidenciando que a história nunca é imparcial e que sua escritura se dá por meio de ideologias de poderosos e detentores do poder, nunca da minoria, como o afirmou Le Goff (1994).

Isso se dá por que os escravos não eram vistos como seres humanos, portanto não tinham direitos sociais, sendo proibidos de serem alfabetizados ou de depor em tribunais, como os códigos escravistas determinavam, portanto suas memórias coletivas não eram levadas em consideração para que se contasse a história. Na ficção, D'Aguiar dá voz a essa escrava, o que nos leva a refletir sobre o que diriam os escravos se tivessem podido falar, em termos legais. A ficção revisita esses locais das memórias da escravidão, utilizando-se de um fato histórico para levantar o questionamento acerca de quantas outras memórias históricas se oficializaram com base apenas numa visão ideológica.

[351] I am in your community, in a cottage or apartment or cardboard box, tucked away in a quiet corner, ruminating over these very things.
[352] The past is laid to rest when it is told.

CAPÍTULO IV

4. A MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO EM *THE LONGEST MEMORY*

4.1 A NARRATIVA DE THE LONGEST MEMORY

O romance *The Longest Memory,* o primeiro de Fred D'Aguiar*,* foi publicado em 1994 pela Vintage Books, e no Brasil foi traduzido por Marcos Santarrita e publicado pela editora Record em 1997 sob o título *A mais remota lembrança*, e é dessa edição que serão extraídas as citações, mencionados pelas iniciais do romance em português: *A.M.R.L.*, sendo que os originais serão citados em rodapé, com as iniciais *T.L.M.*, o ano de sua edição e suas páginas. A análise do romance *Feeding The Ghosts* mostrou a memória da escravidão durante a passagem intermédia e agora, em *The Longest Memory*, a memória da escravidão advém da vivência na *plantation*, realidade comum nos Estados Unidos dos séculos XVIII e XIX.

A estrutura do romance se divide em: uma espécie de prólogo, intitulado *Lembrando*; treze capítulos (embora não sejam assim denominados, pode-se entender que funcionem como capítulos): 1. Whitechapel; 2. O Sr. Whitechapel; 3. Sanders Pai; 4. A Cozinheira; 5. Chapel; 6. Os Fazendeiros; 7. Lydia; 8. A Cozinheira; 9. Lydia; 10. Lydia; 11. *The Virginian*; 12. A Bisneta; 13. Sanders Filho; e uma espécie de epílogo, intitulado *Esquecendo*. No prólogo, temos a voz autodiegética do protagonista, Whitechapel, o escravo mais velho da fazenda Whitechapel, que vai contando trechos de sua história, mas aqui são apenas impressões, todas negativas, de si mesmo, de quem foi, de como agiu, e de como a morte do "rapaz" (seu filho, Chapel) o deixou seco, sem lágrimas e sobre como não quer mais lembrar. O corpo do romance são os treze capítulos, cujas vozes narrativas são múltiplas, trazendo uma multiplicidade de discursos. O título de cada capítulo indica de quem são as memórias ali relatadas, sendo quase todas vozes narrativas autodiegéticas, com exceção do capítulo "Os Fazendeiros", no qual se mesclam duas vozes narrativas: uma autodiegética, do sr. Whitechapel e a outra, heterodiegética, cujo narrador mostra as falas dos fazendeiros diante da morte do escravo do sr. Whitechapel, e as reações do próprio fazendeiro às provocações dos colegas e a tentativa de se justificar perante eles. Além disso, o capítulo 5, intitulado "Chapel", apresenta um

poema escrito por Chapel, filho de Whitechapel, o escravo fugido, em que o eu-lírico é ele mesmo, embora ele não se nomeie, falando de sua vida como escravo, desde pequeno até o dia em que decide fugir. Todos os demais capítulos serão memórias dos demais personagens, cada um deles rememorando algum trecho de sua vida, mas de modo que todos envolvam, de alguma forma, a história de Chapel, o rapaz morto, e de seu pai, seu delator, Whitechapel. Assim, essa multiplicidade de vozes constrói um mosaico, um panorama da vida do jovem, desde sua concepção até o dia de sua morte, passando também pelo sofrimento de seu pai após sua morte, seu sentimento de culpa e sua morte subsequente.

O romance conta a história do jovem Chapel, embora não seja ele o protagonista, mas seu pai, o escravo Whitechapel e se inicia com a lembrança de Whitechapel sobre a morte de seu filho, seu remorso e seu desejo de morrer, contados no prólogo. A seguir, no capítulo 1, temos Whitechapel rememorando, em analepses, sem um fio temporal linear, a morte do filho, e a essa lembrança se mesclam as lembranças da morte da segunda esposa, mãe de Chapel, de sua delação em troca da promessa de o filho não ser morto. Mas, capturado, Chapel leva 200 chibatadas e morre. O capítulo 2 mostra o sr. Whitechapel, dono da fazenda, acusando Whitechapel de não ter conseguido controlar a rebeldia do filho e contando ao feitor, Sanders Filho, que Chapel era seu meio irmão. O capítulo 3 é um diário do antigo feitor, Sanders Pai, no qual conta como estuprou a cozinheira e a engravidou, porém Whitechapel casou-se com ela e assumiu o menino, Chapel, como seu. O capítulo 4 é a voz da cozinheira contando como o feitor a estuprara, mas ela conseguira o amor de Whitechapel mesmo assim, que se casara com ela e assumira seu filho Chapel. O capítulo 5 é o poema de Chapel, no qual conta sua vida de escravo, seus pais, como Lydia, a filha do patrão, o ensinara a ler e a escrever, a doença da mãe, seu desejo por liberdade, sua decisão em fugir. No capítulo 6, o sr. Whitechapel se dirige ao clube dos cavalheiros, onde enfrenta o deboche dos demais fazendeiros, por ele, um fazendeiro que pregava o bom tratamento, ter permitido que um escravo morresse açoitado em sua fazenda. Vítima do escárnio, o sr. Whitechapel lança mão do fato de o rapaz morto ser meio irmão do feitor que o matou para aplacar a ira de seus colegas que o veem como um abolicionista e assim é aceito novamente no círculo dos fazendeiros escravistas. O capítulo 7 traz a voz de Lydia, filha do patrão, contando sua história com Chapel, como o ensinou a ler e a escrever. O capítulo 8 mostra como a cozinheira, mãe de Chapel, descobriu as lições que Lydia lhe dava e sentiu orgulho do

filho e nada revelou a ninguém. Os capítulos 8 e 9 voltam a Lydia e mostram como o pai flagrara suas lições de alfabetização a Chapel e como ele proibira isso, mas ambos continuaram se encontrando às escondidas. A seguir, Lydia conta como a família começa a pressioná-la para se casar, mas ela, apaixonada por Chapel, planeja com ele ir para o Norte e viverem ambos livres e casados, constituindo família. O capítulo 11 se constitui de diversos editoriais do jornal *The Virginian*, nos quais o jornalista, claramente a favor da escravidão, escreve artigos sobre temas relacionados à ela, como o castigo para escravos fugitivos, o cristianismo dos escravistas, a separação de escravas de seus filhos, o tratamento aos escravos velhos, o estupro das escravas, como administrar uma fazenda de escravos, o fim da escravidão, a possibilidade de pagar salários aos negros ao invés de escravizá-los, a situação dos brancos pobres, a alfabetização dos escravos, o horror das ligações inter-raciais. O capítulo 12 é narrado pela bisneta mais jovem de Whitechapel, que relata, inicialmente, sua memória sobre o bisavô cuidando dela quando criança, depois conta como os escravos culpavam Whitehapel pela morte do filho, como o velho era, desde então, ignorado por todos na fazenda, como ele não ria mais, como ela queria poder ajuda-lo, mas não podia. O capítulo 13 traz a voz de Sanders Filho, o feitor, encarando a morte de Whitechapel, lembrando-se de vários episódios da vida do velho, desde quando ele era uma criança e o admirava muito, até o dia em que ele matara seu filho pelo açoite, um filho tão diferente dele. Demonstra certa admiração por Whitechapel e lhe dá seu casaco para que o enterrem nele. Por fim, o epílogo traz novamente a voz de Whitechapel em sua espera pela morte e sua tentativa de esquecer. Rememora ainda algumas atitudes do filho, questiona suas próprias e deita, se entregando à morte com alívio.

Em relação à narração, o uso de vários narradores autodiegéticos diferentes faz com que o leitor tenha acesso às memórias coletivas de diversos grupos sobre o mesmo fato, de modo que ideologias diversas se apresentem nessas vozes, pois se tem a rememoração do escravo delator, Whitechapel, e sua visão de escravo passivo, por exemplo, mas também a visão da bisneta, que não se conforma com a delação do bisavô. Da mesma forma, vemos a voz de Lydia, branca que defende a alfabetização dos escravos e sua libertação, ao passo que seu pai acredita que ensinar escravos a ler é dar-lhes falsas esperanças, e o jornal local mostra-se categoricamente contra a alfabetização, por ser algo perigoso aos brancos. Tão diversas vozes narrativas evidenciam ao leitor

como a escravidão é vista de forma diferente, de acordo com o grupo ao qual o narrador pertence, pois, suas ideologias se fazem visíveis em suas memórias.

Em relação à focalização, podemos entender que o romance seja, quase todo, contado através da visão de *narradores protagonistas*, como define Friedman (2002), pois, com exceção do capítulo no qual os fazendeiros são apresentados e há um narrador intermediando a interação entre eles e o sr. Whitechapel, os demais capítulos são narrados de forma autodiegética, sendo que as informações nos são passadas unicamente através dos olhos de cada personagem, e em cada capítulo o narrador em questão vai nos mostrar o seu ponto de vista, narrando, então, a sua história, se tornando protagonista dela. Porém, em alguns capítulos, é possível dizer que haja focalização do *eu como testemunha*, como é o caso do capítulo da bisneta, no qual ela narra suas impressões acerca de Whitechapel e como ele se transformara após a morte do filho, dando-nos a entender ser ele o alvo de suas memórias, e não ela mesma. O mesmo se dá com o capítulo narrado por Sanders Filho, o feitor, pois nele as impressões do feitor são todas a respeito de Whitechapel. No caso do capítulo dos fazendeiros, há a mescla da narração autodiegética do sr. Whitechapel, num foco de *narrador protagonista*, mas também há a narração heterodiegética, na qual a voz do narrador conta-nos os fatos ocorridos no Clube do Cavalheiro, mas dirigindo-se ao sr. Whitechapel, como se falasse com ele, chamando-o de "você", o que nos remete a um foco de *onisciência seletiva*, pois o narrador não demonstra saber o que sentem ou pensam os demais fazendeiros, somente o que falam, tendo acesso apenas aos sentimentos do sr. Whitechapel.

Em cada capítulo há espécies de monólogos interiores, nos quais os personagens exprimem suas angústias e outros sentimentos em relação aos fatos ocorridos na fazenda Whitechapel, o que se vincula ao tempo psicológico, aos moldes de Genette (1979), fortemente presente em grande parte da narrativa. Existe também a marcação temporal em alguns casos, como no capítulo de Sanders Pai, o antigo feitor, cuja narrativa se dá em forma de diário, tendo início em 12 de janeiro de 1796 e sendo a última data do diário em 30 de novembro do ano seguinte. Também o capítulo *The Virginian* possui marcações temporais bastante específicas, com o primeiro editorial marcado em 03 de dezembro de 1809 e o último em 01 de setembro de 1810, embora a cronologia não esteja ordenada. Durante a obra, outras marcações temporais aparecem, como o dia da fuga de Chapel, sua captura, castigo e morte, conforme se lembra Whitechapel: "Fugido na madrugada seguinte [à morte da mãe], capturado ao entardecer do mesmo dia, e

liquidado antes do anoitecer, foi juntar-se à mãe comigo curvado sobre ele [...].” (*A.M.R.L* 1997, p. 18).[1] Mas o tempo psicológico se destaca mais, pois a falta de linearidade nas rememorações dos personagens nos leva a entender como cada personagem vivenciou os fatos da narrativa, como cada um foi, de certa forma, atingido por eles. Dessa forma, por exemplo, temos a narração de um Whitechapel confuso no tempo, recorrendo a analepses para nos revelar detalhes sobre seu filho, sua esposa, e o modo como a perda desses dois grandes amores o abalou, tirando-lhe o riso e o desejo de viver. As revelações vão nos sendo dadas através das memórias dos vários personagens narradores, que vão e voltam no tempo, compondo o quadro geral da história da delação de Whitechapel e a consequente morte de seu filho. Vejamos agora como fluem essas memórias.

4.2 A MEMÓRIA DE WHITECHAPEL

Whitechapel é o personagem que considero como protagonista da trama, embora seja preciso respeitar as especificidades deste romance, cujos personagens e vozes narrativas são variados e incomuns. Embora cada capítulo tenha um narrador, o foco das atenções é Whitechapel e sua decisão em delatar o próprio filho, tentando poupar-lhe a vida, porém ele obtém o efeito contrário. Assim, mesmo que cada personagem relembre esse fato, Whitechapel parece ser o centro das memórias, um personagem aglutinador, sobre quem incidem memórias positivas, de admiração e respeito, e outras de desprezo e raiva. Whitechapel será o responsável pelas memórias contidas no prólogo, no capítulo 1 e no epílogo, e sobre ele aparecerão muitas outras informações, vindas das memórias de outros personagens, que servirão para que o leitor tenha, ao fim do romance, um painel sobre ele.

No prólogo, poucas informações nos sãos dadas, e as poucas memórias de Whitechapel, nesse momento, servem para aguçar-nos a curiosidade; as memórias deste prólogo serão continuadas depois, no primeiro capítulo e no epílogo. Whitechapel inicia a narrativa com impressões negativas de si mesmo, renegando seu passado e seu próprio nome: “Não queiram saber meu passado nem meu nome, pelo simples motivo de que eu

[1] The next day he was gone and by dusk that same day, caught, and before night set in, he’d joined his mother with me leaning over him […] (T.L.M., 1996, p. 11).

não os possuo, e teria de inventá-los para satisfazer a vocês.". (*A.M.R.L.*, 1997, p. 9). [2] O tom amargo demonstra que o personagem contará ao leitor algo triste ou negativo. A falta de um nome e um passado evidenciam um personagem que não encontra lugar no mundo para si, uma perda de identidade e a razão logo nos será dita. Aos poucos, Whitechapel revela o fato principal que o faz renegar-se a si mesmo: "A última vez que chorei foi pela morte mais que estúpida de um rapaz que eu amava como se fosse meu." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 9).[3] Aqui, vemos que Whitechapel sofreu a perda de alguém querido, um filho talvez. Ainda no epílogo, suas memórias evidenciam sua condição de escravo e a degradação a ela inerente:

> Um dia, acordei antes de todos na fazenda, passei nas pontas dos pés por cima de meus companheiros de trabalho, ex-companheiros de brincadeiras, de cama e de todas as outras intimidades que nos foram roubadas, abri a tranca da porta, dei com uma madrugada úmida e estrelada e decidi que a partir daquele dia não tinha mais nome. Era só moleque, mula, crioulo, escravo, ou o que qualquer um quisesse me chamar. Já fui chamado de muitas outras coisas além dessas. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 9).[4]

Como escravo, Whitechapel refere-se ao fato de ter intimidades roubadas. A escravidão a todos afeta, e os nomes pelos quais era chamado, a saber, "moleque, mula, crioulo, escravo" remetem à depreciação dos sujeitos escravizados, a quem os escravizadores deixam de considerar como seres humanos, objetificando-os e animalizando-os. Em relação à instituição da escravidão nos Estados Unidos, importa perceber que uma das maneiras utilizadas pelos escravizadores para a objetificação maior de seus escravos era a substituição de seu nome por um nome comum à língua de seu dono: "Não só os africanos foram obrigados a trabalhar para senhores severos em uma terra estranha, mas os senhores usualmente despojaram-lhes de seus nomes, seus últimos bens pessoais." (KULIKOFF, 1986, p. 325).[5] Equiano relata como seu nome foi trocado diversas vezes, sendo que no navio negreiro e em Barbados, onde desembarca pela primeira vez, era Michael, na Virgínia, para onde foi vendido inicialmente, era

---

[2] You do not want to know my past nor do you want to know my name for the simple reason that I have none and would have to make it up to please you. (*T.L.M.*, 1996, p. 1).
[3] The last time I cried was over the pointless death of a boy I loved as my own. (*T.L.M.*, 1996, p. 1).
[4] I woke up one day before the estate stirred, tiptoed over my workmates, former playmates and bedfellows and everything else to do with robbed intimacy, unlatched the door, confronted a damp, starlit morning and decided that from this day I had no name. I was just boy, mule, nigger, slave or whatever else anyone chose to call me. I have been called many other things before. (*T.L.M.*, 1996, p. 1).
[5] Not only were Africans forced to work for harsh masters in a strange land, but masters usually stripped them of their names, their last personal possessions.

Jacob, mas no navio que o levou à Inglaterra, onde viveu por muitos anos como escravo, foi chamado de Gustavus Vassa, nome que permaneceu: "Enquanto eu estava a bordo deste navio meu capitão e mestre me chamou Gustavus Vassa. [...] E quando eu me recusei a responder ao meu novo nome, o que no começo eu fiz, isso me rendeu muitas bofetadas; então, finalmente, eu me submeti [...]." (1999, p. 39).[6] Nesse sentido, o escravo se vê despersonalizado, desumanizado, pois perde grande parte de sua identidade e é obrigado a recriar uma nova. No caso, Whitechapel relata ser chamado de nomes depreciativos (além de ter perdido seu nome africano, como veremos adiante), e ele assume essa objetificação e decide não ter mais nome, aceitando ser chamado de qualquer nome, porém, mais do que atender aos desígnios da instituição da escravidão, que despersonalizava os escravos, negando-lhes o direito de manterem seus nomes, suas culturas, suas crenças, aqui, o que leva Whitechapel a negar seu nome é o peso de sua perda, a dor que ela lhe traz, que ele julgava a maior que já sentira ou sentiria:

> Nunca soube que uma dor podia pegar um corpo daquele jeito, balançá-lo, sacudi-lo, chocalhá-lo, martelá-lo a ponto de parecer deixá-lo despedaçado, a chorar de pura exaustão, sem lágrimas nem movimento algum, a não ser por um baixo lamento gemido, lamuriento, rouco. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 9-10).[7]

A dor que lhe deixa agora sem lágrimas grita em sua consciência e, embora ele queira esquecer, sua memória ainda vive e dói. E ele passa a rememorar os fatos que o levaram a estar nesse estado de tristeza, de dor, de arrependimento, de desejo de esquecimento, um esquecimento tão almejado, mas quase impossível:

> Não quero lembrar. Lembrar dói. Como chorar. Só que calado e fundo. A lembrança sobe à pele então, e não aguento que me toquem. Dói o corpo todo, doem os ossos, os dentes se afrouxam nas gengivas, o nariz sangra. Não me façam lembrar. Eu esqueço o mais que posso. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 10).[8]

---

[6] While I was on board of this ship my captain and master named me Gustavus Vassa. [...] And when I refused to answer to my new name, which at first I did, it gained me many a cuff; so at length I submitted [...].

[7] I never knew crying could take over a body so, rock it, shake it, rattle it, thump it so that the body feels wrecked and cries without tears or movement of any kind, out of sheer exhaustion, except for that moan, groan, hoarse, bass wail. (*T.L.M.*, 1996, p. 1-2).

[8] I don't want to remember. Memory hurts. Like crying. But still and deep. Memory rises to the skin then I can't be touched. I hurt all over, my bones ache, my teeth loosen in their gums, my nose bleeds. Don't make me remember. I forget as hard as I can. (*T.L.M.*, 1996, p. 2).

O capítulo 1, intitulado “Whitechapel”, será constituído por essas lembranças que o perseguem, embora ele tente esquecer. É como o trauma que parece precisar ser revivido, relembrado, para ser superado. A memória, para Whitechapel é tão dolorosa que não somente causa sofrimento mental, mas uma dor física que lhe parece insuportável. Mas, para Whitechapel, embora ele reviva o trauma da morte do menino que amava como se fosse seu, dia a dia, a dor ainda continua ali, junto com a culpa. Assim é que ele tenta deixar de ser quem é, esquecer seu passado, perder seu nome, para poder ter um pouco de sossego e conseguir pelo menos dormir. Ao descrever como consegue dormir, Whitechapel acaba por evidenciar as condições às quais os escravos estavam submetidos nos locais destinados ao seu repouso:

> Naquela manhã, enfrentei o mundo pela primeira vez como um ninguém, anônimo. Como não tinha nome, pude retornar ao espaço com a forma do meu corpo na esteira de palha no chão, afastar algumas pernas da frente e dormir um sono tão profundo que fui o último a me levantar, quando antes ficava ali deitado escutando os outros a respirar, roncar, falar no sono, choramingar, proteger a cabeça de uma pancada, contrair o corpo para receber uma chicotada, chutar e socar como se mastins os atacassem, ranger os dentes tão alto que pareciam duas pedras enormes esfregadas uma na outra, relinchar como cavalos e zurrar feito mulas, grunhir como porcos, uivar como lobos, ou simplesmente morrer com um arquejo. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 11).[9]

A descrição, em parte, evidencia como eram as moradias destinada aos escravos, e as descrições dos historiadores indicam que eram barracos sem janelas ou pisos, onde moravam apertados e quase sem mobília alguma. O frio era um problema, pois muitos escravos mal tinham uma cama e dormiam, quase sempre, no chão, com algum cobertor e palha. Em algumas *plantations*, os donos permitiam que fossem feitos “quarters”, espécies de conjuntos de casas minúsculas onde os escravos ficavam agrupados, embora em outras era comum haver grandes barracões para abrigar grupos maiores (KULIKOFF, 1986), como parece ser o caso da fazenda Whitechapel. Sobre a situação precária de suas habitações, avaliam Franklin e Moss, (1989): “A inadequação do espaço era, se possível, ainda pior do que a ausência de confortos materiais. Um

[9] That morning I faced the world for the first name as a nobody, nameless. Because I had no name I was able to return to my body-shaped space on the straw mat on the floor, clear a few limbs out of the way and sleep so deep I was the last to rise, when before I’d lie there and listen to the others breathe, snore, talk in their sleep, cry out, whimper, shield their heads from a blow, contract their bodies to receive a lash, kick and punch as if bloodhounds were upon them, grind their teeth so loud it sounded like two huge stones rubbed together, whinny like horses and bray like mules, grunt like hogs, howl like wolves, or just plain die with a gasp. (*T.L.M.*, 1996, p. 3).

plantador do Mississipi tinha 24 barracos, cada um medindo 4,87 metros por 4,26, para seus 150 escravos." (p. 140). Os autores apontam ainda que muitos apoiadores da escravidão, como Ulrich B. Phillips, (1968) defendiam que as habitações eram adequadas, dado o fato de os escravos mal ficarem nelas. Antes, Whitechapel já dissera que para sair do barracão onde dormiam, precisava passar por cima dos colegas, indicando o espaço diminuto destinado ao seu repouso. Aqui, fala de sua cama de palha, outra evidência de como eram suas moradias. Além disso, a descrição enfatiza que embora o sono seja a hora de repouso, os medos dos escravos os perseguiam em sonhos, pois eles, dormindo, se encolhem com medo de pancadas, da chibata, dos cães, situações que podiam lhes ocorrer no dia a dia da *plantation*. A comparação que ele faz dos sons emitidos pelos escravos com sons de animais não é gratuita, pois eram, de fato, tratados como animais e, como Whitechapel evidenciou acima, chamados de mulas. E embora ele consiga dormir nesse dia em que acorda e decide não ter mais nome ou passado, as lembranças não o abandonam e, a partir daqui, suas memórias nos serão contadas e entenderemos o que aconteceu com o rapaz que amara como se fosse seu. A narrativa não segue uma temporalidade linear, mas há diversas analepses, como se a mente de Whitechapel, querendo esquecer, se refletisse nesse fluxo temporal entrecortado. O ponto mais antigo do passado que vem à memória de Whitechapel é quando tenta explicar ao filho que deve aceitar sua posição no mundo:

> Em minha opinião, uma simples lição de obediência era só do que meu rapaz precisava. Precisava conhecer sua condição, e antes cedo que tarde demais. Eu achava que um castigo lhe faria bem, porque o manteria vivo, afastando de sua cabeça louca, de uma vez para sempre, toda ideia de livrar-se da responsabilidade. Era propriedade de outro homem, como o pai antes dele, e como nasceria seu filho. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 18-19).[10]

Whitechapel nos narra como já há muito tempo percebera que o filho precisava de uma lição, para que aprendesse seu devido lugar, seu lugar de escravo. É perceptível que ele aceita passivamente sua condição de escravo, tendo que obedecer ao seu dono se quisesse se manter vivo, e demonstrará, ainda, acreditar como ser um bom escravo fazia com que recebesse bondade de seu dono. Era comum que muitos escravos se apegassem

[10] To my mind a simple lesson in obedience was all that my boy required. He needed to know his station sooner rather than too late. I believed some punishment would do him good because it would keep him alive by driving from his wild head, once and for all, any notion of freedom from responsibility. He was born owned by another man, like his father before him, and like his son would be born. (*T.L.M.*, 1996, p. 12).

à família de seus donos, como forma de se sentirem parte de alguma comunidade, ou se mostrassem subservientes para escaparem de castigos e receberem benefícios. Isso ocorria pois havia, principalmente no sul norte-americano, o tratamento paternalista destinado aos escravos, que funcionava como um meio de controle, pois o escravo que se sentisse bem cuidado e querido era menos propenso a fugas. O paternalismo se evidenciava bastante na relação do patrão com os escravos domésticos e com as escravas que costumavam estuprar, sendo também comum nas *plantations* menores, onde não havia feitores e o plantador interagia diretamente com seus escravos. (SEGAL, 1995). O fato de o sul praticamente não ter casos de fazendeiros absenteístas propiciava maior contato entre senhores e escravos e facilitava o paternalismo, como observa Genovese (1979), aliando ao seu argumento a ideia de que após o fim do tráfico negreiro nos Estados Unidos, ocorrido em 1808, o melhor tratamento dado aos escravos, embora primordialmente com interesses puramente econômicos, também ajudou nessa relação:

> Os padrões apropriados de tratamento, uma vez estendidos por uma geração ou duas, tornaram-se interiorizados e parte do padrão aceito de dignidade para a classe dominante. O crescimento de uma população de escravos nativos reduziu a lacuna cultural entre as classes e raças, e preparou o caminho para os sentimentos de afeto e intimidade que tinham que existir se o paternalismo tivesse que dominar. (p. 104).

Esses sentimentos paternais dos senhores por seus escravos estão presentes em diários de escravistas, que mostram ressentimento quando seus escravos "favoritos" fugiam da fazenda. É curioso que o tratamento sulista dispensado aos escravos era mais paternal do que no Norte, por exemplo, onde a abolição chegou primeiro, como observa Segal (1995). Mas esse tratamento era seletivo, visto que os senhores beneficiavam mais os seus escravos mais subservientes, ou aqueles que delatavam outros escravos ou mesmo as escravas que cediam aos seus apetites sexuais sem contestação. A esses escravos era dada certa liberdade, embora esta fosse limitada. Segal observa que o tratamento paternalista infantilizava os escravos adultos de tal modo que eram chamados de "Meninos e meninas, até que estes eram finalmente transformados, após longo tempo de serviço, em tios e tias." (p. 56)[11]. Muitos plantadores se referiam aos seus escravos como sua família preta, como observa Genovese (1979), mas havia certos

[11] boys and girls, until these were translated at last by long service into uncles and aunties.

limites para este sentimento: “Não precisamos negar a realidade do senso de responsabilidade que se expressava deste modo. Tal realidade, entretanto, não deve ser considerada literalmente; era simplesmente uma distante ligação com as verdadeiras relações de família”. (p. 215). E exemplifica essa diferenciação entre família e paternalismo, ao citar o caso do juiz Thomas Ruffin, do Supremo Tribunal da Carolina do Norte, que, no caso *State v. Mann*, de 1829, diferenciou o espancamento de um filho do espancamento de um escravo, pois no primeiro caso, o pai prepara o filho para a vida livre que terá, e no segundo, o “poder do senhor sobre o corpo do escravo devia ser absoluto” (p. 216), pois o escravo serve para o lucro de seu senhor, não sendo dono de seu próprio corpo. O escravo subserviente e infantilizado era chamado de “sambo”, como observa Elkins (1968).

Rememorando a tentativa de explicar isso ao filho, do quanto um escravo obediente poderia ser mais feliz, Whitechapel percebe que teria de ensinar essa lição a ele, mesmo que isso lhe doesse, pois acreditava que só assim iria salvá-lo. Para Whitechapel, era preferível que seu filho fosse um *sambo*, do que tentasse ser livre, o que ele considera, ironicamente, como fuga de responsabilidade. Porém, o filho pensa de forma diferente: “Meu rapaz ouviu meu cuidadoso raciocínio, sacudiu negativamente a cabeça, mas teve a graça de ficar calado e se afastar. Eu sabia que ele atribuía meus argumentos à velhice ou à covardia, ou às duas coisas juntas.” (*A.M.R.L.*, 1997, p. 19).[12] Nessas memórias, percebe-se que havia escravos que se submetiam, não se rebelando e aceitando as imposições de seus escravizadores e outros que, inconformados, acreditavam numa vida diferente, como é o caso de seu filho. Na visão de Whitechapel, esses dois tipos de escravos, se definiam assim:

> Há dois tipos de escravo: o que tem de experimentar tudo por si mesmo para chegar à compreensão de alguma coisa e o que aprende pela observação. O escravo da primeira categoria age como se fosse o único escravo no mundo, é vítima da pior sorte na terra. Esse tipo de escravo é agitado, causa muita encrenca para si mesmo e torna dez vezes pior o destino dos outros escravos. Reconhece-se em geral que o escravo da segunda categoria é mais inteligente, vive mais tempo, causa a todos em volta um mínimo de preocupações e ganha uma certa bondade do feitor e do senhor. Compreendi que meu filho estava na primeira categoria, a dos encrenqueiros, naquele dia em que ele se afastou de meu conselho. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 20-21).[13]

[12] My boy listened to my careful reasoning, shook his head negatively but had the grace to keep quiet and walk away. I knew he put my argument down to old age or cowardice or both. (*T.L.M.*, 1996, p. 12).

[13] There are two types of slave: the slave who must experience everything for himself before coming to an understanding of anything and he who learns through observation. The slave in the first category behaves

Whitechapel crê que o melhor para o escravo é ser servil e obediente, de modo que um dia isso seja devolvido em alguma consideração por seu dono, seu feitor, evitando assim castigos e uma morte precoce. O filho, um "encrenqueiro", era do tipo que não se conformava em ser um escravo, o que o leva a fugir. Obviamente, o trecho acima se refere a como pensavam os escravizadores, não os escravos, e Whitechapel figura como um escravo que adotou o ponto de vista de seu algoz para sofrer menos, apanhar menos. Whitechapel, aos poucos, se recordará das conversas que tivera com o filho, tentando mostrar-lhe que a vida do escravo tinha um destino apenas, mas o filho se recusava a aceitar isso:

> Meu filho, com sonhos tais que dizia que os filhos dele seriam livres. Os filhos dele! Admito que falou dessa forma brutal durante nossa conversa, quando eu disse que seu lugar na vida era o mesmo ocupado por mim, e que esperava seus filhos. Respondi que a prova de trezentos anos ia contra a opinião dele e confirmava a minha. Ele se afastou então e sacudiu minhas palavras fora, como um cachorro sacode a água do pelo. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 26).[14]

É inconcebível para Whitechapel que o filho julgue poder ser livre, pois ele havia aceitado este lugar no mundo e não conseguia imaginar-se em outro papel. O argumento posto em sua boca, porém, figura como mais um dos equívocos de D'Aguiar ao figurar o elemento histórico em seu romance, já que parece bastante improvável que um africano roubado de África ainda menino, no século XVIII, como Whitechapel, que passara sua vida numa mesma fazenda, ser nunca ter sido alfabetizado, tenha o conhecimento histórico do período que a escravidão negra vigorava no mundo.

O jovem tem sonhos e se recusa a aceitar a vida de escravo, como o pai. Por isso, foge. Antes disso, porém, Whitechapel se recorda da doença de sua esposa, mãe de seu filho, que exigira que ele e seu filho a velassem. Isso distraiu Whitechapel do filho e da lição que achava que deveria lhe dar, para que se acalmasse e aceitasse sua posição:

---

as if he is the only slave in the world and is visited by the worst luck on earth. That type of slave is agitated, brings much trouble on his head and he makes the lot of every slave ten times worse. It is generally accepted that the slave in the second category is brighter, lives longer, causes everyone around him a minimum of worries and erns the small kindness of the overseer and the master. I realized my son was in the first, troublesome category, that day he walked away from my advice. (*T.L.M.*, 1996, p. 14-15).

[14] My son, whose dreams were such that he argued his children would be free. His children! I admit he spoke in this rash manner during our exchange when I said that his place in life was the same place occupied by me and available to his children. I countered then that the evidence of 300 years was against his view and ratified mine. He then walked away and shook off my words much as drenched dog shakes off water. (*T.L.M.*, 1996, p. 21).

> Fui distraído pela prolongada morte da jovem mãe dele. A febre a secou até deixá-la parecendo comigo em anos. Estava na beira deste mundo e do outro. Exigia atenção constante. Fui liberado de muitas das minhas obrigações por meu senhor, que mandou o feitor me dar algum tempo para cuidar das necessidades dela. Quem conseguiria que lhe mostrassem esse grau de consideração, senão uma pessoa que conseguira arrancar bondade e justeza da outra? Afastei da mente a conversa com meu filho e minha decisão. Minha esposa perdeu todo sentido de tempo e sua aflição era constante. A dor na parte de baixo das costas era violenta. Não consegui convencer o senhor a pagar um médico para examiná-la, mas ele argumentou e me convenceu de que tinha chegado a hora, que nem todos podiam se tornar um touro velho como eu. Pareceu aceitável, por isso tratei de tornar confortáveis os últimos dias dela. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 19-20).[15]

Whitechapel é tão submisso que, mesmo diante do fato de seu senhor não chamar um médico para diagnosticar a doença de sua esposa e tratá-la, o considera um bom patrão, e acha bondade da parte dele permitir-lhe algum tempo do dia para cuidar de sua esposa, à beira da morte, comprovando, a seu ver, os argumentos que pretendia usar com o filho para convencê-lo a aceitar sua posição de escravo, propriedade de outro homem. De fato, se considerarmos o tipo de tratamento dado aos escravos na imensa maioria das *plantations*, veremos que os escravos doentes eram deixados ao léu, sem assistência, para que se curassem ou morressem sozinhos, sem atrapalhar a produtividade dos demais escravos. Para os padrões da época, o sr. Whitechapel age de forma menos cruel que os demais fazendeiros, o que, porém, não o torna bondoso, como imagina Whitechapel. É essa a diferença entre Whitechapel e seu filho: enquanto o primeiro vê isso como bondade, o segundo sabe que a vida dos negros poderia ser livre, como era a dos brancos e dos negros no Norte.

Logo após a morte da esposa, Whitechapel fica sabendo que seu filho fugira. Sobre as fugas nas *plantations*, mais comuns do que se supõe, havia diversas razões que levavam o escravo a fugir, como aponta Segal (1995): "Às vezes fugiam da punição, antes ou depois; às vezes, em protesto por trabalharem forçado demais; às vezes, para

---

[15] I was distracted by the bedridden demise of his Young mother. The fever dried her up till she resembled me in years. She was on the verge of this world to the next. She needed constant attention. I was relieved of most of my duties by the master who informed the overseer to allow me time to attend to her needs. Who could get that degree of consideration shown them but someone who had managed to elicit kindness and fairness from another? The talk with my son and my decision receded from my mind. My wife lost all sense of time and was constant in her distress. Her pain from the lower region of her back was severe. I could not convince the master to pay for a physician to look at her but he did argue and convince me that her time had come and not everyone was able to become and old ox like me. This seemed acceptable, so I set about to make her last days comfortable. (*T.L.M.*, 1996, p. 14-15).

buscar membros de sua família de quem haviam sido separados." (p. 62).[16] Fugiam ainda com medo da mudança de patrão ou feitor, fugiam por um tratamento cruel dos feitores ou donos na jornada de trabalho, fugiam por falta de comida, moradia, calçados, pela venda do cônjuge ou filhos, pela falta do descanso semanal, pela não autorização de arrendarem seus serviços, pela não permissão de visitarem cônjuges e tantos outros motivos mais difíceis de apontar, como tristeza, raiva, saudade, e a simples busca pela liberdade. Em todo caso, a decisão de fugir não era fácil, visto que o escravo sabia que severas punições ou mesmo a morte podiam advir de sua fuga, além de, em certos casos, sua família e amigos serem punidos junto, também, prática comum entre os escravistas, para que o mau exemplo não fosse seguido. Apesar disso, a fuga se tornou algo comum, pois os escravos entendiam que era, praticamente, sua única chance de mudança de vida:

> A prática de fugir ficou tão generalizada que todos os estados procuraram fortalecer suas patrulhas e as outras salvaguardas, mas com poucos resultados. Dificilmente um jornal ia para o prelo sem vários anúncios sobre fugitivos e, às vezes, apareciam várias colunas de tais anúncios. (FRANKLIN e MOSS, 1989, p. 150).

Obviamente, não se pode precisar o número de fugas ou tentativas dos escravos das *plantations*, e os relatos de fugas foram obtidos com bases nos jornais, cartas, diários e petições do período escravista nos Estados Unidos, mas estes documentos eram todos feitos por escravistas, o que dificulta precisar tais números, pois alguns senhores não anunciavam a fuga de seus escravos, pois muitos eram capturados antes que o dono resolvesse fazer um anúncio. Mas, uma análise realizada por Franklin e Schweninger (1999) evidencia que as tentativas e as fugas nunca foram poucas.

No caso de Chapel, seu dono coloca o feitor em seu encalço e Whitechapel acredita que precisava fazer algo para salvá-lo, pois "O feitor tinha partido com um grupo de homens famintos algumas horas antes, na perseguição." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 20)[17], o que nos leva a entender que temia pela morte de seu filho. Sobre a tentativa de recapturar o escravo, chamada de "caçada" ao fugitivo, se tornava mais eficaz quando se usava um caçador de escravos. Existiam patrulhas que buscavam escravos fugidos, mas elas eram menos eficazes, por serem compostas por fazendeiros, brancos pobres e

[16] Sometimes they fled from punishment, before or after; sometimes, in protest at being driven too hard; sometimes, to reach members of their family from whom they had been separated.
[17] The overseer had left with a party of hungry men some hours before in pursuit. (*T.L.M.*, 1996, p. 14).

desempregados, ou seja, pessoas não "especializadas" no assunto. Diferente era o caçador de escravos, pois ele vivia disso, dependia da captura de escravos para viver, fazia disso sua profissão. Costumavam ser contratados por fazendeiros que não podiam ficar sem seus feitores, já que a caçada podia durar dias, até semanas. Os caçadores de escravos costumavam cobrar as despesas diárias, as milhas andadas e ainda recebiam a recompensa anunciada, o que, por vezes, dissuadia certos donos de enviarem caçadores para o Norte, pois os custos seriam muito altos. Isso contribuía para alguns escravos conseguirem fugir para o Norte, mesmo com a existência da Lei do Escravo Fugitivo. Era comum que os caçadores usassem cães em suas caçadas, os chamados "negro dogs", que eram treinados para capturar apenas negros, embora em alguns estados isso fosse proibido, o que, obviamente, não era respeitado. Os escravos temiam ser capturados por cães, pois sabiam que podiam receber sérios ferimentos ou mesmo morrer. Franklin e Schweninger (1999) citam o caso de um fazendeiro que pediu que seu feitor não usasse os cães para capturar um escravo fugido, pois "É muito perigoso. Eles podem matar um homem em um tempo muito curto. Da última vez eles quase o haviam despedaçado." (p. 164).[18] Em outras ocasiões, alguns plantadores usavam cães treinados para caçar negros em demonstrações na fazenda, fazendo com que o cão atacasse o negro fugitivo diante dos demais escravos, de modo a dissuadi-los a fugir, através do medo.

Sabendo disso, Whitechapel decide então fazer algo considerado audacioso, e vai até a casa do patrão, para "salvar meu filho, não abandoná-lo à sorte terrível que podia trazer a si mesmo. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 21).[19] Whitechapel nunca antes adentrara assim na casa do patrão, jamais chegara perto de seus aposentos, o que evidencia o distancimaneto entre escravizador e escravos, pois entrar ali era uma ousadia da parte de um escravo. Whitechapel evidencia, ao falar com seu "dono", sua subserviência, seu medo, o que ele considera como "respeito" porém, claramente, é o receio do escravo de ser punido, e, neste caso, de a punição recair sobre seu filho, mais severa ainda do que já seria:

> O Sr. Whitechapel apareceu meio vestido, surpreso com minha ousadia e ao mesmo tempo irritado e intrigado com ela. [...] Pedi o seu perdão, pedi as bênçãos de Deus para ele, seus dois filhos, sua filha e

[18] It is too dangerous. They may kill a man in a very short time. Last time they had nearly torn him up.
[19] to save my son, not to abandon him to the horrible fate he might bring on himself. (*T.L.M.*, 1996, p. 15).

> sua boa esposa, e passei a explicar minha solução para a impulsiva idiotice do meu filho. Ele me cortou e perguntou o que eu queria que fizesse com um fugitivo entre seus bons negros, envenenando a mente deles diariamente. [...] Eu o olhei pela primeira vez em nosso diálogo. Estava fora de si e exasperado. Jamais fora daquele jeito comigo em todos aqueles anos em que eu o servira. Eu disse que ia rezar por ele e sua família como sempre rezava. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 21).[20]

Diante de uma situação tão adversa, tendo visto sua esposa morrer em sofrimento e seu filho fugir e correr o risco de ser morto por cães, na perseguição, a tiros, ou ainda no açoite, Whitechapel é obrigado a manter seu controle diante do patrão que age como se sua dor em ter um escravo fugido fosse infinitamente maior que a de Whitechapel, que perdera a esposa e o filho, de uma só vez. Whitechapel, antes de pedir pelo filho, pede pela benção divina a toda à família Whitechapel, já que a segurança e alegria destes vinham em primeiro lugar, nunca a morte de uma esposa, nunca a fuga de um filho.

O diálogo nos evidencia como os escravizadores não tratavam seus escravos com humanidade, mas com aspereza e crueldade, pois os consideravam objetos ou animais, em todo caso, jamais como iguais, por isso, podiam ser tratados de forma insensível. Whitechapel, porém, parece não achar isso algo indigno, pois demonstra ter aceitado passivamente sua posição de escravo e crê, mesmo, estar sendo insolente ao tentar defender seu filho da morte nas mãos do feitor:

> Pedi que mandasse um homem atrás do grupo de perseguição para assegurar a volta de meu filho a salvo e um justo castigo. Ele disse que as coisas agora estavam fora de seu controle e nas mãos de Deus. Deus era bom e justo, e nós dois devíamos aceitar Seu julgamento sobre todos. Eu concordei, inspirei fundo e defendi minha causa, mas ele interveio com uma pergunta: Estava eu procurando contradizer seu julgamento? Eu disse que não, e de novo inspirei fundo para levar aquele dilema a uma conclusão justa. Outra vez ele me interrompeu repetindo sua pergunta, agora com mais volume e uma certa raiva visivelmente destinada a me silenciar. Eu me curvei. Ele girou nos calcanhares e eu falei:
> —Senhor, eu sei onde está meu filho. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 21-22).[21]

---

[20] Mr. Whitechapel emerged half-dressed, surprised at my boldness and irritated and intrigued by it at the same time. […] I begged his pardon, whished God's blessings on him and his two sons and one daughter and good wife, and proceeded to explain my solution to my son's impulsive idiocy. He cut me short and asked me what I would have him do with a runaway among his good negroes, poisoning their minds on a daily basis. […] I looked at him for the first time in our exchange. He was distracted and exasperated. He had never been like this with me before in all the years I had served him. I said I would pray for him and his family as I have always prayed. (*T.L.M.*, 1996, p. 15-16).

[21] I begged him to send a man after the search party to ensure my son's safe return and just punishment. He said events were now out of his control and in God's hand. God was just and fair and he and I should

Vemos que Whitechapel, mesmo diante da possível morte de seu filho, precisa tomar cuidado com as palavras dirigidas ao Sr. Whitechapel, pois sabia o risco que ali corria ao desafiar o patrão e insistir em falar do assunto da fuga. Tentando fugir da responsabilidade do castigo que o rapaz receberia, o Sr. Whitechapel coloca toda a responsabilidade nas mãos de um deus, invocando assim a ideia de que os destinos de todos ali, brancos e negros, escravos e homens livres, era decidido por um ser superior, não por eles, brancos, escravistas. Whitechapel consegue despertar a atenção de seu senhor ao dizer que sabia onde o filho estava, mas também sua ira, e, na interpretação de Whitechapel: "Estava furioso, e parecia julgar o conhecimento que eu tinha do paradeiro de meu filho uma forma de poder sobre ele, meu senhor." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 22).[22] Saber mais do que o patrão era algo inconcebível aos escravos, de modo que eram até mesmo proibidos de serem alfabetizados, pois os senhores sabiam que o conhecimento poderia dar algum tipo de poder ao escravo. Aqui, vemos um fazendeiro exasperado, que exige saber onde o escravo fugitivo fora e, quando Whitechapel demora a lhe falar, ele perde o controle:

> Meu nome foi berrado. Passos acorreram para seu quarto por todos os pontos de entrada: escravos domésticos, a esposa e os filhos dele, e dois hóspedes da família, que deviam ter partido quando o desaparecimento de meu filho ganhou prioridade. Era a primeira vez, num longo tempo, que ele me chamava pelo nome. Usá-lo com raiva era a mais severa forma verbal de desaprovação que meu senhor podia ter-me mostrado. Quanto a mim, era o equivalente a uma lambada de chicote, o que chamamos açoitar com a língua. Eu me encolhi como se o chicote houvesse queimado o ar em torno de minhas costas. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 22-23).[23]

Whitechapel se sente culpado por causar tais sentimentos ao patrão, como se fosse ele quem estivesse errado naquela situação. Na lógica escravista, era mesmo.

---

accept His judgment on us all. I agreed and took a breath to plead my case but he interceded with the question: Dis I seek to contradict his assessment? I said no and again took a breath to reason this dilemma to a fair conclusion. Again he interrupted me by repeating his question, this time with more volume and a degree of anger that was clearly intended to silence me. I bowed. He turned on his heels and I spoke. / 'Sir, I know where my son is.' (*T.L.M.*, 1996, p. 16).

[22] He was furious and appeared to judge um knowledge of my son's whereabouts as some form of power over him, my master. (*T.L.M.*, 1996, p. 16).

[23] My name was bellowed out. Footsteps rushed into his room from all ports of entry: house slaves, his wife and children and two guests of the family who were due to leave when my son's disappearance took precedence. It was the first time he'd called me by my name for a long time. To use my name in anger was the severest verbal form of disapproval my master could have shown me. For me, it was the verbal equivalent of a whip lash, what we call a tongue-lashing. I winced and bowed as if a whip had boiled the air around my back. (*T.L.M.*, 1996, p. 17).

Whitechapel acredita estar agindo para salvar seu filho e diz ao patrão que o filho fora pelo rio, caminho oposto seguido pelo feitor. Quando o patrão ordena que "não deviam causar mal algum a meu filho, pois ia fazer dele um exemplo para todos verem e aprenderem." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 23)[24], Whitechapel acredita que seu filho estaria a salvo da morte.

Sobre a captura, importa ressaltar que após ser capturado, apanhar do caçador, ser mordido por cães, apanhar em prisões, passar fome, frio, sede, estar exausto da fuga, o escravo seria alvo de um espetáculo, sendo punido diante de todos os escravos, para servir de exemplo. Na maioria das *plantations*, os feitores eram orientados sobres as punições a serem dadas aos fugitivos, que podiam ser "Colocá-los em ferros ou grilhões, colocá-los em celas, deixá-los na prisão e, mais comumente, chicotadas." (FRANKLIN e SCHWENINGER, 1999, p. 239).[25] Os plantadores costumavam orientar quanto ao número mínimo e máximo de chibatadas para o fugitivo, e o comum era que fossem cem, e é nisso que Whitechapel parece acreditar. Mas, os escravos domésticos, tendo ouvido o que acontecera, o olhavam com olhos reprovadores: "Era o melhor que eu podia esperar, o retorno de meu filho a salvo, mas os escravos domésticos me lançaram olhares de tal desprezo que era como se eu houvesse lançado meu filho às feras." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 23).[26] Whitechapel pensa que os escravos, de tanto viver na casa grande, já haviam se tornado como os senhores, por isso não o compreendiam.

Whitechapel começa então a rememorar a espera angustiante da volta do filho. Estando de partida para a cidade vizinha, onde enviaria a esposa, a filha Lydia e o filho Thomas para o norte, o sr. Whitechapel retarda ao máximo essa ida, na espera da captura do rapaz. Mas, temendo viajar à noite, resolve ir, deixando ordens ao feitor substituto para que "prendessem meu filho, à espera do castigo quando ele voltasse." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 24).[27] Embora sinta certa inquietação, Whitechapel quer acreditar que as ordens de seu senhor serão cumpridas: "Quantas vezes o senhor se ausentara da fazenda deixando ordens que haviam sido cumpridas ao pé da letra? Incontáveis."

---

[24] My son was not to be harmed in any way since and example would be made of him for all to see and learn by. (*T.L.M.*, 1996, p. 17).
[25] placing them in irons or shakles, putting them in stocks, leaving them in jail, and, most commonly, whipping.
[26] It was the best I could hope for, my son's safe return, but the house slaves cast me such disdainful looks you would believe I'd thrown my son to the lions. (*T.L.M.*, 1996, p. 18).
[27] That my son was to be locked up to await punishment when he returned. (*T.L.M.*, 1996, p. 19).

(*A.M.R.L.*, 1997, p. 24).[28] Assim, quando o filho é capturado e trazido, Whitechapel sente alívio: "[...] a peça criou braços, pernas, uma cabeça, um corpo, e, num átimo, o rosto de meu filho: boca aberta, molhado de lágrimas, ferido, mas vivo. Corri para ele. Ele desviou o rosto e o corpo de mim, e percebi que devia ter sabido que eu o delatara." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 25).[29] Embora o filho o rejeite, Whitechapel sente que o salvara de uma morte terrível se fosse capturado sem sua delação, pois não acreditava que o filho conseguisse a liberdade. Embora veja o filho tratado como um animal, ele não se arrepende:

> Empurraram-me para a beira da estrada, e eu ali teria ficado, ainda pensando na rejeição dele, se não tivesse de assegurar que as ordens do senhor fossem cumpridas. Pois ali, à minha frente, estava meu filho acorrentado, ora conduzido, ora arrastado, como um animal selvagem, da floresta de onde o tinham arrancado. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 25-26).[30]

Whitechapel acredita que mesmo sendo tratado dessa forma, o filho estaria melhor ali do que fugindo pela floresta, à mercê de todo tipo de perigos. Entende que o filho precisava dessa lição para aprender seu lugar, de escravidão e submissão, deixando sonhos tolos de liberdade para trás. E percebe que ali, castigado diante de todos, seria o exemplo que os demais precisavam, também: "Ali o exibiam por sua teimosia, provando que pertencia ao tipo de pessoas que só aprendiam com custosos erros de primeira mão." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 26).[31] Embora Whitechapel acuse os escravos domésticos de pensarem como o patrão, é ele quem demonstra isso, pois, assim como os escravizadores, ele acredita que os escravos fugitivos deveriam servir como exemplo, recebendo um castigo apropriado para desestimular outros a fugir. Porém, o alívio de ver o filho vivo, e o orgulho em ter conseguido que seu senhor o poupasse de castigos até seu retorno são substituídos pela apreensão quando percebe que o feitor substituto, que ouvira as ordens do sr. Whitechapel, desaparecera: "Pedi a todos os meus parentes que o encontrassem, para que ele confirmasse as ordens do senhor sobre o bem-estar do

---

[28] How many times had the master left the plantation having issued orders that were carried out to the letter? Countless. (*T.L.M.*, 1996, p. 19).

[29] The piece sprouted arms, legs, a head, a body and in a flicker, the face of my son: open mouthed, tear stained, bruised, but alive. I rushed to him. He turned his body and face away from me and I knew he must have heard I'd given him up. (*T.L.M.*, 1996, p. 20-21).

[30] I was pushed out of the path and would have stood, still pondering his rejection, had it not been for the task of ensuring my master's orders were obeyed. For here before me was my son in chains, led and dragged in turn like a wild beast of the forest from which he had been plucked. (*T.L.M.*, 1996, p. 21).

[31] Here he was paraded for his wrongheadedness, proving he belonged to the type of people who learned through expensive first-hand mistakes. (*T.L.M.*, 1996, p. 21).

meu filho." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 26).[32] Porém, o feitor substituto, tendo se casado há pouco, saíra para visitar a esposa, "supondo que meu filho não seria capturado, pelo menos naquela noite." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 26)[33], o que coloca Whitechapel em situação de desespero. Tenta, de todas as formas, se fazer ouvir pelo feitor, Sr. Sanders:

> O Sr. Sanders murmurou alguma coisa acerca de as ordens do senhor sobre o bem-estar dos escravos só poderem ser-lhe transmitidas pelo seu substituto. Nenhum escravo teria interesse em repetir ordens prejudiciais ao seu próprio bem. Eu disse que as ordens sobre meu filho tinham sido testemunhadas por outros quatro além de mim, e era meu dever informá-lo delas. Ele me ordenou calar a boca, se não quisesse ser chicoteado. E despejou muitas outras obscenidades em minha cara. Sofrera um sério talho no pé e sentia um pouco de dor. A exaustão de um dia de caçada lhe sombreava o rosto. Mas nenhum desconforto pessoal justificava aquele tipo de linguagem com o mais velho escravo da fazenda. Eu continuei falando, como se ele houvesse comentado o belo crepúsculo que tínhamos naquela noite, pois o que interessava não era a polidez dele comigo, mas a sorte de meu filho. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 27).[34]

Whitechapel acredita que o feitor teria algum tipo de consideração com ele, que havia recebido o nome do patrão, que tinha sido ouvido pelo próprio dono da fazenda. Assim, ousa falar com o feitor, mesmo tendo recebido broncas dele, pois acredita que será ouvido, de alguma forma. O que Whitechapel queria era que seu filho aprendesse alguma lição, mas teme que, sem o patrão por perto, o feitor possa se exceder, mas o feitor não está disposto a receber ordens de um escravo:

> Ele ergueu a mão, e os nós dos dedos ferroaram minha orelha e têmpora esquerdas. Eu cambaleei, menos do soco que do fato de que uns trinta anos atrás me haviam dado um soco daqueles, e eu fizera com que o feitor de então, na verdade o pai do Sr. Sanders, sofresse uma severa reprimenda do senhor anterior, pai do atual. Trinta anos atrás. Naquela época tinha conseguido. Ia conseguir de novo. Um silêncio caiu sobre o terreiro. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 27).[35]

---

[32] I called on all my relations to find him so that he could confirm the master's orders concerning the well-being of my son. (*T.L.M.*, 1996, p. 22).

[33] On the assumption that my son would not be caught, at least not tonight. (*T.L.M.*, 1996, p. 22).

[34] Mr Sanders muttered something about orders from the master concerning the well-being of slaves can only come to him second-hand from his deputy. It would not be the interest of a slave to repeat orders detrimental to his comfort. I said those orders concerning my son were witnessed by four others beside myself and it was my duty to inform him of them. He ordered me to shut up or be lashed. Many other obscenities were uttered by him into my face. But no amount of personal discomfort merited this kind of exchange with the most senior slave on the plantation. I carried on talking as if he'd said what a pleasant sunset we have tonight, for the task at hand was not his politeness to me, but the fate of my son. (*T.L.M.*, 1996, p. 22-23).

[35] He raised his hand and his knuckles stung my left ear and temple. I Stumbled, less from the blow than from the fact of it: some thirty years ago a similar blow was directed at me and I, a mere slave, got that

Embora Whitechapel fosse o escravo mais velho e pensasse receber certa consideração de seu dono, como fora no passado, o feitor obviamente não pensa da mesma forma e o trata como a qualquer outro escravo que o desafiasse. Whitechapel parecia gozar de bastante consideração de seu dono, se compararmos o modo como a maioria dos escravos era tratado. Parecia receber a consideração que era mais comum os patrões terem com os escravos domésticos, que eles consideravam de confiança, os "sambos", pois a eles eram ofertadas mais regalias do que aos escravos do eito, de modo que acabavam se tornando mais dóceis aos patrões, com medo de perderem as vantagens de trabalharem na casa grande. Whitechapel, porém, irrita o feitor, pois o questiona na frente dos demais escravos e, para não perder sua autoridade diante deles, este o trata com violência. Após bater em Whitechapel, o feitor parece demonstrar certa vergonha, mas quando Whitechapel lhe diz que as ordens do patrão foram de não o castigar até sua volta, fica irascível novamente:

> — Meu único motivo para trazer de volta esse jovem crioulo foi que o patrão disse que ia fazer dele um exemplo, para desencorajar outras fugas. Eu cortei meu pé. Estou cansado e com fome. Não há como esse crioulo não sofrer o castigo de sempre para o crime dele. Deve-se dar um exemplo. Não castigá-lo agora da maneira correta seria uma afronta a toda esta fazenda. Eu sou o feitor. Na ausência do senhor, eu faço o que é melhor para a fazenda. Não recebo ordens de um crioulo. Pouco me importa que você tenha cem anos. É um escravo. Agora saia da frente, ou juro por Deus que vou amarrar você junto com seu filho e lhe dar o mesmo número de chibatadas, por seu atrevimento. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 28).[36]

Ao desafiar o feitor, Whitechapel atrai sua ira, e ele demonstra como a hierarquia da *plantation* funcionava: ele era o homem imediatamente abaixo do dono da fazenda e só a ele competia decidir o que fazer quando o dono não estava. Por isso, demonstra toda sua autoridade sobre Whitechapel, evidenciando que um negro jamais poderia dar algum tipo de ordens a um branco. Desesperado diante da demonstração de

---

overseer, Mr Sanders's father in fact, a severe reprimanding from the previous master, my present master's father. Thirty years ago. I managed it then, I would do it again. A silence fell in the yard. (*T.L.M.*, 1996, p. 23).

[36] My only reason for bringing back that Young nigger is because the boss said he would be made an example of to discourage further runaways. My foot is cut. I am tired and hungry. There is no way this nigger is not going to face the usual punishment for his crime. An example must be set. Not to punish him now in the appropriate way would be an outrage against this entire plantation. I am the overseer. In the absence of the master I do what is best for the plantation. I do not take orders from a nigger. I don't care if you are 100 years old. You are a slave. Now get out of my way, or as God is my witness, I will Strap you up next to your son and give you as many lashes for your insolence. (*T.L.M.*, 1996, p. 24).

intolerância por parte do feitor, Whitechapel ordena a um neto que procure o feitor substituto, sob pena de ser morto por sair da fazenda sem autorização: "Um escravo encontrado fora da fazenda à noite podia ser morto." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 29).[37] O filho, nas mãos do feitor, chama pela mãe, não pelo pai: "Meu filho tornou a gritar pela mãe. Eu abri a multidão para chegar até ele./ — Ela não pode vir lhe atender, meu filho. Eu estou aqui./ Ele me viu e calou-se, abatido." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 29).[38] Tendo sido delatado pelo pai, o rapaz não lhe tem mais confiança. Whitechapel implora ao feitor para tomar seu lugar no castigo: "Eu só tenho meu filho, senhor. Poupe-o. Deixe-me tomar seu lugar." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 29)[39], demonstrando ainda respeito e subserviência, na tentativa de evitar um castigo maior, porém, o feitor o trata com escárnio e ri, ordenando que 200 chibatadas fossem aplicadas ao rapaz:

> Quando ele disse o número de chibatadas, um grito de assombro subiu da multidão e encheu o ar do início da noite. Eu me pus a lutar contra o domínio de dois homens, que simplesmente me apertaram com mais força e me obrigaram a ajoelhar. Acenderam-se fogueiras. Cada chama conspirava com os fiapos restantes de luz para afastar a escuridão que chegava, mas em vão. A primeira chibatada abriu um buraco em minha cabeça e eu gritei por meu filho, que caiu tão em silêncio quanto a grama e as árvores. Minhas duas filhas restantes choravam com os filhos e netos, e pediam clemência ao Sr. Sanders. Pediam e choravam. A dor deles rasgava a noite em tiras. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 29).[40]

Os escravos fugidos eram tratados do modo mais cruel, recebendo um número alto de chibatadas para que os outros escravos não pensassem em fazer o mesmo. Como 200 chibatadas era algo dificilmente tolerável a algum ser humano, os demais escravos se desesperam, pois sabem que o rapaz pode morrer. A descrição de Whitechapel é pungente, evidenciando o quanto sofriam os parentes do rapaz, vendo-o ser encaminhado à morte por um feitor nada complacente, e a metáfora de sua dor rasgando a noite em tiras faz referência às suas costas sendo cortadas pelo açoite. Era comum que

---

[37] A slave discovered off the plantation at night was liable to be killed. (*T.L.M.*, 1996, p. 25).
[38] My son shouted again for his mother. I parted the crowd to get to him./ 'She can't come to you my son. I am here for you.' / He saw me and fell silent and dejected. (*T.L.M.*, 1996, p. 25).
[39] 'My son is all I have, sir. Spare him. Let me take his place.' (*T.L.M.*, 1996, p. 25).
[40] When he said the number of lashes an astonished cry rose from the crowd and filled the early evening air. I began to struggle against the grip of two men who simply tightened their hold on me and forced me to my knees. Fires were lit. Each flame conspired with the remaining scraps of light to drive away the ensuing darkness but to no avail. The first lash ripped a hole in my head and I screamed for my son, who fell as silent as the grass and trees. My two remaining daughters cried with their children and grandchildren and begged Mr Sanders for leniency. They begged and cried. The night was torn to ribbons by their grief. (*T.L.M.*, 1996, p. 25-26).

os escravos fugitivos recebessem 100 chibatadas como castigo, mas descumprimentos dessa ordem eram corriqueiros, pois o feitor queria se vingar do escravo fugido que o fizera deixar sua família, seu trabalho e andar mata adentro por quilômetros no frio ou calor extremos, cansar-se, até encontrá-lo. Assim, registros de diários de *plantations* exemplificam que o número de chibatadas dada a um escravo podia exceder, e muito, as cem, de tal modo que mortes ocorriam após o castigo, como revelam Franklin e Schweninger (1999) ao relatar as chibatadas dadas em fugitivos:

> Quando ele "tentou concretizar sua fuga", um dos homens, John Grant, atirou nas "pernas ou calças justas" do escravo. Levaram March de volta à fazenda de seu dono e receberam sua recompensa. Depois que saíram, Brooks começou a chicotear o escravo ferido e, quando ficou cansado, ordenou "outra pessoa" para continuar o chicoteamento. March estava trêmulo no chão e, dois dias depois, morreu.
> Não foi revelado se Hannah, uma jovem negra no condado de Southampton, Virginia, tinha fugido antes, mas quando seu senhor começou a chicoteá-la por supostamente roubar onze dólares, ela fugiu. John Gardner a perseguiu e a trouxe de volta. Ele então "pegou Hannah e a despiu e amarrou-a a um tronco e a chicoteou", um membro da família de Gardner disse, e continuou chicoteando-a durante uma hora e meia ou duas horas. Vários membros da família imploraram para que ele parasse. A língua da menina tornou-se "seca e branca." Os espectadores perguntaram se eles poderiam lhe dar um pouco de água. Gardner respondeu que "se dependesse dele, ela nunca mais iria comer ou beber de novo". A flagelação continuou até que ele "desgastou um chicote sobre ela", e suas costas estavam "muito laceradas", com um dos olhos inchados quase fechado. Sob tal "grande tortura", um observador disse, ela soltou gritos "terríveis". Na hora da ceia, veio a notícia de que "a menina Hannah estava morta e [o proprietário] queria assistência em colocá-la para fora." (p. 244)[41]

[41] When he "attempted to effect his escape by running off", one of the men, John Grant, shot the slave in the "legs or tights". They carried March back to his owner's plantation and collected their reward. After they left, Brooks began to whip the wounded slave and, when he grew weary, ordered "other person" to continue the whipping. March lay quivering on the ground, and two days later, he died.
It was not revealed whether Hannah, a young black woman in Southampton County, Virginia, had absconded before, but when her master began to whip her for allegedly stealing eleven dollars, she ran off. John Gardner pursued her and brought her back. He then "took Hannah and strip her & tied her to [a] lim & whipt her," a member of the Gardner family said, and kept flogging her for an hour and a half or two hours. Several family members pleaded with him to stop. The girl's tongue became "dry & white." Bystanders asked if they might give her some water. Gardner replied that "he'd be dam'd if she should ever eat or drink again unless he got the money." The flogging continued until he "wore out one whip on her", and her back was "very much lacerated", with one of her eyes swollen nearly shut. Under such "great torture", one observer said, she cried "dreadful" cries. At supper time, word came "the girl Hannah was dead & [the owner] wanted assistance in laying her out."

A descrição do castigo recebido por seu filho é feita em detalhes por Whitechapel, como se ao ver seu filho morrer, sendo ele o responsável, cada pequeno detalhe de seu açoitamento tivesse ficado gravado em sua memória:

> As duzentas chibatadas do rapaz não duraram mais de vinte minutos, mas ele já tinha ido embora na metade do total. Vi quando ele parava de gritar a cada açoite, retesando o corpo para o açoite seguinte, e tornava a gritar com o impacto, relaxando o corpo por um momento para recuperar o fôlego, gemer e se retesar de novo. Às vezes, retesava-se tarde demais. A chibata parecia fazer os nervos se enrijecerem, como se imbuísse o corpo de vida, em vez de drenar aquela vida. Os gritos dele eram mais altos, então, e ao mesmo tempo um pouco mais fracos que antes. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 12-13).[42]

A crueldade de tal tipo de castigo fica gravada na memória de Whitechapel, que parece relembrar o castigo que o filho recebeu como uma forma de lembrá-lo, dia a dia, de sua culpa. O filho, já tendo recebido muitas chibatadas, não consegue mais retesar o corpo na hora certa, o que indica sua grande dor a cada açoitada, que fazia seu corpo tremer. Whitechapel percebe que o filho irá morrer, pois o olhar dele se perde, como se a vida já tivesse ido embora: "Olharam para mim, para nós todos, uma última vez, e se enevoaram, turvaram, vidraram." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 13)[43], e mesmo com os pedidos de clemência dos demais escravos que presenciavam a surra cruel, o feitor não para, até que as 200 chibatadas sejam aplicadas. Enquanto seu filho tinha alguma força para gritar e sustentava alguma vida no olhar, Whitechapel tinha esperanças, mas, quando não lhe chama mais o nome, ele sabe que perdera o filho para sempre: "Foi assim que fiquei sabendo que tinha ido embora na metade daquela surra, quando parou de gritar "pai", porque sabia que estavam me segurando e eu não ia lhe valer." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 14).[44] O feitor ordena que Whitechapel seja segurado para não intervir no castigo de seu filho e, mesmo que o fizesse, seria castigado junto, nada podendo fazer para impedir a morte do rapaz. A linguagem usada por Fred D'Aguiar na voz de seu personagem

---

[42] The boy's two hundred lashes lasted no more than twenty minutes but he was gone half-way into it all. I saw when he switched from screaming at each blow, tensing his body for the next, screaming on impact again, relaxing his body for a moment to catch his breath and groan and tensing again. Sometimes he would tense too late. The whip seemed to cause the nerves to tighten as if it imbued the body with life rather than draining that life away. His screams were louder then and simultaneously a little weaker than before. (*T.L.M.*, 1996, p. 5).

[43] They looked at me, at us all, for one last time, and clouded, misted, glazed themselves. (*T.L.M.*, 1996, p. 5).

[44] That's how I know he was gone half-way into that beating when he stopped screaming 'father' because he could see I was being held down and was no good to him. (*T.L.M.*, 1996, p. 6).

protagonista, Whitechapel, evoca um tom poético que parece incompatível com a cena que descreve, a morte de um jovem pela chibata:

> A chibata o devorava, mas, como todo glutão que se empanturra, mordia e mastigava sem engolir, simplesmente mordia e mastigava mais um pouco, até ter a boca tão cheia que a comida vazava pelos cantos, para dar lugar a mais. A chibata comeu-lhe as carnes até a contagem chegar a duzentos. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 13).[45]

A metáfora do glutão é extremamente dura, quando pensamos que o que a chibata comia eram as carnes do rapaz. Neste sentido, Fred D'Aguiar consegue evidenciar, com clareza, a crueldade de tais castigos, que excediam qualquer tolerância física, levando, obviamente, muitos escravos à morte. Ao presenciar a morte do filho pela chibata, Whitechapel acredita que não pode mais ser quem era antes disso tudo acontecer, por isso quer não mais ter um nome, e assume o olhar vazio do filho: "A partir daquele instante, assumi seu olhar." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 13).[46] Whitechapel acredita que só assim pode continuar vivendo, após presenciar a cruel morte do filho e sentir o peso da culpa sobre seus ombros: "Cerrei aqueles olhos após uma última olhada neles. Pedi desculpas e os cerrei, e adotei a exata expressão deles nos meus." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 14).[47] O olhar adotado, do filho morto, indica que Whitechapel não via mais sentido em viver, que morrera ali também, junto com o rapaz. Sem ter sentido algum para sua vida após perder a esposa tão jovem e ser culpado pela morte do filho, Whitechapel tenta se tornar um anônimo, fugindo das memórias daquele dia: "Eu tinha de não ter nome algum para poder enfrentar aquela expressão e o resto dessa vida." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 14).[48] Tenta não se lembrar mais, embora a culpa o faça rememorar os conselhos dados ao filho, sua fuga, a delação, as 200 chibatadas. O pensamento volta a isso sempre, mas, pela dor causada, esquece-se do passado, de quando ainda ria e tinha alguma alegria, o que leva os netos e bisnetos a apelidarem-no de "Cara Azeda":

> Chama-me de Cara Azeda. Tenho dois vincos, um de cada lado da boca, virados para baixo, duas pinceladas curtas que descem dos cantos da boca para o queixo, vincos fundos como cicatrizes, mas

[45] The whip ate into him, but like all gluttons who have gorged themselves to their fill, it bit and chewed some more, until its mouth was so full that food seeped out its corners to make room for more. The whip fed on him until the count reached two hundred. (*T.L.M.*, 1996, p. 5-6).
[46] I took on his look from that moment. (*T.L.M.*, 1996, p. 6).
[47] I closed those eyes after one last look at them. I said sorry and closed them and turned away from them into their exact look in my own eyes. (*T.L.M.*, 1996, p. 6).
[48] I had to have no name to match this look and the remainder of this life. (*T.L.M.*, 1996, p. 6).

> ganhos por passar noites deitado acordado, a olhar a escuridão e ver a escuridão olhar de volta, sem piscar, ouvindo o barracão dar voltas no sono, e depois ouvindo as voltas sem pensar "volta", porque o ver e o ouvir se haviam entorpecido e o cérebro se esvaziara, igualmente entorpecido por tão concentrada atenção em nada e em tudo. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 14).[49]

A morte do filho parece ter lhe levado todas as memórias positivas e deixado apenas as negativas, aquelas que, por mais que queira esquecer, não consegue, pois lhe martelam na consciência, fazendo seu corpo e sua mente doerem, como ele mesmo afirma no prólogo, como vimos: "Lembrar dói." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 10).[50] Ele quer ter seu pensamento vazio, quer esquecer-se de tudo, mas, ao mesmo tempo, sente-se inundado pelas memórias tristes, esse "tudo" tão doloroso. Whitechapel oblitera de sua memória os momentos felizes de sua vida, pois o trauma da morte do filho suplanta os bons momentos ao longo da vida, tornando-o, como dizem os netos, azedo. Por isso, ele aceita o apelido, vendo "provas no espelho" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 15)[51] de que não mais sorria, bem como provas em sua memória, que só recorda o trauma:

> Que era eu antes disso? Esqueço. Eu sorria? Dava sonoras gargalhadas? Não me lembro. Rir. Que é isso? Penso num jegue zurrando. É como uma grande gargalhada, involuntária, que envolve o corpo todo, barulhenta, comprida e cheia de dentes. Que poderia levar a um tal comportamento? Não tenho nada em meu passado que me faça zurrar. Sabendo disso, posso dizer que jamais vou rir de novo, se é que algum dia ri. Cara Azeda, este sou eu. Não Olho Morto. Não Cara Preta. Não Velho, embora tenha merecido a velhice. Mas Cara Azeda. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 15).[52]

Quando tenta buscar na memória lembranças positivas do passado, não consegue, só de sua traição e passar a ser um "judas". Assim é que ele passa a ser desprezado pelos demais escravos, que mal o olham, não falam com ele, apenas lhe dão

---

[49] Sour-face, they call me. There are lines, two of them, on each side of my mouth, turned-down lines, two short strokes that run from the corner of my lips down my chin, as deep as any scar but earned over nights of lying awake staring at the dark and the dark staring back, unblinkingly, and listening to the hut turning in its sleep, and then hearing the turns without thinking, 'turn', because the looking and listening had become numb and the brain had emptied itself, gone numb too as a result of so much hard attention to nothing and everything. (*T.L.M.*, 1996, p. 6-7).

[50] Memory hurts. (*T.L.M.*, 1996, p. 2).

[51] I looked in the mirror for evidence (*T.L.M.*, 1996, p. 7).

[52] What was I before this? I forget. Did I smile? Laugh and loud? Don't recall. To laugh. What is that? I think of a donkey braying. That is like a big laugh, involuntary, involving the whole body, noisy and long and toothy. What could lead to such behaviour? There is nothing in my past to make me bray. Knowing this, I can say I will never laugh again, if I ever did. Sour-face, that's me. Not Dead-eyes. Not Black-head. Not Ancient, though I've earned ancient. But Sour-Face. (*T.L.M.*, 1996, p. 7-8).

cutucadas "para ver se ainda estou vivo logo de manhã cedo" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 16).[53] Recorda como um dos bisnetos trombou com ele, derrubando-o, fazendo com que, desde então, sentisse tonturas, visse estrelas, como ele afirma, e precisasse sentar, o que lhe garantiu outro apelido e atraiu, por um tempo, a atenção dos mais jovens, ao invés de apenas a raiva e o desprezo:

> Meus bisnetos passaram a me chamar de Senta-Avô. Gostei mais do que Cara Azeda. Às vezes, ao perceber que vinha vindo alguém, eu esperava até ter certeza de que me via, e então me sentava deliberadamente, como se as estrelas me houvessem derrubado, e quando o ar de preocupação e alarme os fazia correr para mim, eu os enxotava com as mãos, impaciente. Eles riam. Quer dizer, feito um jegue. Eu não posso rir, por isso sacudia a cabeça diante da alegria deles, e de como o riso lhes vinha fácil. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 16).[54]

Sozinho, isolado pelo que fizera ao filho, tenta atrair alguma atenção, mesmo que por meio de zombarias. Talvez assim consiga proporcionar algum sentimento positivo, o riso, senão para si, ao menos para as crianças, já que nunca mais conseguira rir. Apesar de ser ignorado pelos familiares e pelos outros escravos, Whitechapel não se ressente disso. Compreende que o que fizera o fazia agora ser um pária. Admite ter agido de forma egoísta: "Matei meu filho porque o queria junto a mim quando morresse." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 30).[55] Porém, ressente-se com o feitor e com a falta de consideração por ele, um escravo tão dedicado, e pelo filho, por quem todos os escravos suplicaram e pediram piedade: "Nenhuma foi concedida [piedade]. Meu filho, último fruto do ventre de minha esposa, a alegria dela, não recebeu nenhuma. Eu, que trabalhei a vida inteira para uma fazenda, de uma família, não tive nenhuma." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 30).[56] Por isso, aceita que o bisneto o derrube e não o ajude. Entende que não o possam perdoar, se nem ele mesmo pode. Aceita os insultos e o desdém dos escravos da fazenda, espera ser castigado: "Todos, sem exceção, me culpam pela morte de meu filho. Trombam comigo e me matam. Bata-me com uma vara, feitor, eu sou um escravo comum. Tenho sangue na consciência. Minha memória é mais longa que o tempo."

[53] To see if I am still alive (*T.L.M.*, 1996, p. 8).
[54] My great grandchildren started calling me Sit-down Grandfather. I liked that more than Sour-face. Sometimes when I saw one coming, I'd wait until I was sure they saw me, and then I'd sit down deliberately, as if the stars had forced me off my feet, and when the look of worry and alarm made them dart to me, I'd wave them away impatiently. They would laugh. I mean like a donkey. I can't laugh, so I'd shake my head at their pleasure and at how easy a laugh came to them. (*T.L.M.*, 1996, p. 9).
[55] I killed my son because I wanted him next to me when I died. (*T.L.M.*, 1996, p. 26).
[56] None was granted. My son, the last fruit of my wife's womb, her joy, was granted none. I who have worked my life for one estate under one family was shown no respect. I was granted none. (*T.L.M.*, 1996, p. 26).

(*A.M.R.L.*, 1997, p. 30).[57] Por isso, os adjetivos negativos que lhe são dados pelos parentes e demais escravos são aceitos por ele, que complementa, mentalmente, tudo aquilo que se tornou depois que causou a morte do filho:

> Matador de filho. Protetor da pior sorte de seu povo, ou de qualquer povo. Foi isso que me tornei? Senhor de meu destino. Não mais precisando de controle ou supervisão. Uma pessoa tão acostumada com sua existência que viola sua própria liberdade e pode ser deixada aos seus próprios recursos. Senhor de sua própria escravidão. Escravo e escravagista. Escravo-modelo. Escravo que se autogoverna. Acha que liberdade é morte. Acha que o paraíso é a vida futura. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 30).[58]

Sabe que merece todos os xingamentos, e se questiona no que se tornou, numa metáfora de como se comportavam muitos escravos, como se fossem escravagistas e acabassem por ajudar a instituição da escravidão, delatando outros, na tentativa de evitar castigos, talvez conseguir benesses e, no caso de Whitechapel, ter seu filho poupado. Tendo se tornado um pária, Whitechapel aceita seu novo papel, pois sente que não pode caber em nenhum outro. A tentativa de esquecimento parece em vão, visto que ele se corrói pela culpa e é consumido pela tristeza, com seus olhos mortos, seu anonimato, seu passado feliz esquecido: "Minha memória é mais longa que o tempo. Eu quero esquecer. Não quero ver mais." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 30).[59] Sem conseguir esquecer, Whitechapel almeja a morte. Sente que já viveu demais e que nada mais lhe resta, a não ser enterrar filhas, netos, bisnetos. A morte parece, então, a chance definitiva de não mais lembrar:

> Mas não, as manhãs se repetem após o sono roubado. Passo por cima dos parentes, sem sequer um farfalho, sobre tudo, e sento-me de frente para onde nasce o sol. Ele nasce porque tem de nascer. Quando morrerá? Verei eu a morte? Sol, despeça-se de mim neste mundo. Tenho mais família do outro lado do que deste. Leve-me para ela. Aqueça meus olhos congelados. Adoce minha boca. Desperte minhas

[57] Everyone, without exception, blames me for the death of my son. Run into me and kill me. Bludgeon me with a stick, overseer, I am a common slave. There is blood on my conscience. My memory is longer than time. (*T.L.M.*, 1996, p. 26).

[58] Killer of children. Protector of the worst fate of your people or any people. Is that what I have become? The master of my fate. No longer in need of control or supervision. One so accustomed to his existence that he impinges on his own freedom and can be left to his own devices. A master of his own slavery. Slaver and enslaver. Model slave. Self-governing slave. Thinks freedom is death. Thinks paradise is afterlife. (*T.L.M.*, 1996, p. 27).

[59] My memory is longer than time. I want to forget. I don't want to see any more. (*T.L.M.*, 1996, p. 26).

> partes mortas. Vou me deitar aqui. Cubra-me. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 31).[60]

Invoca a morte, espera por ela, lamenta-se de ver outro dia raiar. Acredita que a morte vai lhe trazer uma vida melhor, junto aos seus, num novo despertar. É curioso que Whitechapel culpe apenas a si mesmo pela morte de seu filho, e não pareça culpar a instituição da escravidão, como pareceria lógico. Isso por que aceitara totalmente sua condição de escravo, não sonhava, nunca, com uma vida diferente. Acreditava, de fato, estar fazendo o melhor por seu filho, salvando-o da morte certa como negro fugitivo. Quando este é morto pelo castigo excessivo do feitor, sente que a culpa é apenas sua. Por isso, as memórias desta culpa o perseguem, como este capítulo evidencia, fazendo com que ele apenas espere a morte, seu único alento.

4.3 A MEMÓRIA DO SR. WHITECHAPEL E DOS FAZENDEIROS

No capítulo 2, há uma espécie de monólogo do sr. Whitechapel, dono da *plantation*. Ele fala com Whitechapel, o feitor substituto e o feitor Sr. Sanders, logo após a morte do filho de Whitechapel. Inicialmente, dirige suas palavras a Whitechapel, depois aos dois feitores. O capítulo 6 trata da ida do sr. Whitechapel ao Clube do Cavalheiro, onde se encontra com outros fazendeiros, tentando explicar a morte do jovem escravo. A análise desses dois capítulos será feita em conjunto, de modo a retratar e comparar como pensam os fazendeiros e o sr. Whitechapel acerca da escravidão e do fato ocorrido em sua fazenda.

A primeira parte do monólogo do sr. Whitechapel é direcionada ao seu escravo mais velho, Whitechapel, que o escuta calado, impassível. É interessante notar que todo o capítulo dois é um monólogo, pois somente o sr. Whitechapel fala, enquanto seu escravo e seus feitores apenas escutam, o que evidencia a hierarquia dentro da *plantation*: o dono da fazenda tinha autoridade máxima, enquanto os feitores agiam autonomamente apenas quando este não se encontrava. Inicia seu discurso acusando o rapaz morto de afetar a ordem da fazenda: “Seu filho, que Deus dê descanso à agitada

[60] But no, the mornings repeat after snatched sleep. I scramble over relatives, walk into the quiet light, spreading, without so much as a rustle, over everything and sit facing where the sun starts. The sun begins because it must. When will it die? Will I witness the death? Sun, see me out of this world. I have more family on that other side than on this. Bear me to them. Warm my frozen eyes. Sweeten my mouth. Stir my dead loins. I’ll lie down here. Cover me. (*T.L.M.*, 1996, p. 27).

alma dele, trouxe calamidade sobre mim. Morreu pela própria vontade. Graças a Deus que minha esposa e filha não estavam presentes para ver o desastre." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 33).[61] O fazendeiro parece mais preocupado com os problemas trazidos pela morte do rapaz, do que com a perda dele, e o sofrimento de seu pai. Obviamente, os senhores de escravos, ao transformar outros seres humanos em escravos, desenvolviam pouco ou nenhum afeto por eles, pois os encaravam como objetos, como gado que a eles serviam, por isso, não é de se estranhar que o sr. Whitechapel demonstre mais preocupação com seus negócios e o controle de sua fazenda do que com a morte cruel de um de seus escravos. A estratégia dele é culpar Whitechapel e o próprio rapaz pela morte, tirando, assim, as responsabilidades que ele tinha como dono da fazenda:

> O ato dele foi rebelião, do tipo mais odioso. Se sobrevivesse, a vida dele nesta fazenda estaria acabada. Você mesmo disse que um escravo que provou a liberdade jamais pode voltar a ser um escravo mesmo. Você, Whitechapel, combinou comigo que ia conter o espírito anárquico de seu filho. Nós combinamos nesta mesma sala de jantar protegê-lo de si mesmo, expulsando da mente dele essas ideias tolas de liberdade. Whitechapel, você falhou. Eu confiei em você e você me decepcionou. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 33).[62]

O discurso do dono da fazenda é construído de modo a eximir-se de qualquer culpa, fazendo com que o rapaz morto, que não podia se defender, seja considerado culpado, já que tinha "ideias tolas de liberdade", o que o levou à morte, pois se fosse um escravo submisso, não teria provocado a própria morte. Da mesma forma, culpa também seu pai, que deveria ter controlado tais ideias no rapaz, que ele chama de "anárquicas". Percebe-se aqui que o pensamento mostrado antes por Whitechapel, a respeito de precisar salvar o filho de si mesmo e conter seu espírito rebelde, lhe foi passado pelo sr. Whitechapel, que, como senhor de escravos, preferiria ter escravos calmos e submissos, como Whitechapel, que não lhe trariam esse tipo de aborrecimento. Assim, nota-se como era comum que muitos escravos, influenciados por seus donos e por toda a sua vida de escravidão, aceitassem a ideia de que nada podia mudar e que a submissão era o

---

[61] Your son, God rest his agitated soul, has brought calamity on my head. He is dead through his own design. Thank God my wife and daughter were not present to witness the debacle. (*T.L.M.*, 1996, p. 28).

[62] His action was rebellion of the most heinous kind. Had he survived, his life on this plantation would have been finished. You yourself have said that a slave who has tasted liberty can never be a proper slave again. You, Whitechapel, agreed with me to contain your son's anarchic spirit. We agreed in this very dining room to protect him from himself by driving from his mind the foolish notions of freedom. Whitechapel, you failed. I trusted you and you disappointed me. (*T.L.M.*, 1996, p. 29).

melhor caminho. Foi o que Whitechapel tentou ensinar a seu filho, sem sucesso, por isso agora ouvia as acusações do quanto decepcionara seu dono.

O dono da fazenda sequer cogita o fato de Whitechapel estar sofrendo pela morte da esposa e do filho, simultaneamente, e ainda culpa Whitechapel de ter sido negligente com os cuidados do filho, mesmo estando ele mortificado pela perda da esposa: "Devia tê-lo salvo de si mesmo, Whitechapel. Você era o guardião dele." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 34).[63] Livrando-se da culpa, o sr. Whitechapel passa a usar de um tom ameaçador, de modo que para seu escravo fique claro que nenhuma outra insubordinação será aceita:

> Diga-me o que vou fazer com uma fazenda de escravos revoltados. Vender até o último homem, mulher e criança, se quer saber. É o que me dá vontade. Distribuir vocês todos pelos quatro cantos deste país e ver como ficam. Meus amigos me dizem que sou clemente demais. Dizem-me que eu engordo demais os escravos, com refeições abundantes e regulares, acomodações decentes, e que os faço trabalhar muito pouco. Não, eu contra-argumento, pelo contrário, um escravo satisfeito é um escravo feliz, e um trabalhador mais produtivo. É só tratá-los como iguais, que eles correspondem com nobreza. Em vez disso, que recebo, Whitechapel? Garantias de você, e essa afronta de seu filho. Digo que o castigo dele foi justo, por mais desastrada que tenha sido a aplicação. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 34).[64]

Na visão do sr. Whitechapel, ele tratava seus escravos como iguais. Usa palavras cuidadosamente, de modo que seu discurso não mencione nenhum mau trato, castigo, falta de roupas, boas acomodações, mas apenas exalta o que que seu escravo creia ser verdade, as benesses dadas na fazenda Whitechapel, para que ele tema perder isso. Falando desta forma, faz com que Whitechapel sinta-se feliz em ter um dono tão melhor do que os outros, levando-o a ser ainda mais submisso. A ameaça de vendê-los todos é outra estratégia comum aos escravizadores, que conseguiam a obediência de seus escravos através do medo que causavam a eles de serem vendidos e verem-se separados de suas famílias e amigos. Esse parecia ser um método eficaz de punição e, ao mesmo tempo, de se livrar do problema, nem que isso lhes custasse vendê-los a um preço baixo.

---

[63] You should have saved him from himself, Whitechapel. You were his guardian. (*T.L.M.*, 1996, p. 29).

[64] Tell me what I am to do with a plantation of disgruntled slaves. Sell every last man, woman and child if you ask me. That's my inclination. Give you all up to the four corners of these States and see how you fare. My acquaintances tell me I am too lenient. They tell me I fatten up slaves too much with large, regular meals and decent quarters and I work them too little. No, I argue back, on the contrary, a satisfied slave is a happy slave and a more productive worker. Treat them like equals and they respond with nobility. Instead, what do I get, Whitechapel? Reassurances from you and this effrontery from your son. I say his punishment was just, however ramshackle its execution might have been. (*T.L.M.*, 1996, p. 29).

Os escravos vendidos por causa de tentativas de fugas eram enviados para locais bem distantes de sua *plantation* antiga, pois o objetivo era que ficassem longe de familiares e parentes, o que poderia diminuir suas chances de fuga. Esta era uma solução quando os escravos pareciam não aprender sua lição, principalmente os que eram recorrentes em fugas, e sua permanência na *plantation* podia ser arriscada para seu dono, pois ele poderia começar a influenciar outros escravos:

> O proprietário de George usou o mesmo argumento: ele era "um negro mal disposto ... cuja conduta pode prejudicar a moral dos outros servos". Era para seu benefício que o escravo deveria ser "vendido a uma pessoa que vive em uma parte remota dos Estados Unidos". (FRANKLIN e SCHWENINGER, 1999, p. 246).[65]

Os escravistas não conseguiam entender o motivo da fuga de seus escravos, pois acreditavam que os tratavam bem, e até mesmo alguns prometiam sua liberdade após trabalharem muitos anos. Os escravos que eram "ingovernáveis" não lhes causavam surpresa quando fugiam, mas era incompreensível que escravos que pareciam felizes e submissos fugissem. Mais espanto causava a fuga dos escravos domésticos, que recebiam mais privilégios que os escravos da *plantation*. Era comum que os donos, quando isso acontecia, atribuíssem alguma doença mental ao fugitivo:

> À teoria da "alienação mental" foi dada autoridade científica pelo Dr. Samuel Cartwright, um proeminente médico de Nova Orleans. Num artigo na *De Bow's Review*, em 1851, Cartwright explicou que muitos escravos sofriam de "drapetomania, ou a doença que faz com que os negros fujam". (FRANKLIN e SCHWENINGER, 1999, p. 275).[66]

A cura para tal doença, segundo o médico Samuel Cartwright, era alimentar bem o escravo, dar-lhe uma boa casa e roupas adequadas. Caso isso não funcionasse, o dono deveria chicoteá-lo, até que fosse tomado pelo espírito da submissão. Os donos preferiam acreditar que seus escravos não tinham motivos para fugir, e o que os motivava era alguma doença: "Seja qual for a razão, os proprietários de escravos acreditavam que não era porque a maioria dos negros não gostava da escravidão ou de

---

[65] The owner of George made the same argument: he was 'an ill disposed Negro...whose conduct may injure the morals of the other servants'. It was for their benefit that the slave should be 'sold to a person who lives in a remote part of the United States'.

[66] The "mental alienation" theory was given scientific authority by Dr. Samuel Cartwright, a prominent New Orleans physician. In an article in *De Bow's Review* in 1851, Cartwright explained that many slaves suffered from "drapetomania, or the disease causing negroes to run away."

seus senhores e senhoras." (FRANKLIN e SCHWENINGER, 1999, p. 275).[67] Ou, ainda criam que havia alguma influência de brancos nortistas, onde havia mais apoiadores da abolição em todo o país, ou por negros livres que eram ajudados por abolicionistas. Era mais fácil crer nestas teorias do que admitir que o sistema da escravidão era cruel e desumano:

> Não é difícil entender como os proprietários de escravos se tornaram tão ligados à teoria da conspiração. Ela se encaixava perfeitamente em sua luta política com o Norte; absolvia-os de culpa pelo descontentamento escravo; e oferecia uma explicação simples para um problema humano complexo. Assim, apesar da profusão de fugitivos em seu meio, eles podiam negar que os negros estavam resistindo à escravidão. (FRANKLIN e SCHWENINGER, 1999, p. 279).[68]

Ao culpar Whitechapel pela morte do próprio filho e ao ameaçar vender os escravos da fazenda, o sr. Whitechapel consegue que seu escravo, afligido pela dor da perda das pessoas mais amadas de sua vida, aceite a si mesmo como culpado por não ter transformado seu filho num escravo obediente, levando-o à morte. Para aterrorizar ainda mais seu escravo, seu dono o ameaça mais: "Lembre-se, não fosse pela sua idade, haveria acusações de insubordinação contra você por seu comportamento com o Sr. Sanders. Deve-lhe um pedido de desculpas." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 34).[69] Whitechapel ainda é acusado de agir de forma indevida, e o seu dono deixa claro que só não o acusará de insubordinação por ser um dono benevolente, como frisara anteriormente.

Quando pede que Whitechapel se retire da sala, o sr. Whitechapel fica sozinho com seus dois feitores e começa a adotar uma estratégia diferente: irá culpar aos dois pela morte do escravo. Assim, consegue se eximir de qualquer responsabilidade, culpando Whitechapel e aos dois, apenas. Como, na época, o trabalho de feitor era considerado bom, com boa remuneração, sabe que vai conseguir que os dois feitores aceitem suas acusações sem questioná-lo. Exige que o feitor substituto explique por que não estava na fazenda, quando deveria estar. Acusa o feitor Sanders, a quem confiava a fazenda quando saía, de tomar decisões por si mesmo, sem ouvir suas ordens: "Que lhe

---

[67] Whatever the reason, slave owners believed it was not because most blacks disliked slavery or their masters and mistresses.

[68] It is not difficult to understand how slave owners became so attached to the conspiracy theory. It fitted neatly into their political struggle with the North; it absolved them of blame for slave discontent; and it offered a simple explanation for a complex human problem. Thus, despite the profusion of runaways in their midst, they could deny that blacks were resisting slavery.

[69] Remember, were it not for your seniority, there would be charges against you for your behaviour towards Mr Sanders. You owe him an apology. (*T.L.M.*, 1996, p. 29).

passou pela cabeça quando soube de minhas ordens para segurar aquele patife até eu voltar? Achou que estava mais bem preparado para administrar escravos do que eu? Pretendia desobedecer minhas ordens e obter um melhor resultado?" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 35).[70] Tendo tido suas ordens desobedecidas pelo feitor, o sr. Whitechapel se mostra preocupado com a segurança da fazenda quando ele tivesse de deixá-la nas mãos do feitor, imaginando que encontraria a casa "incendiada até o chão e meu sustento arruinado, em vista do nível de descontentamento que o senhor espalhou entre meus escravos." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 35)[71], caso tivesse se ausentado por mais tempo. A primeira preocupação do sr. Whitechapel é monetária, pois teme que os escravos se rebelem e lamenta a perda do escravo e dos lucros que ele poderia lhe dar ao longo da vida: "Como planeja me ressarcir do custo da perda de um escravo na flor da vida como trabalhador? Vou multar o senhor, Sr. Sanders. O senhor vai me ressarcir do último centavo do valor daquele rapaz." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 35).[72] Novamente, o discurso utilizado para falar da perda do rapaz é comercial, de modo que a ideia da perda seja apenas monetária. Tendo deixado claro aos seus empregados que não ficaria no prejuízo, o sr. Whitechapel começa a discorrer sobre o modo como os escravos devem ser tratados, enfatizando o quão benevolente ele é com eles, sendo este, a seu ver, o modo ideal de conseguir que os escravos sejam passivos, calmos, felizes, dando mais lucro:

> Vejo, pelo seu comportamento, que a opinião de meus conhecidos, de que sempre se deve tratar os escravos com mão severa e distante, parece triunfar em minha fazenda, por cima da minha própria; uma opinião mantida a considerável custo, e também, eu poderia acrescentar, por meu pai e o seu, de que o destino do escravo já é suficientemente miserável sem ser agravado por aflições e crueldades desnecessárias. Até quando acha que esse método funcionaria? Esses conhecidos- não os chamo de amigos exatamente por isso- têm fazendas onde abundam todas as formas de comportamento rebeldes dos infelizes. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 36).[73]

---

[70] What was going through your head when you heard my orders to hold that rascal until I returned? Did you think you were better schooled in the management of a slaveholding than I? Was it your intention to disobey my orders and come up with a better result? (*T.L.M.*, 1996, p. 30).

[71] Burned to the ground and my livelihood ruined, given the level of discontent that you have spread among my salves. (*T.L.M.*, 1996, p. 30).

[72] How do you plan to redeem to me the cost of losing a slave in the prime of his working life? I will fine you, Mr Sanders. You will repay to me every last cent of that boy's value. (*T.L.M.*, 1996, p. 31).

[73] I see from your behavior that the argument of my acquaintances, that slaves should always be shown a stern, distant hand, appears to triumph on my plantation over my own view; a view upheld at considerable expense, and one held, I might add, by my father and your father, that the lot of the slave is miserable enough without being compounded by unnecessary hardships and cruelties. How long do you think that

O sr. Whitechapel coloca-se numa categoria diferente da dos demais fazendeiros que conhece, por não permitir que os escravos sejam tratados com castigos recorrentes como eles o faziam. Julga, assim, ser bondoso. Acredita que tratar os escravos com brutalidade apenas causa "reações mais brutais" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 36)[74], por isso julga que a violência do feitor contra o rapaz, matando-o com 200 chicotadas, possa trazer mais rebeldia à fazenda, ao invés de medo e subserviência. Comparando o pensamento do sr.Whitechapel com a maioria dos escravizadores de sua época, é, de fato, crível que ele fosse considerado "bondoso", pois o comum nas *plantations* era que os escravos fossem conduzidos pelo medo da chibata, de modo que fossem castigados com frequência, o que, acreditavam, inibiria fugas, rebeliões e comportamentos de insubordinação, ocasionando, é claro, a infelicidade ainda maior dos escravos que, além de serem privados de sua liberdade, ainda eram alvo de violência. Explicando sua lógica ao feitor, o sr. Whitechapel deixa claro, porém, que mesmo sendo menos cruel que os demais fazendeiros, ainda pensava como eles:

> O espírito humano é passivo em uns, mas a natureza nos mostra que é rebelde na maioria. Os africanos podem ser inferiores a nós, mas mostram as mesmas qualidades que possuímos, ainda que estejam apenas nos imitando. A administração deles é mais bem exemplificada por um método que os trata, primeiro e sobretudo, como filhos de Deus, embora abençoados com faculdades inferiores, e portanto próprios para o comércio da escravidão. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 36).[75]

Embora afirme que os escravos sejam também filhos de deus, o sr. Whitechapel rebaixa-os numa categoria de pessoas menos inteligentes, o que, a seu ver, os torna passíveis de serem escravizados por pessoas intelectualmente mais desenvolvidas. Seu pensamento não difere do da maioria dos escravocratas, pois acredita que a escravidão é justificada. Nesse sentido, seu discurso é, na verdade, contraditório, pois evoca sua crença religiosa cristã para justificar que outros seres humanos sejam privados da liberdade, açoitados, obrigados a trabalhar até o fim da vida, o que ele considera natural.

---

approach would work? These acquaintances- I don't call them friends for this very fact- run estates rife with all forms of rebellious behaviour on the part of their pitiable slaves. (*T.L.M.*, 1996, p. 32-33).

[74] Rougher responses (*T.L.M.*, 1996, p. 32).

[75] The human spirit is passive in some but nature shows us that it is rebellious in most. Africans may be our inferiors, but they exhibit the same qualities we possess, even if they are merely imitating us. Their management is best exemplified by an approach that treats them first and foremost as subjects of God, though blessed with lesser faculties, and therefore suited to the trade of slavery. (*T.L.M.*, 1996, p. 32.

Ao fim do sermão dado aos seus dois feitores, o sr. Whitechapel revela que, na verdade, em circunstâncias normais, deixaria a cargo do feitor a decisão de como aplicar o devido castigo a um escravo que fugisse, ou seja, indica que as 200 chibatadas dadas pelo feitor teriam sido aceitas por ele, caso não fosse o jovem morto seu meio irmão, como ele revela: "Whitechapel perdeu a segunda esposa para seu pai. Você sabe disso. Era uma mulher pura e imaculada, até ele pôr as mãos nelas. Apesar disso, Whitechapel continuou com ela após o nascimento do menino." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 37).[76] Aqui, ficamos sabendo o que Whitechapel quisera disser quando se referira ao rapaz morto "como se fosse meu". Na verdade, o rapaz era filho do antigo feitor, que estuprara a esposa de Whitechapel. Isso, aos olhos do sr. Whitechapel, era um fator que deveria ter impedido o feitor de matar o rapaz: "Whitechapel criou o menino como dele. Em todos esses anos, nada lhe falou de sua forçada concepção. Eu achava que o senhor sabia disso. Seria o suficiente para impedir que chicoteasse seu meio-irmão até a morte." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 37). [77] Porém, fica evidente que o pai do feitor nada lhe revelara sobre o fato. Para o dono da fazenda, a violação da esposa de Whitechapel deveria ser esquecida, um assunto que deveria ser deixado no passado, porém a morte do jovem rapaz fez com que isso voltasse à tona:

> Não se pode mais encerrar toda essa confusão do que torná-la simples como devia ter sido no começo. O ato de seu pai e de inúmeros outros antes e depois assegurou isso. A longevidade e a memória viva de Whitechapel asseguram isso. Nossas consciências, pelo amor de Deus, também asseguram isso. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 38).[78]

O sr. Whitechapel parece mais preocupado em ter de enfrentar o assunto do estupro de uma escrava, com o consequente nascimento de um escravo mestiço, meio-irmão de seu feitor, do que com a morte, em si, do rapaz. Esta é uma memória que ele queria apagar para sempre, bem como apagar da coletividade, mas Whitechapel, o único escravo que ainda a tinha, continuava vivo. Contudo, de certa forma, age com mais

---

[76] Whitechapel lost his second wife for your father. You know that. She was pure and unsullied, until he laid hands on her. Nevertheless, Whitechapel stayed with her after the birth of the boy. (*T.L.M.*, 1996, p. 33).

[77] Whitechapel raised the boy as his own. In all the years he told him nothing of his forced conception. I thought you knew this. It would have been sufficient to prevent you whipping your own half-brother to death. (*T.L.M.*, 1996, p. 33-34).

[78] This whole mess cannot be ended any more than it can be as simple as it may have been at its inception. Your father's action and that of countless others before him and since ensured that. Whitechapel's longevity and living memory ensures that. Our consciences, for God's sake, ensure it too. (*T.L.M.*, 1996, p. 34-35).

humanidade do que a maioria dos escravizadores agiria, pois condena o estupro como um ato indigno: "Não devemos deixar que esse ramo de negócio nos transforme em selvagens. Nós somos cristãos." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 38)[79], porém, sem haver um modo de resolver, de fato o problema, já que a morte era irreversível, apela para que deus os aconselhe, chamando o feitor para uma oração: "Junte-se a mim numa pequena prece. Vamos pedir conselho e força. Vamos rezar e voltar a nossos assuntos, com a graça de Deus do nosso lado." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 38).[80] Dessa forma o sr. Whitechapel julga ter encerrado o assunto, ao menos dentro de sua fazenda: fazendo Whitechapel se sentir culpado por não ter controlado o filho, multando o feitor e acusando-o de ter matado o meio-irmão. Porém, fora da fazenda, ainda terá de enfrentar as acusações dos outros fazendeiros.

Quando se dirige ao Clube do Cavalheiro, clube criado pelo seu pai e outros fazendeiros para encontrarem-se, sente-se dividido entre ir ou ficar na fazenda, pois sabe que enfrentará o julgamento dos demais: "Deixo a fazenda para enfrentar a zombaria de meus iguais." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 69)[81], e embora sinta que será um momento difícil, não desiste, pois parece precisar explicar-se para ser aceito. O sentimento de hesitação dele, sua vontade de voltar e se esconder em sua fazenda são indícios de que não sente totalmente à vontade entre os seus "iguais", que parecem não ser tão iguais assim, já que apoiam a extrema violência contra os escravos, o que ele condena. Assim é que ao chegar, os fazendeiros dele zombam: "— Parabéns, Whitechapel. Belo uso da chibata./ — Zombem de mim quanto quiserem. Foi uma lição que saiu errada./ — Uma lição há muito atrasada em sua fazenda." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 71).[82] Como a narração deste capítulo é feita de forma heterodiegética, em partes, não temos acesso aos pensamentos dos fazendeiros, apenas ao que falam, em discurso direto. O que podemos perceber, através dos trechos narrados de forma autodiegética pelo sr. Whitechapel, é que ele se sente constrangido em ter de enfrentar outros fazendeiros, mas sua voz autodiegética aparece apenas no começo e no fim do capítulo, sendo que durante o período em que conversa com os outros, o narrador heterodiegético é quem irá nos dar as sensações, impressões, os sentimentos sentidos por ele. O sr.

---

[79] We must not allow this trade to turn us into savages. We are Christians. (*T.L.M.*, 1996, p. 35).
[80] Join me in a little prayer. Let us ask for advice and strength. We will pray and return to our affairs with God's grace by our side. (*T.L.M.*, 1996, p. 35).
[81] *I leave my plantation to face the ridicule of my peers.* (*T.L.M.*, 1996, p. 65).
[82] 'Congratulations, Whitechapel. That was some whip.'/ 'Mock me all you want. It was a lesson that went wrong.'/ 'One long overdue on your plantation.' (*T.L.M.*, 1996, p. 67-68).

Whitechapel é acusado por seus pares de ser hipócrita, visto que pregava a bondade aos escravos, mas permite que um escravo seja morto pelo castigo duro demais:

> — A morte de um escravo não faz de mim um de vocês.
> — É verdade, Whitechapel. É verdade, não faz; faz de você um tolo.
> — E, depois de tudo que disse, também um hipócrita. "Os escravos têm direitos como seres humanos. Não são só ferramentas."
> — Que tal esta? "Mostrem respeito a eles, que eles trabalharão mais."
> — "Podem ser inferiores, mas são gente como nós." Perdeu a língua, Whitechapel? (*A.M.R.L.*, 1997, p. 72).[83]

Aqui percebe-se que, de fato, o sr. Whitechapel tinha uma visão diferente acerca da escravidão do que dos demais fazendeiros. Pelas falas dos outros personagens, nota-se que ele pregava um tratamento menos cruel, que ele advogava como mais cristão. Por isso, é chamado de abolicionista por seus pares: "— Whitechapel, você é um abolicionista. Temos um abolicionista em nosso meio. Que devemos fazer com ele, cavalheiros?/ — Amarrá-lo!" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 73-74).[84] Whitechapel, ao ouvir os insultos, tenta sustentar sua posição de que acredita que os escravos mereçam um tratamento menos cruel, mais compatível com sua cristandade. Porém, os senhores de escravos ali presentes acreditam que este tipo de pensamento possa ser responsável por afetar a todos eles:

> — O que está fazendo vai levá-lo à penúria...
> — Ou a uma revolta de escravos em massa, que nos fará sofrer a todos.
> — Seus escravos comem bem, dormem bem, cometem erros e recebem castigos brandos.
> — Eles vão começar a pensar que são nossos iguais e devem ser livres. Por isso seu rapaz, morto na chibata, brilha com tanta luz.
> — Nós pensamos: finalmente, Whitechapel, que era cego, conseguiu ver. Mas não. Você persevera no erro.
> — Espera que nós, de fato, coonestemos suas opiniões?
> — Deve estar louco.
> — Perigoso.
> Não há risadas. A fumaça no ar parece advertir sobre um incêndio iminente. Chamaram-no de muitas coisas. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 74).[85]

---

[83] 'The death of one slave does not make me one of you.'/ 'True, Whitechapel, true, it does not; it makes you a fool.'/ 'And, after all you've said, a hypocrite too. "The slaves have rights as humans; they are not just tools."'/ 'What about this? "show them respect and they'll work hard."'/ ' "They may be inferior but they're people like us." Lost your tongue, Whitechapel?' (*T.L.M.*, 1996, p. 68).

[84] 'Whitechapel, you're an Abolitionist. We have an Abolitionist in our midst. What should we do with him, gentlemen?'/ 'String him up!' (*T.L.M.*, 1996, p. 70).

[85] 'What you are doing will lead to our penury.' / 'Or a massive slave revolt, bringing us all grief.'/ 'Your slaves eat well, sleep well, do wrong and get off lightly.'/ 'They'll start to think they're our equals and should be free. That's why your boy, dead from the whip, shines brightly.'/ 'We thought, at last,

É evidente que o pensamento dos fazendeiros difere do de Whitechapel, e o clima se torna hostil quando este insiste em manter sua opinião acerca do modo como os escravos deveriam ser tratados. O discurso dos fazendeiros evidencia o medo que sentiam das revoltas e da tentativa dos escravos de se igualarem aos brancos. Longe de ser um abolicionista, o sr. Whitechapel apenas achava que castigos cruéis não trariam mais lucros para as fazendas. Os castigos aos escravos que fugiam eram bastante variados, de acordo com a "bondade" de seu dono. Mas é curioso que muitos escravos fugiam justamente pelo excesso de castigos recebidos na *plantation*, o que tornava a relação um círculo vicioso: quanto mais castigos, mais fugas; quanto mais fugas, mais castigos, como observam Franklin e Schweninger (1999):

> Punições cruéis e duras faziam com que muitos negros fugissem. Os escravos eram espancados, acorrentados, encarcerados, presos a ferro e chicoteados; e assistiam a suas esposas, maridos, mães, pais, filhos e parentes serem açoitados. Havia muitos poucos senhores no Sul que não acreditavam que um escravo recalcitrante ou indisciplinado devesse pagar o preço pela desobediência. Os próprios senhores, por vezes, empunhavam o chicote, a forma mais comum de punição, mas muitas vezes eram os supervisores quem administravam os corretivos. A quantidade de corretivos variava de plantação para plantação, mas muitos plantadores e agricultores sentiam que um castigo severo, especialmente por fugir, era o melhor impedimento. Isso ensinaria os escravos a serem humildes e submissos. (p. 42).[86]

Os demais fazendeiros no Clube do Cavalheiro, porém, coadunam com a opinião da maioria dos donos de *plantations* da época: temem imensamente rebeliões, mantendo a firme posição de que castigos severos eram o melhor meio de manter os escravos submissos. Embora historiadores e defensores da escravidão aleguem que os castigos eram suaves, pois seria ilógico que um plantador "estragasse" sua propriedade, os anúncios sobre negros fugitivos evidenciam o contrário, pois descrevem os fugitivos

---

Whitechapel who was blind could see. But no. You persevere in your erroneous ways.'/ 'You actually expect us to condone your views?'/ 'You must be mad.'/ 'Dangerous.'/ There is no laughter. Smoke in the air seems to warn of an imminent fire. You have been called many things. (*T.L.M.*, 1996, p. 71).

[86] Cruel and harsh punishments caused many blacks to flee. Slaves were beaten, chained, incarcerated, ironed, and whipped; and they watched as their wives husbands, mothers, fathers, children, and relatives were flogged. There were many few masters in the South who did not believe that a recalcitrant or unruly slave should pay the price for disobedience. Masters themselves sometimes wielded the cowhide- the most common form of punishment- but often it was overseers who administered corrections. The amount of corrections varied from plantation to plantation, but many planters and farmers felt that severe chastisement, especially for running away, was the best deterrent. That would teach slaves to be humble and submissive.

com suas inúmeras cicatrizes ao longo do corpo, como exemplificam Franklin e Schweninger (1999):

> O proprietário de um escravo da Virgínia disse que ele tinha "uma cicatriz no lado direito do pescoço abaixo da orelha; outra à esquerda, mais baixo no pescoço; ele também tem uma cicatriz na perna direita um pouco abaixo do joelho, ocasionada por uma queimadura; suas costas têm muitas cicatrizes de açoitamentos que ele recebeu merecidamente." De várias partes do Sul durante diferentes períodos de tempo, fugitivos foram descritos de maneira semelhante: ele tinha a "marca do chicote nas costas", a letra "R" marcada em cada bochecha, "muito cortado com chicote de couro", "cicatrizes nas costas, ocasionadas por um chicoteamento". Um fugitivo tinha cicatrizes acima do olho, no polegar esquerdo e muitas cicatrizes em suas costas "causadas por um severo chicoteamento." "Eu limei vários entalhes entre vários de seus dentes superiores dianteiros, que eu espero também que estejam bem planos", disse um proprietário de uma maneira corriqueira. "Eu também o marquei em cada bochecha com um " m" cerca de doze meses atrás, o que não é muito perceptível." (p. 43).[87]

O fato de muitos escravos, ao serem recapturados longe de suas *plantation*s, se recusarem a dar o nome de seu "dono", e preferirem ser revendidos, evidencia a crueldade praticada na *plantation* que os levava a fugir.

Os fazendeiros acreditam na força da chibata e quando ouvem o apelo ao cristianismo do sr. Whitechapel, justificam que o cristianismo não lhes pareça incompatível com a severidade com que tratam seus escravos:

> — Somos cristãos, mas cristianismo não é o mesmo que fraqueza.
> — Tratamos nossos escravos com mão firme, somos severos, na esperança de que os outros escravos se comportem bem, por medo.
> — Não se pode misturar Deus com o negócio de escravos. Deus é para nós, não para eles.
> — Você viu os muitos deuses deles. Têm um para cada dia da semana.
> — E cada estado de espírito.

[87] The owner of a Virginia slave said that he had "a scar on the right side of his neck below the ear; another on the left, lower on his neck; he has also a scar on the right leg a little below his knee, occasioned by a burn; his back has many scars on it from flogging he has received which he justly merited." From various parts of the South during different time periods, runaways were described in a similar manner: he had the "mark of the whip on his back", the letter 'R' branded on each cheek, "very much cut with the cow-hide", "scars on his back, occasioned by a whipping." One runaway had scars above his eye, on his left thumb and many scars on his back "caused from a severe whipping." "I filed several notches between several of his upper fore teeth, which I expect is also very plain," one owner said in a matter-of-fact manner. "I also branded him on each cheek thus "m" about twelve months ago, which is not very perceivable."

> — Podem pegar nosso Deus emprestado se lhes adiantar alguma coisa. Mas se Deus não der certo, é trazer de volta a chibata e a vara. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 76).[88]

É patente que na visão da maioria dos escravizadores, praticar a escravidão e ser cristão eram coisas compatíveis, o que justificavam com afirmações de que os escravos eram inferiores, foram talhados para a escravidão, não praticavam o cristianismo com seriedade, o que se evidenciava pelo fato de reverenciarem vários deuses. Desde o início do uso da mão de obra escrava negra nas *plantations* dos Estados Unidos, os escravizadores criaram leis para impedir que seus escravos conseguissem a liberdade, como apontam Meier e Rudwick (1970) sobre a lei de 1667 que proibia que um escravo que fosse batizado como cristão fosse liberto por isso.

Durante o período em que os africanos começaram a receber missionários, até todos os séculos de escravidão negra na Europa e no Novo mundo, o cristianismo foi um dos meios utilizados para o controle dos escravos, embora no início da escravidão nas *plantations* norte-americanas, por exemplo, houvesse certa resistência à permissão de que os escravos pudessem praticar o cristianismo. Mas os plantadores logo perceberam que tentar impedir a prática das religiões africanas entre seus escravos (as quais eles condenavam veementemente, por serem, em suas visões, odiosas, repugnantes e pagãs) não era uma estratégia inteligente, pois os levava a querer praticar ainda mais sua fé, e começaram, junto com pastores revivalistas, a incentivar que os africanos e seus filhos, já nascidos na América, adaptassem suas crenças à fé cristã, e começou, então, a haver conversões de mais e mais escravos ao protestantismo evangélico, principalmente após meados do século XVIII, quando a população escrava nascida na América já era maior que a africana: "Os pregadores revivalistas permitiram e até encorajaram os escravos a adaptarem as formas africanas à fé cristã." (KULIKOFF, 1986, p. 349).[89]

Havia certa cautela por parte dos senhores de escravos na permissão dada aos escravos para que tivessem práticas religiosas cristãs, pois sentiam que a instrução religiosa poderia servir de meio para outro tipo de instrução, aquela que leva à rebeldia,

---

[88] 'We are Christians but Christianity does not equal weakness.'/ 'We treat our slaves with a firm hand, we're severe in the hope that other slaves will behave well out of fear.'/ 'You can't mix God with the slave business. God is for us, not for them.'/ 'You've seen their many gods. They've got one for each day of the week.'/ 'And every mood.'/ 'They can borrow our God if it will make them good. But if God doesn't work, bring back the whip and rod.' (*T.L.M.*, 1996, p. 73).

[89] Revivalist preachers permitted and even encouraged slaves to adapt African forms to the Christian Faith.

pois os encontros religiosos podiam servir de desculpas para reuniões subversivas. Desta feita, como sabiam que proibir era pior, pois levava à insatisfação e a insatisfação levava à revolta e à sabotagem, decidiram usar a religião como meio de dominação e passaram a criar leis para regulamentar a prática religiosa cristã de seus escravos: pastores negros foram proibidos, pois um pastor branco certamente seria melhor pregador para os fins que os escravistas queriam; havia grande pressão para que os escravos frequentassem a mesma igreja que o seu dono e, para isso, foram criados lugares especiais para os escravos dentro das igrejas, obviamente bastante separados dos brancos. (FRANKLIN e MOSS, 1989). O objetivo dos escravistas, com a exortação de seus escravos para frequentarem suas igrejas, era que confiassem na palavra do pastor e ficassem mais mansos e submissos:

> Depois que se entendeu que o batismo não conferia liberdade e que as alas do sul das igrejas Metodista e Batista não tinham intenção de aplicar seu igualitarismo denominacional ao status temporal de escravos, os plantadores prontamente viram vantagens em permitir que os escravos assistissem a cultos religiosos. Alguns proprietários construíram capelas em suas plantações, mas mais comumente escravos adoravam na igreja do homem branco, sentados na varanda. É claro que tais cultos enfatizavam os aspectos quietistas e de outro mundo do cristianismo, em vez do impulso para a justiça social na tradição judaico-cristã, e prometia a salvação aos que obedecessem a seus senhores. O cristianismo foi assim usado como um paliativo para ajudar os escravos a aceitar seu destino neste mundo. (MEIER e RUDWICK, 1970, p. 67).[90]

Assim os escravos se sentiam satisfeitos e seus senhores ainda mais. Conseguiam promover o contentamento de suas mercadorias humanas através de um mecanismo de controle bastante eficaz. E isto parecia satisfazer, também, os próprios pastores, ministros e bispos, pois, em muitos casos, estes possuíam escravos e não tinham intenção de alforriá-los. Em artigo exortando a escravidão, Phillips (1968) defende o uso da religião para controle dos escravos, e dá exemplos: “Um pregador negro podia enfrentar repreensão e até correr o risco de ser linchado se discurssase com

[90] After it was understood that baptism did not confer freedom, and that the Southern wings of the Methodist and Baptist churches had no intention of applying their denominational egalitarianism to the temporal status of slaves, planters readily saw advantages in allowing slaves to attend religious services. Some owners built chapels on their plantations, but more commonly slaves worshiped in the white man’s church, seated in the balcony. Of course such religious services emphasized the quietistic, otherworldly aspects of Christianity, rather than the impulse toward social justice in the Judaic-Christian tradition, and promised salvation to those who obeyed their masters. Christianity was thus used as an anodyne to help slaves accept their lot in this world.

muita ênfase sobre a libertação dos hebreus da escravidão egípcia, mas uma supervisão moderada impediria tais deslizes." (p. 41).[91] O autor pró-escravidão defendia que os pastores negros sejam moderados por brancos, de modo que a pregação atinja seu objetivo de não incitar a busca pela liberdade, pois o fim da escravidão representaria a perda de suas posses. Northup relata como um dos donos que teve, Peter Tanner, lia versículos da Bíblia, cuidadosamente escolhidos, para seus escravos, de modo a justificar as práticas violentas da *plantation*:

> Quando chegou ao verso 47, olhou deliberadamente ao seu redor e continuou: "E aquele servo que conhecia a vontade de seu senhor" - aqui ele parou, olhando em volta mais deliberadamente do que antes, e continuou – "que conhecia a *vontade* de seu senhor , e não se *preparou* "- Aqui outra pausa – "não se *preparou*, nem fez a sua vontade, será espancado com muitas chicotadas."
> — Vocês ouviram isso? — perguntou Peter, enfaticamente. — Chicotadas — repetiu, lenta e distintamente, tirando os óculos, preparando-se para fazer algumas observações. (2014, p. 86).[92]

Assim, passaram a usar do cristianismo para tornar os escravos mais mansos, usando pregações bíblicas e sermões para corroborar a necessidade de serem submissos e aceitarem os desígnios divinos. Mas, os fazendeiros acreditavamm que o deus cristão seja exclusivo para eles, senhores de escravos, e, no caso dos vizinhos do sr. Whitechapel, até aceitam "emprestar" seu deus, se isso os tornarem mais suscetíveis a aceitar a vida de escravidão passivamente. Quando Whitechapel argumenta a respeito da necessidade de haver "outra maneira de organizar a economia." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 76)[93], os demais escarnecem de suas ideias abolicionistas:

> — Se eles fossem livres, Whitechapel, você não os veria, eles iriam embora.
> — Aonde iriam? Nós temos dinheiro, estamos aqui. E no entanto os obrigamos a ficar.

---

[91] A black preacher might meet rebuke and even run a risk of being lynched if he harped too loudly upon the liberation of the Hebrews from Egyptian bondage, but a moderate supervision would prevent such indiscretions.

[92] When he came to the 47th verse, he looked deliberately around him, and continued— "And that servant which knew his lord's will,"—here he paused, looking around more deliberately than before, and again proceeded—" which knew his lord's *will*, and *prepared* not himself"— here was another pause— "*prepared* not himself, neither did *according* to his will, shall be beaten with many *stripes*."
"D'ye hear that?" demanded Peter, emphatically. "*Stripes*," he repeated, slowly and distinctly, taking off his spectacles, preparatory to making a few remarks.

[93] 'another way to organize the economy.' (*T.L.M.*, 1996, p. 74).

> — Estamos aqui porque nos convém. Eles estão aqui até nós os vendermos. Veja seu homem, o velho escravo, como é mesmo o nome dele?
> — O esperto a quem seu pai deu o próprio nome.
> — Aquele que nossos pais tentaram comprar durante vinte anos. Emancipe-o, e sabe o que vai promover? Demandas de que a fazenda lhe pague atrasados.
> — Ou ele num cargo público, dando votos aos escravos.
> — Depois as mulheres vão querer. Então onde estaremos nós? (*A.M.R.L.*, 1997, p. 76-77). [94]

Fica claro que os escravocratas jamais permitiriam que os escravos alcançassem algum estatuto que sequer se aproximasse dos seus, e demonstram o medo que sentem de que consigam ser livres. Ao longo do período de vigência da escravidão negra nos Estados Unidos, diversas leis escravistas foram criadas na tentativa de impedir que os escravos atingissem o mesmo status dos brancos ou adquirissem liberdade. Porém, nem sempre foi assim. Os primeiros negros africanos nos Estados Unidos não tinham o status do escravo tal qual ele seria mais tarde, com a consolidação das *plantations*. Eles atuavam mais como servos, convivendo com outros servos brancos e "[...] Não se tornaram escravos, mas foram assimilados no sistema de servidão de contrato que existia na colônia." (MEIER e RUDWICK, 1970, p. 39).[95] Na região da Virgínia, como observa Segal (1995), os servos negros e brancos eram tratados com igualdade neste início de colonização: "Preto e branco em sua, ainda que diferente, escravidão compartilhada, trabalhavam juntos, passavam juntos os momentos de lazer que lhes era permitido ter e dormiam juntos dentro ou fora do casamento." (p. 53).[96] Entretanto, esse tipo de tratamento foi mudando gradualmente ao longo do século XVII.

A região de Chesapeake foi o primeiro local onde ingleses começaram a plantar e a precisar de mão de obra, e se inicia o trabalho que parece ser escravo nas colônias de Chesapeake, embora ainda em pequena quantidade, pois os fazendeiros não eram ricos e podiam adquirir poucos escravos. A condição destes escravos, porém, era um tanto quanto confusa, pois não havia um código escravista e a comunidade branca local

---

[94] 'If the slaves were free, Whitechapel, you wouldn't see them, they'd be gone.'/ 'Where would they go? We have Money, we're here. Yet we force them to remain.'/ 'We're here because it suits us. They're here until we sell them. Take your man, the old slave, what's his name again?'/ 'The clever one his daddy named after himself.'/ 'The one our fathers tried to buy for twenty years. Emancipate him and you know what you promote? Demands that the plantation pay him arrears.'/ 'Or him in public office, giving slaves the vote.'/ 'Then women will want it. Then where will we be?' (*T.L.M.*, 1996, p. 74).

[95] did not become slaves, but were assimilated into the system of indentured servitude that existed in the colony.

[96] Black and white in their shared, if different, bondage, worked together, spent together whatever leisure they were allowed, and slept together in or out of wedlock.

parecia apenas começar a imitar os modos dos plantadores das Índias Ocidentais, inclusive trazendo seus escravos negros de lá. Jordan (1968, p. 17) analisa que não havia, de fato, o status de escravo, mas apenas tratamentos diferenciados, pois os africanos eram chamados de *Negroes*, enquanto os ingleses de *Englishmen*, mas, a seu ver "A diferença, entretanto, pode ou não envolver a inferioridade." (p. 17).[97] Meier e Rudwick (1970) mencionam algumas situações sobre como os africanos eram tratados judicialmente na Virginia, que indicam como o status dos negros africanos foi, gradualmente, sendo transformado em status de escravo pela vida toda:

> Na Virgínia, já em 1630, um homem foi condenado a uma surra por ter relações sexuais com uma mulher negra. Uma década mais tarde, um processo judicial envolvendo três empregados fugitivos sugere que alguns negros já poderiam ter sido escravos. Todos os três receberam trinta chicotadas. Os dois brancos foram condenados a um ano adicional de serviço para seus senhores e três anos para a colônia, mas ao negro foi atribuída a servidão para a vida toda. No mesmo ano, a Câmara dos Deputados da Virgínia negou aos negros, especificamente, o direito de portar armas. Em 1643, aprovou uma lei que declarava que as servas negras de mais de dezesseis anos - mas não as servas brancas - deveriam ser incluídas entre os dizimistas. A Câmara também fixou limitações nos termos dos empregados contratados, especificamente omitindo negros. No ano seguinte, quando solicitado para determinar o status legal de um servo negro em particular que havia sido vendido como "um escravo para sempre", esse corpo legislativo decidiu que ele só deveria "servir como outros servos cristãos fazem". Mas claramente ele já tinha cumprido um período inusitadamente longo - vinte e um anos. Na década de 1640, os inventários de propriedades rurais mostraram que os negros eram constantemente listados como mais valiosos do que os servos brancos, e o número de anos que restavam para ser servidos comumente aparecia no caso dos brancos, mas essas anotações não foram feitas para os negros. Casos judiciais na Virgínia do início da década de 1650 indicam que, ao vender servos negros, a servidão vitalícia foi especificada, bem como o fato de que seu status deveria ser herdado por seus descendentes. (p. 39-40).[98]

[97] Difference, however, might or might not envolve inferiority.

[98] In Virginia as early as 1630 a man was sentenced to a sound whipping for having sexual relations with a black woman. A decade later a court case involving three runaways servants suggests that some black people might already have been slaves. All three received thirty lashes. The two whites were sentenced to an additional year of service for their masters and three years for the colony, but the black was assigned to servitude for life. In the same year the Virginia House of Burgesses specifically denied Negroes the right to bear arms. In 1643 it passed a law declaring that black female servants over sixteen- but not white servants- were to be included among the tithables. The House also placed limitations on the terms of indentured servants, specifically omitting Negroes. The next year, asked to determine the legal status of a particular black servant who had been sold as "a slave for-ever", this assembly decided that he should only "serve as other Christians servants do". But clearly he had already served an unusually long period- twenty-one years. In the 1640's inventories of estates showed that Negroes were consistently listed as more valuable than white servants, and the number of years remaining to be served ordinarily appeared in the case of whites, but no such notations were made for blacks. Virginia court cases of the early 1650's

Após o ano de 1660, alguns códigos escravistas começaram a ser criados nessas colônias e há referências, segundo Kulikoff, (1986), Meier e Rudwick (1970) e Segal (1995), de que antes de 1680 as leis escravistas já estavam consolidadas na maioria das colônias norte americanas, com modificações e adendos feitos ao longo dos anos de modo a, cada vez mais, restringir a liberdade dos africanos, punir infratores com mais rigor e garantir maior produtividade das plantações e Kulikoff (1986) atribui isso, em parte, ao crescimento do número de africanos dentro das colônias americanas e ao medo de que a população negra se revoltasse e criasse problemas.

Os direitos dos escravos eram poucos, e mesmo os poucos garantidos por lei, muitas vezes não eram respeitados no dia a dia destas plantações iniciais, o que se repetiria e se deterioraria nas grandes *plantations* do sul dos Estados Unidos em todo o século XIX, como indicam as situações dos escravos nas *plantations* destes fazendeiros, vizinhos do sr. Whitechapel e mesmo na dele, onde um jovem escravo acabara de ser morto com um castigo severo.

O sr. Whitechapel, embora não defenda a abolição e aceite tais leis escravistas como corretas para impedirem fugas, parece refletir sobre o fato de obrigarem os escravos a ficar, mediante a privação de sua liberdade e o uso da chibata. Porém, percebe que ali é o único a argumentar favoravelmente aos escravos, o que o isola. Os abolicionistas, nesta época, eram vistos com receio e raiva pelos não abolicionistas, pois temiam que pudessem, aos poucos, incitar os escravos a rebeliões. Aqui, sabemos que o escravo Whitechapel havia recebido o nome de seu dono, o pai do sr. Whitechapel, o que parece ser condenado pelos fazendeiros presentes, embora fosse uma prática relativamente comum: agraciar o escravo com o sobrenome de seu dono, como forma de homenageá-lo, reconhecendo seu valor, na visão dos fazendeiros. Porém, era uma forma de negar, ainda mais, a identidade do escravo, tirando-lhe o nome, atribuindo outro nome, sem que o escravo tivesse a chance de decidir se queria isso. Whitechapel havia vindo criança de África (como veremos adiante), portanto, provavelmente já havia tido seu nome modificado anteriormente.

O sr. Whitechapel, buscando ser compreendido e aceito novamente no meio do qual fazia parte, o Clube do Cavalheiro, apela por contar a história do estupro de sua escrava pelo antigo feitor, de modo a tentar justificar-se perante seus pares:

---

indicate that in selling black servants life servitude was specified, as well as the fact that their status was to be inherited by their offspring.

> — Vocês conheceram Sanders pai, ele conheceu nossos pais; sim?
> — Sim.
> — Bem, ele violou a mulher de meu escravo. Ela teve o filho que fugiu e recebeu a chibata de meu feitor.
> — Inacreditável.
> — Se não ouvisse de seus próprios lábios, dignos de crédito.
> — Eles deviam saber. Por que não lhes disseram?
> — Eu achava que Sanders sabia. A coisa toda foi envolta em segredo.
> — Como pôde o seu Whitechapel ver e não intervir?
> — Ele perdeu um filho por respeito à autoridade.
> — Diga seu preço. Esse seu escravo é o sonho de um dono de escravos. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 74).[99]

O sr. Whitechapel, vendo-se acuado pelos outros fazendeiros, que não aceitam que ele defenda os escravos, acaba por recorrer à memória que ele queria esquecer, na tentativa de aplacar os ânimos daqueles que o viam como abolicionista. Ele sabe que isso feria sua própria promessa de manter o assunto silenciado para sempre, mas não via outra alternativa: "Embora Chapel se tenha ido, ainda há Whitechapel. Chapel morto, a chibata enterrada- pelo menos na fazenda Whitechapel- com ele. E ainda há o velho Whitechapel. Whitechapel, que nenhuma cova parece capaz de reclamar, leal além do que exige o dever.[100]" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 79). Ele sabe que a memória coletiva do estupro continua viva através dele e de Whitechapel, e que agora é também partilhada por todos ali. Ele paga esse preço para ser aceito de novo. O incômodo que o acometera até agora, parecia se dissipar. Antes as roupas molhadas pela chuva que tomara no caminho o incomodavam, a fumaça dos charutos irritava seus olhos, se sentia dividido, rindo exteriormente, mas atormentado por pensamentos. Agora, porém, ele se readequara ao seu ambiente: "Sua taça está cheia, suas roupas secas. A fumaça que você respira é partilhada por todos. O lado de você que fala é o que ri. Você ergue sua taça num mar de taças erguidas./— A Whitechapel e ao velho!" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 79)[101]. A descrição metafórica do alívio sentido por Whitechapel nos constrói a imagem de um

---

[99] 'You knew Sanders Senior, he knew our fathers; yes?'/ 'Yes.'/ 'Well, he violated mu slave's mistress. She bore the son who ran away and got the whip my overseer wielded.'/ 'Unbelievable.'/ 'Were it not from your trustworthy lips.'/ 'They should have known. Why were they shielded?'/ 'I thought Sanders knew. The whole business was shrouded in secrecy.'/ 'How could your Whitechapel watch and not intervene?'/ 'He lost a son in deference to authority.'/ 'Name your price. That slave of yours is a slaver's dream.' (*T.L.M*., 1996, p. 77).

[100] Though Chapel is gone there is still Whitechapel. Chapel dead, the whip buried- at least on the Whitechapel plantation- with him. And there is still old Whitechapel. Whitechapel, whom no grave seems able to claim, loyal beyond the requisition of duty. (*T.L.M*., 1996, p. 77-78).

[101] Your glass is full, your clothes dry. The smoke you breathe is shared by everyone. The side of you that speaks is the side that laughs. You raise your glass in a sea of raised glasses. 'To Whitechapel and the old man"' (*T.L.M*., 1996, p. 77).

homem que tira o peso dos ombros e se sente, novamente, adequado ao seu ambiente, em claro contraste com o modo como se sentia ao adentrar no Clube do Cavalheiro, quando hesitava e se sentia constrangido. Seu pensamento final reforça isso, narrado de forma autodiegética: "Finalmente, estou em casa. Meu nome me foi devolvido." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 79)[102], embora o custo disso seja a tristeza do escravo Whitechapel, a culpa a ele imputada, seu desejo de morte, seu riso roubado, seu filho morto.

4.4 A MEMÓRIA DE SANDERS PAI

Quando o romance nos mostra a narrativa do antigo feitor, Sanders pai, o leitor já sabe que ele era o pai biológico do jovem escravo morto (cujo nome ainda não fora mencionado), tendo, anos antes, estuprado a cozinheira, com quem Whitechapel se casou, assumindo a gravidez forçada, tornando-se o pai de criação do menino. O capítulo consiste no diário do feitor, portanto a narração é autodiegética. Começa em 12 de janeiro de 1796 e termina em 30 de novembro de 1797.

Sobre a figura do feitor nas fazendas, era comum nas grandes *plantations* que houvesse um capataz, o "feitor" e até mesmo um ou mais assistentes, que podiam ser escravos, às vezes. Esses ajudantes eram chamados de "drivers" e, quando eram negros, causavam ressentimento nos outros escravos, que os consideravam traidores. Onde havia um feitor, havia brutalidade. Essa máxima podia ser aplicada a quase todas as *plantations*, pois, como entendem Meier e Rudwick (1970), os feitores "Não tinham nenhuma preocupação com os escravos como pessoas ou mesmo como propriedade." (p. 66)[103] e como eram cobrados por produtividade, encontravam nas punições o meio mais eficaz de obtê-la. Stampp (1968) acredita que o uso da chibata nas plantações era o meio que os feitores tinham para demonstrar autoridade: "Alguns superintendentes, ao assumir o controle, julgavam sábio chicotear cada indivíduo na *plantation* para que eles soubessem quem estava no comando." (p. 55).[104] Franklin e Moss, (1989), vão mais além na análise que fazem acerca da crueldade comum a quase todos os feitores:

---

[102] *At last, I am without shame. My name is restored to me*. (*T.L.M*., 1996, p. 78).
[103] had no concern about the slaves as people or even as property.
[104] Some overseers, upon assuming control, thought it wise to whip every hand on the plantation to let them know who was in command.

> Como os capatazes vinham de um grupo que não dispunha de escravos nem, frequentemente, de terras, não tinham outro interesse senão uma preocupação temporária com a instituição. Com muita frequência, odiavam o sistema e sentiam um desprezo especial pelo escravo, porque nutriam a opinião de que a escravidão era responsável por sua situação econômica infeliz. (p. 138)

Assim, os feitores, muitas vezes, excediam-se nos castigos, provocando brigas dentro da *plantation*. Era comum que os plantadores trocassem constantemente de feitor, pois os escravos, com raiva da crueldade imputada, recusavam-se a trabalhar, sabotavam o trabalho ou mesmo batiam no feitor. Não é que o plantador sempre se importasse com o espancamento de seus escravos, mas sabia que escravos muito descontentes faziam sua safra cair, por isso acabava determinando o número mínimo e máximo de chibatadas que o escravo deveria receber de acordo com a gravidade da infração, embora, na ausência do patrão, fosse comum não haver o cumprimento dessas ordens.

Inicialmente, o feitor Sanders pai escreve em seu diário sobre as lembranças dolorosas da perda da esposa que o assaltam. Sonha com ela. Não consegue contar ao filho como a mãe dele morrera. Além das memórias da esposa já falecida, o diário revela ao leitor a visão que o feitor tinha sobre a escravidão e como conduzir os escravos. É notável, em vários momentos, que ele, como feitor de uma grande *plantation* sulista, portanto responsável pelo trabalho nela e pela manutenção da ordem entre os escravos, descreva, muitas vezes, a raiva que sente dos escravos, por achar que sejam preguiçosos, merecedores de duros castigos.

Para melhor entendimento do trabalho deste feitor no romance, importa entender como funcionava uma *plantation* norte americana neste período. As *plantations* norte-americanas tiveram suas configurações moldadas conforme o tráfico de escravos e o uso da mão-de-obra escrava se apresentava mais e mais lucrativo. Com a Independência dos Estados Unidos e o impulso dado às *plantations*, houve a consolidação da cultura do algodão, embora outras culturas continuassem a ser produzidas em menor escala, como arroz, tabaco e cana-de-açúcar. Os plantadores norte-americanos preferiam praticar a monocultura, pois se empenhavam em plantar o máximo possível da cultura que estivesse em alta no mercado interno e externo, maximizando seus lucros. Porém, importa notar que, mesmo no sistema de monocultura, o trabalho do escravo variava de acordo com o tamanho da *plantation*, a quantidade de escravos existentes nela, a

existência ou não de um feitor, a supervisão ou não do dono, etc. (MEIER e RUDWICK, 1970). A *plantation* pode ser assim definida:

> A *plantation* era uma unidade econômica onde as culturas rentáveis de açúcar, tabaco e algodão, entre outras, eram cultivadas e processadas para além do nível de subsistência. Um grande latifundiário, também dono de escravos, cultivava somente para fins de lucro. A fonte de lucro baseava-se no uso extensivo e explorador de escravos ou de mão-de-obra contratada. Os escravos podiam ser organizados como bandos de trabalho, uma situação em que trabalhavam em grupos e eram confinados a locais específicos por um período de tempo. Outros trabalhavam como camponeses e recebiam tarefas diárias. (FALOLA, 2007, p. 305).[105]

A economia da *plantation*, de acordo com seu tamanho, podia gerar lucros em larga escala, e sua cultura agrícola podia ser comercializada dentro do próprio país onde ela se instalava, ou mesmo ser levada para outros países e lá convertida em produtos manufaturados, como acontecia com as culturas das *plantations* sulistas norte-americanas, que, muitas vezes eram vendidas no norte do país, mas também acabavam cruzando o Atlântico e sendo vendidas na Inglaterra. O bom funcionamento da *plantation* dependia da quantidade de escravos que o plantador possuía, a cultura escolhida para cultivo, como ele gerenciava o trabalho. Não há informações para determinar o tamanho da fazenda Whitechapel, porém subentendemos que não fosse pequena, já que havia o feitor principal e um substituto, algo que os pequenos plantadores não podiam pagar.

Sanders pai revela diversas de suas brutalidades contra os escravos da fazenda Whitechapel, como se nota: "O dia foi frio além da conta, e os escravos usaram truques para fugir a suas obrigações. Não fosse pelo frio, eu teria descruzado os braços mais vezes e sentado meu chicote nas preguiçosas pernas deles, com força. Talvez me aquecesse um pouco." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 40).[106] O feitor narra sobre o que ele chama de preguiça dos escravos num dia muito frio. É incoerente que ele não perceba que o dia frio o impedia de trabalhar apropriadamente, ficando de braços cruzados para se

[105] The plantation was an economic unit where the profitable crops of sugar, tobacco, and cotton, among other crops, were grown and processed beyond the subsistence level. A large landowner, also a slave owner, raised crops solely for profit considerations. The source of profit was based on extensive and exploitative use of slaves or indentured labor. The slaves could be organized as gang labor, a situation in which they worked in groups and were confined to specific locations for a duration of time. Others worked as peasants and were given daily tasks to perform.

[106] The day was cold beyond measure and the slaves full of tricks to evade their duties. Had it not been for the cold I would have unfolded my arms more often and swung my stick on the back of their lazy legs with force. Might have warmed me up a fraction. (*T.L.M.*, 1996, p. 37).

aquecer, mas exija dos escravos o desempenho de um dia normal. Os escravizadores acreditavam que os negros haviam nascido com uma compleição física que os destinava à escravidão, ao trabalho forçado, excessivo, como se sua humanidade fosse diferente da dos brancos e, por isso, não sentissem o frio, por exemplo, como eles.

Sobre o trabalho que realizavam como escravos, era bastante árduo nas *plantations*, começando a trabalhar desde crianças, pois a necessidade de mãos para o plantio e a colheita exigia que todas as possíveis fossem usadas, sem que o plantador precisasse comprar novos escravos. Como, principalmente após o fim do tráfico, as escravas foram estimuladas a ter filhos logo cedo, muitas crianças nasciam na *plantation* e havia até a chance de algumas serem treinadas como artesãs. Porém, a maioria ia para a plantação entre os 7 ou 10 anos de idade, e quando havia algum familiar por perto, acompanhavam-no. Esta era uma estratégia calculada pelos donos para fazerem com que a criança escrava logo fosse produtiva, pois os pais ensinavam a velocidade do trabalho que deveria ser atingida para que o filho não apanhasse do feitor: "Embora essas jovens mãos fossem obrigadas a trabalhar para o mestre, rapidamente aprenderam com seus parentes a trabalhar no ritmo que os adultos negros estabeleciam e praticar as habilidades necessárias para 'enganar o mestre'." (KULIKOFF, 1986, p. 373)[107], ou seja, para não parecerem preguiçoas e não sofrerem castigos.

A falta de treinamento adequada, aliada ao uso de implementos agrícolas ruins, exaustão do solo através da monocultura, dieta pobre do escravo, excesso de castigos e a tristeza e revolta produzidas pela própria condição de ser escravo levavam, automaticamente, a uma baixa produtividade da *plantation*, como analisa Genovese (1976): "O treinamento e a educação sistemática dos escravos seriam politicamente perigosos" (p. 43). Esse "perigo", para Genovese, se resumia ao medo que os plantadores tinham de os escravos ficarem mais habilidosos, trabalharem mais rapidamente e começar a haver um excedente escravo, que a *plantation*, sozinha e dependente da escoação de sua safra para mercados externos, não poderia dar conta. Isso levaria o plantador a vender escravos e, embora pareça contraditório, isso não era interessante para a aristocracia sulista que construíra os valores de sua sociedade sob a escravidão e que julgava que a quantidade de escravos que um fazendeiro tinha ditava seu poder e influência na região onde vivia. Assim, as *plantations* ostentavam um alto número de escravos, embora a qualidade de seu trabalho fosse questionável. Mas não

[107] Though these young hands were forced to work for the master, they quickly learned from their kinfolk to work at the pace that black adults set and to practice the skills necessary "to put massa on".

somente a falta de treinamento era responsável pela baixa produtividade das *plantations*, mas o ritmo de trabalho também. Na época da semeadura ou da colheita, dependendo do tipo de cultura utilizada, era comum que os escravos trabalhassem por 15, 16 ou 18 horas por dia, com intervalo apenas para comer. (SEGAL, 1995). Meier e Rudwick (1970) descrevem o ritmo de trabalho do escravo e seus poucos períodos de descanso e como os donos sabiam usar o trabalho como meio de controle, premiando ou punindo os escravos de acordo com a produtividade na lavoura:

> Os escravos trabalhavam longas horas – até a escuridão durante as estações mais produtivas, especialmente na época da colheita - e era necessário recompensar e persuadir, bem como ameaçar para que o trabalho fosse feito. O trabalho era interrompido aos domingos e, por vezes, durante todo, ou parte do sábado, e os escravos aguardavam ansiosos os feriados, como a Sexta-feira Santa, o Dia da Independência, "o período de moleza", quando havia menos a fazer após a colheita, e o Natal. [...] Alguns senhores distribuíam presentes no final do ano ou compensavam os escravos por realizar trabalho extra ou lhes permitiam que eles alugassem seu próprio tempo. A negação dos passes de fim-de-semana, o trabalho aos sábados ou domingos e o confisco da produção de pequenas hortas dos próprios escravos eram alguns dos castigos mais leves usados pelos proprietários. (p. 66).[108]

A maioria se adaptava bem ao trabalho no campo, pois vinham de famílias africanas que já faziam isso antes de serem vendidas ao tráfico negreiro. Assim, a maioria dos escravos africanos já tivera contato com a agricultura e passavam isso para sua prole, nascida nos Estados Unidos. Porém, mesmo para os escravos em África, o regime de trabalho não era tão desgastante. Só nos regimes escravistas do Novo Mundo é que os escravos mal tinham 3 dias de descanso por ano, como descreve Northup: "Tal é a 'vida do sul como ela é' *três dias do ano*, como eu a descobri - os outros trezentos e sessenta e dois dias sendo de cansaço, medo, sofrimento e trabalho incessante." (2014, p.156).[109] Embora haja alguns argumentos acerca de o trabalho escravo não ser muito produtivo pelo fato de os escravos não conseguirem aprender bem seu ofício, Genovese

---

[108] Slaves worked long hours -well into darkness during busy seasons, e specially a harvest time- and it was necessary to reward and cajole as well as to threaten in order to get the work done. Work as stopped on Sundays and sometimes all or part of Saturday, and slaves could look forward to holidays, such as Good Friday, Independence Day, "laying-by time" after the harvest, and Christmas. […] Some masters distributed gifts at the end of the year or compensated slaves for performing extra work or allowed them to hire out their own time. Denial of weekend passes, work on Saturdays or Sundays, and confiscation of crops in truck patches were some of the milder punishments owners used.

[109] Such is "southern life as it is" *three days in the year*, as I found it— the other three hundred and sixty-two being days of weariness, and fear, and suffering, and unremitting labor

(1976) refuta que a baixa produtividade se dava apenas por que eram escravos e, quando podiam, sabotavam o trabalho, já que nada ganhavam por ele.

A sabotagem era o tipo mais fácil de resistência a ser executada, já que dificilmente era perceptível individualmente, o que minimizava a chance de castigos, como observa Williams (2012): "À coerção e aos castigos ele respondia com a indolência, a sabotagem e a revolta. Na maior parte do tempo, fazia-se apenas o mais indolente possível." (p. 275). Da mesma forma que os senhores de escravos por vezes adotavam uma postura paternalista, infantilizando o escravo, ele também fingia aceitar essa infantilização, pois tal poderia lhe ser vantajoso e, também, atuava de modo a ridicularizar seu dono, mesmo que isso só estivesse visível para si e alguns outros escravos: "Os escravos tornaram-se adeptos de dizer o que os brancos queriam ouvir e de comportar-se como os brancos esperavam que eles se comportassem, num escárnio que zombava de si mesmo." (SEGAL, 1995, p. 63-64).[110] É curioso observar que o escravo, dentro das imposições e brutalidades da *plantation*, apresentava o que Franklin e Moss (1989) chamam de "dupla personalidade", agindo conforme era esperado que agissem, sem entrar em confronto direto com seu feitor ou dono, pois "Escravos afro americanos aprenderam uns com os outros como desafiar parecendo obedecer." (KULIKOFF, 1986, p. 389).[111] Embora muitos pais escravos ensinassem seus filhos a obediência cega e a aceitação de seu destino como escravos, como é o caso de Whitechapel, outros, porém, instigavam-nos a agir sorrateiramente, evitando castigos ao mesmo tempo em que desafiavam e, para isso, a sabotagem era o melhor método. Esta é uma estratégia que Homi Bhabha (2005) cunhou como "sly civility", a cortesia dissimulada, que consiste, na situação de colonização, na recusa em satisfazer a demanda do colonizador. No caso dos escravos, entendemos que seja a recusa em gerar maiores lucros ao dono por meio de uma falsa cortesia, uma aparente docilidade, mas que buscava solapar a autoridade do escravizador.

A sabotagem adquiria diversas facetas no cotidiano das *plantations* e a maioria delas não era percebida, pois as ações se "perdiam" no grosso das atividades diárias. Franklin e Schweninger (1999) assinalam que em termos de crimes contra a propriedade, era comum que quebrassem implementos agrícolas, cercas, carroças, barcos, ou ainda queimassem estábulos, barracões, roubassem roupas, bebidas,

[110] Slaves became adept at saying what whites wanted to hear and behaving as whites expected them to behave, in a mocking self-mockery.
[111] Afro-Americans slaves learned from each other how to defy while seeming to obey.

pequenos objetos e alimentos da casa grande, matassem, maltratassem ou roubassem bois, cavalos, porcos, galinhas, pois "Vendo a propriedade do mestre como uma extensão do próprio mestre, os impulsos destrutivos beiravam às vezes o sádico." (p. 2)[112], e maltratar animais parecia ser como maltratar o dono. Ao analisar a economia política da escravidão, Genovese (1976) entende que os escravos eram mal treinados, o que implicava, automaticamente, nos maus cuidados que tinham com os implementos agrícolas e a crueldade com os animais, o que, aos olhos dos escravistas, apenas evidenciavam como os negros eram inferiores, a ponto de não conseguirem aprender direito o trabalho na lavoura, mas, assinala que "Além do descuido e da negligência, eram suspeitos de sabotar deliberadamente os suprimentos de carne das *plantations* roubando porcos e saqueando os locais de defumação. Talvez esses roubos fossem motivados pela fome ou pela rebelião." ((GENOVESE, 1976, p. 99).

A sabotagem fazia com que o rendimento da *plantation* caísse. Note-se que o trabalho indolente é típico da mão-de-obra escrava, pois tal não oferece recompensa ao trabalhador (GENOVESE, 1976). No dia-a-dia da *plantation*, a resistência dos escravos ao trabalho pode ser assim descrita:

> Alguns negros trabalhavam com lentidão, ou indiferença, faziam pausas não programadas, atuavam com descuido ou desleixo ao plantar, cavar e colher. Alguns colhiam o algodão tão despreocupadamente que cortavam as plantas jovens quase na base, enquanto outros colhiam arroz ou açúcar com tal indiferença que danificavam a colheita. (FRANKLIN e SCHWENINGER, 1999, p. 3).[113]

Obviamente, nada disso passa pela cabeça do feitor, que exige que os escravos trabalhem sem descanso e que a produtividade seja alta, ainda assim. A brutalidade do feitor Sanders pai se evidencia em outros trechos de seu diário: "Discuti com o Senhor Whitechapel sobre o tratamento dos escravos dele. Acha-me severo demais com eles." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 40).[114] Ele não aceita que os escravos sejam tratados com o mínimo de dignidade, o que se evidencia quando relata sobre a alimentação dos escravos:

---

[112] Viewing the master's property as an extension of the master himself, the destructive impulses bordered at times on the sadistic.

[113] Some blacks worked slowly, or indifferently, took unscheduled respites, performed careless or sloppy when planting, hoeing, and harvesting crops. Some cropped cotton so nonchalantly that they cut the young plants nearly into folder, while others harvested rice or sugar with such indifference that they damaged the crop.

[114] Argued with Mr Whitechapel about the treatment of his slaves. He thinks I'm too severe with them. (*T.L.M.*, 1996, p. 37).

> As rações dos escravos devem ser aumentadas, junto com uma folga a mais de tarde, após uma inspeção pelo Senhor da Fazenda Whitechapel. Idiotice. Ele disse que os escravos estão magros. Que vantagem há num escravo gordo, a não ser para ele mesmo? Sr. Whitechapel, está errado, Senhor. O gado é que precisa engordar, não os escravos. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 41).[115]

Em seu diário, o feitor deixa claro que sua visão sobre a escravidão é condizente com o que pensava a maioria dos escravizadores da época: os escravos deviam receber pouca alimentação, apenas o suficiente para não caírem de fome enquanto trabalhavam na *plantation*, já que eram considerados inferiores ainda aos animais, como o trecho acima evidencia. O dono da fazenda, porém, parece discordar, o que é notável, pois era algo raro. É consenso entre os historiadores que os escravos recebiam alimentos o suficiente em termos quantitativos, na maioria dos casos. Porém, a dieta não era bem balanceada, conforme explica Genovese (1976): "O escravo geralmente tinha o suficiente para comer, mas a dieta de cereais, porco e melado, apesar de altamente energética, produzia fomes específicas, deficiências perigosas e [...] subnutrição [...]." (p. 44). A maioria dos escravos tinha permissão para prover a si mesmo alimentos que pudesse obter através da caça, pesca ou mesmo plantação de vegetais e frutas, embora tal fosse difícil, pois dispunham de pouco tempo livre e nenhum material de caça ou pesca. (KULIKOFF, 1986). Quase sempre a dieta consistia em farinha de milho e carne de porco, embora a carne fosse em pouquíssima quantidade e quase sempre na forma de gordura. Essa dieta monótona e fraca em proteína impelia muitos escravos a roubarem da despensa de seus donos, como observam Meier e Rudwick (1970). Havia escravistas que mal alimentavam seus escravos, deixando que eles mesmo obtivessem sua alimentação nas matas adjacentes à *plantation*. Northup relata como era a alimentação ao longo de seus 12 anos de escravidão:

> Tudo o que lhes é permitido é milho e bacon, que é dado fora, no silo de milho e no defumadouro todos os domingos de manhã. Cada um recebe, como sua ração semanal, cerca de 1,8 quilo de bacon, e milho suficiente para fazer cerca de nove litros de papa. Isso é tudo - nada de chá, café, açúcar, e com exceção de uma pequena quantidade de vez em quando, nada de sal. Eu posso dizer, após ter morado dez anos

[115] Rations of slaves to be increased along with one extra break in the afternoon following an inspection by the Master of the Whitechapel Plantation. Cook-a-doodle-doo. He said they looked thin. What good is a fat slave to anyone but himself. Mr Whitechapel you are wrong, Sir. Cattle need fattening, not slaves. (*T.L.M.*, 1996, p. 38).

> com Mestre Epps, que nenhum escravo dele corre o risco de sofrer da gota, que acontece às idades elevadas. Os porcos do Mestre Epps eram alimentados com milho sem casca – o que era jogada para seus "negros" era a espiga. Os primeiros, pensava ele, engordariam mais rápido com o milho debulhado, e molhado com água - os últimos, talvez, se tratados da mesma maneira, poderiam ficar muito gordos para o trabalho. O mestre Epps era astuto nos cálculos, e sabia como cuidar de seus próprios animais, bêbado ou sóbrio. (2014, p.116-117).[116]

Da mesma forma pensa o feitor Sanders pai, que julga adequado engordar os animais, não os escravos, que, se ficassem gordos, ficariam lentos para o trabalho. Mais adiante na narrativa, Northup afirma que não era incomum que a parte semanal de bacon viesse infestada de vermes, pois no clima úmido da Louisiana era difícil a conservação de carne. Mas reclamar da má alimentação não era um bom negócio para o escravo que, em retaliação, poderia ter sua ração diária diminuída ou ser obrigado a comer comidas já estragadas.

Para Sanders pai, era mais importante engordar o gado do que os escravos, numa comparação degradante, pois posiciona os escravos num degrau inferior aos dos animais. Para provar seu ponto de vista, o feitor escreve: "Duas das escravas mais velhas morreram de febre. Sou apenas o principal feitor aqui, mas acho que foi por comerem demais." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 41).[117] As escravas, já idosas, morrem de febre e o feitor atribui ao "excesso" de comida. Na época, os escravos, quando adoeciam, eram deixados à própria sorte, sem nenhum cuidado médico ou remédios, como vimos Whitechapel descrever a morte de sua esposa. Porém, para provar seu ponto de vista, o feitor ignora todos esses fatos, como se ao comer um pouco a mais, como ordenara seu patrão, as escravas pudessem adoecer. Obviamente que esse pouco a mais de comida ofertado pelo sr. Whitechapel ainda não era o suficiente em quantidade e qualidade para alimentar escravos que trabalhavam em serviços braçais pesados o dia todo.

---

[116] All that is allowed them is corn and bacon, which is given out at the corncrib and smoke-house every Sunday morning. Each one receives, as his weekly allowance, three and a half pounds of bacon, and corn enough to make a peck of meal. That is all—no tea, coffee, sugar, and with the exception of a very scanty sprinkling now and then, no salt. I can say, from a ten years' residence with Master Epps, that no slave of his is ever likely to suffer from the gout, superinduced by excessive high living. Master Epps' hogs were fed on shelled corn—it was thrown out to his "niggers" in the ear. The former, he thought, would fatten faster by shelling, and soaking it in the water— the latter, perhaps, if treated in the same manner, might grow too fat to labor. Master Epps was a shrewd calculator, and knew how to manage his own animals, drunk or sober.

[117] Two of the older women slaves have died from fever. I am the only chief overseer here but I think it is the overfeeding that did it. (*T.L.M.*, 1996, p. 38).

Sanders pai demonstra que vê os escravos como seres muito inferiores a si, que são preguiçosos, que merecem ser castigados. Explica sua lógica ao filho: "Eu disse a meu filho que nós somos diferentes dos escravos em inteligência e condição humana diante de Deus." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 42).[118] A seu ver, isso justificava que fossem escravizados. Era, aliás, como a maioria dos escravizadores pensava, que os negros tivessem sido criados por deus propositadamente para que servissem aos brancos. Porém, o filho, ainda criança e pouco conhecedor da lógica escravista, não consegue enxergar essas diferentes: "Ele me perguntou por que Whitechapel sabia dar um nó e eu não." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 42).[119] Ainda sem ter sido ensinado a tratar os escravos como seres inferiores, o menino vê o escravo Whitechapel como alguém mais habilidoso que o pai. Para ensinar ao filho como tratar os escravos, Sanders pai explica que "Respondi que fazer essas coisas não era uma medida adequada de inteligência." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 42).[120] Não sabe, porém, explicar o que os difere dos escravos. Em vários outros momentos, demonstrará que segue os ideais escravistas, batendo nos escravos, sendo muito rigoroso com eles, mesmo sem saber exatamente como os escravos são diferentes de si: "Tive ocasião de bater num escravo por preguiça. É bem da minha sorte que o sr. Whitechapel me visse chutando o patife." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 44)[121], e se sente indignado que o dono da fazenda não lhe permita bater nos escravos quando bem desejasse: "Daqui a pouco, vai estar pagando a eles." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 44)[122], e em outros momentos demonstrará que acredita que a violência é o melhor meio de tratar os escravos. Embora nem todos os donos de escravos fossem adeptos de grandes atos de violência contra seus escravos, não podiam dar castigos muito suaves, com medo de serem mal vistos por seus vizinhos, o que ocorre com o sr. Whitechapel, como vimos. (STAMPP, 1968). Com o descumprimento de ordens de trabalho na *plantation*, além das chibatadas, eram comuns castigos como diminuir a comida do escravo, deixá-lo trancado em seu dia de folga, ameaçar vendê-lo, prendê-los com correntes e ferros. Stampp (1968, p. 52-53) cita alguns castigos "engenhosos" de plantadores sulistas descritos em seus diários como: "Forçavam alguns a comer os vermes que eles não conseguiam tirar das folhas de tabaco"; "Humilhavam os trabalharadores homens do

[118] I told my son that we are different from slaves in intelligence and human standing before God. (*T.L.M.*, 1996, p. 39).
[119] He asked why Whitechapel could do a knot and I couldn't do. (*T.L.M.*, 1996, p. 39).
[120] I said doing things like that was not a proper measure of intelligence. (*T.L.M.*, 1996, p. 39).
[121] I had the occasion to beat a slave for indolence. Just my luck that Mr Whitechapel saw me as I booted the scoundrel. (*T.L.M.*, 1996, p. 41).
[122] He'll be rewarding them next. (*T.L.M.*, 1996, p. 41).

campo, aqueles que tivessem sido desobedientes, dando-lhes 'trabalho de mulheres', como lavar roupas, vestindo-os com roupas femininas."[123]

Quando compra uma nova escrava, que será sua cozinheira, o feitor demonstra sentir desejo por ela: "Estou errado em olhar para uma escrava e me sentir como um homem pela primeira vez em cinco anos? Devo estar desesperado. Preciso de uma mulher." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 43)[124]. Para justificar a si mesmo sua lascívia por uma jovem escrava de apenas 15 anos, diz que ela mente a idade: "Esta cozinheira é decididamente mulher. [...] Vinte e dois anos ou mais." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 45).[125] Irrita-se com o interesse de Whitechapel pela jovem cozinheira, que a pede em casamento: "Que quer Whitechapel com uma esposa? Doze filhas já bastam para um homem, vários homens. Pegue uma delas para satisfazer-se. Já se viu antes." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 45).[126] Desejando a cozinheira, o feitor fica irascível, a ponto de atrasar a compra de outra cozinheira no mercado de escravos, adiando, assim, seu casamento com Whitechapel. Sugere que Whitechapel cometa incesto, apenas para deixar a cozinheira à sua disposição. Lembra-se da esposa constantemente enquanto olha para a cozinheira. Na véspera do Natal, estupra-a:

> Depois que ela botou meu filho na cama, esperei que passasse por minha porta, peguei-a pelo braço, cobri-lhe a boca e arrastei-a para minha cama. Disse-lhe que se fizesse o mínimo barulho logo estaria morta. Já a tinha penetrado e acabado antes de ter começado mesmo. Era muito tempo. Eu estava deitado em cima dela quando seus soluços me devolveram os sentidos. Eu disse que ela podia pegar o que quisesse do guarda-roupa de minha esposa em troca de seu silêncio. Ela pediu que eu a deixasse casar-se logo com Whitechapel, senão iria contar tudo ao senhor e ao noivo, que primeiro me mataria a mim, e depois a si mesmo. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 48-49).[127]

---

[123] forced a hand to eat the worms he failed to pick off the tobacco leaves"; "humiliated disobedient male field-hands by giving them "women's work" such as washing clothes, by dressing them women's clothing".

[124] Am I wrong to look at a slave girl and feel like a man for the first time in 5 years? I must be desperate. I need a woman. (*T.L.M.*, 1996, p. 40).

[125] This cook is definitely a woman. […] 22 or higher. (*T.L.M.*, 1996, p. 41).

[126] What does Whitechapel want with a wife. Twelve daughters is enough for one man, several men. Use one of them for comfort. Not unheard of. (*T.L.M.*, 1996, p. 42).

[127] After she put my boy to bed I waited for her to pass my door, grabbed her arm, covered her mouth and dragged her to my bed. I told her if she made a noise she would soon be dead. I was inside her and done before I'd properly begun. It has been too long. I was lying on her when her sobs brought me to my senses. I said she could have whatever she wanted from my wife's closet in return for her silence. She asked to be allowed to marry Whitechapel right away or she will tell both the master and Whitechapel, who would first kill me and then himself. (*T.L.M.*, 1996, p. 45).

O feitor acredita que roupas seriam uma boa compensação para o estupro da cozinheira. E, na maioria das circunstâncias, as escravas também pensariam assim, pois a vestimenta dos escravos era escassa, sendo que muitas vezes as próprias escravas deviam fiar e tecer o pano e confeccionavam as roupas dos escravos da *plantation*. Kulikoff (1986) descreve as roupas dos escravos da seguinte forma: "A roupa escrava era feita de grosso linho importado e lã e algodão caseiros. Os brancos entregavam aos escravos sapatos, camisas e calças uma vez por ano, e as escravas recebiam sapatos e trocas de roupas." (p. 393).[128] A pouca roupa e o calçado dados ao escravo eram quase sempre insuficientes para seu trabalho no campo, como assinalam Meier e Rudwick (1970): "Durante grande parte do ano estavam descalços com roupas esfarrapadas e, em invernos gelados, a maioria dos escravos não tinha roupa suficiente para mantê-los quentes." (p. 64).[129]. Por isso, o feitor pensa que poderia comprar o silêncio da cozinheira lhe oferecendo roupas.

O estupro da jovem cozinheira não parecia preocupar o feitor, já que nas *plantations* eles eram comuns e, além de satisfazerem os apetites sexuais de muitos brancos, também funcionavam como forma de controle, de imputação de medo, da humilhação dos escravos que viam suas esposas, mães, filhas, amigas serem abusadas e nada poderem fazer, numa continuação do que já ocorria às escravas durante a passagem intermédia:

> O efeito sobre a psique negra disto [do estrupro] raramente pode ser exagerado. Afetadas não foram apenas as inúmeras mulheres negras que foram vítimas imediatas, mas também todos as outras que viveram suas vidas com medo de que pudessem se tornar também vítimas. Além disso, a escolha sexual branca não levava em conta qualquer relação existente entre uma escrava e um escravo. Humilhados pela sua própria impotência, os negros tinham simplesmente de suportar a violação de mulheres com quem tinham estabelecido uniões de amor e respeito. (SEGAL, 1995, p. 59).[130]

[128] Slave clothing was made of coarse imported linen and homespun wool and cotton. Whites gave male hands shoes, shirts, and trousers once a year, and their female hands received shoes and shifts.
[129] For much of the year they were barefooted in tattered clothes, and in freezing winters most slaves did not have enough clothes to keep them warm.
[130] The effect on the black psyche of this can scarcely be exaggerated. Affected were not only the innumerable black women who were immediate victims, but also all he others who lived their lives in fear that they might become such. Moreover, white sexual choice took no account of any existing relationship between a female slave and a male one. Humiliated by their very helplessness, black men had simply to endure the rape of women with whom they had established unions of love and respect.

Sobre este assunto, Meier e Rudwick (1970) entendem que o estupro era "uma das forças poderosas que atuavam para enfraquecer completamente a família escrava." (p. 147). Obviamente, havia resistência por partes das escravas, que eram estupradas mesmo assim, e depois açoitadas por resistir, o que levava outras escravas a não resistir, "Fosse por causa da inutilidade disso, do prestígio que tais relações trariam ou das vantagens materiais que poderiam advir." (p. 147). Fato é que certos plantadores ou feitores acabavam presenteando certas escravas pelas quais tinham predileções, o que ocasionava, comumente, açoitamento da escrava pela esposa ou mesmo ressentimento entre os escravos que viam com maus olhos a sujeição sexual de suas mulheres. Não era incomum que alguns homens brancos mantivessem escravas negras em espécies de relações de concubinato, tendo filhos e coabitando por anos com elas, embora raramente assumissem os filhos legalmente. (KULIKOFF, 1986). É curioso observar que a maioria das esposas de plantadores sabia e tolerava ligações sexuais casuais de seus maridos e filhos com escravas e até a existência de filhos bastardos, mas, caso a ligação virasse coabitação ou um envolvimento mais sério, podiam ameaçar com o divórcio, que era previsto em leis neste caso para a mulher, pois "[isso] elevaria as mulheres negras ao status que somente as mulheres brancas livres deviam possuir." (KULIKOFF, 1986, p. 395-396).[131] Era comum que as esposas maltratassem as escravas que fossem amantes de seus maridos, ou mesmo as que eles estuprassem. Northup (2014) relata o caso da escrava Patsey, que era assediada pelo dono Epps, e que, por isso, era constantemente açoitada pela esposa de seu dono. O romance *Property*, de Valerie Martin, também relata o caso de maus tratos a uma escrava assediada pelo dono, mas o foco narrativo é da esposa, Manon Gaudet, cujo esposo, um plantador de Nova Orleans, estupra constantemente a escrava Sarah, tendo dois filhos com ela. Embora odeie o marido, Manon também odeia a escrava e a pune constantemente. É curioso que Manon, que não tem filhos, seja advertida por seu médico a tolerar o caso que o marido mantinha com a escrava, por ser algo normal. O título do romance, "propriedade" em português, remete à ideia de como a escrava Sarah é dupla propriedade: do dono e de Manon, mas também posiciona a esposa branca como propriedade do marido plantador. (MARTIN, 2004).

Embora o casamento inter-racial fosse proibido, o estupro das escravas não era considerado crime. Mais uma vez, a seletividade das leis escravistas se evidencia, na medida em que como eram consideradas mercadorias, o estupro só seria julgado caso o

[131] that would elevate black women to the status that only free white women should possess.

dono da escrava desse queixa de violação de propriedade, embora, caso algum escravo estuprasse uma mulher branca, ele automaticamente deixava de ser uma mercadoria e se transformava em um ser humano que podia ser condenado à morte pelo ato. O tema do estupro das escravas foi retratado na autobiografia de Harriet Jacobs (1813-1897), escrava fugitiva que mais tarde conseguiu a liberdade e se tornou uma escritora abolicionista e oradora. A autobiografia *Incidents in the Life of a Slave Girl*, publicada em 1861, evidencia que a vida de uma escrava podia ser ainda mais difícil que a de um escravo, dado o perigo de sofrer abusos sexuais, como aconteceu com ela, em sua adolescência, sendo assediada por seu dono, o que a levou a fugir (JACOBS, 2000).

Porém, como vimos, a fazenda Whitechapel parece ser menos cruel que as demais, portanto o feitor sabe que se fosse delatado, poderia sofrer sanções. A cozinheira não o delata, casa-se com Whitechapel dias depois, pede para ir para o eito e deixar de ser sua cozinheira, mas ele não permite. Dias depois, estupra-a novamente, pois parece pensar que a cozinheira pode ser sua quando o desejar. Mesmo dizendo que não aconteceria novamente, a cozinheira sabe que ele continuaria, caso ela não contasse a ninguém. Por isso, dessa vez, ela conta o ocorrido ao marido Whitechapel e ao dono da fazenda. Em princípio, o feitor tenta negar, pois pensa que poderia desmoralizar a cozinheira: "Por um instante, pensei em negar tudo, minha palavra contra a deles. A palavra de um branco vale a de quantos escravos?" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 50)[132], pois sabia que a lei não protegia os escravos. Em primeiro lugar, os escravos eram obrigados por lei a tratar qualquer branco com respeito, sem mostrar nenhuma petulância, o que acabou se estendendo para os negros livres também. Segundo Segal, (1995), isso criava em qualquer homem branco, mesmo que não possuísse nenhum escravo, "Um sentimento de superioridade em relação à multidão de negros." (p. 55).[133] Era tão comum o escravo ser assim ordenado a obedecer qualquer branco que lhe cruzasse o caminho, que Segal (1995) relata que um viajante andando pelo Sul escreveu em seu diário ter visto "Uma garotinha branca parar um escravo na estrada e com êxito ordenar que ele retornasse imediatamente à sua plantação." (p. 55).[134] Em termos de participação jurídica, os escravos não podiam testemunhar em cortes, a não ser contra outro escravo ou um negro livre; não podiam possuir bens, pois não celebravam contratos; não podiam se casar legalmente e nem agredir uma pessoa branca, mesmo

[132] For a moment I considered denying everything, my word against theirs. The word of a white man is worth that of how many slaves? (*T.L.M.*, 1996, p. 46).
[133] a sense of superiority to the multitude of blacks.
[134] a small white girl stop a slave in the road and successfully order him to return at once to his plantation.

que fosse para se defender. (FRANKLIN e MOSS, 1989). Porém, na fazenda Whitechapel, os escravos não eram tão desacreditados assim, e ele percebe que não convenceria o sr. Whitechapel:

> O Sr. Whitechapel disse que ia me multar. Disse que eu devia poupar-lhe os sórdidos detalhes e as desculpas esfarrapadas. Disse que uma das condições para eu continuar em sua fazenda era que me desculpasse imediatamente com as partes atingidas. Falou partes. O Sr. Whitechapel repetiu sua condição. Eu pedi desculpas à cozinheira e a Whitechapel. O Sr. Whitechapel disse que eu teria de arranjar uma nova pessoa para cozinhar, um homem. Eles saíram e me deixaram parado na porta. Devia ter dado um soco nela. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 50).[135]

O estupro da cozinheira foi punido com apenas uma multa, que nem sequer foi paga a ela, e, sim, ao senhor da fazenda, e um pedido de desculpas. Se fosse ela uma mulher branca, a punição, obviamente, seria severa, indo parar em um tribunal. Porém, dadas as circunstâncias da época, em que o estupro das escravas era regra nas *plantations* e que os escravos nunca tinham direito a nada, é notável que na fazenda Whitechapel, tal tipo de crime não passe totalmente impune, além de o feitor ter sua multa dobrada quando se descobre a gravidez da cozinheira. O crime, porém, não é revelado: "O sr. Whitechapel fez todos jurarmos segredo." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 51)[136], o que faz com que, anos depois, o filho do feitor chicoteie o meio-irmão até a morte, já que o feitor pai manteve o segredo inclusive do próprio filho. O resultado dessa prática sistemática de estupros de escravas durante a escravidão negra nos Estados Unidos foi a formação de uma grande sociedade miscigenada, da ordem de mais de 400 mil mulatos no ano de 1860, numa população escrava de quase 4 milhões de escravos, segundo Franklin e Moss (1989), embora, para os autores, os números dos recenseamentos sejam pouco confiáveis para indicar a quantidade correta de mulatos, pois "os recenseadores contavam como mulatos somente aqueles que pareciam ser de paternidade mista, mas havia mulatos que não o pareciam." (p. 147). A condição de mestiçagem acabou, em algumas circunstâncias, beneficiando escravos fugitivos, pois alguns podiam se passar

[135] Mr Whitechapel said he would fine me. He said I should spare him the sordid details and weak excuses. He said a condition of my staying on his plantation would be that I apologize right away to the afflicted parties. He said parties. The girl was one thing, but Whitechapel. Mr Whitechapel repeated his condition. I apologized to Whitechapel and Cook. Mr Whitechapel said I would have to find myself another cook, a male. They walked away and left me standing at my door. I should have cuffed her. (*T.L.M.*, 1996, p. 46-47).

[136] Everyone has been sworn to secrecy by Mr Whitechapel. (*T.L.M.*, 1996, p. 48).

por homens brancos. De modo geral, os filhos mestiços não eram reconhecidos e viviam como escravos, muitas vezes sendo repudiados pelos pais, que, embora não se importassem em estuprar as escravas, não podiam ter a "mancha" social de serem apontados como "nigger lovers", amantes de negros. O romance *Absalão, Absalão!*, de 1936, escrito por William Faulkner, conta a trajetória de Thomas Sutpen, homem pobre que vira um grande plantador no Mississippi. Em seu passado, porém, trabalhara como capataz numa *plantation* nas Antilhas Francesas e lá se casara com a filha do dono da fazenda, porém, após ter um filho com ela, descobre que ela era mestiça, filha de uma escrava, embora a pele clara não o revelasse. Isso o leva a abandonar a esposa e o filho, pois não podia se associar a uma negra, nem ter um filho negro. (FAULKNER, 1964).

Whitechapel aceita a esposa grávida de outro homem: "Whitechapel diz que a cozinheira é esposa dele, dê no que der, ele a ama." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 51)[137], demonstrando o quanto é humano, generoso e nobre, a despeito de ser considerado inferior ao feitor, por este ser branco, por exemplo. Quando nasce o bebê, o feitor percebe que o menino é seu filho:

> A cozinheira deu à luz um filho saudável. Whitechapel era o orgulhoso pai da fazenda. Veio me ver. Mostrou-me o menino enfaixado em roupas presenteadas pelo Sr. e Sra. Whitechapel, sem dúvida compradas com os consideráveis fundos retidos de meu pagamento. A criança é negra, e, segundo Whitechapel, vai ficar tão negra quanto indicam os lóbulos das orelhas, muito mais negros que o resto do corpo. Parece com meu filho em tudo, menos na cor. Talvez seja imaginação minha. Quando ele saiu, eu disse chame o menino de Whitechapel, nome do homem que ele vai conhecer como pai. Ele aceitou minha lógica. Abriu o sorriso de novo. Parece-se tanto conosco. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 56).[138]

O feitor percebe que o menino se parece com seu filho, mas Whitechapel aparenta tê-lo aceitado como seu, esquecido o estupro, como o sr. Whitechapel o fizera jurar. Aqui, o leitor fica sabendo o nome do rapaz: Whitechapel, como seu pai e seu dono. E a fala do feitor de que Whitechapel se parecia com "eles", os brancos, nos faz perceber que, para o feitor, é estranho um escravo ser tão parecido com os brancos. Em

[137] Whitechapel says Cook is his wife, whatever the outcome, he loves her. (*T.L.M.*, 1996, p. 48).

[138] Cook has given birth early to a healthy boy. Whitechapel was the proud father on the plantation. He came to see me. Whitechapel showed me the boy swaddled in cloth presented to him by Mr and Mrs Whitechapel, no doubt purchased with the considerable funds held back my pay. The child is dark and according to Whitechapel will become as dark as the lobes of his ears indicate which is much darker than the rest of his body. He resembles my son in all but colour. Maybe I imagine it. As he left I said call the boy Whitechapel, after the man he will know as his father. He bought my logic. His smile flared up again. He is so much like us. (*T.L.M.*, 1996, p. 52).

sua cabeça, os negros são sempre inferiores, mas Whitechapel desafia essa lógica, a qual, de fato, ele não aceita, pois mesmo quando vê as qualidades de Whitechapel, arranja uma forma de desqualificá-las: "Devia eu explicar o que queria dizer? Não, a um escravo, não, por mais amável que ele seja." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 41).[139]

Além do episódio do estupro e da violência constante contra os escravos, o feitor também demonstra uma preocupação que era comum aos que exploravam os escravos e tiravam deles seu meio de sobrevivência: "Ele [Whitechapel] tem mais sangue no rebanho do Sr. Whitechapel do que há escravos sem parentesco uns com os outros. E se todos se voltassem contra nós?" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 49).[140] Ele refere-se a Whitechapel, suas 12 filhas e seus inúmeros netos e bisnetos. Sobre as revoltas de escravos, embora não fossem tão comuns, há muitos casos de escravos que reagiam contra suas condições através das conspirações e revoltas, pois estando em grupo havia maior chance de atingirem seus objetivos. Segundo Franklin e Moss (1989), a decisão para uma revolta, mesmo com grande probabilidade de morte, era para os escravos a "esperança de que terminasse, de uma vez por todas, a degradação da escravização humana." (p. 151). Sobre o desejo de liberdade, até mesmo uma canção religiosa foi feita, chamada "Desça, Moisés", que se apropria da história bíblica de Moisés e da libertação do povo de Israel, e fala da escravidão: "Não mais trabalhareis em servidão, / Deixa ir o meu povo /Deixe-os sair com o despojo do Egito, / deixa ir o meu povo." (GATES e MCKAY, 1997, p. 14).[141] A canção trata diretamente da escravidão, e obviamente não se referia à escravidão no Egito, tanto que "O estudioso e poeta Sterling A. Brown observou em 1953 que essa canção era tão direta em seu protesto que foi proibida em muitas plantações de escravos." (GATES e MCKAY, 1997, p. 14).[142] É notável que a canção fale da liberdade do povo negro americano escravizado, e talvez a revolta fosse seu meio, seu "Moisés", o que os conduziria à liberdade.

A maioria das conspirações não era concluída, pois os escravos acabavam sendo delatados, na maioria das vezes, por outros escravos negros que esperavam, com a delação, conseguir favores de seus donos: "A maioria das tramas e conspirações eram descobertas ou desmanteladas nas fases iniciais do planejamento." (FRANKLIN e

---

[139] Should I explain my meaning? No, not to a slave, however amiable. (*T.L.M.*, 1996, p. 38).
[140] He has more blood in Mr Whitechapel's stock of slaves than there are slaves unrelated to each other. What if they turned against us all? (*T.L.M.*, 1996, p. 45).
[141] No more shall they in bondage toil,/ Let my people go;/ Let them come out with Egypt's spoil,/ Let my people go.
[142] The scholar and poet Sterling A. Brown observed in 1953 that this song was so direct in its protest that it was banned on many slave plantations.

SCHWENINGER, 1999, p. 15)[143]. Porém a mera possibilidade de uma conspiração inspirava terror nos plantadores, pois os brancos estavam em menor número em suas fazendas. O medo era tamanho, que muitos historiadores acreditam que "Provavelmente havia tantas conspirações reais quanto conspirações imaginadas." (FRANKLIN e SCHWENINGER, 1999, p. 13)[144]. Porém, grandes conspirações ocorreram, e talvez a primeira delas mais significativa tenha sido a de Gabriel Prosser, em 1800, na Virgínia. Na ocasião, conseguiram juntar cerca de 1000 escravos, mas, delatados por dois escravos, foram derrotados e 35 foram mortos. O líder, Gabriel, se recusou a dar informações e foi executado, também (FRANKLIN e MOSS, 1989). Essa revolta causou medo nos estados sulistas, em especial na Carolina do Norte, onde "muitos escravos foram açoitados, marcados a ferro e tosquiados e pelo menos 15 foram enforcados por suposta implicação nas conspirações." (FRANKLIN e MOSS, 1989, p. 152).

As grandes revoltas que ocorriam nas Antilhas acabaram inspirando os escravos e negros livres norte-americanos e, em 1822, a conspiração do ex-escravo Denmark Vesey aterrorizou os fazendeiros da Carolina do Sul. Vesey era um negro livre, mas que pensava na liberdade para todos os negros, por isso planejou sua insurreição por anos, tendo até mesmo procurado ajuda no Haiti, para onde pretendia levar os fugitivos. O objetivo da revolta era atacar a cidade de Charleston, mas seus planos deram errado quando foram descobertos, e Vesey adiou a revolta. Muitos negros não receberam a informação do adiamento e atacaram Charleston, sendo presos, julgados e condenados. Segundo Franklin e Moss (1989), "Até mesmo quatro brancos foram multados e presos por encorajarem os negros em sua ação. As estimativas sobre o número dos negros envolvidos na conspiração elevava-se a 9.000." (p. 153). Sem dúvida, a mais famosa insurreição escrava nos Estados Unidos foi a de Nat Turner, em 1831, na Virgínia, pois ela se concretizou e conseguiu a morte de mais de 60 brancos. Turner era um escravo pastor, bastante místico, que acreditava ter sido escolhido para livrar seu povo da escravidão:

> Na manhã de 22 de agosto, armado com um machado, Turner entrou primeiro no quarto do seu mestre, matando ele, sua esposa, e três outros na casa. Depois disso, ele e seus seguidores percorreram o campo e, em questão de horas, massacraram sistematicamente os

[143] Most plots and conspiracies were either discovered or collapsed in the early stages of planning.
[144] there were probably as many actual plots as imagined plots.

> brancos. Mais tarde, lembrou-se: "A destruição geral da propriedade e a busca de dinheiro e munição, sempre sucederam aos assassinatos." Com a chegada das tropas estaduais e federais, mais de cem escravos, muitos deles inocentes, foram abatidos. Em um julgamento, treze escravos e três negros livres foram condenados e enforcados. Turner, que conseguiu escapar, foi capturado várias semanas depois e também enforcado. (MEIER e RUDWICK, 1970, p. 68).[145]

Essa insurreição certamente assustou o Sul, que exagerou nos seus feitos, pois havia grande pânico diante de revoltas escravistas. Por isso, puniam severamente os participantes de conspirações e insurreições, tentando inibir a busca pela liberdade dos escravos. Sobre essa revolta, há um romance de 1967 de William Styron, que ganhou o Pullitzer prize, chamado *The Confessions of Nat Turner*, cujo narrador é o próprio Nat Turner. (STYRON, 1985). Mas o romance recebeu críticas negativas de afro-americanos, por retratar Nat Turner como um tanto covarde, com desejos sexuais de estuprar mulheres brancas. Para a crítica parece que as características de líder, revolucionário e combatente são minimizadas diante de um homem meio bestial, descontrolado e fraco. Obviamente, dada a importância histórica de Nat Turner como um dos mais destemidos líderes revolucionários da escravidão, essa imagem não agradaria aos afro-americanos (CLARK, 1987). Há mérito na obra, porém, na medida em que traz à baila uma rebelião extremamente importante para a cultura negra norte-americana.

Além do medo das rebeliões, os feitores e donos de escravos temiam também a violência direta do escravo. Os maus tratos diários e os castigos fortaleciam o sentimento de revolta dos escravos, que, frequentemente, convergia para violência contra o feitor ou o dono. Eram variados os motivos para que essa violência surgisse, mas, segundo Franklin e Schweninger (1999), os mais comuns eram: quando eram castigados ou viam algum parente ser castigado, ao serem vendidos ou verem entes queridos o serem, por fome e revolta por essa condição, por humilhações em geral, pela inconformidade de seu status. Os atos de violência individualizados eram mais comuns contra os feitores do que contra seus donos, pois, na maioria das vezes, eram os feitores os responsáveis pelos castigos diários na *plantation* e costumavam, também, ser mais

[145] On the morning of August 22, armed with an ax, Turner first entered his master's bedroom, slaying him, his wife, and three others in the household. Thereupon, he and his followers roamed the countryside, and within a matter of hours, systematically massacred the whites. He later recollected: "A general destruction of property and search for money and ammunition, always succeeded the murders." With the arrival of state and federal troops, more than 100 slaves, many of them innocent, were slaughtered. At a court trial, thirteen slaves and three free blacks were convicted and hanged. Turner, who managed to escape, was captured several weeks later and also hanged.

violentos que os donos. Mas nem sempre os escravos apelavam para a violência. Por vezes, tentavam minar a confiança que o dono tinha no feitor, provocando sua demissão: "Em algumas plantações, os escravos tentavam minar a autoridade do feitor de maneiras sutis e furtivas, enquanto em outras o criticavam abertamente, reclamando ao dono sobre castigos severos ou injustos." (FRANKLIN e SCHWENINGER, 1999, p. 9)[146]. Em outras circunstâncias, era comum que os feitores se sentissem ameaçados pelos escravos: "Em algumas plantações, os feitores tinham medo de castigar os escravos." (p. 9)[147], ou fossem expulsos da fazenda por eles: "em muitos casos, os capatazes eram expulsos das plantações por escravos irados." (FRANKLIN e MOSS, 1989, p. 138), após muitos castigos cruéis, o que levava os fazendeiros a terem que contratar um novo feitor a cada nova safra.

Havia, ainda, a violência que ocorria contra o dono da *plantation*, embora esta fosse mais incomum, pois os escravos sabiam que isso poderia lhes levar à pena de morte. Em alguns casos, os escravos planejavam o assassinato de seu dono, e usavam venenos ou mesmo vidro moído para matá-los, como informam Franklin e Moss (1989): "o envenenamento era sempre temido, e, talvez, alguns plantadores sentissem real necessidade de um provador oficial." (p. 150). Mas, a maioria dos assassinatos ou tentativas de assassinatos de escravos contra seus donos ocorria de forma espontânea, como resposta a algum castigo. A maioria não possuía armas de fogo, embora às vezes as roubassem de seus donos, o que levava a maioria dos crimes a serem cometidos com o uso de facas, machados, pás, machadinhas, enxadas, porretes ou mesmo com as próprias mãos, por estrangulamento. Ao estudar jornais da época, cartas, petições e diários, Franklin e Schweninger (1999) relataram vários casos de crimes contra plantadores cometidos por seus escravos:

> Durante a década de 1850 no condado de Greene, Geórgia, quatro escravos e duas escravas foram julgados por assassinar seus proprietários ou outros brancos. Entre eles estava um homem que estivera escondido na floresta por vários meses e tinha acabado de ser trazido quando de repente ele se voltou para seu mestre, pegou uma faca e o esfaqueou quinze vezes; o mestre expirou quase imediatamente. Outros escravos, quer antes quer depois de fugirem, reagiram de forma semelhante. Um homem de Maryland cortou profundamente seu mestre em cada braço antes de fugir. Outro sacou

[146] On some plantations, slaves attempted to undermine the overseer's authority in subtle and surreptitious ways, while on others they criticized him openly, complaining to the owner about harsh or unfair punishment.
[147] On a few plantations, overseers were even afraid to chastise slaves.

> uma faca contra a esposa e a criança de seu proprietário "ameaçando tirar suas vidas após o que ele que fugiu." Em uma luta de faca entre um fazendeiro do Tennessee e um "rapaz preto grande" nomeado Sam, foi o escravo quem levou a pior . Ele foi "esfaqueado no momento em que fugia." Estes e outros casos sugerem um desafio notável por parte de alguns fugitivos. (p. 78).[148]

Muitos donos e feitores eram extremamente cruéis com seus escravos, o que os levava a cometer alguma violência. Tal foi o caso de Northup, cujo dono Tibeats tratava os poucos escravos que alugava com extrema violência, além de nunca estar satisfeito com as tarefas realizadas em sua fazenda. Diante de diversas situações de injustiças e degradação, Northup, um dia, sob ameaça de ser açoitado sem razão alguma, toma o açoite das mãos de Tibeats e investe contra ele:

> Ele estava completamente em meu poder. Meu sangue estava fervendo. Parecia percorrer minhas veias como fogo. No frenesi de minha loucura, arrebatei o chicote de sua mão. Ele lutou com toda sua força; jurou que eu não viveria para ver outro dia; e que ele arrancaria meu coração. Mas sua luta e suas ameaças foram igualmente em vão. Não sei dizer quantas vezes eu o atingi. Golpe após golpe caíam rápidos e pesados em sua forma retorcida. Por fim, ele gritou - gritou assassino - e, finalmente, o tirano blasfemo pediu misericórdia a Deus. Mas aquele que nunca tinha demonstrado misericórdia não a recebeu. A haste rígida do chicote se curvou ao redor de seu corpo encolhido até meu braço direito doer. (2014, p.73).[149]

Os casos de violências concretizadas individualmente ocorriam mais quando os escravos decidiam fugir, pois a decisão para a fuga já ocorria, normalmente, por algum mal infligido ao escravo que o deixava com mais raiva do que o que sentia diariamente. Diversas eram as punições por atos de violência contra o dono ou o feitor, como apontam Franklin e Schweninger (1999):

---

[148] During the 1850s in Greene County, Georgia, four bondsmen and two bondswomen were tried for murdering their owners or other whites. Among them was a man who had been hiding in the woods for several months and had just been brought in when he suddenly turned on his master, grabbed a knife, and stabbed him fifteen times; the master expired almost immediately. Other slaves, either before or after they ran off, reacted in a similar manner. One Maryland man severely slashed his master on each arm before running away. Another drew a knife on his owner's wife and child "threatening to take away their lives after which he ran away." In a knife fight between a Tennessee farmer and the "large black fellow" named Sam, it was the slave who fared the worse. He was "stabbed with a knife about the time he ran away." These and other cases suggest a remarkable defiance by some runaways.

[149] He was completely in my power. My blood was up. It seemed to course through my veins like fire. In the frenzy of my madness I snatched the whip from his hand. He struggled with all his power; swore that I should not live to see another day; and that he would tear out my heart. But his struggles and his threats were alike in vain. I cannot tell how many times I struck him. Blow after blow fell fast and heavy upon his wriggling form. At length he screamed—cried murder—and at last the blasphemous tyrant called on God for mercy. But he who had never shown mercy did not receive it. The stiff stock of the whip warped round his cringing body until my right arm ached.

> Eles eram chicoteados, espancados, cortados, marcados e às vezes torturados. Eram vendidos para longe de suas famílias ou assistiam a seus filhos serem entregues aos comerciantes de escravos. Aqueles que eram considerados culpados ou às vezes simplesmente acusados de "crimes" sérios — incêndio, agressão, estupro, tentativa de assassinato, conspiração, envenenamento – eram banidos ou enforcados. (p. 16).[150]

Assim, como a fuga implicaria sua caça, possível captura com grandes castigos ou mesmo morte, os escravos vingavam-se do dono ou feitor antes de escaparem da fazenda.

Era comum que os fazendeiros temessem a rebelião dos escravos, ou a sua violência individual ou conjunta, pois eram em número maior e, caso se unissem, poderiam facilmente matar seus donos e feitores. Por isso, a estratégia era dividi-los, para que não se revoltassem. Uma das estratégias era gerar discórdia entre os escravos, e é o que o feitor faz, quando um escravo foge. Pune todos os outros escravos, como forma de causar ressentimento contra o fugitivo: "Todos os privilégios foram retirados dos escravos, e ninguém pode deixar os alojamentos à noite. As noites são longas, os escravos são infelizes, e muitos maldizem o dia em que tal fugitivo nasceu." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 53)[151]. Agindo assim, os senhores de escravos e feitores conseguiam desunir o grupo, o que impedia que planejassem revoltas. Além disso, os fugitivos costumavam provocar admiração nos demais escravos, e até mesmo canções foram feitas para quem tinha a coragem de escapar da escravidão, como a música "Run, Nigger, Run":

> Corre, negro, corre; o feitor vai te pegar
> Corre, negro, corre, é quase dia
> Corre, negro, corre, o feitor vai te pegar
> Corre, negro, corre e tenta fugir
>
> Esse negro corre, corre o mais que pode
> Enfiou a cabeça em um vespeiro
> Saltou a cerca e correu através do pasto
> O homem branco corre, mas o preto corre mais rápido

[150] They were whipped, beaten, cropped, branded, and sometimes tortured. They were sold away from their families or watched as their children were turned over to slave traders. Those found guilty or sometimes merely accused of serious "crimes"- arson, assault, rape, attempted murder, conspiracy, poisoning- were banished or hanged.

[151] All privileges have been withdrawn from the slaves and no one is allowed out of their quarters at night. The nights are long, the slaves are miserable and many of them curse the day that runaway was born. (*T.L.M.*, 1996, p. 50).

(GATES e MCKAY, 1997, p. 40).[152]

A canção descreve a fuga das patrulhas e a dificuldade da fuga, mas, a despeito disso, enfatiza a velocidade do escravo diante de seus captores, ou seja, enaltece o homem negro, que consegue enganar o branco. A maioria dos fugitivos eram homens jovens. A fuga das mulheres ocorria em menor número, pois a maioria tinha filhos e não estava disposta a se separar deles, e a fuga com crianças era bastante complicada, embora ocorresse de mães com vários filhos fugirem, como relatam Franklin e Schweninger (1999): "Pleasants levou seus quatro filhos - Billey, Catey, Joe e James - quando ela partiu." (p.63)[153], e até mulheres no estágio final da gravidez: "Nancy tinha sete ou oito meses de gravidez e estava mancando por causa de um dedo do pé machucado quando fugiu em 1834, pouco antes do Natal." (p. 64).[154] Carregar um bebê durante uma fuga não era tarefa fácil, mas o número de escravas que o faziam evidencia que a escravidão deveria ser tarefa pior ainda. Embora não fosse comum, há relatos de mães escravas que preferiam matar seus filhos a vê-los vendidos, sabendo que seriam para sempre escravos. Um desses relatos nos é contado por Gilroy (2012): a escrava Margaret Garner fugiu com o marido, quatro filhos e outros escravos em 1856, em Ohio, mas logo foram descobertos e Margaret, antes de ser presa, matou uma das filhas e tentou matar os demais filhos, para que não fossem reescravizados, porém sem sucesso. A escritora norte americana Toni Morrison se baseou, em partes, nesta história real para criar seu romance *Amada*, em que a personagem Sethe, escrava que fugira da fazenda "Sweet Plantation", ao ver-se diante de seu antigo senhor que viera capturá-la e a seus filhos, mata uma das filhas (embora tencionasse matar todas as crianças, como Margaret Garner) para evitar que voltasse à escravidão. O romance de Morrison tem uma carga dramática bastante grande, pois lida com a culpa que Sethe carrega pelo infanticídio, junto com suas memórias dos horrores passados na "Sweet Plantation", fazenda nem um pouco "doce", onde era escrava (MORRISON, 1987).

Havia grande dificuldade em uma fuga bem-sucedida, e muitos escravos apenas sonhavam com isso. Esse "sonho" pode ser bem descrito na história mítica chamada "All God's Chillen Had Wings", uma espécie de conto popular, folclórico, cuja autoria

---

[152] Run, nigger, run; de patter-roller catch you/ Run, nigger, run, it's almost day/ Run, nigger, run, de patter-roller catch you/ Run, nigger, run, and try to get away// Dis nigger run, he run his best/ Stuck his head in a hornet's nest/ Jumped de fence and run fru the paster/ White man run, but nigger run faster

[153] Pleasants took with her four children- Billey, Catey, Joe and James- when she set out.

[154] Nancy was seven or eight months pregnant and was limping because of a sore toe when she ran away in 1834, shortly before Christmas.

é desconhecida e narra a história de uma jovem escrava que amamentava seu bebê na *plantation*, mas apanhava do feitor por estar fraca e doente para trabalhar, até que ela adquire asas e voa aos céus com seu bebê. O mesmo ocorre com outros escravos na *plantation*, sem que o feitor ou o dono possam fazer nada. O desejo de "voar", contido na história, é metáfora do desejo de fuga, de escapar da dura vida nas *plantations*. (GATES e MCKAY, 1997, p. 105-107).

No caso de fugas, jogar os escravos uns contra os outros era um bom método para fazer com que outras fugas não mais acontecessem. Quando o fugitivo retorna, na fazenda Whitechapel, o feitor o castiga como acha conveniente:

> Levou duzentas chibatadas. Eu dei a metade, meu substituto o resto. As costas ficaram em carne viva. Teve de ser revivido duas vezes de um desmaio mortal. Todos estavam presentes e pareceram convenientemente apavorados e desencorajados de imitá-lo. O Sr. Whitechapel fez um emocionante discurso sobre clemência e lealdade. Fez os escravos prometerem pôr fim às tentativas de fuga, que em troca ele restaurava os privilégios imediatamente. As comemorações entraram bem noite adentro. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 54).[155]

O castigo dado ao fugitivo, além de assustar os demais escravos, que desistiriam de fugir temendo o castigo severo caso fossem pegos, também servia para evidenciar aos escravos que a fuga era a causa de terem seus privilégios cortados, o que os levava a se ressentirem que quem tentava tal empreitada. A desunião do grupo fazia com que os fazendeiros se sentissem mais tranquilos. Após as 200 chibatadas, o escravo fica febril e morre: "O Sr. Whitechapel perguntou se os ferimentos é que tinham causado a morte. Eu disse que não. Ao que parece, Whitechapel ultimamente passou de escravo a médico, e disse que não foi a febre, mas a chibata, que matou o fugitivo." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 54).[156] Aqui, notamos que a morte do filho de Whitechapel, anos depois, não havia sido a primeira na fazenda a ser causada pelo castigo excessivo da chibata. Portanto, era de se supor que o sr. Whitechapel, bem como Sanders Filho soubessem que tal severidade, a de aplicar 200 chibatadas, causaria, certamente, a morte do rapaz. Isso, porém, não impede que Sanders Filho o chicoteie até a morte, como fizera seu pai anos antes.

---

[155] He got 200 lashes. I administered half, my second the rest. His back was raw. He had to be revived twice from a dead faint. All were present and seemed suitably appalled and discouraged from imitating him. Mr Whitechapel gave a rousing speech about leniency and loyalty. He got the slaves to promise and end to further attempts at escape, in return he restored their privileges right away. There was celebration well into the night. (*T.L.M.*, 1996, p. 50).

[156] Mr Whitechapel enquired whether it was his wounds that caused his death. I said no. Apparently Whitechapel, lately changed from slave to Physician, had said, not fever. But the whip killed the runaway. (*T.L.M.*, 1996, p. 51).

O diário do feitor Sanders Pai termina com sua narração acerca do fato de o dono da fazenda tê-lo obrigado a se casar, para, assim manter as aparências na fazenda, bem como a dignidade do escravo Whitechapel, pois havia rumores sobre o feitor e a cozinheira: "Whitechapel estava perturbado. A cozinheira, abatida. Sua opinião era que, quanto mais cedo eu me casasse, melhor para todos, senão minha condição de não casado seria entendida como me mantendo dependente da cozinheira para outros favores sexuais." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 56)[157], o que nos leva a compreender que, de fato, na fazenda Whitechapel, o tratamento dado aos escravos era minimamente humano, o que se diferia da imensa maioria das *plantations*, que apenas se preocupavam com sua produtividade, sem nenhum cuidado com o bem-estar do escravo. O feitor atende à ordem, pois sabe que se não o fizesse, jamais conseguiria trabalho como feitor em outra fazenda. Assim, a história do feitor Sanders Pai é contada, e o leitor consegue compreender como se deu a concepção do jovem escravo que morreria, anos depois, pelas mãos de seu próprio meio-irmão.

4.5 A MEMÓRIA DA COZINHEIRA

Dois capítulos do romance serão narrados pela cozinheira, cujo nome não é dito em nenhum momento. O capítulo 4, que vem logo após o capítulo com os diários do feitor, é a narração autodiegética da cozinheira sobre o estupro do feitor, bem como o modo como agiu Whitechapel com ela, antes, ao cortejá-la e depois do estupro, aceitando seu filho como dele. O capítulo 8 é onde ela narra seu amor pelo filho e pelo marido, e relata como descobriu que a filha do patrão havia ensinado seu filho a ler e a escrever. Como a voz narrativa é a mesma, ambos serão analisados juntos.

Já vimos como o feitor descreveu que a cozinheira dizia ter 15 anos, embora ele tentasse negar isso, alegando que ela tivesse mais de 22, o que, a seu ver, justificava seu desejo e o estupro da moça. Na narração dela, não é possível saber sua idade, apenas o fato de que Whitechapel era muito mais velho que ela, conforme ela conta: "Que era que aquele velho queria comigo, senão me deixar viúva aos vinte e cinco anos?" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 59)[158]. Porém, o fato de Whitechapel ser muito mais velho não

[157] Whitechapel was distracted. Cook despondent. His view was that the sooner I was married the better for all, otherwise my unmarried state would be misconstrued as a dependence on the cook for further sexual favours. (*T.L.M.*, 1996, p. 53).
[158] What did this old man want with me but to make me a widow at twenty-five. (*T.L.M.*, 1996, p. 54).

impedirá que a cozinheira se apaixone por ele, aceitando seu pedido de casamento: "Todas as palavras que me disse, durante suas visitas à casa do Sr. Sanders para me ver, se tornaram verdade. Ele prometeu defender minha honra, me amar, me manter a seu lado." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 60).[159], o que se contrasta com o modo como o feitor, um branco, a trata.

Quando ela é estuprada pelo feitor, tem desejo de suicidar-se: "Depois que ele botou as mãos em cima de mim, eu queria morrer. Pensei em ir até o rio, de margens inundadas, e me jogar naquela forte correnteza." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 59)[160], porém, amando Whitechapel, casa-se com ele e nada conta. Contudo, quando o feitor a estupra novamente, ela sabe que precisa contar: "Da segunda vez eu tinha de contar a alguém, senão certamente morria. Não tinha ninguém para contar, a não ser meu marido." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 59)[161], e então temos a informação do quanto Whitechapel era bem visto pelo seu dono, pois, conforme ela relata, conseguiu fazer com que o sr. Whitechapel punisse o feitor pelo estupro: "O senhor o respeita. Vejo isso sempre que eles se encontram. Meu Whitechapel fez aquele cachorro pedir desculpas. E, para garantir que jamais voltasse a acontecer, fez com que se casasse. Meu Whitechapel fez tudo isso." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 59)[162]. A maioria dos escravos do eito não conseguia aproximação grande com seus donos, como vimos, pois, isso era mais comum com os escravos da casa, que, muitas vezes, podiam até se tornar confidentes de seus donos. Mas, Whitechapel parece gozar da mesma consideração que os escravos da casa, talvez até mais, pois recebeu o nome de seu dono, uma "graça" pouquíssimas vezes concedida. Percebe-se, então, por que Whitechapel considerava que um escravo obediente poderia ter uma vida boa e receber graças de seu patrão. Ele tivera essa experiência quando conseguira que o feitor fosse punido por ter estuprado sua esposa. A seu ver, essa era uma graça recebida apenas pelos escravos mais leais, aqueles que tratavam com bondade o patrão e dele recebiam a mesma coisa.

Assim, vemos que a cozinheira descreve seu marido como um homem diferenciado, não só por ser respeitado por seu dono, mas também, e, principalmente,

---

[159] Every word he said to me during his visits to Mr Sanders's to see me have come true. He promised to defend my honor, to love me, to keep me by his side. (*T.L.M.*, 1996, p. 55).
[160] After he laid his hands on me I wanted to die. I planned to find a way to the river whose banks were swollen and hurl myself into its currents. (*T.L.M.*, 1996, p. 54).
[161] The second time I had to tell someone or surely die. There was no one to tell but my husband. (*T.L.M.*, 1996, p. 54).
[162] His master respects him. I see it whenever they meet. My Whitechapel got that hound of an overseer fined. Fined. He made him apologize. And to make sure it never recurred he got him married. My Whitechapel did all that. (*T.L.M.*, 1996, p. 54).

por tê-la aceitado mesmo tendo ela sido estuprada e estar grávida deste estupro: "Um filho de outro homem. Uma esposa pura que não era mais pura. Qualquer outro homem teria me expulsado. Ele não é um homem comum." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 59)[163]. Whitechapel continua casado com ela, mesmo ao saber que ela fora estuprada pelo feitor, o que se constituía algo raro na época, em que as mulheres, quando tinha alguma relação sexual fora do casamento eram consideradas impuras, mesmo que tivessem sido vítimas de estupro: "Aos olhos de outro homem, o fato de Sanders ter posto as mãos em mim seria um sinal de minha ruína. Com Whitechapel não. Outro homem teria visto minha gravidez com a semente forçada de Sanders como causa adequada para me abandonar." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 59)[164]. O fato de Whitechapel ter aceitado seu filho como dele "Trata meu primogênito como dele." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 60)[165] é prova de que a ama, de que possui caráter elevado "Eu o tenho visto como esse Sanders. Meu Whitechapel é duas vezes mais cavalheiro." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 60)[166], evidenciando como os escravos, embora tratados como inferiores, só assim o eram para justificar o desejo capitalista dos senhores de escravos, que queriam enriquecer o mais que pudessem, e a exploração da mão-de-obra escrava era um dos meios empregados para esse fim. Whitechapel é bondoso e nobre e, como observado pelo próprio feitor, parecido demais com eles, brancos, pois, de fato, nada havia que os diferenciasse, exceto a ordem escravocrata em vigor na época. O contraste entre os dois homens fica evidente na narração da cozinheira: enquanto Whitechapel é nobre, leal e bondoso, o feitor é um estuprador, violento e irascível, numa inversão irônica do que pensavam os escravistas sobre si mesmos e sobre os escravos.

Trabalhando como cozinheira na casa grande, ela um dia descobre que Lydia, a filha do patrão, está ensinando seu filho a ler e a escrever: "Inclino a cabeça um pouquinho para a esquerda e vejo que ele está sentado defronte dela, com um livro nas mãos, lendo. Chapel, lendo. Chapel falando, não de memória, mas catando as palavras de um livro com os olhos. Meu Chapel." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 86)[167]. Diante dessa

---

[163] A child not his. A pure wife no longer pure. Any other man would have thrown me away. He is no ordinary man. (*T.L.M.*, 1996, p. 54).

[164] In another man's eyes Sanders laying his hands on me would have been a sign of my ruin. Not Whitechapel's. Another man would have seen my pregnancy with Sanders's forced seed as adequate cause to abandon me. (*T.L.M.*, 1996, p. 55).

[165] He treats my first boy as his own. (*T.L.M.*, 1996, p. 55).

[166] I've seen him with that Sanders. My Whitechapel is twice the gentleman. (*T.L.M.*, 1996, p. 55).

[167] I tilt my head a fraction to the left and see that he is sitting opposite her, with a book in his hands, Reading. Chapel, reading. Chapel speaking, not from memory but lifting words from a book with his eyes. My Chapel. (*T.L.M.*, 1996, p. 84).

descoberta, é notável a reação dela, pois então era proibido aos escravos que fossem alfabetizados, sob pena de castigos severos:

> Tenho de cobrir a boca para prender um grito que me abre os lábios. Recuo da porta nas pontas dos pés, de volta ao meu lugar na cozinha. Não ouço nada além de minha respiração pesada. Um som de gorgolejo e engasgo sufoca minha respiração, e percebo que estou olhando fixo a panela de ensopado de carne destampada no fogo. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 86).[168]

A surpresa da cozinheira se dá por dois motivos: por ser a filha do patrão a ensinar seu filho, e por ver que ele consegue fazer algo que, na época, só os senhores faziam: "Meu filho sabe abrir um livro e falar como o senhor." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 87)[169], o que era quase inacreditável para ela. Por isso, seu sentimento diante dessa descoberta será um misto de apreensão e orgulho. Sente orgulho de que o filho seja capaz de fazer algo que, então, era destinado apenas aos brancos, mas receio de que o marido saiba, e já imagina o que ele diria ao filho: "Ia dizer a meu filho que ele não pode ler- que livros e escravos não combinam. Ia mostrar sua gloriosa vida como exemplo do escravo que fez tudo que é certo para sobreviver e conquistar o respeito do senhor e do feitor." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 88)[170]. Sabendo como o marido pensa, ela sente que não deve lhe contar este segredo. Embora o respeite e admire a consideração que o patrão tem com ele, ela decide que não pode tirar isso do filho: "Já ouço você, meu marido. Tem a voz forte e clara, mas sem a força e a clareza da de meu filho quando cata uma palavra atrás da outra nas páginas de um livro. O que ouvi não deve ser tirado dele." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 88)[171]. Assim é que a cozinheira decide não contar o segredo do filho Chapel ao marido, e quando o menino morrer, Whitechapel não saberá da forte ligação dele com Lydia, que lhe alfabetizara, alimentando ainda mais o seu desejo por liberdade e igualdade.

---

[168] I have to cover my mouth to catch the scream that parts my lips. I back away from the door on my toes. My son's voice fades. Then I turn and run, still on my toes, back to my station in the kitchen. I hear nothing except my heavy breathing. A gurgling and spluttering sound drowns my breathing and I realize I am staring into the open pot of beef stew on the fire. (*T.L.M.*, 1996, p. 84).

[169] My son can open a book and sound like the master. (*T.L.M.*, 1996, p. 85).

[170] You would tell my son that he cannot read- that books and slaves do not agree. You would hold up your glorious life as an example of the slave who has done all the proper things to survive and earn the respect of the master and overseer. (*T.L.M.*, 1996, p. 86).

[171] I can hear you, my husband. Your voice is strong and clear but without the strength and clarity of the voice of my son as he lifts word after word from the pages of a book. What I heard must not be taken from him. (*T.L.M.*, 1996, p. 86).

4.6 A MEMÓRIA DE CHAPEL

O capítulo 5 é intitulado "Chapel" e nele o jovem escravo, morto com as 200 chibatadas do feitor Sanders Filho, mostra sua inclinação poética, pois o capítulo é um poema narrativo escrito por ele, em que fala acerca de sua vida como escravo, embora não se nomeie. Apenas o título do capítulo indica sua autoria. O poema de Chapel dá indícios de que o jovem considerado indisciplinado e rebelde por seu pai e seu dono é, na verdade, um artista em busca de liberdade, um filho amoroso que admirava seus pais, mas conseguia ter desejos e vontades próprias, diferentemente da maioria dos escravos que preferia não demonstrar iniciativas para não sofrer sanções. O fato de D'Aguiar ter criado um personagem escravo que é um poeta funciona, também, como simbologia para a escrita como meio de busca por igualdade entre brancos e negros, como meio de evidenciar que a literatura pode ser a "chave" de libertação e de denúncia para a escravidão e seus legados.

O poema é composto por dísticos rimados, embora haja uma estrofe de 12 versos sem rimas no meio. Denota a inclinação poética de um jovem escravo que aprendera a ler e a escrever de modo informal, como veremos. O conteúdo é sua reflexão acerca da vida de escravo. Inicialmente, percebemos, porém, como a visão estereotipada acerca da cor negra se faz presente nas ideias de Chapel: "Minha mãe é um anjo sem asas,/ Caída da graça, o sol sapecou sua pele.// Mas é bela por dentro; uma luz pura/ Irradia-se dela; embora negra, tem a alma branca." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 61)[172]. Era comum que os escravos fossem ensinados de sua inferioridade em função de sua cor, e Chapel, apesar de conseguir ler e escrever e desenvolver ideais de liberdade, parece não escapar dessa ideologia introduzida entre os escravos para aceitarem sua inferioridade racial. Apesar disso, Chapel demonstra amor e respeito pelos pais, em especial pelo pai, o "homem mais velho do mundo" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 61)[173], que lhe supervisionava os banhos, lhe mostrava a vara de bétula, mas nunca a usara nele. Entretanto, analisa como outros escravos recebiam chibatadas constantemente e compreende a razão:

> Falo da chibata porque eu via
> As crianças em carne viva das chibatadas

[172] My mother is an angel without wings,/ Fallen from grace, the sun smoked her skin.// But she is lovely within; a pure light/ Radiates from her; Though black, her soul is white. (*T.L.M.*, 1996, p. 56).
[173] The oldest man in the world. (*T.L.M.*, 1996, p. 56).

> De pais e outros adultos que não tinham
> Qualquer relação com elas, mas achavam por bem despejar
>
> Chibatadas num espírito jovem para servir de lição
> Para a vida posterior; para ensinar ao escravo o seu lugar;
>
> Surras que faziam os rostos das crianças passarem da alegria
> Para uma pétrea obediência, em toda a minha volta.
> (*A.M.R.L.*, 1997, p. 62)[174]

Chapel entende que a chibata seja o meio usado para assustar os escravos desde crianças, fazê-los obedecer por medo, não por respeito. A pétrea obediência era conseguida através das surras constantes que faziam lembrar aos escravos que a rebeldia só trazia dor e sofrimento. Mas Whitechapel poupa seu filho da vara de bétula, no que Chapel analisa como uma imitação dos modos de seu dono: "Meu pai preferiu outro caminho, o da razão./ Deve ter pegado isso vendo o senhor com o filho dele:// Como tudo era se, ou e talvez,/E não é assim, e só assim." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 62)[175]. Dada a proximidade de Whitechapel com o dono da fazenda, Chapel entende que seu pai o imitava, poupando o filho dos castigos físicos. Chapel também relata como a mãe era amorosa, fazendo-lhes as vontades. Conta os dias passados na barra da saia da mãe na casa grande. Sendo filho da cozinheira e do escravo mais antigo e confiável da fazenda, Chapel cresce na casa grande, recebendo benefícios que outros escravos não recebiam, como não ir para o trabalho no campo e receber alimentos melhores. Trabalhar na lavoura não era o sonho de nenhum escravo, por isso muitos tentavam conseguir trabalhos dentro da casa do plantador, pois as vantagens eram inúmeras: o trabalho era menos pesado, havia menos horas de trabalho, mais chance para descanso, mais privilégios em termos de vestimentas, alimentação e ainda podiam "cair nas graças" de seu dono ou da patroa, o que diminuía a chance de receberem castigos. Os servos domésticos executavam funções como cozinhar, limpar, lavar, passar, cuidar da casa de modo geral, conduzir carruagens, cuidar do jardim. Muitas vezes, podiam viajar, acompanhando seus senhores como valetes ou damas de companhia. Como os sulistas orgulhavam-se de exibir cada vez mais um número alto de escravos, a posse de servos

---

[174] I go on about the whip because I saw/ The way some children had their skin whipped raw// By parents and other adults who bore/ No relation to them but saw it fit to pour// Lashes on a youthful spirit as a lesson/ For later life; to teach a slave his station;// Beatings that turned children's faces from glee/ To a Stony obedience, all around me. (*T.L.M.*, 1996, p. 57).

[175] My father chose another course, that of reason./ He must have got it from seeing the master with his son:// How everything was either, or and maybe,/ Not this is the way and this way only. (*T.L.M.*, 1996, p. 57).

domésticos servia como ostentação de sua riqueza, como observam Franklin e Moss, (1989) ao analisar diários de senhores de escravos:

> Em alguns desses casos, havia mais servos domésticos do que o necessário. Se um plantador podia apresentar um número considerável de servos domésticos, podia transmitir a impressão, frequentemente imprecisa, de que dispunha de grande afluência e vivia numa situação que beirava o luxo. Além do mais, os grupos dos servos domésticos costumavam perpetuar-se e até mesmo aumentar. Quando um escravo havia servido numa casa, a perspectiva de trabalhar no campo era encarada com relutância e ele resistia com todos os recursos à sua disposição. Os servos domésticos mostravam-se até ansiosos por trabalhar, para colocar os filhos numa situação mais desejável e casá-los com filhos de outros servos domésticos. O resultado era que o grupo aumentava em número além do necessário para a manutenção da casa do plantador médio. (p. 135).

Assim, mesmo na condição de ser escravo, ainda podia haver certa hierarquização, de acordo com os trabalhos executados. Porém, o que Chapel analisa como a maior vantagem de sua condição de escravo doméstico foi a alfabetização, propiciada pela filha do patrão, recebida às escondidas. Sua curiosidade pelos "objetos macios, retangulares" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 63)[176] que a menina segurava por horas aguça também o desejo da menina em partilhar seu conhecimento.

Aqui o leitor fica sabendo que a filha do patrão decide alfabetizá-lo, mesmo sabendo que isso era proibido para os escravos e como ele aceita, por querer, também, obter os conhecimentos que ela tem: "Se eu prometesse não dizer a vivalma./ Fez-me traçar uma cruz sobre o coração, e sobre um retângulo// Que chamava de Bíblia pressionou minha mão/ E disse jure por Deus." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 64)[177]. Assim, o mundo da leitura, proibido aos escravos para que não obtivessem conhecimento e assim começassem a se unir, associando-se para construir suas próprias instituições e se verem livres dos brancos, é mostrado a Chapel que, com seu espírito inconformado, diferente daquele a quem chamava de pai, se abre para tudo o que é negado aos seus pares:

> Perguntei a ela o que eu ia fazer sabendo ler e escrever
> Ela disse que eu era filho de escravos e era proibido
>
> Um escravo saber ler e escrever.
> Eu disse que era um grande desperdício de uma boa cabeça

[176] Soft, rectangular shapes. (*T.L.M.*, 1996, p. 59).
[177] If I promised not to tell a single soul./ She made me cross my heart and on a rectangle// She called The Bible, she pressed my hand,/ And said swear to God. (*T.L.M.*, 1996, p. 59).

> Ela me lembrou que eu tinha jurado
> Não dizer a vivalma. Eu a olhei ressentido.[178]
> (*A.M.R.L.*, 1997, p. 64-65)

Era contra a lei permitir que um escravo tivesse acesso a materiais educativos ou fosse ensinado a ler e escrever, mesmo que fosse dentro dos limites da *plantation*. (MEIER e RUDWICK, 1970), e os ofícios ensinados a eles como artesãos eram apenas aqueles que não exigiam que fossem alfabetizados, o que lhes vetava, por lei, a chance de trabalhar em serviços de imprensa (SEGAL, 1995). De acordo com Kulikoff, (1986), impedir a alfabetização era um meio de controle:

> Os escravos compreendiam o poder da alfabetização, e muitos provavelmente queriam ler e escrever, mas os brancos usavam seu monopólio sobre a leitura e a escrita para ajudar a controlar o comportamento negro, exigindo passes escritos para que os escravos viajassem sozinhos. (p. 396).[179]

Chapel entende que a proibição seja algo que restrinja o intelecto dos escravos, como o era de fato, pois sem a leitura e a escrita, os escravos se viam em dificuldades quando fugiam, por exemplo, sendo descobertos mais facilmente, por portarem passes falsos e não entender o que neles estava escrito, além de, quando livres, poucas atividades poderem realizar, sendo relegados aos serviços braçais mais difíceis que os brancos pobres não queriam. Sem a alfabetização, os escravos não tinham a chance de entender a injustiça da escravidão, a incoerência do discurso dos fazendeiros ou ainda conseguir articularem-se para criarem associações ou mesmo para revoltas. Esse era o objetivo quando se proibia a alfabetização dos escravos, que estivessem sempre alienados.

Todavia, a lei contra o ensino dos escravos não era cumprida propriamente, como prova o fato de Lydia ter ensinado Chapel a ler e a escrever. Não era incomum que seus próprios donos lhes ensinassem a ler e a escrever, como exemplificam Franklin e Moss (1989), ao analisar que os plantadores sulistas se incomodavam muito com a literatura abolicionista que circulava no sul, mas acabavam não se atentando para o fato

---

[178] I asked her to what use I could put reading and writing./ She said I was the son of slaves and it was forbidden// For a slave to know how to write and read./ I said it was a mighty waste of a good head.// She reminded me that I took a pledge/ Not to tell a soul. I watched her and felt grudge. (*T.L.M.*, 1996, p. 60).

[179] Slaves understood the power of literacy, and many probably wanted to read and write, but whites used their monopoly of reading and writing to help control black behavior, requiring written passes for slaves to travel alone.

que impedir os escravos de ler e escrever seria o mais eficaz método para a não propagação desta literatura:

> Realmente, alguns senhores ensinaram, eles mesmos, seus escravos. William Pease, do condado de Hardman, no Tennessee, foi ensinado por seus proprietários. Houve um caso estranho no qual um plantador ensinou seus escravos a soletrar e a ler, mas não a escrever. Um plantador do norte do Mississipi gabava-se de que todos os seus 20 escravos sabiam ler e compravam livros. O caso de Frederick Douglass, que foi ensinado por sua proprietária, é, talvez, o exemplo mais conhecido de um proprietário que ensinou um escravo. Em alguns casos, mesmo quando os senhores se opunham a seus escravos receberem instrução, os filhos dos senhores ensinavam escravos a ler e escrever. Há registro de arrendatários e até mesmo capatazes que deram instrução a escravos. (p. 145).

O caso de Frederick Douglass realmente chama a atenção, pois foi através de sua primeira dona que o jovem escravo teve consciência da importância da alfabetização. Isso o levou, mais tarde, a escrever uma autobiografia, *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave. Written by Himself* (1845), na qual denuncia os abusos de seu dono e não usa pseudônimos, mas fala dos nomes reais das figuras que passaram por sua vida. Como era um fugitivo, e vivia como homem livre, precisou se esconder na Inglaterra, pois despertou a ira de seu antigo dono e outros escravistas. (DOUGLASS, 2000).

Talvez os senhores de escravo não percebessem, claramente, a implicação da alfabetização na formação de um espírito combativo nos escravos, até por que, era comum que pensassem que os escravos não tinham capacidade intelectual para aprender. O que lhes importava era que a educação formal não lhes fosse acessível, pois isso equivaleria a igualar negros e brancos, por isso são raríssimos os casos de escravos que puderam frequentar alguma escola e também poucos casos de escolas que podiam receber negros livres. Também havia o fato de a educação, na visão de muitos donos, distrair o escravo de suas tarefas na *plantation*, como descreve Northup, ao falar da reação de seu dono ao fato de saber que ele estava escrevendo: "[...] se ele alguma vez me pegasse com um livro, ou com caneta e tinta, ele me daria cem chicotadas. Ele disse que queria que eu entendesse que ele comprou 'negros' para trabalhar e não para educar." (2014, p. 162).[180]

[180] […] if he ever caught me with a book, or with pen and ink, he would give me a hundred lashes. He said he wanted me to understand that he bought 'niggers' to work and not to educate.

Chapel relata como sua alfabetização secreta foi descoberta por seu dono, pai de Lydia e como foi castigado por isso, sendo obrigado a prometer nunca mais tentar tal empreitada, nunca mais ler ou escrever, sob ameaça de ser vendido para longe:

> Ele mandou Lydia sair.
> Tirou o cinto, fez sinal para que eu me curvasse e gritou.
>
> O risco é seu. Enquanto batia, falava. Não,
> Repito, não deixe nunca mais que eu o pegue lendo
>
> De novo. Se o fizer será mandado embora,
> Para um lugar distante onde os rapazes escravos
>
> Morrem de fome, trabalho árduo e chibata.
> Está ouvindo? Pelo seu pai e sua mãe.
> (*A.M.R.L.*, 1997, p. 65-66)[181]

A ameaça da separação da família era outra forma de os fazendeiros obterem a obediência e a passividade dos escravos. O medo de nunca mais ver os familiares e ir para uma fazenda onde o feitor e o dono eram mais cruéis fazia com que os escravos desistissem de suas rebeldias. Assim, Chapel evidencia em seu poema como teve de demonstrar submissão, para acalmar seu dono e impedir que castigos mais terríveis lhe fossem aplicados:

> Sim, meu senhor.
> Desculpe.
> Obrigado
> Por me poupar.
> Eu prometo
> Jamais ler
> E escrever de novo.
> Obrigado.
> Eu sou ingrato;
> Um desgraçado,
> Que merece
> Ser escravo.
> (*A.M.R.L.*, 1997, p. 66)[182]

[181] He ordered Lydia out./ He drew his belt, signalled me to bend and shout// At my peril. As he lashed, he spoke. Do not,/ I repeat, do not let me ever catch you reading// Again. If you do you will be sent away,/ Far away to a place slave boys// Die of hunger, hard work and the whip./ Do you hear? For your father's and mother's sake (*T.L.M.*, 1996, p. 61).

[182] Yes master./ I am sorry./ Thank you/ For sparing me./ I promise/ Never to read/ And write again./ Thank you./ I am ungrateful;/ A wretch,/ Who deserves/ To be a slave. (*T.L.M.*, 1996, p. 62).

Porém, Chapel já tinha seus sentidos aguçados pela ideia de que a alfabetização podia lhe abrir novas portas, sentia-se curioso e sedento de obter mais e mais conhecimento. Temendo desobedecer seu dono, encontra-se com Lydia às escondidas, à noite, ocasião em que não mais lê, apenas memoriza o que Lydia lhe declama, ficando de costas para ela, pois assim não estaria olhando-a nem lendo, como o patrão proibira: "Conversamos. Recitamos de memória:/ O que ela lembra dos livros para mim,// O que eu escrevi na cabeça para ela,/ De costas um para o outro, no escuro, a essa hora." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 67).[183]

Chapel relembra, ainda, dos conselhos recebidos pelo pai, que via a escravidão de forma diferente. Passivo, o pai acreditava que o conhecimento só podia levar o escravo ao desastre, aos castigos e a uma vida mais difícil. A contestação não era para eles, mas a obediência:

> A escuridão, insiste meu pai, ancora, se
> Convidada, no porto de uma vida ociosa.
>
> A escuridão, eu contesto, lança uma âncora que os escravos
> Herdam do berço à sepultura
>
> É um navio voltado para uma só vista;
> Sua âncora se enferruja em nós; é hora de recolhê-la.
>
> Ele disse que minha visão transformaria meu leito de palha
> Numa cama de urtigas com dentes de serra,
>
> E eu ainda teria de deitar nela toda noite
> Tendo a escuridão como esposa, se não desistisse.
>
> Tinha razão, eu disse, era só ver aonde isso o levara.
> No segundo em que as palavras saíram, eu já me arrependia.
> (*A.M.R.L.*, 1997, p. 67)[184]

A linguagem metafórica usada por Chapel e por seu pai evidencia como ambos viam de forma diferente a escravidão: enquanto o pai acredita que a rebeldia e o conhecimento trariam desgraça o escravo, Chapel acha que a ignorância e a passividade

---

[183] We talk. We speak from memory:/ What she has remembered from books for me,// What I have composed in my head for her,/ Back to back, in the darkness, at this hour. (*T.L.M.*, 1996, p. 62).

[184] Darkness, my father insists, anchor if/ Invited into the port of an idle life.// Darkness, I counter, drops an anchor slaves/ Inherit from the cradle to the grave;// It is a ship that's settled for one view;/ Its anchor rusts in us; it's time to withdrew.// He said my outlook would turn my bed of straw// Into a bed of nettles with teeth of saw,// And I would nightly, still have to lie in it/ With darkness as a wife, unless I quit.// He was right, I said, look where it got him./ The moment the words jumped out I regretted them. (*T.L.M.*, 1996, p. 63).

em nada lhes beneficiavam e vê o próprio pai como exemplo disso, escravo mais velho da fazenda, obediente e bem quisto pelo dono, mas, ainda assim, escravo a vida toda. A escuridão, para Chapel, é se manter na ignorância, mas, para seu pai, é desafiar as ordens e sofrer as consequências disso. Vemos como a memória de Chapel se lembra da tentativa de lição dada por seu pai, mas a rejeita:

> Há dois tipos de escravo, filho, o primeiro
> Aprende com erros que lhe valem chibata e punho,
>
> O segundo escuta quando lhe dizem os fatos,
> Vê o que dá certo e o que não dá, e então age.
>
> Hoje vejo que você é da primeira, não da segunda categoria de escravo, e temo por você, filho.
>
> Eu me afastei sacudindo a cabeça para o abismo
> Entre nós; pai, carcereiro, catálise.
> (*A.M.R.L.*, 1997, p. 67-68)[185]

Whitechapel, vendo que o filho tinha o espírito rebelde e inquieto, entende que precisava lhe ensinar uma lição, para que aprendesse o seu lugar, e assim vivesse bem e feliz, como ele se considerava. Porém, o filho acha que a submissão não traria nada ao escravo, apenas uma vida longa servindo intermitentemente, por isso decide fugir. Seu pai se torna um carcereiro a seu ver, com os pensamentos alinhados com os dos brancos escravizadores, sua catálise, sua dissolução. A doença da mãe o atrasa e distrai seu pai. Ambos lhe velaram em sua doença, mas quando ela morre, Chapel sente que nada mais deve mantê-lo ali: "Depois que ela se foi, nada me prendia ali./ Pai, vou fugir. Sinto alegria; não medo." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 68)[186]. Assim termina o poema de Chapel, que foge da fazenda, mas é logo recapturado, dada a delação de seu pai, e morto pelas 200 chibatadas recebidas como castigo. Como o pai temera, sua rebeldia o leva à morte. Porém, Chapel sonhava com uma liberdade conhecida através da leitura e do contato com Lydia, como veremos a seguir.

---

[185] There are two types of slave, son, the first/ Learns from mistakes which earn him whip and fist,// The second listens when he is told the facts,/ Sees what Works and what does not, then acts.// Today, I see you are the first, not second/ Category of slave, and I fear for you son.// I walked off shaking my head at the abyss/ Between us; father, jailer, catalysis. (*T.L.M.*, 1996, p. 63-64).

[186] With her gone nothing could keep me there./ Father, I am running. I feel joy; not fear. (*T.L.M.*, 1996, p. 64).

4.7 A MEMÓRIA DE LYDIA

Riddle me, riddle me, riddle.
One people, one nation, one destiny?

(*El Dorado Update*, Fred D'Aguiar)

Os capítulos narrados de forma autodiegética por Lydia, a filha do sr. Whitechapel, são 3: o capítulo 7, no qual conta como ensinou Chapel a ler e a escrever; o capítulo 9, no qual conta como o pai a flagrou lendo com Chapel e os proibiu de fazer isso; e o capítulo 10, no qual narra como os pais querem lhe achar um pretendente, mas ela rejeita todos, planejando fugir com Chapel para o norte dos Estados Unidos. As memórias de Lydia complementarão as informações dadas por Chapel no capítulo 5, seu poema.

Inicialmente, ela se lembra como a curiosidade dele em observá-la lendo, escondido na porta da biblioteca de seu pai, faz com que decida ensiná-lo a ler, como uma irmã mais velha. Olhando-a ler, Lydia vê que "O rosto dele se ilumina." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 82)[187], e ela se sente compelida a dividir seu conhecimento com ele. Ao aprender a ler, Chapel parece eufórico, sentindo-se tão capaz, como ela, como os brancos: "Hoje é o dia em que ele lê para mim. Não umas poucas palavras, mas página após página, com uma ajuda minha de vez em quando." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 83)[188]. E ela percebe que fora egoísta, pois não o ensinara a escrever:

> Digo-lhe que, agora que sabe ler, deve aprender a escrever. Ele balança vigorosamente a cabeça. Mas antes de fazer qualquer outra coisa, obrigo-o a jurar que vai guardar essas ocasiões para si mesmo. Ele jura prontamente. Jura porque está disposto a fazer o que quer que lhe exijam par aprender. Eu me sinto péssima por obrigá-lo. Não há outro jeito, a não ser que esqueçamos tudo isso, o que está fora de questão. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 83).[189]

[187] His face lights up. (*T.L.M.*, 1996, p. 80).
[188] This is the day he reads to me. Not a few words but page after page with occasional help from me. (*T.L.M.*, 1996, p. 81).
[189] I tell him now that he can read he must learn how to write. He nods with vigor. But before I do anything else I make him swear to keep these occasions to himself. He swears readily. He swears because he is prepared to do whatever is asked of him in order to learn. I feel awful for making him do it. There is no other way, unless we forget the whole affair, which is out of the question. (*T.L.M.*, 1996, p. 82).

Chapel se agarra à oportunidade de alfabetização que lhe é dada, e que ele sabe que não se repetiria. Aprendendo a ler e a escrever, Chapel se tornará poeta, o que nos remete, novamente, à poetisa Phillis Wheatley, alfabetizada por seus donos e autorizada por eles a publicar um livro de poemas. Porém, diferente de Wheatley, Chapel não terá a oportunidade de escrever nenhum livro, pois quando o sr. Whitechapel os flagra lendo juntos, ambos são punidos e ele é obrigado a prometer que jamais repetiria tais atos novamente.

Pela perspectiva narrativa de Lydia, ficamos sabendo que seu pai reprovara o fato de ela ter alfabetizado Chapel por considerar que tal conhecimento, para um escravo que jamais poderia dele usufruir, era mais um castigo do que uma benção: "Ensinando o pequeno Whitechapel a ler e escrever, quando ele jamais poderá fazer uso disso, você lhe fez a mais grave injustiça." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 90)[190]. Para seu pai, os escravos deviam conhecer o seu lugar desde cedo, e esse lugar não era o da alfabetização e conhecimento. Mesmo sendo um senhor de escravos mais tolerante do que a maioria, não permite que recebam instrução, pois para sua vida como escravo, isso de nada adiantaria, e acredita que talvez no século seguinte isso mude. Lydia se recorda que queria argumentar com o pai que "uma lei que diz que um escravo não deve ler e escrever é injusta." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 90)[191], mas não se atreveu a desafiar o pai, que lhe afirma que "Esse é o mundo em que nos encontramos. Temos de aprender a viver com ele, de outro modo será miserável e trará calamidade sobre nossas cabeças." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 90)[192], evidenciando que, de fato, o escravo Whitechapel o imitava, concordando com suas opiniões acerca de como o mundo escravocrata funcionava e como não era papel dos escravos desafiar essa ordem.

Lydia, porém, já se percebendo apaixonada ("Percebo que amo um rapaz três anos mais novo que eu. Percebo que estou apaixonada por um escravo." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 89-90))[193], acaba por desobedecer às ordens do pai, e com o recado dado pela cozinheira, mãe de Chapel, começa a se encontrar com eles à noite, ambos de costas, sem se olharem, ele respeitando a proibição de não ler mais, apenas memorizando os

---

[190] 'By teaching little Whitechapel to read and write when he can never use it you have done him the graves Injustice.' (*T.L.M.*, 1996, p. 88).
[191] A law which says a slave should not read and write is unjust. (*T.L.M.*, 1996, p. 88).
[192] This is the world we find ourselves in. We have to learn to live with it, otherwise we will be miserable and bring trouble tumbling onto our heads. (*T.L.M.*, 1996, p. 88).
[193] I realize I love a boy three years my junior. I realize I am in love with a slave. (*T.L.M.*, 1996, p. 87-88).

poemas e trechos de obras que ela lhe declama, escrevendo apenas mentalmente. Quando se encontram, declaram seu amor:

> — O que você pediria, Chapel?
> Não acredito que estou na companhia dele, e dizendo o nome dele. "Chapel." Ele diz que, se me revelar o pedido, certamente nunca o verá realizado.
> — Como assim?
> — Meu pai me disse que estraga o pedido dizê-lo à pessoa que é parte dele.
> — Seu pai tem razão.
> — Meu pai sempre tem razão.
> Sente mais orgulho do pai dele do que eu do meu.
> [...]
> — Não se vire, senão terei desobedecido ao seu pai. Eu amo você, Lydia.
> — Eu amo você, Chapel.
> (*A.M.R.L.*, 1997, p. 91-92).[194]

Lydia percebe que o pai de Chapel parece mais nobre do que o seu, que não compreende a injustiça das leis proibitivas aos escravos. Apaixonada por Chapel, Lydia continuará com esses encontros, sua única chance de se encontrar com ele, treinar com ele a memorização de poemas, de modo que ele não perca suas habilidades recém-adquiridas. Quando sua família começa a pressioná-la para que aceite algum dos pretendentes, Lydia se aborrece, por saber que ama Chapel, e se entrega ao seu amor, sem vergonha ou culpa: "A verdade é que não me lembro do menor sinal de incômodo, vergonha ou violação. Fui tomada pela dama que me tornei." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 96).[195] Porém, instigada pela família que a vê, agora, como uma dama pronta para o casamento, Lydia é obrigada a ter encontros com seus pretendentes, mas compara-os todos com Chapel: "Nem um tem o humor, a inteligência, o encanto e a natureza sensível dele." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 96)[196]. Vê defeito em todos os jovens que lhe são apresentados, pois sabem apenas falar de dinheiros, gabar-se da posse de escravos e de fazendas. Quando tocam no assunto dos direitos dos escravos, Lydia percebe que pensa diferente de todos eles:

---

[194] 'What would you wish, Chapel?' I can't believe I am in his company and I am saying his name. 'Chapel.' He says if he reveals his wish to me it will surely never be granted./ 'How so?'/ 'My father told me it spoils a wish if you tell it to the person who is part of that wish.'/ 'Your father is right.'/ 'My father is always right.'/ He is more proud of his father than I am of mine. […]/ 'I love you, Lydia.'/ 'I love you, Chapel.' (*T.L.M.*, 1996, p. 90-91).

[195] The fact is, I don't recall the slightest hint of discomfort, shame or violation. The lady I have become has crept up on me. (*T.L.M.*, 1996, p. 93).

[196] No one has his wit, intelligence, charm and sensitive nature. (*T.L.M.*, 1996, p. 93).

> Um deles chegou a afirmar que eu não devia preocupar minha linda cabecinha com assuntos de homens, e certamente não fazê-la doer com a melhoria do destino dos escravos, que, ao serem trazidos da África, são arrancados de inexprimíveis demonstrações de selvageria e barbárie. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 96).[197]

A mentalidade de Lydia não está de acordo com a ordem escravocrata, e ela não consegue se sentir atraída por esses jovens que apoiam, incondicionalmente, a escravidão. A pressão familiar para que se case, porém, faz com que busque uma saída, um meio de estar com Chapel, algo inconcebível no Sul dos Estados Unidos, porém um pouco aceitável no Norte. Quando seu irmão, vindo do Norte, relata seu asco em ver casais miscigenados andando na rua, Lydia percebe que esta poderia ser sua forma de ficar com Chapel.

> Salva-me a volta de Thomas do Norte. Ele me conta histórias de negros livres que se juntam com brancas. Vejo tanto veneno no tom, e tanta repugnância desenhada no rosto, que finjo estar chocada e horrorizada, mas cubro a boca para disfarçar o que poderia muito bem abrir-se num sorriso. Essas ligações são abertas e toleradas por grandes setores da sociedade educada, que deploram a existência da escravidão e defendem a libertação dos escravos e o pagamento por seu trabalho. Inviável, impraticável, idealista.
> — Quando eles puderem manter suas ruas limpas, podem me dar lições sobre a escravidão.
> — Sim, irmão. Por certo. Mas onde, exatamente, no Norte? Nova York? Boston?
> Vejo Chapel de braço dado comigo numa dessas ruas sujas. Chapel e eu no mesmo teto. Chapel e eu na mesma cama. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 96). [198]

Nota-se que o irmão de Lydia tem o pensamento tipicamente sulista de sua época: condena o fim da escravidão e o tratamento um pouco mais humano dado aos negros no norte. Já Lydia acredita que no norte poderia haver uma chance para que ela e Chapel possam se relacionar, como outros casais miscigenados. Porém, Lydia é

[197] One even argued that my pretty head should not be preoccupied with the business of men and certainly not be ached with improving the lot of slaves who in their transportation from Africa are plucked from unutterable displays of savagery and barbarism. (*T.L.M.*, 1996, p. 94).

[198] Thomas's return from the North saves me. He tells me stories of free blacks associating with white women. There is so much venom in his tone and such distaste etched on his face that I feign shock and horror but cover my mouth to disguise what might very well break out as a smile. These liaisons are open and tolerated by large sections of educated society who deplore the existence of slavery and advocate freeing slaves and paying them sums of their labor. Unworkable, impractical, idealistic. 'When they can keep their streets clean they can lecture me about slavery.' / 'Yes, brother. Of course. But where precisely in the North? New York? Boston?/ I see Chapel walking arm in arm down one of these dirty streets with me. Chapel and I under the same roof. Chapel and I in the same bed. (*T.L.M.*, 1996, p. 96).

ingênua, pois não considera que Chapel não seja um negro livre, e, caso fugisse, poderia ser recapturado, mesmo estando no Norte. Lydia finge obedecer aos pais, finge pensar como eles, mas, de fato, tenta subverter a ordem escravocrata. Pede aos pais para ir ao norte, fingindo ir procurar lá um pretendente, mas o que quer, na verdade, é planejar sua fuga com Chapel. Ingênuos, ambos acreditam que isso seria possível. Lydia busca informações sobre acomodações de escravos nos trens, nos hotéis, sobre o clima, o tratamento aos escravos que viajam sozinhos em trens. Juntos, Chapel e Lydia planejam esse futuro e têm sonhos infantis:

> Falamos de nossa vida no Norte. Coisas infantis, na verdade. Como a que hora preferiremos ir para a cama, quando não mais houver a necessidade de nos encontrarmos no escuro em noites de lua. Brincamos dizendo que só teremos relações com outros casais semelhantes, quer dizer, com uma igual distribuição das duas raças. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 103-104).[199]

O Norte dos Estados Unidos aboliu a escravidão muito antes do sul, porém, a realidade diferia muito do que sonhavam os dois jovens. Havia inúmeras dificuldades impostas aos casais miscigenados, como o preconceito, mesmo nos estados livres, a dificuldade de haver educação aos filhos mestiços, a dificuldade de encontrar trabalho e ainda a possibilidade de serem sequestrados e vendidos como escravos. Mesmo quando mulheres brancas se uniam a homens negros, havia a presunção de estupro por parte da sociedade, que punia o homem negro, mesmo se a mulher declarasse que a relação era consensual.

O medo da elevação social das pessoas negras era uma constante na sociedade branca sulista, como homens negros que ousassem ter relações sexuais com mulheres brancas, o que ocasionava mais raiva do que o próprio estupro de uma mulher branca, pois, segundo Segal (1995): "Despertava aquele ciúme sexual e medo que o racismo, em sua própria ênfase na proezas animais do macho negro, promoveu." (p. 58).[200] Embora fosse incomum, havia casos de mulheres brancas que se uniam sexualmente a homens negros, o que era um crime. Quando descobertas, era comum que negassem o ato que era condenável pela sociedade e sua inocência era presumida, e o homem negro

---

[199] We talk about our life in the North. Childish things really. Such as at what hour we will choose to go to bed when the necessity to meet in the dark on starlit nights is removed. We joke about associating only with other couples similarly disposed as ourselves, that is, with an equal distribution of two races between them. (*T.L.M.*, 1996, p. 103).

[200] It roused that sexual jealousy and fear which racism, in its very emphasis on the animal prowess of the black male, promoted.

era, invariavelmente, condenado por estupro. Mesmo anos após a abolição da escravatura nos Estados Unidos, essa prática continuou, como é possível observar no conto “Dry September”, de 1931, de William Faulkner; embora não haja marcação de datas no texto, fica implícito que o tempo da narrativa seja após a abolição, pois embora haja grande preconceito racial, os negros são livres. O conto relata a história do desejo de vingança dos moradores brancos da cidade sulista chamada Jefferson pelo jovem negro Will Mayes, que teria assediado Minnie Cooper, mulher branca, solteira, de cerca de 40 anos. Em nenhum momento existe alguma prova de que ela fora sexualmente atacada, mas, aos olhos dos brancos sulistas, a palavra de uma mulher branca contra a de um homem negro bastava, e por isso, embora a morte não seja descrita, os habitantes da cidade lincham Will Mayes até a morte. O trecho abaixo revela como, na mentalidade sulista, a ideia de que um negro pudesse ser inocente diante das acusações de uma mulher branca só podia ser ideia de nortistas:

> “Acredite, inferno!”, disse um jovem desajeitado com uma camisa de seda manchada de suor. “Você não vai aceitar a palavra de uma mulher branca diante da de um negro?”
> “Não acredito que Will Mayes tenha feito isso”, disse o barbeiro. “Eu conheço Will Mayes.”
> “Talvez você saiba quem fez isso, então. Talvez você já o tenha tirado da cidade, seu maldito amante dos negros.”
> “Eu não acredito que alguém tenha feito nada, não acredito que tenha acontecido nada. Eu deixo para vocês pensarem, companheiros, que as senhoras que envelhecem sem se casar não têm noções de que um homem não pode...”
> “Então você é um maldito de um homem branco”, disse o cliente. Ele se moveu debaixo do pano. O jovem tinha se levantado.
> “Não?”, ele disse. “Você acusa uma mulher branca de mentir?”
> [...]
> O cliente sentou-se. Ele olhou para o interlocutor. “Você afirma que qualquer coisa é desculpa para um negro atacar uma mulher branca? Você quer dizer que você é um homem branco e você o apoia? É melhor você voltar para o Norte, de onde veio. O Sul não quer o seu tipo aqui.” (FAULKNER, 1989, p. 170).[201]

[201] "Believe, hell!" a hulking youth in a sweat-stained silk shirt said. "Won’t you take a white woman's word before a nigger's?"
"I don't believe Will Mayes did it," the barber said. "I know Will Mayes."
"Maybe you know who did it, then. Maybe you already got him out of town, you damn nigger-lover."
"I don't believe anybody did anything. I don't believe anything happened. I leave it to you fellows if them ladies that get old without getting married don't have notions that a man can't "
"Then you are a hell of a white man," the client said. He moved under the cloth. The youth had sprung to his feet.
"You don't?" he said. "Do you accuse a white woman of lying?"
[…]

No conto de Faulkner, é irônico perceber que o narrador anônimo heterodiegético revela detalhes acerca de Minnie Cooper e de outros membros da cidade de Jefferson que provam que, de fato, Minnie Cooper era vista como uma "solteirona". Nunca se casara e virara motivo de piedade na cidade, por isso, a história do estupro é criada por ela, para atrair a atenção da cidade, para ser vista como uma mulher ainda sexualmente atraente, capaz de levar um homem negro à violência física para possuí-la sexualmente. Muitos membros da cidade duvidam de que realmente ocorrera um estupro: "Você acha que alguma coisa realmente aconteceu?" Seus olhos reluzentes, secretos e apaixonados. – "Shhhhhhh! Pobre menina, pobre Minnie!" (FAULKNER, 1989, p. 181)[202], mas jamais se voltariam contra uma mulher branca em favor de um homem negro.

Se considerarmos que Chapel seria um escravo fugido, juntando-se à filha de seu dono, as dificuldades se multiplicavam. Sonham, porém, com essa vida, na qual Chapel poderia ainda realizar seu sonho de ser poeta: "Chapel diz que escreverá versos como meio de vida [...] Chapel, você escreverá versos e tornará rica a nossa vida e a de nossos filhos." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 104).[203] Assim, o capítulo de Lydia finaliza e temos a informação de que Chapel fugiria no dia da ida de Lydia ao Norte, na tentativa de lá se encontrarem. Sobre as fugas dos escravos, os historiadores relatam, que muitos fugitivos conseguiam alguma ajuda para escapar ou durante a fuga. Tal ajuda podia partir de amigos, familiares ou homens brancos. Como muitos escravos conheciam outros escravos (ou eram seus parentes) das *plantation*s vizinhas, podiam se esconder nela e receber comida. Outros possuíam parentes que eram livres nas cidades e também em suas casas se escondiam, o que era bastante perigoso para estes negros livres, pois podiam ser reescravizados ao ajudar um escravo numa fuga. Obviamente, isso podia facilitar sua procura, pois muitos donos possuíam os endereços destes amigos ou parentes: "O proprietário do escravo Jim, pseudônimo de Armstead, que era do Alabama, sabia exatamente onde Jim poderia ir quando saiu montando um cavalo em 1838: ele iria para Nova Orleans ou Nashville." (FRANKLIN e SCHWENINGER,

---

The client sat up. He looked at the speaker. "Do you claim that anything excuses a nigger attacking a white woman? Do you mean to tell me you are a white man and you'll stand for it? You better go back North where you came from. The South don't want your kind here."

[202] "Do you suppose anything really happened?" their eyes darkly aglitter, secret and passionate. "Shhhhhhhhhh! Poor girl! Poor Minnie!"

[203] Chapel says he will write verses for a living. […] Chapel, you will write verses and make our lives and the lives of our children rich. (*T.L.M.*, 1996, p. 103).

1999, p. 68).[204] Jim possuía amigos em New Orleans e sua mãe em Nashville. Mas o que mais chama atenção é o fato de que havia brancos que ajudavam nas fugas. Não era um número grande, mas havia brancos dispostos a se arriscarem para livrar escravos do cativeiro. Tais ajudas ocorreram na *Underground Railroad*, termo cunhado para significar a rota de fuga de escravos criada por simpatizantes da abolição ao longo do século XIX, principalmente, com ajuda de outros escravos, negros livres e brancos abolicionistas. Acredita-se que o termo veio de uma expressão falada por um plantador cujo escravo fugira sem deixar rastros: "disse que o escravo devia 'ter ido embora por uma estrada subterrânea'." (FRANKLIN e MOSS, 1989, p. 186). Não há muitas informações sobre quantos escravos teriam sido ajudados clandestinamente, mas sabe-se que os fugitivos eram direcionados ao Norte, para estados "livres". Isso causava enorme ressentimento nos escravizadores sulistas, pois se sentiam traídos. Sobre a *Underground Railroad*, escrevem Franklin e Moss (1989):

> De muitas maneiras, o mais ousado condutor da *Underground Railroad* foi John Fairfield. Filho de uma família da Virgínia proprietária de escravos, nada tinha a ver com a instituição e decidiu viver em um estado livre. Antes de ir para o Norte, ajudou um escravo que era seu amigo a fugir para o Canadá. A notícia de seu ato espalhou-se e não somente os brancos de sua comunidade procuraram achá-lo e prendê-lo, como também escravos procuraram sua ajuda para fugir. Ele não podia recusar-se a ajudar e, assim começou sua carreira como condutor da *Underground Railroad.* Entregava escravos "por encomenda". Negros do Norte e do Canadá davam-lhe dinheiro, uma descrição de seus amigos ou parentes e então os recebiam dele. Às vezes, ele transportava nada menos de 15. Fazia-se passar por senhor de escravos, traficante de negros ou vendedor ambulante de aves e ovos na Louisiana, Alabama, Mississipi, Tennessee e Kentucky para ganhar a confiança dos senhores de escravos. (p. 188).

A maioria dos fugitivos objetivava ir para o Norte ou para o Canadá, onde a abolição já fora adotada, porém, chegar até estes lugares sem ajuda era bastante difícil, pois os escravos precisavam de um passe escrito por seus donos para poder transitar fora da *plantation*. Havia, ainda, certa idealização por parte dos escravos acerca de como o Norte tratava os negros, como vemos na autobiografia de Northup: "Em muitas mentes do Norte, talvez, a ideia de um homem mantendo seu irmão em servidão e o tráfico de carne humana podem parecer completamente incompatíveis com suas

[204] The Alabama owner of the slave Jim, alias Armstead, knew exactly where Jim might go when he left riding a pacing horse in 1838: he would head either for New Orleans or Nashville.

concepções de vida moral ou religiosa." (2014, p. 57).[205] Mas a maioria dos fugitivos não era alfabetizada, nem sabia se portar na cidade, por isso acabavam facilmente sendo recapturados, o que foi facilitado com a aprovação da "Lei do escravo fugitivo", como aponta Segal (1995): "

> A Lei dos Escravos Fugitivos, aprovada como parte do chamado Compromisso de 1850 para salvar a União, fortaleceu o poder dos proprietários de escravos para que seus fugitivos fossem perseguidos no Norte e a reintegração de posse de seus bens fosse aplicada pelos tribunais de lá. (p. 63).[206]

Sabendo da dificuldade de se chegar ao Norte, a opção era procurar uma cidade onde houvesse muitos negros livres, pois assim podiam fingir, também, serem livres e até mesmo tentar se passar por escravos arrendados: "Focalizar áreas com populações negras livres era feito não só para alcançar o anonimato, mas para obter assistência." (FRANKLIN e SCHWENINGER, 1999, p. 109).[207] Muitos escravos, sabendo que seriam procurados por seus donos onde possuíam amigos e parentes, preferiam tomar o caminho oposto, onde não seriam anunciados. Porém, nestas circunstâncias, quando eram capturados, ficavam presos aguardando o resgate do dono e quando isso não ocorria, eram vendidos e recomeçavam suas jornadas como escravos, precisando se adaptar a uma nova *plantation* e um novo dono. Os mais espertos, por vezes, conseguiam chegar ao Norte: "Aqueles que chegavam ao Norte estavam freqüentemente entre os fugitivos mais engenhosos, persistentes e inteligentes." (FRANKLIN e SCHWENINGER, 1999, p. 117).[208] Para conseguir chegar ao Norte, cujas fronteiras eram sempre patrulhadas, era preciso passar por estados escravistas; por isso, os que o conseguiam eram, geralmente, aqueles que, ao fugir, roubavam roupas, calçados, relógios, dinheiro dos patrões para parecerem negros livres, ou eram alfabetizados e conseguiam forjar passes, e conseguiam ser bem articulados para enganar brancos que lhes parassem.

---

[205] In many Northern minds, perhaps, the idea of a man holding his brother man in servitude, and the traffic in human flesh, may seem altogether incompatible with their conceptions of a moral or religious life.

[206] The Fugitive Slave Act, passed as part of the so-called Compromise of 1850 to save the Union, strengthened the power of slaves owners to have their runaways pursued in the North and the repossession of their property enforced by the courts there.

[207] Targeting areas with free black populations was not only done to achieve anonymity, but to obtain assistance.

[208] those who made it to the North were often among the most ingenious, persistent, and intelligent runaways.

No caso de Lydia e Chapel, o sonho de ir para o Norte era uma utopia, posto que nem sequer possuíam informações sobre como lá chegar. O desenrolar da história não se deu como sonhavam, como vimos. Adiante, veremos que Lydia demonstrará seu espírito crítico à escravidão no jornal local, *The Virginian*, criticando a instituição da escravidão anonimamente.

4.8 A MEMÓRIA DO *THE VIRGINIAN*

O capítulo 11 é composto por diversos editoriais do jornal *The Virginian*, sendo que o narrador indica ser um jornalista, não nomeado, demonstrando seu ponto de vista sobre alguns aspectos da escravidão. Para facilitar o entendimento da análise destes editoriais, eles serão aqui agrupados de acordo com sua temática, já que não estão dispostos em uma ordem linear. Assim, as temáticas comentadas nos editorais são: o cristianismo e a escravidão; as escravas, gravidez, estupro, separação dos filhos; o escravo velho; os castigos para fugitivos e administração da fazenda; o fim da escravidão e os brancos pobres; os questionamentos de Lydia sobre a economia política da escravidão e a alfabetização dos escravos; as uniões inter-raciais. Lydia, a filha do sr. Whitechapel, escreverá diversas cartas ao *The Virginian*, e nelas teremos mais expressões de suas opiniões sobre a escravidão, de forma mais contundente, pois aqui não será sua narrativa sobre seu amor por Chapel, mas seus ideais sobre o fim da escravidão.

Em dois momentos, o jornalista irá falar acerca da compatibilidade entre a escravidão e o cristianismo, nos editorais de 03/12/1809 e 17/07/1810. A defesa do uso da chibata contra os escravos era feita pela imensa maioria dos senhores de escravos, pois viam nela um corretivo que deveria ser utilizado quando necessário, que assustava o escravo, funcionando para controlar o escravo pelo medo. Porém, dado o fato de que a maioria era, também, cristã, parece que seria incoerente açoitar outro ser humano quando se seguiam as premissas cristãs de bondade e amor ao próximo. Por isso é que o editorial do *The Virginian* tenta criar uma compatibilidade entre as duas coisas, de modo a aplacar a consciência daqueles que faziam uso da chibata. O jornalista acredita que: “Não é nem extraordinário bater num escravo, nem incompatível com o cristianismo brandir a chibata. O amor que tenho por Deus é posto de lado durante um

tão degradante e inevitável ato de disciplina." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 105)[209]. O discurso do narrador se volta para transformar a violência contra o escravo como algo inevitável, necessário para a disciplina, eximindo, assim, o autor de tal ato da culpa pela violência. Acrescenta que:

> Não se enganem pensando que quem brande a chibata é maculado por ela. O que ele segura é a responsabilidade pelo destino de várias vidas, avaliadas em relação à sua necessidade de prosperar. Isso o torna uma criatura diferente de qualquer um de nós simplesmente porque sua responsabilidade é uma coisa que a maioria de nós jamais conhecerá. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 105).[210]

Embora tente revestir o uso da chibata com um tom de coragem e reponsabilidade, deixa claro que o uso dela, para o senhor de escravos, é calculado com base em sua busca por lucro. A chibata é necessária, pois dela dependem os lucros dos donos de escravos. O jornalista, ainda, dá a ideia de que aquele que brande é chibata é, na verdade, uma vítima, na medida em que precisa fazê-lo e ainda manter sua dignidade:

> Quem brande a chibata tem de dormir consigo mesmo. Tem de lembrar como amar. Tem de fazer isso, para não esquecer e descobrir que suas mãos se tornaram indistinguíveis da chibata. Então a chibata não pode ser posta de lado. Qualquer tolo pode bater num tolo escravo. Só um homem pode fazê-lo e permanecer digno. Só um homem. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 106).[211]

Ao imputar um peso de grande responsabilidade ao uso da chibata, o jornalista quer criar uma imagem humana do feitor ou do senhor de escravos, como se, ao bater num escravo, a indignidade do ato fosse substituída pela responsabilidade, pela grandeza de espírito, pela dignidade daquele que a usa com justiça e equidade, como se isso fosse possível. Ao argumentar que cristianismo e escravidão são compatíveis, o

---

[209] It is neither extraordinary to beat a slave, nor incompatible with Christianity to wield a whip. The love I hold for God is put in abeyance during such a degrading, unavoidable act of discipline. (*T.L.M.*, 1996, p. 104).

[210] Do not be fooled into thinking that he who holds the whip is tarnished by it. What he holds is responsibility for the destiny of several lives balanced against his need to prosper. This makes him a creature unlike any of us, simply because his responsibility is something most of us will never know. (*T.L.M.*, 1996, p. 104).

[211] He who wields the whip must sleep with himself. He must remember how to love. He has to lest he forget and find his hand has become indistinguishable from the whip. Then the whip cannot be put aside. Any fool can beat a foolish slave. Only a man can do it and remain dignified. Only a man. (*T.L.M.*, 1996, p. 104).

narrador dos editorais ainda usa a premissa de que se não o fossem, "os cento e cinquenta anos de prática da última teriam expulsado o primeiro de nosso meio." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 113)[212], sem explicar, porém, que, embora os senhores de escravos se intitulassem cristãos, adaptavam o cristianismo aos seus meios de vida, criando justificativas para a escravidão, mesmo que tais não fossem ditados pelo cristianismo em si. Da mesma forma que os fazendeiros, amigos do sr. Whitechapel, acreditavam que o cristianismo fosse para eles, não para os escravos, o editorialista postula que "A escravidão é um negócio. O cristianismo é uma fé. A escravidão responde a nosso bem-estar físico e material; o cristianismo cuida da fome da alma. Os dois são diferentes tipos de alimento, para dois diferentes tipos de necessidade." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 113).[213] Ao tentar dissociar o cristianismo da escravidão, o narrador acaba revelando que não possui argumentos lógicos, apenas repete as máximas criadas pelos escravizadores para justificar a violência que era a escravidão, algo que a fé cristã, de fato, não poderia apoiar. E, como voz histórica que acabava se tornando, o jornal cristaliza como verdade tais afirmações, já que as memórias históricas dos que discordavam dessas máximas, como os escravos, não eram mostradas no jornal.

Ao discutir o assunto, o narrador dos editorais adverte ainda que ao ensinar a fé cristã aos escravos, não se pode achar que isso os eleva à mesma categoria que os brancos. Tal argumento era bastante usado pelos escravizadores, desde o início do uso da mão de obra negra como escrava, quando os legisladores das colônias escravistas criaram leis para impedir que os escravos batizados como cristãos pudessem reivindicar liberdade por serem cristãos:

> Uma vez que ampliamos os valores cristãos para incluir os escravos, pomos em questão a base mesma da escravização deles à força por nós. A confusão é a seguinte: a extensão de princípios cristãos a um escravo é vista como a inclusão desse escravo em todos os aspectos de nossa vida cristã. Essa opinião está errada. Deve ser possível *tratar* um escravo com justeza cristã e *instruí-lo* na fé cristã apenas como um substituto de suas práticas pagãs, sem anular o relacionamento de senhor e escravo. Tem de ser. Senão, o cristianismo não pode disseminar-se. Senão, o africano seria julgado nosso igual simplesmente por que partilha nossa fé num só Deus e na Vida

[212] The 150-year-old practice of the latter would have driven the former from our midst. (*T.L.M.*, 1996, p. 111).
[213] Slavery is a business. Christianity is a Faith. Slavery answers to our physical and material well-being; Christianity looks after the hunger of the soul. The two are different types of sustenance for two different kinds of need. (*T.L.M.*, 1996, p. 111).

> Póstuma. Sabemos que as duas coisas acima são falsas pela evidência de como os africanos vivem em sua terra primitiva. Pelo amor de Deus, lembrem-se de onde eles vieram, antes de os empurrarem numa mesma plataforma conosco. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 113).[214]

Importa observar que o narrador acredita que os africanos, vivendo no que ele chama de forma primitiva em África, jamais poderiam ser colocados em pé de igualdade aos brancos e que, para eles, o cristianismo servia apenas para mostrar-lhes o caminho verdadeiro, mas não os equiparava. Isso, por si só, já se considera como prova de que mesmo tornando os escravos cristãos, não se poderia dar-lhes liberdade, pois eram diferentes. Já vimos como era comum aos escravizadores ensinar a fé cristã aos escravos não como meio de ajudá-los, mas como meio de controlá-los. Aqui vemos que o jornalista acredita que os escravos podem ser cristãos, mas não perderiam jamais o *status* de escravos, pois que não seriam cristãos de verdade, mas bárbaros, vivendo primitivamente. Subentendemos aqui a crença de que os escravizadores teriam feito enorme favor aos africanos, tirando-os da África, transformando-os em escravos, pois assim, livravam-nos do primitivismo e transformavam-se em ferramenta útil aos bons cristãos que os obrigavam a uma vida de trabalho árduo incessante, com alimentação e moradias precárias.

Outra temática referente à escravidão discutida pelo narrador dos editoriais é sobre o tratamento dados às escravas grávidas, a separação de mãe e filho, o estupro das escravas, nos editoriais 07/01/1810, 04/02/1810 e 30/06/1810. Ele considera que uma escrava vendida, sem que vendedor e comprador soubessem que estava grávida, não pode ter o lucro do bebê que nascerá cobrado retroativamente, pois o comprador não tinha o "conhecimento prévio de que ele estava obtendo uma pechincha- dois pelo preço de um." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 107)[215]. Esse tipo de discussão ocorria por que, diferentemente do início da formação das colônias nos Estados Unidos, quando os escravos do sexo masculino eram os mais valorizados, por conta de sua força física e

---

[214] Once we extend Christian values to include slaves we then throw into question the very basis of our forced enslavement of them. The confusion is this: the extension of Christian principles to a slave is seen as the inclusion of that slave in all aspects of our Christian life. This view is wrong. It should be possible to *treat* a slave with Christian fairness and *instruct* him in the Christian faith as a just substitute for his pagan practices, without nullifying the relationship of master and slave. It has to be. Otherwise Christianity could not be spread. Otherwise the African would be deemed our equal simply because he shared our faith in one God and the Afterlife. We know both of the above to be false because of the evidence of how Africans live in their primitive land. For God's sake remember where they came from before you thrust them upon an equal platform with ourselves. (*T.L.M.*, 1996, p. 111).

[215] Without prior knowledge of the fact that he was getting himself a bargain- two for the price of one. (*T.L.M.*, 1996, p. 105).

disposição para o trabalho, tão necessário para o fortalecimento da produção agrícola das novas colônias, após a proibição do tráfico em 1808, as escravas grávidas eram muito valorizadas nas vendas, pois garantiriam que mais um rebento se tornasse escravo. Os plantadores começaram, então, quando precisavam vender escravos, a vender os homens e mulheres mais velhos, mantendo as jovens em idade reprodutiva em sua fazenda, onde poderiam ter filhos de outros escravos ou dos próprios patrões e feitores, em caso de estupros.

No caso da venda das famílias, o narrador considera não haver problema algum em separar a escrava de seus filhos, pois o que deve falar mais alto numa *plantation* é o lucro a ser obtido com tais vendas. Mas, a separação das famílias não era bem vista por todos e certas pressões sociais de abolicionistas ou religiosos faziam com que os donos tentassem vender as famílias juntas, ou fingissem tentar:

> É certo que se considerava de mau gosto separar as famílias, e os plantadores que assim o faziam vendiam seus escravos em segredo, ou apenas depois de tentar vendê-los juntos. Os comerciantes que almejavam esse desejo por respeitabilidade, mesmo os mais inescrupulosos, anunciavam que não dividiam famílias. Os registros de leilão e os manifestos de escravos enviados a Nova Orleans, no entanto, provam que a separação de famílias era a regra e não a exceção. Quando as famílias eram anunciadas para venda, quase sempre incluíam apenas a mãe e as crianças pequenas, e muitas vezes nem mesmo todas elas. Jovens de dez ou doze eram geralmente considerados solteiros. Uma vez que até crianças menores podiam ser comercializadas de forma mais rentável individualmente do que em grupos familiares, não era incomum que os filhos de quatro ou cinco anos fossem vendidos dessa forma. (MEIER e RUDWICK, 1970, p. 56).[216]

Tais tipos de separações, porém, costumavam, de fato, ser evitadas por grandes fazendeiros que podiam se dar ao luxo de esperar por vendas que fossem em conjunto, dado o fato de saberem que podiam ocasionar em fugas de escravos. Porém, mesmo para os plantadores mais ricos, era inevitável que tentativas de fuga por motivo de separações fossem comuns, pois compravam muitas famílias desmembradas.

---

[216] Admittedly it was considered bad form to separate families, and planters who did so often sold their slaves secretly, or only after attempting to sell them together. Traders playing up to this desire for respectability, even the most unscrupulous ones, advertised that they did not Split families. Auction records and manifests of slaves sent to New Orleans, however, prove that separation of families was the rule rather than the exception. When families were advertised for sale, they almost always included only the mother and the young children, and often not even all of them. Youngsters of ten or twelve were generally considered single. Since even smaller children could be marketed more profitably individually than in family groups, it was not uncommon for four or five-year-olds to be sold that way.

O editorialista não se importa em fingir que era preciso manter as famílias unidas por questão de humanidade e chega mesmo a levantar a discussão sobre o grau de humanidade dos escravos, entendendo que não devam ser igualados aos brancos em seu sentimento por sua prole. "Se os escravos são gado, devemos nos preocupar com a venda de uma mulher e seu filho que bem pode resultar na separação dos dois? Esta boa pergunta suscita uma investigação filosófica sobre o grau de humanidade que devemos conceder aos escravos." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 108)[217]. Na lógica capitalista da escravidão, os escravos eram tratados de forma animalesca, sendo-lhes negadas as condições mínimas de sobrevivência com dignidade. Assim, é que o narrador considera que sejam, de fato, animais, até mesmo na demonstração de afeto a sua prole: "Demonstram hábitos de ligação não diferentes dos observados entre outros tipos de gado na fazenda: a vaca pelo bezerro recém-nascido; a égua por sua cria." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 108)[218]. Como animais, seus sentimentos não podem ser comparados aos humanos: "É sensato não confundir com amor essas demonstrações de apego e hábito." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 108)[219].

Tais argumentos são utilizados para que os leitores do *The Virginian*, a maioria fazendeiros, não se esqueçam de que os escravos não podem ser tratados com igualdade, pois "A premissa de compra e venda de africanos apoia-se em preceitos que se referem à sua diferença em relação a nossas boas pessoas. Eles, muito literalmente, não são iguais a nós. Não sentem o que sentimos. Não dão valor ao que nós damos." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 108)[220]. A diferença criada entre os escravos e os brancos é que permitia que fossem vendidos, separados, escravizados, torturados, tratados como animais. Se fossem iguais, o cristianismo dos escravizadores não lhes permitiria que agissem assim. Por isso, aconselha que "Em cada leilão, obtenha o melhor preço por seu investimento, mesmo que isso signifique dividir o capital em parcelas menores e vender cada parcela separadamente." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 108)[221]. Os termos utilizados pelo narrador dão a impressão de que, longe de serem seres humanos, são ainda menos do que animais, são

[217] If slaves are stock should we be concerned about the sale of a woman and her children that might very well result in their separation? This good question raises a philosophical enquiry into the degree of humanity we should accord slaves. (*T.L.M*., 1996, p. 106).
[218] They will exhibit habits of attachment not unlike those observed among other kinds of stock on the plantation: a cow's to its newborn calf; a mare's to its foal. (*T.L.M*., 1996, p. 106).
[219] It is wise to confuse such displays of attachment and habit with love. (*T.L.M*., 1996, p. 106).
[220] The premise of the buying and selling of Africans is built upon precepts concerning their difference from our good selves. They are, quite literally, not like us. They do not feel what we feel. They do not value what we value. (*T.L.M*., 1996, p. 106).
[221] At the auction block, get the best price for your investment even if it means breaking up the capital into smaller holdings and selling each holding separately. (*T.L.M*., 1996, p. 106).

"investimento", "capital" que pode ser "parcelado", são objetos que podem ser dispostos como seu dono quiser. D'Aguiar utiliza, também aqui, a exemplo do que fizera no romance *Feeding the Ghosts*, um jargão comercial, de modo que o discurso do jornalista reforce a própria caracterização dos escravos como bens, retirando-lhes toda a humanidade.

Ao tratar do estupro das escravas, o narrador se mostrará contra, não por causa da violência e injustiça do ato, mas pelas consequências negativas que os estupros e consequentes gravidezes podem trazer aos fazendeiros. Já vimos como os estupros eram comuns, ocasionando grande número de escravos miscigenados, que, mesmo filhos de pais brancos e livres, acabavam vendidos como escravos, muitas vezes afastados da fazenda, para não gerar desconfiança nas esposas dos fazendeiros. Sobre isso, o jornalista afirma que:

> As escravas jovens e núbeis são uma tentação para todos nós, mas uma tentação que se deve evitar religiosamente. Elas têm a benção da juventude e inspiram sentimentos de luxúria em feitores e senhores igualmente, que são humanos para sentir quando esses sentimentos ocorrem, mas erram ao agir com base neles. Digo isso por causa dos rebentos, que não têm lugar como escravos. E certamente não têm lugar na casa do feitor ou senhor que sucumbiu a tais tentações. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 112).[222]

O narrador demonstra que os sentimentos de luxúria dos brancos em relação às escravas jovens é algo normal, pois elas é que são uma tentação, elas é que inspiram tais desejos. Porém, ele se mostra contra tal prática, pois os filhos miscigenados desses estupros geram crianças que não são nem escravos nem livres. Ainda, argumenta que tais relações podem causar ressentimentos nas senhoras brancas, e "A escrava pode até tomar consciência dessa influência e explorá-la em vantagem própria." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 107)[223]. A preocupação é que os estupros gerem escravos mestiços, que possam se julgar livres, ou brigas domésticas, sendo um perigo a escrava querer aproveitar-se da situação. Em nenhum momento a violência do ato é mencionada, pois, como animais que eram, não haviam de sentir como os seres humanos. Acrescenta ainda que alguns

[222] Young, nubile female slaves are a temptation to us all, but one that should be religiously avoided. They are blessed with youth and inspire feelings of lust in overseers and masters alike, that are human to experience when they occur by wrong to act upon. I say this because of the offspring who have no place as slaves. And certainly they do not have a place in the household of the overseer or master who has succumbed to such temptations. (*T.L.M.*, 1996, p. 110).

[223] The slave may even become aware of this influence and exploit it to her own advantage. (*T.L.M.*, 1996, p. 110).

desastres podem ocorrer por conta dessas ligações: "As histórias dessas indiscrições sempre têm resultados tristes, senão desastrosos. Há dois dias, fui informado sobre um escravo açoitado até a morte por um feitor, que depois soube ser o escravo seu meio-irmão.[224]" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 112). A ironia aqui se dá pelo fato de que, após ler no *The Virginian* as recomendações de seu aplicar 200 chibatadas aos escravos fugitivos, o Sr. Whitechapel compartilha tal notícia em sua fazenda, o que leva o feitor Sanders Filho a aplicar esse número em Chapel. Além disso, o jornal não nomeia os estupros, chama-os de "indiscrições". A alusão à história de Chapel nos faz perceber que o que o sr. Whitechapel contara no Clube do Cavalheiro não ficara ali, mas a história se espalhara, e o jornalista tenta usá-la como lição para que feitores e senhores não tenham mais relações sexuais com escravas, pois podem, com isso, ter consequências negativas em suas fazendas, como a perda de um escravo. Para evitar tais acontecimentos, o narrador aconselha que se "Acasale essa jovem fêmea com um macho assim que possa, para afastar a visão dela e mantê-la ocupada em ter filhos." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 107).[225] Novamente, os termos usados *acasale, fêmea, macho* equiparam os escravos a animais, embora o narrador não questione a estranheza de os feitores e senhores terem desejos sexuais por animais.

Além do tema do estupro, há um editorial dedicado ao tratamento do escravo velho demais para trabalhar na lavoura. Para o jornalista, é injusto abandonar o escravo que não consegue mais trabalhar, "como é prática entre alguns feitores." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 111)[226]. Embora alguns plantadores mantivessem em suas fazendas o escravo idoso até sua morte, isso não era regra, pois podiam dar prejuízo ao dono, que, se o mantivesse na fazenda, teria que arcar com remédios ou até mesmo algum cuidado médico, além da comida, alimentação, moradia, sem que o escravo trabalhasse. Os que eram artesãos, acabavam voltando para o eito quando ficavam velhos demais para ter agilidade nos serviços manuais. Era comum que os escravos velhos demais para trabalhar recebessem sua alforria, assim deviam abandonar a fazenda e acabavam morrendo nas estradas, sem conseguir alimentar-se, e diante desse quadro que foi se tornando comum houve até uma lei criada em Maryland, em 1755, proibindo a alforria

[224] The Stories of these indiscretions Always have sad if not disastrous outcomes. Two days ago, I heard of a slave who was whipped to death by an overseer, who subsequently learned the slave was his half-brother. (*T.L.M.*, 1996, p. 110).
[225] Couple that young female slave with a male as soon as you can to remove the sight of her and keep her busy with child-bearing. (*T.L.M.*, 1996, p. 110).
[226] As it is the practice among some overseers. (*T.L.M.*, 1996, p. 109).

de escravos muito velhos ou doentes, obrigando os donos a cuidar destes escravos sob pena de multas. Outros donos simplesmente abandonavam seus escravos velhos e doentes, que morriam ou eram capturados como fugitivos e morriam na prisão à espera de o dono ir reclamá-los. (FRANKLIN e SCHWENINGER, 1999). Contudo, enquanto pudessem prestar algum serviço para a fazenda, eram mantidos, pois não havia aposentadoria, e acabavam remanejados para trabalhos como cuidar das crianças escravas, de pequenos afazeres domésticos na casa grande ou nos "quarters" dos escravos, e um ou outro escravo ancião que houvesse sido obediente era mantido como exemplo para os demais. (KULIKOFF, 1986). Assim, o que o editor aconselha é que estes escravos velhos sejam mantidos na fazenda como exemplos para os mais jovens:

> O velho escravo é muitas vezes um repositório de sabedoria para o jovem escravo. Sei de um velho escravo numa fazenda que não faz nenhum trabalho o dia todo, a não ser cuidar das crianças escravas pequenas. Ele as instrui nos deveres de obediência do escravo para com seu amo, na disciplina e no trabalho duro. Esse tipo de velho escravo é um patrimônio até o fim de seus dias. É um exemplo vivo para os jovens, do escravo que pode trabalhar duro e viver até uma idade avançada. Mantenham seus velhos escravos na fazenda, e vejam se isso não altera para melhor a atmosfera geral de bom ânimo. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 111).[227]

Para a economia escravista, nenhum escravo deve ser motivo de prejuízo. Assim, mesmo tendo de alimentar um escravo velho que não trabalha mais, ele pode ser de utilidade, servindo como exemplo aos mais jovens, levando-os a se espelharem nesse escravo que trabalhou a vida toda, viveu muito e não foi abandonado pelo dono. Isso, para o narrador, animaria os escravos jovens a trabalhar e a não fugir, certos de que viveriam bem, não morreriam de fome ou frio nas estradas. Aqui, entendemos que o narrador esteja falando de Whitechapel, que, conforme vimos, no fim da vida não trabalhava mais, mas banhava as crianças pequenas e servia como um grande exemplo para os demais, como os fazendeiros, amigos do sr. Whitechapel, afirmaram. Até mesmo tentaram comprá-lo, por ser um escravo muito leal, a ponto de entregar seu filho, tamanha sua lealdade a seu dono. A realidade, porém, é que Whitechapel não era

[227] The old slave is often a repository of wisdom to the Young slave. I know of an old slave on a plantation who does nothing in the way of labor all day except shepherd the young slave children. He instructs them about the duties of obedience a slave owes to his master and in discipline and hard work. This type of old slave is an asset to the end of his days. He is a living example to the young, of the slave who can work hard and live to a ripe old age. Keep your old salves around the plantation and see if that does not alter the general air of good cheer for the better. (*T.L.M.*, 1996, p. 109).

admirado pelos demais, não após entregar seu próprio filho, mas sim desprezado e ignorado por seus pares. Porém, o editorial menciona este escravo como exemplo e a memória histórica que se oficializa é a de que era um velho escravo feliz.

Em dois editoriais, o de 03/03/1810 e o de 04/08/1810, respectivamente, haverá o debate sobre o castigo que deve ser administrado aos fugitivos e como se deve administrar a fazenda. Sobre o fugitivo, o editor acredita que se o escravo pretendia roubar seu dono de seus serviços, sua captura não basta para recuperar os dólares perdidos nos dias em que esteve fugido, por isso, é justo que ele seja também punido:

> A prática tem sido ministrar alguma coisa por volta das duzentas chibatadas, com outras restrições de dieta e talvez cadeias nos pés por uma ou duas semanas depois. Isso parece justo e limpo. A suposição é dupla. Uma, que o fugitivo pretendia roubar a fazenda de seu trabalho para sempre. E duas, que sua captura deve servir de exemplo para dissuadir outros de tentarem um tão grande roubo. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 109).[228]

Ao criar este tipo de notícia, o jornal acabava por criar uma memória histórica sobre a escravidão, pois as vozes que se ouviam, ao se oficializar a história, eram aquelas consideradas "importantes", e, então, vozes de escravos e abolicionistas não importavam à imensa maioria dos senhores favoráveis à escravidão, pois que com ela lucravam e muito. Assim, o jornal *The Virginian* leva ao público branco e letrado de sua época a "verdade": de que escravos fugidos deviam ser castigados, já que eram ladrões, roubando seus donos de seu trabalho. Além disso, seu castigo serviria de impedimento para outros que pensassem em tentar a mesma empreitada.

Os jornais da época costumavam, inclusive, noticiar as fugas, e dos anúncios é possível traçar o perfil de quem eram esses fugitivos. A fuga atraía mais os jovens, pois a jornada era penosa para um fugitivo e homens mais velhos desconfiavam que não o conseguiriam, e a maioria dos escravos que era jovem não havia ainda constituído família, o que os impelia mais para a fuga e "Jovens também fugiam com mais frequência porque estavam mais dispostos a desafiar os supervisores e proprietários se se sentissem ofendidos. Uma vez longe da plantação, os rapazes podiam defender-se melhor e estavam dispostos a resistir à recaptura." (FRANKLIN e SCHWENINGER,

[228] The practice has been to administer something in the region of 200 lashes with further restrictions of diet and maybe leg irons for a week or two afterwards. This seems just and fair. The assumption is twofold. One, that the runaway intended to rob the plantation of his labor for ever more. And two, that his capture should serve as an example to dissuade others from attempting such a great theft. (*T.L.M.*, 1996, p. 107).

1999, p. 211).[229] Os jovens também sabiam que a vida na *plantation* era penosa e estavam fadados a morrer jovens de doenças ou excesso de trabalho. Os anúncios sobre fugas também descreviam a aparência física dos fugitivos, como detalhes nos cabelos, marcas de chibatadas e, curiosamente, a maioria dos donos anunciava a cor da pele do fugitivo, pois muitos tentavam se passar por negros livres, cuja maioria era mulata, e havia menos preconceito contra mulatos do que contra negros, ou por brancos:

> Às vezes, eles podiam passar por brancos. Esse foi o caso quando o escravo Coleman da Geórgia deixou seu proprietário durante uma viagem que os dois homens faziam na estrada de ferro Western Atlantic em outubro de 1839. Coleman estava na casa dos vinte anos, com uma cara muito lisa, cabelo cor de areia liso, olhos azuis, e era "muito branco para ser um escravo". Bonaparte, um escravo da Virgínia, possuía a aparência física de um homem branco: pele muito clara e cabelos lisos. (FRANKLIN e SCHWENINGER, 1999, p. 214).[230]

É curioso notar que para alguns escravos, era tão forte o desejo de liberdade, que fugiam repetidas vezes, a despeito dos castigos recebidos, da fome, sede e cansaço do período em que viviam foragidos, da prisão onde ficavam aguardando o resgate de seu dono, da separação da família e dos amigos. Franklin e Schweninger (1999) descrevem um caso curioso dessa persistência:

> Era claro que alguns fugitivos ficavam tão desesperados que não se importavam com as conseqüências de suas ações. O quão desesperados eles podiam se tornar foi mostrado pela resposta do escravo do Alabama Dave, adquirido em julho de 1822 por um homem do condado de Autauga, que trocou um cavalo, sela, freio e quinhentos dólares em dinheiro pelo escravo. Dave tinha vindo do condado de Lee, Geórgia, onde tinha sido comprado somente quinze dias antes. A julgar pelas rugas em torno de seus olhos, um observador disse, ele tinha cerca de quarenta anos de idade. Era claro que ele tinha sido passado de um proprietário para outro. Poucos dias após a venda, Dave "roubou alguma propriedade" e na tentativa de fugir foi "baleado", mas ainda conseguiu ficar desaparecido por alguns dias. Depois de ser capturado, o homem ferido em poucos dias fugiu de novo e da mesma maneira uma terceira vez. Durante um período de aproximadamente nove meses, Dave trabalhou para seu proprietário um total de aproximadamente uma

[229] Young men also ran away more often because they were more willing to defy oversees and owners if they felt aggrieved. Once away from the plantation, Young men could better defend themselves and were willing to resist recapture.

[230] Sometimes they could pass as white. This was the case when the Georgia slave Coleman left his owner during a trip the two men took on the western Atlantic Railroad in October 1839. Coleman was in his mid-twenties, with a very smooth face, straight sandy hair, blue eyes, and was "very white to be a slave." Bonaparte, a Virginia slave, possessed the physical appearance of a white man: very light skin and straight hair.

> semana. Foi em sua terceira fuga que ele foi capturado no condado de Dallas, julgado por roubo, condenado e executado. (p. 41).[231]

Isso se constituía um problema para os plantadores, pois não sabiam como agir. Até que ponto o castigo podia ir? Como agir para não perder o respeito dos outros escravos e dos vizinhos escravistas? A maioria acreditava que deviam ser firmes, rígidos, sem perder a calma, punindo sem exageros para não causar a ira dos escravos, mas jamais deixar de punir, e as vozes dos plantadores ecoavam em jornais e periódicos da época em matérias aconselhando os colegas como agir:

> Esse conselho vinha das páginas de periódicos como *De Bow's Review*, *Southern Cultivator*, *Farmer's Register*, *Carolina Planter* and *Farmer and Planter*, nos artigos "Sobre a Gestão dos Escravos", "A Gestão dos Negros", "Gestão sensata da força da Plantação", "Gestão Moral de Negros", e "Gestão de Escravos". Ele também aparecia em conversas e correspondência entre donos de escravos. Na verdade, não parecia haver fim para discussões sobre como gerenciar escravos, quais incentivos oferecer, que liberdades conceder, que penalidades infligir e como responder aos escravos que se recusavam a obedecer as regras. (FRANKLIN e SCHWENINGER, 1999, p. 241).[232]

A perda de um escravo numa fazenda pequena era um grande prejuízo financeiro, enquanto nas grandes, era perda de prestígio, pois fazia parte do espírito sulista o prazer em ostentar escravos, sinônimo de riqueza, poder (GENOVESE, 1979). Por isso, o narrador condena a morte desses escravos, seja por meio do "uso da chibata até a morte e depois a exibição pública da carcaça passada do ponto de decomposição."

---

[231] It was clear that some runaways became so desperate that they cared nothing about the consequences of their actions. How desperate they might become was shown by the response of the Alabama slave Dave, acquired in July 1822 by an Autauga County man, who had swapped a horse, saddle, bridle, and $500 note for the slave. Dave had come from Lee County, Georgia, where he had been purchased only fifteen days before. Judging from the wrinkles around his eyes, one observer said, he was about forty years old. It was clear that he had been passed from one owner to another. A few days after the sale, Dave "stole some property" and in attempting to abscond was "shot at and hit" but still managed to stay out for a few days. After being captured, the wounded man in a very few days again ran away and again in the same manner a third time. During a period of about nine months, Dave labored for his owner a total of about one week. It was on his third escape that he was captured in Dallas County, tried for robbery, convicted and executed.

[232] Such advice came from the pages of periodicals such as *De Bow's Review*, *Southern Cultivator*, *Farmer's Register*, *Carolina Planter* and *Farmer and Planter*, in articles "On the Management of Slaves", "The Management of Negroes", "Judicious Management of the Plantation Force", "Moral Management of Negroes", and "Management of Slaves". It also came in conversations and correspondence between slaveholders. Indeed, there seemed to be no end to discussions about how to manage slaves, what incentives to offer, what liberties to grant, what penalties to inflict, and how to respond to slaves who refused to obey the rules.

(*A.M.R.L.*, 1997, p. 109)[233], como se 200 chibatadas não fossem o suficiente para levar um escravo à morte, ou pelo "emprego de mastins para saciar-se na carne desse escravo até ele morrer." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 109)[234]. No editorial, o narrador deixa evidente que essas práticas eram comuns, meios utilizados pelos senhores e feitores para assustar os outros escravos da fazenda. Mesmo sem o objetivo de denunciar as mazelas da escravidão, o jornalista acaba fazendo isso indiretamente, criando memórias históricas para a posteridade que também revelam as práticas cruéis utilizadas contra os escravos. Isso ocorria nos jornais da época, que publicavam editoriais em defesa da escravidão, descrevendo os castigos que deveriam ser utilizados, noticiando mortes de escravos pela chibata, outros castigos ou por diversão dos donos, e ainda noticiando a fuga de escravos nas quais descreviam suas cicatrizes recebidas pelos castigos da chibata. O jornalista do *The Virginian* acredita que a morte cruel dos escravos fugidos não deva ocorrer, pois traria ressentimento aos outros escravos, mais do que ensinaria alguma lição. A seu ver, o castigo firme, ou seja, as 200 chibatadas são a chave do "castigo como instrução" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 109)[235]:

> [...] o escravo deve ser um exemplo vivo de alguém que fracassou na tentativa de fugir; deve atuar como uma lembrança viva desse fracasso para todos que alimentem tal ideia. O problema do fugitivo morto, por mais brutais que sejam os meios da morte, é muito simplesmente que o próximo escravo logo se convence de que pode evitar os cães, a chibata e as correntes. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 111).[236]

Aqui vemos que a preocupação do editor não é a de causar mortes dolorosas e cruéis aos fugitivos, mas com o fato de que isso não serviria de exemplo a outros escravos, por isso é favorável às 200 chibatadas. E falando em justeza, irá discutir sobre qual seria o melhor modo de administrar a fazenda, com firmeza ou bondade. Irá caracterizar os argumentos usados por aqueles que defendiam o método da firmeza: "[...] ela mantém os escravos em seu lugar, e a uma conveniente distância do Senhor e do Feitor. Essa distância, afirmam, facilita a administração tranquila da fazenda."

---

[233] The use of the lash until death and then the public showing of the carcass beyond the point of decay. (*T.L.M.*, 1996, p. 107).
[234] The use of bloodhounds to gorge on the flesh of that slave until he perishes. (*T.L.M.*, 1996, p. 107).
[235] Punishment as instruction. (*T.L.M.*, 1996, p. 107).
[236] The slave must be a living example of someone who has failed in his attempt at escape; he must act as a living reminder of that failure to all who might entertain such a notion. The trouble with a dead runaway, however brutal the means of death, is quite simply that the next slave soon convinces himself that he can evade the hounds and the whip and the chains. (*T.L.M.*, 1996, p. 108-109).

(*A.M.R.L.*, 1997, p. 114)[237]. Aqui subentendemos que "firmeza" seria amedrontar os escravos, de modo que tivessem receio de se aproximarem dos donos ou feitores, como apregoavam os senhores escravocratas no clube do Cavalheiro, junto ao sr. Whitechapel. A seguir, o narrador descreve o que consideravam como bondade no tratamento aos escravos:

> Os do lado da bondade indicam o número de fugitivos nas fazendas que adotam a política da firmeza como prova do fracasso da chibata e da vara, tronco e corrente, cães ferozes e maus tratos generalizados. Defendem uma boa dieta para os escravos, em vez de mantê-los famintos; bons abrigos enxutos, em vez de buracos onde não se abrigariam nem os cães ferozes; bons períodos de repouso, para facilitar um clima de que trabalho árduo equivale a bom tratamento.
> O método da bondade diz que o que se chama firmeza é muitas vezes uma prática desumana e desnecessária contra os escravos. Diz que não se aumentam os lucros com isso. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 114)[238].

Ao detalhar o que chama de método da bondade, o narrador o compara com o método da firmeza, evidenciando as práticas de ambos. Percebe-se que o que se chama de bondade é pura e simplesmente não permitir que o escravo quase morra de fome, muito longe de ser uma "boa dieta", nem durma no chão frio e úmido e possa descansar algum período da semana, enquanto que o método da firmeza, ao contrário, previa castigos constantes, além de comida em quantidade insuficiente, abrigos insalubres e trabalho incessante. Embora caracterizado como "firmeza", seria melhor entendido se chamado de "desumanidade", ao passo que a "bondade" seria apenas o tratamento mínimo necessário para que o escravo não morresse logo de fome, exaustão ou doença. De qualquer forma, ambos os tratamentos não consideravam que o escravo fosse um ser humano, mas gado. Em relação ao tratamento da "bondade", percebemos que o editor se refere ao discurso do sr. Whitechapel, pois já vimos que ele era contrário aos castigos gratuitos e era considerado um escravista muito bondoso por seus pares. O editor vai se posicionar a respeito do que considera o melhor tratamento aos escravos, o melhor meio

[237] It keeps slaves in their place and at a suitable distance from the Master and Overseer. (*T.L.M.*, 1996, p. 112).

[238] Those on the side of the kind approach point to the number of runaways on the firm policy plantations as evidence of the failure of the whip and stick, stock and chains, bloodhounds and general abuse. They argue for a good diet for slaves instead of keeping them hungry; good dry shelters instead of hovels even the bloodhounds would not be housed in; fair amounts of rest from work to facilitate an air of hard work equals good treatment./ The kind approach says what is called firmness is often inhumane and unnecessary practice against slaves. (*T.L.M.*, 1996, p. 112).

de gerir as fazendas de escravos, que seria o que ele chama de justeza, um meio termo entre a bondade e a firmeza:

> Como homem de negócios, posso entender que alguns aspectos do método da firmeza, como castigo severo para fugitivos e para a indolência, são essenciais. Como cristão, parece simplesmente correto recompensar o trabalho árduo e oferecer um padrão mínimo de conforto. Se esse conforto pode ser dado aos cães farejadores, por que não aos escravos? (*A.M.R.L.*, 1997, p. 111).[239]

Retomando o discurso do bom cristão, o narrador afirma que é preciso castigar quando necessário, mas premiar também, como incentivo. Novamente, a comparação dos escravos a animais evidencia que eram desumanizados, pois isso facilitava que fossem escravizados e depois castigados. A isso, o editor chama de justeza. E completa que "O destino dos escravos não precisa ser miserável." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 115)[240], como se ao privá-los de sua liberdade, de seus nomes, muitas vezes, do convívio com seus familiares, de sua cultura, de possibilidades de alfabetização e conseguir adquirir outros conhecimentos, de suas religiões, de uma vida digna, enfim, fosse algo justo. Mas, para os senhores de escravos, o fato de não baterem indiscriminadamente nos escravos e oferecerem comida, casa e descanso era "bondade", era a prática de seu cristianismo e lhes aliviava qualquer peso na consciência, pois que se sentiam bondosos, condescendentes, bons cristãos.

Em outros três editoriais, o 01/09/1810, 02/06/1810 e 09/06/1810, haverá a discussão sobre o fim da escravidão, os pobres brancos se rebelando contra o tratamento dado a eles. No primeiro editorial, o narrador responde ao questionamento sobre o fim da escravidão, que parece ter vindo de algum fazendeiro, embora isso não fique claro. Para ele, a escravidão ainda tardaria muito a findar, pois "Na medida em que sempre se exigirá o trabalho humano nos campos de algodão, milho e tabaco, para citar alguns, eu não podia ver um fim para a escravidão." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 116)[241], evidenciando o que pensava a maioria dos escravistas da época, que não cogitavam que se pudesse pagar pelo trabalho nas fazendas, mas acreditavam que a escravidão seria sempre sua

---

[239] As a businessman I can understand that some aspects of the firm approach, such as, harsh punishment for runaways and indolence, are essential. As a Christian it seems only right to reward hard work and provide a minimum standard of comfort. If that Comfort can be assigned to bloodhounds then why not slaves? (*T.L.M.*, 1996, p. 112).

[240] The lot of the slave need no be miserable. (*T.L.M.*, 1996, p. 112).

[241] I said that in so far a man's labor will always be required in the cotton, corn and tobacco fields, to name some, I could see no end to slavery. (*T.L.M.*, 1996, p. 113).

fonte de trabalho inesgotável. Contudo, entendia que os avanços tecnológicos podiam "influenciar o trabalho dos escravos, e resultar em meios muito mais baratos de fazer tudo." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 116)[242], porém acreditava que isso só ocorreria num futuro muito distante, mas advertia para o alto número de negros livres, o que, aliás, era uma preocupação constante entre os escravistas, que, de diversas formas, tentavam reescravizá-los, usando de sequestros para isso, como já vimos na história real de Solomon Northup.

A respeito dos negros livres, os outros dois editoriais vão trazer discussões, com o apoio da carta de um feitor substituto, a respeito de como os brancos pobres estavam sendo negligenciados em favor daqueles e mesmo dos escravos. A indignação do feitor se dá pelo fato de que "a vida de alguns desses brancos mal chega um degrau acima da condição do escravo. Além disso, muitos negros livres com um ofício vivem e comem melhor que esses brancos." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 121)[243]. Havia, de fato, muito desemprego e pobreza entre os brancos livres, pois os fazendeiros não cogitavam contratar seus serviços quando podiam comprar escravos que lhes serviriam pelo resto de suas vidas. Porém, como se nota, os brancos livres estavam ainda acima dos escravos, mas não aceitavam esta posição, já que eram seres humanos, e os negros, gado. Quando adquiriam sua liberdade, muitos ex-escravos conseguiam desenvolver habilidades de artesãos, como já vimos, conseguindo trabalhos nas cidades ou mesmo nas fazendas, com seus ex-patrões, já que seu salário, normalmente, era menor do que o dos artesãos brancos. Isso indigna os brancos pobres, que se sentem colocados em posição de igualdades àqueles que taxam de "animais", por isso condenam a alforria dos negros: "As medidas para emancipar um número crescente de escravos exacerbam a já terrível situação desses brancos pobres." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 121)[244] e essa situação poderia levar os brancos a "tirar uma tal vingança dos negros que não restará um só para ver. E não fica por aí. Eles podem muito bem voltar-se contra os brancos ricos, que ignoraram o destino de seus irmãos pobres e os trataram como se fossem apenas negros livres." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 121)[245]. A carta raivosa deste feitor substituto é mais um

[242] Influence the work of slaves and result in much cheaper ways of doing things. (*T.L.M.*, 1996, p. 113).
[243] The lives of some of these whites are barely one rung above that of sharing the condition of the slave. Furthermore, many free blacks with a trade live and eat better than these whites. (*T.L.M.*, 1996, p. 118).
[244] Moves to emancipate growing numbers of slaves exacerbate the already awful situation of theses impoverished whites. (*T.L.M.*, 1996, p. 118).
[245] Exact such a revenge on the blacks that none will be left to see. He does not stop there. They could very well turn upon those rich whites who have ignored the plight of their poor brothers and treated them as if they were merely blacks who were free. (*T.L.M.*, 1996, p. 118).

exemplo de como os brancos pobres se sentiam inferiorizados por serem tratados como negros, embora tivessem liberdade, muito diferente dos escravos.

Sobre os trabalhos realizados pelos brancos pobres, um deles era a patrulha para caçar escravos fugitivos. Como forma de "garantir" a lei, muitos fazendeiros montavam, em conjunto com seus vizinhos, patrulhas para caçar escravos fugitivos ou infratores. As patrulhas eram previstas em lei, como apoio às milícias, mas, na prática, serviam para os fazendeiros se vingarem de escravos que constantemente tentavam fugir, sair sem passe, roubar ou fazer reuniões secretas. Os brancos adultos eram convocados para nelas trabalharem e os mais ricos, para fugir de tal obrigação, contratavam pobres para realizar seu trabalho: "[...] brancos pobres que estavam com ciúmes dos ricos plantadores e dissipavam sua hostilidade contra os negros. Os proprietários de escravos constantemente iam à corte acusando os patrulheiros de terem chicoteado ilegalmente seus escravos." (MEIER e RUDWICK, 1970, p. 59)[246], o que culminava com mais violência contra os infratores.

Ainda sobre este assunto, o jornal *The Virginian* recebe várias cartas apoiando a posição do feitor substituto, de brancos pobres queixando-se de terem sido tratados como negros livres por fazendeiros. Isso é condenado pelo editor, que acredita que os fazendeiros não podem confundir a mão-de-obra negra com a branca, pois são extremamente diferentes: "Uma é livre, a outra não. Uma é branca, a outra é preta. Uma vem dos setores menos afortunados de nossa ancestralidade, a outra não é nossa igual nem deriva de nossa raça." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 122)[247]. A diferenciação consiste na mesma feita pelos escravistas durantes séculos: a de que negros não são da mesma raça que os brancos, não sendo sequer seres humanos, o que deveria ser um impeditivo para que houvesse igualdade no tratamento. Aos escravizadores, porém, importava o lucro, e nessa hora se "esqueciam" convenientemente de que não podiam igualar negros a brancos, por isso preferiam contratar negros livres ou comprar escravos. O editor adverte que "Os interesses desses brancos devem portanto vir à frente daqueles dos escravos e negros livres sempre que os dois estejam em conflito." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 122)[248]. Ora, já vimos com aos negros eram negados os direitos básicos, mesmo quando

[246] poor whites who were jealous of the wealthy planters and vented their hostility on black people. Slaveholders constantly went to court charging that patrollers had illegally whipped their slaves.
[247] One is free, the other is not. One is white, the other black. One comes from the less fortunate portions of our ancestry, the other is not our equal nor derived from our race. (*T.L.M.*, 1996, p. 119).
[248] The interests of these whites should therefore supersede those of the slaves and free blacks whenever the two come into conflict. (*T.L.M.*, 1996, p. 119).

livres. Não podiam ser ouvidos em tribunal, não podiam ter posses, nem sequer processar algum branco caso fossem roubados. A falta de empregos aos brancos se dava pelo fato de que cada escravo era obrigado a trabalhar muito mais arduamente, substituindo o trabalho de mais de um branco, e dando poucas despesas a seu dono, já que sua alimentação era ruim e pouca, eles mal recebiam roupas e moravam em barracões, amontoados, não sendo tratados quando adoeciam, ou seja, o lucro, com escravos, era certo. Ainda assim, o editor não acredita que os brancos, assim indignados, possam se levantar de forma violenta contra os brancos ricos, pois acredita que "a fé cristã deles atuará como contenção. Certamente não os vejo atacando sua própria gente, por mais vasta que se torne a distância entre sua necessidade e os privilégios dos outros." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 122)[249], num apelo, novamente, ao cristianismo dos brancos, que supostamente os tornaria mais civilizados em relação aos seus semelhantes, não aos diferentes, porém, como era o caso dos escravos. Ainda uma vez mais, o editor evidencia em seu jornal como a memória histórica da escravidão ia recebendo essas "contribuições" jornalísticas para instituir como verdade a lógica escravocrata.

Nos editoriais 05/05/1810, 12/05/1810, 19/05/1810, 26/05/1810, 16/06/1810 e 23/06/1810 haverá a discussão de cartas escritas por Lydia, as respostas do editor e dos leitores sobre os assuntos economia política da escravidão, alfabetização de escravos e relações inter-raciais. O nome de Lydia não é mencionado de fato, o editor apenas diz que recebera uma carta com uma pergunta de uma leitora que havia pedido anonimato, por isso decide usar sua inicial: L. Entendemos que seja Lydia por alguns indícios, como o debate sobre a libertação e alfabetização dos escravos, bem como os relacionamentos inter-raciais, de seu interesse, como vimos.

Em um primeiro momento, o editor dá crédito aos questionamentos de Lydia, sendo que o primeiro deles diz respeito à dúvida "se não seria mais lucrativo *pagar* aos negros por seu trabalho, em vez de mantê-los como escravos e ter de satisfazer a *todas* as suas necessidades em troca desse trabalho." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 117, grifos do autor)[250]. Essa ideia fora bastante levantada pelos abolicionistas, que acreditavam que o trabalho pago e não escravo seria até mais lucrativo para os senhores de escravos, na medida em que quando podiam, os escravos sabotavam o trabalho, já que nada

[249] Their Christian Faith will act as a restraint. I certainly do not see them attacking their own kind however wide the gap between their need and the other's privilege becomes. (*T.L.M.*, 1996, p. 119).
[250] If it would not be more profitable to *pay* blacks for their work instead of keeping them as slaves and having to pay for *all* their needs in Exchange for their labor. (*T.L.M.*, 1996, p. 114).

lucravam com ele, o que diminuía a produtividade dos senhores de escravos, como já vimos com Genovese (1976). Mas esse argumento era ignorado pelos senhores escravistas, principalmente os sulistas, que se apegavam à tradição do trabalho escravo e ao prestígio que ele dava no Sul, e sequer cogitavam mudar a forma de trabalho em suas lavouras. Embora diga que tal ideia pareça risível, o editor revolve analisá-la e considera que "Em algumas ocasiões, funcionaria para os negros, em outras para os fazendeiros." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 117)[251], de acordo com a disponibilidade ou não de mão-de-obra, e a demanda de trabalho. Mas acredita que "Tudo isso parece demasiado cheio de variáveis para ser prático, embora eu garanta a vocês que é uma pergunta inteligente vinda de uma dama." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 117)[252]. O editor do *The Virginian* demonstra que não tem interesse em, de fato, calcular quanto custaria contratar um negro ao invés de escraviza-lo, pois como a maioria dos sulistas, não crê que a escravidão seja negativa nem que haja a possibilidade de alforriarem os escravos para tê-los como empregados. Além disso, evidencia como as mulheres tinham pouquíssima voz na época, pois sua última asserção mostra que era incomum que mulheres questionassem as ordens sociais estabelecidas, e a escravidão menos ainda.

Lydia, porém, demonstra estar à frente de seu tempo, na medida em que contesta o editorial sobre sua carta, escrevendo outra, na qual afirma que o editorial sobre sua carta "deu a impressão errada de que a escravidão era uma instituição estática e estável, quando sua proposta estava cheia de flutuações." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 118)[253]. Como exemplo, Lydia cita o aumento dos gastos na fazenda do pai, sem que os lucros cresçam na mesma proporção, o que, segundo o jornalista, são coisas que "indicam à sua delicada cabeça que a escravidão é uma despesa crescente e os lucros com ela decrescentes." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 118)[254]. Com a expressão "delicada cabeça", o narrador quer indicar que tais assuntos não sejam da alçada das mulheres, argumento já utilizado pelos pretendentes de Lydia, como vimos. Ele atribui ao declínio nos lucros à depressão financeira momentânea, mas acredita que "Só podemos esperar uma mudança

[251] On some occasions it would work for the blacks, on others for the plantation owners. (*T.L.M.*, 1996, p. 114).
[252] It all sounds too rife with variables to be practical though I grant you that it is an intelligent question from a lady. (*T.L.M.*, 1996, p. 114).
[253] Wrongly gave the impression that slavery was a static and stable institution, whereas her proposal was wild with fluctuations. (*T.L.M.*, 1996, p. 115).
[254] Indicate to her delicate mind that slavery is a growing expense and the returns from it a diminishing one. (*T.L.M.*, 1996, p. 115).

para melhor, numa data não muito distante." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 118)[255]. Nota-se que não há argumentos, verdadeiramente, que refutem a afirmação de Lydia sobre o declínio dos lucros na fazenda de seu pai, do que podemos inferir que ou o jornalista não quer discutir tais assuntos com uma mulher, que ele não entenda de economia, ou que, como grande parte dos fazendeiros sulistas, se recuse a aceitar que a instituição da escravidão não poderia ser lucrativa para sempre.

Ao receber uma carta de um escravo questionando por que o jornal não trazia "matérias sobre escravos contadas por eles mesmos." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 119)[256], o editor fica espantado que haja escravos alfabetizados e que leiam as páginas de seu jornal para si e para outros que não sabem ler. Fica subentendido que essa carta tenha sido escrita por Chapel, ou ao menos ditada por ele, e escrita por Lydia, pois o jornalista afirma que "Eu teria publicado a carta, mas ela foi ditada a alguma pessoa não revelada, que a escreveu em nome do escravo." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 119)[257], o que nos remete à proibição dada pelo sr. Whitechapel de Chapel voltar a escrever e como ele e Lydia se encontravam e apenas ela lhe recitava poemas de memória, já que Chapel não queria ler e descumprir a ordem dada. O editor julga que a questão, porém, mereça ser discutida pelos leitores do *The Virginian*, pois "Em debates passados nestas folhas, poderia ter aproveitado a alguns dos argumentos se também se ouvisse o ponto de vista do negro." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 119)[258]. Neste sentido, teria o editor ouvido a opinião dos escravos sobre como punir adequadamente um escravo fugitivo? Ou da opinião de que como gados, eles podiam ser vendidos separando mãe e filhos e outros familiares? Ou sobre o que achavam do estupro de suas esposas e filhas? Ou teria ouvido deles como uma fazenda deve ser administrada, com bondade ou firmeza? Consideraria a opinião dos escravos sobre o que ele mesmo definiu como "justeza"? Obviamente são perguntas retóricas, pois sabemos que aqueles favoráveis à escravidão já tinham definido para si o que consideravam como "correto" sobre a escravidão. Um jornalista escravista não permitiria que seu jornal veiculasse ideias tão contrárias à escravidão, pois sabia que o que escrevia acabava por adquirir o status de verdade, transformando-se em história,

[255] We can only hope for an upturn at a date not far from now. (*T.L.M.*, 1996, p. 115).
[256] Stories about slaves told by the slaves themselves. (*T.L.M.*, 1996, p. 116).
[257] I would have printed the letter but it is dictated to some undisclosed person who has written it on behalf of the slave. (*T.L.M.*, 1996, p. 116).
[258] In past debates in these pages it might have benefited some of the arguments if the point of view of the black were heard as well. (*T.L.M.*, 1996, p. 116).

então as memórias coletivas dos escravos sobre seus sofrimentos como escravos jamais poderiam adquirir o status de história.

Mas pede aos leitores que escrevam opinando sobre o assunto da alfabetização dos escravos, e não sobre se os escravos poderiam escrever ao jornal contando suas versões sobre o que ocorria nas fazendas. O editor, propositadamente, desvia o foco do assunto mais importante da carta de Chapel, o de deixar que os escravos opinem, e leva à discussão para a questão básica sobre permitir ou não que escravos fossem alfabetizados, embora ele já saiba qual seria a opinião da imensa maioria, como deixa antever: "A alfabetização dos escravos é vista em geral com maus olhos, ou melhor, decididamente desencorajada na maioria dos setores. Sou de opinião que, se beneficia a fazenda ter escravos alfabetizados, então que seja." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 119)[259]. Ao fim de seu editorial, inclui a ideia dada por Chapel em sua carta, "Da mesma forma, se beneficia a nossos leitores ouvir o ponto de vista dos escravos e negros livres junto com as suas, que seja." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 119)[260]. Ao deixar claro que as opiniões dos escravos e dos brancos seriam igualadas, o editor sabe a resposta que obterá de seus leitores, praticamente todos brancos, com exceção, talvez, unicamente de Chapel.

Assim, no editorial seguinte, o jornalista publica a opinião que já esperava: "A esmagadora resposta à pergunta da semana passada sobre a alfabetização de escravos e a inclusão de seus pensamentos nestas folhas foi um ressonante "Não"." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 120)[261]. Essa resposta já era esperada pelo jornalista, pois a única voz dissidente ouvida em seu jornal, até então, era a de Lydia, que questionava a escravidão. Ele conhecia seus leitores, pois escrevia a eles semanalmente e ouvia suas queixas e dúvidas, portanto, pode-se supor que seu único objetivo em levantar o questionamento proposto na carta do escravo tenha sido o de reforçar a ideia de que a escravidão estava funcionando bem, que não era preciso que houvesse mudanças em seus preceitos. Reforça isso ao exprimir as opiniões discordantes entre pai e filha:

> Como um indício de que essa questão pode dividir famílias, duas respostas vieram de um pai e uma filha que escreveram em separado. O pai disse não, decididamente não. A filha disse sim, e já é tempo. O pai disse que o escravo fica cheio de insatisfação quando lê sobre o

[259] The literacy of slaves is generally frowned upon, nay positively discouraged in most quarters. I am of the opinion that if it benefits the plantation to have literate slaves then so be it. (*T.L.M.*, 1996, p. 116).
[260] By the same token if it benefits our readers to hear the viewpoint of slaves and free blacks alongside their own then so be it. (*T.L.M.*, 1996, p. 116).
[261] The overwhelming response to last week's question concerning the literacy of slaves and the inclusion of their thoughts in these pages was a resounding , 'No'. (*T.L.M.*, 1996, p. 117).

> mundo mas tem de viver como escravo numa fazenda e nada ver desse mundo. Acrescentou que não era ético instilar num escravo uma tal perspectiva, e chegou mesmo a afirmar que era prejudicial ao funcionamento de uma fazenda. Sua opinião é a mantida pela vasta maioria dos leitores.
> A opinião da minoria, apesar disso, merece discussão. Segundo definido pela filha, afirma que é errado decidir o que um escravo deve e não deve saber, e duplamente errado roubar ao escravo os prazeres da alfabetização. Disse que ela tornava os escravos melhores pessoas. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 120)[262].

Ao mencionar que o assunto podia causar divisões nas famílias, o jornalista insinua o quanto a infiltração de ideais abolicionistas podia ser prejudicial às famílias sulistas. Já vimos como o Sul dos Estados Unidos tentou, de toda forma, evitar que os escravos tivessem direitos, sendo a alfabetização muito temida, pois sabiam que o acesso ao conhecimento podia propiciar revoltas e fugas. As falas do pai e da filha são do sr. Whitechapel e Lydia, e podemos perceber como o fato de ter ajudado Chapel a ler e a escrever e ter se apaixonado por ele, levam-na a defender os direitos dos escravos, contrariando seu próprio pai. O sr. Whitechapel mantém a posição assumida quando havia flagrado Lydia e Chapel lendo, a de que permitir que os escravos lessem era uma forma de castigo, pois que lhes daria esperanças vãs, o que poderia prejudicar as fazendas, levando os escravos a ficarem insatisfeitos, trabalharem menos, insubordinarem-se.

Já vimos que o editorial que mencionava a morte de Chapel indiretamente se dera em 30 de junho de 1810, sendo que a informação da morte dele chegara ao jornalista dois dias antes. Pressupomos que essa morte tenha ocorrido nesta data ou poucos dias antes. Assim, os editoriais a respeito da ligação entre jovens brancas e homens negros, que datam de 16/06/1810 e 23/06/1810, são publicados pouco antes da morte dele, quando ele e Lydia já haviam sonhado e planejado sua fuga para o norte, onde pensavam que poderiam conseguir viver como um casal. No primeiro editorial, o narrador nos conta do horror por ele presenciado em Nova York:

---

[262] As an indication of how this matter can divide families two responses came from a father and his daughter who wrote in separately. The father said no, definitely not. The daughter said, yes and about time. The father said it filled a slave with discontent when he can read about the world but must live on a plantation as a slave and see nothing of that world. He added it was unethical to instil in a slave such an outlook and he went so far as to claim it was detrimental to the workings of a plantation. He view was upheld by the vast majority of readers./ The minority view is nevertheless deserving of some discussion. As outlined by the daughter, it argues that it is wrong to decide what a slave should and should not know and doubly wrong to rob that salve of the joys of literacy. She said it made slaves better people. (*T.L.M.*, 1996, p. 117).

> Não há espetáculo mais pérfido que o de uma branca com um negro. Estive em Nova York e testemunhei exemplos disso, e vim-me embora aterrado e feliz por meu lar ser aqui, nas verdejantes montanhas deste abençoado Estado, onde não é provável que nenhum desses espetáculos venha a ocorrer um dia. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 123).[263]

Já vimos como no Norte dos Estados Unidos, em vários estados, a escravidão foi abolida muito antes do que no Sul, sendo que as ligações inter-raciais deixaram de ser proibidas. Porém, o Sul deplorava essa ideia, e tais ligações eram proibidas, passíveis de punições, principalmente para os negros, já que a inocência das mulheres brancas era presumida, nestes casos, e o negro passava a ser acusado de estupro. O jornalista chama essas ligações permitidas no norte de "injustiça" e questiona o futuro dos filhos dessas "ligações odiosas": "Qual será o lugar deles nestes Estados quando se virem como nossos iguais, e se *sentirem* também, porque o sangue corre em suas veias?" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 123)[264]. A preocupação é com o fato de terem sangue branco, tentarem reivindicar seu lugar como branco na sociedade escravista. A este editorial, Lydia responde com outra carta, taxando a opinião dele de inconstitucional, o que parece irritar o jornalista:

> A Srta. L. escreveu e chamou de inconstitucional minha opinião, no número da semana passada, sobre a perfídia das ligações entre mulheres (não são senhoras) brancas e homens negros. A autora não disse se minha condenação do mesmo comportamento dos homens brancos, ou seja, senhores e feitores, com as negras era também inconstitucional. Nem comentou se minha visão de que os rebentos deles representam um problema para a sociedade era igualmente inconstitucional. Suponho que seja inconstitucional advertir contra práticas que prejudiquem o tranquilo funcionamento de um país. Talvez seja igualmente inconstitucional perguntar-se onde tudo isso acabará. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 124)[265].

---

[263] There is no sight more perfidious than that of a white woman with a black man. I was in New York and witnessed examples of theses and left appalled and enthralled that my home was made here in the verdant hills of this blessed State where no such displays are ever likely to occur. (*T.L.M.*, 1996, p. 120).

[264] Where is their place in these States when they see themselves as our equal and *feel* it too because the blood courses through their veins? (*T.L.M.*, 1996, p. 120).

[265] Miss L. wrote in and called my thinking of last week's issue concerning the perfidy of liaisons between White women (they are not ladies) and black men unconstitutional. The writer did not say whether my condemnation of the same behaviour in whites, namely, masters and overseers, towards black women was also unconstitutional. Nor did the writer comment on whether my vision of their offspring as posing a problem for society was similarly unconstitutional. I suppose it is unconstitutional to warn against practices that harm the smooth working of a country. Perhaps it is equally unconstitutional to wonder where it will all end. (*T.L.M.*, 1996, p. 121).

O questionamento de Lydia ocorre por ela já estar, há muito, apaixonada por um escravo, ter visto suas qualidades como um ser humano igual a si, e planejar uma vida a dois com ele. Essa situação, aqui mostrada ficcionalmente, era algo extremamente raro nos Estados Unidos de então, tanto que quando havia ligações entre mulheres brancas e homens negros, a sociedade se escandalizava. O jornalista tenta descaracterizar as afirmações de Lydia, colocando em pé de igualdade o estupro das escravas por brancos com as relações consensuais de brancas com negros, distorcendo o argumento dela, numa clara demonstração de que, a seu ver, ambas as relações eram igualmente odiosas.

Ao se ver questionado em uma opinião que julgava tão acertada e sensata, o editor demonstra que não mais dará crédito ao que Lydia pergunta: "Ela demonstra um amor pelos negros que turva sua capacidade de raciocinar sobre qualquer assunto que os envolva." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 124)[266]. A ideia de uma ligação inter-racial é tão abominável aos olhos dos brancos escravistas, que o tom de indignação do editor evidencia sua surpresa e desdém pelo fato de Lydia, uma jovem branca, culta, filha de um fazendeiro, possa se prestar a defendê-la: "Seu pensamento a põe naquela faixa de mulheres que acabam no Norte andando de braço dado com um negro por uma rua suja." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 124)[267]. Assim, ele fecha as portas de seu editorial para a jovem, certamente não imaginando o quão perto estava das verdadeiras intenções da jovem: "A Srta. L. é uma correspondente anterior que trouxe bom senso a esta coluna no passado. Creditei-lhe inteligência na época. Vejo agora que estava redondamente enganado." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 124)[268].

Os editoriais do *The Virginian* são uma evidência de como funcionava o pensamento da maioria dos favoráveis à escravidão nos Estados Unidos no século XIX, como o próprio jornalista, que não esconde que apoia a escravidão. A maioria apoiava não só a escravidão em si, mas sua eterna continuidade, o castigo aos escravos, as proibições, a busca pelo lucro. Também pode servir como um exemplo de como a memória da escravidão era tornada histórica, na medida em que quem escrevia as notícias e os artigos de opiniões eram escravistas, nunca escravos e, quando alguma voz branca se levantava contra a escravidão e suas mazelas, era logo detida, sufocada, para

[266] She exhibits a love for blacks that clouds her ability to reason about any subject involving them. (*T.L.M.*, 1996, p. 121).
[267] Her thinking puts her in that bracket of females who end up in the North walking arm in arm down a dingy street with a black man. (*T.L.M.*, 1996, p. 121).
[268] Miss L. is a previous correspondent who has brought reason to this column in the past. I credited her at the time with intelligence. I see now I was grossly mistaken. (*T.L.M.*, 1996, p. 121).

que não se espalhasse, como é o caso das opiniões de Lydia. Desta feita, a memória que se tornava histórica era a da coletividade que via a escravidão como um bem, extremamente necessário e justo. Vejamos agora qual era a memória coletiva dos escravos que presenciaram a delação de Chapel por seu pai, sua captura e morte, na memória da bisneta mais nova de Whitechapel.

4.9 A MEMÓRIA DA BISNETA

O capítulo 12 é narrado de forma autodiegética pela bisneta mais nova de Whitechapel, rememorando fatos sobre seu bisavô, a quem ela chamava de avô, desde como cuidava dos bisnetos quando crianças, fiscalizando seus banhos e os cabelos em busca de piolhos, até a delação do filho, o ressentimento e o desprezo que todos passaram a sentir por ele. Porém, a focalização se centra em Whitechapel, não em si mesma, pois há mais detalhamento de como Whitechapel era tratado do que como ela vivia como escrava ou como neta, por exemplo.

É neste capítulo que teremos acesso a algumas memórias de África que Whitechapel mantinha, pois ele as havia partilhado com seus netos e bisnetos, tornando coletiva a memória, e fazendo com que os jovens imaginassem a terra dos seus ancestrais Ao supervisionar os banhos das crianças, ele comentava sobre os piolhos da África e essa conversa se enredava por suas memórias de quando fora capturado como escravo, ainda menino:

> Ele disse que deixara a África menino. Um dia, estava brincando num campo de mato alto. O cheiro lhe voltava após todos esses anos, sem se anunciar. No dia seguinte, estava em marcha. Vários dias depois, estava enfrentando o mar numa viagem que achava que jamais acabaria, e que custara muitas vidas, crianças e adultos. Ninguém erguia um dedo para ajudar um menino de dez anos. Homens e mulheres eram como crianças nas mãos daqueles que os tinham cativos. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 125-126)[269].

Whitechapel calcula sua idade como de dez anos quando enfrentara a passagem intermédia. Não se sabe exatamente sua idade, mas todos afirmam que seja muito velho,

[269] He said he had left Africa when he was a boy. One day he was playing in a field of tall grass. The smell comes back to him all these years later unannounced. The next he was marching. Several days after he was facing the sea for a journey he thought would never end and one that claimed many lives, young and adult. No one lifted a finger to help a ten-year-old boy. Women and men were like children in the hands of those who held them captive. (*T.L.M.*, 1996, p. 122).

ao fim do romance o feitor Sanders Filho calcula que tenha mais de cem anos. Assim, tantos anos se passaram desde que saíra de seu continente, mas ainda podia sentir-lhe o cheiro. A memória da passagem intermédia mostra que fora capturado no interior, tendo que caminhar por dias até algum navio. Evidencia sua solidão, a falta de informações, dando a entender que não fora capturado com amigos ou familiares. Além disso, relembra das muitas mortes, bem como a vulnerabilidade dos cativos, como crianças, a mercê do que quer que seus captores quisessem fazer. Essas memórias são alvo de especulação por parte dos demais escravos, aqueles já nascidos nos Estados Unidos, que não conheciam a África. A bisneta, contando-lhe que sonhara com a África, recebe a seguinte resposta: "Ele perguntou, supervisionando que parte de meu corpo eu deveria lavar em seguida, para que eu precisava fazer uma coisa tão tola como sonhar com a África." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 126)[270]. A bisneta, como outros escravos ali, parece se interessar pela África, continente de seus antepassados, mas o avô tenta matar esse interesse, pois, como afirma a ela "A África não é para você." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 128)[271]. As poucas memórias compartilhadas por ele sobre a África alimentam o desejo de seus netos e bisnetos de saber mais sobre o continente, mas a opinião de Whitechapel, como escravo passivo e obediente era:

> Estava irritado comigo por sonhar. Bem, eu não gostava do que ele dizia. Jamais falava da África. Descobri depois que em sua opinião tais conversas alimentavam devaneios e insolência na fazenda. Dizia que a África era o passado dele, não nosso. Se alguém tinha direito a sonhar com ela, era ele, e preferia não fazê-lo - logo, por que outros o fariam? (*A.M.R.L.*, 1997, p. 128)[272].

Velho como era, calculamos que Whitechapel tenha chegado aos Estados Unidos no início da formação das *plantations*, começo do século XVIII, e sobre a chegada dos escravos africanos na América, é notável que no início da formação das colônias nos Estados Unidos, a aclimatação tenha causado dificuldades de adaptação. No período de formação da agricultura norte americana, entre os séculos XVII e XVIII, a maioria dos escravos eram nativos africanos, pois o crescimento demográfico dos escravos que já

---

[270] He said, between supervising which part of my body I should wash next, what did I want to go and do something silly like dreaming about Africa for. (*T.L.M.*, 1996, p. 123).
[271] 'Africa is not for you' (*T.L.M.*, 1996, p. 125).
[272] He was annoyed with me for dreaming. Well, I didn't like what he had to say. He never talked about Africa. It was his view, I found out later., that such talk promoted day dreams and insolence on the plantation. He said Africa was his past and not ours. If anyone had the right to dream about it, he did and he chose not so, so why should anyone else. (*T.L.M.*, 1996, p. 125).

moravam nos Estados Unidos era baixo, o que obrigava os plantadores a importar mais e mais escravos da África. Como na fazenda Whitechapel, o escravo Whitechapel era o único a ter nascido em África, entendemos que outros que tenham chegado com ele já houvessem morrido, já que a maioria dos escravos africanos morria no primeiro ano de chegada ao novo país: "Philip Morgan descobriu que talvez um quarto dos escravos que vieram para a Virgínia do século XVIII morreram dentro de um ano de sua chegada, e na região baixa da Carolina, até um terço morreu no mesmo espaço de tempo." (SMALLWOOD, 2007, p. 193).[273] Precisavam se aclimatar ao frio, ao trabalho no campo e a dificuldade maior era entender o que o capataz ou dono queria e, para isso, precisavam aprender sua língua.

> Talvez um dos aspectos mais importantes da aclimatação tenha sido aprender uma nova língua, seja francesa, espanhola, inglesa ou outra língua europeia. Foi por meio da linguagem e do castigo que os africanos aprenderam o seu lugar na sociedade e qual o comportamento adequado a essa posição. (HAMMOND, 2007, p.336).[274]

A supressão de sua língua materna e a obrigatoriedade de aprender a língua de seu dono por uma questão de sobrevivência e subentendemos que Whitechapel tenha passado por isso, já que viera garoto de África.

Outra dificuldade na aclimatação e, consequentemente, no crescimento demográfico, era a formação de famílias. Havia mais escravos homens do que mulheres, e como as grandes *plantations* com muitos escravos só começaram a se firmar nos Estados Unidos após meados do século XVII, e a dominar os cenários das fazendas no século XVIII, a maioria dos escravos vivia em pequenas plantações com, no máximo outros vinte escravos, o que tornava o casamento algo ainda mais difícil. E mesmo entre os que constituíam família, o índice de mortalidade das crianças era alto, devido às más condições de saúde, alimentação e higiene e pelo fato de os donos acharem mais barato comprar novos africanos do que cuidar bem dos filhos de seus escravos. (KULIKOFF, 1986, p. 325). Assim, essa situação somente começa a mudar, ainda que lentamente,

---

[273] Philip Morgan has found that maybe a quarter of the slaves who came to eighteenth century Virginia died within a year of their arrival, and in the Carolina lowcountry as many as a third were dead within the same space of time.

[274] Perhaps one of the most important aspects of seasoning was learning a new language, whether French, Spanish, English, or another European language. It was through language and punishment that Africans learned their place in society and what behavior was appropriate to that position.

após os anos 1720, quando o índice de natalidade começa a ser maior que o de mortalidade, como descreve Smallwood (2007):

> Somente na segunda década do século XVIII e, mais significativamente, ainda que apenas no sudeste da Virgínia, uma população de descendentes de escravos de água salgada nascidos na América finalmente ganhou a batalha para estabelecer raízes estáveis de força suficiente para ancorar uma teia sustentável de comunidade e parentesco abrangendo a "grande água" entre a África e a América. Na década de 1720 na Virgínia, filhos de escravos nascidos na América finalmente começaram a sobreviver até a idade adulta e criar seus próprios filhos. Esse sucesso indicava que uma massa crítica de migrantes africanos começara a reivindicar uma vida americana: experiências entre novos povos, e os poderes metafísicos desconhecidos tinham gerado fruto. (p. 199-200).[275]

Essa situação parece ter melhorado por uma conjuntura de fatores: os africanos começaram a perceber que precisavam aprender a língua de seus "donos", para suportar melhor a vida nas plantações e conseguir criar laços com os poucos escravos já nascidos na América, e essa maior socialização levou as escravas nativas a começar a aceitar maridos africanos (quase não queriam maridos africanos, pois eles não falavam sua língua, não eram cristãos, tinham costumes diferentes). Com o nascimento de mais escravos nativos americanos, a importação de africanos, aos poucos, foi diminuindo e as tensões entre africanos e escravos nativos diminuíram também, de modo que mais comunidades afro-americanas conseguiam se firmar em volta da plantação. (KULIKOFF, 1986). É interessante observar que os escravos africanos eram tratados com preconceito por parte dos escravos nascidos na América, que se consideravam mais inteligentes. Isso se dava por que os afro-americanos, diferentes dos africanos, falavam inglês, entendiam melhor as ordens dadas e, por isso, acabavam trabalhando melhor, se comunicavam com o patrão e os outros escravos das vizinhanças, se tornavam cristãos, dentre outras características adotadas pela imitação dos brancos. O romance histórico *Roots: the Saga of an American Family*, de Alex Haley, de 1976, narra a saga da família do autor, desde a chegada de seu ancestral africano, Kunta Kinte, sequestrado em Gambia, em 1767 e vendido na Virgínia como escravo, até sua própria trajetória como

[275] Only in the second decade of the eighteenth century and, more significantly, as yet only in tidewater Virginia, did a population of American-born descendants of saltwater slaves finally win the battle to put down stable roots of sufficient strength to anchor a sustainable web of community and kinship spanning the "big water" between Africa and America. In 1720s Virginia, American-born slave children finally began to survive to adulthood and raise children of their own. This success signaled that a critical mass of African migrants had begun to claim an American life: their experiments among new peoples, unfamiliar surroundings, and unknown metaphysical powers had born fruit.

escritor negro nos Estados Unidos. Depois de muito pesquisar sobre a genealogia de sua família, Haley reconstruiu o personagem Kunta Kinte, africano que foi escravizado e teve que trabalhar numa *plantation* na Virginia, sofreu com a adaptação no Novo Mundo, pois os escravos afro-americanos o excluíam de seu círculo, de modo que a solidão parece ter sido a maior dificuldade em sua aclimatação, e por isso sonhava em voltar para seu país natal. (HALEY, 2007).

Como Whitechapel, no ano de 1810, quando a história do romance ocorre, parece ser já bastante idoso, talvez na casa dos 100 anos, entendemos que tenha chegado perto de 1720 nos Estados Unidos e, provavelmente, tenha passado por problemas de adaptação junto aos escravos nativos africanos e os já nascidos na América. Porém, para Whitechapel, relembrar a África e contar suas memórias aos familiares poderia trazer insatisfação neles, desejos de fuga, revolta, por isso prefere não partilhar quase nenhuma memória. Como a maioria dos escravos africanos que eram trazido para os Estados Unidos, Whitechapel se conforma e percebe que precisa se adaptar à nova realidade, por isso não quer que seus netos e bisnetos, que nem sequer conheciam a África, sonhem com algo que tenha sido tirado de seu povo há tantos anos. Quando sonha com a África, a bisneta se sente reconhecida no continente como a "bisneta de nosso filho./ Percebi que se referiam ao senhor, Avô: seu canhotismo, que quase todos nós herdamos." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 127)[276]. Mas ele não gosta dessa referência, prefere que não pensem em seus ancestrais, por isso corta o assunto, dizendo "Você sonha com uma coisa que não conhece. Tenha seus sonhos aqui." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 128)[277]. É que Whitechapel já havia internalizado a "verdade" dos senhores de escravos, de que eles, escravos, haviam nascido para esse destino, que sua vida podia ser boa se fossem obedientes. A bisneta, então, passa a rememorar como o bisavô ficara feliz quando se casara novamente e tivera seu filho, e como não puderam entender a razão de Whitechapel delatar seu próprio filho ao patrão:

> Quando o filho desapareceu, teve início uma grande conferência sobre o que ia acontecer e o que se podia fazer. Avô anunciou a intenção de contar ao senhor aonde fora o filho. Disse que isso o traria de volta inteiro. Eu e todos os outros não víamos como é que trair o paradeiro do filho podia ser encarado como um ato de proteção. Todo mundo, sem exceção, achou que o velho finalmente perdera o juízo. Ele ergueu a mão e disse o nome de cada um de nós. Disse que sabia

[276] 'The great grandchild of our son.' I realize they mean you Grandfather: your left-handedness that nearly all of us have inherited. (*T.L.M.*, 1996, p. 124).
[277] 'You dream about something you don't know. Make your dreams here.' (*T.L.M.*, 1996, p. 125).

> coisas que não podia contar a ninguém. Gritaram "que coisas, que coisas?" O pedido final dele foi que confiássemos em sua decisão sobre o filho, cujo bem-estar era sua primeira preocupação. Com isso encerrou o assunto, e, como o mar bíblico, dividimo-nos para lhe dar passagem. Falou-se em contê-lo, quando se dirigiu para a casa-grande como se tivesse a chave da porta da frente, mas ninguém se mexeu. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 129).[278]

Nenhum dos escravos, em toda a fazenda, concordou com a decisão de Whitechapel, mas, como escravo respeitado que era, ninguém teve a audácia de detê-lo. Whitechapel confia que o segredo da paternidade de Chapel poderia ajudá-lo a sobreviver. Assim, quando o filho é açoitado com 200 chibatadas, ninguém entende a surpresa de Whitechapel:

> Todos foram mandados para o terreiro. Estávamos todos ávidos por ir, não para ver uma surra que, para começar, não devia estar sendo aplicada, mas para ver a cara do velho que a tornara possível. Ele agiu como se todo o incidente fosse uma surpresa. Vi que a chibata cobrava um preço tão grande do seu corpo velho quanto do filho. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 129).[279]

A bisneta percebe o sofrimento do avô, mas não o compreende. Afinal, por que delatara o próprio filho? Nenhum dos escravos compreendia: "Que forma de raciocínio teria convencido Avô de que o filho estaria a salvo?" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 130)[280]. Os fazendeiros creditavam isso à sua obediência, mas o sr. Whitechapel sabia que ele havia confiado a vida de seu filho ao fato de ter mantido o segredo de sua paternidade anos antes, crendo que o feitor também o sabia e não chicotearia seu próprio irmão até a morte. Sem entender a atitude de Whitechapel, a bisneta rememora como ele se tornara um pária, como, desde então, todos deixaram de se importar com sua tristeza ou alegria,

---

[278] When his son was missing, a great conference began about what would happen and what could be done. Grandfather announced his intention to tell the master where his son had gone. He said it would bring him back in one piece. I and everyone else failed to see how betraying his son's whereabouts to the master he'd escaped could be construed as a protective act. Everyone, without exception thought the old man had finally taken leave of his senses. He held up his hand and said each of our names. He said there were things he knew which he could not impart to anyone. There were calls of, 'what things, what things?' His final plea was for us to trust him in this decision concerning his son whose well-being was uppermost in his mind. With that he turned from us and we parted like the sea for him. There was some talk of restraining him as he strode towards the big house as if he owned the key to the front door, but no one moved. (*T.L.M.*, 1996, p. 126-127).

[279] Everyone was ordered to the Yard. We were all eager to go, not to watch a beating that should not be happening in the first place, but to see the face of the old man who made it possible. He behaved as if the whole incident were a surprise. I saw how the whip exacted as much of a toll on his aged body as his son's. (*T.L.M.*, 1996, p. 127).

[280] What form of reasoning could have convinced Grandfather that his son would be safe? (*T.L.M.*, 1996, p. 128).

se vivia ou morria, e era deixado sozinho num canto, sem que lhe falassem ou sorrissem ou ajudassem: "Ninguém fala com ele, nem lhe sorri, a não ser eu, às vezes. Quando passo por ele, ao largo, vejo-o sentar-se. Faz-me rir. Contenho o riso, que me sacode o corpo. É um fantasma que todos vemos e ignoramos, porque matou seu único filho." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 129)[281]. A bisneta sente algum carinho por ele, queria entender a razão de seus atos, acha graça dele, mas se contém, pois sabe que havia um acordo tácito entre todos os escravos de excluí-lo, esquecê-lo, pois era um traidor: "Eu queria perguntar-lhe todos os dias desde então, imaginando que podia violar a proibição de falar com ele e ser maldita eu mesma, porque o que Avô me dissesse seria infalível." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 130) [282]. O próprio Whitechapel, como vimos, se sente culpado, julga-se o judas, um escravizador. A bisneta resume o sentimento de todos: "A partir daquele dia, não pude fazer nada por ele. Eu sorria. Xingava-o, mas não podia fazer nada por ele. Tinha visto e sentido o resultado dos seus atos. Um de nós estava ausente por sua culpa." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 130)[283]. A memória coletiva dos escravos não contempla a verdade sobre a paternidade de Chapel, portanto cristalizará a ideia de que o avô perdera o juízo ou passara, definitivamente, para o lado do patrão.

Com a morte de Chapel, a bisneta não consegue mais sonhar com a África. Agora tem pesadelos com a surra que causou a morte. Os sonhos idílicos com a África de seu avô são substituídos pela realidade incompreendida: um pai delatando um filho e causando sua morte. Assim é que todos rememoram a tragédia da fazenda Whitechapel. Assim é que a história de Chapel e de seu pai seria contada, essa seria a memória coletiva dos escravos da fazenda Whitechapel que, juntos, vão se lembrar de como um pai delatara um filho, de como um jovem morrera por causa da submissão de um velho escravo. A bisneta vai apenas recordar a surra e os olhos vazios do rapaz: "Tem os olhos como ficariam os de seu pai a partir daquele dia: parados, escuros e desligados do corpo." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 130)[284]. Já vimos como o próprio Whitechapel diz ter assumido o olhar do rapaz quando ele se foi. Ela sonha, também, em ajudar o avô, em lhe dar alguma atenção ou conforto, pois percebe que "Pelo seu hábito de sentar-se

[281] No one speaks to him or smiles at him, except me, sometimes. When I walk past him in a wide arc he sits down. It makes me laugh. I fight back the laugh but it shakes my body. He is a ghost we all see and ignore because he killed his only son. (*T.L.M.*, 1996, p. 126).
[282] I have wanted to ask him every day since, imagining I could defy the ban to speak to him, and be damned myself because what Grandfather would tell me would be infallible. (*T.L.M.*, 1996, p. 128).
[283] From that day I could do nothing for him. I smiled. I called him names but I could do nothing for him. I had seen and felt the result of his actions. One of us was absent because of him. (*T.L.M.*, 1996, p. 127).
[284] His eyes are like his father's would become from that day: still, dark and detached from his body. (*T.L.M.*, 1996, p. 127).

inexplicavelmente, estava claro que qualquer tipo de atenção era melhor que nenhuma. Eu queria pegar água para ele e ajudá-lo a banhar-se." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 130)[285]. Porém, sabe que nada mais podia fazer, nem mesmo retribuir as ajudas que ele lhe dava, quando pequena, no banho. A memória de todos os escravos guarda mais o rancor pela morte de Chapel do que a atenção que o velho Whitechapel lhes dedicara ao longo da vida, por isso, a memória coletiva que fica, após a morte dele, é a de um velho traidor, que levara o próprio filho à morte, preferindo ser leal ao patrão do que à sua própria prole. Assim, a memória final da bisneta é de banhá-lo, como queria, porém apenas após a sua morte, quando, então, ele deixaria de ser lembrado:

> Tinha o corpo rígido. Deitava-se meio enroscado. A pele já fria. Eu começava pela cabeça, o rosto, o pescoço e atrás das orelhas; esfregando a pele frouxa do pescoço para que também pegasse água, as rugas fixas nos cantos da boca. Depois as mãos. Abria os dedos, que tinham a resistência dos mortos, e esfregava a palma com seus caminhos de formigueiro. Os nós dos dedos eram redondos como pedras. As unhas, tão escuras quanto a pele. Eu não podia prosseguir. Levavam-me da sala, e as abluções eram continuadas por outro dos bisnetos. Seria mais fácil eu pegar a água e despejá-la sobre ele, curvada para a frente nas pontas dos pés, para evitar o moinho de seus braços e os respingos. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 130-131)[286].

Após a morte, a bisneta tenta demonstrar ao avô que sentia carinho por ele, agradecimento por todos os banhos supervisionados e pelas histórias. Na morte, porém, Whitechapel e sua memória estão fadados ao esquecimento, pois levara consigo suas razões, as memórias do passado que justificavam sua atitude de delatar o próprio filho.

4.10 A MEMÓRIA DE SANDERS FILHO

O capítulo 13 mostra as memórias do feitor Sanders Filho logo após a morte de Whitechapel. A narração é autodiegética, mas assim como o capítulo anterior, da bisneta, aqui também temos uma focalização de testemunha, pois o feitor fala mais de

[285] From his habit of sitting down unaccountably it was clear any manner of attention had become better than none at all. I wanted to fetch his water for him and help him bathe. (*T.L.M.*, 1996, p. 127).

[286] His body is stiff. He lies half-curled. His skin is already cold. I start at his head, his face, neck and behind his ears; wiping the slack skin in his neck to catch a streak of water, wiping the set creases ate the corners of his mouth. Then his hands. I uncurl the fingers which have the resistance of the dead in them and wipe the palms with their pathways of an ant's nest. His knuckles are round as stones. His nails are as dark brown as his skin. I cannot carry on. I am led from the room and the ablutions are continued by another of his great grandchildren. It would have been easier to fetch his water and pour it on him, leaning forward on the balls of my feet to avoid the windmills of his arms and the spray. (*T.L.M.*, 1996, p. 128).

Whitechapel do que de si. Os sentimentos de Sanders Filho em relação a Whitechapel são contraditórios: ao mesmo tempo em que não lamenta ter lhe batido ou ter açoitado seu filho até a morte, sente pena dele, admira-o. Na infância, a admiração de Sanders Filho por Whitechapel causava desconforto em seu pai, Sanders Pai. Ele aprendia a saltar e a dar nós com Whitechapel, além de conversar com ele, pois, ainda muito jovem, um menino, não tinha toda a noção de diferença criada pelos escravistas para distanciar brancos de negros. Sobre isso, Williams (2012) acredita que a escravização dos negros africanos tenha tido razão econômica e não racial, inicialmente, e a criação de estereótipos raciais veio depois, como meio de justificar a necessidade de mão-de-obra mais barata possível: "A escravidão não nasceu do racismo: pelo contrário, o racismo foi consequência da escravidão. O trabalho forçado no Novo Mundo foi vermelho, branco, preto e amarelo; católico, protestante e pagão." (p. 34). Já Winthrop D. Jordan (1968) entende que o preconceito racial europeu antecipou e facilitou a escravidão africana e Genovese (1979) acredita que Williams erre ao acreditar que o racismo foi um produto direto da escravidão, pois, a seu ver, "Prévio condicionamento ideológico tornou possível uma escravidão baseada em raça, e o crescimento desse tipo de escravidão transformou o condicionamento de um amontoado de frouxos preconceitos e superstições numa desordem moral virulenta." (p. 119). Independente das duas visões diferentes sobre o racismo, importa que a escravidão estendeu as diferenças a vários aspectos, de forma que elas se cristalizaram no inconsciente coletivo, estando vivas até hoje, como já vimos com o próprio D'Aguiar, quando fala sobre os legados da escravidão negra.

A narração de Sanders Filho mostra memórias que ele tinha de Whitechapel, seu comportamento como escravo exemplar, a tragédia da perda de seu único filho homem. Inicialmente, parece não acreditar que o velho havia mesmo morrido, tão longevo que era, pensava que viveria mais que todos. Atribui a isso à esperteza de Whitechapel: "Enquanto o resto de nós se atarefava suando ao sol, não se encontrava você em parte alguma, porque estava enroscado como um gato no colo de uma mulher." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 133)[287], referindo-se à sabotagem ao trabalho. Mas, ao mesmo tempo, se recorda de como ele era exemplar e o quanto aprendera com ele: "Você me mostrou como dirigir tudo. Meu pai falava muito bem de você. Você era um feitor melhor que eu. Lá ia eu, pensando que era o primeiro e o último em tudo, e você já estava aqui fora

[287] While the resto f us were busy sweating in the sun you were nowhere to be found because you were curled up like a cat in a woman's lap. (*T.L.M.*, 1996, p. 129).

mesmo antes de mim." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 134).[288] Sua memória se volta para alguns pequenos acontecimentos, atos de Whitechapel que marcaram sua vida, que evidenciavam que o escravo mais velho da fazenda era admirado por ele, por seu pai, por todos na fazenda, e que mesmo quando queria pegá-lo desprevenido, não conseguia, pois Whitechapel se mostrava mais esperto que todos.

Os sentimentos de Sanders Filho, porém, por mais que demonstrem certo carinho com Whitechapel, evidenciam que ele não passava de um escravo para o feitor, que via, em primeiro lugar, suas obrigações como homem branco, um feitor que zelava pela ordem numa fazenda de brancos, e devia mostrar seu respeito e consideração com um escravo leal e passivo, mas, ainda assim, um escravo, não um igual: "Que fez ele de sua vida? Escravo. Um bom escravo, mas um escravo, como quer que encaremos o assunto. Eu não gostaria de viver tanto como escravo. Não quero morrer sozinho, ao relento, sem nada de meu." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 136).[289] Quando se recorda de como bateu em Whitechapel, Sanders Filho justifica-se, guardando apenas as memórias da desobediência de Whitechapel, não a razão dele em tentar fazer ser ouvida as ordens do patrão: "Bati porque você não sabia ficar calado. Não devia ter batido, mas você me contradisse na frente de todo mundo. Minha condição de feitor foi solapada diante dos escravos que precisavam vê-la reafirmada imediatamente. Por isso lhe bati." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 133)[290]. Assim, como a história da morte de Chapel pelas 200 chibatadas será contada pelos brancos e ouvidas por eles, a memória coletiva que ficará é a de um escravo fugitivo que foi castigado, e não a de um pai que tentou salvá-lo, tentou dizer ao feitor as ordens corretas do dono da fazenda, mas apanhou por isso, não sendo ouvido. Bater nesse escravo mais velho da fazenda, respeitado e admirado por seu dono era justificável para o feitor, pois precisava restaurar sua autoridade junto aos demais escravos. Diante da morte de Chapel através de seu castigo, Sanders Filho apenas cria justificativas para si mesmo, alegando que fizera seu trabalho, como devia:

---

[288] You showed me how to run things. My father spoke highly of you. You were a better overseer than I. There was I, thinking I was the first one to rise in the morning, setting an example for everyone, and you were out here even before me. (*T.L.M.*, 1996, p. 130).

[289] What did he do with his life? Slave. A good slave, but a slave however one chooses to look at it. I wouldn't want to live so long as a slave. I don't want to die alone, in the open, with nothing to my name. (*T.L.M.*, 1996, p. 133).

[290] I hit you because you didn't know when to hold your Peace. I shouldn't have hit you, but you contradicted me in front of everyone. My status of overseer was undermined before the slaves who needed to see it reasserted right away. So I hit you. (*T.L.M.*, 1996, p. 129).

> O que é que eu podia fazer? O Sr. Whitechapel deu ordens para que eu esperasse, não fizesse nada até a sua volta, mas acha que ele teria dito "solte o querido rapaz"? Nós tínhamos razão o tempo todo. Dissemos que ele ia fugir e ele fugiu. Devíamos tê-lo recompensado por isso com três refeições completas por dia e os trabalhos mais leves da fazenda, como o pai dele? O Sr. Whitechapel podia ter reduzido o número de chibatadas. Podia até dizer: "Vá devagar com a chibata." Mas o castigo teria acontecido. Disso eu tenho certeza. Isso aqui é uma empresa, não uma instituição de caridade. Vocês não trabalham para ganhar a vida. Trabalham para tornar o Sr. Whitechapel mais rico. A vida de vocês não é de vocês, mas dele. O filho de meu pai, o filho que você criou, esqueceu isso. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 135).[291]

Sanders Filho deixa claro que Chapel seria castigado de qualquer forma, mas parece não refletir que, se o número de chibatadas fosse menor, talvez o rapaz não tivesse morrido. Decidiu, por si, aplicar as 200 chibatadas, mesmo tendo ouvido da boca de Whitechapel que as ordens do patrão eram que esperasse seu retorno. Mas, como feitor, sua desculpa é que precisava controlar a fazenda, instigar autoridade e medo nos outros escravos. Explicita ainda como os escravos eram mercadorias, não detendores de suas próprias existências e que caso se esquecessem dessa condição, estavam fadados ao mesmo destino que Chapel. As 200 chibatadas são justificadas a seu ver, pois se recorda que o próprio sr. Whitechapel recomendara esse número, a partir de um artigo no *The Virginian*, e ele também discursara entre seus escravos que esse seria o castigo:

> Demasiadas dessas sementes de insatisfação plantadas na fazenda, gerando anarquia. O próximo homem a deixar a fazenda sem a devida autorização seria transformado num exemplo com um chicoteamento público. O Sr. Whitechapel chegou até a especificar o número de chibatadas- duzentas. Disse que tinha lido em *The Virginian*, em resposta à pergunta de um dos leitores sobre o castigo justo para um crime que estava se tornando uma praga nas fazendas, e certamente ir acabar com todas elas, se a praga não fosse tratada de uma maneira rápida e decisiva. Teriam de ser duzentas chibatadas. Ele fora avisado. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 134-135).[292]

---

[291] What could I do? Mr Whitechapel did issue orders for me to wait, do nothing until his return, but what do you think he would have said? 'Release the boy'? We were right all along. We said he'd run and he did run. Should we have rewarded him for it with three square meals a day and the lightest duties on the plantation, just like his father? Mr Whitechapel may have reduced the numbers of lashes. He may even have said, 'Go light on the whip.' But the punishment would have happened. Of that I am certain. This is a business, not a charity. You don't work for your own living. You work to make Mr Whitechapel richer. Your lives aren't yours, but his. My father's son, the son you reared, forgot that. (*T.L.M.*, 1996, p. 131-132).

[292] Too much of these planted seeds of discontent on the plantation which sprouted anarchy. The nest man to leave the plantation without due authority to do so would be made an example of by a public whipping. Mr Whitechapel even specified the number of lashes- two hundred. Said he'd read it in *The Virginian* in reply to a query from one of the readers about a just punishment for a crime that was becoming a plague

É irônico que o próprio Sr. Whitechapel tenha sido, indiretamente, o responsável pela morte de Chapel, mas condenasse essa violência. Assim, o feitor tenta eximir-se da culpa pela morte de Chapel, conversando, ali, mentalmente com um Whitechapel morto. Mesmo tendo sido avisado por Whitechapel para esperar a volta do dono da fazenda, não o fizera, pois sentia que o rapaz merecia um castigo, além de precisar mostrar aos demais escravos que a palavra do sr. Whitechapel, de que 200 chibatadas seria o castigo para fugitivos, se faria cumprir. Assim, atribui a culpa ao próprio rapaz, que sabia dessa premissa, que era rebelde, questionador, que não conhecia o seu lugar como escravo:

> Sinto pelo seu filho. Não por meu irmão. Só o conheci como filho de uma escrava. Foi um problema desde o dia em que começou a falar. Não só fazia perguntas como, quando lhe dávamos uma resposta, jamais ficava satisfeito. Vivia perguntando por quê: Por que isso? Por que aquilo? Porque assim é que são as coisas, é por isso, e nem você nem ninguém vai mudar nada. Não importa o que diga ou faça. Portanto, faça seu trabalho, que eu faço o meu, e tudo ficará ótimo. Mas não. Não seu filho teimoso. Não podia ser seu. Sei disso agora. Não demonstrava uma onça de seu juízo. Tinha o espírito selvagem, e o seu é domesticado. Os modos dele eram rudes, os seus impecáveis. Não vejo nada de meu pai nele. Nem de mim. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 134).[293]

O feitor demonstra o pensamento dos escravistas, de que escravos, como gado, não podem fazer perguntas, mas devem aceitar passivamente seu destino. Por isso é que admiravam Whitechapel, o melhor exemplo de escravo que aceitara o seu "destino", era "domesticado", como um bom animal, diferente de Chapel que não sabia aceitar o seu lugar neste mundo dominado pelos senhores de escravos. Assim, o feitor culpa ao próprio Chapel por sua morte, por buscá-la, como também o pensava o Sr. Whitechapel. E, como o patrão, culpa também Whitechapel, que não o soube dominar: "Que foi que você fez de errado, velho? Criar um filho de natureza tão contrária à sua! Todos esses anos não lhe ensinaram nada. Só você podia impedi-lo de fugir. Sabia que ele podia

---

on the plantations and would certainly kill them off in their entirety unless the plague were treated in a swift, decisive manner. Two hundred lashes it had to be. He was warned. (*T.L.M.*, 1996, p. 131).

[293] I am sorry about your son. Not my brother. I knew him only as the son of a slave. He was trouble from the day he talked. He not only asked questions but when you gave him as answer he was never satisfied. He always asked why: Why this? Why that? That's the way things are, that's why, and neither you nor anyone else is going to change them. No matter what you say or do. So do your job and I'll do mine and things will be fine. But no. Not your headstrong son. He couldn't have been yours. I know that now. He did not demonstrate an ounce of your common sense. His spirit was wild, yours tame. His manners uncouth, yours impeccable. I see nothing of my father in him. Nor of myself. (*T.L.M.*, 1996, p. 130).

fugir." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 134).[294] Embora Chapel fosse seu meio irmão, filho de seu pai, resultado de um estupro, o feitor prefere culpar a Whitechapel pela má criação do rapaz, não ao próprio pai, que estuprara a cozinheira, pois pensa como um escravista, vive da escravidão. Ainda assim, em alguns momentos, demonstra certo sentimento ambíguo pelo próprio pai e por Whitechapel. Sabe que agiu como o pai, sabe que se parece com ele:

> Que teria feito meu pai? Não teria tolerado nada disso, tenho certeza. O que eu fiz foi uma emulação do que era mais provável que faria meu pai, se estivesse na mesma situação. Ele sempre defendeu mão firme. Dizia que ambiguidade com escravo era tomada como sinal de fraqueza. Em particular, discordava do Sr. Whitechapel, mas cumpria ordens. Eu sou filho dele. Penso como ele. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 137).[295]

Sanders quer indicar que não se arrepende do que fez. Este personagem é bastante bem construído por D'Aguiar, na medida em que encerra em si parte da contradição inerente à própria escravidão negra nas *plantations* norte-americanas. Mesmo escravizando seres humanos e os castigando, havia o sentimento paternalista, como já vimos, de modo que os senhores de escravos acabavam por ter carinho, por vezes, por seus escravos. O feitor Sanders Filho é extremamente ambíguo em sua relação com Whitechapel, demonstrando afeto e admiração por ele. Mas, ao mesmo tempo, não demonstra arrependimento por ter causado tamanha dor a Whitechapel matando seu filho único, pois acredita ter agido como deveria, como um feitor, aplicando o castigo necessário. Atribui a morte do rapaz não à sua punição severa, mas talvez ao fato de que "Ele estava mais fraco, mais cansado do que eu pensava. Eu não o queria morto, era só uma lição para todos verem. Só isso." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 136).[296]

Já vimos que na fazenda Whitechapel o tratamento dos escravos era um pouco melhor do que a média, mas o feitor age como a maioria dos feitores, impondo sua autoridade sobre um escravo fugido, agindo com mais severidade para que os demais se amedrontassem. Mesmo sentindo carinho por Whitechapel e pensando coisas boas sobre

---

[294] What did you do wrong, old man? To raise a son whose nature was so contrary to your own! All those years taught you nothing. Only you could have stopped him from running. Only you could have saved him. You knew he might run. (*T.L.M.*, 1996, p. 130).

[295] What would my father have done? He would not have countenanced any of this, I'm sure. What I did to your son was an emulation of my father's likeliest action had he been in the same situation. He advocated a firm hand, always. He said ambiguity towards a slave was taken as a sign of weakness. Privately he disagreed with Mr Whitechapel but carried out orders. I am his son. I think like him. (*T.L.M.*, 1996, p. 133-134).

[296] He was weaker, more tired than I thought. I did not want him dead, just a lesson taught to him for all to see. That's all. (*T.L.M.*, 1996, p. 133).

ele, não disse nenhuma dessas palavras a Whitechapel enquanto ele ainda vivia, apenas rememora certos fatos, conversa com ele em pensamento, tenta compensá-lo por sua perda e por sua morte, oferecendo-lhe seu casaco: "Cubram-no com meu casaco. Ofereço-o a você, velho, na morte. Jamais pude oferecê-lo quando era vivo. Nenhuma lei dizia que eu não podia, apenas não se faz." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 136).[297] Ao fim, porém, Sanders Filho evidencia que sentia admiração por Whitechapel, talvez mais do que pelo próprio pai: "Mas a lembrança que tenho dele está maculada. Não tinha a sua coragem, Whitechapel. Se você fosse branco, eu quereria tê-lo como pai. O casaco é seu por direito. Diabos! Mantenham-no coberto!" (*A.M.R.L.*, 1997, p. 135).[298] Parece que a mácula na imagem do pai diz respeito ao estupro da cozinheira, e a coragem de Whitechapel seria a de ter criado um filho que não era seu. Talvez Sanders Filho, ao fim, perceba que Whitechapel era muito mais nobre que muitos outros brancos, seu pai dentre eles. Porém, jamais o admitiria publicamente, e a única homenagem que faz é cobri-lo com seu casaco, quando, morto, Whitechapel já não mais precisa dele: "Meu casaco chega atrasado para aquecê-lo." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 136).[299] Contraditório em seus sentimentos por um escravo, Sanders Filho acaba perpetuando a memória coletiva de um pai que delatou o filho, como bom escravo que era, preferindo perder o filho a desobedecer seu patrão, e de um jovem desobediente que morreu por ser insubordinado, pois a memória coletiva dos erros de seu próprio pai, o antigo feitor, o estupro e a própria morte de seu irmão por suas mãos, não seria perpetuada sequer pelos escravos, já que Whitechapel morreu carregando o segredo da paternidade de Chapel consigo, como prometera ao seu dono. Vejamos agora como Whitechapel, ao fim da vida, buscava o esquecimento, tentando apagar as memórias que lhe perseguiam, da culpa de ter levado o próprio filho à morte.

4.11 O ESQUECIMENTO DE WHITECHAPEL

O epílogo do romance é uma espécie de tentativa de esquecimento por parte de Whitechapel, em contraste com o prólogo, no qual havia lembranças, rememorações de

[297] Cover him with my jacket. I offer it to you, old man, in death. I could never offer it to you while you lived. No law said I couldn't, it just isn't done. (*T.L.M.*, 1996, p. 133).
[298] My memory of him is sullied. He lacked your courage, Whitechapel. If you were white I would have wanted you as my father. The jacket is rightly yours. Damn it! Keep him covered! (*T.L.M.*, 1996, p. 134).
[299] My jacket is too late to warm you. (*T.L.M.*, 1996, p. 133).

como perdera o filho. Aqui, numa voz autodiegética, questionadora e arrependida, Whitechapel abraça a morte, pois sente que só assim o esquecimento viria.

Inicialmente, Whitechapel se imagina dizendo algumas coisas ao filho, como se ele ainda vivesse. Imagina-se dizendo a ele para "atender ao chamado de seu sangue. Você nasceu meio escravo, meio senhor de seu próprio destino." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 139).[300] Refere-se ao fato de o filho ter sangue branco, não apenas negro, sendo, portanto, impelido a querer ser livre, assim acredita Whitechapel. Mas, nunca disse a ele a verdade sobre sua paternidade, embora soubesse que isso o levava a querer ter "outro tipo de vida." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 139).[301] Mas não o disse, ao contrário, tentava convencer o filho a aceitar sua vida como escravo, a não sonhar com uma vida diferente, como se seu apelo, como pai, pudesse fazer Chapel se convencer de que a vida de escravo podia ser boa e longa, como o exemplo de seu pai:

> Mas tenho de lhe dizer tudo o que sei, tudo que vejo e ouço, e dá certo para mim, como escravo. Digo-lhe porque tenho de dizer-lhe. Deve servir para um filho meu, que nasci escravo total. Mas não para você, com o seu sangue. O que eu digo jamais será bastante para você. Quero mantê-lo vivo, só isso. Não me importo com sua felicidade; sua vida é tudo para mim. Falho a você como pai. Sou insuficiente. Todos os meus anos são insuficientes. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 139).[302]

Aqui, tem-se a impressão de que Whitechapel mescla fantasias com memórias do passado, de quando aconselhava o filho. Porém, sabe que falhou ao delatar seu próprio filho, pois imaginava poder protegê-lo e, como pensava, "salvá-lo de si mesmo", mas sua voz não foi ouvida pelo feitor e seu filho foi castigado até morrer. Agora, esperando a morte, quer esquecer tudo isso, mas as memórias o assaltam e reflete que o filho seguiu o que seu sangue branco ditava: "Vejo agora que o nome Lydia é parte do sonho que você tentou tornar uma parte de sua vida. Escolher. Ter. Manter. Lydia é parte disso." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 140).[303] Diferentemente do que devia pensar um escravo, Chapel queria poder escolher o que fazer de sua vida. Mas, isso não

---

[300] To answer the call of your blood. You were born half a slave, half the master of your own destiny. (*T.L.M.*, 1996, p. 135).
[301] Another way of life. (*T.L.M.*, 1996, p. 135).
[302] Yet I tell you everything I know, everything I see and hear and work out for myself, as a slave. I tell you because I must. It should suit a son of mine, born a total slave. But not you with your blood. What I say can never be enough for you. I want to keep you alive, that is all. I do not care about your happiness; your life is everything to me. I fail you as a father. I am insufficient. All my years are insufficient. (*T.L.M.*, 1996, p. 135).
[303] I see now that the name Lydia is a part of the dream you tried to make a part of your life. To choose. To have. To keep. Lydia is a part of it. (*T.L.M.*, 1996, p. 136).

lhe era permitido, mesmo sendo ele branco também. Os filhos de escravos com brancos nasciam escravos. Sabendo disso, Whitechapel o delata ao patrão, mas se questiona se não estaria errado: "Devo lhe falar de seu sangue? Que duas raças se distribuem igualmente nele? Devo ajudá-lo a preparar-se para uma vida em outra parte? Onde? Este é o único lugar que eu conheço." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 140).[304] Sem saber como agir, Whitechapel decide que o melhor era tê-lo perto de si, onde talvez pudesse protegê-lo.

Ao ver que sua decisão fora errada, e que havia perdido seu único filho, Whitechapel se refugia na sua "cara-azeda", nos seus olhos que nunca mais sorriem, na sua boca azeda, e na sua espera pelo esquecimento, que não vem. Não pode desfazer seus erros, não pode ter mais um filho, não pode mais ser um avô, agora é só um judas. As memórias, como ele diz, azedam sua boca, e ele se vê incapaz de coisa alguma: "Aconteceram coisas demais para endireitar. Eu precisaria de outra vida. Não, várias vidas. Mais cem anos. Não, mais, para desfazer o nó dessa confusão. Estou cansado demais até para começar. Não saberia onde ou como." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 140).[305] O trauma da perda do filho não parece ser passível de ser consertado, mesmo em outra vida tão longa como a sua. Por isso, se sente errado, a vida toda: "Estive errado todos os meus dias." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 140)[306], e o leitor começa a perceber a grande amargura de sua boca azeda. Reflete sobre o que foi sua vida, o que sempre considerou uma boa vida, de um escravo longevo, que era admirado por seu patrão, e acreditava que tinha a melhor vida que um escravo poderia ter, e a aceitava, passivo e obediente. Mas, agora, vendo que nem o filho de um escravo tão bom fora poupado, questiona a escravidão:

> O senhor é a luz do dia, o escravo é a noite. O dia não pode dividir-se em dois para deixar cada metade a si mesma. Nem pode o senhor pretender governar o dia e a noite juntos para sempre. A escravidão é um longo dia do senhor sobre o escravo, e de noites transformadas em dias. Mas quanto tempo pode o dia do senhor continuar a governar nossas noites? (*A.M.R.L.*, 1997, p. 140-141).[307]

---

[304] Shall I tell you about your blood? That two races are distributed evenly in it? Shall I help you prepare for a life elsewhere? Where? This is the only place I know. (*T.L.M.*, 1996, p. 136).

[305] Too much has happened to put right. I would need another life. No, several lives. Another hundred years. No, more, to unravel, this knotted mess. Too tired even to begin. Wouldn't know where or how. (*T.L.M.*, 1996, p. 136-137).

[306] I have been wrong all my days. (*T.L.M.*, 1996, p. 136).

[307] The master is daylight, the slave is night. A complete day needs both light and dark. The day cannot be broken in two to leave each half to itself. Nor can the master hope to rule the day and the night along with it forever. Slavery is a long day of the master over the slave and of nights turned to days. But how long can the master's daylight continue to rule our nights? (*T.L.M.*, 1996, p. 137).

Talvez pela primeira vez em sua longa vida de escravo, Whitechapel se questione se a escravidão duraria para sempre, se era justo que os brancos dominassem os negros para sempre. A metáfora, porém, posiciona o escravo na escuridão, onde a luz dos senhores deveria entrar, para clarear sua existência. Ao mesmo tempo, porém, sente que as noites lhes foram roubadas, ou seja, perderam suas vidas, sua autonomia, e tudo o que lhes restava era o que seus senhores lhes ditavam. Começa a pensar que seu filho estivera correto em tentar ter liberdade e ele errado em querer mantê-lo junto a si. Acredita, agora, que uma vida longa não é algo positivo sendo um escravo, pois quanto mais se vive, mais tristeza sente, mais mortes presencia, mais azeda fica sua boca, mais culpa carrega nos ombros:

> Tenho a cabeça pesada demais para estes ombros. Olhos que viram demais para um corpo, descansem. Boca que guardou coisas demais para si mesma, fale. Noite e dias estes olhos estão abertos. Noite e dia esta boca se recusa a falar; não pode nem começar a falar; tem coisas demais a dizer. A boca vira-se para baixo. Tudo que nunca conseguiu dizer azedou lá dentro. As linhas se afundam com o tempo. Os olhos se enfraquecem. Perdendo aos poucos a luz para as trevas. Olhando sem se dar ao trabalho de ver; fitando mas não reagindo a nada, por mais dramático, pessoal e grandioso que seja. Os olhos vêem sua própria morte e não tremulam. A boca prova a morte e não se mexe. A morte sempre esteve ali. A morte traz mais azedume. A boca quase gosta de reconhecer a morte como uma companheira de toda a vida; algo sempre presente naqueles cantos azedos. Os olhos sentem o mesmo. A luz que sai é a sombra da morte; a morte erguendo-se de súbito por trás da vidraça dos olhos. (*A.M.R.L.*, 1997, p. 141).[308]

Próximo da morte, analisa sua vida e percebe que a morte esteve presente nela, sempre. Não consegue dizer o que queria, pois deixou coisas demais sem dizer sua vida toda e agora parece não haver mais sentido em falar, pois já perdera a todos aqueles que amara, e levara seu filho à morte. A boca que não fala contrasta com os olhos que não fecham, simbolizando a memória constante de seus erros, a impossibilidade do esquecimento. O esquecimento não vem, então parece sentir alívio com a aproximação

[308] My head is too heavy for these shoulders. Eyes that have seen too much for one body, rest. Mouth that has kept too much to itself, utter. Night and day these eyes are open. Night and day this mouth refuses to speak; cannot begin to speak; has too much to say. The mouth turns down. All the things it has never managed to say have soured there. The lines deepen in time. The eyes deaden. Gradually losing light to darkness. Looking without bothering to see; staring but reacting to nothing, however dramatic, personal, grand, final. The eyes see their own death and do not flicker. The mouth tastes death and does not move. Death has always been there. Death brings more sourness. Mouth is almost pleased to recognize death as a lifelong companion; something always present in those sour corners. Eyes feel the same. The light going out is death's shadow; death sitting up suddenly behind the plate-glass of the eyes. (*T.L.M.*, 1996, p. 137-138).

da morte, onde talvez consiga não lembrar mais, não rememorar mais, não remoer sua culpa, seu arrependimento: "Preciso me sentar. Não, deitar. Repousar estes olhos, cansados de tentar não ver. Descansar esta boca. Parar de provar o azedume lá dentro. Esquecer. A lembrança é a dor tentando ressuscitar." (*A.M.R.L.*, 1997, p. 141).[309] Só na morte é que Whitechapel sente que conseguirá esquecer. A memória da escravidão que ele carregava consigo irá morrer com ele, o segredo da paternidade de seu filho, a culpa do feitor em matar seu meio-irmão, a expectativa de que seu filho fosse poupado, por ser ele um escravo leal. As memórias coletivas que ficarão para seu grupo de escravos é a de um velho que delatou o próprio filho, preferindo ser leal a seu dono do que à sua família.

[309] I must sit down. No, lie down. Rest theses eyes, tired of trying not to see. Rest this mouth. Stop tasting the sourness there. Forget. Memory is pain trying to resurrect itself. (*T.L.M.*, 1996, p. 138).

CONCLUSÕES

Este trabalho aventurou-se a realizar uma análise de dois romances de Fred D'Aguiar, ambos pouco conhecidos no cenário literário brasileiro: *The Longest Memory* (1994) e *Feeding the Ghosts* (1997). O viés foi a memória da escravidão, e para isso, utilizou-se, principalmente, a teoria social de Maurice Halbwachs presente em seu *A memória coletiva* (2006). Objetivou-se evidenciar de que modo a memória da escravidão é abordada em ambos os romances, e como as memórias coletivas dos personagens dos romances são esquecidas ou utilizadas para a composição da memória histórica acerca da escravidão.

A utilização da teoria da memória coletiva mostrou-se válida neste trabalho, clareando as ideias acerca do apagamento proposital de certas memórias coletivas da escravidão, o silenciamento de vozes cuja ideologia não importava para aqueles que detinham o poder de fazer história, fazendo com que muitas memórias fossem ignoradas e relegadas ao esquecimento, ao mesmo tempo em que as memórias coletivas de quem detinha o poder, no período de vigência da escravidão negra no mundo, a saber, os senhores escravistas, fossem utilizadas para se cristalizar uma memória quase una acerca da escravidão. Estamos falando das memórias esquecidas dos escravos, pois que silenciados por sua condição social de quase imobilidade diante dos códigos escravistas e outras leis que os relegavam à condição de animais ou objetos, expectadores quase passivos diante de seu próprio destino.

Fred D'Aguiar, além de escrever obras ficcionais nas quais dá voz aos escravos e às suas memórias, questionando o que se consolidou como memória histórica da escravidão, também faz esse papel em artigos científicos, nos quais debate os legados ainda hoje tão presentes deixados pela escravidão negra, como as diferenças sociais, o racismo, o apagamento destas vozes. Sobre isso, interessa que obras acerca da escravidão continuem a serem criadas, já que seu tema é inesgotável dadas as evidências sociais de que a escravidão negra, embora terminada, deixou efeitos tristes e desoladores em nossa sociedade. Assim o próprio D'Aguiar criou os romances aqui analisados seguindo a proposição sua de que esquecer, de novo e de novo, não deve ser uma opção no que concerne à memória da escravidão.

O uso de diferentes vozes narrativas nos dois romances parece se evidenciar como uma maneira de distinguir vozes ideológicas diferentes sobre a escravidão, de modo que percebamos como cada personagem rememora ou esquece fatos acerca da escravidão, seja de modo proposital ou impelidos a lembrar e esquecer. Assim, quando o romance *Feeding the Ghosts* apresenta grande parte de sua narração de forma heterodiegética, mas com foco narrativos variados, e, ainda, capítulos narrados de forma autodiegética, pela protagonista Mintah, percebemos que isso cria no leitor a ideia de como cada personagem rememorava os fatos cruéis ocorridos dentro do navio negreiro *Zong* de acordo com seu posicionamento ideológico em relação à escravidão. Assim é que o capitão do navio vai preferir esquecer, no tribunal, que ordenou a morte de 131 escravos, que foram jogados ao mar para que ele recebesse o seguro pelas mortes, e não perdesse lucro vendendo escravos doentes, e contará que o que fez foi um ato de heroísmo para salvar o navio. Esquecerá, ainda, que atirou Mintah, uma escrava saudável no mar, que ela foi jogada ao mar e se içou de volta, que iniciou um motim e foi torturada por isso. Mintah, porém, não conseguirá esquecer os assassinatos dos colegas escravos, nem a tortura recebida, ou a angústia de ver o mar como sinônimo de morte. Vozes ideológicas distintas, pois estão em lados opostos a respeito da escravidão, sendo que somente a voz dele será utilizada para a constituição da memória histórica do navio *Zong*, já que ela, como escrava, não era considerada um ser humano.

O mesmo se dá no romance *The Longest Memory*, em que a memória histórica sobre o ocorrido na fazenda Whitechapel, ou seja, a fuga, delação, captura e morte do escravo Chapel com 200 chibatadas, será construída com base nas memórias coletivas do feitor e do dono da fazenda, que consideravam que o rapaz fora o causador de sua própria morte, já que era um encrenqueiro e sabia que fugir o levaria à morte. A memória coletiva do estupro da cozinheira, mãe de Chapel, pelo feitor antigo, será esquecida, bem como o fato de que as 200 chibatadas foram aplicadas por seu meio-irmão. O jornal local emulará a ideia de que os escravos fugitivos merecem castigos, para servir de exemplo aos demais. A memória coletiva da alfabetização de Chapel será esquecida, bem como seus questionamentos sobre o destino dos escravos. Até mesmo para os escravos da fazenda Whitechapel, a memória coletiva que ficará é a de um velho escravo que preferiu delatar o próprio filho em favor do patrão, um traidor de seu povo.

Quando ambos os romances trazem estas vozes e focos narrativos tão variados, consegue construir, de forma convincente, as memórias distintas sobre os mesmos fatos,

fazendo com que o leitor assuma a posição de cada um destes personagens em suas memórias, suas hesitações, suas convicções, suas dúvidas, tristezas, raivas, angústias. Por isso é que sofremos junto com Mintah quando ela rememora a morte dos escravos no *Zong*, sendo atirados ao mar, lutando por suas vidas, e ela se sente inútil amarrada no convés, tendo falhado em sua tentativa de salvá-los. D'Aguiar consegue tecer uma narrativa crível nesse sentido, na caracterização de seus personagens e seus sentimentos em relação à escravidão, sendo esta, talvez, sua maior qualidade na composição narrativa. O caso mais notável é o do personagem Kelsal, que demonstra sentimentos bastante dúbios em relação à escrava Mintah, já que ela o ajudara no passado. Kelsal não é o típico negreiro, que se compraz com o trabalho que realiza. Ele aceita a escravidão como seu ganha pão, mas tendo vivido e sido cuidado por africanos, sente hesitação em jogá-los ao mar, matá-los friamente quando sabia que poderiam viver. Sua maior dúvida diz respeito a Mintah, que lhe traz memórias de África que queria enterrar para sempre. Este personagem faz com que percebamos a própria incoerência da instituição da escravidão em seus desígnios de escravizar outros seres humanos, manter o cristianismo e ainda justificar os meios. No romance *The Longest Memory*, este papel cabe ao protagonista, o escravo Whitechapel que, tendo sido um escravo obediente a vida toda, começa a questionar o direito dos brancos em escravizar negros por toda sua vida. Amargurado, arrependido e triste, Whitechapel, ao fim da vida, consegue entender como o que acreditara durante sua vida toda estava errado, e não era correto que um senhor de escravo possuísse suas vidas. A personagem Lydia, deste romance, simboliza a voz dos abolicionistas de sua época, pouco ouvida, rejeitada nos jornais da época, ridicularizada e relegada ao esquecimento.

Sobre a consolidação das memórias históricas, o romance *Feeding the Ghosts* cria o diário de Mintah, rejeitado no tribunal, esquecido para sempre, e a memória coletiva dos ocorridos dentro do *Zong* morrem quando Mintah morre em sua cabana, já que o tribunal de julgamento do capitão Cunningham havia desacreditado seu diário, as memórias de fantasmas ali, já que uma escrava não podia testemunhar e sua escrita não era crível para aqueles que advogavam a causa dos escravistas, e estes é quem oficializavam a história. A memória histórica do *Zong* nega a memória dos escravos e Mintah carrega a dor e a culpa de não ter podido ajudar os 131 escravos mortos em favor da ganância de um capitão, símbolo do próprio sistema escravagista, e na tentativa de dar alguma dignidade a estes mortos e aplacar sua dor, Mintah usará de suas

habilidades de artesã para entalhar 131 esculturas, as quais dá nome, idade, rosto, forma, como se ali, na madeira, estes escravos pudessem escapar das águas do mar.

O mar, aliás, é o maior símbolo dentro deste romance, pois para Mintah ele representará, para sempre, as mortes, sua incapacidade, seus medos e sua culpa. Mesmo fugindo do mar, Mintah se recordará dele dia a dia como o local onde as almas dos 131 mortos não conseguem achar repouso. Há uma grande recorrência nas referências ao mar, seja quando os escravos estão dentro do navio e o temem, inicialmente por não o conhecer e depois por associá-lo à morte, ou quando Mintah, já livre e idosa, não consegue esquecê-lo e sua memória se volta a ele como se ele representasse a morte. Em contraste, a madeira será outro símbolo, porém positivo, na medida em que nela Mintah se apoiará para restaurar as memórias de África e de seu pai, seus ensinamentos sobre entalhá-la, e usará a madeira como meio de dar vida aos mortos do *Zong*. Mar instável, imenso, infinito, que separa seu lar (África) de si, que segrega africanos, contrastando com a madeira, algo estável e finito, sensível ao seu toque, unindo os mortos nas esculturas que fazia.

Os olhos mortos de Whitechapel em *The Longest Memory* demonstrarão a todos a culpa que carregava por ter delatado o próprio filho, além de evidenciar o quanto desejava a morte, já que ela seria a única possibilidade de esquecimento. Os olhos do filho, vazios, no rosto do pai marcado pela culpa e dor serão a simbologia do vazio trazido pela escravidão, que condena gerações inteiras a uma vida de submissão, falta de oportunidades e direitos, medo e castigos. A alfabetização de Chapel simboliza a abertura de seu próprio olhar, que conhece o mundo e quer explorá-lo, daí a justificativa dos senhores de escravos em proibir o acesso à educação aos escravos.

Em ambos os romances, o esquecimento para os protagonistas é impossível. Cada um tenta esconder de si as memórias dolorosas da escravidão, mas não o conseguem, pois o trauma os revisita dia a dia. Mintah nunca conta sua história, forja uma nova vida para si na Jamaica, mas as memórias do *Zong* a perseguem e ela esculpe os mortos, lembra do suicídio de outros, sonha com Simon e com o navio, se ressente de como Kelsal a tratara, sente a dor da surra que ele lhe dera. Whitechapel assume os olhos mortos de seu filho para não ver mais nada, se refugia em sua cara azeda e nega seu próprio nome, mas a imagem da chibata comendo as carnes de seu filho o fazem rememorar a surra que o matara, o desprezo dos bisnetos lhe causa tristeza, embora sinta que a mereça, a atitude do feitor Sanders filho de não o ouvir e ainda lhe bater o

indigna, e sente que estivera errado sua vida toda. As memórias que os dois personagens têm da história que viveram morrem com eles, quando ambos morrem, mas os torturam em vida, já que o esquecimento nunca vem. É esse esquecimento impossível ao qual D'Aguiar se refere ao afirmar que não se pode ignorar o passado, para que as barbáries da escravidão não sejam esquecidas nem perpetuadas. A escravidão negra acabou, mas seus efeitos não, e nestas personagens fica evidente que é impossível deixar este passado para trás, esquecê-lo ou ignorá-lo.

Ambos os romances mostram histórias da escravidão de modo que fazem a história oficializada da escravidão ser questionada, repensada, até deslocada, centralizando a memória dos escravos, numa releitura do que foi a escravidão negra. Enquanto *Feeding the Ghosts* mostra os questionamentos, medos e dúvidas dos escravos durante a passagem intermédia, dentro do navio negreiro, com a incógnita que o mar representava, e a incerteza acerca de seu futuro, o romance *The Longest Memory* parece ser a resposta ao que estes escravos perguntavam: evidencia como era a vida após saírem do navio negreiro, sua inserção na *plantation*, os trabalhos diários, sua condição animalizada dentro dos espaços minúsculos onde dormiam, sua parca alimentação, suas tentativas de fuga, seus castigos, sua configuração como gado, propriedade de outros homens. Ambos os romances tematizam, ainda, a inconformidade de alguns escravos diante do destino de ser escravo. Por isso é que Mintah não aceita a ordem escravocrata que os vê como fonte de renda de um seguro, e não aceita que sejam atirados vivos ao mar. Por isso é que Chapel quer se alfabetizar, ser livre, fugir e se casar com uma moça branca. Ao mesmo tempo, porém, os romances evidenciam como a luta destes heróis contra seu meio é difícil e pouco efetiva, na medida em que são constrangidos pela ordem escravocrata que os torna objetos, gado, alvo da chibata e do mercado negreiro que os mercantiliza a todos. Mintah vê seus amigos sendo atirados ao mar e se vê vendida em Maryland, tendo que "comprar a si mesma" de volta anos depois. Chapel é capturado e morto, servindo de exemplo para dissuadir outras vozes questionadoras dentro da *plantation*. A luta dos escravos é sufocada por forças maiores, uma sociedade inteira, toda escravocrata, que sufoca suas vozes e cria ideias de submissão através do medo, como evidenciam os escravos com medo de perderem a vida por causa da insurreição de Mintah no navio, e como exemplifica o escravo Whitechapel, que há muito tempo aceitara sua condição de propriedade de outro homem, jamais senhor de seu destino.

Ambos os romances também figuram a história da escravidão como pano de fundo, porém, enquanto *Feeding the Ghosts* se constitui como um romance histórico, tematizando a história do navio *Zong*, o romance *The Longest Memory* não é um romance histórico, mas usa a escravidão na *plantation* como elemento de base para compor o destino de seus personagens. *Feeding the Ghosts*, como já criticado anteriormente, parece em alguns momentos simbolizar mal o elemento histórico, descrevendo, por vezes, de forma didática e documental os sofrimentos dos escravos dentro do navio negreiro, talvez numa tentativa de causar piedade no leitor. D'Aguiar parece passar de momentos líricos e intensos, como as dúvidas que assaltam o personagem Kelsal, ou as memórias infantis de Mintah se mesclando à sua vivência de adulta escravizada, para trechos que beiram ao melodrama. Há, apesar destes pecados literários de D'Aguiar, uma boa releitura do escravismo e a criação de bons personagens que parecem deslocar o eixo da história para a memória coletiva de escravos e escravizadores durante a passagem intermédia, sem romantizações ou eufemismos sobre o que era a travessia do atlântico num navio negreiro lotado de escravos. Apesar dos deslizes de D'Aguiar na composição deste romance histórico, talvez o personagem Kelsal seja, o mais bem construído dentre todos ospersonagens dos dois romances, na medida em que exemplifica em si as contradições inerentes do próprio sistema escravista de maneira muito convincente. Em contrapartida, o romance *The Longest Memory*, mesmo sem descrever com tons documentais a vida na *plantation*, consegue deixar o leitor ciente do que era a vida do escravo nas fazendas sulistas dos Estados Unidos no século XIX. Sendo menos óbvio do que em *Feeding the Ghosts*, D'Aguiar consegue sensibilizar o leitor para os sofrimentos do jovem Chapel, impedido de ser alfabetizado, vivendo um amor inter-racial proibido, e mostrando, ainda, a crueldade da instituição da escravidão ao matar jovens escravos como meio de exemplo aos demais escravos, incutindo na mentalidade de seus escravos o medo e a submissão, tendo como meio de propagação o próprio jornal local, totalmente favorável à escravidão, aos castigos aos escravos, condenando as ligações inter-raciais e a condescendência dos patrões com os escravos.

A feitura deste trabalho permitiu vermos a seletividade da história ao oficializar as memórias apenas daqueles que eram favoráveis à escravidão, com algumas poucas exceções que apenas não foram esquecidas graças à tenacidade de escravos que queriam fazer serem ouvidas suas vozes e poucos abolicionistas que os ajudavam. Dessa forma,

vimos as memórias de ex-escravos como Harriet Jacobs, Olaudah Equiano, Frederick Douglass e Solomon Northup, entre outros escravos que contaram suas memórias em narrativas escritas. Por isso é que a ficção deve ser o meio para se revisitar este passado, resgatar as memórias dos escravos, ficcionalizar, dar voz aqueles que não a possuíam, para que o tema da memória da escravidão seja retomado e rediscutido. Os romances aqui analisados são um meio de se problematizar a história da escravidão.

Diversas outras questões surgiram ao longo da confecção desta tese, mas não puderam ser respondidas, já que não se configuravam como objetivo deste trabalho. Assim, por exemplo, trabalhos vindouros sobre Fred D'Aguiar, sobres estas e/ou outras obras, poderiam discutir, por exemplo, o modo como D'Aguiar figura o elemento histórico, de forma um pouco forçada, como vimos, provocando certa piedade no leitor ao rechear certas passagens de aspectos melodramáticos, como a descrição do sofrimento dos escravos, por exemplo. Será que ao apelar para tal sentimentalismo, D'Aguiar não acabaria contribuindo para provocar no leitor a condescendência acerca do sofrimento imputado aos escravos, ao invés de fazer refletir criticamente sobre a escravidão em si? Além disso, outro aspecto que chama a atenção nos romances aqui analisados é o reforço que a narrativa faz aos nomes dos personagens, como o fato do nome de Mintah ser alvo de comentários, o fato de ela nomear o primeiro-imediato Kelsal, como Lydia precisa esconder seu nome para escrever a favor da abolição, como o próprio nome de Whitechapel, considerado uma graça dada por seu dono e como seu nome contém a cor "branca" (White) são ironias acerca da perda de sua identidade e como seu filho não é "White", apenas Chapel, também numa alusão ao fato de ele renegar o que seu pai considera como benesses dadas pelos homens brancos. Da mesma forma, o romance *The Longest Memory* traz o personagem Chapel como um escritor que memoriza poemas, que os declama de memória, numa alusão, ainda, à memorização e à literatura oral. São aspectos passíveis de análise em trabalhos futuros, já que a obra de D'Aguiar é bastante prolífica, e os romances aqui analisados podem ser, ainda, pensados sobre outros vieses.

BIBLIOGRAFIA

ACHEBE, Chinua. The African Writer and the English Language. In: _____. *Morning Yet on Creation Day*. London: Heineman, 1975. p. 91-103.

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca*: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

ADERINTO, Saheed. Slave Merchants (Slave Traders). In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 347-348.

ADEYEMI, Oyeniyi Bukola. Rape and Sexual Abuse. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 316-318.

ALEXANDRE, J. Michel. Introdução. In HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. P. 17-23.

AMISTAD. Direção: Steven Spielberg. Produção: Colin Wilson, Debbie Allen, Steven Spielberg. Roteiro: David H. Franzoni. Intérpretes: Abdul-Fatai Balogun, Abu Bakaar Fofanah, Abu Sidique, Adekunle Ilori, Ahmed Bangura, Allan Rich, Amadou Traore, Andrew L. Josiah, Andrew Shoemo, Anna Paquin, Anthony Hopkins, Arliss Howard, Austin Pendleton, Baboucar Jobe, Bernard Singleton, Brian Macon, Bundu Kamara, Carlos Spivey, Castulo Guerra, Charlean Isata Bangalie, Charles Udoma, Chike Okpala, Chiwetel Ejiofor, Clarence Mobley, Curtis Shields, Daniel Reid, Daniel von Bargen, Darren E. Burrows, David Paymer, Denver Dowridge, Derrick N. Ashong, Desere Mondon, Djimon Hounson, Edward Appiah, El Hdj Malik Sow, Frank T. Wells, Geno Silva, Georges Gerdes, George Kamara, Gerald R. Molen, Habib Conteh, Harry A. Blackmun, Harry Groener, Hawhorne James, Ibrahim Sesay, Ingrid Walters, Isaac Mayanja, Jake Weber, James Moses, Jeremy Northam, Jeremy Shelton, Jimmy Fotso, John Ortiz, Joseph Kosseh, Jiliette Darko, Kevin J. O'Connor, Lamine Thiam, Lansana Sawi, Lawal Tajudeen, Léon Singer, Lester Mobelly, Luc Assogba, M.S. Kaleiwo, Mariah Campbell, Marlon Francis, Matt Sarles, Matthew McConaughey, Michael Massee, Micahel Riley, Monguehy Fanzy, Morgan Freeman, Nigel Hawthorne, Omo Lara Tosin, Paul Guilfoyle, Paul Mwakutuya, Pedro Armendáriz Jr., Pete Postlethwaite, Peter Firth, Peter Mansaray, Prince Coke, Ralph Brown, Ransford Thomas, Razaaq Adoti, Robert Walsh, Roosevelt Flenoury, Rory Burton, Roy Cooper, Rusty Schwimmer, Samson Odede, Samuel Orekhio, Samuel Pieh, Saye Lah, Sean McGuirk, Seydou Coulibaly, Sheriff Kargbo, Sherly Acosta Williams, Stellan Skargård, Stephen Conteh, Steve Passewe, Sylvestre Massaquoi, Tesfay Yohannes, Thomas Milian, Tony Onafesso, Tony Owen, Victor Rivers, William Young, Willie Amakye, Willie Onafesso, Xander Berkeley, Yaya Sissoko. Trilha sonora: John Williams. Fotografia: Janusz Kaminski. País: Estados Unidos. Ano: 1997. Estúdio: DreamWorks SKG/Home Box Office (HBO). Gênero: Drama. Duração: 152 minutos. Tipo de filme: Longa metragem. Cor: Colorido. Idioma: Inglês.

ANTUNES, António Lobo. *Comissão das lágrimas*. Alfragide: Dom Quixote, 2011.

AVITABLE, Joseph. Triangular Trade. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 380-383.

BARCIA, Manuel. Suicide. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 363-364.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: _____ . *Charles Baudelaire:um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.103-149.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas I. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BERGSON, Henri. *Memória e vida*: textos escolhidos. Trad. Claúdia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BEST, Curwen. Music, Songs, and Singing. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 283-285.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliane Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

BIRBALSINGH, Frank. An Interview with Fred D'Aguiar. *Ariel*, v. 24, n. 1, p. 133-145, 1993.

BLY, Antonio T. Crossing the Lake of Fire: Slave Resistance during the Middle Passage, 1720-1842. *The Journal of Negro History*. v. 83, n. 3 (Summer, 1998), p. 178-186.

BONNICI, T. *O pós-colonialismo e a literatura:* estratégias de leitura. Maringá: Eduem, 2012.

BONISLAWSKI, Michael. Slavery in Africa. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 352-357.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad. Davi Arriguci Jr. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em *Memórias do Cárcere*. *Estudos Avançados*. v. 9; n. 23, São Paulo, Jan./Abr.1995. p. 309-322.

BRITTON, Celia M. *Edouard Glissant and Postcolonial Theory: Strategies of Language and Resistance*. Charlottesville/London: UP of Virginia, 1999.

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BURNS, Jim. Review of Fred D'Aguiar's Continental Shelf, *Ambit,* Issue 199, 2010. Disponível em <http://www.carcanet.co.uk/cgibin/scribe?showdoc=778;doctype=review> Acesso 20 maio de 2014

CLARK, J. H. *William Styron's Nat Turner*: Ten Black Writers Respond. Boston: Praeger, 1987.

CRAPS, Stef. *Postcolonial Witnessing*: Trauma Out of Bounds. Houndmills: Palgrave Macmillan, 2013.

D'AGUIAR, Fred. *Mama Dot*. London: Chatto & Windus; The Hogarth Press, 1985.

_____. *Airy Hall*. London: Chatto & Windus, 1989.

_____. *British Subjects.* Newcastle upon Tyne: Bloodaxe Books, 1993.

_____. *The Longest Memory.* New York: Avon Books, 1994.

_____. A Jamaican Airman Foresees His Death. In: BREWSTER, Yvonne. (Org). *Black Plays Three*. London: Methuen, 1995a. p. 229-278.

_____. A Jamaican Airman Foresees His Death: *A Chorus Circle*. In: BREWSTER, Yvonne. (Org). *Black Plays Three*. London: Methuen, 1995b. p. 279-280.

_____. *Dear Future.* New York: Avon Books, 1996.

_____. *A mais remota lembrança.* Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. *Feeding the Ghosts*. London: The Ecco Press, 1997.

_____. The Last Essay about Slavery. In: DUNANT, S.; PORTER, R. (Ed). *The Age of Anxiety*. London: Virago, 1997. p. 125-147.

_____. *Bill of Rights.* London: Chatto & Windus, 1998.

_____. Further Adventures in the Skin Trade. In: HERBERT, W. N.; HOLLIS, Matthew (Ed.). *Strong Words*: Modern Poets on Modern Poetry. Northumberland: Bloodaxe, 2000a. p. 269-272.

_____. Home is Always Elsewhere: Individual and Communal Regenerative Capacities of Loss. In: OWUSU, Kwesi (Ed.). *Black British Culture and Society: A Text-Reader*. London: Routledge, 2000b. p. 209-220.

_____. *An English Sampler: New and Selected Poems.* London: Chatto & Windus, 2001.

_____. *Bloodlines*. New York: The Overlook Press, 2001.

_____. *Bethany Bettany*. London: Vintage, 2004.

D'AGUIAR, FRED, (1960). 2006. Disponível em <http://literature.proquestlearning.com/critRef/displayItemById.do?QueryType=reference&forAuthor=3829&BackTo=Author%20Page&ItemID=bio3829%20pqllit_ref_lib> acesso 20 dez 2014

_____. *Continental Shelf*. Manchester: Carcanet, 2009.

_____. *The Rose of Toulouse*. Manchester: Carcanet, 2013.

_____. *Children of Paradise*. New York: HarperCollins, 2014.

DAVID HIGHAM PRIZE FOR FICTION. Disponível em < https://en.wikipedia.org/wiki/David_Higham_Prize_for_Fiction> Acesso jun 2014.

DEETZ, Kelley. Women. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.) *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 404-405.

DIEDRICH, Maria; GATES Jr., Henry Louis; PEDERSEN, Carl (Ed.). *Black Imagination and the Middle Passage.* New York: Oxford University Press, 1999.

DORON, Roy. The Amistad. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 35-38.

DOUGLASS, Frederick. Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave. Written by Himself. 1845. In: ANDREWS, William L.; GATES JR., Henry (Ed.). *Slave narratives*. New York: The Library of America, 2000. p. 267-368.

DU BOIS. *As almas do povo negro*. Trad. José Luiz Pereira da Costa. Porto Alegre: [s.n], 1998.

ELKINS, Stanley M. Slavery and Negro Personality. In: WEINSTEIN, Allen; GATELL, Frank Otto (Ed.). *American Negro Slavery*. New York: Oxford University Press, 1968. p. 234- 258.

ELTIS, David; RICHARDSON, David; BEHRENDT, Stephen D. Patterns in the Transatlantic Slave Trade, 1662-1867: New Indications of African Origins of Slaves Arriving in the Americas. In: DIEDRICH, Maria; GATES Jr., Henry Louis; PEDERSEN, Carl (Ed.). *Black Imagination and the Middle Passage.* New York: Oxford University Press, 1999. p. 21-32.

EQUIANO, Olaudah. *The Life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African.* New York: Dover Publications, 1999.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória.* Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

FABRE, Geneviève. The Slave Ship Dance. In: DIEDRICH, Maria; GATES Jr., Henry Louis; PEDERSEN, Carl (Ed.). *Black Imagination and the Middle Passage.* New York: Oxford University Press, 1999. p. 32-46.

FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007.

FALOLA, Toyin. Plantations. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 305-306.

FAULKNER, William. *Absalão, Absalão!* Tradução de Sônia Régis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

FAULKNER, William. *Requiem for a Nun*. New York: Vintage, 1975.

FAULKNER, William. *The Collected Stories of William Faulkner*. Harmondsworth: Penguin, 1989.

FEHÉR, Ferenc. *O romance está morrendo*? Trad. Eduardo Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

FRANKLIN, John Hope; MOSS, Alfred A. *Da escravidão à liberdade*: a história do negro americano. Trad. Élcio Gomes de Cerqueira. Rio de Janeiro: Nórdica, 1989.

FRANKLIN, John Hope; SCHWENINGER, Loren. *Runaway Slaves: Rebels on the Plantation.* New York/Oxford: Oxford University Press, 1999.

FRED D'AGUIAR. Disponível em <http://literature.britishcouncil.org/fred-daguiar> Acesso 20 maio 2014

FRED D'AGUIAR, b. 1960. Disponível em <http://www.poetryarchive.org/poet/fred-daguiar> Acesso 20 maio 2014

FRED D'AGUIAR, 1960- Disponível em <http://www.encyclopedia.com/article-1G2-3079400033/daguiar-fred-1960.html> acesso 20 dez 2014

FRED D'AGUIAR, 1960- Disponível em <http://www.enotes.com/topics/fred-daguiar> Acesso 04 jan 2015

FRED D'AGUIAR NAMED CLIFFORD A. CUTCHINS III PROFESSOR OF ENGLISH. Disponível em <http://www.vtnews.vt.edu/articles/2015/04/040315-clahs-professordaguiar.html> Acesso 02 maio 2015

FREUD, Sigmund. *A etiologia da histeria* (1896). Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias sobre a psicanálise* (1915-1917). Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XV e XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FRÍAS, Maria. Building Bridges Back to the Past: An Interview with Fred D'Aguiar. *Callaloo*, v. 25, n. 2, 2002, p. 418-425.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. *Revista USP*. São Paulo, CCS-USP, n. 53, março/maio 2002, trad. Fábio Fonseca de Melo, p. 166-182.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 7-19.

GATES JR., Henry Louis e MCKAY, Nellie Y. (Ed.). *The Norton Anthology of African American Literature.* New York and London: W.W. Norton & Company: 1997.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, [1979].

GENOVESE, Eugene. *A economia política da escravidão.* Trad. Fanny Wrobel e Maria Cristina Cavalcanti. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

GENOVESE, Eugene. *O mundo dos senhores de escravos.* Trad. Laís Falleiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*: modernidade e dupla consciência. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2012.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALEY, Alex. *Roots*: The Saga of an American Family. New York: Vanguard, 2007

HAMILTON, James. Slavers Throwing Overboard the Dead and Dying-Typhon Coming On (1840). In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 351-352.

HAMMOND, Lauren Whitney. ‘‘Seasoning’’. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 336-337.

HANSEN, Arthur A. Human Disaster, Social Trauma and Community Memory. In: ROGERS, Kim Lacy; LEYESDORFF, Selma; DAWSON, Graham (Ed.). *Trauma and Life Stories.* Routledge: Londres e Nova York, 1999. p. 220-231.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HEPBURN, Sharon A. Roger. Disease. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007b. p. 138-141.

HEPBURN, Sharon A. Roger. Drownings. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007c. p. 144-146.

HORLINGS, Rachel. Hold. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 219-220.

HOUSHAM, Jane. *Children of Paradise by Fred D’Aguiar review*- The full horror of the Jonestown commune. 2015. Disponível em <http://www.theguardian.com/books/2015/may/01/children-of-paradise-fred-d-aguiar-review-jonestown-mass-murder> Acesso 25 mai 2015

HYPPOLITE, Joanne. Interview with Fred D'Aguiar. *Anthurium: A Caribbean Studies Journal*, v. 2, N.1 [2004], Art. 6. p. 1-6.

JACOBS, Harriet. Incidents in the life of a slave girl. Written by herself. 1861. In: ANDREWS, William L.; GATES JR., Henry (Ed..). *Slave narratives*. New York: Penguin, 2000. p. 743-945.

JORDAN, Winthrop D. Modern Tensions and the Origins of American Slavery. In: WEINSTEIN, Allen; GATELL, Frank Otto (Ed.). *American Negro Slavery*. New York: Oxford University Press, 1968. p. 13-24.

KLEIN, Herbert S. *A escravidão africana*: América Latina e Caribe. Trad. José Eduardo de Mendonça. São Paulo: Brasiliense, 1987.

KOCZ, NICK. *The Rumpus Interview with Fred D’Aguiar*. 2014. Disponível em < http://therumpus.net/2014/04/the-rumpus-interview-with-fred-daguiar> Acesso 20 mai 2014

KOPF, Martina. Trauma, Narrative and the Art of Witnessing. In: HAEHNEL, Birgit; ULZ, Melanie (Ed.). *Slavery in Art and Literature*. Berlin: Kulturwissenschaften, Band, 2010.p. 41-56.

KRAMPE , Christian J. Visualizing Invisibility, Reversing Anonymity: A Case Study in African-Canadian Literature. In**:** HAEHNEL, Birgit; ULZ, Melanie (Ed.). *Slavery in Art and Literature*. Berlin: Band, 2010. p. 301-340.

KULIKOFF, Allan. *Tobacco and Slaves*: The Development of Southern Cultures in the Chesapeake, 1680-1800. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1986.

LACAPRA, Dominick. *Historia y memoria después de Auschwitz*. Trad. Marcos Mayer. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

LEUSEMANN, Harold. *Mama Dot by Fred D'Aguiar*. 2014. Disponível em <http://guyanachronicle.com/mama-dot-by-fred-daguiar/> Acesso 20 mai 2014

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. L. S. Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LEVISTON, Frances. Review of Fred D'Aguiar's Continental Shelf. Poetry London, 2009. Disponível em <http://www.carcanet.co.uk/cgibin/scribe?showdoc=831;doctype=review> Acesso 20 maio 2014

LEYESDORFF, Selma; DAWSON, Graham; BURCHERDT, Natascha; ASHPLANT, T. G. . Introduction. In: ROGERS, Kim Lacy; LEYESDORFF, Selma; DAWSON, Graham (Ed.). *Trauma and Life Stories.* Routledge: Londres e Nova York, 1999. p. 1-26.

LOMBARDO, Michael. Water and Dehydration. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 397-398.

LOW, Gail. The Memory of Slavery in Fred D'Aguiar's *Feeding the Ghosts*. In: MASDEN, Deborah L. (ed). *Post-Colonial Literatures:* Expanding the Canon. London; Sterling: Pluto Press, 1999. P. 104-119.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MACCOTTA, Carole. Dancing and Exercise. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 132-133.

MANOLACHI, Monica. "Home Is Always Elsewhere": The Poetics of Location in Fred D'Aguiar's Poetry. *Romanian Journal of American Studies*, v.1, n. 1, p. 56-66, 2014

MÁRQUEZ, Gabriel Gárcia. *Cem anos de solidão*. Trad. de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MARTIN, Valerie. *Property*. New York: Vintage, 2004.

MCCULLOCH, Andrew. *Review of Fred D'Aguiar's Continental Shelf*. Times Literary Supplement. 5 February 2010. Disponível em <http://www.carcanet.co.uk/cgi-bin/scribe?showdoc=819;doctype=review> Acesso 20 maio 2014.

MEIER, August; RUDWICK, Elliot. *From Plantation to Ghetto*. New York: Hill and Wang, 1970.

MORRISON, Toni. *Amada*. Trad. Evelyn Kay Massaro. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

MUSTAKEEM, Sowande' M. MUSTAKEEM Torture. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 369-370.

NEWSON, Linda A. Food. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 177-179.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. Projeto História. *Revista do Programa de estudos pós-graduados de História da PUC*-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-SP) São Paulo, v.10, p. 7-28, 1993.

NORTHUP, Solomon. *12 Years a Slave*: A True Story. Ed. Paul Edwards. London: Collins Classic, 2014.

O'BRIEN, Sean. A Necessary Gospel. *London Review of Books*. v. 18, n. 11, 1996. Disponível em <http://www.lrb.co.uk/v18/n11/sean-obrien/a-necessary-gospel> Acesso 20 mai 2014

OLANIYI, Rasheed. Life Expectancy. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 260-262.

ORWELL, George. *A revolução dos bichos*: um conto de fadas. Trad. de Heitor Aquino Ferreira; posfácio Christopher Hitchens. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

OYELAKIN, Oyekemi Olajope. Daily Schedule. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 130-132.

PHILLIPS, Ulrich B. Southern Negro Slavery: A Benign View. In: WEINSTEIN, Allen; GATELL, Frank Otto (Ed.). *American Negro Slavery*. New York: Oxford University Press, 1968. p. 37-50.

PICHLER, Adelheid. The Theme of Slavery in Contemporary Cuban Art. In: HAEHNEL, Birgit; ULZ, Melanie (Ed.). *Slavery in Art and Literature*. Berlin: Band, 2010. p. 183-203.

PICHLER, Susanne. '*The sea has no memory*': Memories of the Body, the Sea and the Land in Fred D'Aguiar's *Feeding the Ghosts* (1997). *Acta Sci.Human Soc. Sci*. Maringá, v. 29, n. 1, p. 1-17, 2007.

PLATÃO. *Fedro.* Trad. José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70. 1997.

_____. *Diálogos I* (Teeteto, Sofista e Protagóras). Bauru, SP: Edipro, 2007.

POR QUE NÃO CONSEGUIMOS NOS LEMBRAR DE NOSSOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA? Do programa 'Os Curiosos Casos de Rutherford e Fry'. Radio 4 da BBC. Disponível em http://www.bbc.com/portuguese/geral-39477636 Acesso em 05 abr 2017.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swan* (Em busca do tempo perdido, vol. 1). Tradução de Mario Quintana. São Paulo: Globo, 1993a.

_____ . *À sombra das raparigas em flor* (Em busca do tempo perdido, vol. 2). Tradução de Mario Quintana. São Paulo: Globo, 1993b.

_____ . *O caminho de Guermantes* (Em busca do tempo perdido, vol. 3). Tradução de Mario Quintana. São Paulo: O Globo, 1993c.

RANCIÈRE, Jacques. *La noche de los proletarios*: archivos del sueño obrero. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

REFFORD, Brian W. The Zong. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 406-407.

REINHARDT, Catherine A. *Claims to Memory Beyond Slavery and Emancipation in the French Caribbean.* New York: Berghahn Books, 2006.

REIS, Livia. Testemunho como construção da memória. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e Direitos Humanos*, n 33, p. 77-86, 2007.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula.* 4. ed. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2004.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento.* Tradução de Alain François et. al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROBB, Erika M. African Fears of Cannibalism. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 19-20.

ROGERS, Kim Lacy; LEYESDORFF, Selma; DAWSON, Graham (Ed.). *Trauma and Life Stories.* Routledge: Londres e Nova York, 1999.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento*: seis ensaios da história das idéias. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

ROUTLEDGE, Chris. D'Aguiar, Fred. Contemporary Black Biography. 2005. *Encyclopedia.com.* Disponível em <http://www.encyclopedia.com/topic/Fred_DAguiar.aspx> acesso 20 mai 2014

SCORZA, Manuel. *Bom dia para os defuntos.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

SCORZA, Manuel. *O cavaleiro insone*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

SCORZA, Manuel. *Garabombo, o invisível*. Tradução de Glória Rodríguez. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

SCORZA, Manuel. *Cantar de Agapito Robles*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

SCORZA, Manuel. *A tumba do relâmpago*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SEGAL, Ronald. *The Black Diaspora*: Five Centuries of the Black Experience Outside Africa. New York: Noonday, 1995.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão. In: _____. (Org.). *História, memória, literatura.* Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2003. p. 45-58.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença*: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005a.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: O tempo depois das catástrofes. *Proj. História*, São Paulo, 30, p. 71-98, jun. 2005b.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clín.,* Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SHARAFI, Mitra. Insurance. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 230-231.

SMALLWOOD, Stephanie E. *Saltwater Slavery*: A Middle Passage from Africa to American Diaspora. Cambridge/ London: Harvard University Press, 2007.

SMITH, Jules. *The Novels of Fred D'Aguiar*. 2004. Disponível em < http://literature.britishcouncil.org/fred-daguiar> acesso 20 maio 2014

STAMPP, Kenneth M. Southern Negro Slavery: “To Make Them Stand in Fear”. In: WEINSTEIN, Allen; GATELL, Frank Otto (Ed.). *American Negro Slavery*. New York: Oxford University Press, 1968. p. 51- 63.

STERRY, David Henry. *Jonestown, Kids, Gorillas & Tragic Death*: Fred D’Aguiar & Children of Paradise. 2014. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/david-henry-sterry/jonestown-kids-gorillas-t_b_4988607.html> Acesso em 20 maio 2014

STYRON, William. *As confissões de Nat Turner*. Trad. Vera Neves Pedroso. Rocco: Rio de Janeiro, 1985.

THE BLACK HISTORY RESOURCE WORKING GROUP. *Slavery*: An Introduction to the African Holocaust. Ed. Liverpool: Grosvenor Print, 1997.

THE POETRY KIT INTERVIEWS FRED D'AGUIAR. 1999. Disponível em <http://www.poetrykit.org/iv/daguiar.htm ISSN 1468-3075 > Acesso: 20 dez 2014

THE ROSE OF TOULOUSE. Disponível em <http://www.ipgbook.com/the-rose-of-toulouse-products-9781847772299.php?page_id=21> Acesso 15 dez 2014

THE ZONG CASE STUDY. Disponível em <http://www.understandingslavery.com/index.phpoption=com_content&view=article&id=373&Itemid=236.html> Acesso jun 2015.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América:* A questão do outro. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ULZ, Melanie. The Guilty Ship. Memory and Cultural Denial in a Post-Abolitionist Society. In: HAEHNEL, Birgit; ULZ, Melanie (Ed.). *Slavery in Art and Literature*. Berlin: Kulturwissenschaften, Band, 2010. p. 125-146.

UNSWORTH, Barry. *Sacred Hunger*. London: Penguin, 1992.

WALVIN, James. *The Zong*: *A Massacre, the Law and the End of Slavery*. New Haven, CT: Yale University Press, 2011.

WARD, Abigail. *Caryl Phillips, David Dabydeen and Fred D’Aguiar*: Representations of Slavery. Manchester and New York: Manchester University Press, 2011.

WHITE, Hayden. *Tropics of Discourse*: Essays in Cultural Criticism. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1985.

WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e escravidão*. Trad. Denise Bottmann São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

WINTER, Jay. A geração da memória: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história. Trad. De Cláudia Valladão de Mattos. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Palavra e imagem*: memória e escritura. Chapecó: Argos, 2006. p. 67-90.

YATES, Frances Amelia. *A arte da memória.* Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

ANEXO

Slavers Throwing Overboard the Dead and Dying-Typhon Coming On (1840)
J.M.W. Turner (1775–1851)